FRANCISCO
DE SALES
LENCASTRE

OS
LUSÍADAS

OS LUSÍADAS

FRANCISCO DE SALES LENCASTRE

OS LUSÍADAS

POEMA ÉPICO

DE

LUÍS DE CAMÕES

EDIÇÃO ANOTADA PARA LEITURA POPULAR

VOLUME I

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA & C.ª (Filhos)
27, Praça dos Restauradores, 27

1927

ADVERTÊNCIA

Em 1892 saíu dos prelos da Imprensa Nacional de Lisboa uma edição do primeiro canto dos *Lusíadas*, por mim anotada. A benévola apreciação dêsse trabalho pela imprensa periódica deu-me incitamento para concluí-lo. Então seguimos no texto as edições revistas pelo abalizado professor Sr. Dr. Adolfo Coelho; agora transcrevemos a edição revista pela distinta romanista, a Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos [1] (excepto na acentuação gráfica), e damos também a versão do mesmo texto em prosa, — conservando-lhe os vocábulos, dispostos em ordem sintáxica regular, desfazendo-se hipérbatons e anacolutos, acrescentando-se em tipo diverso palavras subentendidas por elipse, silepse ou circunlóquio, acrescentando-se, entre parênteses, vozes explicativas imediatamente indispensáveis, e atendendo-se emfim ao intuito especial de prestar útil subsídio, sem pretensões eruditas, para leitores não familiarizados com a antiga linguagem

---

[1] *Bibliotheca Romanica* — 10, 25, 45, 51, 52. J. H. Ed. Heitz — Estrasburgo.

clássica e poética, freqùentemente interrupta e transposta.

Para se evitarem constantes repetições nas notas de página, vão estas aqui precedidas dalguns apontamentos sôbre os seguintes assuntos:

I. — Significação do título do Poema;
II. — Argumento histórico;
III. — Principais ficções mitológicas;
IV. — Cosmografia segundo as teorias do tempo do Poeta comparada com a das modernas doutrinas astronómicas;
V. — Conhecimentos geográficos dos antigos;
VI. — Flora dos *Lusíadas*;
VII. — Estilo.

I. — Título do Poema

O nosso Épico identificou Portugal com a antiga *Lusitânia*, por simples ficção poética, dando aos Portugueses o nome de *lusos* ou *lusitanos*, que eram os habitantes da *Lusitânia* — região constituída (no tempo do predomínio romano) por uma faixa, na parte ocidental da península hispânica, abrangendo grande território, que, em parte, veio, mais tarde, a ser Portugal.

Segundo a lenda contada pelo Poeta (III, 21) o nome «Lusitânia» deriva-se de «Luso», filho de Sículo, ou de Lísias, filho de Baco. O vocábulo «Lusíadas» foi adoptado, — segundo a opinião que aceitamos do sábio professor Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, — por analogia com as palavras latinas *Aeneades* (descendentes de Eneas, romanos) e *Illiades* (descendentes de Ílus, troianos), para significar «os descendentes de Luso» — os Portugueses.

No título e na contextura dos *Lusíadas* são ma-

nifestas as reminiscências dos dois mais célebres poemas da antiguidade:

1) A *Eneida*, poema latino, de Vergílio (século I A. C.) que contêm a narração dos grandes feitos de Eneas, lendário herói que se bateu com os gregos no cêrco de Tróia, e que os romanos reputam seu progenitor;

2) A *Ilíada*, poema grego atribuído a Homero (século X A. C.), e que se ocupa dos feitos notáveis acontecidos também por ocasião da guerra de Tróia (*Illion* era o nome grego de Tróia).

Por analogia, pois, o vocábulo *Lusíadas* significa rigorosamente, em linguagem vulgar: « Os Heróis Portugueses ». E de facto nos *Lusíadas* está compendiada a história dos gloriosos feitos dos portugueses ilustres que viveram até o reinado de D. Sebastião.

Na adopção do título seguiu o poeta o uso das obras clássicas [1], formando um neologismo sonoro, com ressaibos de latinidade, para fugir ao emprêgo dum termo vulgar; e não só no título mas na contextura do Poema se manifestam, como fica dito, as reminiscências da *Ilíada* e da *Eneida*, e ainda as da *Odisseia*, igualmente atribuída a Homero, assim como da *Argonáutica* de Valério Flaco (século I) — poemas em que foram celebrados, como heróis, Aquiles, Ulisses, Eneas, Jáson e os respectivos companheiros gregos e troianos (do século X A. C.).

---

[1] Tais se denominam as que foram escritas na antiguidade, segundo as regras estabelecidas por antigos escritores eminentes; conquanto se denominem também « clássicas » as obras dos modernos, quando elas pela perfeição servem geralmente de modêlo.

II. — Argumento histórico dos Lusíadas

O argumento principal dos *Lusíadas* é a viagem de Vasco da Gama à Índia — a primeira, feita pelo Cabo da Boa Esperança, e da qual foi conseqüência para os reis de Portugal adquirirem o vasto Império do Oriente.

Contêm a grande Epopeia, ao mesmo tempo, a história gloriosa de Portugal, desde a sua origem até os dias em que viveu o Poeta, fingindo ser ela contada pela bôca de Vasco da Gama até o reinado de D. Manuel em conversações com o rei de Melinde e com o governador de Calecut (cantos III, IV, V e VIII); e depois, a história subseqüente, por meio duma ficção mitológica — a profecia feita por uma deidade, em conversação com o mesmo Vasco da Gama, na fabulosa Ilha dos Amores (canto X). No majestoso quadro aparecem notáveis episódios, não só da história pátria mas também da história universal, a descrição geográfica da Europa, a exposição das doutrinas astronómicas segundo os conhecimentos da época, e várias ficções baseadas na fábula.

III. — Ficções mitológicas

A Mitologia — história fabulosa dos deuses, semi-deuses e heróis da antiguidade — tem na Poesia o interêsse de simples erudição clássica, porque os antigos faziam dos mitos a base das suas produções poéticas como ornato literário, e meio de amenizar a leitura com linguagem figurada ou simbólica.

Ligando a história da linguagem com a da mitologia de diversos tempos e diferentes países, os trabalhos dos filólogos modernos explicam os fundamentos das invenções fabulosas. Vários sistemas se tem imaginado para expor a doutrina da formação dos mitos, e um dêles é fundado na suposição de que os homens primitivos eram tam rudes, geralmente, que não podiam conceber ideas que estivessem fora do mundo material; a mitologia, formando um conjunto de símbolos materiais, foi o meio de se tornarem compreensíveis essas ideas; e a êsses símbolos ou deuses fabulosos se atribuía por isso a forma humana, ou a de certos animais ou a de monstros fantásticos. Tais sistemas confirmam o que já dizia Aristóteles no século IV A. C.: «que as tradições, procedentes da mais remota antiguidade, e transmitidas à posteridade sob o véu da fábula, afirmavam que Deus abrangia toda a natureza, e que os mitos eram lendas inventadas para persuadirem o vulgo e servirem a leis ou interêsses comuns».

Várias classificações mitológicas se tem feito das diferentes divindades, prevalecendo, porêm, a que se baseia nos lugares habitados por elas, donde vem a denominação de — celestes, terrestres, marítimas e infernais. Para inteligência dos *Lusíadas* basta, porêm, saber os nomes e os símbolos fabulosos ou atributos das divindades aí referidas mais freqüentemente; o que se resume na seguinte lista:

	Nomes dos divos ou deidades	Símbolos ou atributos
a)	*Saturno*, pai de Júpiter; devorava os filhos quando nasciam.	O tempo.

b) *Júpiter*, denominado o «pai dos deuses», mesmo por aqueles que não eram seus filhos, em demonstração de respeito; derrubou Saturno do supremo poder.	A superioridade, o poder supremo.
c) *Juno*, mulher de Júpiter.	O casamento, a altivez, o ciúme e a vingança.
d) *Minerva*, filha de Júpiter, denominada também *Palas* e *Belona*.	As sciências e as artes.
e) *Marte*, filho de Júpiter e de Juno.	A guerra.
f) *Vulcano*, filho de Júpiter e de Juno, que forjava os raios e as tempestades.	O fogo.
g) *Vénus*, nascida da espuma do mar; mencionada na poesia com os epítetos de: *Citérea*, *Cipria*, *Ericina* } Dos nomes de lugares em que era venerada.	A beleza.
h) *Mercúrio*, filho de Júpiter e de Maia, mensageiro dos deuses.	A eloqüência, o comércio, o roubo.
i) *Apolo*, filho de Júpiter e Latona; denominado também *Febo*.	O sol, o oráculo da medicina, o dia, a música, as sciências e as belas artes.

j) *Diana*, irmã de Apolo.	A caça.
l) *Baco*, filho de Júpiter e de Semele; também denominado *Tioneu* (por ser neto de Tione, mãe de Semele).	O vinho (Nos *Lusíadas* simboliza a estrêla funesta aos companheiros de Vasco da Gama).
m) *Cupido*, filho de Vénus.	O amor.
n) *Himeneu*, filho de Apolo.	O casamento.
o) *Cibele*, filha do Céu, esposa de Saturno, mãe de Júpiter.	—
p) *Vesta*.	O fogo, o lar doméstico.
q) *Flora*.	As flores, a primavera.
r) *Pomona*.	Os frutos.
s) *Musas* (eram nove); presidiam às artes liberais [1].	A eloqüência e a poesia.
t) *Ninfas*, divindades que segundo a mitologia grega habitavam as águas do mar (Oceánidas e Nereidas), as águas das fontes e rios (Náiadas), os vales (Napeias), os montes (Órcadas), as florestas (Dríadas).	Belezas secundárias.

---

[1] Filhas de Júpiter e de Mnemósine: *Clio* presidia à história, *Euterpe* à música, *Tália* à comédia, *Melpómene* à tragédia, *Terpsícore* à dança, *Erato* à elegia, *Polímnia* à poesia lírica, *Urânia* à astronomia, e *Calíope* à eloqüência e à poesia heróica.

u) *Neptuno*, filho de Saturno e de Ops. *v*) *Nereu*, filho do Oceano e de Tétis. *x*) *Tétis* [1], filha de Celo e de Vesta, espôsa do Oceano. *z*) *Oceano*, filho de Celo e de Vesta. *aa*) *Dóris*, mulher de Nereu, filha de Oceano e de Tétis	O mar.

bb) *Plutão*, rei dos Infernos, irmão de Júpiter, marido de Prosérpina.

cc) *Parcas*, três divindades infernais, que presidiam à vida humana fabricando o fio da sua existência: *Cloto*, a que presidia ao nascimento, era simbolizada por uma mulher com uma roca; outra, *Láquesis*, fazia girar o fuso; e a terceira, *Atropos*, cortava o fio.

dd) *Némesis*, a vingança.

Encontra-se no Poema também a menção ou referência doutros personagens poéticos do domínio da mitologia; tais são, por exemplo:

Bóreas — o vento norte.
Austro — o vento sul.
Éolo — a tempestade.
Zéfiro — a branda viração.

O motivo da promiscuidade, nos *Lusíadas*, de factos históricos com ficções mitológicas, está explicado pelo próprio Poeta (canto x, 82), quando

---

[1] «O Poeta confundiu ou fusionou numa só personagem duas entidades míticas, ambas do mar: a mãe de Aquiles (filha de Nereu e de Dóris) e a espôsa do Oceano». Nota da Sr.ª D. Carolina Michaëlis, na *Bibliotheca Romanica* — 10 — pág. 15.

Tétis dirigindo-se a Vasco da Gama — diz que éla e as mais deusas «são fabulosas» — acrescentando:

> «fingidas de mortal e cego engano,
> «só para fazer versos deleitosos
> «servimos; e, se mais o trato humano
> «nos pode dar, é só que o nome nosso
> «nestas estrêlas pôs o engenho vosso».

Nestes versos lembra o Poeta que os nomes mitológicos se empregam: umas vezes, como ornato poético; outras vezes, para designar os planetas, ou constelações a que os astrónomos tem dado nomes da mitologia.

Nos *Lusíadas*, portanto, como na acção heróica dos clássicos poemas latinos, entra a fábula ou a composição de cousas inventadas para ornamentação literária. Principia o nosso Épico por fingir que a primeira viagem de Vasco da Gama, à Índia, foi contrariada por uma entidade malévola, simbolizada por Baco [1], e que levou os navegadores a padecerem grandes perigos no mar e graves estorvos nos portos de escala, até serem superadas todas as dificuldades com o auxílio duma estrêla benévola — Vénus [2].

---

[1] Não há estrêla que tenha êste nome; inventando-a, o Poeta justifica a sua ficção, recordando a lenda de ter sido Baco vencedor da Índia: o motivo da oposição desta deidade à viagem dos portugueses está explicado no canto I, 30, [5]. A personificação das estrêlas nas divindades mitológicas demonstra-se em várias frases da narrativa do concílio dos deuses (I, 20 sgs.).

[2] Também não foi arbitrária a ficção de ser Vénus protectora dos navegantes portugueses; funda-se na lenda de ser deusa marítima, nascida da espuma do mar, e ter sido protectora dos romanos, dos quais, em parte, descendem os portugueses, e com os quais estes tem afinidade de linguagem.

Formosíssimo ornato literário é a ficção da Ilha dos Amores, habitada por mitos (canto X), e que no Poema serve de artifício para inserir, em uma narrativa feita por Tétis em 1497, a exposição de subseqùentes factos históricos, por meio de vaticínio. Dêste modo, como partes integrantes e harmónicas, entram no Poema outros episódios fundados também na mitologia, e que serão anotados nas próprias páginas.

IV. — Cosmografia dos Lusíadas

Para complemento da interpretação dos *Lusíadas* é indispensável proporcionar aos indoutos algumas breves noções do sistema cosmográfico exposto pelo Poeta, as quais não poderiam caber em notas de cada estância. Ás vezes exprime-se Camões na linguagem mitológica e até na linguagem da humanidade primitiva, cujas ideas sôbre a forma do Universo eram as duma criança ignorante.

« O céu parece uma abóbada azul posta em cima
« da Terra chata e circular. Vemo-nos no meio
« dêste disco da Terra. Assim supõem os povos
« antes de terem viajado. Cada um dêles se julga
« no centro do mundo. A que distância chega o
« céu ao horizonte? A resposta é vaga, porque,
« para qualquer lado que se caminhe, não se che-
« ga a êsse limite aparente. E a própria Terra
« onde poisa? É o que não se sabe, e ninguêm
« ousa preguntá-lo; supõe-se primeiramente que
« ela é infinita em profundidade.

« Depois, vendo-se que o Sol, a Lua e as estrê-
« las se levantam no horizonte, passam por cima
« das nossas cabeças, vão mergulhar no lado opos-
« to, e tornam a aparecer no dia seguinte outra

« vez no oriente, sente-se que êsses astros tem ne-
« cessáriamente uma passagem *por baixo* da Terra.
« Supõe-se então que esta não tem raízes infinitas,
« mas que é sustentada sôbre montanhas ou colu-
« nas, entre as quais passam os astros »[1].

Homero (século IX A. C.) afirmava que a Terra era um disco rodeado pelo Oceano e coberto por uma abóbada, debaixo da qual os astros do dia e da noite giravam sôbre carros. A escola de Pitágoras, na antiga Grécia (século VI A. C.), foi a primeira que professou a idea da esfericidade do globo terrestre.

No canto X finge o Poeta que a deusa Tétis, na Ilha dos Amores, está mostrando a Vasco da Gama um globo translúcido, que se sustenta no ar, e que representa a estrutura do Universo conforme a astronomia do tempo de Ptolomeu (século II A. C.).

Vinte nove anos antes da publicação dos *Lusíadas* já fôra impressa (1543) a obra de Copérnico, astrónomo polaco, fundador da astronomia moderna; mas adiante se dirá o motivo provável de ter adoptado o Poeta, na sua descrição cosmográfica, as antigas teorias.

Agora expliquemos, para inteligência do texto, qual era o sistema chamado de Ptolomeu, e como se fundou.

Formada a idea de que a abóbada celeste girava em volta de nós em vinte e quatro horas, e que as estrêlas estavam aderentes a essa abóbada, que se supunha sólida, admitia-se que a Terra era um

---

[1] Estas citações e transcrições ou extractos e os que se seguem são principalmente da obra de Camille Flamarion, *L'Astronomie et ses Fondateurs — Copernic et le Sistème du Monde.*

globo, que sem apoio algum pairava no meio do Universo, e que a esfera celeste o envolvia completamente.

Êste sistema de aparências era consolidado pelas observações dos navios no mar, as quais confirmam ser esférica a Terra, visto que as montanhas vão desaparecendo pela parte inferior à proporção do afastamento.

«A observação das estrêlas que descem para bai-
« xo do horizonte ao norte, aparecendo outras dife-
« rentes ao sul à proporção que o viajante vai cami-
« nhando das nossas latitudes para o equador; e a
« observação da sombra da Terra, que se desenha
« em círculo negro sôbre a lua eclipsada, acrescen-
« tam novas confirmações à idea de que habitamos
« um globo colocado no meio da esfera estrelada.

« Nota-se mais tarde que alguns astros se des-
« locam entre as estrêlas. O primeiro em que se
« notou o deslocamento foi Vénus, — a radiante es-
« trêla da tarde e da manhã —, cuja mudança de
« sítio é sensível de dia para dia, pois umas vezes
« aparece depois do sol pôsto, outras vezes prece-
« de o nascer do sol.

« O segundo astro errante que se notou foi o
« brilhante Júpiter, que faz lentamente a volta do
« céu em doze anos.

« Observou-se depois um terceiro astro errante,
« com menos brilho do que os dois precedentes, mas
« às vezes muito rutilante, — Marte —, de irradia-
« ção avermelhada, e que faz o giro do céu em dois
« anos.

« Depois um quarto, — Saturno —, que se move
« através da esfera celeste com tal lentidão, que
« emprega não menos de trinta anos em percorrer
« a sua órbita.

«Mais tarde notou-se ainda um quinto astro «móvel, — Mercúrio —, que ora aparece de tarde «a oeste, ora de manhã a leste, da mesma maneira «que Vénus, mas menos brilhante, e que se afasta «menos do sol; por isso mais difícil de se distin- «guir e reconhecer.

«Estes astros foram denominados *planetas*, — «vocábulo que significa «errantes», por oposição «às outras estrêlas, denominadas fixas, por se con- «servarem sempre no mesmo lugar respectivo da «abóbada celeste.

«Em conseqùência de aparecer o Sol, todas as «manhãs, mais tardiamente do que as estrêlas, e «de não voltar ao mesmo ponto do céu senão de- «pois de 365 dias e 6 horas, supunha-se que êle «estava adstrito a um círculo distinto da esfera «estrelada, e dentro desta se movia de leste para «oeste em um ano.

«A Lua, executando uma revolução análoga em «27 dias e quási 8 horas, supuseram-na adstrita a «um círculo colocado mais próximo da Terra, e «girando nesse círculo».

A combinação dêste movimento com o do Sol dava conta da série de fases lunares, que se realizam em 29 dias e meio. A mais dêstes 2 círculos (do Sol e Lua) acrescentavam-se 5 para os 5 planetas que ficam nomeados, o que perfazia ao todo sete círculos (7 céus) sucessivos a partir da Terra para o céu, por esta ordem:

1.°, da Lua (com um movimento de 27 dias);

2.°, de Mercúrio;

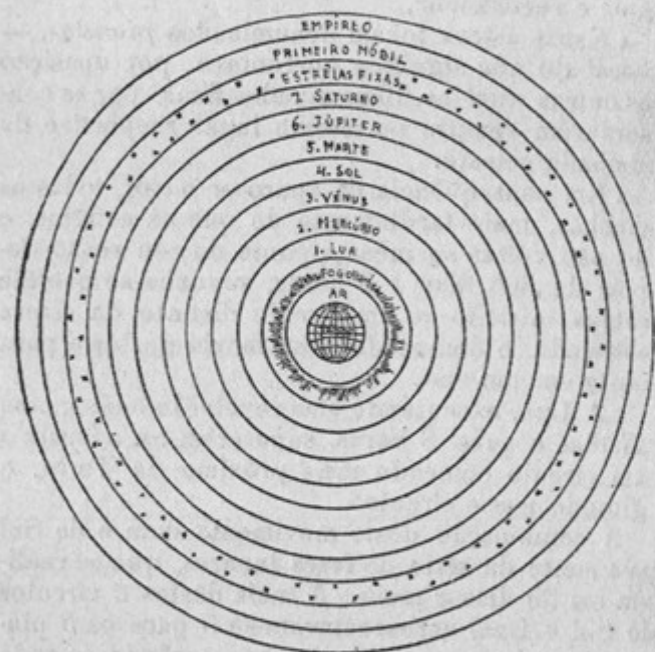
3.°, de Vénus, que tem freqùentemente mudado de posição.

4.°, do Sol (365 dias);

5.°, de Marte (2 anos);

6.º, de Júpiter (12 anos);
7.º, de Saturno (30 anos).

Superior a estes sete céus estava o 8.º — o das estrêlas fixas.

Ter-se há idea dêste *sistema* na seguinte figura:

« Esta representação do universo, esta *constituição* do mundo físico (a etimologia grega da palavra *sistema* quere dizer « constituição ») representava a natureza terrestre e celeste, tal como parece à vista e correspondia completamente ao testemunho dos olhos. Fácilmente se concebe que diferentes povos, em separado, tivessem chegado a formar do mundo a mesma imagem geral, e que

a sciência astronómica, baseada sôbre o estudo de observação de muitos séculos, tivesse erigido êste conjunto em sistema absoluto, transmitindo-se, de geração para geração, duns povos para outros povos. Dêste modo foi comunicado da Ásia oriental, berço da história humana, à China para leste; e da Caldeia ao Egipto para sudoeste. Na seqüência dos séculos, a Grécia inteligente e artística, tendo chegado a elevado grau de esplendor, adoptou do Egipto os mesmos princípios, desenvolvendo-os e completando-os com as próprias observações. Dessa nação, ilustrada pelos monumentos gigantescos e pelas altas pirâmides, recebeu a Judeia também o mesmo sistema astronómico, do qual Moisés e Job nos guardaram fragmentos, do mesmo modo que Hesíodo e Homero entre os gregos.

«O astrónomo cujos estudos mais contribuíram para estabelecer em sólida base o sistema das aparências foi Hiparco (século I A. C.). As suas observações ainda hoje prestam grande auxílio, o que não é para admirar, quando se reflecte que uma observação bem feita serve à astronomia moderna fundada na realidade, da mesma sorte que à astronomia antiga fundada sôbre as aparências. A êsse astrónomo se deve o ter verificado que o Sol não está, em cada ano, sôbre o mesmo ponto do céu no momento do equinóxio da primavera, mas que recua sucessivamente sob as estrêlas: as que se vêem ao sul, por exemplo, em determinado instante, não se vêem exactamente sôbre o mesmo lugar no ano seguinte em igual instante; do mesmo modo vemos também as do norte deslocarem-se, de sorte que o céu estrelado executa uma revolução completa, calculada em 25:870 anos.

«Ao movimento da Terra é hoje atribuída esta

grande revolução do céu, — chamada «precessão dos equinóxios» —, que se supunha ser efeituada pela própria abóbada estrelada; e êsse movimento secular é devido à atracção do mar e do Sol sôbre a protuberância equatorial do nosso globo. Dêste modo as observações, sôbre as quais se tinha estabelecido o sistema da imobilidade da Terra e do movimento dos céus, servem hoje para a teoria do movimento da Terra.

«Aristóteles (século IV A. C.) expusera e tentara demonstrar sòlidamente o sistema das aparências. O ilustre preceptor de Alexandre consagrou a vida a escrever uma enciclopédia dos conhecimentos humanos, na qual a astronomia ocupava o primeiro lugar.

Até o século XVI, a Europa, ou para melhor dizer, as corporações de ensino, reconhecendo em Aristóteles [1] o grande mestre, não quiseram admitir senão o que estava escrito nas suas obras; e êle tinha sustentado:

1.º *Que a Terra se conservava imóvel no centro do Universo;*

2.º Que o movimento de todas as esferas celestes procedia de origem inesgotável, inerente à própria essência do céu mais alto, designado pelo nome de *Primeiro móbil;*

3.º Que, para além das estrêlas fixas e do *Primeiro móbil*, estava a última e mais vasta es-

---

[1] Todavia Aristóteles já conhecia opiniões opostas às que sustentava: «Os partidários chamados pitagóricos eram de parecer contrário. Pretendiam êles que o fogo estava no centro do mundo, que a Terra era um dos astros, que fazem revolução em tôrno dêsse centro, a qual produzia o dia e a noite».

*

fera que encerrava todas as outras, chamada *Empíreo;*

4.° Que o Universo tinha portanto um limite: era verdadeiramente fechado pela última esfera imensa, além da qual não existia mais *nada.*

«Esta representação do Universo fez objecto de livro especial, o mais venerado dos tratados de astronomia, e intitulado *Almagesto* (vocábulo que quere dizer «o grande») devido a Cláudio Ptolomeu. Êste geógrafo-astrónomo coligiu toda a astronomia antiga (completada pelos trabalhos de Hiparco) e depois da sua obra,—escrita no século II da nossa era—, designou-se sob o seu próprio nome o antigo sistema do mundo, sob a denominação de *Sistema de Ptolomeu.*

«Os sucessores de Ptolomeu tiveram, como artigo de fé, a crença,—aliás tam natural aparentemente—, da imobilidade da Terra no meio do Universo. Tudo estava classificado no seu lugar e regrado para toda a duração do mundo. Dois elementos, a terra e a água, eram distinguidos cá em baixo: a terra, mais pesada, formava a base; a água do oceano e dos rios fluctuava à superfície. Um terceiro elemento, mais leve do que os dois primeiros, envolvia o globo: era o ar ou a atmosfera. Por cima do ar, um quarto elemento, o fogo ou éter, mais leve do que os quatro, formava uma zona superior à atmosfera, e nele se acendiam os meteoros. Por cima vinham ainda os círculos ou orbes celestes,— as órbitas dos planetas—, na ordem já indicada. Para além dêsses sete círculos estava colocada a esfera das estrêlas fixas, que formava o oitavo céu. O décimo era o Empíreo, habitação da Divindade. Todo êste edifício se supunha ser construído duma substância transparente, comparável a gêlo

ou cristal de rocha. Alguns espíritos superiores (Platão [1], por exemplo) não admitiam a solidez dos céus; mas a maior parte dos astrónomos declarava que era impossível conceber o maquinismo e o movimento dos astros, se os céus não fôssem formados duma substância dura, sólida e eterna. Segundo conta Plutarco [2], pensavam os físicos antigos que os aerólitos eram pedaços destacados da abóbada celeste, e que subtraídos à fôrça centrífuga caíam sôbre a terra em conseqüência do próprio pêso.

Pelo sistema exposto,—considerando a Terra como centro do Universo—, Tétis explica a Vasco da Gama a estrutura do mundo (canto x), apontando-lhe primeiro o Empíreo (est. 79), o céu imóvel onde residem as almas dos bem-aventurados. E do mesmo modo descreve o *zodiaco* com as suas doze constelações figuradas por animais, e que se imaginou serem as doze estâncias do sol, cujo caminho aparente sôbre o céu estrelado é percorrido durante o chamado «ano sideral», (isto é: 365 dias, 6 horas, 9 minutos e 9 segundos), voltando à posição anterior —com referência às estrêlas—no fim dêsse intervalo.

Deu-se o nome de *zodíaco* a uma faixa de 9 graus de largura, por cima e por baixo dêsse caminho aparente, e dividida em 12 signos de 30 graus cada um. Estes signos tem os mesmos nomes das constelações que ocupam essa faixa do céu,—pôsto que não muito exactamente.

Foi cêrca de 14 séculos, antes da nossa era, que os gregos dividiram o céu em constelações,

---

[1] Século IV A. C.
[2] Século I da nossa era.

cujos nomes latinos se contêm nos seguintes versos:

Sunt Aries, Taurus, Gemini, Cancer, Leo, Virgo,
Libraque, Scorpius, Arcitenens, Caper, Amphora, Pisces.

Estes nomes em português são: Carneiro, Touro, Gémeos, Caranguejo, Leão, Virgem, Balança, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes.

O Poeta não só menciona as doze constelações do zodíaco, mas ainda outras muitas das mais notáveis, enumerando os planetas pela ordem em que se julgavam dispostos no céu estrelado, segundo o sistema de Ptolomeu, tendo-se referido também aos chamados *excêntricos* e *epiciclos* [1]—inventados pelos astrónomos para explicar o movimento das esferas.

Estes *excêntricos* e *epiciclos* explica-os *hoje* a sciência dêste modo:

«Os movimentos aparentes dos planetas, que observamos, são resultantes da combinação da translação da Terra em volta do Sol com a translação dos planetas em volta do mesmo astro.

«Tomemos Júpiter para exemplo.

«Êste planeta circula em volta do Sol a uma distância cinco vezes maior do que a distância da Terra ao Sol. A sua órbita envolve portanto a nossa com um diâmetro cinco vezes maior, e leva 12 anos êsse mesmo planeta a efectuar a sua translação.

«Durante os 12 anos que Júpiter emprega em fazer a sua revolução em tôrno do Sol, a Terra faz doze revoluções em tôrno do grande astro. Por conseqüência o movimento de Júpiter, visto daqui, não é um simples círculo seguido lentamente durante 12

---

[1] «Em todos estes orbes, diferente curso verás» (x, 90).

anos, mas uma combinação dêste movimento com o da Terra. Dê-se o leitor ao incómodo de traçar a seguinte figura: um ponto representando o Sol, um pequeno círculo em volta a 2 centímetros de distância representando a órbita da Terra, e um segundo círculo a 10 centímetros representando a órbita de Júpiter; fácilmente reconhecerá que, girando em volta do Sol, produzimos um deslocamento aparente de Júpiter sôbre a esfera estrelada em que êle se projecta. Êste deslocamento dá-se, a metade do ano, em um sentido, e a metade do ano em outro. É como se a órbita de Júpiter fôsse composta de 12 anéis. Para dar conta do movimento aparente de Júpiter, os astrónomos antigos não tinham podido conservar por muito tempo o simples círculo: viam-se obrigados a fazer rodar sôbre êle, no decurso de 12 anos, o centro dum outro pequeno círculo, em cuja circunferência supunham o planeta encaixilhado. Dêste modo, Júpiter não seguia directamente o seu grande círculo: percorria o círculo pequeno que fazia doze giros no mesmo plano, rodando ao longo do círculo primitivo em um período de 12 anos.

«Saturno em 30 anos faz o seu giro à volta do Sol. Para explicar as marchas e contramarchas aparentes vistas da Terra, tinha-se semelhantemente ajuntado à sua órbita um segundo círculo, cujo centro seguia esta órbita e cuja circunferência, levando encrustado o planeta, girava trinta vezes sôbre si própria durante a revolução inteira.

«Estes segundos círculos receberam o nome de *epiciclos*.

«O de Marte era mais pequeno que os precedentes. Os de Vénus e Mercúrio eram muito maiores.

«Eis uma primeira complicação do sistema circular primitivo. Mas não era só esta.

«Os planetas, visto que geralmente seguem elipses, estão em uns pontos do seu percurso mais perto do Sol do que em outros pontos. E, visto que todos os planetas, compreendendo a Terra, se movem em períodos diferentes à volta do Sol, o resultado é cada planeta estar ora mais próximo ora mais afastado da própria Terra. Em certos pontos da sua órbita, Marte, — por exemplo —, chega a estar afastado de nós mais quatro vezes do que noutros pontos.

«Para dar conta destas variações de distância, os astrónomos modificaram os círculos primitivos. Como se pretendia conservar a figura circular, supôs-se que os círculos percorridos por cada planeta tinham por centro não precisamente o próprio globo terrestre, mas um ponto situado fora da Terra. Por êste estratagema, Marte, — por exemplo —, descrevendo uma circunferência à roda dum centro situado ao lado da Terra, encontrava-se, ora mais afastado, ora mais próximo dela. O centro real de cada órbita celeste não coincidia com o centro da Terra, senão por meio do subterfúgio do segundo centro móvel em tôrno do qual se efeituava essa órbita.

«Esta nova acomodação mecânica foi designada com o nome de «sistema dos *excêntricos*».

«Estes *epiciclos* e estes *excêntricos* foram sucessivamente inventados, modificados e multiplicados conforme as necessidades do caso. À medida que as observações se tornavam mais exactas, era necessário acrescentar novos círculos para representar mais precisamente os movimentos celestes. Cada século acrescentava novo círculo, e nova engrenagem, ao mecanismo do Universo, de modo

que, no tempo de Copérnico, isto é, no comêço do século XVI, havia já dêles número imenso, inextricáveis, emmaranhados uns nos outros.

«Os astrónomos e os sábios oficiais da época difícilmente permitiam que se tocasse nesse edifício secular. Segundo Aristóteles e a sua escola, havia uma linha de demarcação natural que da Terra separava o Céu. A Terra, cercada pelos seus quatro elementos, era a sede das mudanças; o Céu, a partir do círculo da Lua, era incorrutível e imutável. Os movimentos celestes guiados por leis, que lhes eram próprias, não tinham relação alguma com as que governam a Terra. Traçada, dêste modo, uma linha de demarcação entre a mecânica celeste e a mecânica terrestre, a filósofia colocava uma delas fora do campo das indagações experimentais e punha obstáculos a qualquer progresso da outra, estabelecendo princípios fundados sôbre observações incompletas. Continuou por isso a astronomia, durante séculos, a ser uma sciência pura de tradições, em que a teoria não entrava senão no intento de conciliar as desigualdades dos movimentos celestes e uma pretendida lei de revolução circular e uniforme, que se considerava compatível com a perfeição do mecanismo celeste.

«Daí procedia o acervo, informe e contraditório, de movimentos hipotéticos do Sol, da Lua e dos planetas, em círculos, que eram sucessivamente centros doutros círculos, até que finalmente, tornando-se mais exacta a observação, e multiplicando-se constantemente os epiciclos, se tornou palpável o absurdo de sistema tão confuso».

«Expostas como ficam, sumáriamente, as velhas teorias que serviram de base à descrição do Universo feita pelo Poeta no canto X, é conveniente que

também aqui se dê breve notícia das teorias modernas, para as quais concorreu Copérnico [1], transformando o sistema de Ptolomeu, mudando a posição da Terra, e demonstrando que o centro do Universo é o Sol.

«Copérnico ainda manteve a esfericidade das órbitas celestes, a confusa engrenagem dos epiciclos e excêntricos, e outras teorias que os sucessores do grande astrónomo foram modificando, ao ponto de engrandecerem e idealizarem o mundo pela maneira hoje conhecida.

«Quando se lêem os filósofos gregos, cujos conhecimentos scientíficos se podem apreciar, ainda que por maneira muito restrita, causam notável impressão a subtileza que desenvolviam nas discussões, o êxito prodigioso dos raciocínios abstractos, a admirável sagacidade nos assuntos puramente intelectuais, todas estas qualidades formando contraste com a negligência e os poucos cuidados que prestavam ao estudo da natureza externa. Em certos casos, tiravam conclusões ilógicas de princípios de generalização fundados sôbre factos pouco numerosos e mal observados. Alguns dêsses filósofos prevaleciam-se com inconcebível leveza de princípios abstractos, que não se referiam à natureza, e dos quais todavia deduziam, como supostos axiomas matemáticos, todos os fenómenos e leis que os regem. Estavam, por exemplo, convencidos de que o círculo devia ser a figura mais perfeita, e daí concluíam naturalmente que as revoluções dos corpos celestes deviam fazer-se em círculos exactos e movi-

---

[1] Nicolau Copèrnico, ilustre fundador da astronomia moderna, nasceu em Thorm (Polónia) a 1 de Fevereiro de 1473; era slavo por parte dos ascendentes e pelo nascimento.

mentos uniformes; se a observação estabelecia o contrário, não levantavam dúvidas sôbre o princípio ou fundamento que haviam estabelecido. Longe disso: não cuidavam senão de salvar a sua perfeição ideal; e, para o conseguir, não havia espécie de combinações de movimentos circulares que êles não imaginassem.

«Nesta guerra de palavras, era desprezado o estudo da natureza, e considerava-se indigna dum sábio a paciente e modesta investigação dos factos. O radical êrro da filosofia grega foi imaginar que era aplicável à física o método que tam bons resultados dera nas matemáticas; e que, partindo de noções simples quási evidentes, ou de axiomas, se podia resolver tudo. Por isso todos êsses sábios que cultivavam a física andavam sempre ocupados em raciocinar ou desarrazoar sôbre pretendidos princípios. Um considera o fogo como sendo a matéria essencial e a origem do Universo; outro adopta o ar; um terceiro encontra a solução e a explicação de todos os fenómenos no «infinito»; um quarto vê-os no «ser» e «não ser». Emfim, um filósofo, que havia de estabelecer opinião durante dois mil anos, decidia que a *matéria*, a *forma* e a *privação* deviam ser consideradas princípios de todas as causas.

«Esta maneira de perder o tempo em argumentos metafísicos, sob o pretexto de fazer sciência, durou nas escolas desde a antiguidade até Copérnico, e retardou por muito tempo a supremacia das sciências exactas. A astronomia de observação progredia entre os árabes e na escola de Alexandria, mas o seu estudo tornava-se estéril e sem a teoria era quási impossível atingir o alvo da sciência, o qual consiste em tornar conhecida a natureza. Re-

conhecemos contudo, para não sermos acusados de ingratidão com a antiguidade e a idade média, que, se não houvesse os trabalhos antigos, não existiria a sciência moderna. Chega-se a grande, depois de se ser pequeno. Graças às observações e explicações antigas, é que se pôde verificar a insuficiência das hipóteses e imaginar outras melhores.

«Foi nos séculos XV e XVI que se estabeleceu o método experimental, aparecendo sábios independentes, que se podem chamar precursores de Copérnico:—George Peurbach (1423-1461), Jean Muller (1436-1476), Fracastori (1483-1553).

«Emquanto os astrónomos faziam os últimos exforços para explicar do melhor modo possível os movimentos celestes, sem se afastarem da velha hipótese da imobilidade da Terra, o célebre Colombo descobria o Novo-Mundo; e o globo terrestre desvendava-se por todos os lados às vistas da sciência aventurosa; o espírito humano, conhecendo daí por diante, directamente e por experiência, a esfericidade do globo e o seu isolamento no espaço, adquiria o elemento mais essencial para conceber o seu movimento.

«No ano imediato à morte do grande navegador, estava Copérnico tratando de destruir as ideas antigas sôbre astronomia; e em 1543 publicava em Nuremberg a obra imortal, que mudou a face da astronomia, e cujo título era: *Nicolai Copernici Torinensis de Revolutionibus orbium celestium, libri VI.*

«O sistema das aparências, a opinião da imobilidade do globo terrestre e do movimento do Céu era ainda no século XVI, e ainda hoje é, a idea simples e vaga que reina no espírito do povo ignorante.

«Reflectindo nas condições mecânicas do sistema das aparências, Copérnico pensou que êsse

sistema, tam complicado e tam grosseiro, não podia ser divino, nem natural, porque tudo na natureza é extremamente simples; e depois de 30 anos de estudos, convenceu-se de que, atribuído à Terra duplo movimento, — um, de rotação sôbre si própria em 24 horas, e outro de translação à volta do sol em 365 dias e um quarto —, se explicavam todos os movimentos celestes, para os quais se tinham inventado êsses numerosos círculos de cristal.

«O sistema existente parecia estar de harmonia com a observação, mas era aparente essa harmonia. Para que o universo fôsse constituído de tal maneira, seriam indispensáveis condições mecânicas, que não existem: seria preciso, por exemplo, que a Terra fôsse mais pesada que o Sol; que ela fôsse o astro mais importante do sistema solar; que as estrêlas não estivessem separadas de nós por tam prodigiosas distâncias. Reconheceu-se, pois, que os planetas não circulam em volta do globo terrestre, mas sim em companhia da própria Terra em volta do Sol (relativamente imóvel), e seguindo, no seu movimento, elipses e não círculos».

Eis alguns dos pontos fundamentais do método de Copérnico e das suas demonstrações, — em que todavia aparecem restos das antigas teorias.

«A Terra é esférica [1], porque a esfera é de todas as figuras a mais perfeita, e a que sob a mesma superfície circunscreve maior espaço em todos os sentidos.

«O Sol e a Lua são de forma esférica. É a forma que tomam naturalmente os corpos, como

[1] Demonstrou-se mais tarde que é um esferóide, achatado nos polos.

se vê nas gotas de água. Todos os corpos celestes tem forma esférica. Demonstra-se a esfericidade da Terra: um objecto visível ao longe na ponta do mastro dum navio, e visto da praia, parece descer à medida que o navio se afasta: prova-se também pelos eclipses da Lua, na qual se vê a sombra redonda da Terra.

«Qual é a posição da Terra no Universo? Quá-«si todos os autores estão de acôrdo em supor que «a Terra é imóvel; parece-lhes até ridícula a opi-«nião contrária. Examine-se atentamente o caso. «Qualquer deslocação observada procede: ou do «movimento do objecto observado, ou do obser-«vador, ou do movimento simultâneo de ambos; «porque, se os dois movimentos forem iguais, não «haverá meio de os perceber. Ora é da parte de «cima da Terra que observamos o Céu. Se a Terra «se move, parecer-nos há que o Céu se move em «sentido contrário, transportado de oriente para «ocidente em cêrca de 24 horas. Deixai o Céu em «repouso, e dai movimento à Terra, mas do oci-«dente para oriente: tereis as mesmas aparências exactamente.»

«Sendo imensa a esfera celeste, como se pode conceber que ela gire em 24 horas? Não é mais natural atribuir êste movimento à Terra, e só à Terra? Quando a Terra gira, tudo que está no Céu nos parece girar; mas as nuvens e tudo que está no ar participam do movimento dela.

«Se todos os astros girassem em volta da Terra, o que sucederia?

«O astro mais próximo de nós (a Lua) está a 96.000 léguas da Terra. Ser-lhe-ia portanto necessário percorrer em 24 horas uma circunferência de 192.000 léguas de diâmetro, isto é, 603.000 léguas

de extensão; teria por isso de correr com uma velocidade de 25.125 léguas por hora, ou 400 léguas por minuto ou 7 léguas por segundo... Mas isto é o menos.

«O Sol, a 37 milhões de léguas de nós, teria de percorrer no mesmo intervalo de 24 horas uma circunferência de 232 milhões de léguas em volta da Terra; ser-lhe-ia preciso voar com uma velocidade de 9.680.000 léguas por hora, e 161.300 léguas por minuto, ou 2.690 léguas por segundo!

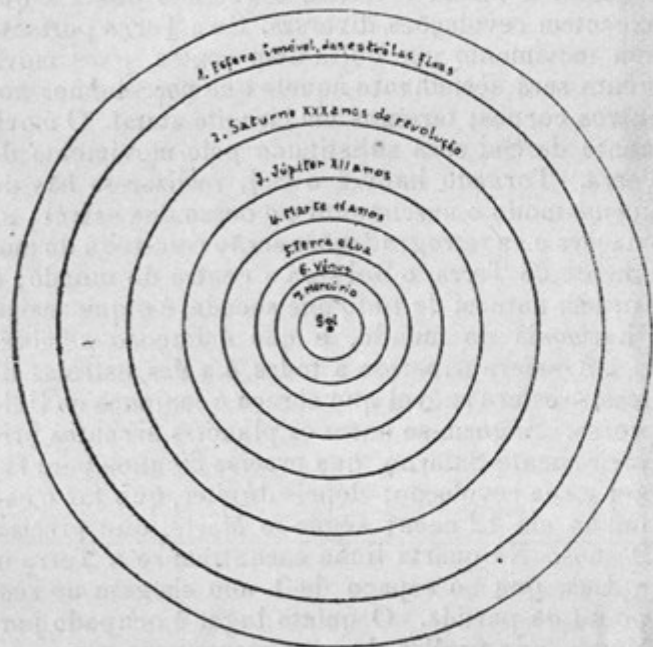
«Os planetas Marte, Júpiter, Saturno, mais longe da Terra do que o Sol,—e que participam igualmente do movimento diurno—, seriam levados no espaço com uma rapidez ainda mais inconcebível. O último planeta conhecido dos antigos,—Saturno—, nove vezes e meia mais afastado de nós do que o Sol, seria obrigado, para em 24 horas dar a volta em roda da Terra, a descrever uma circunferência de 2 biliões de léguas de extensão, e queimar o espaço com uma rapidez de mais de 20 mil léguas por segundo.

«E as estrêlas? A imaginação assusta-se com a rapidez que seria necessário supor a êsse movimento se elas dessem a volta da Terra em 24 horas. Saturno está distante de nós 218.431 semi-diâmetros do globo terrestre. Ora as estrêlas estão para lá do orbe de Saturno. Sabe-se que a estrêla mais próxima de nós está a distância de 275.000 vezes a distância da Terra ao Sol, isto é, 10 triliões de léguas. Essa estrêla, o *alfa* de «Centauro», deveria percorrer, no intervalo de 24 horas, uma circunferência de 63 triliões de léguas em extensão, e a sua velocidade seria de 2.666 biliões de léguas por hora, 44.400 milhões por minuto, em suma 740 milhões de léguas por segundo.

«Havendo vários centros, não é crível que o centro do mundo seja o da Terra e da gravidade terrestre. A gravidade não é mais do que a tendência natural dada pelo Criador a todas as partes do mundo, e que as leva a reùnirem-se e a formarem globos. Esta fôrça deu ao Sol, à Lua e aos outros planetas a forma esférica, o que não obsta a que executem revoluções diversas. Se a Terra portanto tem movimento em volta dum centro, êsse movimento será semelhante àquele que percebemos nos outros corpos; teremos um circuito anual. O movimento do Sol será sûbstituído pelo movimento da Terra. Tornado imóvel o Sol, realizar-se hão do mesmo modo o nascimento e o ocaso dos astros; as estações e as retrogradações serão resultado do movimento da Terra, o Sol será o centro do mundo; é a ordem natural de tudo que sucede, é o que ensina a harmonia do mundo, e que é forçoso admitir.

« A esfera superior a todas é a das estrêlas fi-
« xas,—esfera imóvel que abraça o conjunto do Uni-
« verso. Seguem-se entre os planetas errantes pri-
« meiramente Saturno, que precisa 30 anos para fa-
« zer a sua revolução; depois Júpiter, que faz o ca-
« minho em 12 anos; segue-se Marte, que precisa
« 2 anos. Na quarta linha encontram-se a Terra e
« a Lua, que no espaço de 1 ano chegam ao seu
« ponto de partida. O quinto lugar é ocupado por
« Vénus, que precisa de nove meses para o seu ca-
« minho; Mercúrio ocupa o sexto lugar, e precisa
« apenas de 24 dias para descrever a sua órbita. No
« meio de todos reside o Sol. Qual é o homem
« que, em templo tam majestoso, poderia escolher
« outro e melhor lugar para o brilhante astro que
« ilumina todos os planetas e os seus satélites? Não
« é sem razão que o Sol se chama a luz do mundo,

« a alma e o pensamento do universo. Colocando-o « no centro dos planetas, como sôbre um trono rial, « entregamos-lhe o govêrno da grande família dos « corpos celestes ».

Em seguida se encontra a figura dêste sistema, copiada de um *fac-simile* da mão de Copérnico.

Breve notícia dos sábios astrónomos que sucederam a Copérnico, confirmando constantemente o seu sistema, e concorrendo para os progressos da astronomia moderna, constitui completa explicação dos motivos que induziram Camões a explicar a contextura do Universo segundo o sistema de Ptolomeu. Se doutro modo procedesse, a censura in-

quisitorial não permitiria a publicação do Poema, e levaria talvez a severidade ao ponto de encarcerar o Poeta.

A teoria de Copérnico, — a do movimento da Terra em volta do Sol, sendo êste astro o centro do Universo —, continuou a ser tida por absurda, ridícula e inadmissível.

Dois anos depois da morte do venerável renovador do mundo (1543), celebrava-se o Concílio ecuménico de Trento, que estabeleceu como fundamental artigo de fé a imobilidade da Terra no centro do mundo.

Tycho-Brahé (1546-1601), notável astrónomo, tinha exaltada admiração pelo talento de Copérnico, mas deixou-se arrastar naturalmente por escrúpulos religiosos, não admitindo o novo sistema senão corrigido.

Kepler (alemão) e Galileu (italiano), professor de astronomia em Pisa, dois sábios eminentes da sua época, fins do século XVI e princípios do século XVII, defendendo a doutrina de Copérnico foram dela os primeiros propagandistas. Galileu escrevendo a Kepler dizia-lhe: «Copérnico era digno duma glória imortal, e foi tido por insensato!» Kepler respondia-lhe: que lhe comunicasse os seus escritos, pois talvez pudesse publicá-los na Alemanha, visto a Itália pôr obstáculo às suas publicações.

Galileu (1610), dirigindo para a Lua as lunetas astronómicas pouco antes inventadas, descobriu que o vizinho astro era uma terra como a nossa, coberta de montanhas e vales; dirigindo-as para o Sol, verificou a existência de manchas na sua superfície, e a rotação dêle de oeste para leste. Esta rotação do astro do dia apresentava um testemunho de alta presunção em favor de movimento de

*

translação dos planetas e da Terra em volta do S
no mesmo sentido. Voltando a luneta para Júpite
o ilustre astrónomo descobriu que êsse imenso pl
neta é acompanhado de quatro luas ou satélite
que o seguem no seu curso do mesmo modo que
Lua acompanha a Terra: êste pequeno sistema r
presentava em miniatura o sistema planetário to
inteiro. Assim se acumulavam, como por encant
os testemunhos favoráveis a Copérnico. O ma
palpável e mais significativo de todos foi ver-se q
se realizava no campo do óculo a profecia que
anos antes tinha feito Copérnico perante os se
detractores. Diziam-lhe estes:

— «Se o Sol estivesse realmente no centro
sistema planetário, e se Mercúrio e Vénus girasse
em tôrno dêle numa órbita interior à da Terra, êss
dois planetas deviam ter fases; Vénus, quando e
tivesse do lado de cá do Sol, devia estar em cre
cente como se fôsse a Lua; e, quando formas
ângulo recto o Sol e a Terra, devia apresentar-
com o aspecto de quarto crescente. Ora isso é q
nunca se viu».

— Essa é a realidade, respondeu Copérnico,
é o que os homens hão-de ver um dia, se achare
meio de aperfeiçoar a vista.

Por isso Galileu [1] exclamou, entusiasmad
quando com a lente descobriu as fases de Vénu

— Oh, Nicolau Copérnico! Que felicidade ser
a tua, se tivesses podido gozar estas novas observ
ções, que tam plenamente confirmam as tuas idea

[1] Nasceu 21 anos depois da morte de Copérnico, m
foi o primeiro astrónomo que se declarou aberta e caloro
mente em favor do novo sistema, e por escrito. Daí proce
a sua glória.

Até então, a nova doutrina não tinha sido objecto de perseguição directa. Mas quando tomou corpo, e pareceu impor-se para substituir os princípios ensinados desde séculos, ligaram-se os sábios oficiais de comum acôrdo, — alguns de boa fé, outros por interêsse ou ciúme —, para impedir que triunfasse a novidade. Os teólogos decidiram unânimemente que era contrária às Escrituras. A Congregação do Índex, estabelecida para manter a fé católica, foi incumbida pelo Papa de estudar a questão sob o ponto de vista dogmático. Em 1616, publicou essa Congregação um decreto declarando que a nova teoria do movimento da Terra era contrária às Escrituras, e que seria considerado herege quem a sustentasse, proibindo que ela fôsse ensinada em qualquer país cristão, e interditando a obra de Copérnico até ser corrigida.

Quatro anos depois, a mesma Congregação indicou as alterações que se deviam fazer na obra de Copérnico. As mais importantes eram intercalar a palavra *hipótese* em todos os lugares em que o autor expunha a teoria do movimento da Terra, e apagar a palavra *astro* em todos os lugares onde estivesse aplicada à Terra.

Todos sabem que Galileu foi condenado a prisão perpétua por não ter obedecido às proibições da autoridade eclesiástica, e que morreu, em 1642, depois de ter confirmado com provas indestrutíveis a teoria de Copérnico.

As sentenças eclesiásticas contra a crença do movimento da Terra, no século XVII, foram revogadas pelo Papa Benedito XI, e hoje a Igreja Católica admite o verdadeiro sistema do mundo.

Kepler (1571-1630) declarou-se, ao mesmo tempo que Galileu, em favor de Copérnico, e na Ale-

manha publicou, —com mais liberdade do que o seu émulo em Itália—, trabalhos profundos que concorreram para radicar, em bases inabaláveis, a teoria discutida do movimento da Terra e imobilidade relativa do Sol no centro das órbitas planetárias. Dos trabalhos de Kepler resultou saber-se que os astros, no seu curso, não descrevem círculos mas elipses; e foi êle que estabeleceu, além de outras, duas leis imortais, que completaram a obra de Copérnico: —1.ª, que os planetas se movem seguindo elipses, das quais o Sol ocupa um dos focos; 2.ª, que os quadrados dos tempos das revoluções planetárias são proporcionais aos cubos dos eixos maiores das órbitas (os cubos das distâncias)—, leis cuja aplicação se resolve por meio de problemas de geometria.

Estas descobertas expurgaram do sistema de Copérnico os círculos *excêntricos* e os *epiciclos,* que o embaraçavam ainda, e que tinham ficado como herança orgânica do antigo sistema.

Copérnico foi o fundador, o pai espiritual da astronomia moderna; e esta foi sendo aperfeiçoada por Tycho-Brahé (1546-1601), Francis Bacon (1561-1626), Newton (1642-1727), Kepler (1571-1630), Galileu (1564-1642), Herschel (1732-1822), Halley (1656-1742), e muitos outros de todas as nações.

«A obra capital de Newton foi demonstrar que a causa da suspensão da Terra e de todos os astros, no espaço, é uma fôrça determinada, calculável, cuja intensidade diminui na razão inversa do quadrado da distância, e em virtude da qual os corpos celestes se atraem recíprocamente, e se movem e sustentam no equilíbrio duma rêde invisível. A atracção universal, a gravitação, —demonstrou-o êsse sábio—, rege os mais ínfimos

movimentos que se operam tanto à superfície do solo, como nas mais longínquas regiões acessíveis ao telescópio, sustentando os nossos passos e as nossas habitações, regendo a gota de chuva, o grão de pó levantado pelo vento, dirigindo a Lua em volta da Terra, esta em volta do Sol, e organizando os movimentos das estrêlas».

Em notas ao canto X se acrescentam mais algumas breves noções de astronomia popular, para auxiliar a interpretação das est. 77 a 90, onde se descreve o sistema cosmográfico consagrado no tempo do Poeta.

V. — Geografia dos Lusíadas

Familiarizado com todos os geógrafos antigos, conhecedor dos trabalhos feitos na idade média, e das obras importantes dos sábios geógrafos do seu tempo, aproveitando todas as notícias que pôde colhêr durante as suas longas viagens, Camões achava-se em condições excelentes para, em seu imortal Poema, dar o maior desenvolvimento, compatível com a índole da obra, à descrição da Terra: descrição de nenhum modo fria e monótona, e porventura imperfeita, como a dum tratado; mas descrição geográfica amena, cheia de vida, freqùentemente comparada e sempre duma notável exactidão [1].

Por todo o Poema estão dispersas as notícias geográficas, mas é nos cantos III e X que elas aparecem em maior abundância, e repletas de remi-

---

[1] Borges de Figueiredo, *A Geographia dos Lusiadas*, 1883, pág. 2.

niscências históricas e alusões mitológicas, mostrando-nos todas as regiões do globo conhecidas no tempo do Poeta, umas vezes com os nomes dessa época, e outras vezes com os nomes clássicos usados pelos geógrafos antigos — Ptolomeu, Plínio e outros.

Êsses nomes levam indicações, para fácil consulta, nos mapas que adiante se encontrarão extraídos do precioso trabalho de Borges de Figueiredo, a *Carta da Geographia dos Lusiadas* (Imprensa Nacional, 1883).

VI. — Flora dos Lusíadas

«Os *Lusíadas* são como que a síntese da cul-«tura acumulada em Portugal durante um século».

«Nessa epopeia, Luís de Camões inclui não só «os feitos heróicos dos seus antepassados, mas as «noções scientíficas que se haviam obtido em cem «anos de descobrimentos. E com razão, porque «faziam parte da glória da pátria».

«A sciência do seu tempo, o Poeta possuía-a «toda. Não quero dizer que a conhecesse nos pe-«quenos traços, que resolvesse um problema geo-«métrico com a perícia de Pedro Nunes, ou clas-«sificasse uma droga com o seguro critério de Gar-«cia da Orta. Mas noções gerais, extensas e exac-«tas, possuía-as, e incluíu-as todas no seu livro. «Indicou-as apenas, discretamente, com sobrieda-«de, sem luxo de pesadas descrições, ou alarde «de erudição, porque era primeiro que tudo poeta, «e teve o mais seguro e mais fino sentimento lite-«rário que jámais houve. Note-se, por exemplo, «como êle caracterizou a vegetação, como na pro-«cedência das especiarias orientais os seus traços

«são leves, fugitivos, mas tam rigorosamente exac-«tos, que a moderna geografia botânica nada tem «a repreender-lhe».

Estes períodos formam uma das brilhantíssimas páginas dum livro do sábio académico e professor, Conde de Ficalho [1], e do qual foram sumáriamente extraídas as notas, que, sôbre o assunto, adiante se encontrarem, esperando nós, por esta declaração, ser relevados de repetir constantes citações quando apontamos os nomes botânicos, dos quais o livro citado tem índice alfabético, que facilita a consulta para estudo mais minucioso.

VII. — Estilo

Estilo, em literatura, é a maneira especial de o escritor ou orador exprimir os pensamentos, escrevendo-os ou falando. Diz-se estilo *simples*, quando a expressão é correcta, clara, sem ornatos; *médio*, quando é apurada, elegante; *sublime*, quando animada e ornamentada por palavras e frases próprias para embelezarem pensamentos nobres.

Na linguagem vulgar, comum, correntia — mas correcta — há uma construção natural, em que as palavras são colocadas em ordem simples, à proporção que as ideas se elaboram no espírito, empregando-se os vocábulos comuns necessários à elaboração delas, sem superabundância nem omissão, e em perfeita concordância. Essa é a construção con-

---

[1] *Flora dos Lusiadas*, pelo Conde de Ficalho, Sócio Efectivo da Academia Rial das Sciências. Por ordem e na tipografia da mesma Academia. 1880.

forme as regras de gramática. Mas, em estilo su
blime ou médio, — principalmente na poesia —,
vivacidade da imaginação, as faculdades afectivas
o desejo de ser mais conciso, ou mais claro, o
mais harmonioso, ou mais elegante, ou mais enér
gico, permitem, ao orador ou ao escritor, a trans
gressão dessas regras; e em tal caso a construçã
toma o nome de *figurada*, por se empregarem
figuras, as quais podem ser ou de *palavras* o
de *pensamentos*.

As *figuras de palavras* são:

I. Alterações fonéticas e morfológicas da for
ma *usual* dos vocábulos, modificando-os materia
mente; suprimindo, acrescentando, ou transforman
do sons; empregando-se mais freqùentemente n
escrita ou recitação de versos; e sendo autorizada
pela necessidade da rima ou da metrificaçã
pelo exemplo de linguagem popular, ou ant
quada, ou apuro literário originado pela leitur
de clássicos;

II. Alterações de sintaxe, ou desvio da re
gular construção gramatical, por omissão, aument
ou transposição de vocábulos;

III. Simples *ornatos*, em que as palavras s
repetem, ou, propositadamente, ou se empregam
a par, sons semelhantes de palavras com sentido
diversos;

IV. «Tropos», em que, sem desvio das re
gras de gramática, se empregam vocábulos com
sentido diverso do sentido habitual.

As *figuras de pensamentos* referem-se à form
da expressão das ideas, por meio de imagens, fi
ções, comparações, interrogações, hipóteses, i
terrupções, personificações, exagerações, exclam
ções, etc.

A. — Figuras de palavras

I. — Alterações fonéticas e morfológicas

a) Suprimindo sons:
- 1 — No princípio de palavra — *aférese*: — *inda* (= ainda), *ora* (= agora).
- 2 — No meio de palavra — *síncope*: — *des'parcer* (= desaparecer).
- 3 — No fim de palavra — *apócope*: — *cárcer* (= cárcere), — *ivos* (= ide-vos).

b) Acrescentando sons:
- 1 — No princípio de palavra — *prótese*: — *atambor* (= tambor).
- 2 — No meio de palavra — *epêntese*: — *Mavorte* (= Marte), — *descender* (= descer), — *antiguo* (= antigo).
- 3 — No fim de palavra — *paragoge*: — *arquitéctor* (= arquitecto), — *mártire* (= mártir).

c) Transformando o som:
- 1 — Duma letra com a substituta dela — *antítese*: — *sento* (= sinto), — *antão* (= então), — *frauta* (= flauta), — *apetitos* (= apetites), — *terríbil* (= terrível).
- 2 — Duma letra com o som imediato — *assimilação*: *vêde los alemães*, VII, 4 (= vêdes os) — onde o verbo é indicativo e não imperativo; sendo *los* a forma do artigo precedido de consoante (que se elimina).

d) Contraindo sons:
- 1 — De duas vogais átonas em uma acentuada — *crase*: — *a aquele* (= àquele).
- 2 — De duas sílabas em uma só — *sinérese*: — *glória* (= glóri-a).

e) Absorvendo sons:
1 — Da última vogal duma palavra, quando a seguinte comece também por vogal—*sinalefa*.
2 — O som do *m* na palavra «com» — *ectlipse*: — *c'os filhos* (= com os filhos).

f) Mudando os sons:
1 — Dentro da mesma palavra com mudança de letras — *metátese*: — *contrairo* (= contrário), — *Rogeiro* (= Rogério), — *capitaina* (= capitania). (As formas com ditongo são as mais antigas).
2 — Dentro da mesma palavra sem mudança de letras, convertendo em tónica uma sílaba átona — *sístole*: — *Samária* (por Samaria); ou vice-versa, convertendo em átona uma sílab a tónica—*diástole*:—Idolátra (por idólatra).

g) Separando sons:
1 — Dividindo o ditongo em duas sílabas — *diérese*.
2 — Dividindo uma palavra interpondo-lhe outras — *tmese*.

II. — Alterações sintáxicas

a) *Elipse:* Omissão duma ou mais palavras na frase, sem que esta deixe de ser clara: «louvar os vossos» (súbditos), I, 11[3].

b) *Zeugma:* Supressão de palavra que se subentende por estar expressa em proposição anterior: «e (vêde) aquele», I, 2[5].

c) *Enálage:* Substituição dum modo verbal por outro que não é admitido pela construção ordinária: «bramando *duro*» (duramente), I,

87[7]; «pedia que lhe *dê* (desse), I, 63[6]; «quando subindo ireis (quando subirdes); «olhos da rial beniguidade» (de rei benigno), I, 9[5].

d) *Silepse:* Concordância das palavras segundo o sentido, e não segundo as regras gramaticais: «alcançaram» (o sujeito dêste verbo, ostensivamente, é «gente», mas pelo sentido é «guerreiros lusitanos»), I, 26[2]; «cuja gente *eram*», 101[7].

e) *Pleonasmo:* Emprêgo de palavras desnecessárias, mas que dão mais energia à expressão: «ondas *encurvadas*», I, 92[3].

f) *Hipérbato:* Transposição ou inversão da ordem natural das palavras: «as armas, que..., espalharei» (espalharei as armas que...), I, 1[2] e 2[8]; «igual canto aos feitos», I, 5[5].

g) *Anástrofe*: Inversão da ordem natural de duas palavras correlativas: «no gesto se converteu de um mouro», I, 77[6].

h) *Sinquese:* Hipérbato exagerado, tornando a frase obscura: «com quem Amor brincava e não se via», II, 36[4].

i) *Parêntese:* Frase inserida ou intercalada num período, e formando sentido separado: «alto poder...», I, 21[4].

III. — PRINCIPAIS FIGURAS DE ORNATO

a) Repetição da mesma palavra, ou de palavra de som semelhante — no comêço, ou no meio, ou no fim de cada frase; tomam os nomes de *anáfora, diácope, epanáfora, epânodos, epistrofe,* etc.

b) de repetição da mesma idea por palavras diferentes, mas sinónimas; tomam o nome de *sinonímia*.

IV. — Tropos

São as figuras em que se empregam palavras com sentido diverso do sentido habitual, — figuras que tem os seguintes nomes:

a) *Metáfora:* (substituição por semelhança); há duas espécies:

1.º — *Catacrese*, substituição por falta de vocábulo de significação literal própria: as *costas* da mão; o *peito* do pé; «a furiosa artelharia», I, 89[2].

2.º — *Alegoria*, substituição de palavras, que representam uma idea, por palavra que representa idea semelhante: o mar «irado» (tempestuoso), I, 18[7]; «Tejo *chora*», I, 14[6]; «gado de Proteu» (focas), I, 19[8]; «águas cortadas» (navegadas), I, 18[8]; «argonautas» (navegadores), I, 18[6]; «*comprar-vos* para genro» (dotar-vos), I, 16[8]; «ninho paterno» (pátria), I, 10[4]; «o sol vê» (alumia), I, 8[2].

b) *Ironia:* em que a frase exprime idea contrária ao uso habitual dessa palavra. Há cinco espécies de ironia:

1.ª — *Sarcasmo*, ironia acerba, insultante.

2.ª — *Asteismo*, expressão graciosa, levemente irónica: IX, 59[7], 35.

3.ª — *Antífrase*, palavra com sentido inteiramente oposto ao verdadeiro.

4.ª — *Eufemismo*, em que, para se atenuarem ideas tristes, odiosas, desagradáveis, ou ofensivas do pudor, se empregam palavras que não correspondem a essas ideas: II, 37.

5.ª — *Parêmia*, expressão de censura por meio da citação dum provérbio.

c) *Sinédoque:* Em que se emprega o todo pela parte, o singular pelo plural, a matéria pelo artefacto, o género pela espécie, o abstracto pelo concreto; ou vice-versa: «o visível e o invisível» (a matéria e o espírito), I, 65²; «o templo da eternidade» (a morada do Deus Supremo), I, 17³; «o Mouro» (o imperador de Marrocos), I, 16¹; «acende» (entusiasma), I, 5⁴; «ismaelita» (os mouros), I, 8⁶; «hemisfério» (a terra), I, 8, 65.

d) *Metonímia:* Em que se emprega uma palavra em vez doutra que tem conexão. Há duas espécies:

1.ª — *Antonomásia:* Em que se emprega um epíteto patronímico em vez do nome do indivíduo; ou, em vez do nome do indivíduo, a sua qualidade característica; ou o nome da pátria dêle: «a mãe hebrea» (Âmina, a mãe de Maomete), I, 53³; «os que bebem água de Parnaso» (os poetas), I, 23⁴.

2.ª — *Metalepse*, em que se emprega o antecedente em vez do conseqüente; ou o inventor pelo invento; ou o escritor pelas suas obras; ou o possuidor pela cousa possuída; ou o continente pelo conteúdo; ou o sinal pela cousa significada; e vice-versa: «Ocidente» (Europa), I, 7³; «armas» (exércitos), I, 1¹.

B. — Principais figuras de pensamentos

a) *Imagem:* Confronto duma idea com algum objecto material; «ramo duma árvore»

(descendente de uma família), I, 7[2]; (o confronto da luta entre o homem e o touro, vencendo o primeiro, com a luta entre portugueses e mouros), I, 88.

b) *Perífrase:* Frase que em muitas palavras diz o que se poderia dizer em uma só: «licor que enche de alegria» (o vinho), I, 49[6]; «o claro descendente de Abraão» (Mafoma), I, 53[5].

c) *Interrogação*, preganta feita, não para se obter resposta, mas para afirmar e intimar o que se diz. Vej. III, 130.

d) *Subjecção*, preganta a que logo se lhe junta a resposta. Vej. I, 75 e 76.

e) *Exclamação*, frase para exprimir surpresa, admiração, dor, alegria, etc. Vej. I, 71.

f) *Apóstrofe*, interrupção do que se está dizendo ou contando, dirigindo-se o orador ou o poeta a cousas ou pessoas reais ou fictícias. Vej. a invocação às Tágides, I, 4 e 5.

g) *Prosopopeia*, expressão em que se atribuem movimento, voz, sentidos, a cousas inanimadas, e em que se finge que falam pessoas ausentes ou já mortas. Veja-se, entre outras, a grande prosopopeia do gigante Adamastor. V. 37 sgs.

h) *Hipérbole*, exageração a respeito de qualquer verdade, e que se emprega para produzir maior impressão. Veja-se I, 5 e 10.

i) *Reticência*, omissão propositada do que deveria ou poderia dizer-se: «que pois eu fui...», II, 41[2].

j) *Litotes*, expressão que diz pouco para dar a entender muito. «Somos os portugueses do ocidente», I, 50[7].

i) *Epifonema*, exclamação sentenciosa com que termina uma narrativa, uma discussão, um trecho poético. Vej. a última estância do canto I.

As modificações materiais dos vocábulos por meio de aditamento, supressão ou troca de letras (elisão, síncope, etc.) tem o nome genérico de *metaplasmos*, e procedem de uso popular, ou de evolução da língua ou de reminiscências eruditas. Os poetas empregam freqùentemente êsses *metaplasmos* de propósito por conveniência da rima ou da metrificação. A mesma razão os induz a transgredirem as regras de sintaxe, empregando frases em que a construção gramatical muda abruptamente, e que se denominam *anacolúticas*. Estas e os metaplasmos são geralmente chamados *licenças poéticas*, que se justificam na tese de Boileau: *un beau désordre est un effet d'art* (a desordem, tendo beleza, é de efeito artístico).

Àcêrca do estilo dos *Lusíadas* tenta-nos o deixar aqui traduzido um trecho do seu erudito comentador, Manuel de Faria e Sousa, aludindo à perfeição com que o Poeta se transforma nas personagens que introduz no Poema, falando conforme a qualidade de cada uma delas e conforme o assunto.

«Veja-se a superioridade com que supõe as acções e palavras de Júpiter no Concílio (canto I), pois, decerto, se essa divindade existisse, e houvesse de falar em língua humana, não se expressaria de modo diverso, como se disse de Platão, e veja-se a cólera com que descreve Marte (I e II), a

ternura e melindre com que pinta Vénus, queixosa perante Júpiter pedindo favor para os navegantes; e o ardor, bravura e coragem nas acções militares de tantos heróis (III, IV e VIII); e depois a beleza e a inocência de D. Inês de Castro exposta à tirania dos cavaleiros que a fizeram matar, e a crueldade do Rei que consentiu a morte dela (III); e as despedidas na praia de Belêm (VI), sendo estes dois episódios escritos por tal forma que só desumanos deixarão de enternecer-se, e mesmo de chorar ao lê-las, de tristeza e dó. ¿Quem diria, que o espírito que descreveu o colérico D. Nuno Álvares e a batalha que dirigiu (IV), e o combate dos Doze de Inglaterra (VI), e ao mesmo tempo a fúria daquela tempestade (VI), se podia transformar nas ternuras que encerra, todo o canto IX, e principalmente do amoroso Leonardo, dizendo à sua ninfa os mais altos e suaves pensamentos que nenhum escritor pusera na bôca de pessoa amante?

« Ninguém o diria, se não visse. Emfim é raro! E logo, tornando a transformar-se, para descrever casos de guerra, pinta, nas primeiras estâncias do canto X, as façanhas dos heróis portugueses, na Índia, de maneira que as armas e o estrondo estão soando aos ouvidos; e logo, numa parte parece ver-se o mar a ferver, noutra parte nuvens de pó e de fumo, noutra voam fúrias, e noutra corre o sangue. Deixo outras imagens, pois fôra necessário escrever demasiado para todas descrever. E certo é que Luís de Camões foi o Proteu dos poetas, ou antes o Júpiter, transformando-se em quantas figuras quis e com tanta propriedade que, ao passar dumas para outras, não se lhe encontram vestígios da que havia tomado antes ».

Visto que citamos Manuel de Faria, lembremo-nos de que, por ter escrito o seu comentário em língua castelhana, tem sido erradamente considerado como escritor estrangeiro; era português, educado em Portugal. Nasceu a 18 de Março de 1590, no lugar do Souto (comarca de Guimarães e arcebispado de Braga); foi seu pai Amador Peres, escudeiro da Casa Rial Portuguesa, e sua mãe D. Luísa de Faria, filha de Estácio de Faria, fidalgo da mesma Casa Rial; compôs diversas obras em português e castelhano, manuseava os escritores latinos, italianos e espanhóis, escrevendo e falando fácilmente em todas essas línguas. Tinha 50 anos de idade quando publicou o primeiro tômo dos comentários dos *Lusíadas* (1639), um ano antes da Restauração, vivendo portanto desde a meninice quando Portugal estava sob o domínio dos Filipes. Explica-se por esta circunstância o facto de ser o comentário escrito em língua castelhana.

Terminando aqui estes apontamentos, repetimos o que dissemos na edição de 1892: «se os defeitos dêste trabalho são insanáveis, perdoe-se ao obscuro obreiro, — pela boa intenção —, a ousadia do cometimento.

Janeiro de 1914.

Francisco de Sales Lencastre.

OS LUSÍADAS

CANTO I

---

1 As armas e os barões assinalados,
Que da occidental praia lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
E em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a fôrça humana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram;

2 E também as memórias gloriosas
D'aquelles reis que foram dilatando
A fé e o império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando;
E aquelles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando —
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Cantando, espalharei (1) [*farei conhecidos*] *por toda a parte* do mundo, *se a tanto me ajudar* o *engenho e a arte* (2): — *as armas* [*os homens célebres pelos seus feitos de armas*] *e os assinalados* (3) *varões* (4), *que*, partindo *da ocidental praia lusitana* (5) *por mares nunca antes* (6) *navegados, passaram ainda além da Taprobana* (7), *e edificaram* (8) *entre remota* (9) *gente um novo reino* (10), *que tanto sublimaram* (11), sendo *esforçados, em perigos e guerras,*

mais do que a fôrça humana prometia (**12**); *e também* farei conhecidas *as gloriosas memórias* (**13**) *daqueles reis que foram*, uns após outros, *dilatando* (**14**) *a fé e* dilatando *o império* (**15**), *e andaram devastando* (**16**) *as viciosas terras* (**17**) *de Ásia e África; e* farei conhecidos *aqueles* varões *que, por* terem praticado *obras valorosas, se vão libertando da lei da morte* (**18**).

(**1**) Versejando, escrevendo estes versos — hei-de celebrar..., hei-de tornar conhecidos; esta linguagem alegórica [o canto] baseia-se nos pontos de semelhança entre a poesia e a música — ritmo, medida, sonoridade, harmonia, melodia, etc.; os sons da música, «espalhando-se» pelo espaço, são escutados por numerosos ouvintes; os poemas notáveis, transmitidos pela tradição oral ou pela escrita, são ouvidos e lidos, em todos os tempos e todos os países; o Poeta escreveu assim com intuição profética; são decorridos mais de quatro séculos e a sua Epopeia é conhecida e lida em todo o mundo culto. (**2**) O talento e o saber. (**3**) Ilustres, egrégios. (**4**) «Barões» [arch.] eram os nobres que serviam na milícia; neste sentido se diz hoje «varões». (**5**) Sinédoque: a parte pelo todo: — Portugal, cujo território está no Ocidente da Europa e corresponde em grande parte á antiga Lusitânia. (**6**) «De antes» diziam os clássicos; e hoje ainda é locução popular, para significar «em tempo passado» — mares aonde não tinham ido navios da Europa antes dos portugueses. (**7**) Nome antigo da ilha de Ceilão, no oceano Índico; cfr. Vasconcelos Abreu, *Estudo Scoliastico da Epopéa portugueza*, pág. 39. (**8**) Criaram, fundaram. (**9**) Gente de longínquas regiões. (**10**) O empório da Índia. (**11**) Engrandeceram. (**12**) «Prometer de alguém grandes cousas», diziam antigos; o que significa hoje: «esperar grandes cousas de alguém»; portanto: aqueles varões eram «esforçados» [intrépidos, valorosos] mais do que se podia «esperar» das fôrças humanas; com efeito, é natural a relação entre a «promessa» de quem oferece e a «esperança» de quem há-de receber. (**13**) Os actos gloriosos, que deixaram memória; sinédoque: o abstracto pelo concreto. (**14**) Propagando a fé; aumentando o número de crentes na religião católica. (**15**) Acrescentando o domínio [o império] dos portugueses. (**16**) Devastaram

[destruíram] continuada, constantemente (o verbo «andar» exprimindo a freqüência). 17 Os costumes viciosos, os maus costumes dos povos gentílicos. (18) Homens célebres, desaparecidos do mundo, que vão revivendo na lembrança das gerações, ao contrário da regra geral, ao contrário da lei da morte, cuja natural conseqüência é o esquecimento; o Poeta alude a reis e varões de que fala extensamente nos cantos III, IV, VIII e X.

---

3 Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Calle-se de Alexandro e de Trajano
A fama das victórias que tiveram:
Que eu canto o peito illustre lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram!
Cesse tudo o que a musa antígua canta,
Que outro valor mais alto se alevanta!

Cessem de ser cantadas (1) *as navegações do Troiano* (2) *e do sábio Grego* (3), as *grandes* navegações *que êles fizeram; cale-se a fama das vitórias de Alexandre* (4) *e de Trajano* (5), *e* vitórias *que êles tiveram: que* [= *pois*] *eu canto* (6) *o ilustre peito lusitano* (7), *a quem Neptuno e Marte obedeceram* (8); *cesse* de ser cantado *tudo que a antiga Musa* (9) *canta, que outro valor mais alto se levanta* (10).

(1) Subentende-se o verbo do segundo membro do período: zeugma. (2) Eneas, o herói que deu assunto à *Eneida*, de Vergílio: antonomásia; I, 12; II, 45; III, 106; V, 86, 94, 98. (3) Ulisses, o herói que deu assunto à Odisseia de Homero: antonomásia; o epíteto de «sábio» tem aqui a significação de «astuto», porque foi principalmente por astúcia que Ulisses alcançou êxito nas suas notáveis emprêsas; II, 45; III, 18, 58; IV, 84 e *passim*. (4) Alexandre Magno, rei da Macedónia [336 A. C.], notável como guerreiro e conquistador da Grécia, Pérsia e Egipto; I, 55, 75; III, 96; V, 85 e *pas-*

sim. (5) Imperador romano (98-117); notável como vencedor dos Décios e dos Partos; IV, 64. (6) Celebro em verso. (7) O ânimo: a intrepidez [peito = coração = ânimo, etc.] dos portugueses ilustres: sinédoque e metalepse. (8) A quem os mares e as armas obedeceram; que venceram nas lutas da guerra e nas lutas com as ondas: prosopopeia e alegoria. (9) A Poesia antiga: metonímia; referência a Calíope, musa da eloqüência e da poesia heróica. (10) O valor, a grandeza das proezas dos lusitanos, são mais notáveis, mais dignos de menção; tudo que a Poesia antiga tem celebrado vale pouco em comparação dos casos que o Poeta vai narrar a respeito dos portugueses.

---

4 E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mi um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandíloco e corrente,
Porque de vossas águas Phebo ordene
Que não tenham enveja ás de Hippocrene!

«*E vós, minhas* queridas *Tágides* (1) — *pois* [= *visto que*] *tendes criado em mim um novo engenho ardente* (2), e *se* [*visto que*] *o vosso rio foi sempre de mim* [= *por mim*] *celebrado alegremente em humilde verso* (3) — *dai-me agora um som alto e sublimado* (4), dai-me *um estilo grandíloco e corrente* (5), *porque* [para que] *Phebo* (6) *ordene*, a respeito *de vossas águas*, *que* elas *não tenham inveja às* águas *de Hipocrene* (7).

(1) Ninfas do Tejo—invenção do Poeta (do latim *Tagus*), imitando os poetas gregos e latinos que pediam inspiração às Musas — divindades que presidiam a certas fontes e nascentes de rios — na invocação dirigida às Tágides se pode entender serem estas as damas portuguesas, que o Poeta

amava; v, 99. (2) Novo talento e entusiástico; talento novo nele, o da poesia heróica, porque, dantes, o engenho do Poeta manifestara-se na poesia lírica [*Rimas*]. (3) Versos em estilo popular, aqueles em que o Poeta celebrara pessoas humildes [pastores, em idílios e éclogas]: a poesia de estilo alegre. (4) Inspirai-me para que os meus versos sejam sonoros e sublimes. (5) Valei-me para que o meu modo de dizer seja eloqüente [« grandíloco »] e fluente [« corrente »], isto é, — claro e em que as frases déem o realce devido e fôrça completa à expressão, como convém no Poema heróico. (6) Nome de Apolo, invocado como deus da poesia, ao qual as Musas obedecem. (7) Nome grego duma fonte fabulosa, em Hélicon, e cujas águas davam inspiração poética; águas que jorravam do chão quando Pégaso [o cavalo alado em que o filho de Júpiter montava] aí bateu com a pata; Hipocrene e Pégaso são igualmente símbolos da inspiração poética. O Poeta deseja que os seus versos sejam tam formosos como os dos célebres poetas gregos.

---

5 Dai-me ũa fúria grande e sonorosa,
E não de agreste avena ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e bellicosa,
Que o peito acende e a côr ao gesto muda!
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, a que Marte tanto ajuda,
Que se espalhe e se cante no universo,
Se tam sublime preço cabe em verso!

«*Dai-me uma fúria* (1) [*voz arrebatadora*] *grande e sonorosa*, e que *não* seja *de agreste* (2) *avena* (3) *ou* de *rude* (4) *flauta, mas de tuba* (5) *canora* (6) *e belicosa*, (7) a voz do entusiasmo *que acende o peito* (8) [*incita o ânimo*] *e muda a côr ao gesto* [*ao rosto*]; (9) *dai-me canto* que seja *igual* (10) *aos feitos da vossa famosa gente* (11) *que tanto ajuda*

a Marte (**12**), *que* [= *para que*] ela ***se espalhe*** (**13**) [*seja conhecida*] ***no universo se tam sublime preço*** (**14**) ***cabe em verso*** (**15**).

(**1**) Ímpeto, arrebatamento, entusiasmo, veemência. (**2**) Campestre. (**3**) Nome que os latinos davam á flauta pastoril. (**4**) Rústica. (**5**) Trombeta. (**6**) Estridente. (**7**) Bélica, usada na guerra: o Poeta pede ás Musas do Tejo que o inspirem para que os seus versos não tenham o som melífluo da flauta pastoril, mas produzam os efeitos da trombeta estridente, que se ouve a grande distância e que dá as vozes do comando na guerra; deseja que a sua palavra seja entusiástica, elevada e comunicativa, como convém á espopeia. (**8**) Incute coragem. (**9**) Faz refluir o sangue ás faces, avermelhando-as. (**10**) Canto [versos] tam excelente como foram excelentes as proezas da gente portuguesa. (**11**) O Poeta invocando as Tágides em favor da gente do Tejo abrange nesta toda a gente portuguesa que foi famosa [afamada, notável], empregando a palavra «Tejo» [subentendida] por Portugal inteiro que é atravessado por êste importante rio: sinédoque. (**12**) Não é o deus da guerra que ajuda os portugueses, são estes que lhe dão auxílio: hipérbole. (**13**) Forma passiva do verbo, e não reflexa; seja espalhada, seja celebrada. (**14**) Valor, actos de valor, de virtude, de intrepidez. (**15**) Exalta o Poeta as virtudes dos portugueses, expondo a dúvida ou suspeita de que elas não caibam em versos, como se dissesse que estes tem medida, e aquelas não a tem; pensamento doutro modo explanado adiante: «por mais que diga, mais me há-de ficar inda por dizer» [III, 5].

---

6 E vós, ó bem nascida segurança
Da lusitana antígua liberdade,
E não menos certíssima esperança
Do aumento da pequena christandade;
Vós, ó novo temor da maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande
Pera do mundo a Deus dar parte grande;

E vós, ó poderoso rei (1) que sois *bem nascida* (2) *segurança* [*feliz penhor*] *da antiga liberdade lusitana* (3), *e — não menos* [*ainda mais*] — que sois *certíssima esperança do aumento da pequena cristandade* (4); *vós*, que sois *temor novo da* [*para a*] *maura lança* (5); *vós*, que sois *maravilha* (6) *fatal* [*providencial*] *da nossa idade* [*da nossa época*], e *dada por Deus ao mundo*, para *que* ela *o mande* [*o governe*] *todo, e para dar grande parte do mundo a Deus;*

(1) Estas palavras aqui subentendidas lêem-se na est. 8; advirta-se que a presente e as três seguintes formam um período, cuja oração principal na est. 9 é regida pelo verbo «inclinai...»; o Poeta, acabada a invocação ás musas do Tejo, dirige-se a el-rei D. Sebastião para captar a sua benevolência: tributa-lhe louvores, expõe-lhe o argumento do Poema, e dedica-lho; o termo desta apóstrofe é na est. 18. (2) Nascida em boa hora, afortunada. (3) Da independência de Portugal, que já era antiga [quási cinco séculos]. (4) Manifesta o Poeta a esperança de que no reinado de D. Sebastião aumentaria o número de crentes na religião católica — número então pequeno ainda [«pequena Cristandade»], comparado com a população da terra. (5) Seria novo [mais um] rei português que havia de inspirar terror à Mauritânia; «lança» [figs. exércitos] era a principal arma de combate dos mouros; «maura» = mauritana; «maura lança», Mauritânia. (6) Pessoa que causa admiração. (7) A esperança do Poeta em um império universal exercido pelo rei português: o poderoso rei D. Sebastião, essa maravilha, governaria todo o mundo para dar grande parte dêle a Deus, — para converter á fé cristã grande parte dos povos do mundo.

7 Vós, tenro e novo ramo florecente
De ũa árvore de Christo mais amada,
Que nenhũa nascida no Occidente,
Cesária, ou christianíssima chamada,
(Vêde-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victória já passada,
Na qual vos deu por armas e deixou
As que elle pera si na cruz tomou);

Vós, que sois *novo ramo, tenro e floréscente* (1), *duma árvore* (2) [*família*] *mais amada de* [= *por*] *Cristo* do *que nenhuma* outra *nascida no Ocidente* (3) ainda que seja *chamada cesárea* (4) *ou cristianíssima* (5) — *vêde-o no vosso escudo, que vos mostra presente a vitória já passada* (6), e *na qual* o próprio Cristo *vos deu e deixou por armas* [*brasão*] *as que êle, para si, na Cruz tomou* (7) —;

(1) Mais um descendente, juvenil e esperançoso [o monarca devia ter 12 para 13 anos, quando escrito o Poema]. (2) Alegoria, de «árvore genealógica». (3) Na Europa. (4) Adjectivo patronímico de «César» — título dos imperadores romanos; mas também se intitulou «César» o imperador do Ocidente; continuador nominal do império romano e do de Carlos Magno. (5) Título dos reis de França; afirma o Poeta que nenhuma família rial da Europa era amada por Cristo, tanto como o foi a família dos reis portugueses. (6) A prova do que o Poeta afirma, vê-a D. Sebastião no escudo das armas riais, que lhe trazem à lembrança a vitória na batalha de Ourique, em que D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal, desbaratou cinco reis mouros, e da qual, segundo a tradição, resultou consolidar-se a independência do reino. (7) As armas do reino de Portugal eram uma cruz azul em campo branco; D. Afonso Henriques acrescentou-lhes cinco escudos azuis, lembrando os cinco reis vencidos; parece que foi no tempo de D. João I que se acrescentaram com as «quinas» nos cinco escudos do centro simbolizando as «cinco chagas de Cristo», — emblema em que se comemora

a crença do aparecimento de Jesus crucificado ao fundador da Monarquia, na véspera da batalha de Ourique, prometendo-lhe a vitória [III, 53].

---

8 Vós, poderoso rei, cujo alto império
O sol, logo em nascendo, vê primeiro,
Vê-o tambêm no meio do hemisphério,
E quando dece o deixa derradeiro;
Vós, que esperamos jugo e vitupério
Do torpe ismaelita cavalleiro,
Do Turco oriental e do Gentio,
Que inda bebe o licor do sancto rio,

Vós, poderoso rei, cujo alto império (1), *o sol vê* (1) *primeiro* [= *primeiramente*] *logo em nascendo* [*logo que nasce*] — *vê-o tambêm* quando está *no meio do hemisfério* celeste, *e derradeiro* [= *por último*] *deixa-o* sómente *quando desce* [*quando declina, quando se esconde*]; (2) *vós que*, assim o *esperamos*, sereis *jugo e vitupério* (3) *do torpe cavaleiro ismaelita* (4), *do turco oriental* (5), *e do gentio que ainda bebe o licor* [*o liquido*] *do* chamado *rio santo* (6);

(1) Cujos extensos domínios o sol alumia: prosopopeia. (2) O Poeta segue as teorias de Ptolomeu [x, 80 sgs.], mas aqui [como em outros lugares] usa da linguagem dos tempos mitológicos em que se imaginava a terra toda rodeada de mar, onde o sol nascia por um lado [Oriente] e onde se escondia pelo outro lado [Ocidente]; o sol, logo que nascia, alumiava a Índia; chegando ao meio da abóbada celeste, isto é, ao zénite, alumiava não só Portugal mas também terras portuguesas de África e o Brasil; por último escondia-se nas águas de Portugal [o ocidente da terra conhecida] para ir logo reaparecer outra vez no Oriente; de sorte que o sol, em todo o seu percurso, estava alumiando os dominios de Portugal, tal era a sua vastidão. (3) Humilhação. (4) Perí-

frase e sinédoque; singular pelo plural; «dos mouros»; «torpes», vis; «ismaelitas» descendentes de Ismael [filho de Abraão e da escrava Agar] que formaram a tribo de que procedia Maomete, por isso aos mouros se dava o epíteto de «ismaelitas»; «cavaleiros», porque as suas guerras eram sustentadas principalmente com gente de cavalaria. (5) Os turcos da Ásia que auxiliavam os seus correligionários no Hindustão contra os portugueses. (6) Os idólatras, os pagãos que habitavam a Índia, e que se banhavam no Ganges, o grande rio que desagua no gôlfo de Bengala, e que êles supunham «santo», imaginando que ficavam purificados depois de se banharem nas suas águas.

---

9 Inclinai por um pouco a magestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que já se mostra qual na inteira idade,
Quando sobindo ireis ao eterno templo.
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis um novo exemplo
De amor dos pátrios feitos valerosos,
Em versos devulgado numerosos.

Inclinai, por um pouco, a majestade (1), *que vos contemplo* [= *que de vós contemplo*] *nesse tenro gesto* (2), e *que se mostra já qual será na* vossa *inteira idade,* (3) *quando ireis subindo ao eterno templo* (4); *ponde no chão os olhos da* vossa *rial benignidade* (5); *vereis*, em mim, *um novo exemplo de amor dos valorosos feitos pátrios* (6) — *amor divulgado em numerosos* (7) *versos*.

(1) Expressão de grandeza, de superioridade. (2) Juvenil rosto: o Poeta pede ao rei que incline para êle o rosto, em que a majestade se ostentava; «inclinar a majestade do rosto», por «inclinar o rosto majestático» — enálage; imagem da atenção do rei, que se supõe ocupada em elevados pensamentos, e que o Poeta deseja lhe seja prestada por pouco

tempo. (3) Na idade viril. (4) Tendes já majestade no rosto como quando fordes subindo ao templo da glória eterna, quando fordes aureolado pelas vossas proezas gloriosas, — e certamente haveis de subir; é esta a fôrça de expressão enfática da locução «quando ireis», como de quem profere um vaticínio. (5) Repetição, por outras palavras, da idea expressa nos dois primeiros versos; pedido feito ao rei, para que do alto do trono baixe benignamente os olhos para o lugar inferior que está ocupando o Poeta. (6) Mais um exemplo de muitos, — antigos —, de poetas que haviam celebrado glórias pátrias. (7) Candentes, hamoniosos [aqui o vocábulo não significa «muitos»]

---

10 Vereis amor da pátria, não movido
De prémio vil, mas alto e quási eterno:
Que não é prémio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi! vereis o nome engrandecido
D'aquelles, de quem sois senhor superno:
E julgareis qual é mais excellente,
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

Vereis o meu *amor da pátria* neste poema, que escrevi *movido* (1), *não de* [= *por*] *prémio vil* (2), *mas prémio alto* (3), *quási eterno* (4), *que* [= *pois*] *não é vil prémio ser* eu *conhecido por um pregão* (5) *do meu ninho paterno* [= *pátrio*] (6). *Ouvi:* nos meus versos *vereis engrandecido o nome daqueles* portugueses, *de quem sois superno* (7) *senhor; e julgareis qual é mais excelente, se ser rei do mundo se de tal gente* (8).

(1) Incitado pela ambição de prémio ... (2) Baixo, mesquinho. (3) Elevado, digno — em contraposição a «vil». (4) Duradouro; «prémio eterno», glória. (5) Brado em louvor da pátria. (6) «Paterno» e «pátrio» tem a mesma derivação

5

latina de «pater» pai. (7) Supremo, absoluto. (8) Afirma o Poeta a el-rei D. Sebastião que, escrevendo os *Lusíadas*, não foi incitado pela esperança de obter quaisquer dádivas humanas — todas seriam mesquinhas; o que êle deseja é a glória de ser conhecido pelas gerações futuras por ter louvado altamente, e com justiça, os actos heróicos praticados pelos portugueses; el-rei, lendo o poema, convencer-se há das virtudes dos seus súbditos, e há-de ufanar-se mais de ser dêles o senhor, do que se fôsse rei do resto do mundo.

---

11 Ouvi! que não vereis com vãs façanhas,
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas.
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas;
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro,
E Orlando, inda que fôra verdadeiro.

Ouvi: que não vereis louvar os vossos portugueses *com façanhas* (1) *vãs* (2), *fantásticas* (3), *fingidas* e *mentirosas* — *como* se vê *nas estranhas Musas* (4), *desejosas de engrandecer-se; as vossas* [*as* façanhas *dos vossos súbditos*] são *verdadeiras*, e *tamanhas, que excedem as* façanhas *sonhadas* e *fabulosas* e *que excedem* as que se conta haverem praticado *Rodomonte* (5), *e o vão* (6) *Rugeiro* (7) *e Ordo* (8), *ainda que fôra* [= *fôsse*] *verdadeiro* o que se conta destas três personagens.

(1) Feitos heróicos que demandaram grande esfôrço ou grande virtude ou grande sciência. (2) Inventadas. (3) Fantasiadas, imaginadas [sinonimia]. (4) Nos versos dos poetas doutros países — poetas que, para captarem a admiração do vulgo, exageram com fábulas as acções humanas. (5) Também see screve Rodomonte e Rodamonte — personagem do

poema intitulado «Orlando Furioso», do célebre poeta italiano Ariosto [1474-1523] — do mesmo modo Rogeiro e Orlando; todos três foram individualidades que só tiveram existência na mente dos poetas, e que se descrevem como tendo sido esforçados paladinos. (6) Que não existiu. (7) Diz-se hoje «Rogério». (8) Forma italiana de «Rolland» [francês] e Roldão [português].

---

12 Por estes vos darei um Nuno fero,
Que fez ao rei e ao reino tal serviço;
Um Egas, e um Dom Fuas (que de Homero
A cítera par' elles só cobiço).
Pois polos doze Pares dar-vos quero
Os doze de Inglaterra e o seu Magriço;
Dou-vos também aquelle illustre Gama,
Que para si de Eneas toma a fama.

Por estes símbolos [*em vez dêles*] *vos darei* [*exporei à vossa contemplação*] *um Egas* Moniz (1), *um Dom Fuas* Roupinho (2) *e um fero Nuno* Álvares Pereira (3) *que fez, ao rei e ao reino*, — assim como os outros dois —, *serviço tal* [= *tam grande*], *que só para êles* [*sómente para os celebrar*], *cobiço a citara* [*a inspiração poética*] *de Homero; pois, pelos doze Pares* de França (4), *quero dar-vos os doze de Inglaterra* (5), *e* principalmente *o seu Magriço* (6); *dou-vos também aquele ilustre Gama* (7), *que*, só *para si, toma a fama de Eneas* (8) [*alcança fama igual à de Eneas*].

(1) O aio de D. Afonso Henriques; III, 35, VIII, 13. (2) Notável pelos seus feitos na defesa de Porto de Mós e em batalhas navaes; VIII, 17. (3) Condestável do reino [o primeiro pôsto militar] com D. João I; notável cabo de guerra na defesa do cêrco de Lisboa no tempo de D. Fernando, etc.; IV, 14, e VIII, 28. (4) Os doze nobres que o imperador do Ocidente e rei de França — Carlos Magno [742-814] — levou con-

sigo à guerra e que êle considerava iguais a si; «pares» é palavra latina que significa «iguais». (5) Os doze portugueses «iguais» em valor, que foram a Inglaterra combater contra outros tantos ingleses, em defesa das damas; VI, 43 sgs. (6) Um dêsses doze portugueses especialmente referido pelo Poeta; VIII, 68. (7) Vasco da Gama, o navegador cuja viagem é um dos principais assuntos do Poema; II, 22 a 32, 104; IV, 77 sgs. (8) O Príncipe troiano, celebrado na «Eneida» de Vergílio pela heroicidade com que pelejou contra os gregos no cêrco de Tróia — indo depois para o Lácio [Itália], donde vem a tradição de atribuirem os romanos a sua origem aos troianos; II, 45; III, 106; V, 86, 94, 98. O Poeta, para celebrar os ilustres varões portugueses, ambiciona a inspiração de Homero; V, 96, 98.

---

13 Pois se a troco de Carlos, rei de França,
Ou de César, quereis igual memória,
Vêde o primeiro Afonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha glória;
E aquelle que a seu reino a segurança
Deixou co'a grande e próspera victória:
Outro Joanne, invicto cavalleiro;
O quarto e quinto Afonsos, e o terceiro.

Pois, se a trôco de memórias *de Carlos* Magno (1), *rei de França, ou de* Júlio *César* (2), *quereis memória* portuguesa *igual*, *vêde o primeiro* rei, *Afonso*, (3), *cuja lança faz escura qualquer glória estranha* (4); *e* vêde D. João (5), *aquele rei que deixou* [= *legou*] *a segurança* [*a independência*] ao *seu reino com a grande e próspera vitória de* Aljubarrota (6); vêde *o outro João* [*D. João segundo*] (7), *invicto* (8) *cavaleiro; e* vêde os reis *Afonsos, o terceiro* (9), *o quarto* (10) *e o quinto* (11).

(1) Notável como conquistador, como político e como protector das letras; imperador do Ocidente; reformou a Igreja

de acôrdo com o Papa; exterminou crudelissimamente os saxões, conteve os árabes; destruíu na Itália o reino dos Lombardos [742-814]; VII, 7. (2) Célebre general romano; guerreiro e conquistador; absorveu todos os poderes romanos, fundando o império [101-104 A. C.]; IV, 59; V, 85; etc. (3) O fundador da monarquia portuguesa; III, 30 sgs.; VIII, 10. (4) Feitos militares mais brilhantes do que os de estrangeiros célebres pela sua glória. (5) Percebe-se que o Poeta alude a êste monarca por causa do circunlóquio [o da próspera vitória] e por causa das palavras «outro Joane» no verso 7; «outro» deixa subentender que já tinha falado de um do mesmo nome; IV, 2 sgs. (6) IV, 42. (7) No texto «Joane» [forma primitiva de João, do lat. Johannes]; IV, 58. (8) Nunca vencido. (9) III, 94. (10) III, 98. (11) IV, 54.

---

14 Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles que nos reinos lá da Aurora
Se fizeram por armas tam subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Um Pacheco fortíssimo, e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora,
Albuquerque terríbil, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.

Os *meus versos nem* [= também não] *deixarão esquecidos aqueles* portugueses, *que, lá nos reinos da Aurora* (1) [*nas terras do Oriente*] *se fizeram tam subidos por armas* [*que tanto se elevaram pelas suas proezas na guerra*], sendo a *vossa bandeira vencedora sempre,* tais foram: *um fortíssimo Pacheco* (2); *e os temidos Almeidas* (3), *por quem o Tejo chora sempre* (4); e o *terrível* Afonso de *Albuquerque* (5); e o *forte* João de *Castro* (6); *e outros em quem a morte não teve poder* (7).

(1) A deusa da manhã [mitologia], encarregada de abrir ao Sol as portas do Oriente; I, 21, 59; II, 53, 110. (2) Duar-

te Pacheco Pereira, o defensor de Cochim, o Aquiles Lusitano; II, 52; X, 12. (3) D. Francisco de Almeida, notável vice-rei da Índia, e seu filho D. Lourenço de Almeida, que morreu heròicamente em Chaúl, pelejando contra as armadas do Egipto e Cambaia; X, 26 e 37. (4) Por quem os portugueses choram: sinédoque; III, 60; —prosopopeia e hipérbole para engrandecer o valor dos dois Almeidas e o seu infortúnio, morrendo longe da pátria:—o pai, assassinado no Cabo da Boa Esperança; o filho, em combate. (5) O vice-rei da Índia que mais dilatou o empório luso-asiático; X, 40. (6) Notável vice-rei da Índia; X, 67. (7) E outros que se imortalizaram; I, 2 [5].

---

15 E em quanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as rédeas vós do reino vosso,
Dareis matéria a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o pêso grosso
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exércitos e feitos singulares,
De África as terras e do Oriente os mares.

E emquanto eu canto [*eu louvo em verso*] *estes* varões (1) —*e, a vós, não posso* louvar-vos, *que me não atrevo a tanto* (2) —passado êste tempo, *tomareis vós, ó sublime rei, as rédeas* [*o govêrno*] *do vosso reino* (3), e *dareis matéria a nunca ouvido canto* (4); *comecem* (5) novamente (6) *as terras de África e os mares do Oriente a sentir* [a ver, a experimentar] *o grosso pêso* [*grande valor*] *de exércitos e feitos singulares* (7) —pêso *que faça espanto pelo mundo todo.*

(1) Os que se mencionam nas est. 12, 13 e 14. (2) Parece dizer o Poeta que o seu respeito o impede de louvar o rei, mas louva-o logo em seguida; é ornato literário a que se dá o nome de «preterição»; podem essas palavras significar também que o Poeta julga o seu talento insuficiente para apre-

ciar a soberania de D. Sebastião. (3) Estava o rei na menoridade, ainda não assumira o govêrno; no texto «tomai» por «tomareis» [enálage]. (4) Assunto para louvores maiores do que outros que tenham sido ouvidos. (5) O modo imperativo exprimindo vaticínio com a função do futuro do indicativo. (6) Parece que devia estar na mente do poeta essa palavra; porque naquela epoca não podia *começar* a sentir-se na África e no Oriente o «pêso dos portugueses»; já tinha sido bem sentido, como se demonstra no próprio Poema; mas o Poeta, dirigindo-se ao rei, não quereria aludir com maior clareza á decadência do país no reinado de D. João III, e ao abandono dos portos marroquinos. (7) Exércitos e proezas, únicos — tam notáveis que não haveria outros semelhantes.

---

16 Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exício afigurado;
Só com vos ver o bárbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado.
Téthys todo o cerúleo senhorio
Tem pera vós por dote aparelhado;
Que, affeiçoada ao gesto bello e tenro,
Deseja de comprar-vos pera genro.

O Mouro (1), *frio*, (2) *tem os olhos em vós, em quem vê afigurado* [*simbolizado*] *o seu exicio* [*a sua destruição*]; *o bárbaro* (3) *gentio* (4) da Índia, — *só com o ver-vos* — *mostra o pescoço já inclinado ao jugo* (5); *Tétis* (6) *tem* já *todo o* seu *cerúleo* (7) *senhorio* [*todo o mar*] *aparelhado para vós por dote* [*destinado a ser-vos dado em dote*], (8) *que* [*pois*], sendo *afeiçoada ao* vosso *gesto* [*rosto*] *belo e tenro* [*juvenil*] *deseja* (9) *comprar-vos para genro*.

(1) Os mouros; singular pelo plural. (2) Assustado; alegoria — frio sente quem tem grande medo. (3) Estranho, não conhecido; [o vocábulo não tem aqui a significação co-

mum de «inculto», não civilizado]. (4) Pagãos; singular pelo plural; «gentio, e povos gentílicos» são vocábulos empregados no Poema, geralmente, para designarem os naturais da Índia, não maometanizados [idólatras]; II, 51; VIII, 80, 90; X, 108; etc. (5) O gentio mostra-se disposto á submissão. (6) A deusa do mar. (7) Azul escuro, a côr do céu; epíteto metonímico para designar a côr dos mares, que geralmente é assim. (8) Tal é o aprêço em que a deusa tem o monarca lusitano, que pretende dar-lhe em casamento suas filhas, as Oceânidas, e oferece-lhe em dote o domínio dos mares; reminiscências de pensamento semelhante no poema de Vergílio, ou porventura alegoria, fundada na cerimónia que se praticava na antiga Veneza, com grande solenidade e luzidas festas, quando se simulava o casamento dela com o mar Adriático; conta-se que o Papa Alexandre III recebera certo favor de Sebastião Zeno, duque de Veneza, e que em recompensa lhe dera um anel para, com êle, se praticar a cerimónia do casamento de Veneza com o mar todos os anos, em sinal de que ficava sendo aquela cidade a imperatriz dos mares. (9) Usavam os clássicos da preposição «de» entre dois verbos, quando um dêles tem a função de auxiliar [dever de..., desejar de..., determinar de..., esperar de...]; mas hoje só se usa em linguagem poética ou em estilo enfático.

---

17 Em vós se vem da olímpica morada
Dos dous avôs as almas, cá famosas,
Ua na paz angélica dourada,
Outra, pelas batalhas sanguinosas:
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memória e obras valerosas;
E lá vos tem lugar, no fim da idade,
No templo da suprema eternidade.

Em vós se vêem [*se reflectem*], lá *da morada olímpica* (1), *as almas* — *famosas* (2) *cá* na terra — *dos* vossos *dois avós* (3); *uma* que foi famosa *na angélica* (4) *paz dourada*, a *outra* que o foi *pelas sanguinosas batalhas* (5); ambas *esperam ver-se*

[que hão-de ver-se] renovadas, em vós, a *sua memória* e as suas *obras valorosas* (6); *e* ambas, *no fim da* vossa *idade* (7), *lá vos tem* reservado um *lugar no templo da suprema eternidade* (8).

(1) Celeste; Olimpo, significa o céu por ser o nome dum monte de Tessália que, segundo a fábula, era a morada dos deuses. (2) Celebradas com boa fama. (3) Alude-se a D. João III, avô paterno, e a Carlos V, rei de Espanha e imperador da Alemanha, avô materno; o primeiro teve um reinado próspero e pacífico; o segundo sustentou lutas sangrentas, com a ambição de exercer o domínio universal. (4) Qualificativo do que é próprio dos anjos. (5) Áurea, própria da «idade do ouro»; III, 96; IV, 98. (6) Os dois avós esperam ser imitados por el-rei D. Sebastião, praticando êle actos de igual valor. (7) Quando perecerdes, no fim da vida. (8) No céu, na morada de Deus supremo; por ficção poética, o lugar onde habitam as almas dos homens que praticaram feitos gloriosos; «templo» significa «monumento erigido em honra da divindade», daí procede a ficção poética dum monumento eterno nas regiões celestes.

---

18 Mas em quanto êste tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Pera que estes meus versos vossos sejam.
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas, porque vejam
Que são vistos de vós no mar irado:
E costumai-vos já a ser invocado.

Mas — emquanto passa lento [*lentamente*] *êste tempo* em que os vossos avós vos contemplam esperançosos (1) até que seja chegado o tempo *de regerdes os* vossos *povos, que o desejam — dai vós favor ao* meu *novo atrevimento* (2), *para que estes*

meus versos sejam vossos (3); *e*, aceitando-os e lendo-os, *vereis* (4) neles *os vossos argonautas* (5) *ir cortando o salso argento* (6) [*as salgadas ondas*], *porque* [= *para que*] êsses navegadores *vejam que são vistos de vós* [= *por vós*] *no mar irado* (7); *e*, com essa leitura, *costumai-vos já* [*antes de tomardes o govêrno*] *a ser invocado* (8) [*a ser lembrado por quem está no céu*].

(1) Subentendem-se estas palavras porque encerram o pensamento da est. 17; e o «tempo» a que o Poeta se refere não podia ser aquele em que o rei havia de governar, mas sim o tempo que mediaria entre o momento em que o Poeta lhe falava e aquele em que terminasse a regência; o favor (verso 3) era solicitado não para êsse tempo, mas imediatamente, emquanto não tivesse os cuidados de governar; a linguagem elíptica, de que resulta certa obscuridade, talvez fôsse intencional, para o Poeta não incorrer no desagrado da regência, dizendo muito claramente que os povos desejavam ansiosos ser governados pelo rei, e deixarem de o ser pela regência; em conseqüência dêsse desejo parecia-lhe que o tempo corria lento, vagaroso. (2) Mais êste arrôjo: o de escrever uma Epopeia; tivera já o de escrever poesias no género lírico, cfr. *novo* engenho ardente; I, 4; cristãos *atrevimentos*; VII, 14. (3) Para que o rei aceite a oferta que lhe faz dos seus versos; aceitando-a, seriam favorecidos pelos leitores portugueses, que, imitando o exemplo rial, os apreciariam. (4) Dá a entender o Poeta que os navegantes estão descritos por tal forma que parece estarem a ver-se. (5) Nome dos heróis gregos que, segundo a fábula, foram na nau Árgus à Cólquide conquistar o Velocino de ouro, o carneiro que tinha velo [pele com os pêlos] de ouro; III, 72; IV, 83, 85; V, 28, 87; VIII, 71; IX, 64. (6) Neologismo, do latim *salsus* «salgado», e *argentum* «prata»; — alegoria lembrando a semelhança da superfície do mar [algumas vezes] com uma superfície prateada. (7) Mares tempestuosos. (8) Vejam os navegadores portugueses, lá da olímpica morada, que o rei os aprecia pela coragem com que lutaram contra os mares revoltos, e hão-de falar nele em seu louvor.

19 Já no largo oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naos as velas côncavas inchando;
De branca escuma os mares se mostravam
Cubertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas,
Que do gado de Próteo são cortadas:

Os vossos argonautas (1) *navegavam já no largo* (2) *Oceano* Índico, *apartando as inquietas ondas* (3); *os ventos respiravam* (4) *brandamente, inchando* (5) *as côncavas* (6) *velas das naus* portuguesas; *mostravam-se cobertos de branca escuma* (7) *os mares onde as proas vão* [*iam*] *cortando as marítimas águas, consagradas* a Neptuno, e *que são cortadas do* [= *pelo*] *gado de Próteo* (8).

(1) Palavras que se subentendem da estância precedente; o Poeta começa a narrativa, dirigindo-se ainda ao rei. (2) O adjectivo serve aqui não sómente para designar que o Oceano tem grande extensão, mas também para indicar que as naus iam no «alto mar», ou no «mar largo», expressões marítimas usuais que designam lugar em que não se avista terra; tenha-se em lembrança que o Poeta começa a narrativa da viagem de Vasco da Gama muito depois da passagem do Cabo da Boa Esperança; esta vem referida no canto VI. (3) Estando o mar tranqüilo não há ondas, mas, havendo-as, estas sempre estão inquietas, e a proa da embarcação em andamento corta-as, ou separa-as, «aparta-as» aparentemente umas das outras. (4) Sopravam, em linguagem vulgar; mas «respirar» significa rigorosamente a impressão táctil e auricular que produz o vento em quem o sente. (5) Enfunando, enchendo. (6) As velas são debruadas por cabos ou cordame, ficando ligeiramente enrugadas na orla; dêste modo se forma o seio em que entra o vento, e o ar as torna côncavas. (7) As embarcações, caminhando com velocidade, vão deixando atrás de si extensa esteira de espuma [ou escuma] luminosa e branca. (8) As águas habitadas pelos peixes;

Próteo, deus marinho, filho de Neptuno, exercia poder sôbre os habitantes das águas — peixes, cetáceos, mamíferos; alguns dos quais, os «feios focas» [I, 52], aparecem à superfície em cardumes, que, vistos em distância, dão idea de rebanhos de «gado»; em VII, 85, na rima encontra-se «Proteio».

---

20 Quando os deuses no Olimpo luminoso,
Onde o govêrno está da humana gente,
Se ajuntam em concílio glorioso,
Sôbre as cousas futuras do Oriente.
Pisando o cristalino ceo fermoso,
Vem pela via láctea juntamente,
Convocados da parte do Tonante
Pelo neto gentil do velho Atlante.

Navegavam as naus, no mar largo, *quando no luminoso Olimpo* (1), *onde está o govêrno* (2) *da humana gente, se ajuntavam os deuses em glorioso concílio* (3), para deliberarem *sôbre as futuras cousas do Oriente* (4); *vem juntamente* [*vinham todos juntos*] *pela via láctea* (5), *pisando o formoso céu cristalino*, tendo sido *convocados, da parte do Tonante* Júpiter (6), *pelo gentil neto do velho Atlante* (7).

(1) No estrelado céu. (2) O Ente supremo de quem depende a humanidade. (3) Solene assemblea; «concilio», assemblea deliberante. (4) Sôbre o futuro da Índia, a região que os portugueses buscavam; os deuses iam resolver, se consentiriam ou não, que os navegantes lá chegassem, e conquistassem aqueles povos. Êste concílio dos deuses mitológicos, sendo uma ficção do Poeta para mostrar que havia deuses propícios à viagem e outros que a contrariavam, parece também encerrar uma alegoria referente ás diferenças de opinião dos conselheiros de D. João II, quando em 1495 se discutia o empreendimento da viagem à Índia. (5) A «estrada de Sant'Iago», como o vulgo diz: a grande faixa duma claridade esbranquiçada, e produzida por milhões de

estrêlas que a vista desarmada não distingue; «via», caminho; «láctea», côr de leite. (6) Mandados chamar por Júpiter, a quem se dava o epiteto de Tonante [trovejador] por se lhe atribuir o poder de criar trovoadas. (7) Perífrase para designar Mercúrio: Atlante, rei fabuloso da Mauritânia, convertido na montanha que tem o nome de Atlas; de cuja filha, Maia, e de Júpiter, nasceu Mercúrio, o mensageiro dos deuses.

---

21 Deixam dos sete ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado,
Alto poder, que só co pensamento
Governa o ceo, a terra e o mar irado.
Ali se acharam juntos num momento
Os que habitam o Arcturo congelado,
E os que o Austro tem, e as partes onde
A Aurora nasce, e o claro sol se esconde.

Os deuses *deixam* [*tinham deixado, abandonado*] o *regimento* [*a governação*] *dos sete céus* (1) *que lhes fôra dado do* [*pelo*] *mais alto poder* — por êsse *alto poder* (2) *que, só com o pensamento, governa o céu, a terra e o irado* (3) *mar*. — *Ali*, na via láctea, *se acharam juntos, num momento, os* deuses *que habitam o congelado Arcturo* (4) [*as regiões do norte*], e *os que tem* [*habitam*] *o Austro* (5) [*as regiões do Sul*] *e os que* habitam *as partes* do céu *onde nasce a Aurora* (6) [*As regiões do Oriente*], *e* aquelas onde *se esconde o claro* [*luminoso*] *sol* [*as regiões do Ocidente*].

(1) As sete órbitas, — que segundo o sistema de Ptolomeu, se julgava serem percorridas pelos sete planetas então conhecidos, e que eram: Saturno, Júpiter, Marte, Titão, Vénus, Mercúrio e Diana — nomes dos entes míticos que se fingia governarem nessas regiões etéreas. (2) Deus grande;

o verdadeiro Deus. (3) Revôlto, tempestuoso. (4) Nome duma estrêla da constelação chamada «Ursa», no polo norte. (5) Austro, significando «regiões do Sul», é puro latinismo. (6) Figuradamente, o Sol; 1, 14; etc.

---

22 Estava o padre ali sublime e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
Num assento de êstrellas cristalino,
Com gesto alto, severo e soberano;
Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornara um corpo humano;
Com ũa coroa e sceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

Estava ali, sublime e digno (1) — *com alto, severo e soberano gesto* (2), e *num cristalino* assento *de estrêlas* — (3) *o Padre* (4) *que vibra os feros raios de Vulcano* (5); *respirava do rosto um ar divino, que tornara* [= *tornaria*] *divino um corpo humano* (6); estava *com uma coroa* na cabeça *e* com um *rutilante* (7) *sceptro* na mão, — objectos feitos, não de diamante, mas *de outra pedra mais clara* (8) *que diamante.*

(1) Digno de respeito pelo seu aspecto nobre. (2) Com um semblante [= gesto] que denotava superioridade [alto], gravidade e majestade. (3) Assentado num banco, brilhante como estrêlas. (4) Sinónimo de «pai»; epiteto de Júpiter, [por ser o mais respeitável, o mais nobre dos deuses mitológicos]. (5) O rei do fogo; fabricava os mortíferos [feros] raios das tempestades; mas Júpiter era quem os vibrava. (6) Exalava do rosto um fluido que divinizaria qualquer corpo humano, que recebesse aquele hálito. (7) Resplandecente, scintilante: reflectindo com várias côres o brilho, a luz viva dos astros. (8) Transparente, diáfana.

---

23 Em luzentes assentos, marchetados
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros deuses todos assentados,
Como a razão e a ordem concertavam;
Precedem os antigos mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentavam:
Quando Júpiter alto, assi dizendo,
C'um tom de voz começa grave e horrendo:

Em luzentes (1) *assentos, marchetados* (2) *de ouro* *de pérolas, estavam mais abaixo os outros deuses,* *ssentados todos como a razão e a ordem concerta-* *am* (3), — *precedem* [= *estão adiante*] *os mais anti-* *os*, por serem *os mais honrados* (4) [= *mais quali-* *cados*] ; — *e os* deuses *menores assentavam-se mais* *baixo; quando Júpiter, com um grave e horrendo* *om de voz* (5), *começa, dizendo, alto* (6), *assim:*

(1) Scintilantes. (2) Embutidos, esmaltados. (3) Assen-dos nos lugares que lhes competiam; observado o «con-ĕrto» [a harmonia] da razão [do justo] e da «ordem» [da raduação das dignidades]. (4) Aqueles a quem eram devi-as maiores honras. (5) Com um *tom* de voz que causava édo. (6) Com voz forte, em alto *som* para ser perfeitamente uvido; advirta-se que os vocábulos *tom* e *som*, quando se ata da linguagem falada, designam: o primeiro, a impres-ão moral que produz a palavra e o aspecto de quem a pro-re [tom altivo, humilde; grosseiro, cortês; indignado, pa-fico]; o segundo, designa a impressão física, meramente ricular [baixo, alto; estridente, suave; forte, fraco].

24 «Eternos moradores do luzente
Estellífero polo e claro assento!
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente
Como é dos fados grandes certo intento
Que por ella se esqueçam os humanos,
De Assírios, Persas, Gregos e Romanos.

Ó deuses, *moradores eternos do luzente polo* (1) *estelífero* [*do brilhante céu estrelado*] *e* [*= que é*] *claro assento* [*morada cheia de luz!*], *se não perdeis do pensamento* [*= se não estais esquecidos*] *do grande valor da forte gente de Luso* (2), *deveis claramente* [*certamente*] *ter sabido como é* [*= que é*] *intento certo* [*verdadeira, real intenção*] *dos grandes fados* (3) [*dos poderosos deuses que legislam sôbre os destinos*]— *que, por ela* [*por causa da gente portuguesa*] (4) *se esqueçam* [*sejam esquecidos*] *os* feitos *humanos de assírios* (5), de *persas* (6), de *gregos* (7), *e* de *romano* (8).

(1) Céu; o todo pela parte. (2) Gente portuguesa. Cfr. advertência, pág. 6. (3) Destinos; a ficção de que certos deuses determinavam acontecimentos futuros; I. 28, 31, 74 e passim. (4) Em conseqüência de ser êsse povo mais notável pelo seu valor do que os povos célebres da antiguidade. (5) Povos da Assíria (600 A. C.), de que era capital Nínive, e dos quais se contam maravilhas; VII, 11, 53. (6) O antigo império da Pérsia, antes de destruído por Alexandre Magno (300 A. C.), chegava desde o Indo até o Mediterrâneo e desde o Cáspio até o deserto da Líbia, IV, 64, 101; IX, 58; X, 103. (7) Os antigos [1:300 A. C.], notáveis pelos seus generais, e pela cultura das artes e das letras; III, 13; VII, 13. (8) Os antigos [800 A. C. e 400 E. C.] dominaram quási todo o mundo conhecido; III, 15, 22, 115 e passim.

25 « Já lhe foi (bem o vistes) concedido
C'um poder tam singelo e tam pequeno,
Tomar ao Mouro forte e guarnecido
Toda a terra que rega o Tejo ameno.
Pois contra o Castelhano, tam temido,
Sempre alcançou favor do ceo sereno,
Assi que sempre, em fim, com fama e glória,
Teve os tropheos pendentes da victoria.

Já lhe foi concedido [à gente portuguesa] — *bem o vistes* — *com um tam singelo* [= *tam simples*] *e tam pequeno poder* [= *exército*] *tomar ao mouro* (1), que estava *forte e guarnecido* [= *armado e metido em fortalezas*], *toda a terra que o ameno Tejo rega* (2); *pois* [= *além disso*] *alcançou sempre favor do sereno Céu* [*de benigna Providência*], *contra o tam temido castelhano* (3); foi *assim*, com êsse auxílio, *que* Portugal, *emfim*, *teve sempre pendentes* [*pendurados* — *em exposição ao público*] *os trofeus* (4) *da vitória com fama e glória.*

(1) Singular pelo plural; aos mouros [mauritanos] quando possuiam o sul do reino. (2) As terras do vale do Tejo; referência às conquistas de Lisboa, Santarém, etc. (3) Referência às lendas de aparições santas a D. João I e a Nuno Álvares, nas batalhas de Aljubarrota e Valverde, contra os castelhanos, e já antes na batalha de Ourique; cfr. VIII, 30 e 31, e III. (4) Bandeiras, armas, escudos e outros despojos tomados ao inimigo no campo da batalha; alegoria: no tempo dos antigos romanos havia os templos da Vitória, nas paredes dos quais era costume ficarem penduradas [pendentes] as bandeiras vitoriosas; e era também costume, no campo em que se havia dado a batalha, pendurarem-se as armas dos vencidos em algumas árvores ou trancas afeiçoadas para êsse fim, e aí ficarem expostas.

A expressão « Céu Sereno » encontra-se em I, 59, 106 e *passim*.

26 « Deixo, deuses, atrás a fama antiga,
Que co'a gente de Rómulo alcançaram,
Quando com Viriato na inimiga
Guerra romana tanto se afamaram.
Também deixo a memória que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Um por seu capitão, que peregrino
Fingiu na cerva espírito divino.

Ó deuses, deixo atrás [*deixo no esquecimento*] (1) *a antiga fama que* os lusitanos *alcançaram* pelejando *com* [= *contra*] *a gente de Rómulo* (2), *quando tanto se afamaram* juntamente *com Viriato* (3) *na inimiga guerra romana; também deixo a memória* [*também quero esquecer-me, também não vos falo do facto memorável*] *que os obriga* [= *que os liga*] *a grande nome* [*a uma grande celebridade*], *quando levantaram por seu capitão* [*elevaram a seu general*] *um peregrino* (4) [*um estrangeiro*] *que, na cerva, fingiu espírito divino.*

(1) Diz o poeta que não fala de alguns factos, mas logo os refere; figura de retórica denominada « preterição ». (2) A gente romana; Rómulo, segundo a tradição, foi o fundador da cidade Roma; 753 A. C.; III, 126. (3) Chefe dos lusitanos revoltados contra o jugo romano [140 A. C. III], 22; VIII, 6, 36. (4) É Quinto Sertório [124-72 A. C.], pretor romano, a quem os lusitanos convidaram para seu chefe contra os romanos; possuindo uma corça [= cerva branca] que sempre o acompanhava, fingia que esta lhe fôra mandada por Diana, a deusa das florestas, e lhe dava, a êle, aviso das disposições que havia de tomar na guerra — fingimento adoptado para ser mais prontamente obedecido; os avisos da corça eram do espírito divino [da divindade mitológica]; III, 63; IV, 33; VIII, 7.

27 «Agora vêdes bem, que, cometendo
O duvidoso mar num lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
De Áfrico e Noto a fôrça, a mais s'atreve:
Que havendo tanto já que as partes vendo
Onde o dia é comprido e onde breve,
Inclinam seu propósito e perfia,
A ver os berços onde nasce o dia.

«*Agora, bem vêdes, que* a gente lusitana, —*acometendo o duvidoso mar* (1) *num leve lenho* (2) [= *madeiro*], *por vias nunca usadas* [*por caminhos nunca percorridos*], e *não temendo a fôrça de Áfrico* (3), e nem a *de Noto* (4) — *se atreve a mais* [*a maiores cousas*]; *que* [= *pois*] — *havendo já tanto* tempo *que* anda *vendo as partes* do mundo *onde o dia é comprido e onde é breve* (5) — os lusitanos *inclinam* o *seu propósito* [*dirigem a sua resolução*] e a sua *porfia, a ver os berços onde nasce o dia* [*as terras onde nasce o Sol, as terras do Oriente, a Índia*].

(1) Afrontando o mar incerto, ora de bonança, ora tempestuoso. (2) Navio; hipérbole, exagerando a pequenez das naus, realmente pequeníssimas na vastidão dos mares. (3) O vento sudoeste, que geralmente é acompanhado de tempestades; chamado Áfrico, por soprar do lado de África para a Europa. (4) O vento sul que também é acompanhado de borrascas; «Notus» era o nome que lhe davam os latinos. (5) Havia oito meses que os navegantes andavam no mar, e nas regiões do sul haviam passado uma estação de estio [em que os dias são grandes] e outra de inverno [em que os dias são breves].

28 «Prometido lhe está do fado eterno,
Cuja alta lei não pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o govêrno
Do mar, que vê do sol a roxa entrada.
Nas águas tem passado o duro inverno;
A gente vem perdida e trabalhada;
Já parece bem feito que lhe seja
Mostrada a nova terra que deseja.

«*Do eterno fado* [= *pelo eterno Destino*], *cuja alta* [*sublime*] *lei não pode ser quebrada* (1), *lhes* (2) *está* prometido aos portugueses *que tenham*, durante *longos tempos, o govêrno* (3) *do mar que vê a roxa* [*vermelha*] *entrada do Sol.* (4) *A gente* [*a tripulação das naus*] *tem passado nas águas o duro* [*inclemente*] *inverno; vem perdida* [*exausta de fôrças*] *e trabalhada* [*molestada pelos trabalhos*]; *já parece bem feito* (5) *que lhe seja mostrada: a nova terra que deseja.*

(1) Violada, transgredida; I, 24. Fado; I, 24, 31, 74 e *passim*. (2) No texto «lhe = lhes», o que é freqùente em português antigo; I, 43 e *passim*. (3) Domínio. (4) O mar que banha as terras do Oriente — o Oceano Índico: prosopopeia; «roxo» em português antigo significava «rubro», «vermelho», no francês «rouge», e em castelhano «rojo»; a «roxa entrada do sol» é a ficção mitológica de que o sol, vindo do fundo do mar, a primeira região da terra em que aparece é a Índia; e antes de nascer [aurora] o firmamento apresenta-se de rubra côr. (5) Parece que devemos nós, os deuses, dar auxílio a essa gente para que possa descobrir a Índia onde ela deseja ir; compare-se com a expressão popular «foi bem feito!» para significar: que certo caso devia suceder como sucedeu; que uma pessoa teve o prémio ou o castigo que merecia.

29 «E porque, como vistes, tem passados
Na viagem tam ásperos perigos,
Tantos climas e ceos experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos,
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa africana; como amigos;
E, tendo guarnecida a lassa frota,
Tornarão a seguir a longa rota.»

E, porque [*visto que*] os navegantes *tem passado* (1) *na viagem tam ásperos perigos* (2), *como vistes, e* tem *experimentado tantos climas e tantos céus* (3), *tanto furor de inimigos* [= *contrários*] *ventos* (4), *determino que sejam agasalhados como amigos nesta costa africana* (5), *em* que os estamos a ver; *e, tendo êles guarnecida* [*abastecida e descansada*] *a lassa frota* [*a quebrantada tripulação das naus*] (6), *tornarão a seguir* a *sua longa rota* [*a sua longa viagem*].

(1) No texto «passados», «experimentados»; os clássicos antigos usavam do particípio [variável como os adjectivos] concordando com os substantivos no pretérito perfeito composto; II, 76; III, 84 *e passim.* (2) O *e* de «ásperos» e «perigos» deve fazer-se ouvir na recitação; mas suprime-se em «experimentados». (3) Tem navegado atravessando regiões de diversos climas, e de tam diferentes ares [céus]: o cabo da Boa Esperança [região fria] e o equador [zona tórrida]. (4) Navegando com ventos contrários [« ponteiros » se dizem em linguagem náutica], que obstavam aos navegantes que prosseguissem no seu rumo. (5) Cfr. II, 75 sgs.; Júpiter determina que os portugueses sejam bem acolhidos em Melinde, e aí recebam pilôto para a Índia. (6) A significação literária corresponde ao que hoje se chama «esquadra»: era o conjunto de navios de guerra, ou de navios mercantes comboiados por uma ou mais naus de guerra; significação figurada aqui: «as tripulações dêsses navios».

«Clima» tem a significação usual de «temperatura e outras condições atmosféricas duma determinada região»; tam-

bém significa «zona terrestre, entre círculos paralelos [termo de geografia]»; o vocábulo pode aqui ter ambos os sentidos; VIII, 68.

---

30 «Estas palavras Júpiter dezia,
Quando os deuses, por ordem respondendo,
Na sentença um do outro difiria,
Razões diversas dando e recebendo.
O padre Baco ali não consentia
No que Júpiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a lusitana gente.

Júpiter dizia [*tinha dito*] *estas palavras, quando os deuses, respondendo por ordem* [*pela ordem das suas graduações*], *diferiam* [*discordavam*] *uns dos outros na sentença* (1), *dando e recebendo diversas razões. O padre* (2) *Baco, ali* [*naquele concílio*] *não consentia* [*não concordava*] *no que Júpiter disse* [*dissera*] *conhecendo que* os homens *esquecerão os seus feitos* [*as proezas que êle, Baco, havia praticado*] *no Oriente, se* por *lá passar a gente lusitana* (3).

(1) Parecer, voto; cada qual tinha o seu parecer; no texto «um do outro»: sinédoque. (2) Epíteto aplicado pelos clássicos latinos a deuses do paganismo com a significação de «respeitável». (3) Finge o Poeta que a oposição de Baco à viagem dos portugueses nasce do receio ou previsão de que, chegando os navegantes à Índia, façam lá cousas tam notáveis, que se extinga a fama que êle aí adquirira [VII, 52] exercendo domínio; pois com o alarido das bacantes [que levavam adufes e pandeiros em vez de rodelos e dardos] havia pôsto em fuga os índios e os elefantes de guerra. [Bacantes ou Sacerdotisas de Baco eram as mulheres, enfeitadas de hera e pâmpanos, que dançavam nas festas denominadas Baca-

nais, e celebradas no Egipto, na Grécia e na Itália]. Na estância seguinte narra o Poeta as razões que Baco apresentara.

---

31 Ouvido tinha aos fados que viria
Ua gente fortíssima de Hespanha
Pelo mar alto, a qual sojeitaria
Da Índia tudo quanto Dóris banha,
E com novas victórias venceria
A fama antiga, ou sua, ou fôsse estranha.
Altamente lhe doe perder a glória
De que Nisa celebra inda a memória.

Baco dizia *que tinha ouvido os Fados* (1), *que, pelo alto mar* (2) *viria de Espanha* (3) [*da península hispânica*] *uma gente fortíssima, a qual sujeitaria tudo quanto Dóris* (4) *banha* [*dominaria todas as terras banhadas pelo Oceano Índico*]; *e* que essa gente, *com vitórias novas, venceria* [*anularia, invalidaria*] *a antiga fama, ou fôsse a sua* [*a dêle Baco*] *ou* a fama *estranha* (5) [*a doutros dominadores da Índia*]; *dói-lhe altamente* [*causa-lhe imenso pesar*] *perder*, êle, *a glória, de que Nisa* (6) *ainda celebra a memória*.

(1) Os deuses do Destino, sabedores das cousas futuras. (2) Estar alto o mar significa «estar encapelado»; estar no mar alto, quere dizer «a grande distância de terra onde esta se não avista»; a expressão do Poeta pode ter aqui as duas significações. (3) Na época do Poeta «Espanha» era uma designação genérica; abrangia os diversos reinos da Península, Portugal, Castela, Leão, Navarra; o verso 2 é perífrase, para designar os portugueses e vaga com todos os vaticínios. (4) Deusa do mar. (5) Alusão encoberta a Alexandre Magno e a Semiramis; VII, 23 e 54. (6) Nome de cidade da Grécia antiga, e consagrada a Baco; nome também

doutra cidade na Índia, fundada por Baco, em memória da qual se edificou ainda outra no Egipto; VII, 52.
«Fados» no primeiro verso: I, 24, 28, 74; II, 43; V, 49 e *passim*.

---

32 Vê que já teve o Indo sojugado,
E nunca lhe tirou fortuna ou caso
Por vencedor da Índia ser cantado
De quantos bebem a água do Parnaso;
Teme agora que seja sepultado
Seu tam célebre nome, em negro vaso
Da água do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portugueses que navegam.

Baco *vê que já teve subjugado o Indo* (1) [*as terras do Hindostão*] e que *nunca* a *fortuna* (2) *ou acaso* (3) *lhe tirou* [*o privou de*] *ser cantado de* [= *por*] *quantos* [= *todos os que*] *bebem a água de Parnaso* (4), *por* [= *como*] *vencedor da Índia; teme agora que o seu tam célebre nome seja sepultado em negro vaso da água do esquecimento* (5), *se lá chegam os fortes portugueses que* para ali *navegam*.

(1) Nome do grande rio que atravessa o Hindoston; nasce no Tibet e desagua no mar de Omani; aqui [fig.] significa «as terras do Hindoston atravessadas por êsse rio». (2) Divindade alegórica do politeismo dos romanos e gregos e que dispensava caprichosamente aos homens a felicidade ou o infortúnio. (3) No texto «caso» subentendendo-se «imprevisto», de causas desconhecidas; ou «acaso» [aférese]; contraposição á Fortuna; Baco fôra celebrado na Índia pelo favor da Fortuna, ou por causas desconhecidas. (4) Montanha da Grécia antiga, e dedicada ás Musas; as águas que aí nasciam davam inspiração poética; por isso a perífrase significa «ser Baco, por todos os poetas, cantado, celebrado como vencedor da Índia». (5) Alusão ao «Letes» da mitologia, nome do rio dos infernos, cujas águas negras produ-

ziam a perda da memória a quem as bebia; a fama de Baco seria extinta pelo esquecimento; VIII, 27; X, 9.

---

33 Sustentava contra elle Vénus bella,
Affeiçoada á gente lusitana
Por quantas qualidades via nella
Da antiga tam amada sua romana —
Nos fortes corações, na grande estrêlla,
Que mostraram na terra tingitana,
E na língua, na qual, quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a latina.

Sustentava parecer [*voto*] *contra êle* [*contra Baco*], *Vénus*, a *bela* deusa, que era *afeiçoada à lusitana gente por quantas qualidades* [= *por todas as que*] *via nela*, *semelhantes* às *da antiga* gente *romana tam sua amada* (1) — qualidades que eram semelhantes; *nos fortes corações* (2); *na grande estrêla* [*felicidade*] *que* os portugueses *mostraram* ter *na terra tingitana* (3); *e na língua* portuguesa, *na qual Vénus, quando imagina* [*quando pensa*] nela, *crê que é a* língua *latina com pouca corrução* (4).

(1) Por ser muito celebrada pelos latinos. (2) Grande valentia e intrepidez. (3) Adjectivo patronímico de Tânger [que em latim se chamava «Tingis»], a capital da Mauritânia: alude-se talvez ás gloriosas conquistas de Argila, Alcácer e Tânger por D. Afonso V. (4) A língua portuguesa com efeito é muito próxima da latina, porque deriva dela em todos os pontos essenciais da sua gramática e na maior parte do seu vocabulário; tem-se escrito versos que são ao mesmo tempo latinos e portugueses. Cfr. *Lusíadas*, Coment. de Faria e Sousa, I, 265; sôbre a construção dos últimos dois versos cfr. *Gramática Portuguesa*, do Sr. Epifânio Dias, § 245.

34 Estas causas moviam Cytherea,
E mais, porque das Parcas claro entende
Que há de ser celebrada a clara dea
Onde a gente bellígera se estende.
Assi que um pela infâmia que arrecea,
E a outra pelas honras que pretende,
Debatem, e na perfia permanecem.
A qualquer seus amigos favorecem.

Estas causas (1), *e* outras *mais, moviam Citerea* (2), *porque entende claramente* (3) *das Parcas* [*sabe com certeza por lho ter ouvido*], *que a clara dea* [*a ilustre deusa*] *há-de ser celebrada* em todas as terras, *onde a belígera* (4) *gente* portuguesa *se estende* [*até onde ela chegar*]. *É assim que, debatem* [= *discutem*]: *um* [*Baco*] *pela* [*por causa da*] *infâmia* (5) *que receia; e outra* [*Vénus*] *pelas honras* (6) [*por causa das homenagens*] *que pretende; e* ambos *permanecem na porfia* [*continuam na contenda*]. *A qualquer* dos dois *favorecem* [*dão parecer favorável*] *os* deuses *seus amigos* [*os deuses que são amigos de Baco votam a favor dêste; os que são afeiçoados a Vénus aprovam o parecer dela*].

(1) As razões expostas na estância precedente. (2) Epíteto de Vénus por lhe ter sido dedicada a Ilha de Citera [hoje Cérigo, uma das Jónias]. (3) No texto «claro» — o adjectivo adverbial. (4) Belicosa, guerreira. (5) Perda da boa fama [que adquirira no Oriente]. (6) Pela ambição de ser celebrada pelos portugueses como o fôra pelos romanos.
Parcas: IX, 38; Advertência, p. 12.

---

35 Qual Austro fero ou Bóreas na espessura
De silvestre arvoredo abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura
Com ímpito e braveza desmedida —
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as fôlhas, ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto levantado
Entre os deuses no Olimpo consagrado.

O tumulto levantado entre os deuses, no consagrado Olimpo (1), *andava tal qual* [= *como quando*] o *fero Austro* (2) *ou* o fero *Bóreas* (3) vão, *na abastecida* (4) *espessura* (5) *de silvestre* (6) *arvoredo, rompendo com ímpeto* (7) *e* com *desmedida braveza os ramos da escura* (8) *mata;* nesses momentos *brama* (9) *toda a montanha; o som murmura* (10); *rompem-se* (11) *as fôlhas; ferve a erguida serra* (12).

(1) Na sagrada morada dos deuses. (2) O violento sôpro do vento sul. (3) O vento norte [*Auster* e *Bóreas* eram os nomes latinos dêsses ventos]. (4) Povoada, densa. (5) Floresta [fig., por ser, nas florestas, espesso e denso o arvoredo]. (6) Sem cultura, arvoredo no meio de matos [tojos, silvas, urzes]. (7) Abalo súbito e violento. (8) Sombria, onde não entra o sol por serem as árvores muito frondosas. (9) Prosopopeia: ruge como as feras raivosas; i. é, ouve-se na montanha o grande estrondo do ramalhar das árvores sacudidas pelas rajadas do vento. (10) Um dos efeitos das tempestades; o ruído principia, de súbito, fortíssimo, e acaba em murmúrio; diminuindo gradualmente a ponto de mal se ouvir. (11) Rasgam-se. (12) Agita-se o arvoredo da alta serra desordenadamente, à semelhança dos líquidos em ebulição; parecendo que é a própria serra que se agita.

---

36 Mas Marte, que da deusa sustentava
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia,
De antre os deuses em pé se levantava.
Merencório no gesto parecia,
O forte escudo, ao collo pendurado,
Deitando pera trás, medonho e irado.

Mas Marte (1), *em porfia* [*em contenda*] *entre todos* [*com todos*] *sustentava as partes* (2) [*defendia o parecer*] *da deusa, ou porque o antigo amor* (3) a Vénus *o obrigava* a isso, *ou porque a forte gente* lusitana *o merecia* — *levantava-se* (4) *em pé de entre os deuses: parecia merencório, no gesto* [*enfadado, no semblante*]. Mostrando-se *medonho* [*de aspecto carrancudo*] *e irado, deitando para trás o forte escudo, que* trazia *pendurado ao colo* [*ao pescoço*]; *e...*

(1) O deus da guerra. (2) «As partes» que os requerem litigam em juízo [termo de jurisprudência]; «seguia as partes [o partido] de César». Manuel Bernardes, *Florestas*, 2-22. (3) Amor antigo, pois dêle já havia nascido Cupido; IX, 35. (4) Levantou-se; é freqùente no Poeta, como nos escritores antigos, o uso do pretérito imperfeito em vez de pretérito perfeito, sobretudo nas exigências da rima.

---

37 A viseira do elmo de diamante
Alevantando um pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer se pôs diante
De Júpiter, armado, forte e duro.
E dando ũa pancada penetrante
Co conto do bastão no sólio puro,
O ceo tremeu, e Apolo, de torvado,
Um pouco a luz perdeu, como infiado.

e, — *armado* [*vestido com sua armadura de guerreiro*], *forte e duro* [*com aspecto severo e áspero*] *levantando um pouco a viseira do elmo* (1) *de diamante* (2) — *pôs-se mui seguro* [= *com muita firmeza*] *diante de Júpiter para dar o seu parecer; e dando*, nesse momento, *uma penetrante* (3) *pancada com o conto do bastão* (4) *no sólio puro* [= *no cristalino trono*] *o céu tremeu, e Apolo* (5), *de torvado* (6), *perdeu um pouco a luz, como enfiado* (7);

(1) «Elmo» era o capacete de ferro usado pelos guerreiros, e composto de várias peças, uma das quais «a viseira», que deixavam caída para cobrir o rosto ao entrar em combate. (2) Polido e rijo como o diamante; fig. (3) Uma pancada tam rija que o som penetrava profundamente nos ouvidos. (4) O cajado que se empunhava como distintivo do supremo mando militar; com um castão numa extremidade e o «conto» [«ponteira» se diria hoje] na extremidade oposta. (5) O deus Sol. (6) Perturbado, tomado de susto ou de ira, com o aspecto irado de Marte. (7) Desmaiado, pálido por causa do temor ou da ira; ficção de que Apolo em figura humana, revestido do brilho solar, perdeu êsse brilho e desmaiou.

---

38 E disse assi: «Ó padre, a cujo império
Tudo aquillo obedece que criaste,
Se esta gente, que busca outro hemisphério,
Cuja valia e obras tanto amaste,
Não queres que padeçam vitupério,
Como há já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece que é sospeito.

e Marte *disse* para Júpiter *assim: Ó Padre, a cujo império* [*a cujo poder*] *obedece tudo aquilo que criaste* (1), *se não queres — como há tanto tempo já*

que ordenaste (2) — se não queres *que padeça* (3) *vitupério* [*opróbrio, desaire*] *esta gente* portuguesa, *que busca outro hemisfério* (4), *e cuja valia e obras* (5) *tanto amaste* [*apreciaste*] (6) *não ouças — pois és juiz direito* [= *recto*] — *mais razões de quem parece* [*mostra*] *que é suspeito* (7).

(1) Personifica-se figuradamente o Deus verdadeiro no primeiro dos deuses pagãos, atribuindo a êste a criação de todas as cousas. (2) Alude-se à determinação de Júpiter expressa na est. 29. (3) No texto «padeçam», sendo sujeito dêste verbo o colectivo «gente» representando os navegantes; I, 24, 27, 28 e *passim*; é freqüente na escrita do Poeta o emprêgo do verbo no plural tendo por sujeito um nome colectivo no singular. (4) O hemisfério oriental [a Índia]. (5) Merecimento e acções. (6) Alusão ao favor que os portugueses sempre haviam recebido do céu; I, 25 e 26. (7) No conceito de Marte é suspeito o voto de Baco; por isso não deve Júpiter prestar-lhe mais atenção.

---

39 «Que, se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fôra que aqui Baco os sostentasse,
Pois que de Luso vem, seu tam privado;
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque em fim vem de estâmago danado,
Que nunca tirará alhea enveja
O bem que outrem merece e o ceo deseja.

Diz tambêm Júpiter: (1) *que, se a razão não se mostrasse, aqui* [*neste concílio*], *vencida do demasiado temor* [*se o entendimento de Baco não estivesse obscurecido pelo grande receio de ficar a sua fama eclipsada pela dos portugueses*] *bem fôra* [= *e natural seria*], *que Baco os sustentasse* [*os defendesse, pugnasse a favor dos navegantes*], *pois que* os por-

tugueses *vem de Luso* (2) [*são descendentes de Luso*] *tam seu privado* [*tam íntimo amigo dêle Baco*]; *mas que passe* [*que se deixe passar*] *agora esta sua tenção* (3) [*que não se faça caso dêste seu voto*] *porque emfim vem de estômago danado* [*procede de ânimo raivoso*]; *que* [= *pois*] a *inveja alheia nunca tirará o bem que outrem merece e* que *o Céu deseja* (4).

(1) Na estância precedente vem as palavras de Marte; nesta, o resumo de parte do discurso na seguinte, outra vez palavras textuaes. (2) Segundo a lenda, o primeiro rei da Lusitânia era companheiro de Baco. (3) Voto, parecer. (4) A inveja dos outros não deve tirar a qualquer pessoa o bem que esta mereça; o haver quem tenha inveja dos benefícios dados pela Providência não é razão para que se invalidem esses benefícios.

---

40 «E tu, padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada,
Não tornes por detrás, pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercúrio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve e á seta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da Índia, e onde a gente se reforme.»

Marte continua dizendo: — *E tu, Padre* (1) *de grande fortaleza* [*tu, que tens grande firmeza de ânimo*] *não tornes por detrás* [*não tornes para trás*] *a determinação que tens tomado* (2), *pois é fraqueza desistir-se da cousa começada:* ordena tu que *Mercúrio* (3) — *pois* que êle *excede em ligeireza ao vento leve e à bem talhada* (4) *seta* — *lhes vá mostrar* aos navegantes *a terra* africana (5) *onde a*

gente [*a tripulação*] *se informe* a respeito *da Índia, e onde se reforme* [*onde descanse e recupere as fôrças*].

(1) Júpiter. (2) No texto, o particípio com a flexão do adjectivo; I, 29 e *passim*. (3) O mensageiro dos deuses, e ao qual se atribuíam asas nos pés para ir a toda a parte ràpidamente. (4) Bem cortada, sem curvas nem altibaixos; pois é nestas condições que a frecha ou seta é mais veloz. (5) Alude-se à determinação de Júpiter já expressa; I, 29.

---

41 Como isto disse, o padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentiu
No que disse Marvote valeroso;
E néctar sôbre todos esparziu.
Pelo caminho lácteo glorioso
Logo cada um dos deuses se partiu,
Fazendo seus reaes acatamentos,
Pera os determinados apousentos.

Como [= *quando*] Marte *disse isto, o poderoso Padre* (1), *inclinando a cabeça, consentiu* [*concordou*] *no que* o *valoroso Mavorte* (2) *disse* [*dissera*], *e esparziu néctar* (3) *sôbre todos* os que estavam no Concílio. *Cada um dos deuses partiu-se* (4) *logo para os determinados aposentos* [*para as moradas que lhes estavam determinadas*] *pelo glorioso* (5) *caminho Lácteo* (6), *fazendo* os *seus riais acatamentos* [*as suas riais cortesias, reverências*].

(1) Júpiter. (2) Forma alatinada da Marte; «valoroso» = intrépido, como era próprio do deus da guerra. (3) Espalhou, aspergiu, borrifou; a cerimónia de aspergir significava saùdação, — aqui, a da despedida, a do encerramento do Concílio; «néctar» é o liquido aromático que a fábula dizia

fabricado no Olimpo, e com que os deuses eternizavam a vida; x, 4. (4) A forma reflexa, no sentido de «ausentar-se», é arcaica; os deuses partiram para as suas esferas [I, 72], para as regiões etéreas da órbita de cada um; aqui estão identificados os deuses com os astros que tem nomes semelhantes. (5) Resplandecente. (6) Via láctea; I, 20.

---

42 Em quanto isto se passa na fermosa
Casa etérea do Olimpo omnipotente,
Cortava o mar a gente bellicosa
Já lá da banda do Austro e do Oriente,
Entre a costa ethiópica e a famosa
Ilha de Sam Lourenço. E, o sol ardente
Queimava então os deuses que Tifeo
Co temor grande em peixes converteu.

Emquanto isto se passa na formosa casa etérea (1) *do omnipotente Olimpo* (2), cortava já o mar *a belicosa gente* portuguesa, estando *para lá da banda do Austro* [*ao Sul do equador*] *e* da banda *do Oriente* de África (3), *entre a costa etiópica* (4) *e a famosa ilha de S. Lourenço* (5); *e então* [*nesse mês*] *o ardente sol queimava* [*aquecia*] o signo do zodíaco que tem o nome de *os deuses, que Tifeu* (6), *com o grande temor, converteu em peixes.*

(1) Celeste, puríssima, transparente; fig. a região em que se tinha celebrado o concílio dos deuses; «éter» é a substância subtil que ocupa o espaço da atmosfera em que giram os astros. (2) Céu; fig. Júpiter. (3) As naus portuguesas sulcavam já o Oceano Índico naquela paragem chamada «o canal de Moçambique», quando se encerrou o concílio. (4) Os antigos denominavam «Etiópia» toda a região [parte da qual desconheciam] ao sul do Egipto. (5) A ilha de Madagáscar, denominada outrora «de S. Lourenço», segundo uns escritores por ter sido descoberta no dia do santo dêste nome, segundo outros, por ter sido descoberta

por Lourenço de Almeida (1506); o epiteto «famosa» justifica-se pela grandeza da ilha, excelência de produções, e relativa civilização dos habitantes [de raça árabe e amarela]; x, 137. (6) Deus secundário da mitologia, que estando em conversação com Vénus, e atemorizado com a aproximação de gigantes, para se livrar dêles os converteu em peixes; estes são identificados pelo Poeta com a constelação ou signo dos «peixes»; quando o sol se aproxima de cada uma das constelações, finge o Poeta que o calor «as queima»; a perífrase dos últimos dois versos significa estarem os navegantes no canal de Moçambique no mês de Março [em que o sol entra, segundo a linguagem usual, no signo dos peixes], quando acabou o concílio; vi, 13. A fábula dos peixes é contada de modos diversos pelos poetas; vi, 13; ix, 3.

---

43 Tam brandamente os ventos os levavam,
Como quem o ceo tinha por amigo;
Sereno o ar e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo.
O promontório Prasso ja passavam,
Na costa de Ethiópia, nome antigo,
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas ilhas, que em tôrno cerca e lava.

Os ventos levavam os navegantes *tam brandamente como quem tinha por amigo o céu* [*como pessoas de quem Deus era amigo*]. *O ar e os tempos mostravam-se serenos, sem nuvens, sem* inspirarem *receio de perigo;* os navegantes *passavam já, na costa da Etiópia* (1), *o promontorio Prasso* (2) — *nome antigo* — *quando o mar, descobrindo* (3) [*ficando descoberto, isto é, sem neblina*], *lhes mostrava novas ilhas* (4) *que* o mesmo mar, *em tôrno, cerca e lava.*

(1) África; i, 42. (2) Nome antigo duma das línguas

da terra que forma a baía de Tungue; hoje denomina-se Cabo Delgado, e demora por 10º 40' lat. sul; mas os navegantes estavam à vista da ilha de Moçambique no dia 1 de Março [1498] «e afastaram-se»; viraram na volta do mar, e pairaram até madrugada, vindo a entrar no canal das ilhas no dia imediato». O Poeta, identificando o cabo Prasso com o continente fronteiro à ilha de Moçambique, foi enganado por um êrro de cartografia da época, pois o «Promontorium Prassum» estava indevidamente marcado nos mapas geográficos em 15º de latitude, que é a de Moçambique. (3) O verbo aqui é intransitivo: cfr. a expressão «o sol descobriu». (4) A ilha de Moçambique e as ilhas próximas, a de Goa e a de S. Jorge; «novas» = outras, além das que antes tinham avistado [o princípio da viagem vem descrito no canto V].

---

44 Vasco da Gama, o forte capitão,
Que a tamanhas empresas se offerece
De soberbo e de altivo coração,
A quem fortuna sempre favorece,
Pera se aqui deter não vê razão,
Que inhabitada a terra lhe parece;
Por diante passar determinava,
Mas não lhe soccedeu como cuidava.

Vasco da Gama (1) — *o forte* (2) *capitão, que a tamanhas emprêsas se oferece, de soberbo* (3) *e altivo coração* [*oferecera-se com soberano e brioso ânimo*], e *a quem a fortuna sempre favorece* (4) — *não vê razão para se deter aqui* [*naquelas ilhas*], *que* [= *pois*] *a terra parece-lhe inabitada* (5) [*deserta*]; *e determinava passar por diante* dessa terra [*estava resolvido a não se deter ali*] *mas não lhe sucedeu* (6) *como cuidava* [*como imaginava*].

(1) Aqui pela primeira vez diz o Poeta o nome inteiro do grande navegador; depois, segundo o estilo poético, diz simplesmente «o Gama», ou por antonomásia «o forte capi-

*

tão». (2) Valoroso, resistente a grandes provações; freqüentemente se encontra o epíteto aplicado a portugueses [«a forte gente»] ou a varões ilustres [«Castro forte»]. (3) Soberano, excelente. (4) Modo indirecto de dizer que era ousado; segundo o prolóquio: a fortuna auxilia os audaciosos. (5) Razão havia para aquelas ilhas parecerem desabitadas: eram dois ilhéus e a ilha de Moçambique extremamente pequena. (6) Não lhe aconteceu realizar-se a sua intenção como imaginava; II, 70; III, 78.

---

45 Eis aparecem logo em companhia
Uns pequenos batéis, quem vem d'aquella
Que mais chegada á terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela:
A gente se alvoroça, e de alegria
Não sabe mais que olhar a causa d'ella:
«Que gente será esta?» em si deziam,
«Que costumes, que lei, que rei teriam?»

Quando o Gama determinava passar adiante, *eis* que *aparecem logo, em companhia* [= *próximos uns dos outros*], *uns pequenos báteis, que vem daquela* ilha (1) *que parecia mais chegada à terra* [*ao continente*]; êsses batéis *vinham cortando o longo* [= *extenso*] *mar com larga vela; a gente* [*a tripulação das naus*] *alvoroça-se* (2), *e, de alegria* [*por ficar muito alegre*], *não sabe mais que olhar* para *a causa dela* (3); *diziam* os portugueses *em si* [*no pensamento*]: «*que gente será esta? que costumes, que lei* [= *que religião*], *que rei teriam* êsses homens que vinham nos batéis?»

(1) A ilha mais próxima do continente é a de Moçambique, onde está a cidade, a antiga capital da província do mesmo nome. (2) Fica impressionada com o súbito e inesperado aparecimento dos batéis. (3) Não fazem outra cousa mais do que olhar para os barquinhos.

46 As embarcações eram na maneira
Mui veloces, estreitas e compridas;
As velas, com que vem, eram de esteira,
Dũas fôlhas de palma bem tecidas;
A gente da côr era verdadeira
Que Phaeton nas terras acendidas
Ao mundo deu, de ousado e não prudente —
O Pado o sabe, e Lampetusa o sente.

As embarcações eram, na maneira [*na forma, no feitio*] *estreitas e compridas* (1), por isso *mui velozes; as velas com que vem* [*vinham*] *eram de esteira* feita *dumas fôlhas de palma bem tecidas* (2), *a gente era da verdadeira côr* [= *verdadeiramente da côr*] *que ao mundo deu, nas terras acendidas, Faetonte* (3) — *de ousado e não prudente* [*por ser ousado e imprudente*]; *sabe-o o Pado* (4), *e sente-o* [*sentiu-o*] *Lampetusa* (5).

(1) «Zambucos» é o nome dessas embarcações de madeira liada e cosida com tamisa de cairo; à vela ou a remo deslizam rápidamente na água. (2) A palmeira, de cujas fôlhas se fabricam as esteiras que servem de velas, é uma espécie de *Borassus Aethiopum*. (3) Perífrase: a gente dos batéis era preta — a côr dos objectos queimados. Faetonte, tendo um dia a audácia de querer guiar o carro do Apolo [o sol], foi imprudente, aproximou-se demasiadamente da Terra, e ficaram várias regiões de África acendidas [abrasadas, queimadas]; I, 49; IV, 104. (4) O Pado sabe êsse caso de Faetonte; prosopopeia. Pado é o nome antigo do rio Pó [na Itália]; nesse rio foi cair Faetonte, quando, em castigo da sua ousadia e imprudência, o fulminou Júpiter com um raio. (5) As irmãs de Faetonte, uma das quais Lampetusa [V, 91], sentiram tanto, ficaram tam magoadas com a morte dêle, que choravam incessantemente, inspirando a piedade dos deuses; e estes, para pôrem termo a tal sofrimento, as converteram nos álamos e faias que marginavam êsse rio [Pado ou Pó].

«Faeton» pronuncia-se aqui Fa-e-ton; mas a pronúncia usual é Fáe-ton.

47 De panos de algodão vinham vestidos,
De várias côres, brancos e listrados;
Uns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados;
Da cinta pera cima vem despidos:
Por armas tem adargas e tarçados,
Com toucas na cabeça; e navegando
Anafis sonorosos vão tocando.

Os tripulantes dos batéis *vinham vestidos* [= cobertos] *de panos* (1) *de algodão brancos, e listrados de várias côres; uns trazem-nos cingidos derredor de si, os outros trazem-nos sobraçados em modo airoso; das cintas para cima vem despidos; por armas tem adargas* (2) *e terçados* (3); vem *com toucas* (4) *na cabeça; e, navegando* [*ao mesmo tempo que navegam*], *vão tocando sonorosos* (5) *anafis* (6).

(1) «Panos» é ainda hoje o nome dado ao vestuário do preto maometanizado, e consiste em dois retalhos de tecido, com 2 a 3 metros de extensão; um dêsses retalhos é cingido à cinta e pendente até o joelho, o outro é «sobraçado», i. é, pôsto sôbre um dos ombros e pendente, às vezes apanhado por baixo do outro ombro, com certa elegância [modo airoso], à semelhança de manta ou de capa. (2) Arma defensiva, espécie de escudo ou rodela [algumas feitas de pele de cavalo-marinho]; não se confunda com «adaga» que é uma espécie de punhal. (3) Espadas curtas. (4) O mesmo que «trunfas» ou «turbantes» — compridas faixas de tecido enroladas em volta da cabeça. (5) De som forte [I, 5; IX, 54; X, 128.] (6) Espécie de trombeta direita, comprida, usada pelos mouros.

48 Cos panos e cos braços acenavam
As gentes lusitanas, que esperassem;
Mas já as proas ligeiras se inclinavam
Pera que junto ás ilhas amainassem.
A gente e marinheiros trabalhavam,
Como se aqui os trabalhos s'acabassem;
Tomam vela, amaina-se a vêrga alta,
Da âncora o mar ferido encima salta.

Os pretos, *com os panos e com os braços, acenavam às gentes lusitanas, que esperassem; mas,* quando êles acenavam, *já as ligeiras proas* (1) *se inclinavam* [*já mudavam de rumo, de direcção*] *para que amainassem* (2) [*para irem fundear*] *junto às ilhas. A gente* de armas *e* os *marinheiros trabalhavam,* na manobra da mudança de rumo, *como se* os seus *trabalhos acabassem aqui* [*como se fôsse aqui o termo da viagem*]: *tomam velas* [*colhem-as, ou arriam-as*]; *amaina-se* [*é amainada*] *a* vela da *vêrga alta* (3); *o mar, ferido da* [= *pela*] *âncora, salta em cima* do convés (4).

(1) As proas das ligeiras [velozes] naus. (2) «Amainar» aqui é o verbo intransitivo «sossegar» e [fig.] «fundear»; no verso 7 é o verbo transitivo «colhêr as velas», para moderar o andamento. (3) «Vêrga» é a peça de madeira que cruza o mastro, onde se prende a vela chamada gávea. (4) O mar batido pela âncora, que se solta de repente, forma cachão, e espadanando a água vem molhar o convés [a coberta do navio].

49 Não eram ancorados, quando a gente
Estranha polas cordas já sobia;
No gesto ledos vem, e humanamente
O capitão sublime os recebia.
As mesas manda pôr em continente;
Do licor que Lieo prantado havia,
Enchem vasos de vidro; e do que deitam,
Os de Phaeton queimados nada engeitam.

Não eram [*não estavam*] *ancorados* ainda, os navios portugueses, *quando a estranha gente* (1) dos batéis *subia já pelas cordas*. Os pretos *vem ledos no gesto* [*alegres no semblante*]; *e o sublime* (2) *capitão recebia-os* [*recebe-os*] *humanamente* [*com benignidade*], *e em continente* [*em seguida*] *manda pôr as mesas* (3); *os* homens *queimados de* [= *por*] *Faetonte* (4) *enchem vasos de vidro do* [= *com o*] *licor* [*o líquido*] extraído do arbusto *que Lieu* (5) *havia plantado; e, do* líquido *que* nesses vasos *deitam, nada enjeitam* (6).

(1) De aspecto desusado para os portugueses. (2) Eminente, digno. (3) «Pôr a mesa» é expressão comum, que significa prepará-la, pondo-lhe o necessário para qualquer refeição. (4) Os queimados... os pretos [perífrase]; I, 46. (5) Um dos cognomes de Baco, a quem a fábula atribui a cultura da videira e o fabrico do vinho. (6) Nada desaproveitam do que haviam deitado nos copos; bebem até a última gota; I, 61.

---

50 Comendo alegremente perguntavam,
Pela arábica língua, «d'onde vinham?
Quem eram? de que terra? que buscavam?
Ou que partes do mar cofrido tinham?»
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas repostas que convinham:
«Os Portugueses somos do Occidente,
Imos buscando as terras do Oriente».

Ao mesmo tempo que estavam *comendo*, os pretos, *pela lingua arábica* (1) [*em lingua árabe*] *preguntavam* aos portugueses, *quem eram, donde vinham, de que terra eram, que* país *buscavam, ou que partes do mar tinham corrido. Os fortes portugueses tornavam-lhes* [*replicavam-lhes*] *as discretas* (2) *respostas que convinham;* as respostas eram: — «*Somos os Portugueses* das terras *do Ocidente, imos* (3) [= *vamos, andamos*] *buscando as terras do Oriente*».

(1) Os árabes, antes da descoberta de Moçambique pelos portugueses, haviam já feito migrações para aquelas paragens, e nelas os pretos maometanizados falavam já o árabe, ou o suaíle [árabe modificado], como ainda hoje; entre os portugueses havia intérpretes para essa lingua, que os mouros [os naturais de Marrocos, de Mauritânia ou Maurama] também muçulmanos falavam em Portugal; VII, 24. (2) Cautelosas, ditadas pela sagacidade dos portugueses, a quem preguntavam se os navios eram muçulmanos, ao que Vasco da Gama evitava responder claramente, prevendo a possibilidade de ter por inimigos os indígenas, quando soubessem que os navegantes eram cristãos. (3) Forma arcaica e ainda hoje popular do verbo «ir»; II, 80.

---

51 «Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Antártico, e Calisto,
Toda a costa africana rodeado,
Diversos ceos e terras temos visto.
D'um rei potente somos, tam amado,
Tam querido de todos e bem quisto,
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Acheronte.

«*Temos corrido e navegado toda a parte do mar Antártico* (1) [*do sul*] *e* do mar *de Calisto* (2) [*do*

norte], temos *rodeado toda* (3) *a costa africana; temos visto diversos céus e* diversas *terras; somos* vassalos *dum rei potente* [*poderoso*] *tam amado, tam querido e bemquisto de todos, que* por amor dêle *entraremos com leda fronte* [*com alegre semblante*] *não* sómente *no largo mar, mas* até *no lago de Aqueronte* (4) [*nas regiões da Morte*].

(1) Árctico: norte; I, 21. «Arcturo»: antárctico, o lado oposto, o sul. (2) Nome duma estrêla [da constelação chamada «Ursa», no polo norte] e nome duma filha de Licaon, rei da Arcádia, a qual teve de Júpiter um filho; Juno [a espôsa de Júpiter], de ciúmenta transformou-a em Ursa; mas o mesmo Júpiter pôs esta no Céu, convertida em estrêla; por isso «Calisto» aqui significa o Norte; aludiria o Poeta às viagens comerciais dos Portugueses ao mar do Norte, quando em 1294 foi celebrado o tratado entre el-rei D. Dinis e Eduardo I de Inglaterra. (3) Os portugueses tinham com efeito rodeado África percorrendo a costa ocidental, dobrando o Cabo da Boa Esperança e seguindo pela costa oriental. (4) Lago, no inferno, para onde o barqueiro Caronte levava as almas [ficção poética da mitologia]. Os navegantes davam a vida pelo seu rei; IV, 79; XX, 47.

---

52 «E por mandado seu buscando andamos
A terra oriental, que o Indo rega;
Por elle, o mar remoto navegamos
Que só dos feos focas se navega. —
Mas já razão parece que saibamos,
(Se entre vós a verdade não se nega,)
Quem sois? que terra é esta que habitais?
Ou se tendes da Índia alguns sinais?»

E, por mandado seu (1) [*por mandado do rei de Portugal*] *andamos buscando a terra Oriental que o Indo* (2) *rega; por êle* [*por amor dêle, do rei*] *na-*

egamos o remoto (3) *mar que só dos* [= *pelos*] *feios focas* (4) *se navega* [= *é navegado*]. *Porêm já parece* haver *razão* para *que saibamos* — *se* acaso *entre vós não se nega a verdade* (5) — *quem sois; que erra é esta que habitais; ou se tendes da Índia alguns sinais* (6).

(1) Em obediência ao «potente rei»; I, 51[5]. (2) Extenso io [2:600 quilómetros] formado pela reünião de cinco rios que percorrem [fig., regam] os vales de Panjabe, isto é, rande parte da Índia ou Indostão; I, 32. (3) Longínquo, onge da pátria. (4) As feias baleias; «focas» primitivamente era o nome dado aos corpulentos monstros marinhos que, egundo a mitologia, eram guardados e dirigidos por Proteu; neste sentido [monstros marinhos; I, 19] se deve entender fig.] aqui o vocábulo; pois «foca» é hoje denominação dum nimal anfíbio dos mares de Groenlândia e que tem patas urtas com cinco dedos unidos por membranas; aqueles mares eram então desconhecidos dos homens. (5) Se entre os há o costume de falar verdade. (6) Se tendes notícia e como se poderá encontrar a terra da Índia.

Na estância seguinte vem a resposta dos mouros.

---

53 «Somos, (um dos das ilhas lhe tornou,)
Estrangeiros na terra, lei e nação;
Que os próprios são aquelles que criou
A natura sem lei e sem razão.
Nós temos a lei certa que ensinou
O claro descendente de Abrahão,
Que agora tem do mundo o senhorio;
A mãi Hebrea teve, e o pai Gentio.

Um dos habitantes *das ilhas* de Moçambique *ornou-lhe* [*respondeu-lhe*]: *somos estrangeiros* [*esranhos*] *na terra* (1) que vêdes, somos estranhos *. lei* religiosa dos indígenas, (2) somos estranhos

na nação (3) [*somos doutra nação*]; *que* [= *porque*] *os próprios* [*os indígenas*] *são aqueles* cafres, (4) *que a Natura* [*natureza criou sem lei*] [= *sem religião*] *e sem razão* [= *sem entendimento, selvagens*]. *Nós temos a lei certa* [*a religião verdadeira*] (5) *que* Mafoma, *o claro* [*o ilustre*] *descendente de Abraão* (6) *ensinou êsse — que tem agora o senhorio do mundo* (7); [*que domina em todo o mundo*]; e que *teve a mãe hebrea* (8) [*a mãe dêle era hebrea*], *e o pai* era *gentio* [*idólatra, pagão*] (9).

(1) Não somos aqui nascidos. (2) Somos maometanos, e os naturais desta terra são idólatras. (3) Somos árabes, e êles são africanos. (4) «Cafres» [segundo Faria e Sousa é palavra árabe que significava «gente bestial y sin ley»], denominação genérica então dos pretos de África Oriental. (5) É um muçulmano que está falando e exprime a convicção da sua crença. (6) O patriarca das tribos hebreas, de quem descendeu Mafoma. (7) Está convencido o mouro de que a religião dominante é o islamismo, e de que o monarca mais poderoso é o Sultão da Turquia. (8) A mãe de Mafoma chamava-se Amina, e supunha-se ser de origem hebrea [judaica, israelita]. (9) Chamava-se Abdalá; diz-se também que os pais de Mafoma eram árabes puros; os hebreus, porém, eram poderosos nas terras de Islam, por isso a tradição vulgar supunha ser judia a mãe do apóstolo muçulmano.

---

54 «Esta ilha pequena, que habitamos,
É em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos,
De Quíloa, de Mombaça e de Sofala.
E, por ser necessária, procuramos,
Como próprios da terra, de habitá-la;
E porque tudo em fim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha Moçambique.

Esta pequena ilha que habitamos é, em toda esta

rra [*em toda esta região de África*] — *escala* (1) *rta de todos* nós [*árabes*] *que navegamos as ondas s mares*] *de Quíloa, de Mombaça e de Sofala* (2); *por ser*, esta ilha, *necessária* escala, *procuramos* 3) *habitá-la como próprios* [*como naturais e senho-s*] *da terra. E, porque* [= *para que*] *em fim tudo s notifique* [*tudo vos faça saber*], digo-vos que *a quena ilha se chama Moçambique.*

(1) «Escala» é pôrto intermédio entre aquele que princi-a e aquele em que termina a viagem dum navio; pôrto em e o navio toca para receber mantimentos ou água, ou dei-r parte da carga. (2) Os navios que iam de Quíloa e de mbaça para Sofala, [e vice-versa] faziam «escala» por çambique; Quíloa é cidade e ilha na costa do Zanguebar ° lat. sul] hoje pertencente ao protectorado germânico; mbaça, [4° lat. sul] povoação na mesma costa, era cidade ulenta e foi domínio português até fins do século XV; hoje tence ao protectorado britânico; Sofala, pôrto e vila na víncia de Moçambique [21° lat. sul]. (3) No texto «pro-rar de...»; caíu em desuso o emprêgo de tais verbos, ando um serve de auxiliar e outro está no modo infinitivo.

---

5 «E já que de tam longe navegais,
Buscando o indo Hidaspe e terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sàbiamente.
Também será bem feito que tenhais
Da terra algum refresco, e que o regente
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necessário vos proveja.»

E já que [= *visto que*] *de tam longe navegais* = *vindes de tam longe a navegar*], *buscando o Indo-daspe* (1), *e a ardente* (2) *terra* da Índia, *tereis i pilôto, por quem* para lá *sejais guiados sàbia-*

mente (3) *pelas ondas; também será bem feito* (4) *que tenhais algum refrêsco* (5) *da terra* de Moçambique, *e que o regente* (6) *que governa esta terra vos veja e vos proveja do mais necessário* [*e vos abasteça das mais cousas que vos sejam necessárias*].

(1) «Indo» [I, 32 e 52], sendo substantivo, exerce aqui a função de adjectivo para com «Hidaspe» [= índico Hidaspe]; êste é o nome que davam os antigos ao «Jelon» ou «Jelam», rio importante confluente do Indo [33° lat. norte] no Panjabe. (2) Por ser clima de elevada temperatura. (3) Com prudência e saber; guiados por pilotos que sabem o caminho naqueles mares e sabem do seu ofício. (4) Justo; I, 28. (5) «Refrêsco» é termo marítimo com que se designam os mantimentos, principalmente água e frutas, que os navios durante a viagem recebem nos portos em que tocam, para uso dos passageiros e tripulantes e não para comércio. (6) A autoridade [como se diria hoje]; essa autoridade entre os muçulmanos denominava-se: «cheque» em uns pontos; «sultão», em outros.

---

56 Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus batéis com toda a companhia;
Do capitão e gente se apartou
Com mostras de devida cortesia.
Nisto Febo nas águas encerrou
Co carro de cristal o claro dia,
Dando cargo á irmã que alumiasse
O largo mundo, em quanto repousasse.

Dizendo isto, o Mouro (1) [*o muçulmano*] *com toda a companhia* [*e mais a gente que o acompanhava*] *tornou-se* aos *seus batéis* [*voltou para os seus batéis*] e *apartou-se* [*despediu-se*] *do capitão português e* da *gente de* bordo *com mostras* [= *aparências*] *de devida cortesia. Nisto* [*nesta ocasião*], *Febo*

(2) [= *o sol*] *encerrou nas águas o claro dia* [*a cla-*
ridade do dia] *com o seu carro de cristal* (3) [*e mais*
o seu carro de cristal], *dando cargo à irmã*, [*orde-*
nando à irmã, a Febea, à Lua], *que alumiasse o lar-*
go Mundo, emquanto êle Febo *repousasse* nas águas
que alumiasse a terra durante a noite].

(1) «Mouro» literalmente é o habitante da Mauritânia;
por extensão, porém, se chamam mouros aos muçulmanos;
o Poeta geralmente emprega o vocábulo como substantivo;
pois para o adjectivo serve-se do vocábulo «Mauro». (2)
Denominação de Apolo, deus do sol e do dia. (3) Fingem os
poetas que Apolo [o sol] faz o seu trajecto num carro de
luz, cristalino, transparente; I, 4; IV, 101.

---

57 A noite se passou na lassa frota
Com estranha alegria e não cuidada,
Por acharem da terra tam remota
Nova, de tanto tempo desejada.
Qualquer então consigo cuida e nota
Na gente e na maneira desusada,
E como os que na errada seita creram,
Tanto por todo o mundo se estenderam.

Passou-se a noite na lassa frota (1) [= *entre os*
fatigados tripulantes da frota] *com alegria estranha*
[*extraordinária*] *e não cuidada* [= *inesperada*], *por*
acharem nova [*notícia*], *de* há *tanto tempo desejada,*
da tam remota (2) *terra da* Índia. *Qualquer* [= *cada*
um dos tripulantes] *cuida consigo* [*pensa, reflecte*] *e*
nota [*repara*] *na gente de* Moçambique, *e na desusada*
maneira dela, *e* cada qual reflecte *como os* homens
que creram na errada seita [*religião*] de Mafoma
se estenderam tanto por todo o mundo (3).

(1) Frota, significando [fig.] «os tripulantes das naus», é nome colectivo e sujeito do verbo «acharem». (2) Distante [de Portugal]. (3) Os navegantes conheciam os sectários de Mafoma, em Portugal e na Mauritânia, sabiam que a seita viera da Arábia; admiravam-se de que êles tivessem chegado até aquelas terras de África Oriental.

---

58 Da lũa os claros raios rutilavam
Pelas argênteas ondas neptuninas;
As estrellas os ceos acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas.
Os furiosos ventos repousavam
Polas covas escuras, peregrinas;
Porêm da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

Os claros raios (1) *da lua rutilavam* (2) *pelas* argênteas (3) *ondas neptuninas* (4); *as estrêlas acompanhavam* (5) *os céus, qual campo revestido de boninas* (6); *os furiosos ventos repousavam* (7) *pelas* (8) *covas escuras e peregrinas* (9); *porêm a gente da armada vigiava* (10) *como costumava por longo tempo* (11) [*havia muito tempo*].

(1) A brilhante luz. (2) Resplandeciam. (3) Prateadas. (4) Marítimas. (5) Adornavam a abóbada celeste. (6) Subentende-se «o céu assim estrelado era» qual [como, semelhante a] campo revestido de boninas [florinhas do campo]. (7) Os ventos, personificados [fig.] nas divindades mitológicas [Éolo, Bóreas, Austro; VI, 35]. (8) A preposição «por» contraída com o artigo denota, aqui, dispersão; alguns ventos descansavam em umas covas; outros, em outras. (9) Estranhas, desconhecidas dos homens, conhecidas só pelos ventos; segundo a mitologia, o vento, quando não soprava, é porque estava fechado em fundas cavernas. (10) Estava de vigia. (11) Havia muito tempo que a gente das naus por-

tuguesas estava alerta de noite, apesar de haver bom tempo; receando não só os perigos do mar, mas acautelando-se dalguma cilada da gente de terra.

59 Mas assi como a Aurora marchetada
Os fermosos cabellos espalhou
No ceo sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hiperiónio que acordou,
Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas e alegria
O regedor das ilhas, que partia.

Mas — assim como [= *logo que*] *a marchetada* (1) *Aurora* (2) *espalhou os formosos cabelos* (3) *no sereno céu, abrindo a roxa* (4) *entrada ao claro Hiperiónio* (5), *que acordou* [*que acordava*] — *começa toda a armada a embandeirar-se, e a adornar-se de alegres toldos* (6), *por* [= *para*] *receber, com festas e alegria, o Regedor das ilhas* (7), *que*, da praia, *partia* para vir a bordo das naus.

(1) Esmaltada, matizada. (2) A divindade [da mitologia grega] filha do titão Hiperiónio. (3) Finge-se que os raios de luz do alvorecér são os cabelos daquela divindade feminina. (4) Rubra, avermelhada. (5) Sol, divindade da mitologia grega; o epíteto de Periânio é do nome do pai: «De Hipérion [o que sobe ao céu] e de Teia [a claridade], do segundo casal de Titães, nasceram o Sol, a Lua e a Aurora». O Hipérion da mitologia grega é aqui personificado no Apolo da mitologia romana; recorda-se aqui a ficção de que Apolo estivera dormindo durante a noite [cfr. 56[8]] e acordava; portanto a perífrase dos primeiros quatro versos significa em linguagem vulgar: «logo que nasceu o sol»... (6) De côres claras, vivas, como azul, amarelo, vermelho. (7) O xeque, a autoridade moura de Moçambique.

60 Partia, alegremente navegando,
A ver as naos ligeiras lusitanas,
Com refrêsco da terra, em si cuidando
Que são aquellas gentes inhumanas
Que, os apousentos cáspios habitando,
A conquistar as terras asianas
Vieram e, por ordem do destino,
O império tomaram a Costantino.

O cheque *partia, navegando alegremente, a ver as ligeiras* (1) *naus lusitanas,* vindo *com refrêsco* (2) *da terra,* e *cuidando em si* (3) [= *imaginando*], *que* os homens dessas naus *são aquelas inhumanas* (4) *gentes, que, habitando os Cáspios aposentos* (5), *vieram a conquistar as terras Asianas* (6) *e que, por ordem do destino* (7), *tomaram* (8) *a Constantino* (9) *o* seu *Império.*

(1) De rápido andamento. (2) «Refrescos» é termo marítimo ainda hoje usado: os mantimentos, principalmente frutos e água, que os navios, durante a viagem, recebem nos portos em que tocam, para uso dos tripulantes e passageiros, e não para comércio. (3) Dizendo consigo, supondo. (4) Desumano, cruéis. (5) Quando habitavam nas regiões banhadas pelo mar Cáspio, e nas quais dominavam os turcos, quando estes invadiram a Índia. (6) Da Ásia. (7) Por fatalidade. (8) Conquistaram; no texto o sufixo *ão*, mas pretérito, como se escrevia naquele tempo. (9) Constantino XIII, o último imperador cristão do Oriente, e que sucumbiu defendendo Constantinopla contra Maomete II [1453].

A perífrase dos últimos seis versos resume-se nisto: «o xeque de Moçambique imaginava que os navios eram de gente da Turquia, gente da religião muçulmana, como êle era».

61 Recebe o capitão alegremente
O Mouro e toda sua companhia;
Dá-lhe de ricas peças um presente,
Que só pera êste effeito já trazia;
Dá-lhe conserva doce, e dá-lhe o ardente
Não usado licor, que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come e bebe.

O capitão (1) *recebe alegremente o Mouro* (2) *e toda a sua companhia* (3); *dá-lhe um presente de ricas peças* (4), *que trazia já, para êsse efeito sòmente; dá-lhe conserva doce* (5), *e dá-lhe o ardente licor* (6) *que dá alegria* e que *não* era *usado* pelos maometanos (7): *o Mouro recebe tudo, bem contente; e, muito mais contente, come e bebe.*

(1) Vasco da Gama. (2) O xeque de Moçambique. (3) Comitiva. (4) Ricos objectos de várias espécies, e que, segundo Castanheda, eram marlotas [capas mouriscas], chapéus, bacias de latão, corais e cascavéis. (5) Doces de frutas. (6) Apesar do epíteto «ardente» entende-se que êsse licor [= liquido] é o vinho, ao qual os clássicos latinos davam êsse mesmo epíteto. (7) A religião do Islam proíbe aos maometanos o uso do vinho [I, 49].

---

62 Está a gente marítima de Luso
Subida pela exárcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo e uso,
E a linguagem tam bárbara e enleada.
Também o Mouro astuto está confuso,
Olhando a côr, o trajo e a forte armada;
E perguntando tudo, lhe dezia,
Se porventura vinham de Turquia?

*

A gente marítima de Luso (1), *de admirada* (2), *está subida pela enxárcia* (3) *notando o estrangeiro* (4) *modo e* o estrangeiro *uso* (5), *e a linguagem tam bárbara* (6) *e* tam *enleada* (7) da gente da comitiva. *O astuto* (8) *Mouro também está confuso, olhando* (9) *a côr* (10) dos portugueses, *o trajo* dêstes, *e a forte armada; e, preguntando tudo* (11), *dizia-lhe* [*a Vasco da Gama*], *se porventura* os navios *vinham da Turquia?* (12).

(1) Os marinheiros portugueses. (2) Aqui, a preposição está mostrando causa: o motivo de subirem os marinheiros as enxárcias era a admiração dos trajes, etc., da gente de Moçambique; dispersos lá em cima, nas enxárcias, observavam melhor do que agrupando-se em volta da mesma gente — o que também por disciplina lhes não seria permitido, estando os visitantes junto do capitão. (3) Enfrechadura; os cabos que, em forma de escada, prendem os mastros ao casco do navio. (4) Estranho, desusado. (5) Trajo. (6) Pode significar «rude» ou «desconhecida» [dos portugueses]. (7) Embaraçada, ininteligível; seria, naturalmente a linguagem dos macuas [dos indígenas] e não a língua mauritana; esta, que em Portugal não era estranha nessa época, não devia aos nossos causar admiração. (8) Manhoso, ardiloso. (9) Contemplando, observando; neste sentido, o verbo é transitivo. (10) O xeque de Moçambique admira-se de ver ali marinheiros brancos. (11) Inquirindo tudo, fazendo preguntas a respeito de tudo que via. (12) O império otomano [que naquela época chegava ao auge da sua grandeza; I, 8; II, 46].

---

63 E mais lhe diz também que ver deseja
Os livros de sua lei, preceito ou fé,
Pera ver se conforme á sua seja,
Ou se são dos de Christo, como crê.
E porque tudo note e tudo veja,
Ao capitão pedia que lhe dê
Mostra das fortes armas de que usavam
Quando cos inimigos pelejavam.

E diz-lhe mais [*o xeque ou sultão, a Vasco da Gama*]: *que deseja também ver os livros de sua lei, preceito ou fé* (1), *para ver se* esta *seja* (2) [*é*] *conforme à sua, ou se* êles navegantes *são* do número *dos* que seguem a religião *de Cristo, como* êle *crê* [*supõe*]; *e, porque* [*para que*] *tudo note e tudo veja* (3), *pedia* [*pede*] *ao capitão que lhe dê mostra das* (4) *fortes armas de que usavam* os portugueses *quando pelejavam com os inimigos.*

(1) Religião, doutrina ou crença: os três vocábulos, aqui, todos significam «religião» [sinonímia]. (2) Arcaísmo [o subjuntivo pelo indicativo]. (3) E, para tudo observar e tudo ver... (4) Pede que lhe mostre as... [arcaico.]

É facto histórico haver o sultão ou xeque de Moçambique, pedido a Vasco da Gama que lhe mostrasse os livros da sua religião e as armas de que usava a sua gente na guerra [cfr. Castanheda, cap. VI, e Damião de Gois, cap. XXVII]; mas o xeque já sabia que os viajantes eram portugueses e vinham do Ocidente [est. 50]; e, como era «astuto» [cfr. I, 62] insistia na pregunta «se vinham da Turquia, e qual era a sua religião», para se certificar bem, se eram muçulmanos ou não, e dêsse modo avaliar das intenções dos mesmos navegantes, porque naquelas paragens eram já conhecidas as embarcações dos turcos vindas do Mar Vermelho.

---

64 Respondeu o valeroso capitão,
Por um que a língua escura bem sabia:
«Dar-te-hei, senhor illustre, relação
De mi, da lei, das armas que trazia.
Nem sou da terra, nem da geração
Das gentes enojosas de Turquia;
Mas sou da forte Europa bellicosa:
Busco as terras da India tam famosa.

O valoroso Capitão, por um [*por intermédio de*

um] intérprete *que sabia bem a escura* (1) *língua, responde: — Ilustre senhor, dar-te hei relação de mim, da* minha *lei* (2), *das armas que trago* (3); *nem sou da terra, nem da geração das enojosas* (4) *gentes da Turquia; mas sou da forte Europa* (5) *belicosa* (6): *busco as terras da tam famosa* (7) *Índia.*

(1) Obscura; as preguntas seriam provávelmente feitas em árabe corrupto com o vocabulário indígena: o árabe, a êsse tempo, era conhecido dos portugueses; mas corrompido, difícil seria de compreender. (2) Religião. (3) No texto «trazia» [arcaico; I, 36, «levantava», variação de tempo do verbo, por licença poética, e o dizer costumado dos romances antigos]. (4) Odiosas; os turcos e os mouros eram muçulmanos, mas, como invasores, exerciam domínio odioso sôbre os próprios povos cuja religião haviam adoptado; por isso o epiteto «enojosas» não deve tomar-se como falta de cortesia de Vasco da Gama para com o xeque, mas sim expressão que deveria ser-lhe lisonjeira. (5) Naquela época, os turcos não eram considerados europeus [cfr. Cáspios, I, 60]; se Portugal, pequeno país, não fôsse conhecido naquelas paragens, sê-lo-ia a Europa; por isso o Poeta põe na bôca de Vasco da Gama a declaração de ser da Europa; já antes dissera ser português. (6) Habitada por gente guerreira. (7) Afamada [pelas suas riquezas e magnificência].

---

65 «A lei tenho d'aquelle a cujo império
Obedece o visíbil e invisíbil,
Aquelle que criou todo o hemisphério,
Tudo o que sente, e todo o insensíbil;
Que padeceu deshonra e vitupério,
Sofrendo morte injusta e insufríbil;
E que do ceo á terra em fim deceu,
Por sobir os mortais da terra ao ceo.

Tenho a lei [*a religião*] *daquele* Ente *a cujo império* (1) *obedece o visivel e o invisivel* (2) — o que

é *Aquele que criou todo o hemisfério* (3), e que criou *tudo o que sente e todo o insensível* (4); aquele Ente *que padeceu desonra e vitupério* (5), *sofrendo injusta e insofrível morte, e que, emfim, desceu* (6) *do céu à terra, para subir* [= *elevar*], *da terra ao céu, os mortais* (7).

(1) Vontade, autoridade. (2) O que os homens vêem, e o que existe mas que êles não podem ver. (3) Todas as esferas, todo o universo [a parte pelo todo, o singular pelo plural]. (4) Todos os seres animados, e todas cousas inanimadas. (5) Aviltamento; referência aos afrontosos martírios de Jesus Cristo. (6) Note-se a rima «deceu» e «Céu», palavras em que o som do *e* não é hoje idêntico. (7) Os homens; referência ao credo apostólico romano, segundo o qual Deus veio à terra, e, consubstanciado em Jesus Cristo, sofreu martírios e morte para salvar do pecado original a humanidade.

---

66 «D'êste Deus-homem, alto e infinito,
Os livros, que tu pedes, não trazia;
Que bem posso escusar trazer escripto
Em papel o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tens dito,
Comprido êsse desejo te seria:
Como amigo as verás, porque eu me obrigo
Que nunca as queiras ver como inimigo.»

Não trago (1) *os livros, que tu pedes, dêste alto* (2) *e infinito Deus-homem; que* [= *pois*] *posso bem escusar trazer escrito em papel o que deve andar na alma. Se queres, como tens dito, ver as* nossas *armas, êsse desejo te será cumprido; como amigo, as verás; porque eu obrigo-me* (3) a *que nunca as queiras ver como inimigo.*

(1) No texto «trazia»; sôbre a variação do tempo dos verbos: I, 36, 64. (2) Superior, poderoso. (3) «Obrigar-se a» = «prometer», como quem tem a certeza de cumprir a promessa; equivale a dizer: «asseguro-te que, se te portares como inimigo, hás-de ficar escarmentado, e fugir das nossas armas».

A grandiosa majestade desta estância e da anterior atestam bem vivamente não só a intensa fé religiosa que iluminava o Poeta, mas ao mesmo tempo a sua índole em extremo corajosa.

---

67 Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras;
Vem arneses e peitos reluzentes,
Malhas finas e lâminas seguras;
Escudos de pinturas differentes,
Pilouros, espingardas de aço puras,
Arcos e sagittíferas aljavas;
Partasanas agudas, chuças bravas;

Dizendo isto, Vasco da Gama *manda os diligentes* (1) *ministros* (2) *amostrar as armaduras* (3); *vem* [= *são trazidos*] *arneses* (4) *e peitos* (5) *reluzentes, malhas* (6) *finas e lâminas* (7) *seguras* (8), *escudos* (9) *de diferentes pinturas, pelouros* (10), *espingardas de aço puro* (11), *arcos e aljavas* (12) *sagitíferas* (13), *agudas partazanas* (14), *bravas* (15) *chuças* (16);

(1) Prontos em obedecer. (2) Moços, grumetes, como se diria hoje; «ministros» está aqui na acepção primitiva de «servo», aquele que está incumbido de um serviço. (3) O conjunto das peças metálicas que usavam os guerreiros para proteger o corpo. (4) Peças da armadura que defendiam o tronco do guerreiro. (5) As peças de aço polido [por isso reluzentes] que defendiam o peito. (6) As chamadas «saias de malha»; espécie de camisa feita de pequenos anéis de ferro. (7) Vestidura de coiro, que chegava quási ao joelho

e guarnecida de lâminas ou pequenas chapas metálicas, sobrepostas como escamas de peixe. (8) Rijas, de boa têmpera. (9) Arma defensiva que se enfiava no braço e na qual se pintavam armas, emblemas, símbolos, divisas, etc. (10) Balas de arcabuz ou espinguarda. (11) No texto «espingardas de aço puras», imitando a sintaxe latina [para satisfazer à rima]; advirta-se que por hipérbole diz o Poeta serem de aço puro para significar que eram armas de boa têmpera. (12) Bôlsa, coldre ou carcaz onde se traziam as setas. (13) Cheias de setas [latinismo]. (14) Alabardas antigas; consistiam numa haste de pau, tendo no extremo uma lâmina de ferro aguçada e longa, atravessada por outra em forma de meia-lua. (15) Rijas [fig.]. (16) Hoje «chuços»; haste de pau com uma simples choupa [ferro mais largo do que o das lanças].

---

68 As bombas vem de fogo, e juntamente
As panellas sulfúreas, tam danosas;
Porém aos de Vulcano não consente
Que dem fogo ás bombardas temerosas —
Porque o generoso ânimo e valente,
Entre gentes tam poucas e medrosas,
Não mostra quanto póde, e com razão,
Que é fraqueza entre ovelhas ser lião.

Vem [= *são trazidas*] *as bombas de fogo* (1), *e juntamente as panelas sulfúreas* (2) *tam danosas* (3); *porém* Vasco da Gama *não consente aos* Ciclopes *de Vulcano* (4) [= *aos artilheiros*], *que dêem fogo às temerosas* (5) *bombardas* (6); *porque o generoso e valente ânimo de* Capitão *não mostra quanto pode entre tam poucas e* tam *medrosas gentes* (7); *e com razão* o não mostra, *que* [= *porque*] *é fraqueza ser leão entre ovelhas* (8).

(1) Balas ôcas de ferro, atacadas de pólvora e metralha, e que se lançavam das bombardas. (2) Panelas cheias de enxôfre que se arremessavam, depois dêste aquecido até

estar candente. (3) Que produzem tanto estrago. (4) Os gigantes da fábula que forjavam os raios sob as ordens de Vulcano, o deus da guerra; [elipse e metonímia, para designar os artilheiros ou bombardeiros]. (5) Terríveis. (6) Morteiros ou canhões curtos. (7) Vasco da Gama tem sentimentos tam elevados que não quere fazer alarde da sua fôrça diante daquela pouca e medrosa gente; não os faz assustar com o ruído da artilharia. (8) É cobardia usar de violências contra quem não há meio de se defender nem de resistir.

---

69 Porém d'isto que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que viu com ôlho atento,
Um ódio certo na alma lhe ficou,
Ua vontade má de pensamento.
Nas mostras e no gesto o não mostrou;
Mas com risonho e ledo fingimento
Tratá-los brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.

Disto [= *em conseqüência disto*) *que o Mouro aqui notou* [= *observou*], *e de tudo quanto viu com ôlho atento, ficou-lhe na alma um certo ódio*, ficou-lhe *uma má vontade de pensamento; nas mostras* [= *nas maneiras*] *e no gesto* [= *no semblante*] *não o mostrou; mas, com risonho e ledo* (1) *fingimento, determina* [= *resolve*] *tratá-los*, aos portugueses, *brandamente, até que possa mostrar* [= *patentear*] *o que imagina* [*o que tem no pensamento*] (2).

(1) Alegre; com fingimento de alegria, com fingidos sorrisos. (2) O xeque toma a resolução de tratar os portugueses com maneiras afáveis, até haver oportunidade de pôr em prática a traição que premedita; talvez soubesse de tradição que os portugueses eram o flagelo dos mouros na península hispânica e na Mauritânia.

Note-se a repetição do vocábulo em três formas [« mostras, mostrou, mostrar »], a qual parece intencional, para acentuar a doblez do xeque.

70 Pilotos lhe pedia o capitão,
Por quem podesse á India ser levado;
Diz-lhe que largo prémio levarão
Do trabalho que nisso for tomado.
Promete-lh'os o Mouro, com tenção
De peito venenoso e tam danado,
Que a morte, se podesse, neste dia,
Em lugar de pilotos lhe daria.

O Capitão pedia-lhe pilotos (1), *por quem pudesse ser levado à India; diz-lhe que tais* pilotos *levarão* [= *receberão*] *o largo prémio* (2) *do trabalho que nisso fôr tomado. O Mouro promete-lhos com tenção* [= *intenção*] *de tam venenoso e danado peito* (3), *que, se pudesse, neste dia* (4) *lhe daria a morte em lugar de pilotos.*

(1) Aqui está na acepção de «marítimo que tem particular estudo e conhecimento duma barra, dum canal ou de certa porção de mar». (2) O pagamento que estivesse em proporção do tempo de serviço que se lhes tomasse, pois êsse pagamento seria avultado. (3) Coração ruim, pérfido. (4) Nesse mesmo dia.

---

71 Tamanho o ódio foi, e a má vontade
Que aos estrangeiros súpito tomou,
Sabendo ser sequaces da verdade
Que o filho de David nos ensinou!
Ó segredos d'aquella eternidade,
A quem juízo algum não alcançou!
Que nunca falte um pérfido inimigo
A aquelles de quem foste tanto amigo!

Tamanho (1) *foi o ódio e a má vontade que o*

Xeque *tomou súbito* [= *repentinamente*] *aos estrangeiros* (2), *sabendo serem* êles *sequazes da verdade* (3) *que nos ensinou o filho de David!* (4) O que são *os segredos daquela Eternidade* [= *Deus Eterno*] *a quem, nunca, juízo algum alcançou!* Um dêsses segredos é *que nunca falte um inimigo pérfido àqueles de quem* ó Cristo *foste tanto* [= *tam*] *amigo!* (5).

(1) Tam grande; advirta-se que a oração formada pelos quatro primeiros versos é correlata e explicativa da última da estância precedente: o xeque desejara logo ali a morte dos portugueses, em conseqüência do grande ódio que lhes tomou quando soube serem cristãos; é preciso, na recitação, fazer sentir pelo abaixamento da voz, que êsses quatro versos são a conclusão do pensamento expresso nos últimos da estância anterior. (2) Aos portugueses, que eram «estrangeiros» para a gente de Moçambique. (3) Crentes nas verdades... (4) «Cristo» é chamado o filho de David no Evangelho; filho na acepção de descendente; «David», o profeta; rei de Israel [1040-1016 A. C.] (5) Esta apóstrofe recorda o pensamento expresso na estância VII, em que se diz que a família portuguesa é «amada de Cristo». Na apóstrofe o Poeta interrompe a narrativa, dirigindo-se à Divindade.

---

72 Partiu-se nisto em fim coa companhia
Das naos o falso Mouro despedido,
Com enganosa e grande cortesia,
Com gesto ledo a todos e fingido.
Cortaram os batéis a curta via
Das águas de Neptuno; e recebido
Na terra do obseqüente ajuntamento,
Se foi o Mouro ao cógnito aposento.

Nisto (1), *em fim, partiu-se* (2) *das naus o falso* (3) *Mouro com a* sua *companhia* [= *comitiva*], ten-

do-se *despedido com grande e* [= *mas*] *enganosa cortesia e com gesto* (4) *ledo* (5) *a todos* [*para todos*] *e fingido* [= *mas fingidamente ledo*]. *Os batéis cortavam* (6) *a curta via* (7) *das águas de Neptuno* (8), *e o Mouro*, sendo, *na terra*, *recebido*, *do obseqüente* (9) *ajuntamento* (10) [*pelo submisso povo*], *foi-se ao* seu *cógnito* (11) *aposento* (12).

(1) Depois disto; depois do Mouro fazer a promessa dos pilotos. (2) Separou-se, ausentou-se, partiu. (3) Refalsado, pérfido. (4) Semblante. (5) Alegre. (6) Atravessavam. (7) Caminho. (8) Das águas do mar; Neptuno, o rei dos mares; os batéis atravessaram o pequeno espaço que separava as naus do litoral; «cortar o mar» é expressão freqüentemente usada pelo Poeta, pela semelhança do «cortar a terra com o arado», porque as embarcações, em andamento, deixam atrás de si um rasto, que dura pouco, é verdade, mas que tem parecença com o sulco formado pelo arado. (9) Pode significar «obsequioso» ou «submisso, complacente». (10) Os mouros reünidos [na praia]; cfr. na estância seguinte «lusitano ajuntamento». (11) Conhecido [«cógnito» é latinismo]. (12) Morada; I, 41, 60.

---

73 Do claro assento etéreo, o gram Tebano,
Que da paternal coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento lusitano
Ao Mouro ser molesto e avorrecido,
No pensamento cuida um falso engano,
Com que seja de todo destruído.
E em quanto isto só na alma imaginava,
Consigo estas palavras praticava:

O grande Tebano (1), *que da paternal coxa* (2) *foi nascido* — *olhando* [= *vendo*], lá *do claro assento etéreo* (3), *ser*, *o ajuntamento lusitano* (4), *molesto e aborrecido* [*incómodo e odioso*] *ao Mouro* — *cui-*

da (5) *no pensamento* [= *premedita*] *um falso engano* [= *uma pérfida traição*], *com que* êsse ajuntamento *seja destruído de todo; e — enquanto isto imaginava só na alma — praticava* (6) [= *dizia*] *consigo estas palavras:*

(1) Epíteto de Baco, porque sua mãe [Semele] era de Tebas, hoje cidade da Grécia. (2) A fábula inventara que Júpiter, resolvido a matar Semele, que estava grávida dêle, mas não querendo matar-lhe o feto, tirou-lhe êste do ventre, e meteu-o na própria coxa, onde o conservou até se completar o período da gestação; estando assim a criança, que veio a ser Baco, uma parte do tempo no ventre de Semele, e outra na coxa do pai; donde veio a dizer-se também que era filho de duas mães e que nascera duas vezes. Esta fábula é contada pelos Poetas de modos diversos. (3) Ilustre morada celeste. (4) O agrupamento dos portugueses [das naus]. (5) O verbo, nesta acepção de «excogitar, meditar», é transitivo. (6) Conversava [de «prática», conversação].

---

74 «Está do fado já determinado,
Que tamanhas victórias tam famosas,
Hajam os Portugueses alcançado
Das indianas gentes bellicosas.
E eu só, filho do padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei de sofrer, que o fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?

Do [= *pelo*] (1) *fado* (2) *está já determinado, que os portugueses hajam de alcançar* (3) *tamanhas e tam famosas* (4) *vitórias das* [= *contra as*] *belicosas* (5) *gentes indianas; e só eu*, que sou *filho do sublimado Padre* (6), eu, *com tantas qualidades ge-*

nerosas — hei-de sofrer que o Fado favoreça outrem, por quem [= *por causa de quem*] *se escureça o meu nome?* (7)

(1) No texto «do» [arcaico]; a preposição «de» empregava-se precedendo o agente nas orações de verbo passivo. (2) Destino, nome duma divindade de mitologia grega; I, 24, 28, 31, etc. (3) No texto «hajam alcançado»; ênfase, dando como realizado um acontecimento que dependia do futuro, mas que tinha sido anunciado por Júpiter; I, 28. (4) Afamadas, célebres. (5) Aguerridas. (6) Poderoso Júpiter [cognominado pai dos deuses]; o epíteto de «pai», dado também algumas vezes a Baco, significando nobreza, superioridade; I, 22, 30, 38, 40, etc. (7) Baco revela novamente a impaciência de ver que o destino favorece a emprêsa dos portugueses, e em resultado de tal favor ficará esquecido ou escurecido o renome que êle tivera na Índia; I, 31, 32.

---

75 «Já quiseram os deuses que tivesse
O filho de Filipo nesta parte
Tanto poder que tudo sometesse
Debaixo do seu jugo o fero Marte.
Mas há-se de soffrer que o Fado desse
A tam poucos tamanho esfôrço e arte,
Qu'eu co gram Macedónio e o Romano,
Demos lugar ao nome lusitano?

Os Deuses quiseram já que Alexandre (1), *o filho de Filipe, tivesse nesta parte* do mundo [*na Índia*], *tanto poder, que o fero* (2) *Marte* (3) *submetesse tudo debaixo do seu jugo* [*do jugo de Alexandre*]; *mas há-de sofrer-se que o Fado* (4) *desse, a tam poucos* homens (5), *esfôrço e arte* (6) tam grandes, *que eu — com o* [= *mais o*] *grande Macedónio* (7), *e* com o [*e também o*] *Romano* (8) *demos lugar ao nome Lusitano?* (9)

(1) Alexandre Magno [356-323], filho de Filipe, rei da Macedónia [I, 3]; obteve grandes vitórias na Ásia, chegando até o Indo. (2) Altivo. (3) O deus da guerra. (4) Cfr. estância precedente. (5) Aos portugueses: poucos os da armada; poucos os habitantes de Portugal, pequeno país. (6) Coragem e sciência militar. (7) Epíteto de Alexandre, antonomásia. (8) Também por antonomásia, Trajano, imperador romano [98-117 A. C.] que subjugou o império parto, quando êste se estendia desde o mar Cáspio até o Indo e ao Eufrates. (9) Repetição do pensamento expresso na estância precedente: a idea de que o nome dos varões portugueses havia de escurecer a fama de Baco e de Alexandre e Trajano.

---

76 «Não será assi; porque antes que chegado
Seja êste capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado
Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu decerei á terra, e o indignado
Peito revolverei da maura gente,
Porque sempre por via irá dereita,
Quem do oportuno tempo se aproveita.»

«*Não será assim* (1), *porque, antes que êste Capitão seja chegado* (2) *à* Índia, *ser-lhe há fabricado tanto engano* (3), *que nunca veja as partes do Oriente. Eu descerei à terra, e revolverei o indignado peito* (4) *da maura gente* (5); *porque, quem se aproveita do oportuno tempo* (6), *irá sempre por via direita* (7)».

(1) Baco, falando consigo, responde às suas próprias preguntas, como quem toma uma resolução. (2) Hoje dir-se-ia «tinha chegado»: os antigos conjugavam pela voz passiva, e não pela activa, os verbos intransitivos de movimento. (3) Ser-lhe há tramada tamanha cilada [preparada lentamen-

te com premeditações e artifício]. (4) Excitarei o ânimo indignado. (5) Dos mouros. (6) Quem se aproveita das ocasiões. (7) Consegue os seus fins; a ocasião era boa, porque estavam os mouros irritados contra os portugueses; fácil era, portanto, aproveitar a má disposição de ânimo do xeque de Moçambique para o acirrar e para conseguir que êle destruísse a armada, estorvando-lhe assim o descobrimento da Índia.

---

77 Isto dizendo irado, e quási insano,
Sôbre a terra africana descendeu,
Onde, vestindo a forma e gesto humano,
Para o Prasso sabido se moveu.
E, por milhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteu
D'um Mouro em Moçambique conhecido,
Velho, sábio, e c'o xeque mui valido.

Dizendo isto, Baco, *irado e quási insano* (1), *desceu* (2) *sôbre a terra africana, onde, vestindo a forma e gesto humano* (3) *se moveu para o sabido Prasso* (4); *e, por* [= *para*] *melhor tecer o astuto engano* (5), *converteu-se* (6) *no gesto natural dum velho* e *sábio mouro, conhecido em Moçambique,* e *mui valido com o* [= *do*] *Xeque* (7).

(1) Quási louco, porque a ira é como que um princípio de loucura. (2) No texto «descendeu» [latim *descendere*, donde se formou «descender», forma conservada ainda, mas só para designar a seqüência das gerações]. (3) Disfarçado com rosto de homem. (4) Partiu para o conhecido Prasso; entende-se aqui «para Moçambique»; I, 43. (5) A pérfida cilada. (6) Disfarçou-se de modo tal, que o rosto era exactamente o do mouro. (7) Esse velho privava com o xeque,

estava por isso em situação de o poder aconselhar; «valido com...» é forma arcaica; «xeque» era autoridade administrativa e judicial entre os mouros, espécie de governador.

---

78 E, entrando assi a falar-lhe, a tempo e horas
A sua falsidade acomodadas,
Lhe diz, como eram gentes roubadoras,
Estas que ora de novo são chegadas;
Que, das nações na costa moradoras,
Correndo a fama veio, que roubadas
Foram por estes homens que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam.

E entrando [= *começando*] *assim* (1) *a falar-lhe* [ao Xeque] *a tempo e horas acomodadas à sua falsidade* [*próprias, adequadas à sua perfídia*], Baco *diz-lhe como* [= *diz-lhe que*] *estas gentes, que ora de novo são chegadas* [*acabadas de chegar*], *eram roubadoras* [*piratas*]; diz-lhe *que, das nações moradoras na costa* (2) *vem correndo a fama* de *que foram* [*de terem sido*] *roubadas por estes homens que passavam* nas naus, e *que sempre ancoravam com pactos de paz* (3).

(1) Dêste modo, assim disfarçado. (2) Dos povos da costa; a mentira era flagrante; as naus só haviam tocado no rio dos Bons Sinais — Quelimane, onde os habitantes deram aos portugueses demonstrações «aprazíveis e jucundas»; v, 79. (3) Sempre se apresentavam nos portos, quando fundeavam, com aparências pacíficas.

---

79 «E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho d'estes Christãos sanguinolentos,
Que quási todo o mar tem destruído
Com roubos, com incêndios violentos,
E trazem já de longe engano urdido
Contra nós; e que todos seus intentos
São pera nos matarem e roubarem,
E molheres e filhos captivarem.

«*E sabe mais — diz-lhe* Baco — *como tenho entendido* [*que tenho ouvido contar*] a respeito *dêstes sanguinolentos* (1) *cristãos; que* êles *tem destruído quási todo o mar* [*quási todas as embarcações que encontram no mar*] *com roubos, com violentos incêndios, e já de longe* [*há muito tempo, já*] *trazem engano urdido* (2) *contra nós;* e sabe *que todos* os *seus intentos* (3) *são para nos matarem e roubarem, e cativarem* (4) nossas *mulheres e filhos.*

(1) Sanguinários, cruéis. (2) Traição premeditada. (3) Intenções. (4) Escravizarem; tornarem cativas as mulheres e os filhos para os venderem como escravos.

---

80 «E também sei que tem determinado
De vir por água a terra muito cedo
O capitão, dos seus acompanhado;
Que da tenção danada nasce o mêdo.
Tu deves de ir também cos teus armado
Esperá-lo em cilada, occulto e quedo;
Porque, saindo a gente descuidada,
Cairão fácilmente na cilada.

«*E também sei, que o Capitão* (1) *tem determinado* (2) *vir muito cedo a terra, acompanhado dos*

seus (3) marinheiros *por* [*para*] levar *água* para os navios; vem acompanhado, *que* [*porque*] *o mêdo nasce da danada tenção* (4). *Tu deves ir, também, com os teus* homens, *armado, oculto e quedo, esperá-lo em cilada* (5); *porque, saindo a gente* portuguesa dos barcos *descuidada*, o Capitão e os marinheiros *cairão fácilmente na cilada*.

(1) Vasco da Gama. (2) No texto «determinar de vir, dever de ir» [arcaísmo]: a preposição *de* é desusada hoje nestes verbos seguidos de infinitivo. (3) Da sua gente; subentende-se «soldados», «homens, marinheiros, etc.». (4) Malévolo intento; o pensamento do verso 6 encontra-se mais desenvolvido no canto II, est. 9, «onde reina a malícia, etc.»; aqui o traidor atribui ao capitão a intenção que êle próprio tinha, e pretende convencer o xeque de que Vasco da Gama viria cedo e viria acompanhado com mêdo de ser visto e de ser atacado. (5) A significação própria de «cilada» é «lugar encoberto junto do caminho» [pelo qual havia de passar a gente portuguesa quando fôsse buscar água]; por extensão é que «cilada» significa «armadilha», qualquer artifício astucioso para fazer dano a alguem.

---

81 «E, se inda não ficarem d'êste geito
Destruídos ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito
Outra manha, e ardil que te contente:
Manda-lhe dar pilôto, que de geito
Seja, astuto no engano, e tam prudente
Que os leve aonde sejam destruídos,
Desbaratados, mortos ou perdidos.»

«*E, se* os navegantes *ainda não ficarem dêste jeito* (1) *mortos ou totalmente destruídos, eu tenho imaginado no conceito* (2) *outra manha* (3) *e* outro

ardil (4), *que te contente* (5): o ardil é êste: *manda-lhes* tu *dar pilôto que seja astuto* (6) *no engano* (7), *de* tal *jeito e tam prudente, que os leve aonde sejam destruídos, desbaratados, mortos* (8), *ou perdidos*.

(1) Dêste modo. (2) No pensamento: pleonasmo, ênfase, para produzir maior convencimento, porque a palavra «imaginada» dizia o bastante para Baco ser compreendido. (3) Habilidade, artifício. (4) Estratagema, invento astuto. (5) Que te satisfaça o desejo de destruir os navegadores; note-se o verbo no singular apesar de ter dois sujeitos; o que se explica por serem estes de significação sinónima. (6) Manhoso, sagaz. (7) Embuste, mentira artificiosa. (8) Destroçados, dispersos; a sinonímia dos quatro adjectivos dá a idea do naufrágio premeditado, que desfaria os navios, e arrojaria os navegantes à praia onde ficariam perdidos ou mortos.

---

82 Tanto que estas palavras acabou,
O Mouro (nos tais casos sábio e velho)
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho.
E logo nesse instante concertou
Pera a guerra o bellígero aparelho,
Pera que ao Português se lhe tornasse
Em roxo sangue a água que buscasse.

Tanto que [= *logo que*] Baco *acabou estas palavras*, o *Mouro* [*o Xeque*] — que era *sábio* [= *astuto*] *e velho* [= *experimentado*] *nos tais* (1) *casos* [*em ardis, em enganos assim odiosos*] — *lançou-lhe os braços pelo colo* (2), *agradecendo muito o tal conselho*; *e, logo nesse instante, concertou* [= *combinou, dispôs*] *para a guerra o aparelho* (3) *beligero* (4), *para*

que, ao Português, a água, que êste *buscasse, se lhe tornasse em roxo sangue* (5).

(1) «Tal», «tais», precedidos do artigo, são geralmente pejorativos; i. é, tomam sentido mau [= os feios casos, o mau conselho]. (2) Pescoço [de Baco]. (3) Preparativos. (4) Próprio para a cilada. (5) Para que a água, que os portugueses haviam de ir buscar a terra na manhã seguinte, se lhes convertesse em vermelho sangue [hipérbole], ficasse tinta com sangue dêles: «roxo» com a antiga significação de vermelho; «ao português», aos portugueses [singular pelo plural, sinédoque]; note-se o anacoluto pleonástico, a dar maior realce à expressão, nos dois complementos — «ao português» e «lhe».

---

83 E busca mais, pera o cuidado engano,
Mouro que por pilôto á nao lhe mande,
Sagaz, astuto e sábio em todo dano,
De quem fiar-se possa um feito grande.
Diz-lhe que, acompanhando o Lusitano,
Por tais costas e mares co elle ande
Que, se d'aqui escapar, que lá diante
Vá cair d'onde nunca se alevante.

E mais [*e além disso*] o Xeque, *para o cuidado engano* [*para o premeditado ardil*], *busca* um *mouro, que lhe mande por pilôto* [*para servir de pilôto*] à *náu de* Vasco da Gama, e *de quem possa fiar-se um feito grande* [*uma emprêsa importante*]; — um mouro que era *sagaz, astuto e sábio de todo* (1) *dano* [*velhaco e sabedor, capaz de praticar qualquer má acção, que produzisse malefício e prejuízos*]. O Xeque *diz-lhe*, a êsse mouro, *que, acompanhando o Lusitano* (2), *ande com êle por tais costas e tais mares, que, se* êsse Lusitano, *se escapar daqui*

que (3) *vá lá adiante cair onde nunca mais se levante.* (4).

(1) Os clássicos, geralmente, não empregavam o artigo antes de «todo», quando esta palavra tinha o sentido de «qualquer». (2) Vasco da Gama [antonomásia]. (3) Êste *que* é pleonástico, para dar maior clareza e mais fôrça à expressão. (4) Se escapasse da emboscada que haviam de fazer a Vasco da Gama fôsse na manhã seguinte naufragar em sítio onde êle ficasse morto.

---

84 Ja o raio apolíneo visitava
Os montes nabatheos acendido,
Quand' o Gama cos seus determinava
De vir por água a terra apercebido.
A gente nos batéis se concertava
Como se fôsse o engano já sabido;
Mas pôde sospeitar-se fácilmente —
Que o coração presago nunca mente.

Os raios Apolíneos (1) [*os raios de sol*] *acendidos* (2), *visitavam já os montes Nabateus* (3), *quando o Gama, com os seus* [= *mais os seus* marinheiros], *determinava de* (4) *vir a terra, apercebido* [*preparado com armamento*], *por água* [*para buscar a água necessária a bordo*]; *a gente* portuguesa, *nos batéis* das naus, *consertava-se* [*combinava entre si*], *como se o engano* [*o ardil*] dos mouros *fôsse já sabido, mas o* engano *fácilmente se pode suspeitar* [*conjecturar*], *que* [= *porque*] *o coração pressago* [*que tem presságios, pressentimentos*] *nunca mente* (5).

(1) No texto, o singular pelo plural [sinédoque]. (2) Rutilantes, fulgentes, deslumbrantes. (3) Os montes da Na-

batia [região que era situada entre a Arábia deserta, a Arábia feliz, e a Palestina, e cuja correspondência actual é incerta]: «tinha nascido já o Sol» é em que se resume a perífrase dos dois primeiros versos. (4) Estava dando ordens para...; sôbre a preposição *de*, cfr. 80 nota. (5) Nunca se engana; compare-se como as expressões populares: «deu-me uma pancada o coração»; «dizia-me o coração»; «o coração adivinha-me».

---

85 E mais também mandado tinha a terra,
De antes, pelo pilôto necessário;
E foi-lhe respondido em som de guerra,
Caso do que cuidava mui contrário.
Por isto, e porque sabe quanto erra
Quem se crê de seu pérfido adversário,
Apercebido vai, como podia,
Em três batéis sómente que trazia.

E mais [= *e além disso*] o Gama *também tinha de antes* [= *tempo antes, na véspera*] *mandado a terra* procurar *pelo necessário pilôto; e foi-lhe* [*fôra-lhe*] *respondido* (1) *em som de guerra* (2) — *caso* êsse, que era *mui contrário do que cuidava* [= *imaginava*]; *por isso* — *e porque sabe quanto erra* [*que muito erra, muito se engana, grande êrro comete*] *quem se crê de* (3) *seu pérfido adversário* — *vem apercebido* [= *acautelado, precavido*] *como pode, em três batéis, sómente que trazia.*

(1) Foi-lhe dada a resposta; o verbo aqui é intransitivo. (2) Em frases desabridas, como as dá um inimigo a outro. (3) Crer-se de... [arcaismo] = confiar em..., fiar-se de...

---

86 Mas os Mouros, que andavam pela praia
Por lhe defender a água desejada,
(Um de escudo embraçado e de azagaia,
Outro de arco encurvado e seta ervada)
Esperam que a guerreira gente saia,
Outros muitos já postos em cilada.
E, porque o caso leve se lhe faça,
Põem uns poucos diante por negaça.

Mas os mouros, que andavam pela praia, por [= *para*] *lhe defenderem* (1) [= *proìbirem ao Gama que tomasse*] *a desejada água — uns* (2) andavam *de escudos embraçados* [*metidos nos braços*] *e de azagaias* (3); *outros, de arcos encurvados e setas ervadas* (4) — *esperam que a guerreira gente* portuguesa *saia* dos batéis, estando *muitos outros já postos em cilada* [*de emboscada*]; *e, por que* [= *para que*] *o caso se lhe faça leve* [*pareça de pouca importância, à gente portuguesa*] *os* mouros *põem diante* [= *à vista*] *uns poucos* dos seus, *por* [= *para*] *negaça* (5).

(1) Tem aqui o sentido de «impedir», «evitar». (2) No texto, o singular pelo plural [sinédoque]. (3) Arma cafreal, de arremêsso, e que tem a forma de lança, mas de cabo mais curto. (4) Seta cujo bico foi embebido em suco de ervas [venenosas] — o *Kombi*, princípio muito activo, preparado com as sementes de uma apocinácea, do género estrofantes, de que se estrai um alcalóide especial, a estrofantina. (5) Pássaro que traz o caçador e que serve, cantando, para chamar e aliciar outros da mesma espécie; os mouros postos à vista, por serem em pequeno número, não despertariam desconfiança nem receio aos portugueses, e estes, parecendo-lhes fácil o afugentar aqueles, internar-se-iam a ponto de cairem na emboscada.

87 Andam pela ribeira alva, arenosa,
Os bellicosos Mouros acenando
Com a adarga, e co' a ástea perigosa
Os fortes Portugueses incitando.
Não soffre muito a gente generosa
Andar-lhe os cães os dentes amostrando.
Qualquer em terra salta, tam ligeiro,
Que nenhum dizer póde que é primeiro.

Andam os mouros belicosos [*armados em guerra*] *pela alva e arenosa ribeira* [= *praia de branca areia*] *acenando com as adargas* (1), *e com as perigosas* (2) *hásteas* (3) das azagaias, *incitando* (4) *os fortes portugueses. Não sofre a generosa gente* lusitana, por *muito* tempo, o *andarem-lhe os cães* (5) *amostrando os dentes; qualquer* [= *cada um dêles, dos portugueses*] *salta em terra tam ligeiro* [= *tam ligeiramente*], *que nenhum pode dizer que é o primeiro* (6).

(1) Espécie de escudos, feitos de coiro. (2) Perigosas, por serem de largo ferro, e algumas serem farpadas, e envenenadas, produzindo feridas difíceis de curar; singular pelo plural. (3) A parte pelo todo. (4) Desafiando. (5) Epíteto dado àqueles mouros e indígenas, como expressão de vitupério, por se mostrarem maus e traiçoeiros, e por semelhança com os cães que mostram os dentes quando arremetem. (6) Saltam todos a um tempo, todos corajosos, querem ser os primeiros a saltar em terra para se desforçarem das ofensas.

No texto está o infinito invariável «andar-lhe» pelo infinito pessoal, como usavam freqüentemente os clássicos antigos.

88 Qual no corro sanguino o ledo amante,
Vendo a fermosa dama desejada,
O touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena e brada;
Mas o animal atroce, nesse instante,
Com a fronte cornígera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, e mata, e põem por terra:

Cada mouro é *qual* [*como*] *o ledo* (1) *amante*, que *vendo a formosa* e *desejada dama no sanguíneo corro* [*no ensanguentado circo*], *busca o touro, e pondo-se diante* dêste, *salta, corre, sibila, acena e brada; mas* cada um dos portugueses é como *o atroz* [= *bravio*] *animal*, que, *nesse instante, com a cornígera fronte* (2) *inclinada, bramando* (3) *duro* (4) [*duramente, com grande ímpeto*], *corre e cerra os olhos, derriba, fere e* (5) *mata e põe por terra* quem o provocou:

(1) Alegre. (2) Os testos armados de chifres; a palavra primitiva de que se formou o adjectivo não se emprega por se haver tornado termo chulo. (3) Rugindo, dando bramidos, que são as vozes esforçadas de várias feras. (4) O adjectivo tomado adverbialmente. (5) Note-se a repetição intencional das conjunções [ornato oratório denominado «polissíndeto», para dar mais fôrça à expressão].

---

89 Eis nos batéis o fogo se levanta
Da furiosa e dura artilheria;
A plúmbea pella mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba e assovia,
O coração dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhe resfria
Já foge o escondido, de medroso,
E morre o descoberto, aventuroso.

Eis [= *então*] (1) *levanta-se o fogo na* [= *da*] *furiosa e dura* (2) *artilharia nos batéis* portugueses; *a plúmbea* (3) *péla* [= *bala*] *mata* os mouros, *o brado* [*o estouro*] das bombas *espanta*-os; *o ar, ferido* [*agitado com a explosão da pólvora*] *retumba e assobia; o coração dos mouros quebranta-se* (4); *o grande temor esfria-lhes o sangue* (5); *os* que estavam *escondidos* (6) na emboscada *já fogem, de medrosos* [= *por terem mêdo*]; *e os aventurosos* e *descobertos* [*os que se tinham aventurado ou arriscado, a descoberto, na praia*] *morrem*.

(1) Então, i. é, logo que os portugueses viram aquele desafio dos mouros; julgo ser esta a significação, aqui, de «eis», porque a tem às vezes o *ecce* latino de que provém: «ecce tuae litterae de Varrone»; então chegou-me a tua carta a respeito de Varrão [Cícero, apud Quicherat]. (2) Molesta; que produz estragos. (3) Feita de chumbo. (4) O ânimo esmorece-lhes. (5) Os mouros ficam tam assustados, que sentem calafrios. (6) Note-se no texto o singular pelo plural [sinédoque].

---

90 Não se contenta a gente portuguesa;
Mas seguindo a victória estrue e mata;
A povoação sem muro e sem defesa
Esbombardea, acende e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe pesa,
Que bem cuidou comprá-la mais barata:
Já blasfema da guerra e maldizia
O velho inerte, e a mãi que o filho cria.

A gente portuguesa não se contenta com isso [*com o ter pôsto em fuga os agressores*]; *mas, seguindo* [= *continuando*] *a vitória, estrui* (1) [*destrói*] *e mata*

os que ainda ficam, *esbombardeia* (2) *a povoação, que* era *sem muro* [*que não tinha muralhas*] *e* estava *sem defesa, acende*-a [*incendeia-a*] *e desbarata*-a. *Aos mouros* (3) *já lhes* (4) *pesa* (5) *da cavalgada* [*correria, assaltada*] que tinham ido fazer à praia, *que* [= *pois*] cuidaram [= *tinham cuidado*], *comprá-la bem mais barata* (6); os mouros *já blasfemam da guerra* (7); *e maldiziam os velhos inertes, e as mães que os filhos criam* (8).

(1) Forma ainda hoje popular. (2) Arrasa bombardeando. (3) No texto, o singular pelo plural [sinédoque]. (4) Pleonasmo idiomático. (5) Os mouros já estão arrependidos de... (6) Tinham imaginado que a emprêsa fôsse levada a cabo, e com menos perigos e menor dispêndio de vidas. (7) Amaldiçoam a guerra que tinham provocado. (8) Exasperavam-se contra os velhos e contra as mulheres, mães de filhos, porque estes e elas não podiam auxiliar os combatentes mouros, na luta contra os portugueses, antes lhes serviam de estôrvo.

---

91 Fugindo, a seta o Mouro vai tirando
Sem fôrça, de covarde; e de apressado,
A pedra, o pao e o canto arremessando:
Dá-lhe armas o furor desatinado.
Já a ilha e todo o mais desemparando,
A terra firme foge amedrontado.
Passa e corta do mar o estreito braço,
Que a ilha em tôrno cerca, em pouco espaço.

Os mouros (1), *fugindo* [= *durante a fuga*], *vão atirando* (2) *a seta, as pedras e os paus, e arremessando os cantos* (3) [=*pedregulhos*] que encontram no caminho —atirando-os *sem fôrça, de cobardes e apressados* [*sem fôrça, por causa do mêdo e da pres-*

sa]; *o furor desatinado* [*a agitação insana*] *dá-lhes* só estas *armas* (4); *amedrontados, desamparando a ilha e tudo o mais* (5) que lá ficava, *já fogem à* [= *para a*] *terra firme; em pouco espaço* de tempo, *passam e cortam o estreito braço do mar que cerca a ilha em tôrno* (6).

(1) No texto, continua em toda a estância a empregar-se o singular pelo plural; assim, na estância precedente. (2) No texto «tirando» [arcaísmo]. (3) A palavra «canto» no sentido de «pedra» é hoje desusada; mas cfr. «canteiro», o operário que quebra e afeiçoa as pedras, e «cantaria». (4) O excessivo mêdo não os deixa reflectir nem ter energia senão para atirar pedradas. (5) «Todo o mais» [arcaísmo] — todas as cousas mais; os mouros desamparam não só a ilha mas também as casas, os haveres, a família. (6) «Em tôrno», hipérbole que acentua a pequenez da ilha de Moçambique, dando a entender que em qualquer ponto dela se vê o mar em volta.

---

92 Uns vão nas almadías carregadas;
Um corta o mar a nado diligente;
Quem se afoga nas ondas encurvadas;
Quem bebe o mar e o deita juntamente.
Arrombam as meúdas bombardadas
Os pangaios sotis da bruta gente:
D'esta arte o Português em fim castiga
A vil malícia, pérfida, inimiga.

Uns vão em almadias (1) *carregadas* de fugitivos; *uns* (2) *cortam o mar a diligente* (3) *nado; há quem se afoga nas encurvadas* (4) *ondas; há quem bebe o mar, e juntamente* (5) *o deita* pela bôca fora; *as miúdas* [= *repetidas*] *bombardadas* (6) dos portugueses *arrombam os subtis* [= *delgados*] *pangaios*

(7) *da bruta* (8) *gente. Emfim, os portugueses castigam desta arte a vil* e *pérfida* (9) *malícia inimiga* [= *dos inimigos*].

(1) Embarcações duma peça inteiriça, em madeiro cavado. (2) No texto, o singular pelo plural. (3) Apresado. (4) As vagas próximo do litoral formam grande curva, espécie de rôlo antes de se estirarem na praia e de se desfazerem em espuma, e aí os melhores nadadores sucumbem às vezes. (5) Hipérbole; entende-se «logo em seguida» porque não é possível ao mesmo tempo engulir a água e vomitá-la. (6) Tiros de bombarda. (7) Eram embarcações formadas de pedaços de casca de árvore, cosidos com cordel e movidos a pás; hoje dá-se o nome de pangaios às embarcações de vela com um ou dois mastros, tripuladas por árabes, e que navegam entre os portos do canal de Moçambique e a Índia. (8) Má, selvagem. (9) Torpe e traiçoeira.

---

93 Tornam victoriosos pera a armada
Co despôjo da guerra e rica presa;
E vão a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistência nem defesa.
Ficava a maura gente magoada,
No ódio antigo mais que nunca acesa;
E vendo sem vingança tanto dano,
Sòmente estriba no segundo engano.

Os portugueses, *vitoriosos, tornam para a armada* [*para bordo dos navios*] *com os despojos da guerra* (1), *e* com *rica presa* (2), *e vão* depois, *a seu prazer* [*à sua vontade*], *fazer aguada* (3) *sem resistência nem defesa* (4) [*nem obstáculo*]. *A maura gente magoada* [*molestada*] *ficava acesa* [= *excitada*], *mais do que nunca, no ódio antigo* (5), *e, vendo* que sofrera *tanto dano sem* obter *vingança, estri-*

ba-se (6) [*funda esperança de desforra*] *sómente no segundo engano* [*no outro ardil*] (7).

(1) As armas tomadas ao inimigo. (2) Os objectos de valor saqueados pela soldadesca. (3) Tomar a provisão de água necessária para os navios; I, 80 e 84. (4) No sentido de proibição. (5) Referência ao ódio entre cristãos e mouros, e que era já de tempos remotos. (6) No texto «estribar» [o verbo intransitivo], com a mesma significação de «estribar-se». (7) A traição que se recomendaria ao pilôto; I, 83.

---

94 Pazes cometer manda arrependido
O regedor d'aquella inica terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido
Que em figura de paz lhe manda guerra,
Porque o pilôto falso prometido,
Que toda a má tenção no peito encerra,
Pera os guiar á morte lhe mandava,
Como em sinal das pazes que tratava.

O *Regedor* (1) [= *governador*] *daquela iniqua* (2) *terra* (3), fingindo-se *arrependido, manda cometer* (4) *pazes* [*aos lusitanos*], *sem dos lusitanos ser entendido* [*não percebendo os navegantes*], *que* êle *lhes manda guerra* disfarçada *em figura de paz* (5); *porque*, o Xeque, *como sinal das pazes que tratava* [*propunha*], *lhes mandava, para os guiar à morte*, o *prometido pilôto*, homem *falso* [= *perverso*], *que, no peito* [= *no ânimo*] *encerrava* [*continha*] *toda a má tenção* (6).

(1) O Xeque. (2) Perversa. (3) Fig. gente. (4) Oferecer, propor. (5) Um mensageiro com aparência de amigo e

que realmente não é senão o instrumento da premeditada traição; I, 83 nota. (6) Todas as más intenções.

---

95 O capitão, que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado e ventos tinha
Pera ir buscar o Indo desejado,
Recebendo o pilôto que lhe vinha,
Foi d'elle alegremente agasalhado.
E respondendo ao mensageiro, atento
As velas manda dar ao largo vento.

O Capitão (1) — *que* [= *porque*] *já então lhe convinha tornar ao seu caminho* [*o mar largo*] a que estava *costumado, que* [= *pois*] *tinha tempo concertado* (2) [*favorável*] *e ventos* favoráveis *para ir buscar o desejado Indo* (3) — *recebendo o pilôto alegremente, e respondendo* [= *ao mesmo tempo que dava as respostas*] *ao mensageiro* — que *foi dêle* [= *por êle*] *agasalhado* [*ouvido com agrado*] — *manda, atento* (4), *dar as velas ao largo vento* (5).

(1) O Gama. (2) Acomodado para continuar a viagem; era bom o estado da atmosfera. (3) Rio da Índia; I, 32, 55. (4) Com atenção, com os sentidos aplicados à execução das manobras que estava ordenando, e que são variadas quando um navio de vela suspende âncoras para começar a navegar. (5) Soltar as velas, fazendo-as amurar de modo que o vento lhes dê em cheio; diz-se, em linguagem náutica, que uma embarcação vai «com vento largo», quando se desfere ou larga todo o pano; e isto se faz quando o vento é favorável ao rumo que se pretende seguir.

---

96 D'esta arte despedida, a forte armada
As ondas de Anfitrite dividia,
Das filhas de Nereo acompanhada —
Fiel, alegre e doce companhia.
O capitão, que não caía em nada
Do enganoso ardil, que o Mouro urdia,
D'elle mui largamente se informava
Da Índia toda, e costas que passava.

A forte armada (1), *despedida* [= *havendo-se despedido*] *desta arte* [*por êste modo*] (2), *dividia* [= *cortava*] *as ondas de Anfitrite* (3), *acompanhada das filhas de Nereu* (4), que eram *fiel, alegre e doce* [*benevolente*] *companhia* dos navegantes. *O Capitão, que não caía em* (5) *nada* [= *não imaginava nada*] *do enganoso ardil, que* o pilôto *mouro urdia* (6), *informava-se* (7) *dêle* [= *era por êle informado*] *largamente* acêrca *da Índia toda, e das costas* marítimas, *que* a armada *passava* (8).

(1) Os navios da forte gente. (2) Tendo os navios começado a navegar, pela maneira descrita na precedente estância. (3) Mitologia, deusa do mar, filha do Oceano e espôsa de Neptuno. (4) As Nereidas, as ninfas, do mar; Nereu, filho do Oceano e de Tétis; I, 31. (5) «Cair em»; cfr. a expressão popular «cair na razão», conhecê-la. (6) Preparava, cfr. «tecer»; I, 77 nota; o tecido forma-se pelo cruzamento da «trama» com a urdidura. (7) É a forma passiva. (8) O litoral das terras que se iam avistando durante a viagem.

97 Mas o Mouro, instruído nos enganos
Que o malévolo Baco lhe ensinara,
De morte ou captiveiro novos danos,
Antes que á Índia chegue, lhe prepara.
Dando razão dos portos indianos,
Também tudo o que pede lhe declara;
Que, havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

Mas o Mouro [o pilôto], que estava *instruído nos* [*que tinha estudado, aprendido, os*] *enganos* [= *ardis*] *que o malévolo Baco lhe ensinara* (1), *prepara-lhe*, para o Gama, *novos* [= *outros*] *danos*,— êsses seriam *de morte ou* de *cativeiro* — *e, dando razão* (2) [= *notícia*] *dos portos indianos, também* [= *ao mesmo tempo*] *lhe declara* [*expõe-lhe*] *tudo o que* o Capitão *pede* que lhe seja explicado; de modo *que a forte gente* portuguesa *de nada se temia* (3), *havendo por verdade o que* o pilôto *dizia* (4).

(1) Cfr. I, 83. (2) Notícia, informações. (3) Nada receava; o verbo «temer» usa-se na forma reflexa, e acompanhado de negação, quando se quere significar «não haver motivo para temer». (4) Os portugueses, conjecturando que eram verdadeiras aquelas extensas informações, confiavam no pilôto, e fácilmente cairiam no ardil que êle tramava.

---

98 E diz-lhe mais, co falso pensamento
Com que Sinon os Phrígios enganou,
Que perto está ũa ilha, cujo assento
Povo antigo christão sempre habitou.
O capitão, que a tudo estava atento,
Tanto co estas novas se alegrou
Que com dádivas grandes lhe rogava
Que o leve á terra onde esta gente estava.

E com o mesmo *falso* [*refalsado*] *pensamento, com que Sinon* (1) *enganou os Frigios* (2) *diz-lhe mais,* — o pilôto do Gama: — *que, perto* do sítio em que vai a armada, *está uma ilha, cujo assento* (3) [= *cuja povoação*] *habitou sempre* um *antigo povo cristão* (4). *O Capitão — que estava atento a tudo* que o pilôto dizia — *alegra-se tanto com estas novas, que lhe roga* (5), *com* a promessa do *grandes dádivas, que o leve à terra onde estava esta* [*essa*] *gente.*

(1) Nome dum guerreiro grego, que pérfidamente aconselhou os troianos a que deixassem entrar na cidade de Tróia, [que estava cercada pelo exército grego] um enorme cavalo de madeira, dentro do qual vinham os mais notáveis homens de armas do exército inimigo — perfídia que deu causa à completa destruição de Tróia. (2) Troianos; assim se chamaram os habitantes da Frígia [Ásia Menor] — região, cuja capital era Tróia. (3) Literalmente «morada»; por extensão, aqui, «povoado». (4) O pilôto, premeditando encaminhar os navios para Quíloa, dizia-lhe, mentirosamente, que esta ilha era habitada por cristãos da Abissínia. (5) Variação do tempo do verbo; I, 36 e *passim*.

---

99 O mesmo o falso Mouro determina
Que o seguro Chistão lhe manda e pede;
Que a ilha é possuída da malina
Gente que segue o torpe Mahamede.
Aqui o engano e morte lhe imagina,
Porque em poder e fôrças muito excede
A Moçambique esta ilha, que se chama
Quíloa, mui conhecida pola fama. —

O falso [*refalsado*] *mouro determina* [= *resolve*] isso *mesmo, que lhe manda e pede o Cristão* (1), *seguro* êste [= *descansado, confiado nas palavras do*

pilôto]; o mouro resolve isso mesmo, que [porque] *a ilha é possuída da* [= *habitada pela*] *maligna* (2) *gente que segue*, nas crenças religiosas, *o torpe* (3) *Maamede* (4). *Aqui* [*aí, nessa ilha*] o pilôto *imagina-lhe* [= *premedita-lhe*] *o engano* [*a traição*] *e a morte, porque esta ilha, que se chama Quiloa* (5) — *mui conhecida pela fama* — *excede muito a Moçambique em poder e fôrças* (6) guerreiras.

(1) Era o que o pilôto queria: levar os navios a terra de mouros, por isso resolve — como se fôsse por obediência ao mandado, reputando como tal o pedido — dirigir as manobras e o rumo, para ser demandado o pôrto de Quíloa. (2) Malévola. (3) Vil. (4) O mesmo que «Mafamede, Moamede, Mafoma ou Maomete». (5) Pronuncie-se «Quíloa [*o* mudo ou átono]; está em 9° lat. sul e 40° de long. este [Greenwich], pertence hoje à Alemanha. (6) «Fôrças» é pleonasmo, porque «poder» tem já aqui a significação de «fôrças guerreiras»; Quíloa era mais populosa do que Moçambique.

---

100 - Pera lá se inclinava a leda frota;
Mas a deusa em Cythere celebrada,
Vendo como deixava a certa rota,
Por ir buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tam remota
Se perca a gente d'ella tanto amada;
E com ventos contrairos a desvia
D'onde o pilôto falso a leva e guia.

Para lá se inclinava (1) [= *se ia inclinando*] *a leda* (2) *frota* (3); *mas a deusa celebrada em Citere* (4) — *vendo como* [*vendo que*] a armada *deixava a rota* (5) *certa* [*se desviava do rumo sabido*], *por* [= *para*] *ir buscar a morte não cuidada* [*não imagi-*

nada pelos navegantes] — *não consente que a* portuguesa *gente, dela tanto amada, se perca* (6) *em terra tam remota; e desvia-a, com* [= *por meio de*] *ventos contrários* (7), *donde* [*do sítio para onde*] *a leva e guia o falso* [*refalsado*] *pilôto.*

(1) Os navios iam com a proa no rumo da ilha. (2) Alegre. (3) Armada; os navios com as tripulações alegres. (4) Nome antigo do Cerigo, ilha da Grécia, que se tornou célebre pelo culto que aí se prestava á deusa Vénus. (5) Derrota [termo marítimo], rumo. (6) Vá perder-se, vá morrer. (7) A deusa, vendo que os portugueses enganados pelo pilôto se encaminhavam para o perigo, desviou-os dêste, fazendo que o vento fôsse contrário e não pudessem os navios ir a Quíloa; no texto «contrairos»: metátese, ou pronúncia popular da época?

---

101 Mas o malvado Mouro, não podendo
Tal determinação levar avante,
Outra maldade inica cometendo,
Ainda em seu propósito constante,
Lhe diz, que pois as águas discorrendo
Os levaram por fôrça por diante,
Que outra ilha tem perto, cuja gente
Eram Christãos com Mouros juntamente.

Mas o malvado Mouro — *não podendo levar avante tal determinação* [*não lhe sendo possível executar a sua resolução, a de levar os navios a Quíloa*], *cometendo outra iníqua* [= *atroz*] *maldade*, e sendo *ainda constante em seu propósito* [= *firme no seu intento, o de aniquilar os navegantes*] — *diz-lhe*, ao Gama, *que, pois* [= *visto que*] *as águas, discorrendo* [= *correndo impetuosamente*] *levavam* os navios, *por fôrça* delas (1) *por diante* [*para diante*] de Quíloa, a ar-

mada *tem perto* dali *outra ilha* (2), *cuja gente* (3) [*cujos habitantes*] *eram Cristãos com* [= *e*] *mouros, juntamente* [= *também*] (4).

(1) «Por fôrça de mar ou de tempo» é expressão usada em linguagem náutica e de legislação marítima. (2) Vem o nome desta ilha na estância 103: é Mombaça. (3) O singular representativo do plural concordando com o verbo no plural. (4) O pilôto, mentindo em dizer que havia cristãos nessa outra ilha, incutia a falsa esperança de que a gente da frota lá seria recebida com agrado; o mesmo engano quisera já o pilôto empregar a respeito de Quíloa; I, 98.

---

102 Também nestas palavras lhe mentia,
(Como por regimento em fim levava)
Que aqui gente de Christo não havia,
Mas que a Mahamede celebrava.
O capitão, que em tudo o Mouro cria,
Virando as velas, a ilha demandava;
Mas, não querendo a deusa guardadora,
Não entra pela barra, e surge fóra.

O pilôto, *nestas palavras, mentia-lhe também* — *como* [= *porque*], *em fim*, isso [*o mentir*] *levava por regimento* (1) [= *por instruções*] — *que* [= *pois*] *não havia aqui* [*ali*] *gente de Cristo, mas* sim gente *que celebrava* [= *venerava*] *Mafamede* (2). *O Capitão* — *que cria* [*acreditava*], *em tudo, o Mouro* — *virando as velas* (3), *demanda a ilha* de Mombaça; *mas não entra a barra* (4) *e surge* (5) [*fundeia, deita âncora*] *fora* do pôrto, *não querendo* [*por não querer*] *a deusa guardadora* [= *protectora*] que os navios lá entrassem (6).

(1) «Regimento», termo de legislação antiga, era a norma ou directório em que se declaravam os deveres do cargo ou ofício público: é aqui a recomendação que o pilôto recebera do xeque de Moçambique para enganar os navegantes. (2) Maomete; I, 99. (3) Fazendo mudar a direcção das velas no rumo de demandar a ilha. (4) «Barra» é o conjunto de obstáculos que há geralmente à entrada dum pôrto [recifes, bancos de areia, etc.] (5) É termo náutico usado ainda hoje. (6) Estando os navios fora do pôrto, fácil lhes seria, em caso de cilada, levantar âncoras e navegar logo para o largo, o que não sucederia estando dentro do pôrto, onde ficariam à mercê de vento e maré favoráveis.

---

103 Estava a ilha á terra tam chegada,
Que um estreito pequeno a dividia;
Ua cidade nella situada,
Que na fronte do mar aparecia,
De nobres edifícios fabricada,
Como por fóra ao longe descobria,
Regida por um rei de antígua idade:
Mombaça é o nome da ilha e da cidade.

A ilha estava tam chegada à terra firme (1), *que a dividia* [= *separava*] desta *um pequeno estreito* (2); *descobria-se* ali *ao longe uma cidade nela situada, e que aparecia na frente* (3) *do mar* [= *com a frente para o mar*], e *cidade fabricada de* [= *formada por*] *edificios nobres* [*casas altas*] — *como por fora parecia* — e *regida* (4) *por um rei de antiga idade* [= *muito idoso*]: *Mombaça* (5) *é o nome da ilha, e* também o nome *da cidade.*

(1) Ao continente. (2) Braço de mar. (3) Na parte dianteira; no sítio onde chegava o mar; no litoral. (4) Governada. (5) Cfr. I, 54; no texto o verbo intransitivo «descobrir» com a significação de «ficar descoberto».

104 E sendo a ella o capitão chegado,
Estranhamente ledo, porque espera
De poder ver o povo baptizado,
Como o falso pilôto lhe dissera,
Eis vem batéis da terra com recado
Do rei, que já sabia a gente que era;
Que Baco muito de antes o avisara,
Na fórma d'outro Mouro, que tomara.

E sendo (1) [= *tendo*] *o Capitão chegado a ela* [*à ilha*] *estranhamente ledo* [*extraordináriamente alegre*], *porque esperava* (2) *poder ver o povo* [*os habitantes*] *que* era *baptizado, como lhe dissera o falso* [= *refalsado*] *pilôto, eis* (3) [= *então*] *vem de terra batéis, com* gente que trazia *recado* (4) *do Rei,* dizendo *que* êste *já sabia que gente era* a dos navios; — sabia-o, *que* [= *porque*] *Baco, muito antes* (5) de chegar a frota, *o avisara, na forma* [= *no disfarce*], *que tomara, de outro mouro* (6).

(1) Cfr. I, 76, 89. (2) No texto «esperar de»; I, 54. (3) Cfr. I, 89. (4) Mensagem, mandado. (5) No texto «de antes»; I, 1. (6) Cfr. I, 77.

---

105 O recado que trazem é de amigos,
Mas debaxo o veneno vem cuberto;
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descuberto.
Ó grandes e gravíssimos perigos!
Ó caminho da vida nunca certo!
Que aonde a gente põem sua esperança,
Tenha a vida tam pouca segurança!

O recado (1), *que trazem* aqueles homens dos batéis, *é de amigos; mas, debaixo* dêsse recado, *vem coberto* [= *encoberto*] *o veneno* [*a perfídia*]; *que* [= *pois*] *os pensamentos* [*as intenções*] *eram de inimigos, segundo* veio a saber-se, quando (2) *o engano* [*a traição*] *foi descoberto. Oh! grandes e gravíssimos* são *os perigos*, a que a humanidade anda exposta! *Oh! nunca* é *certo* [*seguro*] *o caminho da vida* (3)! É para lastimar, *que, onde a gente* (4) *põe a sua esperança, tenha a vida tam pouca segurança!* (5)

(1) Cfr. I, 104. (2) Elipse anacolútica. (3) Fig., nunca é seguro o destino de cada homem; apóstrofe semelhante em I, 71[5]. (4) «A gente», a humanidade; nós e os outros homens. (5) Continuando a apóstrofe com esta moralidade: no lugar para onde nos encaminharmos com maior segurança, e na esperança de alcançar felicidade, é justamente aí que às vezes recebemos os maiores danos.

---

106 No mar tanta tormenta e tanto dano!
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade avorrecida!
Onde póde acolher-se um fraco humano?
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o ceo sereno
Contra um bicho da terra tam pequeno?

No mar há *tanta tormenta* (1), *e tanto dano!* e aí, *a morte* é *tantas vezes apercebida* (2)! *Na terra*, há *tanta guerra*, há *tanto engano* (3), há *tanta necessidade aborrecida* (4)! *¿Onde pode acolher-se* (5) *um fraco* ente *humano? ¿Onde terá* êste, *segura* (6), *a curta vida;* que lugar haverá, *em que o sereno*

Céu (7) *se não arme e se não indigne* (8) *contra* o homem que é *um bicho da terra* (9) *tam pequeno?*

(1) O singular pelo plural: tantas tormentas; assim, nas frases seguintes. (2) Preparada. (3) Perfídia. (4) Tantas privações odiosas. (5) Refugiar-se. (6) Em segurança; livre de perigo. (7) A Providência benigna; deve entender-se «a Providência», que, apesar de benigna por natureza, é severa para com a humanidade. (8) Encolerize. (9) Cfr. a expressão bíblica [de David]: «eu porém sou um verme da terra, não sou homem». Nestas sentenciosas exclamações com que finda o primeiro canto — e que em literatura constituem o que se chama «epifonema» — está a ver-se o Poeta identificado com os grandes varões portugueses por êle cantados, que tanto mereciam, tanto esperavam, achando-se por fim destruídos pelas mais cruéis tribulações.

CANTO II

---

1 Já neste tempo o lúcido planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrindo:
E da casa marítima, secreta,
Lhe estava o deus nocturno a porta abrindo,
Quando as fingidas gentes se chegaram
Ás naos, que pouco havia que ancoraram.

Quando as fingidas (1) *gentes* (2) de Mombaça *se chegaram* (3) *às naus* portuguesas, *que pouco* tempo *havia que tinham ancorado* (4), *neste tempo* [= *a êsse tempo*] *já* o Sol,—*o lúcido* (5) *planeta* (6) *que vai distinguindo* (7) *as horas do dia,*— *chegava à desejada e lenta meta* (8), *encobrindo a luz celeste às gentes* [= *aos homens*] *e* já *o deus nocturno* (9) *lhe estava abrindo a porta secreta* (10) *da casa marítima*.

(1) Refalsadas; em outras edições «infidas» = infiéis; epíteto dado aos mouros. (2) Homens; «gente», empregado ora no singular ora no plural; I, 5, 36, 42, 48 e *passim*. (3) «Chegar-se» = «chegar». (4) No texto «ancoraram» — a flexão da 3.ª pessoa do pretérito mais que perfeito. (5) Fulgente, resplandecente. (6) Astro [supunha-se na antiguidade que o Sol era astro errante como eram os planetas. (7) Indicando. (8) Literalmente «baliza», marca em terreno para assinalar o fim de carreira; o Poeta identifica o Sol com

Apolo, o deus da fábula, que teria natural desejo de entrar no mar onde a amante, Tétis, o esperava; figuradamente «meta» aqui significa o «horizonte marítimo» onde o Sol se esconde [dos povos que vêem o mar a ocidente], quando chega ao ocaso; «lenta» = «húmida», — aquosa [do «mar»]. (**9**) Erebo [fábula], deus das trevas. (**10**) Desconhecida, — ùnicamente sabida pelo deus nocturno que a abria para Apolo entrar no mar.

---

2 D'antre elles um, que traz encomendado
O mortífero engano, assi dezia:
«Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino e salsa via,
O Rei, que manda esta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessário reformar-te.

De entre êles (**1**), *um, que traz encomendado* (**2**) *o mortífero engano* (**3**), *dizia assim: — ó valoroso Capitão que tens cortado* (**4**) *o reino de Neptuno* (**5**), *e a salsa* (**6**) *via, o rei que manda* [= *governa*] *esta ilha, — alvoroçado da tua vinda —, tem tanta alegria que não deseja mais* do *que ver-te, agasalhar-te* (**7**) *e reformar-te* (**8**) *do* que te fôr *necessário.*

(**1**) Um dos mouros de Mombaça. (**2**) Vinha incumbido do... (**3**) Traição, a cilada premeditada pelos mouros para dar morte aos navegantes. (**4**) Sulcado [navegado]. (**5**) «Reino de Neptuno», perífrase de «o mar». (**6**) Salgada. (**7**) Receber-te carinhosamente. (**8**) Abastecer-te, fornecer-te.

---

3 «E porque está em estremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que, de nada receoso,
Entres a barra, tu, com toda a armada;
E porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente débil e cansada,
Diz que na terra podes reformá-la
Que a natureza obriga a desejá-la.

E, o rei *porque está desejoso, em extremo, de te ver, como cousa* (1) *nomeada, roga-te, que tu, de nada receoso, entres a barra com toda a armada; e diz, que* tu,—*porque trarás* (2) certamente *a* tua *gente débil e cansada do trabalhoso caminho* —, *podes reformá-la* (3) *na terra, que* [= *pois*] *a natureza obriga a desejá-la* (4).

(1) «Cousa», assunto muito falado; Vasco da Gama e a sua viagem notável eram assunto das conversações em Mombaça; a fama [a notícia] teria lá chegado, levada por terra, e por gente de Quelimane e Moçambique. (2) O verbo no futuro para exprimir a possibilidade dum facto no tempo presente. (3) «Reformá-la» [significação diversa na estância precedente], refazê-la de fôrças. (4) É natural no homem, depois de longa viagem, o desejo e alegria de andar em terra.

---

4 «E se buscando vás mercadoria
Que produze o aurífero Levante,
Canella, cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutífera e prestante,
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rígido diamante—
D'aqui levarás tudo tam sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.»

E, se vás (1) *buscando as mercadorias que o aurífero* (2) *Levante* (3) *produz,— canela, cravo, especiaria ardente* (4), *ou droga* (5) *salutífera* (6) *e prestante* (7),— *ou se queres luzente pedraria,— o rubi fino, o rígido diamante,— levarás tudo daqui tam sobejo* (8) *com que faças o fim* (9) *ao teu desejo.*

(1) Vais — supressão do *i* [apócope]; se vais procurar; [t. 2 e 47]. (2) Que contém ouro. (3) Figuradamente: terras do Oriente; o lado da Terra onde parece que o Sol se levanta [nasce]. (4) «Especiaria ardente», a pimenta. (5) Drogas [singular pelo plural], termo genérico que abrange substâncias empregadas em farmácia, tinturaria e perfumaria: paus, raízes, cascas, líquenes, sementes, frutos, etc.; cfr. *Flora dos Lusíadas*, pelo Conde de Ficalho, pp. 56, 66, 76, etc. (6) Que faz saúde; benéfica. (7) Útil. (8) «Tam sobejo», em grande abundância; «tam», aqui, [= muito] é um prefixo do adjectivo adverbial «sobejo». (9) «Faças o fim», completes, satisfaças [o teu desejo].

Note-se no texto «produze»; é o verbo conjugado como regular apesar de ser irregular; supressão do *e* [apócope].

---

5 Ao mensageiro o capitão responde,
As palavras do rei agradecendo;
E diz que, porque o sol no mar se esconde,
Não entra pera dentro obedecendo;
Porém que, como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo a frota, não temendo,
Comprirá sem receio seu mandado,
Que a mais por tal senhor está obrigado.

O capitão (1), *agradecendo as palavras do rei, responde ao mensageiro* (2) *e diz: que não entra para dentro* do pôrto *obedecendo* (3) a essas palavras, *porque o sol se esconde* (4) *no mar; porém, que — como*

(**5**) *a luz* (**6**) *mostrar* caminho *por onde a frota* (**7**) *vá sem perigo — cumprirá o seu mandado, sem receio, não temendo* então entrar, *que* [= *pois*] *a mais* [= *a maior obediência*] *está obrigado por tal* (**8**) *senhor*.

(**1**) Vasco da Gama. (**2**) O mouro que vem incumbido da cilada; I, 104. (**3**) Palavra de cortesia, tomando-se o convite como ordem. (**4**) Porque se está escondendo o sol; porque é quási noite; não se podem ver balizas para entrar a barra sem perigo. (**5**) Logo que. (**6**) Claridade [a da manhã]. (**7**) Armada, os navios. (**8**) Tem aqui a significação melhorativa que lhe dá o sentido; equivale a «tam bom», «tam respeitável».

---

6 Pergunta-lhe despois, se estão na terra
Christãos, como o pilôto lhe dezia.
O mensageiro astuto, que não erra
Lhe diz, que a mais da gente em Christo cria.
D'esta sorte do peito lhe desterra
Toda a sospeita e cauta fantasia,
Por onde o capitão seguramente
Se fia da infiel e falsa gente.

Pergunta-lhe Vasco da Gama, *depois*, *se estão na terra* habitantes *cristãos* (**1**), *como lhe dizia o pilôto* trazido de Moçambique. *O mensageiro astuto* (**2**) — *que não erra* (**3**) — *diz-lhe*, *que mais da* (**4**) *gente* de Mombaça *cria* [= *tinha fé*] *em Cristo*, e *desterra-lhe* (**5**), *desta sorte*, *do peito* (**6**) de Vasco da Gama, *toda a suspeita e* toda a *cauta fantasia* (**7**); *por onde* (**8**) [= *pelo que*] *o Capitão se fia seguramente da infiel e falsa gente* (**9**).

(**1**) «Se estão na terra...» [ênfase]; se na terra, que de bordo estão a ver, ha cristãos. (**2**) Manhoso. (**3**) Não falta

inteiramente à verdade, porque em Mombaça havia gente da Índia ou da Abissínia, que os mouros supunham ser cristãos; II, 10. (4) «A mais da...», a maior parte da... (5) Afasta (6) [Fig.] pensamento; em outros lugares do poema encontra-se «peito» a significar o «coração», como sendo o lugar em que se abrigam os bons ou maus sentimentos, que induzem a praticar acções boas ou más; outras vezes, a significar o «ânimo», a «alma»; I, 75; II, 86; VII, 92 e *passim*. (7) «Cauta fantasia», acautelada imaginação; as palavras do mouro tendiam a afastar do pensamento dos navegantes toda a idea de se precaverem; tendiam a fazer supor que a gente de Mombaça não era traiçoeira, como fôra a de Moçambique; desprevenidos, mais fácilmente produziria efeito a premeditada traição. (8) O advérbio de lugar exercendo aqui a função gramatical do pronome relativo: pelas quais falas, e em razão delas, fia-se o capitão na falsa gente. (9) «Infiel», por ser da religião maometana [cfr. «fingida»; II, 1], falsa, por ser cavilosa.

---

7 E de alguns que trazia condenados
Por culpas e por feitos vergonhosos,
Porque podessem ser aventurados
Em casos d'esta sorte duvidosos,
Manda dous mais sagazes, ensaiados
Porque notem dos Mouros enganosos
A cidade e poder, e porque vejam
Os que Christãos só tanto ver desejam.

E manda desembarcar *dois* homens dos *mais sagazes* (1) — escolhidos *de* entre *alguns, que trazia* a bordo, *condenados por culpas e vergonhosos feitos* (2), *por que* [= *para que*] *pudessem ser aventurados* (3) *em casos desta sorte duvidosos* — manda êsses dois homens, *ensaiados, porque* [= *para que*] *notem* [= *observem*] *a cidade e* o *poder* (4) *dos enganosos* (5) *mouros, e porque* [*para que*] *vejam os* tais mouros da terra *que só tanto* (6) [= *tam sómente*] — *desejam ver os cristãos* da armada.

(1) Espertos, de vivo engenho, astutos; «ensaiados»; preparados, instruídos, ensinados. (2) «Vergonhosos feitos», crimes, acções de homens que envergonham a humanidade. (3) Expostos à contingência de serem mortos; para se tirarem os símplices das abóbadas do templo de Belém serviu-se el-rei D. Manuel dalguns sentenciados à morte, os quais ficaram esmagados, por terem abatido aquelas no cruzeiro. Desde o tempo de D. João III, alguns criminosos, em lugar de padecerem a pena de morte, eram expostos a emprêsas arriscadas: tal era a de irem nas viagens de descoberta para serem desembarcados nas terras desconhecidas, como exploradores. (4) «Poder», os elementos de fôrça, os de ataque e de defesa. (5) Cavilosas. (6) «Só tanto» = unicamente; parece ser influência do italiano «soltanto», que significa, «sómente»; [cfr. est. 2] «o rei de Mombaça não deseja mais que ver-te»; quer «sómente» ver a gente da armada, e beneficiá-la, — nada mais.

---

8 E por estes ao rei presentes manda,
Porque a boa vontade que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa e branda,
A qual bem ao contrário em tudo estava.
Já a companhia pérfida e nefanda
Das naos se despedia e o mar cortava;
Foram com gestos ledos e fingidos
Os dous da frota em terra recebidos.

E, por estes condenados, *manda* Vasco da Gama *presentes ao rei* de Mombaça, *por que tenha* [= *para ter, para conservar*] *firme, segura* (1), *limpa* (2) *e branda* (3), *a boa vontade* (4) *que* êsse rei *mostrava* — *a qual estava, em tudo, bem ao contrário* do que parecia (5). *A pérfida e nefanda* (6) *companhia* [= *rancho, bando*] de mouros, *despedia-se já* [*despediu-se logo*] *das naus, e cortava* [cortou] (7) *o mar. Os dois* homens *da frota* portuguesa *foram recebidos em terra com ledos* (8) *e fingidos* (9) *gestos* (10).

(1) «Firme, segura» [sinonímia], duradoura. (2) Sincera. (3) Afável. (4) Bemquerença. (5) Era muito avessa ao que parecia; o rei fingia ter grande simpatia pelos portugueses, quando realmente só desejava a sua destruição. (6) Abominável, ignóbil. (7) Sulcava-o com as quilhas dos barcos, navegando para terra. (8) Alegres. (9) «Fingidos», dissimulados. (10) Rostos, semblantes; eram prazenteiros, mas o afecto que mostravam era fingido.
«Frota»: cfr. I, 29.

---

9 E, despois que ao rei apresentaram
Co recado os presentes que traziam,
A cidade correram e notaram
Muito menos d'aquillo que queriam;
Que os Mouros cautelosos se guardaram
De lhe mostrarem tudo o que pediam:
Que onde reina a malícia, está o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.

E — depois que apresentaram [= *depois de apresentarem*], *ao rei, os presentes, com o* [= *mais o*] *recado* (1) *que traziam — correram a cidade* (2), *e notaram* [= *tomaram conhecimento de*] *muito menos daquilo que queriam* saber; *que* [= *pois*] *os mouros, cautelosos, guardaram-se* (3) *de mostrar-lhes tudo o que* os dois enviados *pediam* [= *buscavam*]; *que* [= *porque*], *onde* [*em quem*] *reina* [= *domina*] *a malícia* (4), *está o receio, que a faz imaginar no peito alheio* (5).

(1) Mensagem. (2) Andaram pela cidade rápidamente, de modo que não podiam observar tudo com minudência. (3) «Guardaram-se de» = evitaram. (4) «Onde reina...», quem tem malícia, tem receio de que as outras pessoas sejam igualmente maliciosas. (5) O coração de outrem; o perverso está

sempre desassossegado; tudo quanto êsse premedita contra o próximo, isto mesmo imagina e receia que lhe façam.

---

10 Mas aquelle que sempre a mocidade
Tem no rosto perpétua e foi nascido
De duas mãis, que urdia a falsidade
Por ver o navegante destruído,
Estava nũa casa da cidade,
Com rosto humano e hábito fingido,
Mostrando-se christão, e fabricava
Um altar sumptuoso que adorava.

Mas Baco (1), *aquele* deus fabuloso *que tem sempre no rosto a perpétua mocidade, e* que *foi nascido de duas mães, e que urdia* (2) *a falsidade, por* [= *para*] *ver destruído o navegante* português — *estava numa casa da cidade, com rosto humano* (3) *e* com *hábito* (4) *fingido, mostrando-se cristão* (5), *e fabricava* [= *estava fabricando, preparando*] *um sumptuoso* (6) *altar, que adorava* (7).

(1) A história mitológica conta que êle mostrava mocidade no rosto em toda a idade, e que, estando ainda no ventre de Semele, sua mãe, foi dêle tirado por Júpiter [I, 71], quando ela perecia em um incêndio, e guardado na côxa do mesmo Júpiter, na qual se conservou até completa gestação. Daí vem o dizer-se que fôra nascido de duas mães — Semele e a côxa de Júpiter. O nome de « Baco », o deus do vinho, toma-se como personificação do mesmo vinho, algumas vezes; a razão do símbolo está em ser o vinho produzido pela vide [a primeira mãe] e amadurecido no tonel [a segunda mãe]. (2) Fig., maquinava, armava a cilada [lit. « urdir » é dispor os fios longitudinais da tela, para depois neles entrelaçar os fios transversais, a trama, com que se forma o tecido]. (3) Baco é sempre re-

presentado em forma humana; o epiteto tem aqui a significação de «bondoso», embora fôsse fingida a bondade. (4) «Hábito» pode aqui significar a roupa externa das pessoas pertencentes a ordens monásticas; seria um dêsses «hábitos» que Baco trazia por disfarce; já em Moçambique tomara outro disfarce — o de mouro [cfr. I, 77]; pode tomar-se também na acepção comum de «aparência externa», «compostura»: portanto — rosto de bondade e compostura fingidos; mostras hipócritas de bondade e devoção. (5) A ficção tem certo fundamento histórico; diz João de Barros que emissários enviados por Vasco da Gama não viram em Mombaça nem altar nem cristãos, mas afirma Castanheda [I, 9.º], que o navegador «mãdou a dous degradados, de alguns, que trazia para aventurar para tais recados, e forã encontrar cõ dous mercadores, parece que cristãos de San Tomé que lhes mostrarã pintada em hũa carta a figura do Sprito Santo, e por entre eles fizerã sua adoraçã em giolhos». (6) Adornado de preciosidades. (7) Entende-se: «fingia adorar».

---

11 Ali tinha em retrato affigurada
Do alto e Sancto Spírito a pintura,
A cândida pombinha debuxada,
Sôbre a única fénix, Virgem pura;
A companhia sancta está pintada
Dos doze, tam torvados na figura,
Como os que, só das línguas que caíram
De fogo, várias línguas referiram.

Ali, naquela casa, *tinha* Baco —, *afigurada em retrato* (1) [*representada em quadro emmoldurado*] —, *a pintura do alto* [= *poderoso*] *Espírito Santo* (2), estando *a cândida Pombinha* (3) *debuxada sôbre a* imagem da *Virgem pura, a única Fénix* (4); em outro quadro *está pintada a Santa companhia dos doze* Apóstolos (5), *tam torvados* (6) *na figura* [*no rosto*] como ficaram *os* onze apóstolos *que referiram* [*que*

falaram] *várias línguas, só* por causa *das língua de fogo, que* do céu *caíram.*

(1) Fig., quadro emmoldurado como aqueles em que s colocam retratos. (2) No texto «Santo Spírito»; transposiçã e aférese exigidas pela métrica. (3) A pomba, o símbolo d Espírito Santo; a candidez ou alvura traz a idea de pureza o diminutivo acentua ternamente a idea de pureza e inocência. (4) Por muito tempo se supôs haver uma ave dêste nome, e ser a única do mundo, de brilhante plumagem, e que no cabo de séculos, fazia ninho onde se deixava morrer, onde dos seus restos nascia outra ave semelhante; com esta ave se compara a mãe de Deus, por ser no mundo a «única Virgem-Mãe. (5) Alusão às palavras da escritura: «de repente vieram do céu... e lhes apareceram [aos Apóstolos] repartidas, umas como línguas de fogo, que repousaram sôbre cada um dêles, e começaram a falar em várias línguas»; celebra-se memória dêste facto no dia de Pentecostes, 50.º depois da Páscoa. (6) Extáticos; assim é costume representar os apóstolos, quando lhes apareceu Jesus Cristo resuscitado: «perturbados, espantados». Só estavam reùnidos *onze*, quando o Redentor lhes apareceu: «finalmente apareceu Jesus aos onze, a tempo que êles estavam à mesa»; faltava Judas Iscariotes [que se tinha enforcado, e que mais tarde foi substituído por Matias]. Por isso a leitura deve entender-se dêste modo: «está pintada a companhia dos doze», o Mestre e os onze discípulos, e estes com as feições tam perturbadas como ficaram, quando caíram do céu as línguas de fogo, e êles começaram a falar em várias línguas. Também pode inferir-se, do emprêgo da palavra «doze», que o Poeta quis mostrar não ser o quadro obra de artista cristão, pois o semblante de Jesus não devia estar «torvado».

«Pentecostes» era, entre os judeus, o nome da festa solene em memória do dia em que Moisés recebera de Deus as tábuas da lei. Na religião cristã celebra-se a festa de Pentecostes em comemoração da descida do Espírito Santo sôbre os apóstolos a inspirá-los de modo que pudessem prègar o Evangelho entre os diversos povos do mundo.

---

12 Aqui os dous companheiros, conduzidos
Onde com êste engano Baco estava,
Põem em terra os giolhos, e os sentidos
Naquelle Deus que o mundo governava.
Os cheiros excellentes produzidos
Na Panchaia odorífera queimava
O Thioneo; e assi por derradeiro
O falso deus adora o verdadeiro.

Aqui, os dois companheiros (1), *conduzidos onde Baco estava com êste engano* (2), *põem os joelhos* (3) *em terra, e os sentidos* (4) *naquele Deus que o mundo governa* (5). *O Tioneu* (6) *queimava* [*estava queimando*], em sinal de veneração, *os excelentes cheiros* (7) *produzidos na odorífera* (8) *Pancaia* (9); *e assim, por derradeiro* (10), *o falso deus* (11) *adorava* (12) o Deus *verdadeiro*.

(1) Os dois degradados que Vasco da Gama havia mandado desembarcar em Mombaça. (2) O altar levantado para enganar os dois portugueses. (3) No texto «giolhos» [português antigo], concorrendo com o castelhano antigo «ginojos», *passim*. (4) O pensamento: a atenção da vista nas imagens que simbolizavam a divindade; e o pensamento, em Deus. (5) No texto «governava» [enálage, justificada pelo emprêgo freqüente de pretérito imperfeito, no português antigo, para exprimir conjuntamente êsse e outros tempos; e ainda hoje usada em linguagem popular]; quem diz «eu desejava ter muita saúde», dá a entender que «desejou, deseja e há-de desejar». (6) Epíteto de Baco, por ser neto de Tione, mãe de Semele. (7) Plural pelo singular; o produto pela substância que o deu [dupla sinédoque e perífrase]; incenso, a goma-resina que se queima nas cerimónias da Igreja Católica. (8) O qualificativo dos objectos que tem aroma, ou que o produzem, aplicado aqui à região produtora de substâncias aromáticas. (9) Nome com que os romanos designavam a Arábia, o país em que vive a planta de que se

extrai o incenso [cfr. Conde de Ficalho, *Flora dos Lusíadas*, p. 60]. (10) Afinal. (11) O Tioneu. (12). No texto «adora» [enálage]; entende-se «adorava aparentemente».

---

13 Aqui foram de noite agasalhados
Com todo o bom e honesto tratamento
Os dous christãos, não vendo que enganados
Os tinha o falso e sancto fingimento.
Mas assi como os raios espalhados
Do sol foram no mundo, e num momento
Appareceu no rúbido horizonte
Da môça de Titão a roxa fronte,

Aqui, na casa em que estava Baco, *foram agasalhados* (1) *os dois cristãos com todo o bom e honesto tratamento* (2), *não vendo que o falso e santo fingimento* (3) *os tinha enganado* (4). *Mas, assim como* (5) [= *assim que* = *logo que*] *os raios do sol foram espalhados no mundo* (6)—*e* foi *num momento que apareceu a roxa* (7) *fronte do sol no rúbido* (8) *horizonte, na môça de Titão* (9),—*tornam os mouros...* [*segue a oração principal na estância seguinte*].

(1) Acolhidos. (2) Honrosa hospitalidade. (3) As falsas imagens de santidade. (4) No texto, o adjectivo em vez do particípio [arcaísmo]. (5) «Assim como» no sentido de «logo que» é português antigo; emprega-se hoje só nas orações correlatas e nas comparações. (6) Logo que nasceu o sol [perífrase]. (7) Vermelha, rubra [era esta a significação literal no português antigo, como se disse em notas de I, 28[4] e 59[3]. (8) Rubro [sinonimia]. (9) Nome do pai de Aurora [fábula]; por isso «môça» tem aqui a significação de «filha»: julgamos que a «aurora», expressa no texto por meio do símbolo mitológico, não tem aqui a significação da «claridade do céu que precede o nascer do sol», mas sim a do «lugar da abóbada celeste em que aparece tal claridade»; e

vem no texto, como explicação restritiva, isto é: o rosto [a fronte] do sol apareceu no horizonte; mas, não em todo o horizonte, e sómente naquele lugar em que se costuma ver a aurora; e isso foi «num momento». porque nas regiões equatoriais [e Mombaça está em 4° lat.] o sol, apenas chega ao horizonte, aparece-nos imediatamente; não há lá o crepúsculo matutino das regiões que estão em latitude igual à do nosso país, onde o sol, chegado ao horizonte, e antes de aparecer acima dêle, dardeja para a atmosfera, durante 15 ou 20 minutos, um esplendor que dá ao céu a côr a princípio rosada e depois purpúrea — êsse estado do céu a que se chama «aurora».

---

14 Tornam da terra os Mouros co recado
Do rei, pera que entrassem; e consigo
Os dous que o capitão tinha mandado,
A quem se o rei mostrou sincero amigo.
E sendo o Português certificado
De não haver receio de perigo,
E que gente de Christo em terra havia,
Dentro no salso rio entrar queria.

..., os mouros tornam da terra para bordo *com o recado do rei* de Mombaça *para que* os navios *entrassem* no pôrto; *e* trazem *consigo os dois* homens *que o Capitão* (1) *tinha mandado* na véspera, e *a quem* [= *aos quais*] *o rei se mostrou* [*mostrara*] *sincero amigo; o* Capitão *português — sendo certificado* [= *convencido*] *de não haver* fundamento para *receio de perigo, e* convencido *de que havia em terra gente de Cristo — queria* (2) *entrar dentro no salso* (3) *rio.*

(1) Vasco da Gama. (2) Estava resolvido a entrar no pôrto; mas não chegou a entrar, como adiante se verá. (3)

Salgado; «salso» é latinismo; é termo usado só na poesia; «salso argento» [I, 18[5]]; os rios que desembocam no mar tem as águas salgadas junto da foz; mas, aqui, pelas palavras «salso rio» entende-se o braço de mar, o pôrto que forma abrigo para fundeadouro dos navios; porque na ilha de Mombaça não há rio que sirva de ancoradouro.

---

15 Dizem-lhe os que mandou, que em terra viram
Sacras aras e sacerdote sancto,
Que ali se agasalharam e dormiram,
Em quanto a luz cubriu o escuro manto;
E que no rei e gentes não sentiram
Senão contentamento e gôsto tanto
Que não podia certo haver sospeita
Nũa mostra tam clara e tam perfeita.

Os homens *que* Vasco da Gama *mandou* [*mandara*], *dizem-lhe: que viram, em terra, aras* (**1**) *sacras* (**2**) *e sacerdote* (**3**) *santo* (**4**); *que* êles *se agasalharam* (**5**) [= *foram agasalhados*], *e dormiram ali emquanto o escuro manto* da noite *encobriu a luz* do dia; *e que, no rei e* nas suas *gentes, não sentiram senão contentamento e gôsto, tanto, que não podia, certo* [= *certamente*], *haver suspeita numa tam clara e tam perfeita mostra* [= *demonstração*] de amizade do rei pelos portugueses.

(**1**) Altares, singular pelo plural; para significar [dupla sinédoque] não só o altar, mas também as imagens e mais objectos que aos portugueses se afiguraram indícios de haver cristãos em Mombaça. (**2**) Sagradas, dedicadas à religião. (**3**) Referência ao «hábito fingido» de Baco; II, 10. (**4**) Respeitável. (**5**) «Agasalhar» = tratar carinhosamente; é a forma passiva; portanto — «foram carinhosamente tratados».

---

16 Co isto o nobre Gama recebiam
Alegremente os Mouros que subiam.
Que levemente um ânimo se fia
De mostras, que tam certas pareciam.
A nao da gente pérfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que traziam.
Alegres vinham todos, porque crem
Que a presa desejada certa tem.

Com isto (1), *o nobre Gama recebia alegremente os Mouros que subiam* à nau, *que* [= *pois*] *um ânimo* (2) sincero *fia-se levemente* (3) *de mostras* (4) *que parecem certas. A nau encheu-se da pérfida* (5) *gente, deixando* [= *a qual deixou*] acostados *a bordo* (6) *os barcos que trazia* (7); *todos* os mouros *vinham alegres, porque criam* [= *supunham*] *que tinham certa a presa* por êles *desejada.*

(1) Em conseqüência disto. (2) Coração. (3) Inconsideradamente. (4) Aparências fingidas. (5) Traiçoeira. (6) «Deixando os barcos a bordo» quer dizer «encostados ao bordo»; a significação restrita de «bordo dum navio» é o «costado», a parte exterior que fica acima da linha de flutuação; por isso é comum dizer-se que uma barcaça vai «a bordo» trazer ou levar carga; diz-se também vulgarmente que uma pessoa «vai para bordo» para significar que entra no navio, mas nesse caso toma-se o vocábulo, fig., por «navio»; e, quando se diz «que vai para bordo do navio», emprega-se um pleonasmo. (7) Os barcos em que essa gente viera.

No texto há uma seqüência de verbos no imperfeito com interpolações de tempo presente — enálage raramente usada na poesia moderna, e não permitida na prosa corrente.

---

17 Na terra cautamente aparelhavam
Armas e monições, que como vissem
Que no rio os navios ancoravam,
Nelles ousadamente se sobissem.
E nesta treição determinavam,
Que os de Luso de todo destruíssem,
E que incautos pagassem, d'êste geito,
O mal que em Moçambique tinham feito.

Na terra os mouros *aparelhavam* (1) *armas e munições e, cautamente,* para *que como vissem* (2) *que os navios ancoravam no rio* (3)—*se subissem* (4) *neles ousadamente; e com esta traição determinavam que os de Luso* [= *os portugueses*] se *destruíssem* (5) *de todo, e que dêste jeito* (6), estando *incautos* (7), *pagassem o mal que tinham feito em Moçambique* (8).

(1) Preparavam. (2) Logo que viessem. (3) Fig., no pôrto. (4) Forma reflexa usada pelos antigos, que diziam «subir-se a um cavalo» = por montar; aqui, essa forma tem uma certa ênfase: indica a intenção de invadirem violentamente os navios subindo pelo costado, pelos cabos e pelas enxárcias, e não a de entrarem pacìficamente pelo portaló. (5) Subentende-se, por elipse, a partícula que dá a forma passiva; «fôssem destruídos». (6) Dêste modo. (7) Desacautelados, desprevenidos. (8) Como ficou dito, finge-se que Baco tinha ido avisar a gente de Mombaça, dizendo-lhe o que se passara em Moçambique, incitando-a a exercer vingança contra os portugueses.

18 As âncoras tenaces vão levando
Com a náutica grita costumada,
Da proa as velas sós ao vento dando,
Inclinam pera a barra abalisada.
Mas a linda Ericina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande e tam secreta,
Voa do ceo ao mar como ũa seta.

Os tripulantes das naus *vão levando* (1) *as tenazes* (2) *âncoras, com a grita* (3) *náutica* que é *costumada* em tal manobra; e, *dando ao vento só* (4) *as velas de proa, inclinam* esta *para a abalizada* (5) *barra. Mas a linda Ericina* (6), *que sempre andava guardando a assinalada* (7) *gente* portuguesa — *vendo a grande e tam secreta* (8) *cilada* — *voa, como uma seta, do céu ao mar* em socorro dos navegantes.

(1) Levantando, suspendendo. (2) No texto «tenaces» [latinismo]; qualificativo dos objectos que prendem outros á semelhança de garra; a âncora, lançada no fundo do mar, prende o navio ao lugar em que está. (3) Clamor; era de uso antiquíssimo a cantoria rítmica dos marinheiros, na ocasião de levantarem âncoras, para convergirem os esforços de todos, em dados momentos, alando cabos ou dando volta ao cabrestante, em que estes se enrolam: cfr. *celeuma* [nota á est. 25] — a cantoria rítmica, cadenciada, dos remadores, costume que ainda hoje se observa nos barcos dos indígenas em África. (4) No texto «sós» o adjectivo tomado pelo advérbio «únicamente»; ao entrar num pôrto ou ao sair dêle, sendo preciso virar de bordo, e andar vagarosamente, colhem-se todas as velas, ficando largas sómente as de proa. (5) Marcada com as suas balizas; podem estas ser bóias, árvores, outeiros, moinhos, etc., que servem de marca para o enfiamento do navio por sítios onde haja cachopos ou baixios. (6) Epiteto de Vénus, por ter sido venerada em Erice [Sicília]. (7) Ilustre. (8) Desconhecida [dos portugueses], preparada em segrêdo pelos mouros.

19 Convoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a mais cerúlea companhia;
Que, porque no salgado mar nasceu,
Das águas o poder lhe obedecia.
E propondo-lhe a causa a que deceu,
Com todas juntamente se partia,
Pera estorvar que a armada não chegasse
Aonde pera sempre se acabasse.

Vénus *convoca as alvas filhas de Nereu* (1), *com toda a mais cerúlea* (2) *companhia, que* [= *pois*] *o poder das águas* (3) *lhe obedecia, — porque* ela, *nascera no salgado mar* (4) — *e, propondo-lhes* [= *expondo-lhes*] *a causa a que* [= *pela qual*] *descera* do céu, *partiu-se* (5), *com todas as* ninfas *juntamente para estorvar* [= *impedir*] *que a armada não* (6) *chegasse* a sítio *onde se acabasse* (7) *para sempre.*

(1) Mit., as Nereidas, as ninfas marítimas. (2) Em sentido restrito; da côr do mar: portanto, fig., as companheiras do mar. (3) As deidades marítimas que tinham poder no mar. (4) Vénus nascera da espuma do mar. (5) Partiu; a forma reflexa neste verbo é arcaismo, conquanto se use hoje ainda na poesia e em estilo enfático. (6) O advérbio de negação não se emprega hoje depois de verbos com a significação de impedir, evitar. (7) Forma passiva: fôsse acabada, aniquilada.

---

20 Já na água erguendo vão, com grande pressa,
Com as argênteas caudas branca escuma;
Cloto co peito corta e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma;
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da água crespa, em fôrça suma.
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.

As ninfas (1) *vão já com grande pressa, erguendo na água, com as argênteas caudas* (2), *branca escuma; Cloto corta e atravessa o mar com o peito, e com mais furor* (3) *do que costuma; Nise salta; Nerine arremessa-se por cima da crespa* (4) *água em* [= *com*] *suma fôrça; as ondas, encurvadas de temor* (5) *das apressadas Nereidas, abrem caminho.*

(1) Fantasia-se que são muitas, ainda que o Poeta sòmente nomeie três: Cloto, Nise e Nerine, que iriam à frente de três grupos. (2) Imaginavam-se as ninfas marítimas com o busto de formosas mulheres e o resto do corpo à semelhança de peixes, cujas escamas na reflexão da luz parecem de prata — argênteas. (3) Violência. (4) Agitada, revôlta. (5) Prosopopeia; as ondas curvam-se com o mêdo das ninfas.

---

21 Nos hombros de um Tritão, com gesto aceso,
Vai a linda Dione furiosa;
Não sente quem a leva o doce pêso,
De soberbo com carga tam fermosa.
Já chegam perto d'onde o vento teso
Enche as velas da frota bellicosa,
Repartem-se e rodeiam nesse instante
As naos ligeiras que iam por diante.

A *linda Dione* (1), *furiosa* (2), *com o gesto aceso* (3), *vai nos ombros dum tritão* (4); *quem a leva* [= *êle, que a leva*], *de soberbo com tam formosa carga, não sente o doce pêso.* Vénus e as Nereidas *chegam já perto* do sítio *onde o vento teso* [= *rijo*] *enche as velas da belicosa frota* (5); *repartem-se, e, ligeiras* [= *velozes*], *rodeiam nesse instante as naus que iam por* [= *para*] *diante* (6).

(1) Epiteto de Vénus, por se dizer que sua mãe se chamava Dionea. (2) Encolerizada. (3) Semblante abrasado, vermelho, afogueado, pela ira e pela pressa. (4) Monstro maritimo que se fantasiava ser metade homem e metade peixe. (5) Fig., as naus da belicosa gente portuguesa. (6) As naus estavam em andamento para o traiçoeiro ancoradouro de Mombaça.

---

22 Põem-se a deusa com outras em direito
Da proa capitaina, e ali fechando
O caminho da barra, estão de geito
Que em vão assopra o vento, a vela inchando;
Põem no madeiro duro o brando peito,
Pera detrás a forte nao forçando.
Outras em derredor levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.

A deusa (1) *põe-se, com outras* deidades, *em direito* (2) *da proa da capitânia* (3); todas *ali estão fechando o caminho da barra* (4) *de jeito* (5) *que o vento, inchando* (6) *a vela, sopra em vão* (7); algumas *põem o brando peito no duro madeiro* (8) *forçando para trás* (9) *a forte* (10) *nau; outras estão levando-a em derredor* (11), *e* assim *a desviam da inimiga barra* (12).

(1) Vénus. (2) Na frente. (3) Nome que se dava à nau principal, aquela em que ia o capitão de toda a armada, e a que navegava à frente das outras. (4) Colocadas no canal por onde os navios haviam de entrar. (5) De modo. (6) Enfunando. (7) Inútilmente; apesar do impulso recebido pelo vento, a nau desobedecia a êsse impulso, em consequência do sobrenatural socorro das ninfas. (8) Fig., a proa do navio. (9) No texto «para detrás», como se dizia antigamente, do mesmo modo que «para diante» como ainda hoje se diz, e não «para ante». (10) Forte, por ser a de maiores dimen-

sões, e pela resistência que oferecia ao peito das Nereidas em conseqüência de ser impelida pelo vento. (11) Obrigando o navio a descrever um círculo com a proa, para navegar em sentido oposto á direcção em que estava. (12) A barra onde a gente inimiga desejava que naufragasse a frota.

---

23 Quaes para a cova as próvidas formigas,
Levando o pêso grande acomodado,
As fôrças exercitam, de inimigas
Do inimigo inverno congelado;
Ali são seus trabalhos e fadigas,
Ali mostram vigor nunca esperado:
Tais andavam as Nimphas estorvando
Á gente portuguesa o fim nefando.

Andavam as ninfas estorvando o nefando fim (1) *à gente portuguesa, tais quais* andam *as próvidas* (2) *formigas levando, para a cova* de que fazem celeiro, *o grande pêso* que elas tornam *acomodado* (3) *às suas fôrças*—fôrças *que exercitam, inimigas* (4) *do inimigo inverno congelado* (5); os *seus trabalhos e fadigas*, os das ninfas, *são ali*, junto das naus; *ali mostram* elas *vigor nunca esperado* (6), como fazem as formigas no transporte de objectos para o seu celeiro.

(1) O horrível naufrágio, a abominável morte. (2) Previdentes. (3) As formigas acomodam, adaptam ás suas fôrças, individuais ou colectivas, o pêso dos objectos que desejam transportar; tal objecto é levado por uma só; para levar outro, emprega-se o esfôrço comum de muitas. (4) «De inimigas» — por serem inimigas...; previdentes, arrecadam no verão o mantimento que não podem alcançar no inverno; e, porque muitas pessoas padecem nesta estação, essas o consideram inimigo. (5) Prosopopeia, para lembrar que no

inverno muitas substâncias se congelam. (6) Vigor que não se espera que possa ter o «brando peito» das ninfas para fazer mover uma nau; como é a fôrça das formigas, transportando objectos de pêso muito superior à sua.

---

24 Torna pera detrás a nao forçada,
A pesar dos que leva, que gritando
Maream velas, ferve a gente irada,
O leme a um bordo e a outro atravessando.
O mestre astuto em vão da pôpa brada,
Vendo como diante ameaçando
O estava um marítimo penedo,
Que de quebrar-lhe a nao lhe mete mêdo.

A nau, forçada (1) pelas ninfas, *torna para trás* (2), *apesar* (3) *dos* mouros e dos tripulantes *que leva*; estes *mareiam* (4) as *velas, gritando; a gente* da pôpa *ferve* (5) *irada, atravessando o leme a um e a outro bordo* (6). *O astuto* (7) *mestre* (8), *em vão brada da pôpa* (9), *vendo como diante* desta *os estava ameaçando*, a todos, *um penedo* (10) *marítimo, que lhe metia mêdo de quebrar-lhe a nau* (11).

(1) Impelida. (2) Recua; no texto «para de trás; II, 22 nota. (3) Contra a vontade e os esforços da gente de bordo, e contra os desejos dos mouros. (4) Manobram. (5) Agita-se, para mover o leme; nas antigas embarcações de vela era preciso freqüentemente o esfôrço reünido de muitos homens. (6) Punham de través o leme ora para bombordo [lado esquerdo] ora para estibordo [direito], para que voltasse a proa para um ou para outro lado. (7) Sabedor do seu ofício. (8) O tripulante que dirige a execução da manobra ordenada pelo capitão. (9) O lugar do «mestre» é na pôpa; o qual, de lá, dava em alta voz a ordem da manobra inùtilmente, porque o navio não obedecia ao leme, mas sim aos

esforços das ninfas. (10) Recife, baixio, escolho à flor de água: por isso, «marítimo». (11) O navio, se batesse no recife, abrir-se-ia, iria ao fundo, e todos morreriam; por isso o recife causava mêdo.

---

25 A celeuma medonha se alevanta,
No rudo marinheiro que trabalha
O grande estrondo a maura gente espanta,
Como se vissem hórrida batalha.
Não sabem a razão de fúria tanta,
Não sabem nesta pressa quem lhe valha;
Cuidam que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.

Levanta-se medonha (1) *a celeuma no rude marinheiro* (2) *que trabalha; o grande estrondo espanta a moura gente, como se* os mouros *vissem hórrida* (3) *batalha;* êles *não sabem a razão de tanta fúria* (4), *não sabem quem lhes valha nesta pressa* (5); *cuidam que* os *seus enganos* (6) *são sabidos, e que por isso hão-de ser aqui punidos* (7).

(1) A grande vozearia da faina do trabalho náutico; os tripulantes repetindo em unísono as diversas e sucessivas vozes do comando das manobras, para arrear ou içar velas ou cabos, etc.; essa vozearia elevou-se com som medonho; meteu mêdo aos mouros. (2) Na rude marinhagem, que está executando as manobras. (3) Horrível. (4) Ardor, a ira no rosto dos marinheiros, por não obedecer o navio às manobras. (5) Apêrto, perigo. (6) A cilada que premeditavam. (7) Virão a ser castigados aqui [nesta ocasião].

---

26 Ei los súbitamente se lançavam
A seus batéis veloces que traziam;
Outros encima o mar alevantavam;
Saltando n'água, a nado se acolhiam.
De um bordo e d'outro súbito saltavam,
Que o mêdo os compelia do que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se
Que nas mãos inimigas entregar-se.

Ei-los (1). Alguns dos mouros *lançam-se súbitamente* aos *seus velozes batéis que traziam* acostados às naus; *outros*, que ficaram *em cima* (2), *saltando na água, levantavam o mar* (3), e *acolhiam-se* (4) *a nado*. Todos *saltavam súbito* [= *precipitadamente*] *duma e doutra borda*, *que* [= *pois*] *o mêdo do que viam* (5) *os compelia* (6), *que* [= *pois*] *antes querem aventurar-se no mar* (7) do *que entregar-se nas mãos inimigas* dos portugueses.

(1) O advérbio «eis» exercendo as funções de verbo e interjeição: = vêde-os! (2) Ficaram em cima, porque os batéis afastaram-se do costado logo que para êles saltaram alguns mouros. (3) Com o embate da queda, o mar levantava-se em ondas. (4) Escapavam-se, fugiam. (5) O mêdo que lhes causara a vozearia e a agitação da marinhagem. (6) Impelia. (7) Exporem-se ao risco de se afogarem no mar.

---

27 Assi como em selvática alagoa
As rãs, no tempo antigo lýcia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fora da água incautamente,
D'aqui e d'ali saltando o charco soa,
Por fogir do perigo que se sente;
E acolhendo-se ao couto que conhecem,
Sós as cabeças na água lhe aparecem:

28 Assi fogem os Mouros; e o pilôto,
Que ao perigo grande as naos guiara,
Crendo que seu engano estava noto,
Tambem foge, saltando na água amara;
Mas por não darem no penedo immoto,
Onde percam a vida doce e cara,
A âncora solta logo a capitaina;
Qualquer das outras junto d'ella amaina.

Assim como, em selvática (1) *lagoa, as rãs — gente lícia* (2) *no tempo antigo —, se porventura* [= *por acaso*], *estando incautamente* (3) *fora da água, sentem vir* alguma *pessoa*, vão *saltando daqui e dali, por* [= *para*] *fugirem do perigo que se sente, — e o charco* (4) *soa* (5), *acolhendo-se* elas *ao couto* (6) *que conhecem, e só* (7) *lhes aparecem na água as cabeças — assim fogem os mouros; e o pilôto* (8) *que, ao grande perigo, as naus guiara, — crendo que* o *seu engano* [*perfídia*] *estava noto* [= *conhecido*] — *também foge, saltando na água amara* (9). *Mas, por* [= *para*] os navios *não darem no imoto* (10) *penedo, onde* os navegantes *percam a doce e cara vida, a capitânia* (11) *solta logo a âncora* (12), e *qualquer* [= *cada uma*] *das outras amaina* (13) *junto dela.*

(1) Das selvas, de lugar ermo. (2) Adjectivo patronímico de Lícia [região da Ásia Menor] onde, segundo a fábula, os rústicos aldeãos turvaram a água dum lago, na ocasião de lá ir banhar-se Latona, mãe de Apolo; em castigo de tal desacato, foram êsses aldeãos convertidos em rãs. (3) Desprevenidas, descuidadas. (4) A água estagnada e imunda. (5) Dá o som do embate dos saltos; o verbo é aqui intransitivo. (6) Refúgio, esconderijo. (7) No texto «sós» — o plural do adjectivo «só», hoje desusado, e geralmente substituído pelo adjectivo «só» = sómente; conquanto se empregue ainda hoje o plural do adjectivo no sentido de «desacompanhado»:

= estavam sós. (8) O pilôto que viera de Moçambique, e havia guiado a frota para Mombaça. (9) Amarga, salgada. (10) Imóvel. (11) A nau do capitão da armada [Vasco da Gama]. (12) Desprendem as âncoras, para o fundo do mar. (13) Fig., pára; quando a capitânia largou a âncora para parar, os outros navios fizeram o mesmo; «amaina» também pode ter aqui a significação literal da linguagem marítima, e que é «colhêr as velas», pois, colhidas estas, deixa de actuar o vento, e por isso o navio pára.

---

29 Vendo o Gama, atentado, a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
O pilôto fogir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente.
E vendo sem contraste e sem braveza
Dos ventos ou das águas sem corrente,
Que a nao passar avante não podia,
Havendo-o por milagre, assi dezia:

O atentado (1) *Gama — vendo a estranheza* (2) *não cuidada* (3) *dos mouros, e* vendo *juntamente* [= *também*] *o pilôto fugir-lhe com presteza — entende* [= *compreende*] *o que a bruta* (4) *gente* mauritana *ordenava* [= *premeditava*]; *e, vendo que a nau — sem contraste* (5) *e sem braveza dos ventos, ou sem corrente das águas — não podia passar avante, havendo-o por milagre, dizia assim* (6):

(1) Atilado; particípio de «atentar», observar com tento, com reflexão. (2) Espanto. (3) Imprevista. (4) Malévola. (5) Oposição. (6) As palavras que se seguem — reflexões como se estivesse falando consigo [est. 30]; uma prece em acção de graças [est. 39], por se ter livrado do perigo que lhe estava aparelhado; e tomando por milagre o sucesso de

não poderem os navios entrar no pôrto, sem haver fôrça de mar ou vento que a tal se opusesse.

---

30 «Ó caso grande, estranho e não cuidado!
Ó milagre claríssimo e evidente!
Ó descoberto engano inopinado!
Ó pérfida, inimiga e falsa gente!
Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo, sábiamente,
Se lá de cima a guarda soberana
Não acudir á fraca fôrça humana?

Ó (1) *grande, estranho* (2) *e não cuidado* (3) *caso! Ó claríssimo e evidente milagre* (4)! *Ó inopinado engano* (5) *descoberto! Ó pérfida, inimiga e falsa gente!* (6) *¿Quem poderá, sem perigo, livrar-se sábiamente* (7) *do mal aparelhado* (8), *se a soberana* (9) *Guarda* (10) *não acudir de lá de cima à fraca fôrça humana?*

(1) Os primeiros quatro versos compreendem uma série de apóstrofes, com exclamações de surpresa pelo imprevisto sucesso; os restantes são uma confissão, em forma de pregunta, afirmando que, da maldade premeditada por modo tam cauteloso, só Deus pode livrar o homem. (2) Extraordinário. (3) Imprevisto. (4) Cfr. 29 nota. (5) Inesperada traição. (6) Gente traiçoeira, rancorosa, cavilosa. (7) Com prudência. (8) Do malefício cautelosamente premeditado. (9) Majestosa. (10) Cfr. a expressão consagrada «Anjo da Guarda».

---

31 «Bem nos mostra a divina providência
D'estes portos a pouca segurança;
Bem claro temos visto na aparência
Que era enganada a nossa confiança;
Mas pois saber humano, nem prudência,
Enganos tam fingidos não alcança,
Ó tu, guarda divina, tem cuidado
De quem sem ti não pode ser guardado.

A Divina Providência mostra-nos bem a pouca segurança (1) *dêstes portos; temos visto bem claro* (2) *que a nossa confiança* (3) *era enganada na* [=*pela*] *aparência* (4). *Mas — pois* que o *saber humano não alcança* (5), *nem* a *prudência* alcança *tam fingidos enganos* (6), *ó tu, Guarda divina* (7), *tem cuidado de quem* (8) *não pode sem ti ser guardado.*

(1) O muito perigo. (2) Claramente; o adjectivo tomado adverbialmente. (3) Boa-fé. (4) Na aparente amizade dos mouros. (5) Não consegue descobrir. (6) Ardis tão dissimulados. (7) Cfr. «soberana Guarda»; II, 30. (8) Tem desvêlo por quem, sem Ti, não pode ser defendido de perigos; note-se a epanalepse: «Guarda» e «guardado».

---

32 «E se te move tanto a piedade
D'esta mísera gente peregrina,
Que só por tua altíssima bondade
Da gente a salvas, pérfida e malina,
Nalgum pôrto seguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina,
Ou nos amostra a terra que buscamos,
Pois só por teu serviço navegamos.»

E—se a piedade (1) *desta* [= *por esta*] *misera* (2) *gente* (3) *peregrina* (4) *te move* (5) *tanto, que, só por tua altissima bondade, a salvas da pérfida* (6) *e maligna gente* (7)—*já agora* (8) *determina* (9) *conduzir-nos nalgum* [= *a algum*] *pôrto seguro* (10) *de verdade; ou mostra-nos a terra que buscamos* (11), *pois só por teu serviço navegamos* (12).

(1) Dó, compaixão. (2) Digna de misericórdia. (3) Gente portuguesa. (4) Que anda viajando por terra alheia, longe da pátria. (5) Comove. (6) Os dois sentidos: «sem fé religiosa», e «traiçoeira». (7) A gente mauritana. (8) Esta locução, formada por dois advérbios de significação idêntica, é hoje ainda popularmente usada e dita com certa ênfase, para exprimir uma conclusão, uma consequência natural; ex.: tenho andado três quilómetros, e não estou fatigado, «já agora» vou mais adiante, e andarei mais 200 metros para visitar o meu amigo; é diverso o sentido, transpostos os dois advérbios, conquanto a locução também seja enfática ou pleonástica: tive muita saúde, «agora já» não tenho. (9) Ordena que sejamos conduzidos; o imperativo empregado para exortar, impetrar. (10) Não perigoso, «pôrto em que os habitantes sejam sinceros, e não traiçoeiros, como os de Mombaça». (11) A Índia, que era o intento dos viajantes. (12) Em serviço de Deus, indo propagar a religião naquelas terras de gentios.

---

33 Ouviu-lhe estas palavras piadosas
A formosa Dione; e comovida,
D'antre as Nimphas se vai, que saùdosas
Ficaram d'esta súbita partida.
Já penetra as estrêllas luminosas,
Já, na terceira esphera recebida,
Avante passa; e lá no sexto ceo,
Para onde estava o padre se moveu.

A formosa Dione (1) *ouviu-lhe*, ao Gama, *estas piedosas* (2) *palavras, e, comovida, vai-se de entre as ninfas — que ficaram saùdosas desta súbita partida —; penetra já* (3) *as luminosas estrêlas* (4); *recebida na terceira esfera* (5), *passa já avante; e moveu-se* (6) *para lá onde estava o Padre* (7), *no sexto céu* (8).

(1) Vénus, que estava invisível para os navegantes, e entre as ninfas, impelindo a nau. (2) Que incitavam compaixão. (3) Imediatamente. (4) Fig., a região etérea, a das estrêlas. (5) Fig., órbita; no sistema de Ptolomeu a órbita de Vénus era a terceira [I, 21: «dos sete céus»]; note-se que o Poeta identifica a deusa mitológica com o planeta a que foi dado o seu nome, e personifica-o depois em forma humana nas estâncias seguintes. (6) Dirigiu-se. (7) Júpiter; cfr. nota 5. (8) A sexta órbita, a órbita de Júpiter, planeta. Os meticulosos que supuserem incoerência no Poeta, atribuindo o socorro duma deusa fabulosa à conseqüência duma prece dirigida ao Deus verdadeiro, acham a explicação na ADVERTÊNCIA, p. 12.

---

34 E como ia afrontada do caminho,
Tam fermosa no gesto se mostrava,
Que as estrêllas e o ceo e o ar vizinho
E tudo quanto a via namorava.
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Uns espíritos vivos inspirava,
Com que os polos gelados acendia,
E tornava do fogo a esphera fria.

E, como ia afrontada (1) *do* [= *por causa do*] *caminho, mostrava-se no gesto* (2) *tam formosa, que namorava* (3) *as estrêlas, e o céu e o ar vizinho, e tudo quanto a via. Dos olhos — onde seu filho* (4) *faz o ninho — inspirava* (5) *uns espíritos* (6) *vivos,*

com que acendia (7) *os polos gelados* (8), *e tornava de fogo* [= *convertia em fogo*] *a fria esfera* (9).

(1) Afogueada, corada, por causa da pressa em percorrer tam extenso caminho e tam rápidamente. (2) Rosto, semblante. (3) Atraía, inspirava, ganhava o amor das estrêlas, o amor do céu... o amor de todas as pessoas que a vissem; no sentido de «atrair, ganhar afectos» emprega o Poeta sempre o verbo «namorar». (4) Cupido, aqui, significa o próprio «amor», por alegoria: entende-se que nos olhos da deusa estava o maior encanto e a origem do seu poder de fascinação, e da faculdade de inspirar amor. (5) Exalava. (6) Fluidos. (7) Inflamava. (8) O gêlo dos polos da terra [hipérbole]. (9) A lua; ou [sinédoque] a parte fria da esfera terrestre; repetindo a idea com palavras diversas.

---

35 E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada e cara,
Se lh'apresenta assi como ao Troiano
Na selva Idea já se apresentara.
Se a vira o caçador que o vulto humano
Perdeu, vendo Diana na água clara,
Nunca os famintos galgos o mataram
Que primeiro desejos o acabaram.

E — por [= *para*] *mais namorar* (1) *o Soberano* (2) *Padre* (3), *de quem foi sempre amada e cara — apresenta-se-lhe, assim como já se apresentara ao* príncipe *troiano* (4) *na Ídea* (5) [= *idense*] *selva* (6). *Se a vira* [= *se a tivesse visto*] Actéon (7) — *o caçador que perdeu o vulto humano* [*a forma humana*] *vendo* [= *quando viu*] *Diana na clara água — nunca os famintos galgos o mataram* [= *matariam*] (8), *que* [= *pois*] *primeiro* [= *antes disso*], os *desejos o acabaram* [= *acabariam*] (9).

(1) Atrair a ternura de. (2) Sumamente poderoso. (3) Epíteto de Júpiter. (4) Páris, filho de Príamo, rei de Tróia. (5) Adjectivo patronímico de Ida — nome antigo de Mísia, na Ásia menor, e região a que pertencia a cidade de Tróia. (6) Floresta: a fábula conta que nas bodas de Peleu [o espôso de Tétis, e pai de Aquiles, o herói grego imortalizado na Ilíada] estavam juntas Juno, Palas e Vénus; vendo-as, a Discórdia [divindade maléfica expulsa do Céu], que estava escondida, e furiosa por não ter sido convidada para aquelas bodas, atirou para a sala do festim um pomo com esta inscrição: «destinado à mais formosa». Para se dicidir qual das três deusas era a mais linda, foi nomeado árbitro, como se diria hoje, o filho de Príamo; e, tendo Páris pronunciado o seu voto a favor de Vénus, a esta foi entregue o pomo. A deusa apresentou-se a Júpiter tam formosa como estava quando Páris a viu. (7) Actéon [mit.] teve a indiscrição de surpreender Diana, estando esta no banho; por castigo dessa indiscrição foi convertido em veado; e depois os galgos [os cães da caçadora] mataram-no. (8) Flexões do pretérito mais que perfeito, empregadas no imperativo condicional. (9) Se Actéon tivesse visto no banho a Vénus, em vez de Diana, ou se Diana tivesse a formosura de Vénus, êsse caçador, antes de ser morto pelos cães, ficaria aniquilado pelos desejos, pelo alvorôço, pela exaltação febril que lhe produziria a vista de tanta formosura.

---

36 Os crespos fios d'ouro se esparziam
Pelo colo que a neve escurecia;
Andando, as lácteas tetas lhe tremiam,
Com quem Amor brincava, e não se via;
Da alva petrina flamas lhe saíam,
Onde o minino as almas acendia;
Polas lisas colunas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

Os crespos fios de ouro (1) *esparziam-se*-lhe (2) *pelo colo* (3), *que* (4) *a neve escurecia* (5); *andando* (6) *tremiam-lhe* (7) *as tetas lácteas* (8), *com quem*

[= *com as quais*] *o Amor brincava* (**9**), *e não se via* (**10**). *Da alva petrina* (**11**) *saíam-lhe flamas* (**12**) *onde o Menino* (**13**) *acendia as almas; pelas lisas colunas* (**14**) *trepavam-lhes desejos* (**15**) *que se enrolavam como* a *hera* se enrola em volta das árvores.

(**1**) Os ondeados cabelos louros. (**2**) Caíam espalhados, soltos [sôbre o busto de Vénus]. (**3**) Lit., pescoço; extensivamente — busto, a parte do corpo acima da cintura; cfr. «uma criança ao colo». (**4**) Ao qual. (**5**) O colo era mais branco do que a neve [hipérbole]. (**6**) Quando a deusa se movia, a andar. (**7**) Estremeciam. (**8**) Os seios, lácteos, por terem alvura igual à do leite. (**9**) Cupido, o filho de Vénus, costuma brincar com os seios da mãe. (**10**) Sem ser visto [de estranhos], tornando-se invisível — ficção da crença de terem os deuses a faculdade de se tornarem invisíveis. (**11**) Êste vocábulo antiquado teria a significação de «peito» [do franc. *poitrine?*]; atribuía-se-lhe o significado de «cinto», e por extensão, «cinto de castidade» [de que usavam as virgens para conservar a sua pureza]; mas a esta conjectura opõe-se a estância seguinte, em que se diz estar Vénus coberta apenas por um véu diáfano. (**12**) Fig., eflúvios, emanações. (**13**) O Deus do amor [Cupido] inspirava ardentes desejos de admirar os formosos seios da deusa. (**14**) Os membros inferiores do corpo humano, que, sustentando o busto, se comparam com as colunas elegantes em que assenta sumptuoso monumento. (**15**) Os olhares de quem as visse demorar-se-iam a contemplá-las, envolvendo-as como a planta trepadeira que se prende ao tronco da árvore envolvendo-o: — imagem que dá reminiscência do símbolo da «hera»: o «amor constante» tendo por divisa: — *je meurs ou je m'attache*, «se me não prendo pela afeição, falece-me a vida».

---

37 C'um delgado cendal as partes cobre
De quem vergonha é natural reparo;
Porém nem tudo esconde nem descobre
O veo, dos roxos lirios pouco avaro;
Mas pera que o desejo acenda e dobre,
Lhe põem diante aquelle objecto raro;
Já se sentem no céo, por toda a parte,
Ciúmes em Vulcano, amor em Marte.

Com um delgado (1) *cendal* (2), a deusa *cobre as partes de quem* [= *das quais*] a *vergonha é reparo* [= *defesa*] *natural* (3); *porêm o véu, pouco avaro* (4) *dos roxos* (5) *lírios* (6), *nem* tudo *esconde nem* tudo *descobre; mas* ela, *para que acenda* [= *para acender*] *e dobre o desejo* (7) em Júpiter, *põe-lhes* (8) *diante aquele objecto* [*o véu*] *raro* (9) [*transparente*]. *No céu* (10), *já se sentem, por toda a parte, ciúmes em Vulcano, amor em Marte.*

(1) Fino, transparente. (2) Véu. (3) Perífrase da parte do corpo humano que não pode ser nomeada honestamente; a vergonha, o pudor, são instinto natural que induz a defendê-la, encobri-la. (4) Fig., [prosopopeia] o véu era generoso, não queria esconder aquela formosura. (5) Violáceos. (6) Roxos lírios, nome botânico *Iris subflora*, é delicada expressão para repetir a idea expressa na ferífrase, a que se alude na nota 3 [cfr. *Flora dos Lusíadas*, p. 26]. Faria e Sousa observa que o Poeta, nesta imagem, se inspirou em reminiscências de Anacreonte, Ovídio, Vergílio, Petrónio e Ariosto, etc. [célebres poetas líricos da antiguidade]. (7) Fig., o amor. (8) No texto «lhe» [= lhes *passim*, referindo-se a «lírios»], põe diante dêles; os antigos empregavam «diante» como preposição [= na frente]. (9) Cfr. em latim *tunica rara*, túnica de tecido diáfano, transparente; a deusa apresenta-se a Júpiter, não em completa nudez, como sempre é descrita e pintada; tal demonstração de pudor é para atrair a ternura de Deus soberano, para lhe incitar o desejo de atender à prece, que ela vai dirigir-lhe [cfr. est. 39 sgs.]. (10) Em toda a parte do Olimpo se fala, atribuindo-se a um dêsses

deuses muito amor, e a outros muitos ciúmes por causa da formosura de Vénus.

Vénus ocultava com o véu a parte do corpo em que podia ofuscar-se a vista; mas êsse véu, por ser transparente, aguçaria a curiosidade, deixando ver por modo difuso o que seria natural desejo ver melhor. Estando ela tão formosa, Vulcano arderia em ciúmes, e Marte em amor: aludindo-se ao passado em que o primeiro fôra marido de Vénus, e seu amante o segundo.

---

38 E mostrando no angélico semblante
Co riso ũa tristeza misturada,
Como dama que foi do incauto amante
Em brincos amorosos maltratada,
Que se aqueixa e se ri num mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada—
D'esta arte a deusa, a quem nenhũa iguala,
Mais mimosa que triste ao padre fala:

E mostrando Vénus, *no angélico semblante* (1), *uma tristeza misturada com o riso* (2),—*como dama, que, em amorosos brincos, foi maltratada do* [=*pelo*] *incauto amante* (3), e *que se queixa e se ri no mesmo instante, e se torna* [*mostra*] *entre alegre e maguada* (4),—*desta arte,* e *mais mimosa* do *que triste* (5), *fala ao Padre a deusa, a quem nenhuma iguala* (6):

(1) Rosto de anjo. (2) Sorrindo-se tristemente. (3) O amante desatento, que, sem querer, a melindrou. (4) Repetição da idea expressa no verso 2, mas por outras palavras: ao mesmo tempo o sorriso e a melancolia. (5) Mais acariciadora do que triste. (6) Nenhuma outra deusa; alusão à beleza de Vénus, beleza superior à de Juno, de Palas Minerva, quando as três se despiram, e à primeira foi dado por Páris (o troiano) o prémio da formosura—o pomo da discórdia que suscitou a guerra das outras duas deusas contra Tróia.

---

39 «Sempre eu cuidei, ó padre poderoso,
Que pera as cousas que eu do peito amasse,
Te achasse brando, affábil e amoroso,
Pôsto que a algum contrairo lhe pesasse;
Mas, pois que contra mi te vejo iroso,
Sem que t'o merecesse nem te errasse,
Faça-se como Baco determina!
Assentarei em fim que fui mofina!

— *Ó poderoso Padre* (1), *eu sempre cuidei* [= *imaginei*], *que te achasse brando* (2), *afável* (3) *e amoroso* (4) *para as cousas* (5) *que eu amasse do peito* (6), *pôsto que* [= *ainda mesmo que*] isso (7), *a algum contrário* (8), *lhe* (9) *pesasse* (10). *Mas — pois que* [= *visto que*] *te vejo iroso* (11) *contra mim, sem que* eu *to merecesse, nem* [= *e sem que eu*] *te errasse* (12) — *faça-se como* o *Baco determina* (13), e *assentarei emfim, que fui mofina* (14).

(1) Como se tem dito anteriormente, «Padre» é o epíteto de Júpiter, por ser o mais poderoso dos deuses e pai de muitos dêles; Vénus, segundo a mitologia grega, nascêra espontâneamente da espuma do mar. (2) Bondoso. (3) Afectuoso. (4) Carinhoso; note-se a sinonímia nos três adjectivos. (5) Criaturas; alusão aos portugueses protegidos pela deusa que está falando; tenha-se em lembrança que a palavra «cousa» é genérica e designa tudo o que existe ou pode existir, ou se pode conceber, nem sempre se emprega em oposição a «pessoas»; e não significa sómente «objecto material», mas também «criatura», «ente». (6) Coração. (7) Essa brandura, essa afabilidade, etc. (8) No texto «contrairo» forma antiquada, e ainda hoje popular; o mesmo que «inimigo», aludindo a Baco, mais abaixo nomeado, e que já se mostrava inimigo da deusa, perseguindo os viajantes portugueses. (9) Note-se o pleonasmo dos dois complementos. (10) «Lhe pesasse» = lhe causasse pesar. (11) Irado, irritado. (12) «Sem que eu te errasse» = sem eu te haver ofendido; «errar a alguem» é expressão antiga, significando «ofender alguem». (13) Faça-se o que Baco

manda; faça a sua vontade [a qual era destruir os navegantes]—maneira de comover, manifestando dolorosa resignação. (14) Infeliz.

---

40 «Este povo que é meu, por quem derramo
As lágrimas que em vão caídas vejo,
(Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo),
Por elle a ti rogando choro e bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.
Ora, pois porque o amo, é mal tratado,
Quero-lhe querer mal, será guardado.

«*Êste povo* (1), *que é meu* (2) amado, e *por quem* [= *pelo qual*] *derramo as lágrimas que vejo caídas em vão*... (3) quanto é infeliz! *que assaz de mal* (4) [*que imenso mal*] *lhe quero! pois que* [= *visto que*] eu *o amo, sendo tu tanto contra* (5) o *meu desejo* (6)! *Choro e bramo* (7) *rogando a ti por êle! e em fim* [= *afinal*] *pelejo* (8) dêsse modo (9) *contra* a *minha dita* (10). *Ora, pois* [= *visto que*] êste povo *é maltratado, porque* eu *o amo, quero querer-lhe mal* (11) assim, *será guardado* [= *defendido*] por ti.

(1) Continua a fala de Vénus a Júpiter; «êste povo» é o lusitano [sinédoque]: o todo pela parte, pois a referência é feita realmente aos tripulantes da esquadra portuguesa; note-se a linguagem anacolútica e elíptica dos primeiros versos: «êste povo» concorda com o predicado subentendido, nas palavras que vão em tipo diverso (ou em outras semelhantes); quando se dissesse «a êste povo, quanto mal *lhe* quero»! ainda haveria o pleonasmo anacolútico dos dois complementos. (2) «Meu»=de mim, subentendendo-se «amado», «querido»; é usual o emprêgo dêsse adjectivo possessivo, para exprimir carinho, quando se lhe segue nome de pessoa. (3) «Em vão»=inùtilmente; dando a deusa a entender que as suas lágrimas são inúteis, não comovem

Júpiter. (4) «Que assaz de mal»; «que» é o advérbio equivalente a «quam»; «assaz de» é locução adverbial antiga, equivalente ao superlativo «muitissimo», e exprime aqui a grandeza, a imensidade do «mal desejado»; nessa hipérbole é transparente a ironia: «querer mal» é «odiar», e a deusa não odeia o povo lusitano: ama-o, como ela própria o diz, por duas vezes, nesta estância, mas reconhece que êsse seu amor é a causa das contrariedades, que padecem os navegantes portugueses, visto que o Padre Júpiter só quere contrariar as vontades de Vénus. (5) «Tanto contra o» = tam contrário ao = tam oposto ao... [o advérbio «contra» exercendo função de adjectivo]. (6) «Desejo», aqui, é sinónimo de «vontade»; não é contrariado por Júpiter só o desejo, que tem a deusa, de que alcançassem os navegantes o fruto das suas diligências; são contrariadas todas as vontades de Vénus. (7) «Bramar» = clamar em altos brados, pedir exaltadamente. (8) «Pelejar» = combater, fazer a diligência de destruir. (9) Subentendem-se estas palavras ou outras semelhantes: «com êsses seus rogos, com essas suas lágrimas, com êsse seu amor», a deusa destrói a sua própria felicidade, que consistia em dá-la aos portugueses. (10) «Dito» = fortuna, ventura, felicidade: finge o Poeta que Vénus, para comover Júpiter e conseguir que êle proteja os navegantes, está lavada em lágrimas, já sem esperança de serem atendidos os seus rogos, e por isso ela, como vê que o seu amor aos portugueses é causa de serem maltratados por Júpiter, está resolvida a odiá-los, para que o mesmo Júpiter contrariando a vontade e os sentimentos dela, os proteja. (11) Note-se a propositada repetição do verbo com diversa significação [paronomásia]; «quero» [estou resolvida a] «querer-lhe» [desejar-lhe].

---

41 «Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui...» E nisto, de mimosa,
O rosto banha em lágrimas ardentes,
Como co orvalho fica a fresca rosa.
Calada um pouco, como se entre os dentes
Se lhe impedira a falla piadosa,
Torna a segui-la; e indo por diante,
Lhe atalha o poderoso e gram Tonante.

«*Mas, emfim* (1), *morra* (2) a gente lusitana *nas mãos das brutas gentes* (3), *pois que* [= *visto que*] *eu fui. . .*» (4). *E, nisto, de mimosa* (5), *banha em ardentes* (6) *lágrimas o rosto*, ficando tam linda, *como fica a fresca rosa banhada com o orvalho*. Estando *calada um pouco* de tempo, *como* [= *porque*] *a piedosa fala* (7) *se lhe impedira* (8) [= *se lhe tinha impedido*] *entre os dentes, torna a segui-la* (9) *e, indo* ela *por diante* (10), *o poderoso e grande* Júpiter *Tonante* (11) *atalha-lhe* (12) o discurso.

(1) Continuando a dirigir-se a Júpiter, mostra Vénus novamente dolorosa resignação para ver se dessa maneira o comove. (2) No texto «moura»: o subjuntivo do verbo português «mourir», como diziam os antigos, aproximando-se mais da etimologia latina [*mori*]; cfr. «mourir» [francês], «morir» [castelhano], «morire» [italiano]. (3) «Brutas gentes», os mouros de África. (4) Na veemência da dor, a deusa, sufocada, não pode concluir a frase; iria repetir o que já antes dissera: — que fôra «mofina», infeliz em proteger os navegantes, visto que essa protecção era causa de lhes quererem mal o deus Baco e outros deuses. (5) «Mimosa», por ser acometida de mimo [ternura, enternecimento]; a preposição «de», indicativa de causa — a das lágrimas. (6) «Ardentes», febris, dolorosas. (7) «Piedosa fala», lamentosa voz. (8) «Se lhe impedira», se lhe tinha embargado [a voz]; a deusa, na contracção da dor, cerrou os dentes e ficou sufocada. (9) «La»; o pronome refere-se a «fala» no sentido de «discurso». (10) «Indo por diante», continuando [subentende-se «a falar»]. (11) «Tonante», trovejador, epíteto de Júpiter, por se lhe atribuir o poder de desencadear as tempestades, — de «tonantem» [particípio latino], que produz o som dos trovões. (12) «Atalhar» = cortar, interromper; na estância imediata se vê como foi essa interrupção.

---

42 E d'estas brandas mostras comovido,
Que moveram de um tigre o peito duro,
Co vulto alegre, qual do ceo sobido
Torna sereno e claro o ar escuro,
As lágrimas lhe alimpa, e acendido
Na face a beija, e abraça o colo puro;
De modo que d'ali, se só se achara,
Outro novo Cupido se gerara.

E—comovido destas (1) [= *por estas*] *brandas* (2) *mostras* (3), *que moveram* [= *moveriam*] (4) *o duro* (5) *peito* (6) *dum tigre,*—Júpiter, *com o vulto* (7) *alegre, qual* o vulto *do subido céu* (8), *torna sereno e claro* (9) *o ar* que estava *escuro; alimpa-lhe as lágrimas, e acendido* [= *exaltado*] *beija-a na face e abraça-lhe o puro* (10) *colo* (11), *de modo que, dali* [= *daquela entrevista*],—*se* Júpiter *se achasse só* com Vénus,—*gerara-se* [= *gerar-se-ia, resultaria gerar-se*] *outro novo Cupido* (12).

(1) A preposição «de», indicando causa. (2) Carinhosas. (3) Demonstrações. (4) Os clássicos empregavam freqüentemente a forma verbal em «-ra» na linguagem condicional. (5) Cruel. (6) Coração, índole. (7) Rosto, aspecto. (8) «Subido», aqui, não é o particípio de «subir», mas o adjectivo com a significação de «elevado»: o planeta Júpiter pairava no sexto céu, na sexta órbita celeste; cfr. Advertencia p. 18 sgs. e I, 20, «sete céus»; o adjectivo «qual» tomado aqui adverbialmente, como se usa nas comparações:—o aspecto de Júpiter era jubiloso, do mesmo modo que era alegre o aspecto do sexto céu. (9) O semblante sorridente de Júpiter faz serenar e aclarar a atmosfera, que estava nublada como quando se avizinha tempestade. (10) Níveo, de imaculada brancura. (11) Busto. (12) Os últimos versos são hipérbole para acentuar a ternura de Júpiter, comovido pelas lágrimas de Vénus.

43 E co seu apertando o rosto amado,
Que os saluços e lágrimas aumenta,
Como minimo, da ama castigado,
Que quem-no affaga o chôro lhe acrecenta,
Por lhe pôr em sossêgo o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta.
Dos fados as entranhas revolvendo,
D'esta maneira em fim lhe está dizendo:

E apertando o rosto amado de Vénus *com o seu* — carinho êste *que* a ela *aumenta* as *lágrimas e os soluços* (1), *como* se fôsse *menino castigado da ama* (2), *que, quem no* (3) *afaga acrescenta-lhe o chôro* (4) — Júpiter, *por* [= *para*] *lhe pôr em sossêgo o irado peito* (5), *apresenta-lhe* (6) *muitos casos futuros* (7); *e revolvendo as entranhas* (8) *dos fados* (9) *está-lhe dizendo emfim, desta maneira* (10):

(1) No texto «saluços», forma antiga e ainda hoje popular; a deusa soluçava, tal era a sua aflição pelo receio do mal que podia acontecer aos navegantes; «soluços», suspiros entrecortados pelo som do ar, que sai comprimido e com violência do peito de quem está aflito, por dor física ou moral. (2) «Castigado», repreendido; «da» = pela; a preposição indicando causa; cfr. «gastado do tempo» e locuções semelhantes. (3) A letra *n* anteposta ao artigo por enfonia; é forma ainda hoje usual. (4) Neste pranto, compara o Poeta a deusa com a criança amimada; as carícias de Júpiter fazem-lhe redobrar as lágrimas. (5) «Para... o irado peito», para lhe acalmar o exaltado ânimo. (6) Expõe-lhe, revela-lhe. (7) Acontecimentos que haveria no futuro. (8) «Revolvendo», examinando com atenção; «entranhas» (fig.), segredos. (9) Destinos, casos futuros, determinados pelos deuses; no latim, «fatum» (sing.), assim como «fata» (plural), tem a significação de oráculo, predição, destino, fatalidade, determinação divina; I, 24, 28. (10) «Está-lhe dizendo...», começa a falar-lhe da maneira que se segue, até a

est. 53, revelando os casos futuros, em que a deusa veria a glória alcançada pelos portugueses nas regiões do Oriente.

---

44 «Fermosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos;
Nem que ninguém comigo possa mais
Que êsses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometo, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos
Pelos illustres feitos, que esta gente
Há de fazer nas partes do Oriente.

Formosa filha minha (1), *não temais* (2) *perigo algum nos* (3) *vossos lusitanos; nem temais que ninguêm* (4) *possa, comigo* [= *junto de mim*] (5), *mais do que* podem *êsses soberanos* (6) *olhos chorosos; que* [= *pois*] *eu vos prometo, filha, que vejais* (7) *esquecerem-se* [= *serem esquecidos*] os *gregos e* os *romanos pelos* (8) [= *em conseqüência dos*] *ilustres feitos* (9), *que esta gente* portuguesa *há-de fazer* (10) *nas partes* [= *nas regiões*] *do Oriente* [= *da Índia*].

(1) Estas acariciadoras palavras de Júpiter são já o prenúncio de que vai aceder aos rogos de Vénus; chama-a «formosa»; já assim lhe acalma a dor do coração e lhe abranda o fogo da ira; dá-lhe o carinhoso título de filha, à deusa nascida da espuma do mar. (2) «Não temais»: o subjuntivo exprimindo acção de imperativo, como é uso na segunda pessoa do plural, quando o verbo é precedido de negação; — «quero que não temais». (3) «Nos» — a preposição «em», contraída aqui no artigo, exprime referência [= «quanto a»]; desfeita a linguagem anacolútica e elíptica, dir-se-ia: «quanto aos portugueses, não temais que padeçam perigos». (4) «Nem ... ninguem»: — note-se o propositado emprêgo das duas negações para maior ênfase; o que ainda hoje se usa

popularmente: cfr. expressões como esta: «não estava lá ninguém». (5) Ninguém possa mais ...» ninguém tenha maior poder sôbre mim. (6) «Olhos soberanos», i. é, que exprimem soberania, império: as lágrimas de Vénus exerciam império sôbre Júpiter, obrigando-o, como que involuntàriamente, a anuir aos rogos dela. (7) «Que vejais» — o subjuntivo exprimindo o vaticínio seguro, uma acção de futuro certo, como que para dar maior fôrça de expressão à promessa: prometo-vos que haveis de ver. (8) A preposição «por», contraída aqui com o artigo, exprimindo ou designando causa. (9) «Feitos», acções notáveis, proezas — tam ilustres que ficariam sendo lembradas sempre, tornando esquecidos os feitos, por serem menos ilustres, dos romanos e dos gregos. (10) Cfr. [verso 7] «feitos»: — repetição de sons idênticos ou parecidos mas de diversa significação: adôrno de consonância, denominado «antanaclase».

---

45 «Que se o facundo Ulysses escapou
De ser na ogígia ilha eterno escravo;
E se Antenor os seios penetrou
Ilíricos, e a fonte de Timavo;
E se o piadoso Eneas navegou
De Scila e de Caríbdis o mar bravo,
Os vossos, mores cousas atentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

Que [= *pois*], *se o facundo* (1) *Ulisses* (2) *escapou de ser eterno escravo na ilha Ogígia* (3), *e se Antenor* (4) *penetrou os seios* (5) *ilíricos* (6) *e a fonte* (7) *de Timavo* (8), *e se o piedoso* (9) *Eneas* (10) *navegou no bravo mar de Scila e Caribdes* (11), *os vossos* portugueses, *intentando mores* [= *maiores*] *cousas* [= *emprêsas*], *irão mostrando ao mundo* (12) *novos mundos* (13).

(1) Talentoso, engenhoso, hábil. (2) Célebre navegador grego [sec. XIII A. C.], herói do cêrco de Tróia, e a quem a

lenda atribui a fundação de Lisboa; I, 3. (3) Ilha do mar Jónio, na qual naufragou Ulisses, e onde a rainha [Calipso] o deteve durante sete anos cativo do seu amor. (4) Navegador troiano; III, 14. (5) Golfos [braços de mar]. (6) Adjectivo patronímico de Ilírio, na costa do mar Adriático. (7) Nascente. (8) Nome antigo dum rio que desagua no Adriático [Treviso?]. (9) Epíteto dado aos filhos que observam carinhosamente os deveres do amor filial. (10) Príncipe e navegador troiano, herói, celebrado por Vergílio; III, 106; V, 86, 94. (11) «Mar»..., o mar de Sicília. Scila é o nome fabuloso duma filha de Torco [rei da Sardanha], a qual por acto de desespêro se atirou ao mar, sendo convertida em um penhasco; Caribdes, outro nome fabuloso duma pastora que, por ter cometido um furto de bois a Hércules, foi por Júpiter arremessada ao mar, e ali onde caiu foi convertida também num penhasco defronte do outro, formando ambos o que se chama hoje estreito de Messina, o qual era motivo de grande temor para os navegadores; VI, 24. (12) Habitantes da terra. (13) Descobririam regiões até então desconhecidas.

---

46 «Fortalezas, cidades e altos muros,
Por elles vereis, filha, edificados;
Os Turcos, bellacíssimos e duros,
D'elles sempre vereis desbaratados;
Os reis da Índia livres e seguros,
Vereis ao rei potente sojugados;
E por eles, de tudo em fim senhores,
Serão dadas na terra leis milhores.

Vereis (1), *filha, edificados por êles* [*portugueses*], *altos muros, fortalezas e cidades; vereis os belacíssimos* (2) *e duros* (3) *turcos sempre desbaratados dêles* [= *por êles*]. *Vereis os reis da Índia*, hoje *livres e seguros* (4), serem *subjugados ao* [= *pelo*] *potente* (5) *rei* de Portugal; *e, emfim, por êles, senhores* (6) *de tudo, serão dadas, na terra* indiana, *melhores leis* (7).

(1) Note-se a repetição desta palavra, e no comêço das seis estâncias seguintes [epanáfora], em que Júpiter continua os seus vaticínios. (2) Superlativo de bélico: valentes guerreiros. (3) Fortes, valorosos. (4) Vivendo em segurança. (5) Poderoso. (6) Senhores, dominando toda aquela região. (7) As leis da cristandade substituiriam as leis gentílicas.

---

47 «Vereis êste, que agora pressuroso
Por tantos mêdos o Indo vai buscando,
Tremer d'elle Neptuno de medroso,
Sem vento suas águas escrespando,
Ó caso nunca visto e milagroso!
Que trema e ferva o mar, em calma estando!
Ó gente forte, e de altos pensamentos,
Que também d'ella hão mêdo os elementos!

Vereis (1), no cúmulo da sua grandeza, *êste* (2) navegador, *que vai agora, pressuroso* (3), *buscando* (4) *o Indo* (5) *por* entre *tantos mêdos* (6), vereis *Neptuno* (7) *tremer dêle, de medroso, encrespando* as *suas águas sem vento. Oh! caso nunca visto e milagroso* é *que trema e ferva* (8) *o mar estando em calma! Oh! gente forte e de altos pensamentos* (9) tam forte, *que também os elementos hão* [= *tem*] *mêdo dela* (10)!

(1) Continuação da profecia de Júpiter, vaticinando resumidamente as glórias que alcançarão os portugueses no Oriente: assim nas estâncias seguintes. (2) É o próprio Vasco da Gama, como se Júpiter o estivesse vendo. (3) Pressurosamente, com actividade e energia. (4) «Vai buscando», anda em busca. (5) O grande rio do Indostão. (6) Fig., perigos que causam mêdo [latinismo]; nesse sentido empregavam os romanos a palavra «metus». (7) Fig., o mar; neste vaticínio alude-se ao facto que mais tarde sucedeu, quando, na terceira viagem à Índia [1524], havendo completa calma-

ria, os tripulantes sentiram assustados o tremor do mar embravecido repentinamente sem aparente causa, mas sossegaram logo, ao ouvirem o mesmo Gama dizer-lhes alegremente «que o mar tremia dêles». (8) Se agite. (9) Nobres ideas. 10 Apóstrofe nos ultimos quatro versos.

---

48 «Vereis a terra, que a água lhe tolhia,
Que inda há de ser um pôrto mui decente,
Em que vão descansar da longa via
As naos que navegarem do Occidente.
Toda esta costa em fim, que agora urdia
O mortífero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

Vereis que a terra que lhe (1) *tolhia* (2) *a água*, — a terra de Moçambique, — *ainda há-de ser um muito decente* (3) *pôrto, em que as naus, que navegarem* vindo *do Ocidente, vão descansar da longa via* (4). *Emfim, toda esta costa* (5) *que urdia* (6) *agora o mortifero engano* (7), *lhe pagará tributos obedientemente, conhecendo não poder resistir ao horrendo luso* (8).

(1) Refere-se a «gente» no verso 6 da estância anterior. (2) Tolheu; os mouros haviam atacado traiçoeiramente os portugueses em Moçambique, quando iam buscar água para os navios; I, 86; a gente da terra tolheu os navegantes de levarem água dali. (3) Aqui significa «excelente»; latinismo; «belo» é uma das significações do latim «decens, entis». (4) Extensa viagem; tam demorada era, a dos navios vindos do Ocidente [entende-se, aqui, de Portugal], no tempo da descoberta, que durava muitos meses. (5) Os povos da costa oriental da África e principalmente os do Zanguebar. (6) Está urdindo. (7) A traição preparada para causar a morte dos navegantes. (8) Aos descendentes de Luso, que incutiam horror aos mouros; [sinédoque, o singular pelo plural].

Moçambique foi pôrto de escala nas viagens para a Índia, no tempo em que não havia vapores.

---

49 «E vereis o Mar-Roxo, tam famoso,
Tornar-se-lhe amarello, de infiado;
Vereis de Ormuz o reino poderoso
Duas vezes tomado e sojugado.
Ali vereis o Mouro furioso,
De suas mesmas setas traspassado,
Que quem vai contra os vossos, claro veja,
Que, se resiste, contra si peleja.

E vereis o mar Roxo (1), *tam famoso, torna-se-lhe* (2) *amarelo, de enfiado* (3). *Vereis o poderoso reino de Ormuz* (4) *tomado e subjugado duas vezes* pelos portugueses (5); *ali vereis o furioso mouro traspassado de* [*pelas*] *suas mesmas* [*próprias*] *setas* (5). Quero *que quem vai contra os vossos* lusitanos (6), *veja claro* [= *convença-se*], *que, se* lhes *resiste, peleja contra si* (7).

(1) Antiga denominação do Mar Vermelho; banha as costas da Arábia e de África; a sua água em pequenas porções é transparente como água das fontes; mas, segundo o estado atmosférico, a quietação das ondas, a natureza do fundo, a maior ou menor massa, mostra ás vezes côr avermelhada. (2) «Lhe» = em presença dela, da gente portuguesa. (3) Com a côr da pessoa desmaiada pelo mêdo; I, 37; tem fundamento a prosopopéia nas proezas navais que os portugueses ai praticaram, fazendo tremer de mêdo as tripulações dos navios turcos. (4) Ilha [e antigo reino] na entrada do gôlfo Pérsico; X, 40, 43. (5) Vaticínios vagos de factos que sucederiam, e de que se encontra mais desenvolvida referência no canto X. (6) Quem fôr inimigo dos lusitanos, quem pretender feri-los... (7) Brigará contra si, ferir-se há a si

próprio; repetição da idea expressa antecedentemente [os mouros traspassados com as próprias setas].

---

50 «Vereis a inexpugnábil Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo;
Ali se mostrará seu preço e sorte,
Feitos de armas grandíssimos fazendo.
Envejoso vereis o gram Mavorte
Do peito lusitano, fero e horrendo.
Do Mouro ali verão que a voz extrema
Do falso Mahamede ao ceo blasfema.

Vereis a forte e inexpugnável (1) fortaleza de *Dio* (2), *que terá dois cercos* (3), *sendo* ela *dos vossos* portugueses; *ali, o seu preço* [= *valor, valentia*] dêles portugueses *se mostrará*, e também a sua *sorte* [= *felicidade*], *fazendo* êles *grandíssimos feitos de armas* (4). *Vereis o grande Marvote* (5) ficar *invejoso do fero e horrendo* (6) *peito* (7) *lusitano. Ali* os portugueses *verão que a voz extrema* (8) *do mouro blasfema ao céu do* [= *contra o*] *falso* profeta *Mafamede* (9).

(1) Invencível, que nunca pôde ser conquistada depois de estar na posse dos portugueses. (2) Praça de guerra na ilha do mesmo nome, e que pertencia ao sultão de Cambaja; foi cedida por êste a D. Nuno da Cunha, governador da Índia, em recompensa do auxílio que lhe prestara contra o Mogol. (3) Foi o primeiro cêrco em 1536, sendo governador da Índia Nuno da Cunha, e o segundo em 1554, governando D. João de Castro; extensamente fala o Poeta a êsse respeito nas estâncias 35 e 60-67 do canto x. (4) Proezas bélicas. (5) Marte; I, 41, nota. (6) Que produz médo nos inimigos. (7) Animo. (8) Os olhos dos mouros moribundos

[no texto «mouro», o singular pelo plural]. (9) Os olhos dos moribundos levantam-se para o céu, com a expressão odiosa de que no pensamento [porque não podem já falar] estão blasfemando de Maomete, estão-no amaldiçoando, por não os haver socorrido, estão reconhecendo que êle era um falso profeta.

---

51 «Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá despois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Cos triumphos da gente vencedora.
Ali soberba, altiva, e exalçada,
Ao Gentio que os ídolos adora,
Duro freo porá, e a toda a terra
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

Vereis a cidade de *Goa* (1) *ser tomada aos mouros* (2), *a qual virá depois a ser senhora* (3) *de todo o Oriente, e* a ser *sublimada* (4) *com os triunfos da* portuguesa *gente vencedora; ali* essa *soberba, altiva e exalçada* (5) gente *porá duro freio* (6) *ao gentio* (7) *que adora os ídolos* (8), *e a toda a terra* (9) *que cuidar de fazer guerra* (10) *aos vossos* portugueses.

(1) A capital da Índia portuguesa. (2) Duas vezes foi tomada pelo grande Afonso de Albuquerque; x, 42. (3) Capital, que exerceu domínio em todo o Indostão e na China. (4) Engrandecida. (5) Exaltada; fig., valorosa. (6) Subjugará com rigor. (7) Os gentios, os pagãos. (8) As imagens de falsas divindades. (9) A qualquer nação. (10) Que tiver o pensamento, a intenção, de guerrear portugueses.

---

52 «Vereis a fortaleza sostentar-se
De Cananor, com pouca fôrça e gente;
E vereis Calecu desbaratar-se,
Cidade populosa e tam potente.
E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto um peito soberbo e insolente,
Que cítara já mais cantou victória
Que assi mereça eterno nome e glória.

Vereis a fortaleza de Cananor (**1**), *com pouca gente* portuguesa *e* com *pouca fôrça* militar, *sustentar-se* sem se render aos inimigos; *e vereis Calecut* (**2**), *cidade tam populosa* [*imensamente populosa*] *e potente* (**3**), *desbaratar-se* (**4**) [= *ser desbaratada*]; *e vereis, em Cochim, um soberbo e insolente peito* (**5**) *assinalar-se tanto, que cítara* (**6**) alguma *jamais cantou* (**7**) *vitória que assim mereça eterno nome* [= *renome*] *e glória* eterna.

(**1**) Praça de guerra entre Goa e Cochim, defendida valorosamente pelo vice-rei D. Francisco de Almeida em 1507; x, 14. (**2**) Capital do antigo império do Malabar, conquistada em 1509 por Afonso de Albuquerque. (**3**) Rica e poderosa. (**4**) Ser destruída pelos portugueses; x, 35 e 64. (**5**) Animo audacioso e altivo; os epítetos tem, no texto, significação de louvor; alude-se a Duarte Pacheco Pereira; x, 13. (**6**) Fig., poesia; o símbolo, o instrumento músico, pela cousa simbolizada; I, 42. (**7**) Celebrou.

«Cochim» [hoje, da Índia inglesa, costa do Malabar]; VII, 35; x, 13.

53 «Nunca com Marte, instructo e furioso,
Se viu ferver Leucate, quando Augusto
Nas civis áctias guerras, animoso,
O capitão venceu romano injusto,
Que dos povos da Aurora e do famoso
Nilo, e do Bactra scítico e robusto,
A victória trazia e presa rica,
Preso da Egípcia linda, e não pudica;

Quando o *animoso* imperador Octaviano *Augusto* (1), *nas ácias* (2) *guerras civis, venceu* Marco Antônio (3), *o injusto capitão romano, que trazia a vitória e rica presa* (4) *dos povos da Aurora* (5), *e do famoso Nilo* (6) *e do scítico* (7) *e robusto Bactra* (8), quando êsse injusto capitão perdeu a batalha de Leucate (9) por estar *preso* pelo amor *da linda e não pudica* rainha *egípcia* (10), em tal ocasião, *com Marte* (11) *instructo* [*instruído*] *e furioso* [*sendo furiosa a batalha*] *nunca se viu ferver* (12) o mar de *Leucate* [como *vereis fervendo o mar da Índia com as batalhas entre os portugueses e mouros*];
(Segue o período na estância imediata).

(1) Imperador romano no século I da era cristã. (2) Adjectivo patronímico de Acio [de Epiro, província da Grécia], onde se acendeu a guerra civil entre o imperador e o triúnviro romano Marco Antônio. (3) Êste fôra governador das colónias romanas no Oriente, e aí se enamorou de Cleopatra, rainha do Egipto, mulher fomosíssima, mas impudica e desonesta, por conselhos da qual êle se rebelou contra a pátria; por isso «injusto» lhe chama o Poeta; Marco António havia alcançado grandes vitórias pelejando contra os povos egípcios e bactrianos, mas na batalha de Leucate abandonou o seu pôsto de combate para correr em seguimento de Cleopatra, do que resultou perder êle a batalha (4) [Sinédoque e anacoluto]; «alcançara vitória e ricos despojos nesta guerra contra os povos asiáticos. (5) Do Oriente, i. é, da Ásia. (6) O grande rio do Egipto. (7) Asiático; «sítico»

é adjectivo patronímico de «Sitia», nome antigo duma vastíssima região mal determinada, e ocupada por nómadas a NE. da Europa e NO. da Ásia. (8) O valente capitão que deu o nome a «Bactriana», país da Ásia Menor hoje compreendido no Turquestan e na Pérsia. (9) Nome antigo da ilha Albano [Turquia], e que foi dado à batalha naval aí ferida entre o imperador Augusto e Marco António. (10) Cfr. nota 3. (11) Fig., batalha destruidora por ser bem organizada [instructa]. (12) Agitar-se o mar, encapelar-se com o movimento dos navios em combate.

Note-se nos dois últimos versos «presa» e «preso» [antanaclase, ornato literário].

---

54 «Como vereis o mar fervendo aceso
Cos incêndios dos vossos pelejando,
Levando o idolatra e o Mouro preso,
De nações differentes triumphando;
E, sogeita a rica áurea Chersoneso,
Até o longinco China navegando,
E as Ilhas mais remotas do Oriente;
Ser-lhe-há todo o oceano obediente.

«Nunca se viu ferver o mar de Leucate, *como vereis o mar* da Índia *fervendo*, *aceso* (1), *com os incêndios* [*com as guerras*] *dos vossos* portugueses *pelejando* aí (2), *levando preso o idólatra e o mouro* (3), *e triunfando de diversas nações* do Oriente; *e sujeita* [= *subjugada*] *a rica Quersoneso* (4) *áurea*, *navegando* êles *até o longínquo* mar da *China* (5), *ser-lhes há obediente todo o Oceano* Índico, (6) *e* até *as ilhas mais remotas do Oriente*,

(1) Fig., revôlto. (2) Alude-se naturalmente aos conflitos navais do mar de Cochim, em que Duarte Pacheco se tornou célebre; x, 28. (3) Fazendo prisioneiros os princi-

pais capitães indianos [os idólatras] e os muçulmanos da Turquia e do Egipto [os mouros], que na Índia eram também contra os portugueses: no texto, o singular pelo plural [sinédoque]. (4) Nome indígena da península de Malaca [na Indo-China] conquistada por Afonso de Albuquerque em 1511; x, 124. (5) As ilhas mais longinquas do Extremo Oriente, onde chegaram os portugueses, principalmente o Japão. (6) Todas as nações cujas costas marítimas são banhadas pelo Oceano Índico.

A acentuação no texto é *idolátra*: assim em VII, 73 e X, 147; na linguagem usual hoje diz-se «idólatra».

---

55 «De modo, filha minha, que de geito
Amostrarão esfôrço mais que humano,
Que nunca se verá tam forte peito,
Do gangético mar ao gaditano,
Nem das boreais ondas ao estreito,
Que mostrou o agravado Lusitano;
Pôsto que em todo o mundo, de affrontados,
Resucitassem todos os passados».

«*De modo que* (1), ó *minha filha*, os portugueses *mostrarão esfôrço* (2) *mais que humano* (3), *de jeito* [= *de maneira*], *que tam forte peito* (4), como é o dêles, *nunca se verá do* [= *desde o*] *mar Gangético* (5) até o mar *Gaditano* (6), *nem das* [= *desde as*] *ondas boreais* (7) até *o Estreito* (8), *que o* navegador *lusitano* (9) *agravado* pelo seu rei, *mostrará* (10) ao mundo; tam forte peito nunca se verá, *pôsto que* [= *ainda que*] *ressuscitassem, em todo o mundo* — *de afrontados* [*por se sentirem afrontados pelos portugueses*] — *todos os* heróis dos tempos *passados*.

(1) Locução adverbial, usada ainda hoje, como para concluir uma exposição; equivale a «finalmente»; note-se que

a presente estância encerra o epílogo da profecia de Júpiter. (2) Intrepidez. (3) Sobrenatural. (4) Animo. (5) Adjectivo patronímico do Ganges, um dos maiores rios do Indostão. (6) Adjectivo patronímico de Cádiz; o rio que banha esta cidade. (7) Fig., mares do norte; de Bóreas [fab.], rei dos ventos do norte. (8) O Estreito de Magalhães, no extremo sul da América, e que dá passagem aos navios, do Oceano Atlântico para o Pacífico. (9) É Fernão de Magalhães, que, julgando-se agravado por el-rei D. Manuel, se foi para Espanha, e que navegando em serviço dêsse país descobriu o estreito que o seu nome conserva; x, 138. (10) No texto «mostrou» [sinédoque e anacoluto determinado pela métrica]; visto que na bôca de Júpiter põe o Poeta uma profecia; até aqui uma hipérbole: no mundo, suposta a sua limitação pelos pontos cardeais, não aparecerão heróis que excedam os portugueses; em seguida outra hipérbole: ainda que ressuscitassem todos os antigos heróis, por se julgarem afrontados ou agravados como se julgara Fernão de Magalhães, êsses não excederiam também os navegantes que se estavam a ver.

---

56 Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia á terra, porque tenha
Um pacífico pôrto e sossegado,
Pera onde sem receio a frota venha.
E, pera que em Mombaça aventurado
O forte capitão se não detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra, onde quieto repousasse.

Como [= *logo que*] *isto disse*, Júpiter *manda* descer *à terra o consagrado filho de Maia* (1), *porque* [= *para que*] *tenha* [*previna*] *um pôrto pacífico e sossegado* (2), *para onde sem receio a frota venha*; *e mais lhe manda*, *que*, *para que o forte Capitão* (3) *não se detenha aventurado* (4) *em Momba-*

ça, lhe mostrasse em sonhos a terra (5) *onde, quieto, repousasse* (6).

(1) Mercúrio; Maia, sua mãe, era filha de Atlas, e uma das sete Pléiadas metamorfoseadas em estrêlas; «consagrado», dedicado a Júpiter e outros deuses; por isso, seu mensageiro; I, 40 e 44. (2) Que vá ao pôrto de Melinde, dispondo aí o rei para que receba cordialmente os navegantes [II, 57], e em seguida vá a Mombaça avisá-los, para que fugissem dos perigos a que estavam expostos, e não se demorassem lá. (3) Vasco da Gama. (4) Arriscado, exposto a perigos. (5) O pôrto. (6) Onde a frota [os navios] ancorasse sem inquietação.

---

57 Já pelo ar o Cyleneo voava;
Com as asas nos pés á terra dece;
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cansados adormece
(Com esta as tristes almas revocava
Do inferno) e o vento lhe obedece,
Na cabeça o galero costumado:
E d'esta arte a Melinde foi chegado.

O Cileneu (1) *voava já* (2) *pelo ar com as asas nos pés* (3); *desce à terra; levava na mão a sua vara fatal* (4) *com que adormece os olhos cansados;* [*com esta* vara *revocava do inferno as tristes almas*]; *obedece-lhe o vento* (5); *na cabeça* leva *o costumado galero* (6); *e desta arte* (7) *foi chegado* (8) *a Melinde* (9).

(1) Mercúrio tem êste epiteto por ter nascido no monte Cilene, da Arcádia [Grécia]. (2) Voou imediatamente. (3) Assim se descreve Mercúrio na fábula; asas que tornavam veloz o mensageiro dos deuses. (4) A vara chamada «cadu-

*

eu », com duas asas em uma das extremidades [símbolo da iligência e celeridade], e com duas cobras entortilhadas, nirando-se reciprocamente [símbolo da prudência]; « fatal », orque era irresistível o seu poder de adormecer os vivos e evocar [ressuscitar] os mortos. (5) O vento não lhe impede vôo, é menos veloz [I, 40; « Mercúrio excede em ligeireza vento leve ».] (6) Espécie de barrete de peles, do feitio de lmo, de que usava o mensageiro. (7) Desta maneira. (8) Locução obsoleta: chegou. (9) Pôrto na África Oriental, em ° de lat. Sul; II, 58, 70, 94; etc.

---

58 Consigo a Fama leva, porque diga
Do Lusitano o preço grande e raro;
Que o nome illustre a um certo amor obriga,
E faz a quem o tem, amado e caro.
D'esta arte vai fazendo a gente amiga,
Co rumor famosíssimo e perclaro.
Já Melinde em desejos arde todo
De ver da gente forte o gesto e modo.

Mercúrio *leva consigo a Fama* (1), *por que* = *para que*] ela *diga o grande e raro preço* (2) *o Lusitano* (3); *que* [= *pois*] *o nome ilustre* (4) *briga a um certo amor, e faz amado e caro a quem tem. Desta arte* o mensageiro, *com o famosíssio e preclaro rumor* (5), *vai fazendo amiga* dos porugueses *a gente* daquela terra. *Já todo* o povo de *Melinde arde em desejos de ver o modo e o gesto* (6) *a forte* (7) *gente* lusitana.

(1) Fab., divindade mensageira de Júpiter e que fazia nhecidas as virtudes ou os crimes dos deuses (lit. notícia); ercúrio vai espalhar, em Melinde, notícia das virtudes dos rtugueses. (2) Valor. (3) Referência a Vasco da Gama, aos portugueses [sinédoque]. (4) Fig., a boa reputação, e atrai o afecto para com as pessoas que a tem. (5) Por

meio das notícias que faz correr de bôca em bôca acêrca das virtudes lusitanas; «rumor» = murmúrio, as vozes surdas de muita gente falando ao mesmo tempo; «preclaro» = ilustre, nobre. (6) Os trajos e as feições. (7) Valorosa.

---

59 D'ali pera Mombaça logo parte
Aonde as naos estavam temerosas,
Pera que á gente mande que se aparte
Da barra imiga e terras sospeitosas;
Porque mui pouco val esfôrço e arte
Contra infernais vontades enganosas;
Pouco val coração, astúcia e siso,
Se lá dos ceos não vem celeste aviso.

Dali, (1), *parte logo* Mercúrio *para Mombaça — onde estavam as temerosas* (2) *naus — para que mande* [= *para mandar*] *à gente* portuguesa *que se aparte* (3) *da inimiga barra* (4) *e* das *suspeitosas* (5) *terras; porque esfôrço* (6) *e arte mui pouco valem contra infernais vontades enganosas:* (7) *coração* (8), *astúcia* (9) *e siso* (10) *pouco valem, se não vem celeste aviso lá dos Céus* (11).

(1) De Melinde. (2) Formidáveis. (3) Que fuja. (4) Da barra em que a inimiga gente pretendia fazer naufragar as naus. (5) Que inspiravam má suspeita. (6) Intrepidez. (7) Infernais desejos de gente traiçoeira. (8) Animo. (9) Aqui em bom sentido: o saber, a sciência. (10) Tino. (11) Da Providência; note-se o pleonasmo da repetição «celeste... céus».

---

60 Meio caminho a noite tinha andado,
E as estrêllas no ceo, co'a luz alheia,
Tinham o largo mundo alumiado;
E só co sono a gente se recreia.
O capitão illustre, já cansado
De vigiar a noite que arreceia,
Breve repouso então aos olhos dava,
A outra gente a quartos vigiava,

A noite tinha andado meio caminho (**1**); *e, no céu, as estrêlas* (**2**) *tinham alumiado o largo mundo com a luz alheia; e* a êsse tempo *a gente* [*a humanidade*] *recreia-se só com o sono. O ilustre Capitão* (**3**), *cansado já de vigiar* durante *a noite que receava* (**4**), *dava então breve repouso aos olhos* (**5**); *a outra gente* [*os tripulantes*], *a quartos* (**6**), *vigiava*, quando Mercúrio aparece ao Gama em sonhos...

(**1**) Era meia-noite. (**2**) Fig., os planetas, os astros que reflectem a luz do sol. (**3**) O Gama. (**4**) Porque temia qualquer cilada dos mouros. (**5**) Dormitava. (**6**) Ora num quarto, ora noutro; «quarto» [termo náutico] é a divisão de tempo em que, por turnos, alguns marinheiros trabalham e vigiam emquanto os outros descansam.

---

61 Quando Mercúrio em sonhos lhe aparece,
Dizendo: «Fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada que o rei malvado tece,
Por te trazer ao fim e extremo dano;
Fuge, que o vento e o ceo te favorece;
Sereno o tempo tens e o oceano,
E outro rei mais amigo, noutra parte
Onde podes seguro agasalharte.

Dava o Gama breve repouso aos olhos, *quan-d em sonhos, lhe aparece Mercúrio dizendo*:

— *Foge, foge* (1), *ó lusitano, da cilada que o* *ılvado rei* de Mombaça *tece* [= *está tecendo*] *por* [= *para*] *te trazer ao fim* (2) [*ao último*] *e extremo* *do* (3); *foge, que te favorece o vento e o céu* (4): *ts sereno* (5) *o tempo e o oceano; e* tens, — *nou-t. parte* (6) *onde podes seguro* [= *com segurança*] *asalhar-te* (7) —, *outro rei mais amigo.*

(1) No texto «fuge», que era o antigo imperativo regular d«fugir»; cfr. «fuge de quem te foge» [Diogo Bernardes]; je usa-se «foge», tanto no imperativo como no indicativo; ɪe-se a epizeuxe ou reduplicação. (2) O substantivo pelo ;ectivo [enálage]. (3) Perífrase: «para te matar». (4) «éu» pode aqui significar o estado atmosférico ou a Pro-iência. (5) Tranqüilo: o tempo [o estado atmosférico] n a violência dos ventos; o mar, sem grossas vagas. (6) ȩ., em outro pôrto. (7) Refugiar-te.

;2 «Não tens aqui senão aparelhado
O hospício, que o cru Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavallos a gente que hospedava.
As aras de Busíris infamado,
Onde os hóspedes tristes imolava,
Terás certas aqui, se muito esperas.
Fuge das gentes pérfidas e feras.

«*Aqui*, em Mombaça, *não tens aparelhado* (1) *mão o hospício* [= *a hospitalagem*], *que dava o* *ru* (2) *Diomedes* (3) *à gente que hospedava, fazen-o-a ser costumado manjar dos* seus *cavalos. Se*

muito esperas, terás aqui certas as aras (4) *de Busíris* (5) *infamado, onde* [= *nas quais*] êle *imolava os tristes hóspedes. Foge das pérfidas e feras gentes* (6) de Mombaça.

(1) Preparado, destinado. (2) Cruel. (3) Fab., rei da Trácia, tam cruel que matava os hóspedes e dava a carne dêles aos cavalos. (4) Altares em que os pagãos matavam as suas vítimas. (5) Fab., rei do Egipto, que também matava os hóspedes; perífrases para de novo afirmar que, da demora em Mombaça, resultaria a destruição das naus e a morte dos portugueses. (6) Gente traiçoeira e feroz.

---

63 «Vai-te ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade,
Lá quási junto d'onde o sol ardendo
Iguala ô dia e noite em quantidade;
Ali tua frota alegre recebendo,
Um rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria,
E pera a Índia certa e sábia guia.»

Vai-te, e, discorrendo (1) *ao longo da costa, acharás outra terra de mais verdade* (2), *lá* adiante *quási junto do* sítio *onde o sol, ardendo iguala o dia e a noite em quantidade* de tempo (3). *Ali* [= *lá*] *um rei* (4) *recebendo* alegremente a *tua frota, te* dará *seguro gasalhado* (5), *e dar-te* há *guia certa e sábia* (6) *para a Índia*.

(1) Prosseguindo, caminhando. (2) Outra gente de maior sinceridade. (3) Próximo do equador, onde o sol é ardente e onde o dia e a noite tem igual número de horas. (4) Vaticínio: o rei de Melinde. (5) Acolhimento. (6) Pilôto sabedor e prudente.

---

64 Isto Mercúrio disse, e o sono leva
Ao capitão, que com mui grande espanto
Acorda e vê ferida a escura treva
De ũa súbita luz e raio sancto.
E, vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iníqua tanto,
Com novo sprito ao mestre seu mandava,
Que as velas desse ao vento que assoprava.

Mercúrio disse isto, e leva [*tira*] *o sono ao Capitão, que acorda com mui grande espanto, e vê a escura treva* da noite *ferida* (1) *de* [= *ferida por*] *uma súbita luz, e santo raio* (2). *E* o Gama, *vendo claro* [= *claramente*] *quanto lhe releva* [= *quanto lhe convêm*] *não se deter tanto* [= *não continuar a permanecer*] *na iníqua terra* (3), *com espírito novo* (4) [= *tendo nova inspiração*] *manda, ao seu mestre* (5), *que desse as velas* (6) *ao vento que assoprava.*

(1) O adjectivo dá idea da violenta impressão produzida pela repentina luz aparecida no meio das trevas. (2) Fig., oportuno relâmpago; cfr. «santo remédio», expressão popular. (3) No pôrto em cuja terra a gente era malévola. (4) Inspiração sugerida pelo sonho, e que o induz a levantar ferro imediatamente. (5) A bordo, «o mestre» era o oficial que, entre outros deveres, tinha o de fazer executar e dirigir a manobra ordenada pelo capitão ou comandante. (6) Desferisse, largasse, o pano, amurando-o por maneira que ficasse enfunado pelo vento.

65 «Dai velas, disse, dai ao largo vento,
Que o ceo nos favorece e Deus o manda;
Que um mensageiro vi do claro assento,
Que só em favor de nossos passos anda.»
Alevanta-se; nisto, o movimento
Dos marinheiros de ũa e de outra banda
Levam gritando as âncoras acima,
Mostrando a ruda fôrça que se estima.

«*Dai velas* — *disse* o Gama — *dai* velas *ao largo vento* (1), *que* [= *pois*] *o céu* (2) *nos favorece e Deus o manda, que* [= *pois*] *vi um mensageiro do claro assento* (3), *que só anda em favor dos nossos passos*». *Nisto* [= *acabadas de proferir estas palavras*] *levanta-se, duma e doutra banda, o movimento dos marinheiros, os* quais *levam âncoras acima, gritando* (4) e *mostrando a rude* (5) *fôrça que se estima* [= *que é estimada, que é cousa apreciada por todos êles*].

(1) Em linguagem náutica «fazer-se ao largo» é apartar-se da terra dirigindo-se para o alto mar; «navegar com vento ao largo» é caminhar com as velas amuradas por maneira que o vento, de lado, as enfuna ou enche todas, imprimindo forte impulso; a voz do comando, aqui, parece ordenar as duas cousas. (2) O estado do tempo. (3) Celeste morada; I, 24, 73. (4) A costumada vozearia cadenciada, quando se suspendem âncoras. (5) Própria de gente rústica, de gente que exercita a fôrça freqüentemente; os marinheiros jactavam-se da rude fôrça que possuíam e que era cousa apreciada por todos; dela se prezavam, porque assim mostravam ser valentes; pois arrancar as âncoras do fundo do mar, só com o auxílio do rudimentar cabrestante, era rude faina que reclamava grande esfôrço.

66 Neste tempo que as âncoras levavam,
Na sombra escura os Mouros escondidos
Mansamente as amarras lhe cortavam,
Por serem, dando á costa, destruídos;
Mas com vista de linces vigiavam
Os Portugueses sempre apercebidos.
Elles, como acordados os sentiram,
Voando, e não remando, lhe fogiram.

Neste tempo em *que* os marinheiros *levavam* [= *elevavam, suspendiam*] *as âncoras, os mouros, escondidos na sombra* da noite, *cortavam-lhes as amarras* aos navios *por* [= *para*] *serem* estes *destruídos, dando à costa* (1). *Mas os portugueses, sempre apercebidos* (2), *vigiavam com vista de linces* (3): *êles*, os mouros, *como* [= *logo que*] *os sentiram acordados*, aos portugueses, *fugiram-lhes voando* (4), *e não remando.*

(1) «Dar [o navio] à costa» é encalhar nas costas ou praias marítimas, é naufragar; em regra o navio, encalhando, parte-se, não pode mais navegar. (2) Acautelados. (3) Animal a que se atribui agudíssima vista. (4) [Hipérbole]; fugiram voando; não fugiram remando; a rapidez com que remaram era igual à do vôo; entende-se que os mouros tinham vindo em batéis, «a remo surdo» para não serem ouvidos.

---

67 Mas já as agudas proas apartando
Iam as vias húmidas de argento;
Assopra-lhe galerno o vento, e brando,
Com suave e seguro movimento.
Nos perigos passados vão fallando;
Que mal se perderão do pensamento
Os casos grandes, d'onde em tanto apêrto
A vida em salvo escapa por acêrto.

Mas já as agudas proas (1) dos navios *iam apartando as húmidas vias de argento* (2); *o vento, galerno* (3) *e brando* (4), *assopra-lhes* as velas *com movimento suave e seguro.* (5) Os tripulantes *vão falando nos perigos passados que* [= *pois*] *os grandes casos* — (6) *donde* [= *de que*] *a vida, em tanto apêrto* (7), *escapa por acêrto* (8) *em salvo — mal se perderão do pensamento* (9).

(1) «Proa» é a parte dianteira do navio, e termina em ângulo agudo para mais fàcilmente cortar o mar. (2) Aquosos caminhos prateados, que brilham como prata; I, 48, 58. (3) Favorável. (4) Não violento. (5) Firme. (6) Referência aos grandes perigos e reveses passados durante a viagem. (7) Tam grandes atribulações. (8) Por feliz casualidade. (9) Dificilmente sairão do pensamento, da lembrança.

---

68 Tinha ũa volta dado o sol ardente
E noutra começava, quando viram
Ao longe dous navios, brandamente
Cos ventos navegando, que respiram;
Porque haviam de ser da maura gente,
Pera elles arribando, as velas viram;
Um, de temor do mal que arreceava,
Por se salvar a gente á costa dava.

Tinha o ardente sol dado uma volta em tôrno da terra (1), *e começava noutra* volta (2), *quando* os portugueses *viram ao longe dois navios que, navegando com os ventos* a favor, *respiravam* (3) *brandamente. Porque* provávelmente [= *como provávelmente*] êsses dois navios *haviam de ser da maura gente,* as naus portuguesas, *viram* (4) [= *voltam*]

as velas, arribando (5) *para êles. Um* dos navios, *de temor* [= *com temor*] *do mal que receava, dava à costa* (6), *por* [= *para*] *a gente se salvar* em terra.

(1) Segue o Poeta aqui a teoria de Ptolomeu; tinha decorrido um dia depois da partida de Mombaça. (2) Era a madrugada do dia seguinte. (3) Arfavam; em linguagem náutica, «arfar» é o balanço do navio erguendo a pôpa e pendendo de prôa, alternadamente, como é o movimento do peito quando se respira; «brandamente» porque êsse movimento não era violento, como quando está revôlto o mar. (4) Viraram de rumo, deram ás velas outra amura. (5) Encaminhando-a para êles; «arribar» [termo náutico] é virar de rumo, na direcção do vento. (6) Encalhava, varava na costa, para evitar ser aprisionada pelos portugueses.

---

69 Não é o outro que fica tam manhoso,
Mas nas mãos vai cair do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a fúria horrenda de Vulcano;
Que, como fôsse débil e medroso
Da pouca gente o fraco peito humano,
Não teve resistência; e se a tivera,
Mais dano resistindo recebera.

O outro navio *que fica, não é tam manhoso* (1), *vai cair nas mãos do Lusitano* (2) *sem o rigor de furioso Marte e sem a horrenda fúria de Vulcano* (3); *que* [= *pois*] *o fraco peito humano da pouca gente* (4), *como fôsse débil* (5) *e medroso, não teve* [*não opôs*] *resistência, e, se a tivera* [= *se a tivesse*], *resistindo* (6) [= *pelo facto de resistir*] *mais* [= *maior*] *dano recebera* [= *receberia*].

(1) A gente do navio que não foge é menos manhosa, menos hábil. (2) Vai cair em poder do Gama. (3) Sem as

durezas de combate a golpes de ferro frio [Marte], ou a tiros de bombarda [Vulcano]. (4) O fraco ânimo dos homens da pequena tripulação. (5) Débil [sinonímia]. (6) Note-se a repetição de «resistência» [diácope].

---

70 E como o Gama muito desejasse
Piloto pera a Índia que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse;
Mas não lhe soccedeu como cuidava,
Que nenhum d'elles há, que lhe insinasse
A que parte dos ceos a Índia estava:
Porém dizem-lhe todos, que tem perto
Melinde, onde acharão pilôto certo.

E, depois de se apossar daquele navio, *o Gama, como desejasse muito* tomar *pilôto para a Índia que buscava, cuidou* (1) *que o tomasse entre estes mouros; mas não lhe sucedeu como cuidava; que* [= pois] *nenhum dêles há que lhe ensinasse a que parte dos céus* (2) *estava a Índia; porêm todos lhe dizem que* êle *tem Melinde* (3), *perto dali, onde achará pilôto certo* (4).

(1) Imaginou, supôs. (2) Fig., para que parte do horizonte se deveriam dirigir os navios a demandar a Índia, que rumo deveriam tomar; note-se que, no horizonte do alto mar, a vista não distingue o limite onde acaba o azul do mar e começa o azul dos céus. (3) Cfr. II, 57. (4) Pilôto sabedor [II, 63,] «certa e sábia guia»; mas o adjectivo também pode aqui ser tomado adverbialmente: «onde certamente achará piloto».

---

71 Louvam do rei os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero peito,
Magnificência grande e humanidade,
Com partes de grandíssimo respeito.
O capitão o assella por verdade,
Porque já lh'o dissera d'êste geito
O Cyleneo em sonhos; e partia
Pera onde o sonho e o Mouro lhe dizia.

Os mouros *louvam a bondade, condição liberal* (1), *sincero peito* (2), *grande magnificência* (3) *e humanidade* (4), *com* [= *e mais*] *partes* [= *qualidades*] *de grandíssimo respeito, do rei* de Melinde. *O Capitão assela-o por verdade* (5), *porque já lho dissera, dêste jeito* (6), *o Cileneu em sonhos; e partia* [*partiu*] *para onde o sonho e o mouro lhe diziam.*

(1) Generosidade. (2) Sinceridade. (3) Generosidade [sinonímia]. (4) Benignidade. (5) Acredita-o [o que houve]; literalmente, «confirma» como verdade; deriva tal significação [confirmar] da função do sêlo [em lacre, em relêvo, em tinta, etc.] empregado em contratos solenes entre reis ou entre nações, o qual constituíra «confirmação» das assinaturas, a prova de serem verdadeiras. (6) Desta maneira; já o Cileneu [Mercúrio] lhe dissera a mesma cousa.

---

72 Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz febea,
Quando um e o outro corno lhe aquentava,
E Flora derramava o de Amalthea;
A memória do dia renovava
O pressuroso sol, que o ceo rodea,
Em que aquelle, a quem tudo está sogeito,
O sello pôs a quanto tinha feito;

Era sucedido êste caso *no alegre tempo* da primavera (1), i. é, *quando a luz febea* (2) [= *o sol*] *entrava no* signo do Touro (3), — o *roubador da Europa* — (4), e *quando lhe aquentava um e outro corno* (5); e quando *Flora* (6) *derramava o corno de Amaltea* (7). *O pressuroso* (8) *sol que rodeia o céu* (9) *renovava a memória do dia* (10) *em que Aquele* (11), *a quem tudo está sujeito, pôs o sêlo* (12) *a quanto tinha feito* [*era domingo de Páscoa da Ressurreição, quando*. . .];

(1) Subentende-se pelo circunlóquio que se segue. (2) Adjectivo patronímico de Febo, por outro nome Apolo. (3) Nome dum dos signos do zodíaco; constelação em que entra o sol em abril. (4) Nome da filha de Angenor, rei de Tiro [fab.]; Júpiter, transformado em Touro, raptou-a e levou-a para a ilha de Cândia, e transformou-a na constelação a que se dá o nome de Tauro, ou Touro. (5) Finge o Poeta que naquela constelação é que está o próprio touro, ao qual o sol aquece; é especificada só uma parte do corpo [sinédoque] — aquela a que se dá nome de «chifres» ou «pontas», porque a palavra usada pelo Poeta se tornou chula. (6) A deusa das flores. (7) A «cornucópia da abundância»; era pois o tempo em que abundam as flores e os frutos; esta e as anteriores perífrases significam que se estava no mês de abril; várias origens fabulosas se atribuem ao nome «Amaltea»: uma delas é que assim se chamava uma filha de Melisso [rei da Grécia], a qual possuía um chifre, donde tirava flores, frutos, riquezas e tudo quanto desejava. (8) Não vagaroso, que não pára. (9) A teoria de Ptolomeu; a terra centro do Universo, e o sol girando em volta da terra. (10) O sol celebrava o aniversário daquele dia [o do aniversário da ressurreição de Cristo, o domingo de Páscoa, como se colige dos últimos dois versos]; cfr. prosopopeias semelhantes empregadas pelo Poeta; III, 115 e V, 68. (11) Jesus. (12) Perífrase: «pôs o sêlo» = completou; Jesus, ressuscitando, completou a sua obra de redenção; deu as suas últimas instruções aos apóstolos; completou a realização do que os profetas haviam vaticinado; é esta perífrase que significa ser aquele dia o da Páscoa da Ressurreição; a história certifica que foi efectivamente quando os navegantes chegaram a Melinde.

73 Quando chegava a frota áquella parte
Onde o reino Melinde já se via,
De toldos adornada, e leda de arte,
Que bem mostra estimar o sancto dia.
Treme a bandeira, voa o estandarte,
A côr purpúrea ao longe aparecia;
Soam os atambores e pandeiros:
E assi entravam ledos e guerreiros.

Era domingo de Páscoa, *quando a frota chegou àquela parte* de mar, *onde já se via o reino de Melinde*, indo *adornada de toldos, e leda* (1) *de* tal *arte, que bem mostrava* (2) *estimar o santo dia; as bandeiras tremiam, os estandartes voavam* (3); *a côr purpúrea* de uns e outros *aparecia ao longe* (4); *soavam os tambores e pandeiros* (5) *e assim entravam*, no pôrto, os navegantes, *ledos e guerreiros* (6).

(1) Com aspecto festivo. (2) O sujeito dêste verbo é «frota» que está no verso 1 com a significação literal [os navios], e que está aqui subentendido [zeugma] mas com a significação figurada de «gente», «tripulantes da frota». (3) No texto o singular pelo plural [sinédoque]; a bandeira está presa em um dos lados pela driça, por isso parece «tremer» com o vento; o estandarte é suspenso pela parte superior, em antenas, e por cordões, de modo que agitado pela aragem parece voar. (4) Via-se de longe, devia ser vista de terra. (5) Tambores, os da gente de guerra; pandeiros, ou adufes, os dos marinheiros alegres. (6) Cfr. nota antecedente.

74 Enche-se toda a praia melindana
De gente, que vem ver a leda armada;
Gente mais verdadeira e mais humana
Que toda a d'outra terra atrás deixada.
Surge diante a frota lusitana;
Pega no fundo a âncora pesada;
Mandam fora um dos Mouros que tomaram,
Por quem sua vinda ao rei manifestaram.

Toda a praia Melindana se enche da [= *com a*] *gente que vem a ver a leda* (1) *armada, — gente mais verdadeira* (2) *e mais humana* (3) do *que toda a da outra terra atrás deixada. Diante* dessa praia *surge* (4) *a frota lusitana; a pesada âncora pega no fundo. Os* portugueses *mandam fora* (5) *um dos mouros, que tomaram* em Mombaça, e *por quem* [= *pelo qual*] *manifestaram* a *sua vinda ao rei* de Melinde.

(1) Alegre. (2) Sincera. (3) Benigna. (4) «Surgir» é termo náutico; significa fundear, lançar ferro [ancorar]. (5) Mandam desembarcar um dos mouros que haviam prendido em Mombaça [cfr. II, 69]. Com êsse foi um português, e voltaram ambos com um mensageiro do rei trazendo o recado que se lê na estância seguinte.

---

75 O rei, que já sabia da nobreza
Que tanto os Portugueses engrandece,
Tomarem o seu pôrto tanto preza,
Quanto a gente fortíssima merece.
E com verdadeiro ânimo, e pureza
Que os peitos generosos ennobrece,
Lhe manda rogar muito que saíssem,
Pera que de seus reinos se servissem.

O rei, que já sabia (1) *da nobreza que tanto engrandece os portugueses, preza* [= *estima*] *tomarem* êles *o seu pôrto;* estima isso *tanto, quanto o merece a fortissima gente* (2); *e, com o verdadeiro ânimo* (3), *e* com a *pureza* (3) *que ennobrece os peitos* [*corações generosos*], *manda-lhes rogar muito, que saissem* [*que desembarcassem*], *para que se servissem dos seus reinos* (4).

(1) Porque tinha sido avisado pelo Cileneu e pelos mouros do navio apresado perto de Mombaça; II, 57, 69, 74. (2) A aguerrida gente lusitana. (3) Sinceridade [sinonimia]. (4) Leva êste recado o mensageiro referido na est. 77.

---

76 São offerecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o rei manda aos nobres cavalleiros,
Que tanto mar e terras tem passadas.
Manda-lhe mais lanígeros carneiros,
E galinhas domésticas cevadas,
Com as fructas que então na terra havia.
E a vontade á dádiva excedia.

São verdadeiros (1) os *oferecimentos; e, sinceras, não dobradas* (2), são *as palavras que o rei manda aos nobres cavaleiros, que tem passadas* [= *passado*] tantas *terras e tanto mar.* O rei *manda-lhes mais* [= *também*] *lanígeros carneiros, e galinhas domésticas, cevadas* (3), *com* [= *e manda também*] *as frutas que então havia* naquela *terra; e a* boa *vontade* do rei *excedia a dádiva.*

(1) Sinceras. (2) Não dissimuladas. (3) Bem nutridas.

*

Note-se, em «passadas», o particípio concordando com o complemento directo [arcaísmo]; I, 29.

---

77 Recebe o capitão alegremente
O mensageiro ledo, e seu recado;
E logo manda ao rei outro presente,
Que de longe trazia aparelhado:
Escarlata purpúrea, côr ardente;
O ramoso coral, fino e prezado,
Que debaxo das águas mole crece,
E como é fora d'ellas se endurece.

O Capitão recebe alegremente o ledo (1) *mensageiro* (2) *e o seu recado* (3), *e manda logo ao rei outro presente que já de longe trazia aparelhado* (4): *a purpúrea* (5) *escarlata* (6) de *ardente côr*, *e o ramoso fino e prezado coral, que debaixo das águas cresce mole, e como* [= *quando*] *é fora delas endurece* (7).

(1) Alegre. (2) Cfr. II, 75 nota. (3) O recado que o mensageiro trazia da parte do rei de Melinde. (4) Objectos que já haviam sido embarcados em Lisboa para o efeito de presentear os régulos dos lugares em que aportassem; I, 64. (5) Vermelho, os antigos extraiam certa tinta encarnada de um marisco denominado «púrpura». (6) Nome que se dava a certa espécie de tecidos de côr vermelha, côr do fogo, «ardente». (7) O pólipo ou verme marinho que tem o nome de coral reproduz-se aglomerando-se em forma de arbusto [«ramoso»]; à nascença é brando [«mole»], depois adquire como as conchas forte consistência [«endurece»], e tirado do mar é afeiçoado, lapidado, como as pedras preciosas [«fino»], e dêle se fazem artefactos de adôrno pessoal [«prezado, apreciado»].

78 Manda mais um na prática elegante,
Que co rei nobre as pazes concertasse,
E que de não sair naquelle instante
De suas naos em terra o desculpasse.
Partido assi o embaixador prestante,
Como na terra ao rei se apresentasse,
Com estilo que Pallas lhe ensinava,
Estas palavras tais falando orava:

O Capitão *manda mais* [= *também*] *um* mensageiro, *elegante na prática* [*bem falante na conversação*] (1), para *que o desculpasse de não sair naquele instante das suas naus* (2) *em terra* [*indo a terra*], *e* para *que concertasse* [= *ajustasse*] *as pazes com o nobre rei. O prestante* (3) *embaixador* tendo *assim* (4) *partido, como na terra se apresentasse ao rei* [= *logo que em terra se apresentou ao rei*], — *falando com o estilo que Palas* (5) *lhe ensinara* —, *orava* [= *orou, pronunciou*] *estas palavras, tais* quais [*estas palavras, exactamente, as que vem na estância seguinte*]*:*

(1) O mensageiro [Fernão Martins] sabia o árabe, lingua conhecida no país, e falava com boa escolha de palavras, com discrição. (2) Cfr. II, 83, onde se ampliam estas desculpas. (3) Homem prestante é aquele que presta bons serviços, que sabe desempenhar-se bem dos seus deveres, das missões de que o encarregam. (4) Desta maneira, i. é, depois de ouvir as instruções dadas pelo Gama. (5) Um dos nomes de Minerva, a deusa da sabedoria; falando na linguagem [estilo] que aprendera com a instrução literaria.

79 «Sublime rei, a quem do Olimpo puro
Foi da suma justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos d'elle amado que temido;
Como pôrto mui forte, e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, pera que achemos
Em ti o remédio certo que queremos.

«*Ó sublime rei, a quem do* [= *pelo*] *puro Olimpo* (1) *da suma justiça foi concedido* [= *permitido*] *refrear* (2) *o soberbo* e *duro povo* (3), e que é *dêle* [*do povo, pelo povo*] *não menos amado que temido* [*mais amado do que temido*]! nós *vimos a buscar-te* [*viemos procurar-te*] *como pôrto* (4) *mui forte e seguro, conhecido de todo o Oriente, para que achemos em ti o remédio certo que queremos* (5).

(1) Fig., puro Céu, Deus. (2) Governar. (3) O excelente e valente povo melindano. (4) Fig., refúgio; [por seres tu e o teu pôrto seguro refúgio]. (5) Para obtermos de ti, com certeza, o auxílio que desejamos — mantimentos e pilôto que ensinasse o caminho para a India — como se explica nas estâncias seguintes.

Nos primeiros três versos está expresso o pensamento de que os árabes levaram certa civilização àquele povo do litoral de África.

---

80 «Não somos roubadores que, passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro e a fogo as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cubiçadas;
Mas da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da Índia grande e rica, por mandado
De um rei que temos, alto e sublimado.

«*Não somos roubadores, que, passando pelas fracas cidades descuidadas, vão* (1) [*andem*] *matando as gentes* [*os homens*] *a ferro e a fogo, por* [= *para*] *lhes roubar as cubiçadas fazendas: mas, navegando da* [= *desde a*] *soberba* [= *magnífica*] *Europa, imos* (2) [*andamos*] *buscando as apartadas* [= *distantes*] *terras da grande e rica Índia, por mandado dum alto e sublimado* (3) *rei que temos.*

(1) Advirta-se que neste verbo a 3.ª pessoa do plural do subjuntivo tem flexão igual à do indicativo. (2) Vamos [«imos» é arcaísmo]. (3) Poderoso e engrandecido.

Baco tinha dito, em sonho, ao mouro de Moçambique [I, 79], que os navegantes eram «roubadores» [piratas]; neste discurso há prevenção contra cilada semelhante.

---

81 «Que geração tam dura ha i de gente?
Que bárbaro costume, e usança fea,
Que não vedem os portos tam sómente,
Mas inda o hospício da deserta area?
Que má tenção, que peito em nós se sente,
Que de tam pouca gente se arrecea?
Que com laços armados tam fingidos,
Nos ordenassem ver-nos destruídos?

«¿*Que geração de tam dura* (1) *gente há aí* em Moçambique e Mombaça? *que bárbaro* (2) *costume e* que *feia usança* (3) é essa: *que os* habitantes dessas terras *não vedem* (4) *tam sómente os portos, mas* vedem (5) *ainda* [= *até mesmo*] *o hospício* [= *a hospitalidade*] *da deserta areia* (6)? ¿*Que má tenção, que* mau *peito* [*que mau coração*] *se sente* [*se supõe*] *em nós?* ¿*que* malícia *se receia de tam pouca*

gente, como nós somos, *para que* êsses habitantes *nos ordenassem* [*ordenassem com relação a nós*] *ver-nos destruídos com laços armados tam fingidos* (7)?

(1) Cruel. (2) Estranho. (3) Costume [repetição da idea por outra palavra — sinonímia]. (4) Proíbam até violentamente o desembarque nas praias. (5) Neguem. (6) Alusão às agressões sofridas em Moçambique; I, 86. (7) Tam dissimulados.

Observe-se que o mensageiro está falando em nome do Gama, prevendo que a gente de Melinde pudesse estar informada — em conseqüência de notícias propagadas por terra — dos factos passados em Moçambique e Mombaça; e lamenta êsses factos, para predispor favorávelmente o rei, patenteando em seguida a esperança de que por êle serão os navegantes tratados com benignidade, ao contrário do que sucedera nos outros portos da costa.

No primeiro verso «i» [= ai] é arcaísmo.

---

82 «Mas tu, em quem mui certo confiamos
Achar-se mais verdade, ó rei benino,
E aquella certa ajuda em ti esperamos,
Que teve o perdido Ítaco em Alcino,
A teu pôrto seguros navegamos,
Conduzidos do intérprete divino;
Que, pois a ti nos manda, está mui claro
Que és do peito sincero, humano, e raro.

Mas tu, ó benigno rei, em quem confiamos achar-se mui certo [= *mui certamente*] *mais verdade* [= *mais lialdade*], *e em ti esperamos* achar *aquela ajuda certa* [*segura*] *que, em Alcino* (1), *teve o Ítaco* (2) *perdido* — (3) fica sabendo que *navegámos seguros* [= *com confiança*] *a* [= *para o*] *teu pôrto, con-*

duzidos do [= *pelo*] *divino intérprete* (4); *que, pois* [= *e, visto que*] êle *a ti nos manda, mui claro está que és de sincero, humano e raro peito* (5).

(1) Rei dos feáceos [no poema de Homero] e que deu hospitalidade a Ulisses quando êste naufragou. (2) Cognome de Ulisses, por ter nascido na ilha de Ítaca [arquipélago das Jónias]. (3) *Fig.*, naufragado. (4) Referência ao aviso dado em sonhos, a Vasco da Gama, pelo Cileneu. (5) Bondoso e excelente coração [«raro» = como há poucos].

---

83 «E não cuides, ó rei, que não saísse
O nosso capitão esclarecido
A ver-te, ou a servir-te, porque visse
Ou sospeitasse em ti peito fingido;
Mas saberás que o fez, porque comprisse
O regimento, em tudo obedecido
De seu rei que lhe manda que não saia,
Deixando a frota, em nenhum pôrto ou praia.

«*E não cuides, ó rei, que o nosso esclarecido* (1) *Capitão não saísse* (2) em terra, *a* [= *para*] *ver-te ou a servir-te* (3), *porque visse ou suspeitasse, em ti, fingido peito* (4); *mas saberás que o fez* [= *i. é, que não desembarcou*], *porque cumprisse* [= *para cumprir*] *o regimento* (5) *do seu rei* que é *obedecido em tudo* — regimento *que lhe manda, que não saia* do seu navio *em nenhum pôrto ou praia, deixando a frota* (6) sem a sua presença.

(1) Ilustrado. (2) Deixasse de desembarcar; «sair em terra» é expressão usada pelo Poeta no sentido de «desembarcar»; cfr. 87. (3) Expressão de cortesia: a render-te

homenagem. (4) Refalsado ânimo. (5) A norma das obrigações que lhe tinham sido impostas. (6) A armada, os navios.

---

84 « E porque é de vassalos o exercício
Que os membros tem, regidos da cabeça,
Não quererás, pois tens de rei offício,
Que ninguém a seu rei desobedeça;
Mas as mercês e o grande benefício
Que ora acha em ti, promete que conheça
Em tudo aquillo, que elle e os seus poderem
Em quanto os rios pera o mar correrem. ».

« *E — porque o exercicio* [a *função*, o *dever*] *de vassalos é* semelhante ao exercício que tem *os membros* do corpo humano *regidos da* [= *governados pela*] *cabeça* [o *dever dêles é obedecer à cabeça*] — *não quererás — pois tens o ofício* (1) *de rei — que ninguêm desobedeça ao seu rei*; *mas* o nosso Capitão *promete, que — em tudo que êle e os seus* compatriotas *puderem*, e *emquanto os rios correrem para o mar* (2) — *conheça* [*há-de conhecer*, *há-de agradecer*] *as mercês e o grande benefício que acha ora* [agora] *em ti* (3).

(1) Obrigações, atribuições e encargos, direitos e deveres. (2) Note-se a hipérbole. (3) Que receber agora de ti.

---

85 Assi dizia; e todos juntamente,
Uns com outros em prática falando,
Louvavam muito o estâmago da gente
Que tantos ceos e mares vai passando.
E o rei illustre, o peito obediente
Dos Portugueses na alma imaginando,
Tinha por valor grande e mui subido
O do rei que é tam longe obedecido.

Assim dizia [*isto disse*] o embaixador; *e todos os* melindanos que ali estavam, *falando em prática* (1), *uns com os outros, louvavam muito o estômago* [= *o ânimo*] *da gente que vai* [= *anda, andava*] *passando* sob *tantos céus e* através de tantos *mares*. *E o ilustre rei — imaginando na alma* (2) *o obediente peito* [*espírito*] *dos portugueses — tinha por mui grande e subido o valor do rei, que* de *tam longe é obedecido* (3).

(1) Conversação. (2) Reflectindo sôbre... (3) Reconhecia os grandes merecimentos do rei português, visto que inspirava respeito por tal modo, que os vassalos, estando dêle muito longe, lhe obedeciam como se estivessem em sua presença.
A expressão «tantos céus» deve entender-se: as diversas regiões celestes em que algumas estrêlas já se não viam, e apareciam outras; v, 14, 15.

---

86 E com risonha vista e ledo aspeito
Responde ao embaixador que tanto estima:
«Toda a sospeita má tirai do peito;
Nenhum frio temor em vós se imprima,
Que vosso preço e obras são de geito
Pera vos ter o mundo em muita estima;
E quem vos fez molesto tratamento,
Não pode ter sobido pensamento.

E o rei de Melinde *com risonha vista e ledo aspecto* (1), *responde ao embaixador que tanto estima:* «*Tirai do peito toda a suspeita má;* desejo *que nenhum frio temor* (2) *se imprima em vós; que* [*pois*] *o vosso preço e as vossas obras são de jeito para o mundo vos ter em muita estima* (3); *e quem vos fez molesto tratamento* (4), *não pode ter subido pensamento* (5).

(1) Com a alegria manifestada nos olhos e nas feições. (2) O mêdo que produz calafrios: estai descansado, nada receeis. (3) Os vossos merecimentos e as vossas acções são tais, que dão motivo para serdes estimados pela humanidade; «de jeito» = de maneira. (4) Quem vos magoou. (5) Não tem pensamentos elevados, não tem bons sentimentos.

---

87 «De não sair em terra toda a gente,
Por observar a usada preminência,
Ainda que me pese estranhamente,
Em muito tenho a muita obediência;
Mas, se lh'o regimento não consente,
Nem eu consentirei que a excellência
De peitos tão leais em si desfaça
Só porque a meu desejo satisfaça.

Ainda que me pese estranhamente (1) *o não sair em terra* (2) *toda a gente* das naus, *por* [= pelo motivo de] *observar a usada preeminência* (3), *tenho em muito* (4) *a muita obediência* dos portugueses ao seu rei. *Mas, se o regimento lho não consente* [*se o regimento não permite ao capitão que desembarque*], *eu nem* [*também não*] *consentirei, que a excelência*

de tam liaes peitos desfaça em si (5) *só porque satisfaça a meu desejo.*

(1) Ainda que eu tenha extraordinário pesar. (2) Desembarcar. (3) Costumado respeito de virem a terra primeiramente cumprimentar-me os capitães de barcos aqui chegados. (4) Avalio bem [expressão ainda hoje popular]. (5) Não consentirei que gente de tam excelentes e liais corações se amesquinhe [obrando de modo contrário aos seus deveres]; «desfazer em alguém» é ainda hoje expressão popular, para significar: apoucá-la, amesquinhá-la, notando-lhe defeitos; quando se exaltam virtudes de ausentes, é vulgar, na linguagem do povo, dizer-se «não desfazendo em quem está presente».

---

88 «Porém, como a luz crástina chegada
Ao mundo fôr, em minhas almadias
Eu irei visitar a forte armada
Que ver tanto desejo, há tantos dias.
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento e longas vias,
Aqui terá, de limpos pensamentos,
Pilôto, munições e mantimentos.»

Porêm, como [= *logo que*] *a crástina* (1) *luz fôr chegada ao mundo* (2), *eu irei, em minhas almadias* (3), *visitar a forte armada, que, há tantos dias* (4), *tanto desejo ver. E, se* ela *vier desbaratada* (5) *do* [= *pelo*] *furioso vento e* pelas *longas vias* (6), *aqui terá pilôto de limpos pensamentos* (7), e *munições e mantimentos.*

(1) «Crástina» [sómente empregado na poesia] é o adjectivo latino indicativo de sucesso que há-de verificar-se no dia imediato àquele em que se está falando: a «luz crás-

tina » = a luz do dia de amanhã. (2) Amanhã, logo que a luz alumiar a terra; amanhã de madrugada. (3) Embarcações feitas de um só tronco de árvore escavado. (4) Esta expressão concorda com a ficção do Poeta, a do aviso dado por Mercúrio; cfr. 56 e 57. (5) Estragada, avariada. (6) Longa viagem [longos caminhos]. (7) De puras intenções, incapaz de atraiçoar.

---

89 Isto disse; e nas águas se escondia
O filho de Latona; e o mensageiro
Co'a embaxada alegre se partia
Pera a frota, no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria,
Por terem o remédio verdadeiro
Pera acharem a terra que buscavam;
E assi ledos a noite festejavam.

Disse isto o rei; e, em seguida, *o filho de Latona* (1) [*o Sol*] *escondia-se* [*escondeu-se*] *nas águas* (2); *e o mensageiro* (3), *alegre com a embaixada* (4), *partia-se* [*partiu*] *para a frota no seu ligeiro* (5) *batel*. *Os peitos* (6) dos navegantes *enchem-se*, *todos*, *de alegria*, *por terem*, em Melinde, *o verdadeiro remédio para acharem a terra* da Índia *que buscavam*; *e*, *ledos* (7), *festejaram a noite assim* (8) [*do seguinte modo*]:

(1) Mitologia, a mãe de Apolo. (2) Desaparecia no horizonte; 70, nota. (3) Fernão Martins. (4) Alegre com o recado que levava do rei. (5) Veloz. (6) Corações. (7) Alegres. (8) Os festejos a bordo são descritos na estância que se segue, e os festejos em terra na estância imediata.

90 Não faltam ali os raios de artifício,
Os trémulos cometas imitando;
Fazem os bombardeiros seu ofício,
O ceo, a terra e as ondas atroando;
Mostra-se dos cyclopas o exercício
Nas bombas que de fogo estão queimando;
Outros, com vozes com que o ceo feriam,
Instrumentos altíssonos tangiam.

Ali, nas naus, *não faltam os raios de artifício* (1), *imitando os trémulos cometas; os bombardeiros* (2) *fazem o seu ofício atroando o céu* (3), *a terra e as ondas. Nas bombas de fogo* (4), *que* alguns tripulantes *estão queimando, mostra-se o exercício dos Ciclopas* (5); *outros, com vozes que feriam o céu* (6), *tangiam altíssonos instrumentos* (7).

(1) Fig., os foguetes, que, subindo ao ar, deixam atrás de si um rasto de luz que faz lembrar a dos raios na tempestade, ou a cauda dos cometas. (2) Os homens que davam fogo às bombardas [espécie de canhões]; os artilheiros, se diria hoje. (3) Hipérbole: os ares. (4) As bombas de «fogo de artifício», e não as referidas em I, 68, usadas na guerra [as balas ôcas cheias de pólvora e disparadas pelas bombardas]; as bombas de fogo de artifício, usadas também na guerra e nas praças sitiadas para alumiar os muros de noite, consistiam em fachos de luz de longa duração, luz saída também de balas ôcas. (5) A função, o ofício, o resultado dessa função, a obra dos fabricantes de fogos de artifício, — dos Ciclopas; estes, segundo a ficção poética e mitológica, eram os ferreiros que no monte Etna, com Vulcano, fabricavam os raios das tempestades. (6) [Hipérbole] cantavam em altas vozes. (7) Tocavam instrumentos que tinham grande volume de som.

---

91 Respondem-lhe da terra juntamente,
Co raio volteando, com zonido;
Anda em giros no ar a roda ardente,
Estoura o pó sulfúreo escondido.
A grita se alevanta ao ceo, da gente:
O mar se via em fogos acendido,
E não menos a terra. E assi festeja
Um ao outro, a maneira de peleja.

Os *da terra* (1) *respondem-lhe*, à frota, *juntamente* [= *ao mesmo tempo*] *com o raio* (2) *volteando* [= *que volteava*] *com zunido* (3): *anda em giros, no ar, a ardente roda* (4); *estoura o sulfúreo pó* (5) *escondido; levanta-se ao céu a grita* (6) *da gente; via-se o mar, e não menos a terra, acendido em fogos* (7); *e, assim, um festeja ao outro à maneira de peleja* (8).

(1) Os habitantes de Melinde. (2) Espécie de foguete, que não sobe aos ares mas dá muitas voltas pelo chão, chamados «busca-pés». (3) Palavra onomatopaica; som agudo e sibilante. (4) «Roda» ou disco que se envolve em tubos cheios de substâncias inflamáveis, cujas chamas giram em círculos, quando ela arde. (5) A pólvora, em cuja composição entra o enxôfre (súlfur), e que, escondida em tubos apertados com cordéis, estoura com explosão quando se lhe aproxima o fogo; advirta-se que o pôrto de Melinde estava em contacto comercial com a Índia, donde lhe vinham os fogos de artifício [cfr. Castanheda, I, 12]. (6) A vozearia alegre chegava ao céu [hipérbole]. (7) Os fogos de bordo e de terra reflectiam-se na superfície do mar, parecendo, cada ondulação, uma chama. (8) Festejavam-se reciprocamente os portugueses e os melindanos com um simulacro de batalha.

92 Mas já o ceo inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho;
E já a mãi de Ménon, a luz trazendo,
Ao sono longo punha certo atalho.
Iam-se as sombras lentas desfazendo
Sôbre as flores da terra em frio orvalho,
Quando o rei milindano se embarcava
A ver a frota que no mar estava.

Mas o inquieto céu (1), *revolvendo* (2) [= *tornando a volver*], *incitava já as gentes* ao *seu trabalho* (3); *e a mãe de Mémnon* (4) [*a aurora*], *trazendo a luz* [*a claridade*], *punha já certo atalho ao sono* delas (5); e *as lentas sombras* (6) *iam-se* já *desfazendo em frio orvalho* (7) *sôbre as flores da terra, quando o rei melindano se* (8) *embarcava a* [*para*] *ver a frota que estava no mar*.

(1) Fig., as inquietas [scintilantes] estrêlas. (2) Tornando a aparecer; advirta-se que o verbo, aqui, é o intransitivo; a estrêla matutina volvendo ao ponto em que estivera na véspera, ao amanhecer [a teoria do movimento aparente do Universo]. (3) Anunciava aos homens, que era a hora de começarem a trabalhar. (4) Filho de Titão e da Aurora; est. 13. (5) Começava a interromper o sono dos homens. (6) Húmidas névoas. (7) Chuva de miùdíssimas gotas. (8) Desusada hoje, em prosa, a forma reflexa dêste verbo.

A luz das estrêlas é dotada de rápidos fulgores, de contínuo movimento trémulo [inquieto]: a scintilação.

93 Viam-se em derredor ferver as praias
Da gente, que a ver só concorre leda;
Luzem da fina púrpura as cabaias,
Lustram os panos da tecida seda.
Em lugar de guerreiras azagaias,
E do arco que os cornos arremeda
Da lũa, trazem ramos de palmeira
Dos que vencem, coroa verdadeira.

Em derredor [*em volta do sítio em que embarcava o rei*] *viam-se ferver* (1) *as praias da* [= com a] *gente que, só a* [para] *ver, corre leda* (2). *Luzem as cabaias* (3) *da fina púrpura* (4); *lustram* [= brilham] *os panos* (5) *da tecida sêda* (6). *Em lugar de guerreiras azagaias* (7) *e do arco* (8), *que arremeda os cornos da lua*, os melindanos *trazem ramos de palmeira* (9) que são *verdadeira coroa dos que vencem* [*das hostes vitoriosas em batalha*].

(1) Agitar-se muita gente nas praias. (2) Alegre. (3) Vestuário de que usam os meuros; espécie de sotainas, sem gola, justas ao corpo, chegando um pouco abaixo dos joelhos; semelhantes ao «sobretudo» que se usa na Europa, mas fechado e liso na frente, e aberto pelos lados. (4) De côr purpúrea, vermelha. (5) «Panos», aqui, tem a significação de «peças de vestuário» assim chamadas: pedaços de tecido (que pode ser de algodão ou séda), listrados ou não, e usados geralmente sôbre um ombro, caídos até quási o chão, servindo, a bem dizer, simplesmente de adôrno. (6) Tecidos feitos sómente com fio de sêda. (7) Cfr. I, 86. (8) Haste de madeira, a cujas pontas se prende uma corda, que, retesada, faz arquear essa haste; arma com que os gentios disparam as setas. (9) As «palmas», ou ramos de palmeira, eram símbolo de paz entre os antigos, como era o ramo de oliveira; e também era símbolo de vitória nas batalhas; nestas se dava uma palma ao vencedor.

94 Um batel grande e largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas côres,
Traz o rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu reino e de senhores.
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes e primores:
Na cabeça ũa fota, guarnecida
De ouro e de seda, e de algodão tecida.

Um grande e largo batel, que vinha toldado de sêdas de diversas côres, traz o rei de Melinde, acompanhado de nobres e de senhores (1) *do seu reino*; o rei *vem adornado de ricos vestidos e de primores* (2), *segundo* os *seus costumes* (3); *na cabeça* traz *uma fota* (4), *tecida de algodão* e *guarnecida de ouro e sêda.*

(1) A diferença entre «nobres» e «senhores», no Portugal antigo, era terem os segundos «senhorio» de terras; mas uns e outros eram vassalos distintos por descendência ou por acções que os nobilitavam. Finge o Poeta que no reino de Melinde sucederia outro tanto. (2) Ornatos, adornos; seriam, por exemplo, colar, adaga, alpercatas — tudo lavrado, como se especifica na estância seguinte. (3) Conforme os costumes árabes. (4) Touca mourisca, em forma de turbante, consistindo em uma larga faixa que se enrodilha em volta da cabeça.

---

95 Cabaia de damasco rico e dino,
Da tíria côr, entre elles estimada;
Um colar ao pescoço, de ouro fino,
Onde a matéria da obra é superada;
C'um resplandor reluze adamantino,
Na cinta, a rica adaga bem lavrada;
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro e aljôfar ao veludo.

Trazia o rei também: *cabaia* (1) *de rico e digno* (2) *damasco* (3) *da tiria* (4) *côr entre êles estimada; ao pescoço, um colar de fino ouro, em que a matéria era superada da* [= *pela*] *obra* (5); *na cinta, reluze-lhe, com um resplendor diamantino* (6), *a rica adaga bem lavrada; emfim de tudo* [*em suma*], *nas alparcas* (7) *dos pés, o ouro e o aljôfar* (8) *cobrem* [*a*] *o veludo* de que são feitas.

(1) Cfr. 93. (2) Excelente, digno de ser usado por um rei. (3) Tecido de sêda com lavores. (4) Vermelha; «tiria» é adjectivo patronímico de Tiro, cidade antiga da Fenícia, onde se fabricava a tinta vermelha — extraída, segundo uns, do insecto [grã, ou gran] que se cria nos azinheiros e carrascos; segundo outros, extraída do «múrice», concha univalve [cfr. «púrpura» 93 e «múrice» 99]. (5) O valor da obra de arte era superior ao valor do ouro; superava-o, excedia-o. (6) Com o brilho dos diamantes em que estavam encastoados o cabo e a bainha da adaga [arma curta, como punhal]. (7) Sandálias, espécie de calçado que usam os muçulmanos e que não tem talões; não se confunda com as «alpercatas», que se prendem por meio de fitas cruzadas sôbre o pé e no artelho. (8) Pérolas miúdas.

---

96 Com um redondo emparo alto de seda,
Nũa alta e dourada ástea enxerido,
Um ministro á solar quentura veda,
Que não offenda e queime o rei sobido.
Música traz na proa, estranha e leda,
De áspero som, horríssono ao ouvido,
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concêrto fazem rudo estrondo.

Um ministro [= *fâmulo, servo*] — *com um alto e redondo amparo de sêda inserido* [= *cravado*] *numa*

alta hástea dourada (1) — *veda* [= *evita*] *que a quentura solar* (2) *não* (3) *queime* (4) *e ofenda o subido* [= *excelente*] *rei. Na proa, traz* êle [= *vem no mesmo batel, com êle*] *estranha* (5) *e leda* (6) *música de áspero som, horríssono* (7) *ao ouvido* — música *de trombetas arcadas* [= *arqueadas*] *em redondo* (8), *que fazem rude estrondo sem concêrto* (9).

(1) Perífrase: — um guarda-sol; uma umbela; na Ásia e na Europa as pessoas ricas andavam acompanhadas de um criado com guarda-sol; sôbre o feitio, cfr. João de Barros, década III, liv. x, cap. IX; no texto «enxerido» forma antiga de «inserido». (2) Calor do sol. (3) A partícula negativa hoje não se emprega com verbos que já exprimem negação. (4) Fig., moleste. (5) Não vista antes, desusada. (6) Alegre. (7) Estridente, que causava horror [horripilações] no ouvido. (8) Arqueadas em forma circular, como as trompas. (9) Sons fortes e confusos que não formavam concêrto [= harmonia].

---

97 Não menos guarnecido, o Lusitano
Nos seus batéis da frota se partia
A receber no mar o Milindano,
Com lustrosa e honrada companhia.
Vestido o Gama vem ao modo hispano,
Mas francesa era a roupa que vestia,
De setim da adriática Veneza
Carmesi, côr que a gente tanto preza;

O Lusitano (1), *não menos guarnecido* (2), *partia-se* (3) *da frota* (4), *nos seus batéis* (5), *com lustrosa* (6) *e honrada* (7) *companhia, a receber, no mar, o Melindano* (8). *O Gama vem vestido ao modo hispano* (9), *mas a roupa que vestia era* obra *fran-*

cesa (10), feita *de setim da Adriática* (11) *Veneza, setim carmesim* (12), *côr que a gente tanto preza* (13).

(Continua a descrição do vestuário na estância imediata).

(1) O Capitão. (2) Ataviado, vestido, paramentado. (3) Antiquada, a forma reflexa. (4) Fig., da sua nau. (5) Nos escaleres de bordo. (6) Brilhante; «luzida» se diria hoje, para indicar o brilhantismo de côres e adornos do vestuário. (7) Companhia de pessoas qualificadas, às quais eram devidas as honras correspondentes; levava seu «estado maior», como hoje se diria. (8) O rei de Melinde. (9) À moda peninsular, se diria hoje; entendendo-se por «Hispânia» toda a península [Portugal e Espanha]. (10) Obra de artistas franceses. (11) Adjectivo patronímico de Adriático, o mar que banha Veneza [na Itália]. (12) Côr da vestidura simbólica dalguns altos dignitários da Igreja. (13) Côr muito estimada e apreciada por toda a gente.

---

98 De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
Onde o sol reluzindo a vista cega;
As calças soldadescas recamadas
Do metal, que fortuna a tantos nega;
E com pontas do mesmo delicadas
Os golpes do gibão ajunta e achega;
Ao itálico modo a áurea espada,
Pruma na gorra um pouco diclinada.

As mangas vem tomadas de [*prendidas, fechadas por*] *botões de ouro, onde o sol, reluzindo, cega a vista;* traz *calças soldadescas* (1) *recamadas do* [*bordadas com o*] *metal que a fortuna a tantos nega* (2); *e, com delicadas pontas* (3) *do mesmo* metal *ajusta e achega os golpes do gibão* (4); traz *áurea espada ao modo itálico* (5), *e pluma na gorra* (6), esta *um pouco declinada* (7) sôbre a cabeça.

(1) Calças, como usava a gente de guerra; advirta-se que, na maior parte, os retratos que se deparam são cópia doutros em que o vestuário é diverso, o de vice-rei da Índia. (2) O ouro que a fortuna nega a tanta gente. (3) Fig., as fitas tecidas com fio de ouro, a que se dava uma laçada, deixando cair as «pontas», com agulhetas. (4) O gibão era antiga vestidura que cobria o corpo desde o pescoço até a cintura, com «golpes» ou aberturas laterais, as quais serviam de ornato, deixando aparecer estofos de côr diversa da peça golpeada. (5) Espada com os copos dourados, como se usava em Itália. (6) Barrete com certa semelhança às «boinas» de que usa o povo em algumas provincias de Espanha. (7) Inclinada, desviada para uma banda; não está bem claro se a pluma era inclinada sôbre a gorra, ou se o era esta sôbre a cabeça — talvez as duas cousas.

---

99 Nos de sua companhia se mostrava
Da tinta que dá o múrice excellente,
A vária côr, que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo diferente.
Tal o fermoso esmalte se notava
Dos vestidos, olhados juntamente,
Qual aparece o arco rutilante
Da bella nimpha, filha de Thaumante.

Nos da sua companhia (1) *mostrava-se a vária côr* (2) *da tinta que dá o excelente múrice* (3), côr *que os olhos alegrava;* e mostrava-se *a maneira do diferente traje* (4). *O formoso esmalte* (5) *dos vestidos olhados juntamente* [= *no conjunto*] *notava-se* [*aparecia*], *tal qual aparece o rutilante* (6) *arco da bela ninfa filha de Taumante* (7).

(1) Na comitiva, no cortejo, no acompanhamento de Vasco da Gama. (2) Os vários tons da côr. (3) Concha univalve

de que os antigos extraíam a côr chamada «púrpura»; cfr. «tíria côr», 95. (4) Os trajos de diversos feitios. (5) Fig., a variedade de côres. (6) Brilhante, resplandecente. (7) O arco-íris, pelo vulgo denominado «arco-da-velha»; Íris [mit.] era filha de Taumante, e mensageira de Juno, que a converteu no arco celeste, que o seu nome conserva.

---

100 Sonorosas trombetas incitavam
Os ânimos alegres resonando;
Dos Mouros os batéis o mar coalhavam,
Os toldos pelas águas arrojando.
As bombardas horríssonas bramavam,
Com as nuvens de fumo o sol tomando;
Ameúdam-se os brados acendidos,
Tapam co'as mãos os Mouros os ouvidos.

Sonorosas (1) *trombetas, ressoando, incitavam os alegres ânimos* (2); *os batéis dos mouros coalhavam o mar, rojando os toldos* (3) *pelas águas; as bombardas bramavam horríssonas* (4), *tomando* [encobrindo] *o sol com as nuvens de fumo; os acendidos brados* (5) *amiúdam-se; os mouros tapam os ouvidos com as mãos.*

(1) Sonoras, harmoniosas; I, 5 [as trombetas dos portugueses]. (2) Excitavam a alegria nos ânimos [metalepse]. (3) As cortinas largas dos toldos. (4) Os canhões davam grandes brados, grande ruído [«bramavam»], medonho [«horríssono»]; I, 35. (5) Os estoiros acompanhados de luz, quando se disparavam as bombardas.

---

101 Já no batel entrou do capitão
O rei, que nos seus braços o levava;
Elle co'a cortesia, que a razão
(Por ser rei) requeria, lhe fallava.
C'ũas mostras de espanto e admiração,
O Mouro o gesto e o modo lhe notava,
Como quem em mui grande estima tinha
Gente que de tam longe á Índia vinha.

No batel do Capitão entrava já (1) *o Rei, que nos seus braços o levava* (2) [*= levantava*]; *êle* (3) [*o Melindano*] *falava-lhe* [*ao Gama*] *com a cortesia* [*maneiras de côrte*] *que a razão requeria, por ser rei* [*= visto que era rei*]; *o Mouro, notava-lhe o jeito e modo* (4), *com umas mostras* [*demonstrações*] *de espanto e admiração, como quem tinha em grande estima a gente que vinha de tam longe* para ir *à Índia*.

(1) A êsse tempo. (2) O rei abraçou Vasco da Gama [levantou-o nos braços]. (3) Êste «êle», segundo Manuel de Faria, é Vasco da Gama; a gramática diz que é o Melindano; a crítica diz que é devida cortesia aos reis [e que por isso cortêsmente lhe deveria falar o Gama], mas a cortesia [as maneiras de côrte] é igualmente usada pelos reis; dêste modo desaparece qualquer incoerência; o Melindano, mantendo a sua rial dignidade, falaria ao Gama sem demasiada familiaridade, mas com a cortesia que usam os reis para os seus validos, ou com aqueles a quem são afeiçoados. (4) Observava-lhe atentamente as feições e o porte, demonstrando na sua atenção que estava extremamente admirado.

Sôbre os tempos dos verbos nos versos 1 e 2, cfr. I, 36, 64, notas 3 e 4, e ADVERTÊNCIA, p. 3, *in fine*.

———

102 E com grandes palavras lhe offerece
Tudo o que de seus reinos lhe comprisse,
E que se mantimento lhe fallece,
Como se próprio fôsse, lh'o pedisse.
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
A gente lusitana, sem que a visse;
Que já ouviu dizer, que noutra terra
Com gente de sua lei tivesse guerra;

E, com grandes palavras (1), *oferece-lhe tudo o que dos seus reinos lhe cumprisse* [*lhe conviesse*]; *e* diz-lhe *que, se lhe falece* [*lhe falta*] *mantimento* (2), *lho pedisse* [*peça*] *como se próprio fôsse; diz-lhe mais: que bem conhece a gente lusitana, sem que a visse* [*sem a ter visto*], conhece-a *por* [*pela*] *fama; que* [= *pois*] *já ouviu* [*ouvira*] *dizer que* ela *tivesse* [*tivera*], *em outra terra, guerra com gente da sua lei* (3).

(1) Com expressões magnânimas, demonstrando generosidade. (2) «Mantimentos» [termo marítimo], os géneros que vão a bordo dos navios para alimentação dos tripulantes e passageiros. (3) O Melindano sabia que os portugueses, em «outras terras» [no texto o singular pelo plural], haviam tido guerra com gente da lei [da religião] maometana; alusão às guerras contra os mouros em África [Ceuta, Tânger, Arzila, etc.] e em Portugal [Estremadura, Algarve, etc.]. Finge o Poeta que o Melindano tem vaga notícia das proezas praticadas pelos portugueses em África; cfr. a estância seguinte.

103 E, como por toda África se soa,
Lhe diz os grandes feitos que fizeram,
Quando nella ganharam a coroa
Do reino, onde as Hespéridas viveram.
E com muitas palavras apregoa
O menos que os de Luso mereceram,
E o mais que pela fama o rei sabia.
Mas d'esta sorte o Gama respondia:

E diz-lhe como [= *que*], *por toda a África se soa* (1) [*se fala*] *dos grandes feitos que* os portugueses *fizeram* (2), *quando ganharam nela a coroa do reino* [*quando venceram nela o rei do país*] *em que viveram as Hespéridas* (3); *e apregoa* [= *louva altamente*] *com muitas palavras o que* [= *as proezas que*] *menos* pregão [*menos louvor*] *os de Luso mereceram* (4); *e* refere *o mais* [*outras cousas mais*] *que o rei sabia por* a [*pela*] *fama* [*por ouvir contar*]. *Mas o Gama respondia-lhe* [*respondeu-lhe*] *desta sorte:*

(1) Há tradição oral. (2) Das grandes proezas que os portugueses praticaram. (3) As filhas de Héspero [mit.], rei de África, onde o reino principal era a Mauritânia; alude-se às vitórias de Afonso V em Fez e em Tânger; advirta-se que neste circunlóquio o Poeta não se refere nem às ilhas Hespéridas [que se supõe corresponderem às ilhas Bijagós, na Senegâmbia portuguesa], nem à «Hespéria última» — nome que os gregos e romanos davam à Hispânia [a península hispânica], e que o Poeta menciona adiante, est. 108 e VIII, 69; «Hespéria prima» era a Itália. (4) O Melindano tinha notícia das façanhas praticadas pelos portugueses em Fez e Tânger; essas porém eram as de menor valor, comparadas com as que êle ignorava, e que lhe vai relatar o Gama nos cantos III e IV.

104 «Ó tu, que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente lusitana,
Que com tanta miséria e adversidade
Dos mares experimenta a fúria insana,
Aquella alta e divina eternidade,
Que o ceo revolve e rege a gente humana,
Pois que de ti tais obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

«*Ó rei benigno*, foste *só tu* [*o único rei destas terras*] *que tiveste piedade da lusitana gente, que com tanta miséria e adversidade experimenta a insana fúria* (1) *dos mares! pois que de ti recebemos tais obras* (2), pedimos *à divina e alta Eternidade* — *aquela que revolve* (3) *o céu e rege a humana gente* (4) — que *te pague o que nós outros não podemos* (5)!

(1) Prosopopeia: a ira, até a loucura dos mares revoltos com as tempestades. (2) Visto que tais benefícios recebemos. (3) Faz girar os astros. (4) Governa a humanidade. (5) Te dê a recompensa que nós não podemos dar-te.

---

105 «Tu só, de todos quantos queima Apolo,
Nos recebes em paz, do mar profundo.
Em ti dos ventos hórridos de Eolo
Refúgio achamos bom, fido e jocundo.
Em quanto apacentar o largo polo
As estrêllas, e o sol der lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e glória
Viverão teus louvores em memória.»

De tantos *quantos* entes humanos *Apolo* [*o sol*] *queima* (1), *só tu nos recebes em paz* igual à *do pro-*

fundo mar (2)! *Em ti achamos bom, fido* (3) *e jucundo* (4) *refúgio dos hórridos* (5) *ventos do Éolo* (6)! *Emquanto o largo polo* (7) *apascentar as estrêlas* (8), *e* emquanto *o sol der lume ao mundo* — *onde quer que eu viver* — *os teu louvores* [*os louvores a ti*] *viverão em memória* do mundo!

(1) Melinde, como fica dito, está próximo do equador, onde o sol é ardentíssimo, queima, como enfáticamente se diz; por isso, conforme a fábula, tinham sido os habitantes queimados, ficando de côr preta; aos indígenas chama o Poeta, por vezes, «gente queimada» [cfr. I, 46]; de todos os povos que habitavam naquela costa africana, sòmente em Melinde haviam os navegantes encontrado acolhimento. (2) Porque na grande profundidade do mar as águas são pacíficas, ainda que estejam revoltas à superfície. (3) Fiel, sincero, não dissimulado. (4) Agradável. (5) Horrorosos, ventos das tempestades. (6) «Éolo», na mit., é o rei dos ventos, o que desencadeia as tempestades. (7) O céu [sinédoque]. (8) Alegoria em que se compara o céu com um prado e as estrêlas com um rebanho; alegoria que é ao mesmo tempo hipérbole [seguida de outra] nas palavras de Vasco da Gama para significar que seria eterna a sua gratidão: onde êle viver — na terra ou nas regiões etéreas — há-de louvar altamente o rei, e êsse louvor há-de ser eternamente ouvido, e conservado na memória da humanidade.

---

106 Isto dizendo, os barcos vão remando
Pera a frota, que o Mouro ver deseja;
Vão as naos, ũa e ũa rodeando,
Porque de todas tudo note e veja;
Mas pera o ceo Vulcano fusilando,
A frota co'as bombardas o festeja;
E as trombotas canoras lhe tangiam;
Cos anafis os Mouros respondiam,

Dizendo isto [= *depois de o Gama dizer isto*], *os barcos vão remando para a frota que o Mouro*

deseja ver, e vão rodeando as naus, uma a uma, porque [= *para que*] o rei *note* [= *observe*] *e veja tudo de todas; mas, fuzilando Vulcano para o céu* (1), *a frota festeja-o com as bombardas* (2); *e tangiam-lhe* [*em honra dêle*] *as canoras trombetas* (3); *respondiam os mouros com os anafis* (4).

(1) Fazendo relâmpagos nas bombardas. (2) Os navios festejam o rei com salvas de artilharia. (3) Tocavam as estridentes trombetas; I, 5. (4) Trombetas direitas usadas pelos mouros.

---

107 Mas despois de ser tudo já notado
Do generoso Mouro, que pasmava
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava,
Mandava estar quieto e ancorado
N'água o batel ligeiro, que os levava,
Por fallar de vagar co forte Gama,
Nas cousas de que tem notícia e fama.

Mas — depois de tudo ser já notado [= *observado*] *do* [= *pelo*] *generoso Mouro, que pasmava ouvindo o inusitado instrumento que em si tanto terror mostrava* (1) — o rei *mandava estar quieto* (2) *na água e ancorado o ligeiro batel que os levava, por* [= *para*] *falar devagar com o forte Gama nas cousas de que tem* [*tinha*] *notícia e fama* (3).

(1) Que estava atónito [pasmava] de ouvir o som das bombardas, — objectos ou instrumentos para êle desconhecidos, desusados [inusitados], e que neles próprios continham um estrondo tam aterrador: «a qual trovoada, como era cousa nova nas orelhas daquela gente, foi para êles tam grande

espanto que determinaram fugir» [J. de Barros]; mas o Gama, vendo tal susto, mandou suspender as salvas da artilharia. (2) Mandava suspender os remos. (3) «Fama» tem aqui a mesma significação que tem «notícia» [sinonímia].

---

108 Em práticas o Mouro differentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famosas e excellentes
Co povo havidas que a Mafoma adora;
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hespéria última onde mora;
Agora pelos povos seus vezinhos;
Agora pelos húmidos caminhos.

Deleitava-se o Mouro (1) *em diferentes práticas* [= *conservações*] *preguntando: agora, pelas famosas e excelentes* (2) *guerras havidas com o povo que adora a Mafoma* (3); *agora, preguntando-lhe pelas gentes da Hespéria última* (4) *onde mora o Capitão* (5); *agora, pelos povos vizinhos* (6); *agora, pelos húmidos caminhos* (7).

(1) O rei Melindano. (2) Celebradas e notáveis. (3) Com o povo mauritano que venera Maomete; hipérbole em «adora», porque êles adoram Alá e veneram Maomete como seu profeta; cfr. I, 8, nota. (4) A península hispânica; cfr. 103, nota 3. (5) Na região em que está o reino a que pertence o Gama. (6) Pelos povos vizinhos da Hispània, pelos povos da Europa. (7) Também lhe pede informações a respeito dos mares, que os navegantes tinham percorrido; cfr. «vias húmidas», est. 67.

---

109 «Mas antes, valeroso capitão,
Nos conta, (lhe dezia) diligente,
Da terra tua o clima e região
Do mundo onde morais, distintamente;
E assi de vossa antiga geração,
E o princípio do reino tam potente,
C'os successos das guerras do começo,
Que sem sabê-las, sei que são de preço:

«*Mas antes* de tudo, ó *valoroso* (1) *Capitão* — *dizia-lhe* o rei Melindano — *conta-nos diligente* [*depressa, em poucas palavras*], como é *o clima da tua terra* (2), *e* a *região do mundo onde distintamente morais* (3), *e* bem *assim* dá-nos notícia *da vossa antiga geração* (4), *e* como foi *o princípio do teu tam potente reino* (5), *com os* mais *sucessos* [*e conta-nos também os sucessos*] *do começo das* vossas *guerras*, *que* [= *pois*], *sem sabê-las* [*sem eu as conhecer com particularidade*], *sei que são de preço* [*de valor*].

(1) Cfr. I, 2, 9, 17 e *passim*. (2) Qual é o aspecto do país, que frutos produz, etc. (3) Qual é exactamente a região em que vós, os portugueses, viveis separados, independentes, distintos dos outros povos. (4) Conta-nos quais foram os povos aborígenes, os antepassados dos portugueses. (5) Diz-nos a história da fundação do teu poderoso reino.

---

110 «E assi também nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o mar irado,
Vendo os costumes bárbaros alheios,
Que a nossa África ruda tem criado.
Conta, que agora vem c'os áureos freios,
Os cavallos que o carro marchetado
Do novo sol, da fria aurora trazem.
O vento dorme, o mar e as ondas jazem.

«*E conta-nos* bem *assim* algumas notícias *dos longos rodeios* (1) *em que te traz o irado* (2) *mar, vendo* tu *os bárbaros* (3) e *alheios* (4) *costumes que a nossa rude* (5) *África tem criado: Conta* (6) isso tudo; *que* [= *pois*] *vem agora* [= *estão-se aproximando*] *os cavalos que, com os áureos freios trazem,* lá *da fria Aurora, o marchetado carro do novo sol* (7). *O vento dorme; o mar e as ondas jazem* [*estão inertes*].

(1) Longas viagens. (2) Proceloso, tempestuoso. (3) Estranhos, não conhecidos dos portugueses. (4) Estrangeiros, doutras terras. (5) Cfr. I, 5. (6) Repetição [diácope]. (7) Linguagem poética e alegórica: o sol, personificado em Apolo, no seu carro, que tem embutidos de ouro, e que é puxado por cavalos com freios de ouro, vem das regiões em que habita a Aurora, a filha do Sol; vem do Oriente; nessa alegoria há conjuntamente metonímia, porque «o novo sol» também significa «o novo dia»; em linguagem vulgar: é manhã clara; o sol vai-se elevando; o ar está sereno; e o mar, tranqüilo: —quis dêste modo o Poeta justificar a sua ficção no extenso discurso do Gama [mesmo a bordo do batel], apresentando ao rei de Melinde o formoso quadro panorâmico da História de Portugal, que se segue nos cantos III e IV.

---

111 «E não menos c'o tempo se parece
O desejo de ouvir-te o que contares;
Que quem há que por fama não conhece
As obras portuguesas singulares?
Não tanto desviado resplandece
De nós o claro sol, pera julgares
Que os Milindanos tem tam rudo peito,
Que não estimem muito um grande feito.

«*E o desejo de ouvir-te* [de ouvir *o que tu contares*], *parece-se não menos* do que *com o tempo* (1);

que [= *pois*] *¿quem há que não conheça por* [*pela*] *fama as singulares obras* (2) *portuguesas? Não resplandece o sol tanto* [= *tam*] *desviado de nós* (3), *para tu julgares que os Melindanos tem peito tam rude que não estimem muito um grande feito.*

[*Aqui parece terminar a fala do rei Melindano; e que as duas seguintes estâncias contêm reflexões do Poeta sôbre o natural desejo que deve ter de glória quem a mereça—reflexões que justificam a narração, que êle, depois da invocação até a estância 3 do canto III, põe na bôca de Vasco da Gama*].

(1) O desejo que tenho de ouvir-te é imenso e infinito, como é o «tempo»; Manuel de Faria dá a seguinte interpretação: «Se o tempo está plácido e propício para falares aqui, não o está menos o nosso desejo de ouvir o que contares», dando à palavra «tempo» a significação de «estado atmosférico»; mas «tranqüilo desejo» não é «imenso», não traduz o interêsse e a curiosidade que o Melindano mostrava ter. (2) Proezas. (3) Fig., estamos longe da civilização, mas não tanto, que essa distância justifique em ti a suposição de que, na rusticidade dos nossos corações, deixemos de apreciar os actos nobres, as grandes proezas.

---

112 «Cometeram soberbos os gigantes
Com guerra vã o Olimpo claro e puro;
Tentou Peritho e Theseo, de ignorantes,
O reino de Plutão horrendo e escuro.
Se houve feitos no mundo tam possantes,
Não menos é trabalho illustre e duro,
Quanto foi cometer inferno e ceo,
Que outrem cometa a fúria de Nereo.

Os Gigantes (1), [*por serem*] *soberbos, acometeram o claro e puro Olimpo com vã* [*ineficaz, inú-*

til] guerra; Perito e Teseu (2), *de ignorantes [por serem ignorantes], tentaram [atentaram contra] o escuro e horrendo reino de Plutão;* e, *se no mundo houve feitos tam possantes [proezas de tanta fôrça], quanto foi* o *de acometer* o *Céu e* o *Inferno, não é menos ilustre, e* nem menos *duro* [= *difícil*] *trabalho, que outrem [o português] acometa a fúria de Nereu [as tempestades dos grandes mares].*

(1) Os filhos de Urano e Titea [mit.], que tentaram escalar o céu [o Olimpo] amontoando montanhas sôbre montanhas, não conseguindo o seu intento por terem sido fulminados por Júpiter. (2) Teseu [mit.], filho de Egeu, rei de Atenas,—o que foi herói émulo de Hércules,—tentou, auxiliado por Perito, seu amigo e companheiro, raptar Prosérpina, a mulher do Plutão, descendo ao reino das trevas. O Poeta contrapõe, à ousadia dos Gigantes e à dos roubadores de Prosérpina, a ousadia dos navegantes que se aventuraram no desconhecido Oceano Índico.

---

113 «Queimou o sagrado templo de Diana,
De sotil Tesifónio fabricado,
Heróstrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo e nomeado:
Se também com tais obras nos engana
O desejo de um nome aventajado,
Mais razão há que queira eterna glória,
Quem faz obras tam dignas de memória.»

«*Heróstrato* (1), *por* [= *para*] *ser, no mundo conhecido da* [= *pela*] *gente humana, queimou o sagrado templo de Diana, fabricado do* [*pelo*] *subtil* (2) *Ctesifónio* (3); *se*, pois, *o desejo de* ter *um nome*

avantajado (4) *nos engana também com tais obras* [*tais acções*] *mais razão há, que quem faz obras tam dignas de memória*, como fizeram os portugueses, *queira* alcançar *eterna glória* (5)».

(1) Homem obscuro, que, pretendendo, a exemplo dos conquistadores, imortalizar o seu nome por uma destruição memorável, incendiou o templo de Diana [a deusa da caça] — templo que existia na Efésia, era considerado uma das sete maravilhas do mundo, e fôra edificado pelo arquitecto Ctesifónio, nascido em Ctesifon, cidade de Assíria. (2) Hábil. (3) Adjectivo patronímico de Ctesifon; cfr. a nota 1. (4) Célebre. (5) Se quem pratica acções más deseja imortalizar o nome, maior razão tem para isso desejar quem pratica acções gloriosas.

CANTO III

1 Agora tu, Calíope, me ensina
O que contou ao rei o illustre Gama;
Inspira immortal canto e voz divina
Neste peito mortal que tanto te ama.
Assi o claro inventor da medicina,
De quem Orpheo pariste, oh linda dama,
Nunca por Daphne, Clície ou Leucothoe,
Te negue o amor divido, como soe.

Agora tu, Calíope (1), *ensina-me* a dizer *o que o ilustre Gama contou ao rei* de Melinde! *inspira-*me *canto imortal e voz divina neste* meu *mortal peito, que tanto te ama. Ó linda dama, assim* (2) [= *oxalá que da mesma maneira*] *o claro* [= *preclaro, ilustre*] *inventor da medicina* (3), *de quem pariste Orfeu* (4), *nunca te negue o devido amor, como* êle *soe* (5) [= *costuma*] *por* [= *por amor de*] *Dafne, Clícia ou Leucótoe* (6).

(1) Musa da poesia épica, amante de Apolo, e de cujo amor nasceu Orfeu. (2) Êste advérbio seguido de verbo no conjuntivo emprega-se para exprimir desejo dalguma cousa. (3) Subentende-se Apolo; na fábula, deus da medicina e da poesia. (4) Orfeu é considerado, aqui, filho de Apolo e Calíope; em outras fábulas, é tido por filho de Calíope e Eagro, rei da Trácia; notável músico; a doçura do seu canto destruía a braveza das feras e encantava as divindades infernais. (5) Presente do indicativo de «soer» [costumar], hoje

desusado na linguagem vulgar. (6) Nomes de três ninfas amadas por Apolo; Clicia é o nome latino Clio; Leucótoe é a pronúncia vulgar; por amor delas, Apolo esquecia-se de Caliope. Dafne foi convertida em loureiro; Clicie, em girasol; e Leucótoe, na árvore do incenso.

---

2 Põem tu, Nimfa, em effeito meu desejo,
Como merece a gente lusitana,
Que veja e saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganipe corre e mana.
Deixa as flores de Pindo, que já vejo
Banhar-me Apolo na água soberana;
Senão direi, que tens algum receio,
Que se escureça o teu querido Orpheio.

Põe tu, ó ninfa, o meu desejo em efeito [= *em realidade*], *como merece a lusitana gente* (1), para *que o mundo veja e saiba, que o licor* (2) [= *a água*] da fonte *de Aganipe* (3) *corre e mana* (4) *do Tejo*. Ó ninfa, *deixa as flores do Pindo* (5), *que* [= *pois*] *já vejo Apolo banhar-me na soberana água* dessa fonte (6). *Senão, direi que tens algum receio de que o teu querido Orfeu* (7) *se escureça* (8) [*seja escurecido na sua glória, no seu renome*].

(1) «Põe, etc.», converte em realidade o meu desejo de dar celebridade aos lusitanos como êles merecem. (2) A significação primitiva de «licor» é qualquer líquido. (3) Nome da nascente do rio Permesso, no monte Helicon [Grécia] consagrado ás Musas; na poesia o nome «Helicon» ás vezes torna-se como sinónimo de Pindo, e Parnaso. (4) Sinonímia: manar e correr. Deseja o Poeta que se veja terem as águas do Tejo a mesma virtude das da fonte de Aganipe: inspirarem os poetas. (5) Montanha da Grécia, consagrada a Apolo e ás Musas. (6) «Já vejo, etc.», quer o Poeta dizer que já

começa a sentir-se inspirado. (7) No texto «Orfeio» [para rimar com «receio»]. (8) O Poeta pede a Calíope que abandone o Pindo, e venha dar-lhe inspiração; se ela não satisfaz a súplica [senão...], dirá o Poeta que ela tem receio de que o Poeta português vá ofuscar a fama e a glória de Orfeu.

No verso 6 «soberana água» é aquela que tinha o poder, a virtude de dar inspiração poética; cfr. II, 44.

---

3 Promptos estavam todos escuitando
O que o sublime Gama contaria;
Quando, depois de um pouco estar cuidando
Alevantando o rosto, assi dizia:
«Mandas-me, ó rei, que conte, declarando
De minha gente a gram genealogia:
Não me mandas contar estranha história,
Mas mandas-me louvar dos meus a glória.

Prontos [= *atentos*] *estavam todos escutando o que o sublime* (1) *Gama contaria, quando* êste — *depois de estar cuidando* [= *reflectindo*] *um pouco — disse assim:*

«*Ó rei, mandas-me que conte* o que sei, *declarando* [= *expondo*] *a grande* (2) *genealogia da minha gente* (3); *não me mandas contar história estranha* [= *doutros países*], *mas mandas-me* (4) *louvar a glória dos meus* compatriotas.

(1) Nobre. (2) «Grão, gran», abreviatura de «grande»; invariável com os nomes no plural. (3) «Gente minha» = gente do meu país. (4) «Mandas... não mandas... mas mandas...» [repetição propositada, por figura de retórica, para exprimir mais intimativa]; em linguagem chã, dir-se-ia: obrigas-me a contar a história do meu país, e não a doutro qualquer, portanto obrigas-me a elogiar os meus patrícios,

porque essa história é gloriosa, e digno é de louvor tudo que tenho a referir.

---

4 «Que outrem possa louvar esfôrço alheio,
Cousa é que se costuma e se deseja,
Mas louvar os meus próprios, arreceio
Que louvor tam sospeito mal me esteja;
E pera dizer tudo, temo e creio
Que qualquer longo tempo curto seja.
Mas, pois o mandas, tudo se te deve;
Irei contra o que devo, e serei breve.

Que outrem (1) *possa louvar* o *esfôrço alheio* (2), *é cousa que se costuma e se deseja; mas louvar* eu *os meus próprios* patrícios, não é cousa que se costume, *receio que me esteja mal tam suspeito louvor* (3). *E, para dizer tudo, temo e creio que qualquer longo tempo seja curto. Mas, pois* que assim *o mandas*, obedecerei, *tudo se te deve; irei contra o que devo* (4), *e serei breve.*

(1) Outra pessoa. (2) A virtude, merecimento dos outros — de pessoas que não sejam parentes. (3) «Receio, etc.», pensa o Gama merecer censura por elogiar os seus, e receia que o elogio não seja acreditado. (4) «Irei, etc.», procederei contra o meu dever só para obedecer-te.

---

5 «Além d'isso, o que a tudo em fim me obriga
É não poder mentir no que disser;
Porque de feitos tais, por mais que diga,
Mais me há de ficar inda por dizer;
Mas, porque nisto a ordem leve e siga,
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra;
Despois direi da sanguinosa guerra.

Além disso, emfim, o que me obriga a tudo, é não poder eu *mentir no que disser; porque, por mais que diga de tais feitos* (1) [*dos que tem sido praticados pelos portugueses*] *ainda me há-de ficar mais por dizer: mas, porque* [*para que*] eu *leve e siga, nisto,* a *ordem* devida, *segundo o que desejas de saber, tratarei primeiro da larga terra* da Europa, e *depois direi* [*falarei*] *da sanguinosa* (2) *guerra*, que aí tem havido.

(1) «Feitos», proezas, acções ilustres. (2) «Sanguinosa», guerra em que houve muito sangue derramado.

---

6 «Entre a zona, que o cancro senhorea,
Meta septentrional do sol luzente,
E aquella, que por fria se arrecea
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodea,
Pela parte do Arcturo e do Occidente,
Com suas salsas ondas o oceano,
E pela austral o mar mediterrano.»

«*Entre a zona* tórrida (1) *que o* signo do *Cancro* (2) *senhoreia* (3) [*domina*] — o qual é *meta* [*baliza*] *setentrional* (4) *do luzente* (5) *sol* — *e* a zona gla-

cial, *aquela que*, *por* ser *fria*, *se arreceia* [*é receada, temida*] (6) *tanto*, *como* é temida *a* zona *do meio* da esfera *por* ser *ardente* [*tórrida*], *jaz* [*está situada*] *a soberba* (7) *Europa*, *a quem* [*à qual*] *o Oceano rodeia com* as *suas salsas* (8) *ondas pela parte do Arcturo* (9) [*Norte*] *e do Ocidente*, *e* à qual *o mar Mediterrâneo* (10) rodeia *pela* parte *austral* (11) [*do Sul*] ».

(1) Zona é cada uma das cinco divisões do globo terrestre, determinadas pelos círculos polares e pelos trópicos: zona «tórrida», entre os dois «trópicos»; zona «temperada», entre os trópicos e os círculos polares; zona «glacial», para além dos círculos polares; «trópicos» são dois círculos paralelos ao equador, e entre os quais se realiza o movimento anual [aparente] do Sol em volta da Terra: o trópico de «Câncer» no hemisfério setentrional, e o de «Capricórnio» no hemisfério meridional. (2) «Cancro» é tradução da palavra latina *cancer*, que tem a significação de: «caranguejo» (nome que serviu para designar a constelação ou grupo de estrêlas à qual se atribui a figura dum caranguejo; «cancro», na linguagem astronómica, está desusado em português, sendo substituído hoje pelo vocábulo latino *cancer*. (3) «Senhoreia» = domina; aqui em sentido figurado entende-se «limitar», como está indicando adiante a palavra «meta» (baliza), porque o Sol, no seu movimento anual aparente, não passa do trópico de Câncer. (4) «Setentrional», o mesmo que boreal, árctico, do norte. (5) Resplandecente. (6) No texto «arreceia» (forma antiga e ainda hoje popular), receia. (7) Magnífica, (8) Salgadas. (9) Nome duma estrêla fixa de primeira grandeza, chamada vulgarmente a «estrêla d'alva», e pertencente à constelação Boieira, perto da Ursa Maior, no polo norte; dêsse nome veio o adjectivo «árctico», que é sinónimo de «boreal» ou do norte. (10) «Mediterrâneo», mar entre a Europa e a Ásia; comunica pelo estreito do Gibraltar com o Oceano, e pelo canal de Suez com o Mar Vermelho. (11) Austro, nome que os latinos davam ao vento Sul; «austral» é o mesmo que «meridional», «do meio-dia», «antárctico», concernente ao Sul.

Cfr. I, 21, nota 4, na qual, onde se lê «estrêla da constelação chamada «Ursa», deve ler-se «estrêla próxima da constelação», etc.

7 Da parte d'onde o dia vem nascendo,
Com Ásia se avizinha; mas o rio
Que dos montes rifeios vai correndo,
Na alagoa Meótis, curvo e frio,
As divide, e o mar, que fero e horrendo
Viu dos Gregos o irado senhorio,
Onde agora de Troia triumfante
Não vê mais que a memória o navegante.

Da parte donde vem nascendo o dia [= *do lado do Oriente*], *avizinha-se* a Europa *com a Ásia*, *mas divide-as*, uma da outra, *o frio e curvo rio* (1) *que vai correndo dos montes Rifeus* (2) *na* [= *para a*] *lagoa Meótis* (3), *e* divide-as também *o mar fero e horrendo* (4), *que viu o irado senhorio* [*domínio*] *dos gregos*, *triunfante de Tróia* (5), *onde*, *agora*, *o navegante não vê mais* do *que a memória* de tal nação.

(1) O rio Don, que desagua na lagoa Meótis [hoje mar de Azof]. (2) Cadeia de montanhas, que os gregos indicavam por uma forma vaga nas regiões setentrionais, e que talvez correspondessem às que se denominam hoje Balkans, Carpatos, ou Urais. (3) Nome antigo do mar de Azof; «Meotes» se chamavam os povos sitas, estabelecidos nas margens dessa lagoa. (4) Referência ao Mar Negro, que no tempo dos gregos se denominava «Pontus Axinus» [significando mar inóspito, por haver lá grandes tempestades]. (5) «Tróia», nação e cidade situada no Helesponto [nome antigo do estreito dos Dardanelos]; foi dominada pelos gregos e por estes destruída no ano 1209 [segundo outras opiniões 1270] A. C. De tal nação não havia vestígios quando o Poeta escreveu, e também a Grécia deixara de ser nação no século XV, conquistada pelos Turcos; «o mar que viu ...» [personificação]: o mar em que se deram as batalhas navais entre gregos e troianos, e das quais resultou principalmente o aniquilamento dos últimos.

O «mar horrendo», no verso 5, pode ser também alusão ao mar Egeu [hoje Mar do Arquipélago], cujas ilhas eram habitadas [dominadas] pelos gregos [irados contra os troianos].

8 Lá onde mais debaxo está do polo,
Os montes hyperbóreos aparecem,
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E co nome dos sopros se ennobrecem:
Aqui tam pouca fôrça tem de Apolo
Os raios que no mundo resplandecem,
Que a neve está, contino, pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

Lá, — onde a Europa *está mais debaixo* [= *mais próxima*] *do polo, — aparecem os montes Hiperbóreos* (1), *e* aparecem também *aqueles* montes — *onde sempre sopra Éolo* (2) — *que se ennobrecem* (3) *com o nome dos sopros* [= *ventos*]: *Aqui*, nesta região hiperbórea, *os raios de Apolo* [*do Sol*] — *que resplandecem, no* resto do *mundo — tem tam pouca fôrça, que a neve está contínuo* [*continuamente*] *pelos montes, o mar* está continuamente *gelado*, e *as fontes* estão *sempre geladas*.

(1) Prefixo «hiper», além; e Bóreas, nome do deus dos ventos do norte: «hiperbóreos» era o nome com que os gregos designavam os povos e regiões do extremo norte, onde não se sentia vento [para lá, para além do vento norte]. Também se identificavam estes montes com os Rifeus. (2) Fab., rei de todos os ventos, significando os próprios ventos indeterminadamente. (3) Que se intitulam com o nome dos ventos aí dominantes, porque se denominavam «setentrionais», de «setentrião», que significa «norte», e que vem do latim *septem* «sete», e *triones*, «bois»; os romanos chamavam «septentrio» á Ursa Maior e também á Menor, porque figuravam, uma e outra destas constelações, como sete bois jungidos a uma charrua.

9 Aqui dos Scythas grande quantidade
Vivem, que antigamente grande guerra
Tiveram sôbre a humana antiguidade
Cos que tinham então a egípcia terra:
Mas quem tam fora estava da verdade,
(Já que o juízo humano tanto erra)
Pera que do mais certo se informara,
Ao campo damasceno o perguntara.

Aqui, nestas regiões setentrionais, *vivem*, em *grande quantidade*, descendentes *dos scitas* (1) — *que tiveram grande guerra* [= *contenda*] *sôbre a antiguidade humana* (2) *com os* povos *que então tinham* [*possuíam*] *a terra egípcia* (3); *mas* —, *já que o juízo humano tanto erra*, — *quem estava tam fora da verdade*, se queria saber a verdade, *preguntasse-o ao campo Damasceno* (4), *para que se informasse* (5) [*para se informar*] *do* que era *mais certo*.

(1) Antigos povos bárbaros do NE. da Europa e do NO. da Ásia; seus «descendentes», julga-se serem os Sarmatas — povos asiáticos que habitavam as margens do Báltico. (2) Referência à discussão havida sôbre qual fôra a primeira região do globo habitada pelo homem: se terras da Ásia ou do Egipto. (3) Gente do norte que ocupava o Egipto; os aborígenes eram pretos, e a civilização egípcia proveio da ocupação daquele país por um povo que para lá fôra da Ásia, atravessando o istmo de Suez. (4) As terras de Damasco, noutro tempo capital da Síria [o Aram da Bíblia, ocupado pelos assírios e hebreus], região em que, segundo a história sagrada, foi o paraíso terrestre, e em que nasceu o primeiro homem. (5) No texto «preguntara, informara»: os clássicos empregavam freqüentemente na linguagem condicional as formas verbais em «-ra».

10 Agora nestas partes se nomea
A Lápia fria, a inculta Noroega,
Escandinávia ilha, que se arrea
Das victórias que Itália não lhe nega.
Aqui, em quanto as águas não refrea
O congelado inverno, se navega
Um braço do sarmático oceano,
Pelo Brúsio, Suécio e frio Dano.

Agora, nestas partes setentrionais (1), *nomeia-se* [*é nomeada*] *a fria Lápia* [*hoje Lapónia*], *a inculta Noruega*, a *ilha Escandinávia* (2) — *que se arreia* [*se jacta, se vangloria*] *das* [com *as*] *vitórias que* a *Itália lhe não nega. Aqui*, junto da Escandinávia, — *emquanto o congelado inverno não refreia* [*faz parar*] *as águas* — *um braço* [*gôlfo*] *do Oceano Sarmático* (3) *navega-se* [= *é navegado*] *pelo Brúsio* (4) pelo *Suécio* [= *sueco*] *e* pelo *frio Dano* (5).

(1) Nestas terras do Norte, que em tempos antigos tinham a denominação de Sítia e depois Sarmácia. (2) Denominação da «península Escandinava» que compreende os reinos da Suécia e Noruega [e tal denominação abrange as ilhas dinamarquesas] e que no século XV se supunha ser ilha. (3) Sarmácia; nome antigo do Báltico, cujo gôlfo [de Bótnia ou de Finlândia] banha a costa da Suécia. (4) Nome antigo de «prusso», «prussiano». (5) Natural da Dânia, nome antigo na Dinamarca ; «frio» = fleugmático.

Nas vitórias dos povos do Norte sôbre os da Itália alude-se aos visigodos comandados por Alarico, e que tomaram Roma no ano de 410, e aos ostrogados, comandados por Teodorico [454-426.]

11 Entre êste mar e o Tánais vive estranha
Gente: Ruthenos, Moscos, e Livónios,
Sarmatas outro tempo; e na montanha
Hircínia, os Marcomanos são Polónios.
Sugeitos ao império de Alemanha
São Saxonos, Boémios e Panónios,
E outras várias nações, que o Reno frio
Lava, e o Danúbio, Amásis e Álbis rio.

Entre êste mar [o Báltico] *e o* rio *Tánais* (1), *vive estranha gente*, que vem a ser: *Rutenos* (2), *Moscos* (3) *e Livónios* (4), e que todos se chamavam *Sarmatas* (5) *outro tempo* [= *antigamente*]; *e na montanha Hercínia* (6) os habitantes — *Marcomanos* (7) de origem, — *são polónios* (8) de nação. *Sujeitos ao império da Alemanha*, *são* os povos *saxónios*, os *boémios* (9) *e* os *panónios* (10); *e* também a êsse império estão sujeitas *várias outras nações que* [*às quais*] *o frio Reno* (11) *lava* [*atravessa*], *e* também o *rio Danúbio* (12) e os rios *Amásis* (13), e *Álbis* (14).

(1) «Tánais», nome antigo do rio Don. (2) «Rutenos», povos slavos espalhados pela Galícia, Lituânia e Hungria. (3) «Moscos», russos de Moscóvia, antiga capital da Rússia. (4) «Livónios», ou livronianos, povos da Livónia, hoje província báltica da Rússia europeia. (5) «Sarmáticos», russos. (6) «Hercinia», nome antigo dos montes Erzgebirge [Alemanha], que separam o Saxe da Boémia. (7) «Marcomanos», antigos povos da Germânia, que no século XIV pertenceram ao reino da Polónia. (8) Polónios, antigo nome de polacos; cfr. nota antecedente. (9) «Saxónios e boémios» ainda hoje pertencem ao império germânico. (10) «Reno», rio que nasce nos Alpes e desagua no Mar do Norte. (11) «Panóios», povos da Panónia, região da Europa antiga e que corresponde aproximadamente à Hungria de hoje. (12) «Danúbio», rio que atravessa a Alemanha e a Áustria-Hungria, separa a România da Bulgária e desemboca no Mar Negro.

(13) «Amásis», nome antigo do rio Ems, que atravessa a Alemanha e desemboca no Mar do Norte. (14) «Álbis», nome antigo do rio Elba, que também atravessa a Alemanha e desemboca no Mar do Norte.

---

12 Entre o remoto Istro e o claro estreito
Aonde Hele deixou co nome a vida,
Estão os Thraces de robusto peito,
Do fero Marte pátria tam querida:
Onde co Hemo, o Rodope sogeito
Ao Otomano está, que sometida
Bizâncio tem a seu serviço indino:
Boa injúria do grande Costantino!

Os Traces (1) *de robusto peito*, e que eram da *pátria tam querida do fero Marte, estão entre o remoto Istro* (2) *e o claro* [*notável*] *estreito* do Helesponto (3), *onde Hele* (4) *deixou a vida com* [= *e*] *o nome; e onde o Ródope* (5) *está sujeito com* [e também] *o Hemo* (6) *ao* imperador *otomano* (7), *que tem Bizâncio* (8) *submetida* ao *seu indigno serviço: boa injúria* [*grande ofensa*] *do Grande Constantino* (9).

(1) Habitantes da Trácia [morada terrestre de Marte], que forma hoje a Romélia turca e a Bulgária. (2) Ister, Istrum ou Hister eram nome antigo do Danúbio inferior; não se deve confundir com «istro», natural da Istria, que é província austríaca banhada pelo Adriático. (3) «Helesponto», nome antigo do estreito de Dardanelos. (4) «Hele» [fáb.], filha de Atamas, rei da Beócia [antiga Grécia], indo no mar com seu irmão Fríxus para a Cólquide levada pelo «Velocino de ouro» [o carneiro do tosão de ouro], caiu ao mar, e morreu afogada; note-se que *pontum*, nome latino derivado do grego, significa «mar», donde veio Helesponto. Lá deixou Hele portanto a vida e o nome. (5) Os habitantes do «Ródope e Hemo». (6) Nomes de montanhas da Trácia,

hoje Balkans [Turquia europeia]. (7) Otomano, nome com que se designava o imperador da Turquia [e em geral os turcos] em memória de Otoman I, que foi o fundador do império turco em território que tinha sido romano. (8) «Bizâncio», nome antigo de Constantinopla. (9) «Constantino»: é o imperador romano, primeiro de nome, e denominado o «Grande»; contribuiu para se estabelecer o cristianismo no mundo romano; trasladou a capital do império de Roma para Bizâncio, em antes cidade da Grécia, ficando então esta cidade com o nome Constantinopla [século IV]; e sendo depois conquistada pelos turcos [século XV]; exprime o Poeta a sua indignação contra esta conquista, reputando-a grande ofensa feita á memória «de» Constantino; ou grande ofensa «a» Constantino ou á sua memória. Cfr. expressões usuais: «ofensa de Deus», «ofensa da arte» [= ofensa a Deus, ofensa á arte], em que o substantivo precedido da preposição «de» representa a pessoa ou cousa ofendida.

---

13 Logo de Macedónia estão as gentes,
A quem lava do Áxio a água fria:
E vós também, ó terras excellentes
Nos costumes, engenhos e ousadia,
Que criastes os peitos eloqüentes,
E os juízos de alta fantasia,
Com quem tu, clara Grécia o ceo penetras,
E não menos por armas que por letras.

Logo, em seguida à Trácia, *estão as gentes* [povos] *de Macedónia* (1) *a quem* [ás quais] *lava a fria água do Áxio* (2): *e* estais *vós também, ó terras* [*gentes*] da Grécia (3) *excelentes nos costumes*, nos *engenhos, e* na *ousadia;* terras *que criastes os peitos eloqüentes* [*os grandes poetas e oradores*], *e os juízos de alta fantasia* [*os grandes filósofos*], *com quem* [*com as quais gentes*], *tu, clara* [*ilustre*] *Gré-*

cia, penetras o céu [te elevas à glória], e não menos [não só por armas, que [mas também] por letras.

(1) «Macedónia», reino antigo da Europa, e que dominou a Grécia, sendo depois província romana; pertence em parte, hoje, à Turquia e à Bulgária. (2) «Áxio», rio da Turquia, hoje Vardar, tributário do mar Egeu. (3) Na Europa antiga, tinha sido a Grécia formada há vinte oito séculos com as tribos vindas da Trácia e da Macedónia, e de colónias asiáticas; os tempos heróicos ou fabulosos foram assinalados pela expedição dos Argonautas e pela guerra de Tróia; depois as suas cidades foram tipos do militarismo e do comércio; mais tarde, depois de notáveis guerras, a capital [Atenas] é a sede da civilização europeia, até que, depois das guerras com a Macedónia, ora vencedora ora vencida, foi reduzida a província romana; depois esteve em poder dos cruzados; subseqùentemente fôra conquistada pelos turcos, e era província da Turquia no tempo do Poeta, que alude por maneira genérica, e figuradamente, aos feitos militares da história secular dos gregos desde os tempos fabulosos, e aos homens notáveis nos costumes [os dos espartanos], nas artes [escultores, pintores, etc.], nas letras, e nas sciências filosóficas, Heródoto, Homero, Tucídides, Xenofonte, Políbio, Diodoro, Aristóteles, Demóstenes, etc., etc. As «terras» da Grécia deram nascimento a homens notáveis pelos costumes, pelo engenho e pelo valor e ousadia militar; o pronome «quem», no verso 7, refere-se às «gentes» da Grécia [silepse].

Note-se a figura de retórica [apóstrofe] pela qual o Poeta, estando a descrever, diante do rei de Melinde, a situação geográfica da Europa naquele tempo, se interrompe quando chega a ocasião de falar das terras da Grécia [que a êsse tempo já não era nação], deixando de dirigir-se para o rei, e como que falando mentalmente aos lugares e aos tempos em que êsse afamado reino havia existido.

No verso 8 «não menos... que...» = tanto... como.

14 Logo os Dalmatas vivem; e no seio,
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das águas, que tam baxa começou.
Da terra um braço vem ao mar, que cheio
De esfôrço, nações várias sogeitou;
Braço forte, de gente sublimada,
Não menos nos engenhos, que na espada.

Logo adiante *vivem* [*estão*] *os Dalmatas* (1); *e, no seio* [*gôlfo*] (2), *onde Antenor* (3) *já levantou muros* de cidade, *está, no meio das águas, a soberba* [*magnífica*] *Veneza* (4), *que tam baixa começou.* Em seguida *vem um braço* (5) *da terra* [*a Itália*] *ao mar* [*entrando pelo mar*], braço *cheio de esfôrço* [*valor*], e *que sujeitou* [*dominou*] *várias nações; braço forte de gente sublimada* (6) [*levantada pela fama*] *não menos* [tanto] *nos engenhos* [*talentos*] *que* [*como*] *na espada* [*nos feitos militares*].

(1) Os habitantes da Dalmácia, antigo reino nas margens do Adriático, e hoje província da Áustria. (2) «Seio» era nome que os antigos davam ao que hoje chamamos gôlfo, do latim *sinus*, que significa «sinuosidade»; cfr. «praia sinuosa». (3) Príncipe troiano [II, 45] que, desembarcando no gôlfo de Veneza, fundou a cidade Antenória, hoje Pádua. (4) Cidade [no referido gôlfo] que se supõe ter dezasseis séculos de existência, e que foi capital da república do mesmo nome; centro do comércio e da civilização no tempo do Poeta; começara em condição humilde [baixa] sendo habitada por alguns pescadores, apenas, no tempo da invasão de Átila, rei dos hunos, em 442. (5) Os últimos 4 versos são perífrase de «Itália»; notem-se as duas significações figuradas: 1.ª, «braço da terra»; a porção da terra que entra pelo mar, a península Itálica; 2.ª, o «braço da gente», o predomínio exercido pelos povos romanos. (6) Nobre, engrandecida: os habitantes da Itália. Identifica-se a história dêste país com a história romana na presente estância; parece aludir-se às

glórias artísticas e militares alcançadas pelos romanos, antes da divisão do império [393]. Na estância seguinte alude-se à decadência do império.

---

15 Em tôrno o cerca o reino neptunino,
Cos muros naturais por outra parte:
Pelo meio o divide o Apinino,
Que tam illustre fez o pátrio Marte.
Mas despois que o porteiro tem divino,
Perdendo o esfôrço veio e béllica arte;
Pobre está já da antiga potestade:
Tanto Deus se contenta de humildade!

Cerca-o (1), *em tôrno, o reino Neptunino* (2) por uma parte, *com* [= *e*] cercam-no *os muros naturais por outra parte* (3). *Divide-o pelo meio o Apenino* (4) *que o pátrio Marte fez tam ilustre* (5). *Mas, depois que* [= *desde que*] *tem o divino porteiro* (6), êsse país *veio perdendo* [= *tem perdido*] *o esfôrço* [= *o valor*] *e a arte bélica* (7), e *está já pobre da antiga potestade: tanto Deus se contenta da* [= *com a*] *humildade* (8)!

(1) O pronome «o» refere-se ao «braço da terra» [na estância precedente]; continua a perífrase de «Itália». (2) O reino marítimo, o mar. (3) A Itália é uma península cercada pelos mares Mediterrâneo, Jónio e Adriático; pelos montes Alpinos [Lombardia, Piemonte, etc.] confina com o Continente; essas terras são da Itália muros naturais [a fronteira terrestre]. (4) A cordilheira dos Apeninos atravessa a Itália no sentido longitudinal. (5) As guerras notáveis entre os antigos estados romanos tornaram célebres os Apeninos em conseqüência das batalhas que aí se feriram. (6) O Papa: sucessor de S. Pedro, o porteiro do Céu na lingua-

gem católica. (7) Depois que o Pontificado se instalara em Roma, deixara esta cidade de ser a altiva capital, como era no tempo dos romanos; já ali tinha decaído a arte da guerra. No tempo do Poeta, era a Itália vítima de dissenções locais, sem fôrças para evitar o seu aniquilamento; e, servindo de campo de batalha aos franceses, espanhóis e alemães, estava dividida por êles. (8) Exclamação sentenciosa, para dar a entender que o representante da Divindade na terra se contentava em residir numa cidade já sem poderio.

A expressão «pátrio Marte» encontra-se em outros lugares do Poema para significar a guerra em defesa da pátria; cfr. IV, 15; VI, 56.

---

16 Gália ali se verá, que nomeada
Cos cesários triumfos foi no mundo,
Que do Sequana e Ródano é regada,
E do Garuna frio e Reno fundo:
Logo os montes da Nimpha sepultada
Pyrene se alevantam, que segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro e de prata antão correram.

Ali (1) *se vê* a *Gália* (2), *que foi nomeada* [= *afamada*] *no mundo com os* [= *por causa dos*] *Cesáreos* (3) *triunfos*, e *que é regada do* [= *pelo*] *Sequana* (4), *Ródano* (5), *frio Garona* (6), *e* pelo *fundo Reno* (7). *Logo* [= *já aí*] *se levantam os montes da ninfa Pirene* lá *sepultada*, e *que*, — *segundo antiguidades contam*, arderam, e — *quando arderam*, *correram dêles então rios de ouro e de prata* (8).

(1) Cfr. «aqui» na estância 9, «eis aqui» na estância seguinte, — dando-se a entender que Vasco da Gama, por meio de gestos e como se estivesse diante de um mapa geográfico, está indicando a posição geográfica dos países a que se

refere no seu discurso. (2) Nome dado pelos romanos a uma região [parte da qual corresponde à França de hoje] habitada por vários povos [celtas, gauleses, etc.], e invadida no século v pelos visigodos e francos; dêstes últimos veio o nome de França. (3) Os triunfos de Júlio César, célebre general romano que no século I da nossa era conquistou a Gália. (4) Nome antigo do rio Sena, que atravessa Paris e vários departamentos da França, indo desaguar no mar, não longe do Havre. (5) Nome do rio que os franceses hoje chamam «Rhône», que nasce na Suíça, atravessa parte de França e vai desaguar no Mediterrâneo. (6) Nome do rio [hoje Gironda] que nasce nos Pirinéus, atravessa um departamento da França, e desagua na baía de Biscaia. (7) Rio [profundo e extenso], que tem origem nos Alpes, atravessa parte da Alemanha, e vai desembocar no Mar do Norte. (8) Os últimos versos são perífrase da cordilheira dos Pirinéus, que separam a França da Espanha; refere a lenda que êsses montes tiveram tal nome por ter lá sido morta a ninfa Pirene, filha dum rei ibérico, e despedaçada por animais ferozes, sendo lá sepultada por mandado de Hércules, que a amava; também dêsses montes dizia a tradição que a etimologia era de *pira* [que significa «fogo»], por terem uns pastores lançado fogo aos bosques, resultando do incêndio tal calor, que êste se comunicou ao chão, fazendo derreter as minas de ouro e prata que havia no interior da terra, correndo, como se fôssem rios, os metais fundidos.

---

17 Eis aqui se descobre a nobre Hespanha,
Como cabeça ali de Europa toda,
Em cujo senhorio e glória estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá com fôrça ou manha
A fortuna inquieta pôr-lhe nόda,
Que lh'a não tire o esfôrço e ousadia
Dos belicosos peitos que em si cria.

Eis aqui a nobre Espanha (1), que *ali*, nos Pirinéus, *se descobre como* [= *parecendo*] *cabeça de*

toda a Europa, e, em cujo senhorio [poder], *e* em cuja *estranha* [*extraordinária*] *glória, tem a fatal roda* da fortuna *dado muitas voltas; mas a inquieta fortuna, com fôrça ou* com *manha* [*astúcia*] *nunca poderá pôr-lhe nódoa, que lha não tire o esfôrço* [*o ânimo valoroso*] *e* a *ousadia* [*audácia*] *dos belicosos peitos* [*dos aguerridos ânimos*] *que* a Espanha *cria em si* [*que são criados nela*].

(1) Em tempos remotos, habitada por celtas e iberos [de que resultou a fusão em «Celtiberos»] foi sucessivamente recebendo colónias de fenícios, gregos e cartagineses, depois invadida pelos romanos, e em seguida por vândalos, alanos, suevos, visigodos, árabes e mouros. Repelidos em parte êstes últimos por alguns espanhóis, viviam refugiados nas montanhas; fundaram-se os reinos cristãos de Galiza, Leão, Oviedo, Castela e Aragão, subsistindo a par outros reinos muçulmanos [Córdova, Sevilha etc.]. Aniquilado afinal o poderio muçulmano, uniram-se os reinos de Aragão e Castela, e dilatou-se então o poderio dêstes reinos por toda a península. Êste breve resumo facilitará a interpretação das palavras «inquieta fortuna», «belicosos peitos».

---

18 Com Tingitânia entesta, e ali parece
Que quer fechar o mar mediterrano,
Onde o sabido estreito se ennobrece
Co extremo trabalho do Thebano.
Com nações differentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do oceano,
Todas de tal nobreza e tal valor
Que qualquer d'ellas cuida que é milhor.

A Espanha *entesta com* [*fica em frente da*] *Tingitânia* (1); *e parece que,* defronte de Tânger,

quere ela *fechar o Mar Mediterrâneo ali onde o sabido* [*conhecido*] *estreito* de Gibraltar *se ennobrece* [*é ennobrecido, afamado*] *com o* [*pelo*] *extremo trabalho do herói Tebano* (2): a Espanha *engrandece-se com diferentes nações* (3), *cercadas com* [= *pelas*] *ondas do Oceano; e todas* essas nações são *de tal nobreza e tal valor, que qualquer delas cuida* [*julga*] *que é a melhor*.

(1) «Tingitânia» é nome antigo da Mauritânia, do nome da capital Tinges, hoje Tânger. «Mediterrâneo» é o mar entre a Europa e África e N. da Ásia; e tem comunicação com o Oceano Atlântico pelo estreito de Gibraltar. (2) «Tebano» [fab.] = Hércules, herói da mitologia grega, que se tornou afamado pelas perigosas emprêsas que realizou, denominadas «Doze trabalhos de Hércules». Uma das suas façanhas foi separar as montanhas do Calpe [Gibraltar] e Abila [Ceuta], chamadas, desde então, as «Colunas de Hércules». (3) «Diferentes nações» podem considerar-se referência ás ilhas Canárias, descobertas pelos espanhóis no século XIV, e que eram habitadas por homens vigorosos, altos, de cabelo louro — os guanchos e fenícios, que estavam em elevado grau de civilização, e que, preferindo a morte à submissão, foram quási todos exterminados; também podem considerar-se referência aos diversos reinos da península mencionados na estância seguinte.

---

19 Tem o Tarragonês, que se fez claro
Sojeitando Partênope inquieta,
O Navarro, as Astúrias, que reparo
Já foram contra a gente mahometa:
Tem o Galego cauto, e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu planeta
Restituidor de Hespanha e senhor d'ella,
Bétis, Lião, Granada, com Castella.

A Espanha *tem* (1) [= *possui*]: *o Tarragonês* (2), *que se fez claro* [= *ilustre*], *sujeitando a in-*

quieta Parténope (**3**); *o Navarro* (**4**); *as Astúrias* (**5**), *que já foram reparo* [= *defesa, defensoras*] *contra a gente maometana; tem o cauto* [= *prudente*] *Galego* (**6**), *e o grande e raro Castelhano* (**7**), *a quem o seu planeta* (**8**) *fez restituìdor* (**9**) *da Espanha, e senhor dela, e de Bétis* (**10**), *Lião* (**11**) *e Granada* (**12**), *com* [*e também*] *Castela.*

(**1**) O Poeta vai enumerar as diversas províncias de Espanha, nomeando ora essas províncias ora os seus habitantes. (**2**) Tarragona, capital da Catalunha. (**3**) Nome antigo de Nápoles, onde houve grandes lutas [inquietação], ficando sob o domínio espanhol no sec. XIV. (**4**) Habitante de Navarra, antigo reino, hoje província. (**5**) Província espanhola. (**6**) Da província da Galiza. (**7**) Do antigo reino de Castela; castelhanos de rara grandeza, insignes como poucos. (**8**) Estrêla, sorte. (**9**) A boa estrêla da Espanha permitiu que os invasores lhe restituìssem o seu território. (**10**) Nome antigo do Guadalquivir, do qual derivava «Bética», província romana, significando aqui a Andaluzia. (**11**) Antigo reino, hoje província. (**12**) Nome de antigo reino e cidade muçulmana em parte do território que é hoje Andaluz.

---

20 Eis aqui, quási cume da cabeça
De Europa toda, o reino lusitano;
Onde a terra se acaba e o mar começa,
E onde Febo repousa no oceano.
Êste quiz o ceo justo que floreça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fora; e lá na ardente
Africa estar quieto o não consente.

Eis aqui,—quási no *cume da cabeça de toda* a *Europa,—o reino lusitano;* está *onde se acaba a*

terra (1), *e* onde *começa o mar*, *e onde Febo* [*o sol*] *repousa no Oceano* (2); *quis o justo Céu* (3), *que êste* reino *floresça* [*florecesse*] *nas armas* (4) *contra o torpe* (5) *Mauritano* (6) *deitando-o fora de si* [*expulsando-o*], *e lá* mesmo, na Mauritânia, que está *na ardente* (7) *África, não o consente* (8) [*não o deixa*] *estar quieto* [*tranquilo*].

(1) O Poeta pressupõe que as palavras de Vasco da Gama dirigidas ao régulo africano, sem ilustração, haviam de ser ao seu alcance; descreve-lhe a terra como se fôra uma planície, cujos limites eram tam ignorados como os limites do mar. (2) Fig., no ocidente da Europa; nas praias de Portugal, a quem olha para o ocidente, ao pôr do sol, parece-lhe que êste mergulha no mar. (3) A Providência. (4) «Floresça nas armas», tenha sido feliz na guerra. (5) Desonesto, sem probidade. (6) «Mauritano» [singular pelo plural], os muçulmanos da Mauritânia, antiga região africana, que compreendia a Tunisia, a Argélia e Marrocos. (7) Porque naquela região muito se sente o ardor do sol. (8) Os portugueses iam guerrear os mouros mesmo em terras de África.

---

21 Esta é a ditosa pátria minha amada,
A qual se o ceo me dá que eu sem perigo
Torne com esta emprêsa já acabada,
Acabe-se esta luz ali comigo:
Esta foi Lusitânia, dirivada
De Luso ou Lysa, que de Baco antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros,
E nella então os incolas primeiros.

Esta terra portuguesa *é a ditosa pátria, minha amada* (1); *se o Céu me dá* [*me permite*] *que eu torne à qual* [= *a ela*], *sem perigo, e com esta* minha

emprêsa (2) *já acabada, acabe-se esta luz* [*esta vida*] *ali comigo* [*terei morte feliz prestando tal serviço à minha pátria*]. *Esta* terra *foi* chamada antigamente *Lusitânia* (3) palavra *derivada de Luso ou Lisias, que, parece, foram filhos ou companheiros de Baco antigo e* que foram *nela os primeiros íncolas* (4).

(1) Afortunada e por mim amada. (2) O empreendimento de descobrir o caminho para a Índia por aquele lado. (3) Cfr. ADVERTÊNCIA, p. 6. (4) Habitantes.

---

22 D'esta o pastor nasceu, que no seu nome
Se vê que de homem forte os feitos teve;
Cuja fama ninguém virá que dome,
Pois a grande de Roma não se atreve.
Esta, o velho que os filhos próprios come,
Por decreto do ceo, ligeiro e leve,
Veo a fazer no mundo tanta parte
Criando-a reino illustre. E foi d'esta arte:

Desta [= *nesta*] terra lusitana *nasceu* Viriato (1), *o pastor que,* — *no seu nome se vê* (2) —, *teve os feitos* (3) *de homem forte, e cuja fama ninguêm virá* [*haverá*] *que dome* [= *vença*], *pois a grande* fama *de Roma não se atreve a* vencê-la (4). *O velho que come os próprios filhos* (5), — o Tempo, — *veio, por decreto do Céu ligeiro e leve, a fazer esta* terra *tanta* [= *imensa*] *parte do Mundo, criando-a* [*engrandecendo-a em*] *ilustre reino ; e foi desta arte:* (6).

(1) O chefe dos lusitanos [século II A. C.] revoltados contra o jugo romano. I, 26. (2) O nome deriva de um subs-

tantivo latino que significa varão forte. (3) Actos heróicos. (4) A fama de Viriato é mais gloriosa do que a dos generais romanos. (5) Nesta perífrase está designado Saturno, que devorava os filhos quando nasciam; não devorou Júpiter, porque a espôsa [Cibele], em lugar do recemnascido, deu a Saturno um pedregulho, que êle imediatamente engoliu imaginando ser o filho: emprega-se o nome de Saturno [fig.] para designar o Tempo, que tudo cria e tudo consome. (6) Desta maneira [como se vai dizer nas estâncias seguintes].

No verso 6 a palavra «céu» está empregada no sentido literal [cfr. x, 85] e no sentido figurado [Providência].

---

23 Um rei, por nome Affonso, foi na Hespanha
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que por armas sanguinas, fôrça e manha,
A muitos fez perder a vida e a terra.
Voando d'este rei a fama estranha
Do herculano Calpe á Cáspia serra,
Muitos, pera na guerra esclarecer-se,
Vinham a elle, e á morte offerecer-se.

Foi [= *esteve*] *na Espanha um rei, por nome Afonso* (1), *que tanta guerra fez aos sarracenos* (2), *que — por* meio de *armas* (3) *sangùíneas*, pela *fôrça*, *e* pela *manha* (4) — *fez, a muitos, perder a vida e* perder *a terra* que possuíam. *Voando a estranha* (5) *fama dêste rei do* [= *desde o*] *Herculano* (6) *Calpe à* [*até a*] *serra Cáspia* (7), *vinham muitos* estrangeiros *oferecer-se a êle* [*ao rei*], *e* oferecer-se *à morte, para esclarecer-se* [= *para se esclarecerem* = *para se tornarem ilustres*] *na guerra* contra os muçulmanos.

(1) Foi o sexto dêste nome, rei de Castela [1065-1109], o que sustentou numerosas batalhas contra os mouros, al-

çançando rápidas vitórias; tomara-lhes Santarém e Lisboa, mas, como houvesse grande resistência, chamou em seu auxílio a cavalaria de toda cristandade; entre ésses cavaleiros veio Raimundo de Tolosa, a quem doou a Galiza, e D. Henrique de Borgonha, a quem doou as terras de Lisboa e Pôrto, com o título de Conde de Portugal. (2) Epíteto dado aos mulçumanos de África, e que já se dava aos seus ascendentes vindos do deserto [Saará] da Arábia. Também se tem afirmado que os muçulmanos, a si próprios, davam o epíteto de Sarracenos, para fazerem crer que eram descendentes de Sara, a espôsa de Abraão, e para se diferençarem dos descendentes da escrava Agar. (3) Fig., guerras em que se derramara muito sangue. (4) O ardil da arte militar. (5) Extraordinária celebridade. (6) Adjectivo: pertencente a Hércules, o célebre herói da fábula grega [II, 18], entre cujas emprêsas se conta a de haver separado as montanhas do Calpe [antigo nome de Gibraltar] e Abila [antigo nome de Ceuta] — montanhas que se ficaram chamando as colunas de Hércules, entre as quais o Mediterrâneo comunica com o Atlântico. (7) O monte Cáucaso, que termina nas margens do mar Cáspio [Rússia].

---

24 E c'um amor intrínseco acendidos
Da fé, mais que das honras populares,
Eram de várias terras conduzidos,
Deixando a pátria amada e próprios lares.
Despois que em feitos altos e subidos
Se mostraram nas armas singulares,
Quis o famoso Affonso que obras taes
Levassem prémio digno e dões iguaes.

E — mais acendidos (1) *com um intrínseco* (2) *amor da fé*, do *que* com amor *das honras populares* — êsses estrangeiros *eram conduzidos* [= *vinham*] *de várias terras, deixando a amada pátria* e os *próprios lares* (3). *Depois que* [= *quando*] êles, *em* [= *por*] *altos e subidos feitos* (4), *se mostraram*

singulares [= *distintos*] *nas armas, o famoso* rei *Afonso* (5) *quis que tais obras levassem* (6) *digno prémio, e dons* [= *doações*] *iguais*.

(1) Induzidos, incitados. (2) Íntimo. (3) Fig., famílias. (4) «Subidos feitos», acções notáveis e nobres. (5) Famigerado, célebre: Afonso VI de Castela. (6) Tivessem prémio condigno e doações igualmente proporcionaes.

---

25 D'estes Anrique, dizem que segundo
Filho de um rei de Ungria exprimentado
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era illustre, nem prezado.
E pera mais sinal d'amor profundo,
Quis o rei castelhano que casado
Com Teresa sua filha o conde fôsse;
E com ella das terras tomou posse.

Um *dêstes* estrangeiros, o Conde *Henrique* de Borgonha, *que dizem* ser *filho segundo dum rei da Hungria* (1), mostrando-se *experimentado* (2) guerreiro, *houve* [= *teve*], *em sorte, Portugal, que no mundo então não era* território *ilustre* (3) *nem prezado* [= *apreciado*]; *e, para mais* [= *maior*] *sinal de profundo amor, quis o rei castelhano, que com sua filha fôsse casado o Conde; e* Henrique, *com* [= *juntamente com*] *ela, tomou posse das terras* portuguesas.

(1) Era inexacta essa tradição; o Conde era neto do Duque de Borgonha [da família dos reis de França]. (2) Experimentado, tendo dado provas da sua intrepidez. (3) Naquele tempo [1097] era pequena a extensão do condado de Portugal, e não estava aí dominado completamente o poder muçulmano.

26 Êste, despois que contra os descendentes
Da escrava Agar victórias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve:
Em prémio d'estes feitos excellentes,
Deu-lhe o supremo Deus, em tempo breve,
Um filho, que illustrasse o nome ufano
Do belicoso reino lusitano.

Êste Conde D. Henrique — *depois que teve* [*depois de ter alcançado*] *grandes vitórias contra os descendentes da escrava Agar*, (1), *ganhando muitas terras adjacentes* (2), e *fazendo o que a seu forte peito devia* (3) — foi recompensado pela Providência; *em prémio dêstes excelentes feitos* (4), *o supremo Deus deu-lhe* (5), *em tempo breve* [= *pouco tempo depois*] *um filho que ilustrasse* [*havia de ilustrar*] *o ufano* (6) *nome do belicoso* (7) *reino lusitano.*

(1) Escrava de Abraam, e mãe de Ismael [o progenitor da raça árabe, que, maometanizada, tomou o epíteto de ismaelita, sinónimo de muçulmano]. (2) Vizinhas [do condado de Portugal, e que antes estavam em poder dos mouros]. (3) «Fazendo o que, etc.», praticando os actos a que era impulsionado pelo rijo carácter, e pelo sentimento do dever. (4) Actos notáveis de valor, de que resultaram as vitórias. (5) «Êste... deu-lhe Deus»; note-se o anacoluto. (6) Glorioso. (7) Inclinado à guerra; marcial.

27 Já tinha vindo Anrique da conquista
Da cidade Hierosólyma sagrada,
E do Jordão a area tinha vista,
Que viu de Deus a carne em si lavada:
Que não tendo Gotfredo a quem resista,
Depois de ter Judea sojugada,
Muitos, que nestas guerras o ajudaram,
Pera seus senhorios se tornaram.

Enrique já tinha vindo [= *regressado*] *da conquista da sagrada cidade Hierosólima* (1); *e tinha visto* (2) *a areia do Jordão* — o rio *que viu lavada em si* próprio *a carne de Deus* (3); *que* [= *por isso*] *não tendo já Godofredo* inimigo *a quem resistisse, depois de ter subjugado a Judea*, Enrique e *muitos* cavaleiros, *que nestas guerras o ajudaram, tornaram-se para* os *seus senhorios* (4).

(1) Nome que davam os Romanos a Jerusalém — antiga capital da Judea [hoje província da Turquia Asiática]; a cidade Santa da Escritura; tinha sido erigida em reino por Godofredo de Bulhão no tempo da primeira cruzada (1099). Enrique tinha ido à Palestina em 1103 como cruzado [por ter havido tréguas com os mouros nas terras portuguesas] e regressou em 1105, porque estava subjugada a Judea por Godofredo, e êste não precisava então de auxilio dos cruzados por não ter inimigo para combater. (2) No texto «vista», porque os antigos clássicos usavam os particípios perfeitos, à semelhança dos adjectivos, concordados com o sujeito. (3) Alusão a ter sido Jesus Cristo baptizado com as águas do Jordão por S. João Baptista. (4) Voltaram para os seus domínios, para as terras em que eram senhores.

28 Quando, chegado ao fim de sua idade,
O forte e famoso Úngaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O spírito deu a quem lh'o tinha dado,
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pai deixava seu traslado,
Que do mundo os mais fortes igualava:
Que de tal pai tal filho se esperava.

Quando o forte, estremado (1) *e famoso* (2) *húngaro* (3), — *chegado ao fim da sua idade, forçado da fatal* (4) *necessidade* (5) — *deu o espírito* (6) *a quem lho tinha dado, ficava em tenra mocidade o filho, em quem o pai deixava o seu traslado* (7), *e que igualava os* homens *mais fortes* [*mais valorosos*] *do mundo; que* [= *pois*], *de tal pai, tal filho se esperava.*

(1) Distinto. (2) Famigerado. (3) Já ficou explicado o êrro da tradição; III, 25, nota. (4) Providencial. (5) A impossibilidade de continuar a viver; «necessário» exprime a idea «do que não pode deixar de ser», em contraposição a «contingente». (6) Cfr. a expressão popular «deu a alma a Deus»; faleceu D. Henrique em 1114, ficando o filho com três anos de idade. (7) «Seu traslado», cópia de si, retrato [nos dotes físicos e morais]; carácter igual ao do pai.

---

29 Mas o velho rumor, (não sei se errado,
Que em tanta antiguidade não há certeza)
Conta que a mãi, tomando todo o estado,
Do segundo hymeneo não se despreza:
O filho órfão deixava desherdado,
Dizendo, que nas terras a grandeza
Do senhorio todo só sua era,
Porque pera casar seu pai lh'as dera.

Mas o velho rumor (1) — *não sei, se é errado, que* [= *pois*], *em tanta antiguidade, não há certeza* do que seja verdadeiro — *conta que a mãe* do príncipe, *tomando todo o Estado* (2), *não se desprezou* (3) *do segundo himeneu* (4). Teresa *deixava* [*queria deixar*] *deserdado o filho órfão, dizendo que a grandeza* (5) *do senhorio todo,* (6) nas terras de Portugal *era só sua* (7), *porque seu pai lhas dera* em dote *para casar* com Henrique.

(1) «Velho rumor», antiga tradição. (2) «Tomando todo o Estado», apossando-se de todos os poderes políticos. (3) Não julgou indignidade da sua parte casar de novo; o que em antigos tempos era desaire para as viúvas. (4) Segundas núpcias; «Himeneu», nome do deus que presidia ao casamento. Na Crónica de Afonso I [*Inéditos da História Portuguesa*, vol v, cap. II] afirmava-se que D. Teresa casara com Fernão Peres, mas parece que tal não aconteceu. (5) Extensão. (6) «Todo o senhorio», todo o domínio, todo o condado; advirta-se que êste fôra ampliado com as conquistas de D. Henrique. (7) «Só sua», exclusivamente dela, que pretendia não ter Afonso Henriques direito a governar o condado.

---

30 Mas o príncipe Affonso, (que d'esta arte
Se chamava, do avô tomando o nome)
Vendo-se em suas terras não ter parte,
Que a mãi com seu marido as manda e come,
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina consigo como as tome.
Revolvidas as causas no conceito,
Ao propósito firme segue o effeito.

Mas o Príncipe Afonso, — *que desta arte se chamava* (1), *tomando o nome do avô* — , *vendo-se não*

ter parte em suas terras (2), *que* [= *pois*] *a mãe* (3), *com* [= *e*] *seu marido* (4) *as mandava* [= *governava*] *e comia* [*disfrutava*],—*fervendo-lhe no peito o duro Marte* (5), *imagina consigo* (6) *como as tomaria. Revolvidas as cousas no conceito* (7) do príncipe, *ao propósito* (8) *firme* que êle tomou, *seguiu-se o efeito* (9) dêsse propósito.

(1) «Desta arte, etc.», por esta forma se intitulava a si próprio; julgava-se «príncipe», por ser neto do rei Afonso VI de Castela. (2) «Vendo-se, etc.», vendo que ficava privado de território que era seu. (3) D. Teresa. (4) O amante, Fernando Peres de Trava. (5) «Fervendo, etc.», fervendo-lhe nas veias o valor bélico [marcial]. (6) Meditou. (7) Concepção, imaginação. (8) Resolução. (9) Resultado; o príncipe, meditando, tomou uma resolução e tratou de realizar o que tinha resolvido.

---

31 De Guimarães o campo se tingia
Co sangue próprio da intestina guerra,
Onde a mãi, que tam pouco o parecia,
A seu filho negava o amor e a terra.
Co elle posta em campo já se via,
E não vê a soberba o muito que erra
Contra deus, contra o maternal amor:
Mas nella o sensual era o maior.

Com o sangue próprio da guerra intestina (1), *tingiu-se o campo de Guimarães* (2), *onde a mãe*—*que tam pouco o parecia*—*negava* (3) *a seu filho o amor* materno, *e a terra* do Condado de Portugal. A Mãe *já se via posta em campo* (4) *com* [= *contra*] *êle*. *E a soberba* (5) Teresa *não vê o muito*

*

que erra (6) *contra Deus e contra o amor maternal; mas o* amor *sensual era nela o maior* (7).

(1) Guerra civil, em que os beligerantes derramam o sangue dos seus parentes. (2) Na batalha de S. Mamede. (3) Recusava. (4) Em acampamento militar; à frente das suas hostes. (5) Altiva. (6) Desacerta, ofendendo a Deus e praticando factos contrários à lei natural do amor materno. (7) O afecto pelo amante era maior do que pelo filho. A violenta paixão de D. Teresa por Fernando Peres, — fidalgo galego a quem entregou a administração do país —, irritou o ânimo dos barões portugueses, que anteriormente lhe haviam manifestado simpatia, quando ela enérgicamente promovera a independência de Portugal.

---

32 Ó Progne crua! ó mágica Medea!
Se em vossos próprios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alhea,
Olhai, que inda Teresa peca mais.
Incontinência má, cubiça fea,
São as causas d'este êrro principais:
Scilla, por ũa mata o velho pai;
Esta, por ambas, contra o filho vai.

Ó crua (1) *Progne* (2)! *ó mágica* (3) *Medea* (4)! *Se, em vossos próprios filhos, vos vingais da maldade dos pais*, se vos vingais *da culpa alheia, olhai que Teresa ainda peca mais! Má incontinência* (5), *feia cobiça* (6), *são as causas principais dêste êrro* de Teresa. *Scila* (7), *por uma* dessas causas [*a incontinência*], *matou o* seu *velho pai; esta*, mãe de Afonso, *por ambas* as causas *vai* pelejar *contra* o próprio *filho!*

(1) Cruel, desumana; significação primitiva — *crudus* «sangrento»; *cruor*, «sangue derramado». (2) Fab., a filha

de Pandíon, rei de Atenas, e irmã de Filomela; esta foi vítima da brutalidade de Teseu, rei da Trácia, marido de Progne, o qual, para evitar que êsse crime fôsse revelado pela última, cortou a esta a língua e enclausurou-a; mas Filomela teve meio de escrever à irmã, contando-lhe tudo; e as duas, para se vingarem, mataram Ítis, filho de Teseu, e deram-no a comer ao pai em um jantar. Escaparam as duas ao furor de Teseu, sendo convertidas uma em andorinha e outra em rouxinol; os poetas romanos davam a êste o nome de «Filomela»; e, àquela, o de «Progne». (**3**) Maga, mulher que tem a imaginária arte de obter efeitos maravilhosos, de produzir encantos. (**4**) Fáb., célebre maga, filha dum rei da Cólquide; com os seus sortilégios, e feitiçarias, conseguiu adormecer o dragão que servia de guarda ao velocino [tosão] de ouro; concorreu assim para que êste fôsse arrebatado por Jasão, chefe dos argonautas e com êle fugisse; mas abandonada por Jasão, logo que chegou à Tessália, para se vingar, estrangulou por suas próprias mãos os filhos que dêle tivera. Foi êste o assunto de célebres tragédias com o título de Medea: a do poeta grego Eurípedes [431 A. C.]; a de Séneca, escritor romano [século I]; e a de Corneille, escritor francês [1635]. Note-se a apóstrofe e a hipérbole. Vasco da Gama interrompe a fala, que estava dirigindo ao rei de Melinde, voltando as suas exclamações para as personagens da fábula, como se estivessem presentes, para lhes dizer que, sendo elas exemplares excepcionais de crueldade de mães para com os filhos, Teresa é mais cruel ainda. (**5**) «Má incontinência», viciosa desonestidade. (**6**) «Feia cobiça», pecaminosa ambição. (**7**) A filha de Niso, rei de Megara, — cidade da Grécia no istmo de Corinto —, foi causa da morte do pai, por amor a Minos, rei de Creta.

---

33 Mas já o príncipe claro, o vencimento
Do padrasto e da inica mãi levava;
Já lhe obedece a terra num momento,
Que primeiro contra elle pelejava.
Porém, vencido de ira o entendimento,
A mãi em ferros ásperos atava;
Mas de Deus foi vingada em tempo breve:
Tanta veneração aos pais se deve!

Mas o príncipe Afonso *levava, já claro* [*evidente*], *o vencimento do padrasto* (1) *e da iníqua mãe; a terra* portuguesa, *que primeiro, num momento* (2), *pelejava* [*pelejara*] *contra êle, já lhe obedece; porêm* o príncipe — estando o seu *entendimento vencido de ira* (3) — *atou a mãe em ásperos ferros* (4); *mas* esta *foi vingada de Deus* (5) *em breve tempo; tanta veneração aos pais se deve* (6)!

(1) «Levava, etc.», alcançava manifesta vitória. (2) «A terra, etc.»: [fig.] os portugueses, no comêço das desavenças da família, e por pouco tempo, foram a favor de Teresa, mas Afonso tinha já maior partido. (3) A razão perturbada pela ira. (4) Em algemas [que eram áspero castigo só dos grandes delinqüentes] se prendem as mãos; mas aqui alude-se à tradição de ter ficado D. Teresa encarcerada. (5) «Vingada de», vingada por Deus, daí a pouco tempo; alude-se ao desastre que sucedeu ao príncipe, mais tarde, como se fôsse castigo do Céu; III, 68. (6) «Tanta veneração...!» [epifonema e elipse]: a veneração pelos pais deve ser muito grande, porque Deus pune logo os filhos que a ela faltam.

---

34 Eis se ajunta o soberbo Castelhano,
Pera vingar a injúria de Teresa,
Contra o tam raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho agrava ou pesa.
Em batalha cruel, o peito humano,
Ajudado da angélica defesa,
Não só contra tal fúria se sustenta,
Mas o inimigo aspérrimo affugenta.

Para vingar a injúria de Teresa (1), *eis se* lhe *ajunta o soberbo* (2) *Castelhano contra o Lusitano* príncipe, *tam raro em gente* [*tam falho de gente* de

armas], *e a quem* [*ao qual*] *nenhum trabalho* (3) *agrava ou pesa. O humano peito* (4) de Afonso, *ajudado da* [*= pela*] *Angélica defesa* (5) *não só se sustenta, em cruel batalha, contra tal fúria* (6), *mas* até *afugenta, aspérrimo* (7), *o inimigo.*

(1) «Injúria», a ofensa, feita a Teresa, de ter sido posta a ferros. (2) Altivo, Afonso VII. O Poeta segue a lição da crónica de D. Afonso Henriques, segundo a tradição da época em que escreveu. (3) «Nenhum trabalho»: o príncipe D. Afonso é tam forte que resiste a todas as provações. (4) Benigno coração. (5) Auxiliado pelo Anjo da Guarda. (6) O furor das armas castelhanas. (7) «Aspérrimo»: o adjectivo tomado adverbialmente, e concordando com lusitano que aspérrimamente, com áspero castigo, desbaratou o inimigo. Alude-se ao torneio de Arcos de Valdevez em 1140, — torneio, e não guerra, em que os cavaleiros portugueses venceram completamente os de Castela, assinando-se tréguas entre os dois príncipes [D. Afonso Henriques e Afonso VII de Castela].

---

35 Não passa muito tempo, quando o forte
Príncipe em Guimarães está cercado
De infinito poder, que d'esta sorte
Foi refazer-se o imigo magoado.
Mas, com se offerecer á dura morte
O fiel Egas amo, foi livrado;
Que de outra arte podera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

Não passou [*não passara*] *muito tempo* depois dessa batalha, *quando o forte príncipe esteve* [*= foi*], *em Guimarães, cercado de infinito poder* (1); *que* [*= pois*] *o inimigo — magoado* pela derrota — *fôra refazer-se desta sorte* [*dêsse «infinito poder»*];

mas o príncipe *foi livrado* [= *descercado*] *com* (2) o *oferecer-se Egas*, o *fiel amo* (3), *à dura morte; que* [= *pois*], *doutra arte* [*se não fôsse o oferecimento de Egas*], *o príncipe pudera* [= *poderia*] *ser* [= *ficar*] *perdido* (4), *segundo estava* (5) *mal apercebido* (6).

(1) «Infinito poder», numerosas fôrças. (2) A preposição é aqui indicativa de causa; o verbo tem a função de substantivo: o cêrco foi levantado, em conseqüência do procedimento de Egas Moniz. (3) Antiga forma masculina de «ama»: aio. (4) «Ser perdido», ficar exposto a ser prisioneiro. (5) «Segundo estava», porque estava mal «apercebido». (6) Mal abastecido; desprovido de armas e gente bastante para resistir ao numeroso exército sitiante.

Cercado pelas fôrças de Afonso VII, viu-se D. Afonso Henriques obrigado a reconhecer a supremacia do monarca Leonês, e o fidalgo Egas Moniz deu-se como fiador da promessa de vassalagem, sendo levantado então o cêrco.

---

36 Mas o leal vassallo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistência,
Se vai ao Castelhano, prometendo
Que elle faria dar-lhe obediência.
Levanta o inimigo o cêrco horrendo,
Fiado na promessa e consciência
De Egas Moniz; mas não consente o peito
Do môço illustre a outrem ser sogeito.

Mas Egas Moniz, *o lial vassalo, conhecendo que* o *seu Senhor* (1) *não tinha* meios de *resistência* (2), *vai-se* [*dirige-se*] *ao* rei *Castelhano, prometendo que êle* Egas *faria* [*conseguiria*] *dar-lhe obediência* [o príncipe português a D. Afonso VII de Castela]. *O inimigo* Castelhano, *fiado na promessa*, *e* na *cons-*

ciência (3) *de Egas Moniz, levanta o horrendo* (4) *cêrco. Mas o peito* [*o ânimo*] *do ilustre Môço* (5) *não* lhe *consente ser sujeito* (6) *a outrem.*

(1) Tratamento de cortesia dado por Egas ao príncipe. (2) Não tinha tropas bastantes para resistir às de D. Afonso VII. (3) Probidade. (4) O cêrco apertado, que infundia mêdo, pela grande superioridade das fôrças castelhanas. (5) «Ilustre Môço», o príncipe Afonso. (6) «Ser sujeito...»: submeter-se; o príncipe não queria absolutamente ser vassalo de Castela; queria a independência de Portugal.

O velho Egas Moniz, no modo como se portou depois do procedimento do seu pupilo, revelou quanto fôra digno de ter sido o perceptor dum herói.

---

37 Chegado tinha o prazo prometido,
Em que o rei castelhano já aguardava,
Que o príncipe, a seu mando sometido,
Lhe desse a obediência que esperava.
Vendo Egas que ficava fementido,
O que d'elle Castela não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A trôco da palavra mal comprida.

Tinha chegado o prometido prazo em que o rei castelhano já aguardava que o príncipe, submetido a seu mando, lhe desse a obediência que esperava. Egas, vendo que ficava fementido (1), — *o que dêle não cuidaria* [*= suspeitaria*] *Castela* (2) — *determinou dar a doce vida* (3) *a trôco da palavra* (4) *mal cumprida.*

(1) Pérfido, perjuro. (2) A fama da probidade de Egas era tal em Castela que ninguém lá suspeitaria que êle tivesse falsamente invocado a promessa do príncipe. (3) «A doce

vida», a vida que tanto custa a perder: Egas foi oferecer-se à morte, por não ter sido cumprida a sua promessa. (4) Afirmação solene; cfr. a expressão «palavra de honra».

---

38 E com seus filhos e molher se parte
A alevantar co elles a fiança;
Descalços e despidos, de tal arte
Que mais move a piedade que a vingança:
«Se pretendes, rei alto, de vingar-te
De minha temerária confiança,
(Dizia) eis aqui venho offerecido
A te pagar co'a a vida o prometido.

E parte (1) *com seus filhos e a mulher a levantar com êles a fiança* (2); *descalços* iam, *e despidos* (3), *de tal arte que* êsse aspecto *movia mais a piedade* (4) *do que a vingança. Disse* Egas: — *ó alto rei, se pretendes* (5) *vingar-te da minha temerária* [*imprudente*] *confiança, eis-me aqui, venho oferecido* (6) *a pagar-te com a vida* o que por mim foi *prometido.*

(1) No texto «parte-se», forma reflexa antiquada; Egas parte de Portugal para Castela. (2) Pagar a obrigação contraída como fiador da promessa do príncipe Afonso. (3) A lembrar o modo por que se apresentavam os penitentes ou condenados no acto da execução; em vez do vestuário usual, túnicas ou alvas. (4) «Move», sugere, desperta compaixão. (5) No texto «pretender de» é forma antiquada, em que a preposição se usava precedendo verbos substantivados. (6) «Venho oferecido», forma antiquada: venho oferecer; o particípio aqui é o do verbo reflexo «oferecer-se».

39 «Vês, aqui trago as vidas inocentes
Dos filhos sem peccado e da consorte,
Se a peitos generosos e excellentes,
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Vês aqui as mãos e a língua delinqùentes:
Nellas sós exprimenta toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estilo
De Sinis, e do touro de Perillo.»

Vês que *trago aqui* a oferecer-te *as vidas inocentes dos* meus *filhos sem pecado e* a vida *da* minha *consorte, se a fera* [*cruel*] *morte de fracos*— como êles são—*satisfaz a excelentes e generosos peitos* [*corações*], como é o teu. *Vês* que trago *aqui as* minhas *mãos e a* minha *língua delinqùentes; nelas sós* [= *sómente nelas*] *experimenta toda* a *sorte de mortes* e *de tormentos, pelo estilo* [*à semelhança*] da morte das vítimas *de Scinis* (1) *e do touro de Perilo* (2).

(1) Salteador fabuloso [na Grécia] que matava os viandantes atando-lhes uma perna e um braço ao ramo duma árvore, o qual, depois de vergado até o chão, se soltava repentinamente, de que resultava tam violenta pancada na vítima, que a despedaçava contra as outras ramadas. (2) Inventor dum touro de bronze em cujo ventre se metiam as vítimas do despotismo de Fálaris, tirano de Agrigento, as quais morriam lá queimadas com o fogo que se ateava debaixo do fingido animal.

«As mãos delinqùentes» [criminosas]: ficção de que haviam sido postas sôbre o Evangelho jurando a promessa; «língua delinqùente», por ter proferido o juramento de preito em nome do príncipe Afonso.

---

40 Qual diante do algoz o condenado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põem no cepo a garganta, e já entregado
Espera pelo golpe tam temido:
Tal, diante do príncipe indinado,
Egas estava, a tudo offerecido;
Mas o rei, vendo a estranha lealdade,
Mais pôde em fim que a ira a piedade.

Qual (1) *o condenado, que tem já bebido a morte* (2) *na* [= *durante a*] *vida*, e *põe a garganta no cepo diante do algoz, e, já entregado* [*resignado*], *espera pelo tam temido golpe:* — *tal estava Egas, oferecido a tudo, diante do indignado príncipe* (3); *mas* — *vendo o rei a estranha* (4) *lialdade* do vassalo português — *a piedade* (5), *em fim* [*a final*] *pôde mais do que a ira.*

(1) «Qual... tal...», assim como..., do mesmo modo... (2) «Bebido a morte» [catacrese], sofrido a idea da próxima e inevitável morte durante muito tempo; imagem dos sofrimentos de Cristo a quem deram o cálix da amargura durante o suplício. (3) «Príncipe» [sinédoque], o rei castelhano D. Afonso VII. (4) Pouco vulgar. (5) Compaixão; prevaleceu esta sôbre a ira do rei.

---

41 Ó gram fidelidade portuguesa,
De vassallo que a tanto se obrigava!
Que mais o Persa fez naquella emprêsa,
Onde rosto e narizes se cortava?
Do que ao grande Dario tanto pesa
Que, mil vezes dizendo, suspirava,
Que mais o seu Zopiro são prezara,
Que vinte Babilónias que tomara.

Ó grande fidelidade portuguesa de vassalo que a tanto se obrigava (1)! *¿Que mais fez [que maior feito praticou?]* Zópiro (2), *o* vassalo *persa, naquela emprêsa [= façanha heróica] em que se cortava [= cortava em si próprio]* o *rosto e* os *narizes [narinas]? Do que [da qual façanha] pesou tanto ao grande Dario* (3), *que* êste *suspirava, dizendo mil vezes: — que mais prezara [prezaria] ver são [de saúde, não mutilado] o seu Zópiro,* do *que vinte Babilónias* (4) *que tomara [tomasse].*

(1) «Ó grande, etc.»; apóstrofe: interrompe Vasco da Gama a narrativa, dirigindo-se abstractamente à fidelidade dos vassalos portugueses, que a tam grandes perigos se expunha. (2) Homem nobre da Pérsia, que, para facilitar a Dario a conquista de Babilónia, cortou o nariz, mutilou o rosto, e dirigiu-se para esta cidade, queixando-se da crueldade do rei, que o reduzira àquele estado; assim adquiriu a confiança dos sitiados, e por êste meio abriu as portas de Babilónia ao rei da Pérsia. (3) É Dario I [521 a 485 A. C.]. (4) Babilónia, capital da antiga Caldea, sôbre o Eufrates, era uma das cidades maiores e mais ricas do Oriente até o ano 510 A. C.; Dario teve tanto pesar, tanta dor [o verbo com os dois complementos, e com duas preposições, *de* e *a*] pela mutilação de Zópiro, que teria preferido deixar de conquistar vinte cidades.

Na recitação acentua-se a segunda sílaba de Zópiro [Zopiro].

---

42 Mas já o príncipe Affonso aparelhava
O lusitano exército ditoso
Contra o Mouro que as terras habitava
D'além do claro Tejo deleitoso;
Já no campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo belicoso,
Defronte do inimigo Sarraceno,
Pôsto que em fôrça e gente tam pequeno.

Mas o príncipe Afonso aparelhava (1) *já o ditoso* (2) *exército lusitano contra o Mouro que habitava as terras de além do claro Tejo* (3) *deleitoso: no campo de Ourique* (4), *defronte do inimigo sarraceno* (5), *assentava-se o soberbo e belicoso* (6) *arraial* (7) dos portugueses *pôsto que* fôsse *tam pequeno em fôrça e gente* (8).

(1) Preparava. (2) Feliz [porque venceria, como sempre]. (3) Os mouros que ocupavam o Alentejo, cujos campos eram aprazíveis. (4) A grande vitória sôbre os Mouros em Ourique [1639] e descrita nas estâncias seguintes. (5) Dos muçulmanos. (6) Altivo e marcial. (7) Tem aqui a significação literal, «o acampamento», e a significação figurada, «o exército». (8) Fôrça e gente [sinonímia]; o exército português era pouco numeroso.

---

43 Em nenhũa outra cousa confiado,
Senão no summo Deus que o ceo regia;
Que tam pouco era o povo bautizado,
Que pera um só cem Mouros haveria.
Julga qualquer juízo sossegado
Por mais temeridade que ousadia
Cometer um tamanho ajuntamento,
Que pera um cavalleiro houvesse cento.

Não estava *confiado* o príncipe *em nenhuma outra cousa senão no Sumo Deus que rege o céu* — *que* [*pois*] *o povo baptizado* [*o exército cristão*] *era tam pouco* [*tam pequeno*], *que haveria cem mouros para* [*contra*] *um só* português. *Qualquer juízo sossegado* [*qualquer pessoa de opinião reflectida*] *julgaria o acometer* o príncipe, — *mais por temeridade* do *que* por *ousadia*, — *um ajuntamento de* inimigos *ta-*

manho, em que houvesse um *cento* de Sarracenos *para* [*contra*] *um cavaleiro* lusitano.

Nesta estância há a observar especialmente a linguagem anacolútica, explicada pela ordem sintáctica que lhe damos. Note-se: «cometer», acometer, atacar; «ajuntamento», multidão.

---

44 Cinco reis os mouros são inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama;
Todos exp'rimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a illustre fama.
Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a fermosa e forte dama
De quem tanto os Troianos se ajudaram,
E as que o Termodonte ja gostaram.

Os inimigos são cinco reis mouros — dos quais o principal se chama Ismar — todos experimentados nos perigos da guerra (1), *onde se alcança a fama ilustre* [*gloriosa*]. *Guerreiras damas seguem* os *seus amigos imitando* Pentesilea (2), *a formosa e forte dama, de quem os troianos tanto se ajudaram* [*foram ajudados*], *e* imitando *as* damas *que gostaram já o* rio *Termodonte* [*beberam as águas dêsse rio*] (3).

(1) «Experimentados na guerra», homens que nos combates haviam demonstrado valor e sciência militar. (2) Rainha [fabulosa] das Amazonas, e que foi com estas combater os gregos no cêrco de Tróia. (3) «As damas...», perífrase de «Amazonas», que era o nome duma população fabulosa de mulheres que habitavam as margens do rio Termodonte, na Capadócia [Ásia Menor].

---

45 A matutina luz serena e fria
As estrêllas do polo já apartava,
Quando na cruz o Filho de Maria
Amostrando-se a Affonso o animava.
Êlle adorando quem lhe aparecia,
Na fé todo inflamado, assi gritava:
«Aos infiéis, Senhor, aos infiéis,
E não a mi, que creio o que podeis!»

A matutina luz (1) — *serena e fria — apartava* [*afastava*] *já do polo as estrêlas* (2), *quando o Filho de Maria, mostrando-se na cruz a Afonso, o animava* (3) *Êle, adorando a Quem lhe aparecia, e todo inflamado na fé* (4), *gritava* [*exclamava*] *assim: — «aos infiéis, Senhor! aos infiéis! e não a mim que creio o que podeis* (5).

(1) A luz da madrugada. (2) Sumia, ia fazendo desaparecer do céu a luz das estrêlas; cfr. II, 125. (3) Quando Afonso Henriques teve a visão do aparecimento de Cristo, horas antes da batalha de Ourique. (4) «Fé», na linguagem da Igreja Católica, a crença e confiança em Jesus Cristo. (5) «Aos infiéis», mostrai-vos aos infiéis, Senhor, mostrai-vos aos Mouros, para que, tendo Fé, abandonem a sua falsa religião; o vosso aparecimento a mim não era necessário porque tenho crença no vosso poder divino. É éste o pensamento que o Poeta finge ter sido expresso sumàriamente por Afonso Henriques naquelas poucas palavras, subentendendo-se fàcilmente pelo sentido todas as que ficaram ocultas por elipse.

46 Com tal milagre os ânimos da gente
Portuguesa inflamados, levantavam
Por seu rei natural êste excellente
Príncipe que do peito tanto amavam.
E diante do exército potente
Dos imigos, gritando o ceo tocavam,
Dizendo em alta voz: «Real! Real,
Por Affonso, alto rei de Portugal.»

Inflamados os ânimos (1) *da gente portuguesa com tal milagre* (2), *os portugueses levantaram por seu natural rei* (3) *a êste excelente príncipe que amavam tanto do peito; e, diante do potente exército dos inimigos, tocavam o céu* (4), *gritando, dizendo em alta voz: Rial! rial* (5), *por Afonso, alto rei de Portugal.*

(1) O «ânimo», a coragem. (2) «Inflamados», excitados pelo abalo, que lhes produzira a notícia do milagre. (3) «Levantaram por», aclamaram [deram vozes solenes a favor de] Afonso, como sendo «natural», como sendo justo [que fôsse eleito]. (4) «Tocavam» [linguagem anacolútica e hipérbole]: faziam aclamações em tam altas vozes que estas chegavam ao céu, às regiões etéreas. (5) «Rial...», antiqüíssima fórmula usada nos brados de aclamação dos reis de Portugal, e dados pelos arautos empunhando uma bandeira, subentendendo-se: «esta é a bandeira rial que levantamos como signa de Afonso, nobre rei de Portugal».

---

47 Qual, cos gritos e vozes incitado
Pola montanha o rábido moloso,
Contra o touro remete, que fiado
Na fôrça está do corno temeroso:
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo, mais ligeiro que forçoso,
Até que em fim, rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a fôrça horrenda se quebranta:

Qual (1) *o rábido molosso, incitado pela montanha [pelos monteiros] com os gritos* e com as *vozes* dêsses monteiros, *arremete contra o touro, que está fiado na fôrça do temeroso* (2) *corno;* — o molosso, *mais ligeiro* do *que forçoso, latindo, ora pega na orelha, ora no lado* do touro, *até que em fim, rompendo-lhe [dilacerando-lhe] a garganta,* o subjuga, *e a horrenda fôrça do bravo animal se quebranta* — [*na estância seguinte*]; *tal...*

(1) «Qual... tal»; assim como... do mesmo modo...; a oração correlata, e em que se faz o confronto, está na estância imediata, interrompida pela oração acidental em que se descreve a luta do touro com o molosso; «rábido», raivoso; «molosso», o cão de fila; «montanha» [sinédoque], os monteiros, os caçadores do monte. (2) «Temeroso...», temível; sôbre o têrmo que dantes se empregava para designar as hastes, pontas ou chifres, está feita a advertência de que êsse vocábulo se tornou chulo, e só é empregado hoje pela plebe. Note-se a linguagem anacolútica dos últimos versos.

---

48 Tal do rei novo o estâmago acendido
Por Deus, e polo povo juntamente,
O bárbaro cometo apercebido
Co animoso exército rompente.
Levantam nisto os perros o larido
Dos gritos, tocam a arma, ferve a gente,
As lanças e arcos tomam, tubas soam,
Instrumentos de guerra tudo atroam.

tal [= *de igual maneira*] *o novo rei, acendido* [= *incitado*] *no estômago* (1) [= *ânimo*] (2) *por Deus, e pelo povo juntamente, acomete* (3), *com o* seu *animoso exército rompente* (4), *o bárbaro* inimi-

go, que estava *apercebido* (5) para a batalha. *Nisto, os perros* (6) *levantam o alarido dos gritos* e *tocam a arma* (7); *ferve* (8) *a gente* muçulmana; os sarracenos *tomam as lanças e os arcos; soam* (9) *tubas; instrumentos de guerra atroam* (10) *tudo*.

(1) Cfr. I, 39. Note-se a silepse no texto: o verbo «comete» concordando aparentemente com «estâmago». (2) Cfr. I, 46, 84, 90, etc., abrasado pela fé em Deus, e incitado pelo povo. (3) Cfr. I, 27. (4) Que avança. (5) Preparado. (6) Cães, epíteto injurioso [cfr. I, 87], expressão de vitupério. (7) ¿Seria linguagem militar? «tocam a avançar», se diria hoje. (8) Agita-se [fig.]. (9) O verbo «soar» é transitivo com a significação de «tocar»; mas aqui é intransitivo, na significação de «dar som»; ouviam-se os sons das tubas [trombetas; cfr. I, 5]. (10) Os tambores ressoavam por montes e vales; era enorme o ruído.

---

49 Bem como quando a flama, que ateada
Foi nos áridos campos, (assoprando
O sibilante Bóreas) animada
Co vento, o sêco mato vai queimando—
A pastoral campanha, que deitada
Co doce sono estava, despertando
Ao estridor do fogo, que se atea,
Recolhe o fato, e foge pera a aldea:

Bem como (1), *assoprando* [= *quando assopra*] *o sibilante Bóreas* (2) *é a flama* (3), *animada com o vento, ateada nos áridos campos*, e *vai queimando o sêco mato* — então *a companha pastoral* (4), *que estava deitada com o doce sono, despertando ao es-*

tridor do fogo que se ateia, recolhe o fato (5) *e foge para a aldeia; — desta arte...*

(1) Da mesma maneira que...; a oração correlata começa na estância seguinte «desta arte» [de igual modo]. (2) O vento Norte. (3) Chama. (4) «Companha pastoral», os pastores. (5) Os rebanhos; um fato de ovelhas [provincianismo vulgar] = uma manada de gado ovino.

---

50 D'esta arte o Mouro, atónito e torvado,
Toma sem tento as armas mui de pressa;
Não foge, mas espera confiado,
E o gineto belligero arremessa;
O Português o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa:
Uns caem meios mortos, e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

desta arte [= *de maneira semelhante*] *os mouros* (1), *atónitos e torvados* (2), *tomam as armas mui depressa, sem tento* (3); *não fogem, mas*, ao contrário, *confiados* na sua fôrça, *esperam* vencer, *e arremeçam* para a frente *os belígeros ginetes* (4). *Os denodados* (5) *portugueses encontram-nos* (6) [= *vão ao seu encontro*] e *atravessam-lhes as lanças pelos peitos:* dos mouros, *uns caem meios mortos, e outros vão convocando* [*invocando*] *a ajuda do Alcorão* (7).

(1) Note-se, no texto, o singular pelo plural [sinédoque]. (2) Admirados e assustados. (3) Sem atenção, desordenadamente. (4) Cavalos de guerra. (5) Arrebatados, valentes. (6) Agridem-nos, atacam-nos. (7) Fig., implorando o auxílio

do Maomete [«Alcorão» é o livro sagrado dos muçulmanos, redigido por Maomete, e atribuído, pelo profeta muçulmano, ao próprio Deus].

---

51 Ali se vem encontros temerosos
Pera se desfazer ũa alta serra,
E os animais correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra;
Golpes se dão medonhos e forçosos,
Por toda a parte andava acesa a guerra:
Mas o de Luso, arnês, couraça e malha
Rompe, corta, desfaz, abola e talha.

Vêem-se ali temerosos (1) *encontros* (2) *para se desfazer* [= *ser desfeita*] *uma alta serra* (3); *e* vêem-se, *correndo, furiosos*, os cavalos — *os animais que Neptuno* (4), *ferindo a terra, mostrou* nela [= *fez sair dela*] —; *dão-se golpes medonhos, e forçosos* (5); *a guerra* (6) *anda acesa* (7) *por toda a parte* nos arraiais, *mas* o golpe dos filhos de *Luso rompe, corta, desfaz, abola* (8) *e talha* (9) *o arnês* (10), a *couraça* (11) *e* a *malha* (12) do inimigo.

(1) Que causavam temor. (2) Recontros. (3) «Alta serra», altivo esquadrão; «serra» [termo da antiga arte militar], fôrça militar formando muitos ângulos em forma de serra. A ofensiva era violenta, era capaz de desfazer um esquadrão. (4) Neptuno [mitologia] possuía no fundo do mar cavalos, de crinas de ouro, e que o transportavam em carro por sôbre as ondas; dando uma pancada no chão com o tridente fez sair dêle um cavalo. (5) Violentos. (6) Aqui [fig.] os combates de corpo a corpo. (7) Furiosa. (8) Amassa

(9) Fende: note-se a sinonímia. (10) Armadura completa de ferro. (11) Peça de metal que defendia o peito. (12) O saiote de anéis de ferro que rebate as estocadas; I, 67.

---

52 Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono e sem sentido;
E d'outros as entranhas palpitando,
Pálida a côr, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exército nefando,
Correm rios do sangue desparzido,
Com que também do campo a côr se perde,
Tornado carmesi de branco e verde.

Pelo campo vão saltando cabeças, braços e pernas, sem sentido (1) *e sem dono* (2), dalguns combatentes; *e* vão *palpitando as entranhas doutros*, que tem *amortecido o gesto* [= *rosto*] e *pálida a côr*. *O nefando* (3) *exército* dos mouros *já perde o campo* (4); *correm rios de sangue desparzido* (5), *com que também se perde* (6) *a côr do campo* (7), *tornado, de branco e verde*, que era, *em carmesim* (8).

(1) Sem vida. (2) Sem tronco. (3) Abominável. (4) Perde terreno, recua. (5) Derramado. (6) É perdida. (7) O torrão cultivado era verde, onde a vegetação era virente, ou branco, onde já só havia restevas; tornara-se vermelho, tinto em sangue; note-se a hipérbole e a paronomásia na repetição da palavra «campo» com diferentes significações: no 1.º verso, o arraial; no 5.º, «o terreno que pisam»; no 7.º, a «terra cultivada». (8) Vermelho [fig.] por semelhança entre a côr do sangue e a da «púrpura», cuja côr também se chamava carmim [cfr. roxo, púrpura, *passim*].

---

53 Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os trofeos e presa rica;
Desbaratado e roto o Mouro hispano,
Três dias o gram rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta victória certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em sinal d'estes cinco reis vencidos.

O rei *lusitano já* (1) *fica vencedor, recolhendo os troféus* (2), *e presa* (3) *rica.* Estando *desbaratado e roto* (4) *o* exército *mauro-hispano* (5), *fica o grande rei,* por *três dias, no campo;* e, *aqui,* [*neste campo*] *pinta no branco e ufano* (6) *escudo* (7) — *que certifica esta vitória agora* (8) — *cinco esclarecidos* (9) *escudos azuis, em sinal dêstes cinco reis vencidos.*

(1) Em pouco tempo; note-se a paronomásia: o verbo «ficar» repetido no verso 4 mas com diversa significação. (2) Bandeiras e armas do inimigo; I, 25. (3) Outros despojos da batalha, os mantimentos, munições, objectos de uso pessoal dos combatentes, etc. (4) Desfeito; o mesmo que desbaratado [sinonimia]. (5) «Mauro» ou mouro, por ser oriundo da Mauritânia; «hispano» ou hispânico, porque os cinco reis dominavam na Hispânia ou península hispânica; I, 31. (6) Glorioso. (7) As armas do condado [I, 7] eram um escudo com cruz azul em fundo branco; «aqui pinta» [linguagem figurada]: em memória dessa vitória mandou pintar os emblemas que se descrevem na estância seguinte. (8) Que é, presentemente, o documento desta vitória [metonimia] — o rei mandou pintar no escudo o emblema que dá lembrança dessa vitória. (9) Gloriosos.

Era costume, depois de uma peleja, ficar o vencedor no campo durante três dias, como que para demonstrar que ficava senhor do terreno; IV, 45.

54 E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, por que Deus fôra vendido,
Escrevendo a memória (em vária tinta)
D'aquelle de quem foi favorecido:
Em cada um dos cinco, cinco pinta,
Porque assi fica o número comprido,
Contando duas vezes o do meio,
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.

E, nestes cinco escudos, pinta os trinta dinheiros (1), *por que Deus fôra vendido, escrevendo* assim *em vária* [= *diversa*] *tinta, a memória* de Jesus Cristo — *a de Aquele, de quem* [= *por quem*] *foi favorecido* (2). *Em cada um dos cinco* escudos *pinta cinco* dinheiros; *porque assim fica cumprido* [= *completo*] *o número* dos trinta, *contando duas vezes o do meio dos cinco* escudos *azuis, que veio pintando* (3) *em cruz.*

(1) Os trinta-dinheiros [espécie de moeda assim chamada] pelos quais Judas vendeu Cristo. (2) Cfr. 45 e 46 [o milagre]. (3) Fig., que mandou pintar.
O brasão tinha sôbre fundo branco a cruz azul [III, 53]; agora tinha cinco escudos e, sôbre cada um déstes, os «cinco dinheiros», estes em «diversa tinta» [diferente côr].

---

55 Passado já algum tempo, que passada
Era esta gram victória, o rei sobido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fôra, mui pouco havia, do vencido.
Com esta a forte Arronches sojugada
Foi juntamente, e o sempre ennobrecido
Scalabicastro, cujo campo ameno
Tu, claro Tejo, regas tam sereno.

Passado (1) *já algum tempo*, depois *que era passada* (2) *esta grande vitória, vai o subido* [*nobre*] *rei a tomar* (3) *Leiria, que, mui pouco* tempo antes *havia, fôra tomada do* [= *pelo*] *vencido* rei Ismar. (4) *Juntamente com esta* cidade de Leiria [*ao mesmo tempo*], *foi subjugada a forte Arronches* (5) *e o sempre ennobrecido Scalabicastro* (6), *cujo ameno campo, tu* (7), *claro Tejo, regas tam sereno* [= *serenamente*].

(1) Decorrido. (2) Realizada; note-se a paronomásia: repetição do vocábulo com significação diversa; note-se o particípio concordando, como adjectivo, com «vitória»; e o emprêgo do verbo «ser» em vez do verbo «ter»; uso ainda hoje popular. (3) Vai conquistar, ocupar; caiu em desuso o emprêgo da preposição em frases semelhantes: note-se a repetição propositada da palavra [anáfora]. (4) Um dos cinco reis mouros; III, 44. (5) Vila do Alentejo. (6) Nome antigo de Santarém. (7) Note-se a apóstrofe.

---

56 A estas nobres villas sometidas
Ajunta também Mafra em pouco espaço,
E nas serras da Lũa conhecidas
Sojuga a fria Sintra o duro braço;
Sintra, onde as Naiades escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas águas acendendo fogo ardente.

A estas nobres vilas, submetidas por Afonso Henriques, *junta* êle *também Mafra* (1) *em pouco espaço* de tempo; *e* estando *nas conhecidas serras da Lua* (2), *o duro braço* (3) do rei *subjuga a fria Sin-*

tra (4) —, aquela *Sintra*, *onde as Náiades* (5), *escondidas nas fontes* (6), *vão fugindo ao* [*fogem do*] *doce laço* (7), *onde* [*no qual*] o *Amor* (8) *as enreda brandamente, acendendo ardente fogo nas águas.*

(1) Vila pouco distante de Lisboa [cêrca de 40 quilómetros]. (2) A serra de Sintra, nos remotos tempos da antiga Lusitânia, denominava-se «Monte da Lua», o qual foi identificado depois com o promontório do Cabo da Roca, e tivera aquela denominação por haver, nas faldas dêsse monte, um templo consagrado ao Sol e à Lua. (3) «O rijo braço»: fig., a intrepidez. (4) Vila próximo de Lisboa [cêrca de 30 quilómetros]. (5) Divindades fabulosas que residiam nas fontes e nos rios. (6) Os sítios onde nascem as águas. (7) A armadilha em que se apanha caça. (8) O deus fabuloso, Cupido.

Observe-se, no estilo, o contraste — «fria» Sintra, e «fogo ardente», o do amor dos Faunos perseguindo as Naiades nos bosques.

---

57 E tu nobre Lixboa, que no mundo
Fácilmente das outras és princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardânia acesa;
Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste á fôrça portuguesa,
Ajudada também da forte armada,
Que das boreais partes foi mandada.

E tu (1), *nobre Lisboa, que, no mundo, és fácilmente princesa das outras* cidades; tu, *que foste edificada do* [= *pelo*] *facundo* Ulisses (2), *por cujo engano* [= *por cilada do qual*] *foi Dardânia* (3) *acesa* [= *incendiada*]; *tu, a quem o profundo mar obedece* (4), *obedeceste à fôrça portuguesa, ajudada*

também da [= *pela*] *forte armada* [= *esquadra*] *que foi mandada das* [= *pelas*] *partes boreais* [= *países do norte*] (5).

(1) Note-se a apóstrofe e a anáfora. (2) Segundo a lenda foi fundador de Lisboa, o herói da Odissea de Homero. (3) Nome com que se designava Tróia, — por ter sido Dárdano um dos seus reis —, cidade situada na Ásia Menor, próximo de Helesponto [hoje Dardanelos], e que foi totalmente destruída pelos gregos em conseqüência da cilada de Ulisses. (4) Prosopopeia; I, 3 [Neptuno obedece]. (5) Cruzados vindos da Alemanha e da Gran-Bretanha, como se lê na estância seguinte.

O epíteto de «facundo», já aplicado a Ulisses [II, 45], lembra o seu talento da palavra, acompanhado da proverbial astúcia, para alcançar os seus fins; podendo servir de exemplo os meios empregados para descobrir Aquiles, quando êste andava disfarçado entre as filhas do rei de Licomede, e para induzi-lo a tomar parte no cêrco de Tróia.

A lenda de ter sido «Lisboa» edificada por Ulisses provêm da parecença dêste nome com o antigo, que tinha, de «Olisiponem», na antiga Lusitânia, e que os romanos chamaram *Felicitas Julia*.

---

58 Lá do germânico Albis, e do Reno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo sarraceno,
Muitos com tenção sancta eram partidos.
Entrando a bôca já do Tejo ameno,
Co arraial do grande Affonso unidos,
Cuja alta fama antão subia aos ceos,
Foi pôsto cêrco aos muros ulysseos.

Muitos estrangeiros, *conduzidos* em navios vindos *lá do germânico Albis* (1), *e do Reno e da fria Bretanha* (2) *a* [*para virem*] *destruir o povo sarra-*

ceno (3), *eram partidos* [= *tinham partido*] para Lisboa *com santa tenção* (4). *Entrando êles a bôca* (5) *do ameno Tejo*, e sendo *unidos* (6) [= *e tendo-se unido*] *com o arraial* (7) *do grande Afonso, cuja alta* (8) *fama subia então aos céus* (9), *foi pôsto o cêrco aos muros ulisseus* (10).

(1) Nome antigo do rio Elba, que atravessa parte da Alemanha e desagua no Mar do Norte pelo pôrto de Hamburgo. (2) Gran-Bretanha, que nos antigos tempos se denominava simplesmente Bretanha. (3) Muçulmano [cfr. III, 23]. (4) Para o fim de propagação da fé. (5) Foz, barra. (6) Cfr. I, 104 e *passim*, sôbre o emprêgo dos participios como adjectivos, e concordância com os verbos «ser» e «ter». (7) Fig., exército. (8) Imensa. (9) Hipérbole. (10) Os muros de Lisboa, assim chamados pelo Poeta, — reminiscência da lenda que dá Ulisses por fundador desta cidade.

---

59 Cinco vezes a lũa se escondera,
E outras tantas mostrara cheio o rosto,
Quando a cidade entrada se rendera
Ao duro cêrco que lhe estava pôsto.
Foi a batalha tam sanguina e fera,
Quanto obrigava o firme prosuposto
De vencedores ásperos e ousados,
E de vencidos, já desesperados.

Escondera-se a luà cinco vezes, e mostrara, outras tantas vezes, *o rosto cheio, quando a cidade, entrada* pelos sitiantes, *se rendera* [*rendeu*] *ao duro cêrco que lhe estava pôsto.* (1) *A batalha foi tam sangùinea e* tam *fera* (2), *quanto* a isso *obrigava o firme pressuposto* [= *propósito, resolução*] *de vencedores* (3) *ásperos* (4) *e ousados*, como eram os si-

tiantes, e quanto a isso obrigava o pressuposto *de vencidos* (5) *já desesperados*, como estavam os mouros.

(1) Perífrase, para dizer que o cêrco durou cinco meses. (2) Sangrenta e cruel. (3) Gente habituada a vencer. (4) Enérgicos. (5) Gente que nas últimas batalhas com os portugueses tinha sempre o receio de ficar vencida.

---

60 D'esta arte, em fim, tomada se rendeu
Aquella, que nos tempos já passados
Á grande fôrça nunca obedeceu
Dos frios povos scíticos ousados,
Cujo poder a tanto se estendeu,
Que o Ibero o viu e o Tejo, amedrontados;
E em fim co Bétis tanto alguns poderam,
Que á terra de Vandália nome deram.

Rendeu-se emfim, tomada desta arte, aquela cidade *que, nos já passados tempos, nunca obedeceu à fôrça dos frios* e *ousados povos scíticos* [= *vândalos*] (1) *cujo poder se estendeu a tantos* territórios, *que o* rio *Ibero* (2) *viu-o* (3) [= *viu êsse poder*] *e o Tejo* também, ficando ambos *amedrontados; e emfim alguns* vândalos *puderam tanto com o* rio *Bétis* (4) [*exerceram aí tal domínio...*] *que à terra* atravessada por êsse rio *deram o nome de Vandália* (5).

(1) A cidade rendeu-se em 29 de outubro de 1147. Estava ocupada, desde 714, pelos mouros que, aos bárbaros do norte, haviam resistido sempre. (2) Nome antigo do rio Ebro, que atravessa Aragão e Catalunha. (3) Note-se a prosopopeia e a alegoria: os povos que habitavam nas margens do

Ibero e do Tejo padeceram com a invasão dos vândalos; Lisboa considerava-se inexpugnável, resistira-lhes. (4) Nome antigo do Guadalquivir, que atravessa a Andaluzia. (5) Antigo nome da Andaluzia [Vandalucia].

---

61 Que cidade tam forte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não póde resistir à fôrça dura
Da gente cuja fama tanto voa?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Óbidos, Alanquer, por onde soa
O tom das frescas águas entre as pedras
Que murmurando lava, e Tôrres Vedras.

Se Lisboa não póde resistir à dura fôrça da gente portuguesa, *cuja fama tanto voa, ¿que cidade haverá* em Portugal *porventura tam forte, que resista* a essa gente (1)? *Já lhe* (2) *obedece todo a Estremadura, Óbidos* e *Alenquer — por onde soa o tom das frescas águas que, murmurando entre as pedras,* as *lavam — e Tôrres Vedras.*

(1) A conquista de Lisboa teve como conseqüência a sujeição de muitas vilas da Estremadura e Alentejo, além das que menciona o Poeta nesta estância e seguintes. (2) O pronome refere-se à «gente portuguesa».

---

62 E vós também, ó terras transtaganas,
Affamadas co dom da flava Ceres,
Obedeceis ás fôrças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros e os poderes.
E tu, lavrador mouro, que te enganas,
Se sustentar a fértil terra queres!
Que Elvas e Moura e Serpa conhecidas,
E Alcáçare do Sal estão rendidas.

E vós — ó povos muçulmanos das *terras transtaganas* (1), *afamadas com* o *dom* (2) *da flava* (3) *Ceres* (4) — *também obedeceis às fôrças mais que humanas* (5) de Afonso Henriques, *entregando-lhes os muros e os poderes* (6); *e* também lhes obedeces *tu, lavrador mouro, que te enganas* [= *que te iludes*] *se queres sustentar* (7) *a fértil terra* do Alentejo; *que* [= *porque*] *Elvas, e Moura e Serpa* — *conhecidas* povoações — *e Alcácer do Sal, estão rendidas* aos portugueses.

(1) Alentejanas [«trans», para lá; «Tagus», Tejo]. (2) Singular pelo plural; os dons, as dádivas; a preposição «com» indicando causa; afamadas pela fertilidade. (3) Loura. (4) Nome da deusa da agricultura [mit.]; pela perífrase «os dons, etc.» entende-se «o trigo e outros cereais» que davam fama ao Alentejo pela grande e boa produção. (5) Hipérbole; valente exército. Cfr. I, 1: «mais do que prometia a fôrça humana»; note-se a palavra «fôrças» com a significação de «vigor» [literal] e de «exército» [figurada]. (6) As fôrças militares, o poder da autoridade. (7) Se tens a pretensão de continuar a cultivar; ou, se tens a pretensão de conservar em teu poder a terra para cultivá-la.

63 Eis a nobre cidade, certo assento
Do rebelde Sertório antigamente,
Onde ora as águas nítidas de argento
Vem sostentar de longe a terra e a gente
Pelos arcos reaes, que cento e cento
Nos ares se alevantam nobremente,
Obedeceu, por meio e ousadia
De Giraldo que medos não temia.

Eis a nobre cidade de Évora (1), *que foi antigamente certo assento* (2) *do rebelde Sertório* (3), — cidade, *onde ora* [= *agora*] *as nítidas* (4) *águas de argento* (5) *vem de longe, pelos arcos riais que, cento e cento* [= *aos centos*], *se levantam nobremente nos ares* (6) *para sustentar a terra e a gente*; — essa cidade *obedeceu* também a Afonso Henriques *por meio* [= *por plano*] *e* por *ousadia de Giraldo* (7) *que não temia medos* (8).

(1) Cidade de notórias belezas. (2) Sabida, conhecida morada. (3) General romano, que se rebelou contra o ditador Sila, e, tomando o partido de Mário, veio à Lusitânia, quando era colónia romana, e venceu aí diversos generais que eram dedicados a Sila [46 A. C.]. (4) Límpida. (5) De prata; cfr. I, 18, 58 e *passim*. (6) Perífrase, aludindo ao aqueduto de Évora, cuja arcaria conduz água para alimentação dos habitantes da cidade, e que foi construído no tempo de D. João III. (7) Denominado «Geraldo sem pavor» [episódio referido em VIII, 21] a quem Afonso Henriques deveu o conquistar Évora. (8) Não temia cousas que fizessem médo aos outros; «medos» = palavras ou cousas que causam pavor; neste sentido se usava o vocábulo «médo» em tempos antigos e em frases semelhantes: «dizer medos», «afrontar medos».

64 Já na cidade Beja vai tomar
Vingança (de Trancoso destruída)
Affonso que não sabe sossegar,
Por estender co'a fama a curta vida;
Não se lhe pode muito sostentar
A cidade; mas sendo já rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.

Afonso—que não sabe sossegar (1) *por* [= *para*] *estender* (2), *com a fama, a* sua *curta vida—vai já* [*foi em seguida*] *tomar, na cidade de Beja, vingança* do caso *de Trancoso,* vila que fôra *destruída* pelos mouros (3). *A cidade não se lhe póde sustentar* [= *não lhe póde resistir*] *muito* tempo; *mas, sendo já rendida* (4), *a irada gente vencedora vai* [*andou*] *provando os fios da dura* (5) *espada em toda a cousa viva.*

(1) Que está sempre inquieto. (2) Dilatar, tornar mais extensa a sua fama, e ao mesmo tempo tornando mais útil a sua vida e mais perdurável a memória dela. (3) Emquanto os portugueses estavam cercando Beja, foi a vila de Trancoso arrasada pelos mouros. (4) Já depois de rendida, de entrarem nela os vencedores. (5) Cruel.

---

65 Com estas sujúgada foi Palmella
E a piscosa Cizimbra, e juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrêlla,
Desbarata um exército potente.
Sentiu-o a villa, e viu-o o senhor d'ella,
Que a soccorrê-la vinha diligente
Pela fralda da serra, descuidado
Do temeroso encontro inopinado.

Com estas cidades [= *além destas*] *foi subjugada* a vila de *Palmela*, *e a piscosa* povoação de *Cezimbra; e juntamente* [= *ao mesmo tempo?*] Afonso — *sendo mais ajudado* [= *novamente ajudado*] *de sua estrêla* [= *pela sua sorte*] — *desbarata um potente exército* sarraceno. *Sentiu-o a* gente da *vila* de Palmela; [*sentiu, sofreu* o *desbarato*], *e viu-o* [*viu a derrota*] também, o *senhor dela* [*que era o rei de Badajoz*], *que* [*o qual*] *diligente vinha, pela falda da serra, a* [= *para*] *socorrê-la* [*à vila de Palmela*], *descuidado do* [*não precavido contra o*] *inopinado* e *temeroso encontro* dos portugueses.

«Piscosa», abundante de pescarias; uma edição de 1584 considerava o vocábulo derivado de «piscos», por isso, ficou sendo chamada «edição dos piscos»,

---

66 O rei de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil cavallos furiosos,
Innúmeros piões, d'armas e de ouro
Guarnecidos, guerreiros e lustrosos.
Mas qual no mês de Maio o bravo touro,
Cos ciumes da vaca, arreceosos,
Sentindo gente, o bruto e cego amante,
Saltea o descuidado caminhante:

O senhor de Palmela, *rei de Badajoz, alto* [= *nobre*] *mouro, era* [= *estava*] *com quatro mil furiosos cavalos, e peões inúmeros* — *guarnecidos de armas e de ouro* —, *guerreiros e lustrosos* (1). *Mas, qual* [= *da mesma maneira que*] *o bravo touro*, — estando, *no mês de Maio, com os receosos* (2) *ciumes da vaca*, e *sentindo gente o bruto e cego aman-*

te, — *salteia* (3) *os descuidados caminhantes*: [«*desta arte*» de igual maneira — na estância seguinte].

(1) Aguerridos e de brilhante vestuário. (2) Desconfiados [no texto «arreceosos» arcaico, mas ainda popular]. (3) Acomete.

---

67 D'esta arte Affonso, súbito mostrado,
Na gente dá, que passa bem segura;
Fere, mata, derriba denodado;
Foge o rei mouro, e só da vida cura.
D'um pânico terror todo assombrado,
Só de segui-lo o exército procura;
Sendo estes, que fizeram tanto abalo,
Nomais que só sessenta de cavallo,

Desta arte [*de igual maneira*] *Afonso, mostrado súbito* (1), *dá na gente* (2) sarracena (3), *que passa bem* [= *muito*] *segura; denodado* [*intrépido*], o rei português *derriba*-a; *fere*-a, *mata*-a; *o rei mouro foge, e só cura* (4) *da vida; o exército* mulçumano, *todo assombrado dum terror pânico* (5), *só procura de* (6) *segui-lo* na fuga, ao seu rei; *sendo* [= *foram*] *estes* portugueses, *que tanto abalo fizeram* nas hostes inimigas, *não mais* (7) *que sessenta* soldados *de cavalo*, *só* sessenta.

(1) Aparecido, aparecendo repentinamente. (2) Acomete-a com ímpeto; «dar em» com a significação de «bater», «espancar». (3) Muçulmana. (4) Só cuida em salvar a vida. (5) Imaginário, infundado. (6) A preposição entre os dois verbos, indicando ter o primeiro a função de auxiliar [forma

antiquada]; cfr. I, 16, 54, 80 e *passim*. (7) No texto: «no», forma tradicional [e popular em algumas expressões] de «não» [pronunciando «nu»: no quero, no posso].

---

68 Logo segue a victória sem tardança
O gram rei incansábil, ajuntando
Gentes de todo o reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando.
Cercar vai Badajoz, e logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esfôrço e arte e valentia,
Que a faz fazer ás outras companhia.

O grande rei incansável segue (1) *logo a vitória sem tardança, ajuntando gentes de todo o reino*, gentes *cuja usança* (2) *era andar sempre conquistando terras* (3). *Vai cercar Badajoz, e alcança logo o fim do seu desejo* (4), *pelejando com tanto esfôrço*, e tanta *arte e* tanta *valentia, que*, a essa cidade, *a faz* [*obriga a*] *fazer companhia às outras* cidades já conquistadas.

(1) Continua; deve entender-se: «logo em seguida a esta vitória, Afonso Henriques reúniu as milícias de todo o reino». (2) Meio habitual de vida. (3) Perífrase, nos versos 3 e 4, para designar as tropas milicianas. (4) Enche a medida dos seus desejos; II, 4.

---

69 Mas o alto Deus, que pera longe guarda
O castigo d'aquelle que o merece,
(Ou pera que se emende ás vezes tarda,
Ou por segredos que o homem não conhece).
Se até 'qui sempre o forte rei resguarda
Dos perigos a que elle se offerece,
Agora lhe não deixa ter defesa
Da maldição da mãi que estava presa;

Mas o alto (1) *Deus, que guarda para longe* (2) *o castigo daquele* homem culpado *que o merece,*— *tarda às vezes* em aplicar o castigo, *ou para que o* culpado *se emende, ou por segredos* (3) *que o homem não conhece;*—Deus, *se sempre, até aqui* (4) *resguarda dos perigos o forte rei*—perigos *a que êle se oferece* (5),—*agora não lhe deixa ter defesa* (6) *da maldição da mãe que estava presa.*

(1) Sumamente poderoso. (2) Reserva para daí a muito tempo. (3) Por motivos secretos para o homem, que só a Providência conhece. (4) Em todas as batalhas sucedidas antes da tomada de Badajoz, e do cêrco feito pelos leoneses e referido na estância seguinte. (5) Expõe. (6) Deus não permite a Afonso Henriques defender-se da maldição que, tempo antes, lhe dera a mãe; III, 33.

---

70 Que, estando na cidade que cercara,
Cercado nella foi dos Lioneses,
Porque a conquista d'ella lhe tomara,
De Lião sendo, e não dos Portugueses.
A pertinácia aqui lhe custa cara,
Assi como acontece muitas vezes;
Que em ferros quebra as pernas, indo aceso
Á batalha, onde foi vencido e preso.

O caso foi *que* Afonso, *estando na cidade de* Badajoz — naquela cidade, *que* pouco tempo antes *cercara* — *foi nela cercado dos* [= *pelos*] *leoneses* (1); *porque* êle *tomara-lhes a conquista dela*, *sendo* Badajoz uma cidade do reino *de Leão*, *e não dos portugueses*. *Aqui*, *a pertinácia custou-lhe cara*, a Afonso — *assim como acontece muitas vezes* — *que* [= *pois*] *quebrou as pernas em ferros* (2), *indo aceso* (3) *à batalha*, *onde foi vencido e preso.*

(1) Foi cercado por D. Fernando, rei de Leão, primo de Afonso Henriques. (2) Na precipitação com que saía de Badajoz foi arremessado, pelo cavalo que montava, contra o ferrolho duma porta e caiu na estrada, e com a perna partida; e foi dêsse modo que Afonso Henriques ficou prisioneiro. (3) Arrebatado.

---

71 Ó famoso Pompeio, não te pene
De teus feitos illustres a ruína!
Nem ver que a justa Némesis ordene
Ter teu sogro de ti victória dina,
Pôsto que o frio Fásis, ou Syene,
Que pera nenhum cabo a sombra inclina,
O Bootes gelado e a linha ardente,
Temessem o teu nome geralmente;

Ó famoso Pompeu (1), *não te pene* (2) *a ruína* (3) *de teus ilustres feitos* (4)! *nem* te pene o *ver que a justa Némesis*, [*a deusa da vingança*], *ordene ter* César, *teu sogro*, *indigna* [= *feia*] *vitória de ti* [= *contra ti*], *pôsto que*, *geralmente*, *o teu nome temessem*: — as regiões que o *frio Fásis* (5) atraves-

sa; [= *e*] a cidade de *Siene* (6) — *que* está na região equatorial onde *para nenhum cabo* [= *lado*] se *inclina a sombra;* e as terras do *gelado Bootes* (7) *e* as terras *por onde passa a linha ardente* do Equador.

(1) A interrupção do discurso com esta apóstrofe a Pompeu ocupa ainda as duas estâncias seguintes. Cneio Pompeu, o general e cônsul romano, que se tornou distinto como vencedor em várias guerras, na África, Ásia e Europa, sendo temido em todo o mundo; rival de Júlio César, seu sogro, por ordem dêste foi assassinado no Egipto [106-48 A. C.]. (2) Não estejas pesaroso [porque Afonso Henriques sendo mais poderoso, [hipérbole], também padeceu derrota]. (3) A perda da felicidade que te haviam dado os teus actos. (4) Acções heróicas. (5) Hoje, Rioni: nasce no Cáucaso e desagua no Ponto Euxino [Mar Negro]. (6) Cidade egípcia na Etiópia, hoje Assuah. (7) Nome astronómico da estrêla boieira ou estrêla de alva, próximo da Ursa Maior, significando aqui [fig.] as terras do Norte.

Nos últimos 4 versos assinalam-se, por indicações astronómicas, as regiões em que Pompeu alcançou vitória—no Sul, no Norte e no Equador onde a luz perpendicular do Sol não produz sombra.

---

72 Pôsto que a rica Arábia e que os feroces,
Heniocos e Colcos, cuja fama
O veo dourado estende, e os Capadoces
E Judea, que um Deus adora e ama,
E que os molles Sofenes e os atroces
Cilícios, com a Arménia que derrama
As águas dos dous rios, cuja fonte
Está noutro mais alto e sancto monte;

Não te pene a tua ruína, Pompeu, *pôsto que a rica Arábia* (1), *e que os ferozes heniocos* (2), *e os*

colcos (3) *cuja fama o véu* (4) *dourado* (5) *estende* [= *dilata*], já te vissem vencedor; *e, que* também te vissem vencedor *os capadócios* (6) *e a Judea* (7) *que adora e ama um* só *Deus; e* pôsto *que* já te vissem vencedor *os moles sofenes* (8), *e os atrozes cilícios* (9), *com* [= *e também*] *a Arménia* (10) *que derrama as águas dos dois rios* (11) *cuja fonte* [= *nascente*] *está noutro monte mais alto, e* que é chamado *santo* [o *Ararat*].

(1) Vasta região da Ásia. (2) Povos da Rússia asiática. (3) Os habitantes de Cólquida, região da Ásia, célebre pela fábula do velocino de ouro. (4) Velo, velocino, tosão. (5) «Dourado»—de ouro [sinédoque.] (6) Habitantes da Capadócia, antigo país da Ásia conquistado pelos romanos. (7) Região da Ásia Menor, em que está Jerusalém, a cidade santa. (8) Os habitantes de Sofene [Arménia]; «moles» [fracos] em contraposição a «atrozes», os cilícios. (9) Habitantes da Cilícia, antigo país da Ásia Menor [Pequena Arménia], que foi fundado, no tempo dos cruzados, por emigrados da Cilícia. (10) Região da Ásia ocidental, outrora independente, e que está hoje dividida pela Turquia, Rússia e Pérsia. (11) São estes dois rios: o Araxe e o Cur [Tigre e Eufrates] que nascem no monte Ararat [onde, segundo a Biblia, pousou a arca de Noé, e atravessando a Arménia, aí se juntam, indo desaguar no mar Cáspio]. Na referência à Cólquida, rememora-se a guerra de Pompeu contra Mitrídates, rei do Ponto [63 A. C.]. Argonautas, I, 18; IV, 83, 85; V, 28, 87; IX, 64.

---

73 E pôsto em fim que desd'o mar de Atlante
Até o scítico Tauro, monte erguido,
Já vencedor te vissem, não te espante
Se o campo Emáthio só te viu vencido;
Porque Affonso verás soberbo e ovante,
Tudo render e ser depois rendido:
Assi o quis o conselho alto celeste,
Que vença o sogro a ti, e o genro a êste.

E não te pene emfim, Pompeu, a tua ruína, *pôsto que emfim já te vissem vencedor* as regiões *que desde o mar de Atlante* (1) vão *até o scítico Tauro* (2), êsse *erguido* [= *alto*] *monte; se o campo Emátio* (3), — *e só* êsse — *te viu vencido, não te espante* isso: *porque verás* o *soberbo* [= *excelente*] *e ovante* [= *vitorioso*] *Afonso, tudo render* [= *vencer*], *e ser depois rendido* [= *vencido*]; — *assim o quis o alto conselho celeste* (4); quis que César *o* teu *sogro* te *vencesse a ti, e* que Fernando, *o genro* de Afonso, vencesse *a êste.*

(1) Entenda-se «Atlas» — o gigante da fábula, que foi convertido na alta montanha de África, de igual nome, e que foi condenado a ter o mundo ás costas; não é bem montanha, mas extensa cordilheira que atravessa Argel, Tunísia e Marrocos; Atlante é a flexão latina do acusativo de Atlas; o mar que se avista dessa montanha pode ser o Atlântico ou o Mediterrâneo, portanto «o mar de Atlante» tem aqui a significação [fig.] de Mauritânia. (2) Êste nome é da cordilheira entre a Sicília e a Capadócia [III, 72]; chamada aqui scítica, porque os aborígenes eram scitas [povos nómadas do nordeste da Europa e noroeste da Ásia]. (3) As terras de Emátia [Tessália] em que Pompeu foi suplantado por Júlio César, seu sogro. (4) Providência [fig.]. Cfr. «Atlante», I, 20; III, 77; X, 156.

---

74 Tornado o rei sublime finalmente
Do divino juízo castigado,
Despois que em Santarém soberbamente
Em vão dos Sarracenos foi cercado;
E despois que do mártyre Vicente
O sanctíssimo corpo venerado
Do sacro promontório conhecido
A cidade ulyssea foi trazido,

Tendo *finalmente tornado* (1) [= *regressado*] de Badajoz *o sublime* [= *digno*] *rei* Afonso, já *castigado do* [= *pelo*] *divino Juízo* (2): depois disso, e *depois que, em Santarêm, foi cercado* (3) *soberbamente* (4) *dos* [= *pelos*] *sarracenos* — mas, *em vão* —; *e depois que o venerado e santíssimo corpo do mártir Vicente* (5) *foi trazido do conhecido sacro promontório à cidade ulissea* (6), [*conclui-se a oração na estância seguinte: o lasso* e *velho rei mandou*. . .].

(1) Foi em 1169 que Fernando de Leão pôs cêrco ao acampamento do sogro em Badajoz, e que o fez prisioneiro, dando-lhe, dois meses depois, a liberdade, e consentindo que voltasse a Portugal, sob a condição de Afonso Henriques lhe entregar as cidades de Galiza e as da margem do Guadiana. (2) Castigado pela Providência; cfr. III, 33 e 69. (3) Cêrco pôsto por Iuçuf, califa almoade, o Mir-almominim [que foi obrigado a retirar, e depois do qual cêrco houve trégua de sete anos com os mouros]. (4) Com poderoso exército. (5) Um dos mártires da perseguição ordenada por Diocleciano em 284 e cujo corpo estando no promontório ou cabo, que, por êsse motivo, se denominava sacro, e que tem hoje o nome de Cabo de S. Vicente, foi trazido para Lisboa, no tempo de Afonso Henriques. (6) A cidade de Lisboa [«ulissea» é adjectivo patronímico de Ulisses, seu lendário fundador nos tempos fabulosos da Grécia antiga] tem por brasão uma caravela e dois corvos, rememorando a lenda de que essas duas aves haviam sido guardas das relíquias de S. Vicente, e guardas tam fiéis que vieram pousadas na própria embarcação que trazia o corpo do Santo.

---

75 Porque levasse avante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que ás terras se passasse d'Alemtejo,
Com gente, e co belígero aparelho.
Sancho, d'esfôrço e d'ânimo sobejo,
Avante passa, e faz correr vermelho
O rio que Sevilha vai regando,
Co sangue mauro, bárbaro e nefando.

O velho e *lasso* [= *cansado*] rei Afonso — *porque levasse* [= *para levar*] *avante* o *seu desejo* — *manda* [*ordenou ao* seu *forte filho*, D. Sancho, *que se passasse às terras do Alentejo com gente* de armas *e com beligero aparelho* [= *trem militar*]. *Sancho*, que era varão *de sobejo esfôrço* (1) *e de* sobejo *ânimo, passa avante*, entra pela Andaluzia (2), *e vai fazer correr vermelho — com o nefando* (3) *e bárbaro* (4) *sangue mauro — o rio* Guadalquivir (5), *que vai regando* (6) *Sevilha* (7).

(1) Estremado valor. (2) O rei D. Sancho, já em vida de Afonso Henriques, tinha o comando das hostes portuguesas; foi em 1176 que êle fez uma correria até a cidade de Sevilha, trazendo de lá grandes despojos. (3) Abominável. (4) Cruel. (5) Cfr. III, 19; rio em cuja margem esquerda está Sevilha e que desagua no Atlântico. (6) «Vai regando» = anda regando, rega constantemente. (7) Antiga capital da Andaluzia.

No verso 8 «sangue» tem a significação literal e a significação figurada — o sangue de gente perversa.

---

76 E com esta victória cobiçoso,
Já não descansa o môço, até que veja
Outro estrago, como êste temeroso,
No bárbaro que tem cercado Beja.
Não tarda muito o príncipe ditoso
Sem ver o fim d'aquillo que deseja.
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas põem sua esperança.

E o môço Sancho, ficando *com* (1) *esta vitória cobiçoso* de alcançar outras mais, *já não descansa*

até que veja outro estrago temeroso (2), *como êste, no bárbaro* (3) Iuçuf *que tinha cercado Beja. Não tarda muito o ditoso príncipe sem ver o fim daquilo que deseja. O* califa *mouro, assi estragado* (4) *põe, na vingança de tantas perdas* (5), a *sua esperança.*

(1) «Com» = em razão de. (2) Enorme derrota. (3) Cruel. (4) Derrotado. (5) Qual foi essa vingança vê-se nas estâncias seguintes.

---

77 Já se ajuntam do monte, a quem Medusa
O corpo fez perder que teve o ceo;
Já vem do promontório de Ampelusa,
E do Tinge, que assento foi de Anteo;
O morador de Abila não se escusa;
Que também com suas armas se moveu,
Ao som da mauritana e ronca tuba
Todo o reino que foi do nobre Juba.

Ajuntam-se já [= *em pouco tempo*] tropas vindas *do monte Atlas* (1) — nome do gigante da fábula, *a quem Medusa* (2) *fez perder o corpo* humano, convertendo-o naquela montanha, e gigante *que teve o céu* sôbre os ombros — ; *já vem* hostes *do promontório de Ampelusa* (3); *e* vem gente *do Tinge* (4) — a cidade *que foi assento* [= *morada*] *de Anteu* (5); — *o morador de Ábila* (6) *não se escusa* de acompanhar essas hostes; *que* [= *pois*], *ao som da ronca tuba mauritana, também todo o reino que foi do nobre Juba* (7) *se moveu com* as *suas armas* [= *seus exércitos*] para invadir a península.

(1) Cordilheira que atravessa Argel, Tunísia e Marrocos. (2) Monstro da fábula; tinha sido formosa mulher, mas ofen-

dendo Minerva, esta para castigo converteu-lhe os cabelos em serpentes, e deu-lhe aos olhos o condão de petrificar todos aqueles para quem olhasse. Morta por Perceu, êste, por desavença com Atlas, mostrou-lhe a cabeça do monstro e assim o converteu na montanha. (3) Nome antigo de Espartel. (4) Nome antigo de Tânger. (5) O fundador de Tinge. (6) Nome antigo de Ceuta. (7) Rei da Mauritânia. Cfr. «Medusa», v. 21; «Atlas», III, 73; «Ampelusa», x, 156; «Anteu», v, 4; VII, 24.

---

78 Entrava com toda esta companhia
O Mir-almominim em Portugal;
Treze Reis mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o ceptro imperial.
E assi fazendo quanto mal podia
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarém;
Porém não lhe soccede muito bem.

O Miramolim (1), *com* toda *esta companhia, entra em Portugal; leva* consigo *treze reis mouros de valia* [= *valorosos*], *entre os quais* êle *tem o sceptro imperial; e, assim* acompanhado, *fazendo quanto mal podia — o mal que* na sua passagem *podia fazer em partes* não defendidas — *vai cercar D. Sancho em Santarêm* (2); *porêm não lhe sucede muito bem* [= *não é muito feliz*].

(1) Título do imperador de Marrocos; de dois modos [«Mir-almuminim», e «Miramolim»] se encontra escrito êste nome em antigos tempos, e também «Emir-al-Almumenim». Êste era o califa almoade, de nome Iuçuf, e que vinha capitaneando os mouros de África. (2) O exército islamita cercou duas vezes Santarêm no ano de 1184 — em Maio e em Junho; no dia 4 de Julho D. Sancho derrotou o exército mauritano em grande batalha, na qual ficou mortalmente ferido o próprio Iuçuf.

79 Dá-lhe combates ásperos, fazendo
Ardis de guerra mil, o Mouro iroso:
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina secreta, aríete forçoso:
Porque o filho de Affonso, não perdendo
Nada do esfôrço e acôrdo generoso,
Tudo provê com ânimo e prudência;
Que em toda a parte há esfôrço e resistência.

O iroso (1) *mouro*, o Miramolim, *dá-lhe*, a D. Sancho, *ásperos* (2) *combates*, *fazendo mil ardis* (3) *de guerra; já lhe não aproveitam* (4), ao mouro nem *horrendos trabucos* (5), *nem secretas* (6) *minas*, nem *forçosos arietes* (7); *porque o filho de Afonso* Henriques — *não perdendo nada do* seu *esfôrço* (8), *e* nem do seu *generoso* (9) *acôrdo* (10) — *provê* (11) *tudo com prudência e ânimo; que* [= *pois*] *em toda a parte* das hostes portuguesas, *há esfôrço e resistência*.

(1) Irado, instigado pelo sentimento da vingança [cfr. III, 75]. (2) Renhidos. (3) Astúcias. (4) No texto, o singular pelo plural [sinédoque]: apesar do emprêgo de todos os meios usados na guerra, o exército mauritano não alcança vantagens sôbre o exército de D. Sancho. (5) Catapultas. (6) Escondidos debaixo do chão. (7) Máquinas de guerra: grande trave, tendo no tôpo um cepo semelhante a cabeça de carneiro [« aries »] e que, no impulso de vai-vem, se arremessava contra os portões e muralhas das fortalezas. (8) Não afrouxando na sua intrepidez. (9) Não doloso. (10) Perspicácia [de « acordar », estar acordado e atento com agudeza de vista e entendimento.] (11) A tudo acode, por tudo olha.

« Trabuco » [espanhol] = Catapulta [latim]: engenho de guerra destinado a arremessar projécteis.

80 Mas o velho, a quem tinham já obrigado
Os trabalhosos annos ao sossêgo,
Estando na cidade cujo prado
Enverdecem as águas do Mondego,
Sabendo como o filho está cercado,
Em Santarém, do mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade;
Que não perde a presteza co'a idade.

Mas o velho Afonso, — *a quem os trabalhosos anos tinham já obrigado ao sossêgo* — *estando na cidade cujos prados* adjacentes *enverdecem as águas do Mondego* (1); e *sabendo como* (2) *o filho está, em Santarêm, cercado do* [= *pelo*] *cego povo mauro* (3), *parte-se, diligente* (4), *da cidade; que* [= *pois*] *com a idade não perdera a presteza* (5).

(1) Perífrase de «Coimbra» nos versos 3 e 4; a verdura das margens reflecte-se na água do rio. (2) A maneira pela qual. (3) As obstinadas hostes mauritanas; o epíteto «cego» pode significar [fig.] «obstinado» ou ter a significação literal de «não verem a sua inferioridade de fôrça moral». (4) O adjectivo tomado adverbialmente: com diligência, apressadamente. (5) A lenda conta que Afonso Henriques assistiu a essa batalha de Santarém, um ano antes de falecer, tendo 90 anos [73 dizem outros, mas se êle nasceu em 1094, com se colige da Crónica e a batalha foi em 1184, devia o primeiro monarca português ter então 90 anos]; bastou constar nas fileiras mauritanas que havia chegado Afonso Henriques, para logo debandarem e fugirem.

81 E co'a famosa gente á guerra usada,
Vai socorrer o filho; e assi ajuntados,
A portuguesa fúria costumada
Em breve os Mouros tem desbaratados.
A campina, que toda está qualhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavallos, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos chea fica.

E, com a famosa (1) *gente portuguesa, usada* (2) *à guerra, vai* Afonso *socorrer o filho; e*, estando *assim ajuntados* os dois *a costumada fúria* (3) *portuguesa em breve desbaratou* (4) *os mouros. A campina* (5) — *que está toda coalhada* (6) *de marlotas* (7), de *variados capuzes*, de *cavalos*, de *jaezes* (8), e de *rica presa* (9) — *fica cheia de seus senhores* [= *donos*] *mortos*.

(1) Afamada. (2) Acostumada. (3) Intrepidez. (4) Note-se no texto: o pretérito perfeito composto em vez do tempo simples, e o adjectivo com função de participio. (5) Os campos adjacentes de Santarém. (6) Cheia [sinonimia]; expressão ainda hoje popular: «sitio coalhado de gente» — em que há muita gente reünida em espaço relativamente pequeno, semelhança do coalho de leite. (7) Capotes curtos com capuz, usados pelos mouros. (8) Arreios de cavalos. (9) Despojos.

---

82 Logo todo o restante se partiu
De Lusitânia, postos em fugida:
O Mir-almominim só não fogiu,
Porque antes de fogir lhe foge a vida.
A quem lhe esta victória permitiu,
Dão louvores e graça sem medida:
Que em casos tam estranhos, claramente
Mais peleja o favor de Deus, que a gente.

Todo o restante dos mouros *se partiu* (1) *de Lusitânia*, tendo sido todos êles *postos em fugida*; *só não fugiu o Miramolim* (2), *porque, antes de fugir, lhe fugiu a vida.* Os portugueses *dão louvores, e graças sem medida, a Quem lhes permitira* alcançar *esta vitória; que* [= *pois*], *em casos tam claramente* [= *evidentemente*] *estranhos* (3), *o favor de Deus peleja mais* (4) *do que a gente* (5).

(1) Partiu, ausentou-se de Portugal; a forma reflexa é antiquada; cfr. I, 41, 72 e *passim*. (2) Cfr. III, 78. (3) Extraordinários. (4) Permite mais vantagem na peleja àqueles a quem favorece. (5) «A gente» pode subentender-se «de armas», as fôrças militares; pode significar «nós, os homens»; neste sentido é esta expressão muito popular ainda hoje.

---

83 De tamanhas victórias triunfava
O velho Affonso, príncipe sobido,
Quando, quem tudo em fim vencendo andava,
Da larga e muita idade foi vencido.
A pálida doença lhe tocava
Com fria mão o côrpo enfraquecido;
E pagaram seus annos d'êste geito
Á triste Libitina seu dereito.

O velho Afonso Henriques, êsse *subido* (1) *príncipe* (2), *triunfava de tamanhas vitórias, quando quem* [= *êle que*] *andava vencendo tudo, foi emfim vencido da* [= *pela*] *larga e muita idade. A pálida doença tocava-lhe com fria mão o enfraquecido cor-*

po; e, dêste jeito [= *dêste modo*] os *seus anos pagaram* o *seu direito* [= *tributo*] *à triste Libitina* (3).

(1) Ennobrecido. (2) Em vez de rei [sinédoque]. (3) A deusa dos sepulcros [fábula]; toma-se [fig.] pela mesma Morte.

---

84 Os altos promontórios o choraram,
E dos rios as águas saùdosas,
Os semeados campos alagaram
Com lágrimas correndo piadosas.
Mas tanto pelo mundo se alargaram
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu reino chamarão,
«Affonso, Affonso» os eccos; mas em vão.

Os altos promontórios (1) *o choraram; e as águas dos rios, correndo, saùdosas, com piedosas lágrimas, alagaram os semeados campos; mas as suas valorosas obras alargaram-se tanto pelo mundo com a fama, que os ecos, no seu reino, chamarão sempre: Afonso! Afonso! — mas em vão!*

(1) Montes [fig.]; note-se a prosopopeia.

---

85 Sancho, forte mancebo, que ficara
Imitando seu pai na valentia,
E que em sua vida já se exprimentara,
Quando o Bétis de sangue se tingia
E o bárbaro poder desbaratara
Do ismaelita rei de Andaluzia;
E mais quando os que Beja em vão cercaram,
Os golpes de seu braço em si provaram,

Sancho, — forte mancebo, que ficara imitando seu pai na valentia; e que já em sua vida se experimentara (1), *quando o Bétis* (2) *se tingia de sangue, e* quando êle próprio *desbaratava o bárbaro poder* [= *exército*] *do rei ismaelita* (3) *da Andaluzia; e* que ainda *mais* se experimentara, *quando os* muçulmanos *que* em vão *cercaram Beja* (4), *provaram, em si* próprios *os golpes do seu braço . . .* [*Vem na estância seguinte o verbo da oração «tem cercado», cujo sujeito é «Sancho»*].

(1) Demonstrar a sua valentia. (2) O Guadalquivir, estância 75. (3) Iusuf; cfr. estância 75. (4) Cfr. estância 76.

---

86 Despois que foi por rei alevantado,
Havendo poucos annos que reinava,
A cidade de Silves tem cercado,
Cujos campos o bárbaro lavrava.
Foi das valentes gentes ajudado
Da germânica armada, que passava,
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judea já perdida.

*

Sancho, *depois que foi levantado por* [= *aclamado*] *rei, havendo poucos anos que reinava, tem cercada* (1) *a cidade de Silves* (2), *cujos campos lavravam os bárbaros* muçulmanos (3); para cercá-la *foi ajudado das* [= *pelas*] *valentes gentes da armada germânica, que passava* então pelas águas portuguesas *apercebida de gente e* de *fortes armas* (4) *a fim* de *recobrar* a *Judea* (5), *já* então *perdida* pelos cristãos.

(1) No texto encontra-se o particípio em vez do adjectivo. (2) Foi em 1188 que D. Sancho se apossou do Algarve — alguns navios que navegavam para a Palestina e iam conquistar Jerusalém foram compelidos, por uma tempestade, a arribar a Lisboa; e as fôrças que vinham nesses navios, desembarcando, foram ajudar D. Sancho a conquistar o Algarve. (3) O singular pelo plural. (4) Silves era a poderosa capital do Emirado de Chenchir fornecida de tropas e petrechos militares. (5) A Judea é uma parte da Palestina, mas geralmente designa êsse nome toda a Palestina; aqui [fig., sinédoque] significa Jerusalém, não como capital da Judea, mas como reino, que fôra criado por Godofredo Bouillon em 1099 e destruído em 1187 por Saladino, sultão do Egipto e da Síria, o chefe muçulmano da terceira cruzada.

Na presente estância e na imediata alude o Poeta à terceira cruzada, tendo-se já referido à primeira e segunda [III, 27, 58]. Em 1095, o Papa Urbano II convocara um Concílio, no qual se resolveu a primeira «cruzada», — composta de tropas cristãs de diferentes países da Europa contra os muçulmanos do Oriente, principalmente para lhes tirar a posse e domínio dos Lugares Santos da Palestina. «Cruzados» se denominavam os expedicionários, que traziam no vestuário uma cruz. Da primeira cruzada [1096] foram chefes Pedro Ermito e Godofredo Bulhão. Da segunda [1147] foram dirigentes Luis VII, Rei de França, e Conrado III, Imperador da Alemanha.

Sendo Guido [«Guy de Lusignan»] rei de Jerusalém, houve uma batalha próximo de Tiberiada [hoje «Tabarié»], antiga cidade da Palestina — entre cristãos e mouros, — estes comandados por Saladino venceram os cristãos, extenua-

dos pela sêde, em conseqüência de não haver água para beberem no sítio em que estavam combatendo.

Dêste modo o túmulo de Jesus Cristo tornou a ficar em poder dos muçulmanos, e para o reconquistar houve mais seis cruzadas: a terceira [1189] dirigida por Frederico Barba-Roxa [Imperador da Alemanha], Filipe Augusto [Rei de França] e Ricardo Coração de Leão [Rei de Inglaterra]; a quarta [1201], dirigida contra Constantinopla, e de que foram chefes Balduino [Conde de Flandres], Bonifácio [Marquês de Montferrat] e Enrique Dondolo [Doge de Veneza]; a quinta [1217], sendo chefes João de Briene [eleito rei de Jerusalém] e André II [Rei da Hungria]; a sexta [1229] dirigida por Frederico II [Imperador de Constantinopla]; a setima [1248] e a oitava e última [1270], ambas dirigidas por S. Luis, Rei de França, que faleceu em Túnis.

---

87 Passam a ajudar na sancta emprêsa
O roxo Frederico, que moveu
O poderoso exército em defesa
Da cidade onde Christo padeceu.
Quando Guido, co'a gente em sêde acesa,
Ao grande Saladino se rendeu,
No lugar onde aos Mouros sobejavam
As águas, que os de Guido desejavam.

Passavam êsses navios germânicos por Lisboa, quando iam *a ajudar, na santa emprêsa* de reconquistar Jerusalêm (1), *o roxo Frederico* (2), *que movera o* seu *poderoso exército em defesa da cidade onde Cristo padeceu;* essa emprêsa foi *quando Guido*, o último rei cristão de Jerusalêm — *com a* sua *gente acesa* (3) *em sêde — se rendeu ao grande Saladino* (4) *no lugar* (5), *onde sobejavam, aos mouros, as águas que os* soldados *de Guido* (6) *desejavam*, e não tinham.

(1) Cfr. notas da estância antecedente. (2) Frederico I, imperador da Alemanha [1252-1190]; foi um dos chefes da terceira cruzada [1189]; príncipe célebre nas lendas germânicas; cognominado «Barba-Roxa» [«ruiva», se diria hoje]; séculos mais tarde se deu igual cognome a dois afamados piratas de Argel. (3) Cfr. a expressão popular «ardendo em sêde». (4) Cfr. notas da estância anterior. (5) No campo de Tiberiada. (6) «Guy de Lusignan».

---

88 Mas a fermosa armada, que viera
Por contraste de vento a aquella parte,
Sancho quis ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vai do sancto Marte.
Assi como a seu pai acontecera
Quando tomou Lixboa, da mesma arte,
Do Germano ajudado, Silves toma,
E o bravo morador destrue e doma.

Mas a formosa armada, que, por contraste (1) *de vento, viera àquela parte* de Portugal — ao Tejo — *quis ajudar Sancho na fera* (2) *guerra* aos mouros, *já que* [= *visto que*] *vai* [*ia*] *em serviço do Marte santo* (3). Sancho, *assim como a seu pai acontecera quando* êste *tomou Lisboa* (4), *da mesma arte, ajudado do* [= *pelo*] poder *germânico, toma Silves, e doma e destrói os bravos moradores* (5) dessa cidade.

(1) Fôrça contrária, vento rijo pela proa. (2) Implacável. (3) «Guerra santa» [fig.]; assim chamadas as guerras das cruzadas, e a guerra de religião contra os muçulmanos. (4) Cfr. estância 57. (5) Sinédoque: os mouros.

---

89 E se tantos tropheos do Mahometa
Alevantando vai, também do forte
Lionês não consente estar quieta
A terra, usada aos casos de Mavorte,
Até que na cerviz seu jugo mêta
Da soberba Tui, que a mesma sorte
Viu ter a muitas villas suas vizinhas,
Que por armas tu, Sancho, humildes tinhas.

E o rei português, *se*, umas vezes, *vai levantando tantos troféus dos Maometanos* (1), *também* outras vezes *não consente* [= *não deixa*] *estar quietas* (2) *as terras do forte* rei *leonês usadas* [= *acostumadas*] *aos casos de Mavorte* (3), *até que* [*dentro de pouco tempo*] *mete o* seu *jugo* (4) *na cerviz da soberba* (5) cidade de *Tui*, *que viu* (6) *a muitas* vilas *suas vizinhas* terem *a mesma sorte* (7) — vilas *que tu* (8), *Sancho, tinhas* [*tiveste*] *humildes* [= *humilhaste*] *por armas* [= *pela fôrça das armas*].

(1) No texto «Maometa» = «maometano» [apócope] = maometanos [sinédoque]. (2) Texto: no singular [sinédoque]. (3) «Mavorte» = «Marte» = «guerra» [fig.]; «Mavorte» é assimilação da flexão do genitivo latino *Mavortis*. (4) Alegoria. (5) Excelente. (6) Prosopopeia. (7) Sorte igual à de Tui, a de serem subjugadas por Sancho. (8) Apóstrofe.
Sôbre «troféus», cfr. I, 25; V, 45.

90 Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Um filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Affonso, e rei terceiro.
No tempo d'êste aos Mouros foi tomado
Alcácere do Sal por derradeiro;
Porque d'antes os Mouros o tomaram,
Mas agora estruídos o pagaram.

Mas, entre tantas palmas (1), sendo Sancho *salteado* (2) *da* [= *pela*] *temerosa* (3) *morte* (4), *fica herdeiro* da coroa *um filho seu, que foi Afonso segundo*, de nome (5), *e terceiro rei* de Portugal. *No tempo dêste* rei *foi Alcácer do Sal* (6) *tomado* (7) *por derradeiro* [= *finalmente*] *aos mouros; porque dantes o tomaram* [= *tinham tomado*] aos lusitanos (8) *mas agora* [= *nessa ocasião*], *sendo destruídos* (9), *o pagaram* [*o que tinham* tomado].

(1) Glórias [fig.]. (2) Assaltado. (3) Aterradora. (4) Falecera em Coimbra [1212]. (5) Nasceu em 1185, casou em 1207 com D. Urraca, filha de Afonso IX, rei de Castela. (6) Cidade do Alentejo; os mouros foram daí expulsos em 1217. (7) Conquistado. (8) Estava Alcácer na posse dos mouros, desde que estes haviam feito a sua primeira invasão na Península em 716. (9) Desbaratados.

---

91 Morto despois Affonso, lhe succede
Sancho segundo, manso e descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede
Que de outrem quem mandava era mandado.
De governar o reino, que outro pede,
Por causa dos privados foi privado,
Porque, como por elles se regia,
Em todos os seus vícios consentia.

Depois, estando *morto* [= *tendo morrido*] *Afonso II*, que *era manso* (1) *e descuidado* (2), e *que se desmedia tanto* (3) *em os seus descuidos*, *que* êle — que é *quem mandava* (4) [= *tinha a autoridade, como rei, para mandar*] — *era mandado* (5) *de* [= *por*] *outrem* (6); e, *por causa dos privados* (7) [*dos validos*] *foi privado* (8) *de governar o reino, que pede* [*pedia*] *outro* rei que o governasse melhor; *porque Sancho — como se regia* [*se deixava guiar*] *por êles*, pelos validos, — *consentia em todos os seus vicios* (9).

(1) Brando, indolente. (2) Negligente. (3) É tam excessivo na sua negligência, que... (4, 5) Note-se a repetição da mesma palavra, diferentemente flexionada exprimindo ideas diferentes [derivação e paranomásia]: *a)* « mandava » [fig.], tinha atribuições para mandar; *b)* « era mandado », era dirigido nos seus actos pela vontade alheia. (6) Outras pessoas; alude-se aos cortesãos em geral, ou talvez especialmente á cortesã D. Mecia Lopes de Haro. (7, 8) Repetição do vocábulo com diferentes significações: *a)* « privados » [fig.], cortesãos, favoritos, validos; note-se que ao título honorífico de « conselheiro privado do rei » correspondia ocupação honrosa, e não de valimento; *b)* foi « privado » de governar; foi-lhe tirado o govêrno; foi despojado da coroa. (9) Consentia que a sua côrte fôsse um foco de vícios [dos seus validos].

---

92 Não era Sancho, não, tam deshonesto
Como Nero, que um môço recebia
Por molher, e despois horrendo incesto
Com a mãi Agripina cometia;
Nem tam cruel ás gentes e molesto,
Que a cidade queimasse onde vivia;
Nem tam mao como foi Heliogabalo,
Nem como o mole rei Sardanapalo;

Sancho II *não era tam desonesto — não! — como* foi *Nero* **(1)** *que recebia um môço por mulher, e depois cometia horrendo incesto com a mãe Agripina; nem* era *tam cruel, e* nem tam *molesto às gentes* [*aos povos*] *que queimasse — como* fez *Nero — a cidade onde vivia; nem* era *tam mau como foi Heliogabalo* **(2)**, *nem* tam cobarde *como* foi *o mole rei Sardanapalo* **(3)**;

(1) Imperador romano nos anos 54-68; filho de Domitius Ahenobarbus e Agripina [esta foi casada depois com o imperador Cláudio, que adoptou Nero por filho]; desonrou-se pelas suas crueldades; para gozar a vista dum incêndio, mandou deitar fogo à cidade de Roma. (2) Imperador romano [218-222], notável pelas suas loucuras, pelos seus vícios, pelos seus actos de crueldade. (3) Personagem lendário, sem autenticidade; a tradição clássica supõe-o rei da Assíria, em 836-817 A. C., e descendente de Semíramis. O nome de Sardanapalo ficou adoptado para tipo dos príncipes viciosos, cobardes, efeminados. Dá o Poeta a entender que D. Sancho não possuía qualquer das péssimas qualidades que tiveram êsses imperadores.

---

93 Nem era o povo seu tiranizado,
Como Sicília foi de seus tiranos;
Nem tinha, como Phálaris, achado
Género de tormentos inhumanos:
Mas o reino, de altivo e costumado
A senhores em tudo soberanos,
A rei não obedece, nem consente,
Que não fôr mais que todos excellente.

Nem o seu povo era tiranizado, como a Sicília (1) *o foi de* [= *por*] *seus tiranos; nem* Sancho *ti-*

nha achado [= *inventado*] *tormentos inumanos* (2), *como Fálaris* (3) inventara. *Mas o reino* (4) —, *de* [*por ser*] *altivo e costumado a senhores* [*a reis*], *soberanos* (5) *em tudo — não obedecia a rei, nem consentia* rei, *que não fôsse mais excelente que todos* os seus vassalos.

(1) Ilha italiana no Mediterrâneo; outrora reino; o tirano mais conhecido que o governou foi Dionísio [406-367 A. C.]; receoso constantemente de que o matassem, empregava inúmeras precauções para evitar a morte e para descobrir os seus inimigos. (2) Cruéis. (3) Tirano de Agrigenta [cidade da Sicília, ora romana ora cartaginesa], reinando na Sicília [566 A. C.] fazia queimar as suas vítimas num touro de bronze; cfr. III, 39. (4) O povo [fig.]. (5) Motivo para ser deposto era não saber usar da sua autoridade e deixar-se guiar pelos cortesãos.

---

94 Por esta causa o reino governou
O conde bolonhês, depois alçado
Por rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho, sempre ao ócio dado.
Este, que Afonso o Bravo se chamou,
Depois de ter o reino segurado,
Em dilatá-lo cuida; que em terreno
Não cabe o altivo peito, tam pequeno.

Por esta causa (1) *governou o reino* — por algum tempo, e com o título de seu defensor, — *o conde bolonhês*, que *depois* foi *alçado por* [= *elevado a*] *rei, quando seu irmão Sancho, sempre ao ócio dado, se apartou da vida* [= *quando faleceu*]. *Êste* conde — *que se chamou Afonso* III, *o Bravo*,

— *depois de ter segurado o reino* [= *depois de h*-*ver tomado posse do reino*], *cuidou em* (2) *dilatá-l*- *que* [= *porque*] *o altivo peito* (3) de Afonso *n*- *cabia em terreno tam pequeno*, como era então de Portugal.

D. Afonso é aqui nomeado conde bolonhês, p- ter sido casado com a condessa de Bolonha da qu- se divorciou.

(1) A causa foi sobretudo o descontentamento do cl- que fez convencer o Papa Inocêncio IV de que Sancho um ímpio. O Papa depôs Sancho por meio duma bula; bispos portugueses ofereceram a coroa a Afonso, Conde Bolonha, irmão segundo do rei, que se declarou curador reino em 1245, e como tal o governou até 1248 em que Sancho, então desamparado em Toledo, aí faleceu. (2) « dou em...», empregou os meios de torná-lo mais am- alargando a área dos seus domínios; completou a conqu- dos Algarves, onde muitos territórios ganhos por D. San- haviam voltado para o poder dos mouros; tomou Faro, A- feira, Tavira e Aiamonte; em 1263 assumiu o título de de Portugal e dos Algarves. (3) «Altivo peito», cfr. «al- coração»: I, 44.

---

95 Da terra dos Algarves, que lhe fôra
Em casamento dada, grande parte
Recupera co braço, e deita fora
O Mouro mal querido já de Marte.
Êste de todo fez livre e senhora
Lusitânia com fôrça e béllica arte,
E acabou de oprimir a nação forte
Na terra que aos de Luso coube em sort-

Afonso III, *com o seu braço* (1), *recupera g*- *de parte da terra dos Algarves* (2), *que lhe* - *dada em casamento* (3); *e deita fora* de lá *o m*-

(4), que *já* era *mal querido de Marte* (5). *Este* rei Afonso, *com* a *fôrça e* com *arte bélica, fez* [= *tornou*] *livre, e senhora* [= *independente*] *de todo*, a *Lusitânia; e acabou de oprimir a forte nação* mauritana (6) *na terra* do Algarve, *que aos* descendentes *de Luso* [*aos portugueses*] *cabia em sorte*.

(1) Com a sua valentia de guerreiro [fig.]. (2) Cfr. nota 2 à estância 94. (3) Era tradição que Afonso III, quando casou com Beatriz, filha de Afonso X de Leão e Castela, recebeu em dote e como usufruto a conquista dos Algarves; mas essa tradição, que se opõe ao facto notório de que já D. Sancho I havia feito parte dessa conquista, só pode explicar-se por qualquer infundada pretensão que tivesse o rei de Castela; cfr. *História de Portugal*, prefaciada por Oliveira Martins, p. 74. (4) Singular pelo plural. (5) Os mouros não tinham já fortuna na guerra [fig.]; o deus fabuloso já os não protegia. (6) Os mouros [fig.]; foi Afonso III quem acabou de os subjugar no Algarve, onde dominavam havia séculos.

---

96 Eis despois vem Dinis, que bem parece
Do bravo Affonso estirpe nobre e dina;
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade alexandrina.
Co êste o reino próspero florece
(Alcançada já a paz áurea, divina)
Em constituições, leis e costumes,
Na terra já tranquila claros lumes.

Depois de morrer Afonso III, *eis* que *vem depois* reinar seu filho *Dinis, que bem parece* ser *nobre e digna estirpe* [= *descendência*] *do bravo Afonso*, e *com quem se escurece a grande fama da liberalidade alexandrina* (1). *Com êste* rei Dinis, tendo

sido *já alcançada a divina paz áurea* (2), *o reino floresce próspero em constituïções* (3), *leis e costumes*, que foram *claros lumes* (4) *na terra* portuguesa, *já tranqùila.*

(1) «Com quem...»; a fama da grande liberalidade de Alexandre Magno [356-323 A. C.], comparada com a do rei D. Dinis fica escurecida, apoucada; o grande conquistador, vencedor da Grécia, e do Egipto, era tam generoso que, ao partir para a Ásia, distribuiu tudo o que possuía pelos seus amigos; preguntaram-lhe estes o que reservava êle para si: «a esperança», foi a resposta. Com efeito em toda a Península, mesmo em vida daquele rei de Portugal, era vulgar dizer-se das pessoas generosas: «liberal como um Dinis». (2) Cfr. I, 37: «paz dourada». (3) D. Dinis compilou e ordenou as leis anteriores, que eram numerosas e confusas; da reforma das leis e dos costumes resultou felicidade para o país. (4) [Fig.], grandes fanais [as boas leis, e os bons costumes] que alumiaram o povo português, no caminho da civilização.

A locução «claros lumes» pode também significar, neste lugar [fig.], «homens doutos e ilustres»; os que seguirem essa opinião para reduzirem o último verso à construção regular e desfazerem a linguagem anacolútica, devem considerar subentendido o verbo «florescem»; dêste modo: «o reino floresce em leis, etc.»; «os claros lumes» [os ilustres sábios] «florescem» na terra «portuguesa», já tranqùila.

---

97 Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva;
E de Helicona as Musas fez passar-se
A pisar do Mondego a fértil herva.
Quanto pode de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apolo aqui reserva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do bácaro, e do sempre verde louro.

Primeiro [= *primeiramente, em primeiro lugar*] Dinis *fez exercitar-se* [= *ser exercitado*], *em Coimbra, o valoroso ofício de Minerva* (1) [*a estimada cultura das letras e das sciências*], *e passarem-se as Musas* (2) [*fez que as Musas viessem*] *de Helicona* (3) *a pisar a fértil* (4) *erva* das margens *do Mondego; o soberbo Apolo* (5), *reserva aqui* [*guarda sòmente aqui em Coimbra*] *tudo quanto pode desejar-se de Atenas; e dá* aos doutores *aqui as capelas* (6) *tecidas de ouro, do bácaro* (7) *e do sempre verde louro*.

(1) A deusa fabulosa das sciências; alude-se à fundação da Universidade. (2) As divindades protectoras da poesia. (3) Nome da montanha da Grécia, em que moravam as Musas; nome tomado como símbolo da poesia. (4) [Fig.]. copiosa, por ser fértil a terra de Coimbra. (5) Pode aqui significar simultâneamente o «Sol», que, por dar em terreno fértil, concorre para a excelência dos produtos agrícolas; e também o «deus da poesia», por ter favorecido os alunos da Universidade, da qual tinham, já no tempo do Poeta, saído homens notáveis na literatura e nas sciências, e tam notáveis como os sábios de «Atenas» — a capital de Ática, e célebre cidade da Grécia, cujo nome empregam, por autonomásia, os autores clássicos para designar qualquer cidade florescente nas artes e nas letras. (6) Coroas, grinaldas. (7) Planta da região mediterrânica *Gnaphalium sanguineum*, usada pelos romanos na formação de coroas [cfr. Conde de Ficalho, *Flora dos Lusíadas*, pp. 24 e 25]. Alusão aos capelos com que são laureados os doutores da Universidade, às coroas e lauréis académicos, — e reminiscência clássica, supondo-se que a palavra [de baixa latinidade] *bacalarius* [«bacharel»] tinha origem no «bácaro» dos romanos.

---

98 Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros;
E quási o reino todo reformou
Com edificios grandes e altos muros;
Mas despois que a dura Atropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Affonso, mas forte e excellente.

D. Dinis *edificou de novo nobres vilas, construiu fortalezas* e *castelos mui seguros* [= *bem fortificados*]; *e reformou quási todo o reino com grandes edifícios e altos muros* (1). *Mas, depois que a dura* [= *cruel*] *Átropos* (2) *cortou o fio de seus dias já maduros, ficou-lhe* [= *sucedeu-lhe*] *o filho Afonso quarto* que foi *pouco obediente* filho (3), *mas forte e excelente* rei (4).

(1) Aumentou as três cidades em que era costume residir a côrte [Lisboa, Coimbra e Santarêm], edificou várias povoações, entre elas, Salvaterra e Vila Rial, por isso tem o cognome de povoador; edificou o mosteiro de Odivelas; fez cercar de muralhas: Braga, Pôrto, Guimarães e Miranda. (2) Nome duma das tres Parcas da fábula, e aquela que possui a tesoura com que corta o fio da vida. D. Dinis morreu em 1325. (3) Alude-se à guerra aberta que o filho de D. Dinis moveu contra seu pai por inveja dum irmão bastardo; chegaram a avistar-se os exércitos de ambos, tendo-se evitado uma batalha campal por intervenção de Santa Isabel, que se interpôs entre o marido e o filho. (4) Nas estâncias imediatas justifica o Poeta a sua afirmativa, exaltando as virtudes de D. Afonso como rei, do mesmo modo que censura os seus actos de príncipe, e vem depois a fulminá-lo pelo seu consentimento na morte de Inês de Castro.

99 Êste sempre as soberbas castelhanas
Co peito desprezou firme e sereno;
Porque não é das fôrças lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno.
Mas porém, quando as gentes mauritanas
A possuir o hespérico terreno
Entraram pelas terras de Castella,
Foi o soberbo Affonso a soccorrê-la.

Êste rei *desprezou* (1) *sempre, com peito* [= *ânimo*] *sereno e firme, as soberbas* (2) *castelhanas* [*a altivez do rei e das hostes de Castela*]; *porque não é* próprio *das fôrças* (3) *lusitanas* o *temer* um *poder* [*uma nação*] *maior, por* ser *mais pequeno* poder. *Mas porêm* (4) [*mas apesar disso*], *quando as gentes mauritanas* (5) de Granada *entraram pelas terras de Castela a possuir* [= *a conquistar*] *o terreno hespérico* (6), *foi o soberbo* [= *glorioso*] *Afonso* quarto *a socorrê-la* [*a socorrer Castela*].

(1) «Desprezou sempre» quere aqui dizer: que nunca atendeu à superioridade, em grandeza, do reino de Castela, nunca se intimidou com ela; não quere dizer que julgasse Castela digna de desprêzo. (2) Note-se a repetição do vocábulo com diversa flexão, e diversa significação: no verso primeiro, a altivez, orgulho; no último, a excelência, a generosidade. (3) [Fig.], o carácter dos portugueses é não temerem uma nação poderosa, apesar de Portugal ter menor extensão territorial, e menor número de soldados. (4) «Mas porêm...», mas ao contrário, e apesar disso [apesar de Portugal ser uma nação menos poderosa do que era Castela, apesar de certa desinteligência com êste país], o rei português foi socorrer Castela. (5) Em 1330 ou 1340 o rei de Marrocos, atravessando o estreito de Gibraltar, foi a Granada para agredir Afonso XI de Castela, que mandou sua espôsa [a filha de Afonso IV] pedir o socorro da cavalaria portuguesa, ao que acedeu o rei de Portugal, como vem referido nas estâncias subseqüentes. (6) «Hespéria» é, aqui, o antigo nome de Hispânia.

100 Nunca com Semíramis gente tanta
Veio os campos Hydáspicos enchendo;
Nem Átila, que Itália toda espanta,
Chamando-se de Deus açoute horrendo,
Góthica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno bárbaro estupendo,
Co poder excessivo de Granada,
Foi nos campos Tartésios ajuntada.

Semíramis (1), a rainha que foi tam célebre pelas suas conquistas na Ásia, *nunca veio* [= *andou*] *enchendo os campos* de batalha *hidáspicos* (2), *com tanta gente; nem Átila* (3) — *que espantou a Itália toda, chamando-se horrendo açoute de Deus* — *trouxe* do Norte *tanta gente gótica, quanta foi* a do *bárbaro* imperador de Marrocos, o *estupendo sarraceno, juntada, nos campos Tartéssios* (4), *com o excessivo poder* [*o enorme exército*] *de Granada* (5), para conquistar Castela.

(1) Rainha lendária da Assiria, a quem se atribui a fundação de Babilónia, e a heroicidade militar — mais gloriosa do que a de Nino seu espôso, que submeteu toda a Ásia até o Indo. (2) Campo de batalha nas margens do Indo [I, 55; VII, 52]. (3) O rei dos hunos [434-453], o vencedor dos imperadores do Oriente e do Ocidente. (4) Os campos de Tarifa [Andaluzia]. (5) Cidade de Hespanha; foi capital dum pequeno Estado muçulmano [1235-1492], e notável ainda hoje por vários edifícios: a soberba catedral, o palácio da Alhambra, etc.

101 E vendo o rei sublime castelhano
A fôrça inexpugnábil, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo hispano,
Já perdido ũa vez, que a própria morte,
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a caríssima consorte,
Molher de quem a manda, e filha amada
D'aquelle a cujo reino foi mandada.

E o sublime (1) *rei castelhano, vendo a grande, forte e inexpugnável fôrça* (2) dos mouros, *temendo — mais* do *que a própria morte — o fim* [= *a extinção*] *do povo hispânico,* que *já uma vez* estivera *perdido* (3), *mandou a caríssima* (4) *consorte* — a rainha Dona Maria — dirigir-se *ao forte* rei *lusitano, pedindo-lhe ajuda;* a *mulher* [*a espôsa*] *de quem a mandava* era *a filha amada daquele* rei, *a cujo reino era mandada.*

(1) Digno [por êste epiteto se vê que a palavra «soberbas» na estância 99 não tem sentido de vitupério]. (2) Exército. (3) Alusão à perda da independência hispânica, quando morreu Rodrigo, o último rei visigodo [710]. (4) A história diz que a espôsa de Afonso XI não era bem tratada por êste, mas que, sendo muito virtuosa, lhe prestava obediência, ao ponto de vir implorar o auxílio do pai. Cfr. III, 99, nota 5.

O epiteto «caríssima» [verso 6] talvez aqui tenha sido empregado pelo Poeta com a significação de «bonissima».

As fôrças mauritanas ameaçavam Tarifa, e se esta cidade forte da Andaluzia fôsse por elas conquistada, daí resultaria a perda completa da Espanha.

---

102 Entrava a fermosíssima Maria
Polos paternais paços sublimados;
Lindo o gesto, mas fora de alegria,
E seus olhos em lágrimas banhados.
Os cabellos angélicos trazia
Pelos ebúrneos hombros espalhados.
Diante do pai ledo, que a agasalha,
Estas palavras tais chorando espalha:

Entrou a formosíssima Maria pelos sublimados [= *sumptuosos*] *paços* (1) *paternais; lindo era o* seu *gesto* [= *rosto*], *mas fora de alegria* [= *sem alegria*]; *e* os *seus olhos* estavam *banhados em lágrimas; trazia os angélicos* (2) *cabelos espalhados* [*soltos*] *pelos ebúrneos* (3) *ombros;* apresentando-se *diante do ledo pai — que* a sua filha *agasalha* [= *acaricia*] — *espalha* [*profere*] *chorando estas palavras tais* quais:

(1) Os paços de Évora, que segundo a tradição eram realmente sumptuosos. (2) Epíteto adequado à formosura e bondade da rainha de Espanha; parecia um anjo. (3) Brancos como marfim.

É natural que o rei português, depois de longa ausência da filha, se mostrasse «ledo» [alegre] ao vê-la.

---

103 «Quantos povos a terra produziu
De Africa toda, gente fera e estranha,
O gram rei de Marrocos conduziu,
Pera vir possuir a nobre Hespanha:
Poder tamanho junto não se viu,
Despois que o salso mar a terra banha:
Trazem ferocidade e furor tanto,
Que á vivos mêdo, e a mortos faz espanto.

«*O grande rei de Marrocos — para vir possuir* [= *conquistar*] *a nobre Espanha* (1) — *conduziu* [*trouxe*] *quantos povos produziu a terra de toda* a *África* (2), *gente fera* (3) *e estranha* (4); *não se viu* nunca *junto tamanho poder* [= *exército*] (5), *depois que* [= *desde que*] *o salso* [salgado] *mar banha a terra*. Os mouros *trazem* tanta *ferocidade, e furor tanto, que faz mêdo a vivos e espanto a mortos* (6).

(1) Aqui significa a península hispânica; o rei de Marrocos teria a intenção ou o desejo de abranger Portugal na conquista. (2) Hipérbole, para significar que trazia toda a fôrça militar de que dispunha. (3) Implacável. (4) Desconhecida. (5) Nesta hipérbole, na antecedente e na que se segue deve atender-se a que era própria do temor feminino a exageração de quem estava falando. (6) Nova hipérbole.

O rei de Marrocos [Aliboacêm ou Abul-Haçam] trazia 60:000 cavaleiros e 400 mil peões, segundo as crónicas.

---

104 «Aquelle que me deste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co pequeno poder, offerecido
Ao duro golpe está da maura espada;
E se não fôr contigo socorrido,
Ver-me-hás d'elle e do reino ser privada,
Viúva e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem reino, e sem ventura.

«*Aquele que me deste por marido* (1), *por defender sua terra amedrontada, está*, *com* o seu *pequeno* (2) *poder* [= *exército*], *oferecido* [= *exposto*] *aos duros* [*cruéis*] *golpes da maura espada; e, se não fôr socorrido contigo* [= *por ti*], *ver-me hás privada dêle, e* privada *do reino* de Castela; ver-me

hás *viúva e triste*, *e*, *posta em escura vida* (3), *sem marido sem reino e sem ventura*.

(1) Como se dissesse: está em perigo o marido que tu, meu pai, me deste, e que eu por obediência aceitei; acode-me pois. (2) Não pareça haver contradição com a estância seguinte; aí fala-se do grande poder de Castela comparado com o de Portugal; aqui é o pequeno poder em relação ao do imperador de Marrocos. (3) Alude-se ao antigo costume das damas nobres que, enviuvando, passavam meses e até o resto da vida encerradas em casa de janelas fechadas, às escuras.

---

105 «Por tanto, ó rei, de quem com puro mêdo
O corrente Muluca se congela,
Rompe toda a tardança; acude cedo
Á miseranda gente de Castella.
Se êsse gesto, que mostras claro e ledo,
De pai o verdadeiro amor assella,
Acude e corre, pai; que, se não corres,
Pode ser que não aches quem socorres.»

— «*Portanto, ó rei* (1) *de quem com puro mêdo* (2) *se congela o Moluca*, — êsse *corrente* rio da Mauritânia — *rompe toda a tardança* (3); *acode cedo* [= *depressa*] *à miseranda* (4) *gente de Castela! Pai*, *se êsse gesto* [= *semblante*], *que* me *mostras claro* [= *franco*] *e ledo* [= *alegre*], *assela* [= *confirma*] *o verdadeiro amor de pai*, *acode* à tua filha suplicante, *e corre*, *que* [= *pois*], *se não corres*, pode ser que *não aches quem socorres* (5).

(1) A filha invoca primeiro o título de «rei»; depois é que profere o de pai. (2) Prosopopeia; alusão às vitórias al-

cançadas pelos portugueses sôbre os mouros na proximidade do Moluia. (3) Demora, detença. (4) Engrandecimento das dificuldades de Castela, para mover o ânimo do rei português. (5) Não acharás..., perderás a tua filha que sempre socorres; alusão ao auxílio que lhe dava Afonso IV, conseguindo, por meio de embaixadas e ameaças de guerra, que o marido lhe desse melhor tratamento; dá ela a entender que o auxílio tardio seria ineficaz. Mas talvez a flexão do indicativo [«socorres»] fôsse empregada em substituïção da do subjuntivo por exigência da métrica.

A expressão «puro médo» pode significar «simples médo». ¿Teria o Poeta escrito «frio», como em lugares semelhantes?

---

106 Não de outra sorte a tímida Maria
Falando está que a triste Vénus, quando
A Júpiter seu pai favor pedia
Pera Eneas seu filho navegando,
Que a tanta piedade o comovia,
Que, caído das mãos o raio infando,
Tudo o clemente padre lhe concede,
Pesando-lhe do pouco que lhe pede.

A tímida (1) *Maria não estava falando doutra sorte* [= *estava falando da mesma sorte*] *que* falava *a triste Vénus* (2), *quando* esta *pedia, a Júpiter seu pai, favor para seu filho Eneas* (3), *navegando* êste [*na ocasião em que êste navegava*]; *a tanta piedade o comovia* [*induzia*] *que o clemente padre* (4), tendo-lhe *caído das mãos o infando* (5) *raio, tudo lhe concede* à filha, *pesando-lhe* (6), a êle, *do pouco que* ela *lhe pedia*.

(1) Receosa de não ser atendida. (2) Cfr. II, 39 e seguintes: a fala de Vénus a Júpiter, impetrando-lhe protecção para os navegantes portugueses. (3) Cfr. I, 12, nota 8. (4)

Júpiter. (5) «Infando» é um qualificativo aplicado às cousas de que não se pode falar por serem horríveis, cruéis, extraordinárias, [cfr. «nefando», II, 8]; o tremendo raio; fingiam os Poetas que Júpiter e Apolo, quando falavam a qualquer ente humano, depunham os raios para o não ofuscarem; esta locução faz parecer «que Afonso IV se desarmou da sua cólera contra os castelhanos», para aceder ao pedido da filha. (6) Tendo pesar de ser tam pouco o que lhe pede a filha.

No verso 5, «que» é pleonástico; no mesmo verso: «comovia-o, inspirando-lhe piedade» [dó].

---

107 Mas ja cos esquadrões da gente armada
Os eborenses campos vão qualhados.
Lustra co sol o arnês, a lança, a espada:
Vão rinchando os cavallos jaezados.
A canora trombeta embandeirada
Os corações á paz acostumados
Vai ás fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

Mas já (1) *vão coalhados* (2) *os campos eborenses* (3) *com os esquadrões da gente armada. Lustra* [= *brilha*] *com o sol o arnês* (4), *a lança, a espada; os cavalos, ajaezados* (5), *vão rinchando. A canora* (6) *trombeta, embandeirada* (7), *retumbando pelas concavidades* (8) dos montes, *vai incitando, às fulgentes armas* (9), *os corações dos portugueses,* que já estavam *costumados à paz.*

(1) Imediatamente, como se fôsse em acto sucessivo à visita da rainha de Castela a seu pai D. Afonso. (2) Fig., completamente cheios. (3) Os campos de Évora, os da cidade onde eram então os paços de D. Afonso IV. (4) A ar-

madura metálica dos guerreiros: está o singular pelo plural — os arneses, as lanças, etc. (5) Ornados com jaezes, os arreios de coiro, veludo e metais. (6) Estridente. (7) Era costume antigo trazer nas trombetas bandeiras com as insígnias ou brasões dos comandantes das tropas. (8) Onomatopeia. (9) Brilhantes armas que resplandeciam com revérberos; a locução «incitando às armas» entende-se [fig.] «aos combates».

---

108 Entre todos no meio se sublima,
Das insígnias reais acompanhado,
O valeroso Affonso, que por cima
De todos leva o collo alevantado;
E sòmente co gesto esforça e anima
A qualquer coração amedrontado:
Assi entra nas terras de Castella
Com a filha gentil, rainha d'ella.

Entre todos os cavaleiros, *no meio* dêles, *sublima-se* [= *sobressai, dá mais nas vistas*], *acompanhado das régias insígnias* (1), *o valoroso Afonso* IV, *que por cima de todos leva o colo* (2) *levantado*, *e* que *sòmente com o* seu *gesto* [= *semblante*] *esforça* [*incute coragem*] *e anima a qualquer coração amedrontado; assim* [= *dessa maneira*] *entra, nas terras de Castela* (3), o rei de Portugal *com a* sua *gentil filha, rainha dela.*

(1) Entende-se o oficial com as insígnias, que eram principalmente o pendão ou guião em que iam pintadas as armas riais. (2) Pescoço. (3) Logo que Afonso IV disse à rainha, sua filha, que daria auxílio a Castela, voltou ela para avisar seu marido Afonso XI, que alvoroçado com tal notícia partiu para Portugal, onde veio encontrar-se com seu

sogro em Jerumenha, nas margens do Guadiana, e daí seguiram juntos para Sevilha, onde se formou conselho, no qual se manifestaram opiniões de que não devia dar-se batalha aos mouros por serem excessivamente numerosos, antes se lhes deveria entregar a cidade de Tarifa; mas, como Afonso IV se opusesse, tomou-se a resolução de avançar para aquela cidade — onde aconteceu o que se refere nas estâncias seguintes.

---

109 Juntos os dous Affonsos finalmente
Nos campos de Tarifa estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Pera quem são pequenos campo e monte.
Não ha peito tam alto e tam potente
Que de desconfiança não se afronte,
Em quanto não conheça e claro veja
Que co braço dos seus Christo peleja.

Juntos nos campos de Tarifa (1), *estão finalmente os dois Afonsos* (2) *defronte da grande multidão da cega* (3) *gente* mauritana, *para quem* [= *para a qual*] *são pequenos* (4) o *campo* e o *monte*. *Não há*, diante daquela multidão, *peito* [= *ânimo*] *tam alto* [= *nobre*] *e tam potente* [= *corajoso*] de cavaleiro cristão, *que não se afronte* (5) [*não seja acometido*] *de desconfiança* (6), *emquanto não conheça e* não *veja claro* [= *claramente*] *que* *Jesus Cristo peleja* juntamente *com o braço dos seus* adoradores (7).

(1) Cidade da Andaluzia sôbre o estreito de Gibraltar, próximo do lugar de desembarque dos mouros. (2) Afonso IV de Portugal e Afonso XI de Castela. (3) Fig., enfurecida. (4) É tam grande a multidão dos mouros que não cabem na planície e enchem os montes adjacentes. (5) Seja afrontado

[forma passiva]. (6) Hesitação, receio. (7) Cfr. estância 112: «ajudado da alta fortaleza»; os cristãos hesitam, emquanto não se convencem de que são realmente auxiliados pelo poder divino.

Foi na batalha do Salado. Nas proximidades dêste rio estavam: do lado do mar o rei de Marrocos, e do lado da serra o rei de Granada, sendo êste atacado pelo rei de Portugal e aquele pelo rei de Castela.

---

110 Estão de Agar os netos cási rindo
Do poder dos Christãos fraco e pequeno,
As terras, como suas, repartindo
Ante mão entre o exército agareno,
Que com título falso possuindo
Está o famoso nome Sarraceno;
Assi também, com falsa conta e nua,
Á nobre terra alhea chamam sua.

Os netos de Agar (1) [= *os agarenos, os mouros* dos exércitos *muçulmanos*] *estão quási rindo do fraco e pequeno poder* [= *exército*] *dos cristãos; e* estão *de antemão* (2) *repartindo entre o exército agareno, como* se fôssem *suas, as terras* hispânicas; *que* [= *porque*], êles *estão* [= *pela razão de estarem*] *possuindo, com falso título* (3) *o famoso* [= *afamado*] *nome sarraceno* (4), *assim também, com falsa e nua* (5) *conta, chamam sua à nobre terra alheia.*

(1) Cfr. I, 8, 53 [«ismaelita», «Abraão»]. (2) Antes do combate, e como se tivessem já certeza da vitória, estão planeando a divisão de terrenos ainda não conquistados. (3) Os «mouros de África» usavam indevidamente o título de «sarracenos»; jactando-se de serem descendentes de Sara, a mulher de Abraão, sendo filhos da escrava Agar; os sarracenos são árabes; os mouros maometanizados são africa-

nos. (4) Há escritores que afirmam ter sido dado êste epíteto por Maomete àqueles que aceitaram os seus dogmas; cfr. III, 23, 58 e notas. (5) Simples cálculo falso [«nua» = simples].

---

111 Qual o membrudo e bárbaro gigante,
Do rei Saúl com causa tam temido,
Vendo o pastor inerme estar diante,
Só de pedras e esfôrço apercebido,
Com palavras soberbas e arrogante
Despreza o fraco môço mal vestido,
Que rodeando a funda, o desengana
Quanto mais pode a fé que a fôrça humana:

Qual (1) *o membrudo* (2) *e bárbaro* (3) *gigante tam temido do* [= pelo] *rei Saúl* (4), *com* justa *causa* o gigante Golias (5), *que, vendo estar diante* de si David (6), *o inerme* (7) *pastor, apercebido* (8) *só de pedras e* de *esfôrço* (9), *despreza o fraco môço mal vestido* —, *que rodeando a funda* (10) *o desengana*, a Golias, de *quanto mais pode a fé* em Deus do *que a fôrça humana* —; *desta arte...* [*completa-se o sentido na estância seguinte*].

(1) «Qual..., desta arte...» — do mesmo modo que o gigante..., da mesma maneira, o mouro... (2) De grande corpulência e robustez. (3) Estranho [aos hebreus; era filisteu]. (4) O primeiro dos hebreus. (5) O gigante filisteu que foi morto por David, sendo êste ainda moço e pastor. (6) O pastor, que depois sucedeu a Saúl, como rei de Israel. (7) Sem armas. (8) Munido, fornecido. (9) Intrepidez. (10) Corda preparada para arremessar pedras.

Havendo guerra aberta entre os filisteus e hebreus no ano 2935 do mundo, e defrontando-se os dois exércitos, um filisteu chamado Golias, — homem dotado de prodigiosa fôrça e de grande corpulência e robustez, de seis côvados e um

palmo de altura [4 metros próximamente] e revestido de uma couraça de malha de bronze que pesava 5:000 siclos [= 65 quilogramas]—saiu das fileiras e insultou os hebreus, desafiando qualquer dêles a um combate singular. O rei Saúl prometeu avultado prémio a quem lhe trouxesse a cabeça daquele filisteu; mas nenhum dos soldados se atreveu a agredi-lo; apenas se ofereceu David, que era um pastor e ainda mancebo, e que depondo as armas de soldado, extremamente pesadas para a sua idade, se encaminhou para o combate, armado com o seu cajado, uma funda e cinco pedras; destas, a primeira que arremessou da funda foi bater na testa de Golias, derrubando-o; e David, com a própria espada do gigante, lhe cortou a cabeça. David estava predestinado para ser ungido do Senhor. [Liv. I dos Reis].

---

112 D'esta arte o Mouro pérfido despreza
O poder dos Christãos; e não entende
Que está ajudado da alta fortaleza
A quem o inferno horrífico se rende.
Co ella o Castelhano e com destreza
De Marrocos o rei comete e offende;
O Português, que tudo estima em nada
Se faz temer ao reino de Granada.

Desta arte [= *de igual modo*], Miramolim, *o mouro pérfido* (1), *despreza o poder* [= *o exército*] *dos cristãos* (2), *e não entende* [= *não percebe*] *que* êste *está ajudado da* [= *pela*] *Alta Fortaleza* (3), *a quem se rende* (4) *o horrífico* (5) *inferno. Com ela* [= *auxiliado por ela*] o rei *castelhano acomete* [*investe*] *com destreza e ofende* (6) *o rei de Marrocos;* o rei *português, que estima* [= *avalia*] *tudo em nada* (7), *faz-se temer* (8) *ao* [= *do*] *reino de Granada* (9).

(1) Sem fé [cfr. III, 43, «infiéis»]. (2) Despreza-o por vê-lo pouco numeroso. (3) Fig., a divina Providência. (4)

Reminiscência das letras sagradas: «em nome de Jesus, dobravam o joelho todas as criaturas do céu, da terra e dos infernos». (5) Horrível, que produz horror. (6) Fig., lesa, causa dano; da investida do castelhano e do choque ou embate das duas fôrças resulta dano para a dos mouros. (7) O rei português despreza tudo, todo o perigo de acometer uma fôrça numérica superior; «estimar em pouco» é ter em pouco preço; «estimar em nada» = ter em nenhum preço = desprezar. (8) «Faz-se temer» = consegue ser temido; «temer-se» é a forma passiva. (9) Cfr. III, 114: as fôrças castelhanas atacaram as do rei de Marrocos; as fôrças portuguesas atacaram as do rei de Granada, estas ficaram desbaratadas e o rei português ainda foi auxiliar o castelhano contra os marroquinos.

---

113 Eis as lanças e espadas reteniam
Por cima dos arneses: bravo estrago!
Chamam (segundo as leis que ali seguiam),
Uns «Mafamede», e os outros «Sanctiago».
Os feridos com grita o ceo feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meios mortos se afogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.

Eis que *as lanças e* as *espadas retiniam por cima dos* [*sôbre os*] *arneses* (1); *bravo estrago!* (2) Os combatentes *chamam* [= *invocam*] — *segundo as leis* (3) *que ali seguiam*: — *uns*, os mouros, *Mafamede* (4); *e os outros*, os cristãos, *Sant'Iago* (5). *Os* combatentes *feridos* (6), alguns, *feriam o céu com a grita* [*a vozearia da dor*], *fazendo do* [= *com o*] *seu sangue* um *bruto* [= *enorme*] *lago, onde outros, meios mortos, se afogavam, quando as* suas *vidas escapavam do ferro* do inimigo (7).

(1) Armaduras; cfr. I, 67-3. (2) Extraordinária mortandade. (3) Fig., religiões. (4) Maomete; cfr. I, 8-6. (5) Pa-

droeiro dos espanhóis. (6) «Feridos... feriam» [paranomásia]; «feriam os céus» [hipérbole]. (7) Os combatentes, quando feridos pelas armas do inimigo, ficavam ainda com restos de vida, iam perdê-la de todo, afogando-se no lago de sangue feito pelos outros feridos [hipérbole].

---

114 Com esfôrço tamanho estrue e mata
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defesa ou peito de aço.
De alcançar tal victória tam barata,
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhano,
Que pelejando está co Mauritano.

O rei *lusitano mata e destrói* gente *do* rei *granadil* [= *granadino, de Granada*], *com esfôrço* (1) *tamanho, que, em pouco espaço* de tempo, *lhe desbarata o poder* [= *o exército*], *sem* ao rei de Granada *lhe valer* a *defesa* das armas, *ou o peito* [couraça *de aço*]. *O forte braço* português — *não bem contente de alcançar tal vitória e tam barata* (2) — *ainda vai ajudar* ao *bravo* rei *castelhano, que está pelejando com o* rei *mauritano* [*o Miramolim*].

(1) Intrepidez. (2) Com tam pouco dispêndio de vidas dos seus soldados e em pouco tempo.

---

115 Já se ia o sol ardente recolhendo
Pera a casa de Thétys, e inclinado
Pera o ponente, o véspero trazendo,
Estava o claro dia memorado,
Quando o poder do Mouro grande e horrendo
Foi pelos fortes reis desbaratado
Com tanta mortandade, que a memória
Nunca no mundo viu tam gram victória.

Quando o grande e horrendo (1) *poder* [= *exército*] *dos mouros* (2) *foi desbaratado pelos fortes reis,* — de Portugal e o de Castela — e *com tanta mortandade que a memória* dos homens *nunca* no mundo *viu* (3) *tam grande vitória, já o ardente Sol se ia recolhendo para a casa de Tétis* (4) [*ia chegando ao Ocaso*], *e já o claro* e *memorado dia* (5) *estava inclinado para o poente, trazendo* [deixando ver] o *Véspero* (6) [*a estrêla vespertina*].

(1) Que incutia mêdo. (2) No texto o singular pelo plural; era o exército reünido, do rei de Granada e do imperador de Marrocos. (3) Prosopopeia. (4) Cfr. I, 46; IV, 49. (5) Fig., a claridade do dia, o sol; perifrase e sinonímia [repetição da idea do «ocaso do sol» por outras palavras]. (6) «Véspero» ou Héspero é a estrêla que aparece no horizonte quando se esconde o sol; o dia, ao acabar, traz essa estrêla, dá causa ao aparecimento dela. Foi na tarde de 29 de Outubro de 1340 que se deu essa batalha, que se ficou denominando do Salado, por ter sido em sítio próximo dêste rio, ao pé de Tarifa.

116 Não matou a quarta parte o forte Mário
Dos que morreram neste vencimento,
Quando as águas co sangue do adversário
Fez beber ao exército sedento;
Nem o Peno, asperíssimo contrário
Do romano poder de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueires três de anéis dos mortos toma.

Mário (1), *o forte* (2) general romano — *quando*, na batalha contra os címbrios (3), *fez beber ao* seu *exército sedento, as águas* dum rio, tintas *com o sangue do adversário* — *não matou a quarta parte dos* homens *que morreram neste vencimento* [*nesta vitória*]; *nem* isso fez Aníbal (4) — *o* general *peno* (5) [= *cartaginês*], *aspérrimo contrário* [= *inimigo*] *de nascimento* (6) *do poder* [= *país*] *romano* — *quando, da ilustre Roma, matou tantos* homens, *que tomou* [*tirou*] *três alqueires de anéis* (7) dos mortos.

(1) Caio Mário, 156-86 A. C., vencedor em notáveis batalhas. (2) Aguerrido. (3) Povos bárbaros do norte, que invadiram a Gália no século II A. C. e que foram aniquilados por Mário na batalha de Verceil, cidade da Itália [101 A. C.]. (4) Famoso general cartaginês; viveu nos anos 247-183 A. C. (5) Cartago foi fundada no século VIII A. C. pelos fenícios; por isso os romanos davam aos cartagineses o epíteto de *phœnicos, pœnicos, pœnos* [œ = é] e *punici;* donde vem o português «peno»; cfr. «guerras púnicas», as guerras dos cartagineses. (6) «Contrário de nascimento», «inimigo desde criança», porque o pai de Aníbal era já inimigo dos romanos, e porque o mesmo Aníbal desde os nove anos acompanhou o pai nas batalhas contra êles. (7) Foi na batalha de Canas [Apúlia].

---

117 E se tu tantas almas só podeste
Mandar ao reino escuro de Cocito,
Quando a sancta cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antigo rito,
Permissão e vingança foi celeste,
E não fôrça de braço, ó nobre Tito;
Que assi dos vates foi profetizado,
E despois por JESU certificado.

E se tu, ó nobre Tito (1) — *só* tu (2) — *pudeste mandar, ao escuro reino de Cocito* (3), *tantas almas do povo pertinaz no antigo rito* hebraico, *quando desfizeste* (4) *a santa cidade* de Jerusalêm; isso *foi celeste permissão e* celeste *vingança, e não* foi *fôrça de braço* humano; *que* [= *pois*] *assim foi* [*fôra*] *profetizado dos* [*pelos*] *vates* (5), *e* foi [*fôra*] *depois certificado* [= *confirmado*] *por Jesus* (6).

(1) O imperador romano, filho de Vespasiano [79-81 A. C.]; «nobre» pelo seu valor e pelos seus sentimentos, sendo um dos soberanos de Roma que mais sinceramente procurou aliviar os sofrimentos do povo; no ano 71 conquistou e destruiu Jerusalém. (2) «Só» êle; porque não tinham conseguido outros imperadores [Nero, Galba, Oton e Vespasiano] dominar a rebelião dos judeus. (3) O fabuloso rio do Inferno, e que cercava êste com as suas salgadas ondas de lôdo; «pudeste mandar...» [perífrase] = «pudeste dar a morte a tantos hebreus». (4) Destruiste. (5) Os profetas David e Zacarias. (6) Alusão aos Evangelhos de S. Mateus, S. Lucas e S. João.

118 Passada esta tam próspera victória,
Tornado Affonso á lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta glória,
Quanta soube ganhar na dura guerra:
O caso triste e dino de memória,
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mezquinha,
Que despois de ser morta foi rainha.

Passada esta tam próspera vitória (1) — tendo *Afonso* IV *tornado à terra lusitana, a lograr-se* (2) *da paz com tanta glória quanta* êle *soubera ganhar na dura* (3) *guerra — aconteceu o triste caso e digno de memória,* o *que desenterra os homens do sepulcro* (4): o caso *da mísera e mesquinha* [= *desditosa*] Inês, *que depois de ser morta foi rainha.*

(1) A da batalha do Salado. (2) Aproveitar-se, gozar. (3) Cruel. (4) Faz resuscitar os mortos; prosopopeia [cfr. 103 «a mortos espanta»]; dupla interpretação; os homens que durante a vida adquiriram celebridade vivem na memória das gerações subseqüentes; e grande foi neste caso a celebridade — de Inês e de Pedro, pelos seus amores; a do rei, ter ordenado a morte da dama; e a dos assassinos, pela sua crueldade e malvadez.

O Poeta na presente estância e nas seguintes refere-se a um incidente romântico, do qual foi epílogo uma trágica atrocidade.

O príncipe D. Pedro estava viúvo da princesa D. Constança, tendo-lhe ficado um filho legítimo, — D. Fernando [o futuro sucessor de seu avô D. Afonso IV]; e, sendo amante de D. Teresa de Lourenço, desta houvera um filho bastardo, — D. João [que veio a ser D. João I]; mas ao mesmo tempo estava apaixonado por D. Inês de Castro, de nobre família de Castela, da qual houvera três filhos. Instado pelo pai para casar com alguma princesa estrangeira [III, 121] o príncipe D. Pedro recusava-se às instâncias, pretextando estar casado ocultamente com D. Inês, sem querer declará-lo de um modo formal por ela não ser filha legítima. Por outro la-

*

do, alguns cortesãos amedrontavam D. Afonso IV, dizendo-lhe que a vida e sucessão do infante D. Fernando estavam expostas a perigo, porque poderia êle desaparecer por influências e maquinações da família castelhana de Inês, para o filho dela ocupar o trono; dêste modo incitavam D. Afonso a que, por segurança da vida de seu neto, a mandasse matar, pois dessa maneira, por morte de D. Afonso, a qual não podia tardar por ser muito velho, diziam êles, não deixasse viva D. Inês, para que seu filho Pedro não ficasse em poder dela. O rei anuiu, e três cortesãos praticaram a enormíssima atrocidade de assassinar a amante de D. Pedro. Foram êles Álvaro Gonçalves, Pedro Coelho e Lopes Pacheco.

Quando morreu D. Afonso IV [1357], D. Pedro, subindo ao trono, cuidou logo de punir os assassinos. De Castela obteve a entrega de dois dos criminosos, que mandou torturar lentamente até morrerem, e o terceiro fugiu para Inglaterra [III, 124].

Antes da morte do pai, o príncipe D. Pedro, quando teve notícia do crime, estava no sul do reino, e, reünindo vassalos, preparou-se para vir em guerra contra a côrte, mas a rainha Beatriz, pela sua intervenção, evitou as hostilidades.

Três anos depois de assumir o govêrno do reino, mandou D. Pedro desenterrar o cadáver de D. Inês [1361]; perante êle, e estando presentes as principais pessoas da nobreza, jurou solenemente haver sido com ela casado, fê-la colocar em um trono, e ordenou às pessoas da côrte que lhe beijassem a mão como sendo rainha. Conduzido o corpo para o mosteiro de Alcobaça, aí ficou em sumptuoso túmulo de mármore lavrado, em cuja tampa está a efígie de D. Inês, em corpo inteiro, com a coroa rial.

Na estância seguinte interrompe Vasco da Gama a narrativa com uma dorida apóstrofe dirigida ao Amor; e logo na estância imediata vem outra apóstrofe dirigida à infeliz D. Inês.

---

119 Tu só, tu, puro amor, com fôrça crua
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fôra pérfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sêde tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
E porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.

Ó *amor puro! tu* (1) — *com* a *crua* (2) *fôrça* que tens, e *que tanto obriga* [= *subjuga*] *os corações humanos — só tu*, é que *deste causa à sua morte molesta* (3) [= *funesta*], *como se* ela — essa dama — *fôra* tua *pérfida* (4) *inimiga!* Ó *fero* (5) *amor! se dizem que a tua sêde nem com tristes lágrimas se mitiga, é porque* tu, *áspero* [= *cruel*] *e tirano, queres banhar* as *tuas aras* [= *os teus altares*] *em* [*com*] *sangue humano* (6).

(1) Apóstrofe e prosopopeia. (2) Dura, rígida. (3) Tem algumas vezes a significação de «funesto» o adjectivo latino *molestus*. (4) Traiçoeira; desta maneira se pode entender a frase: tu, Amor, causaste a morte de Inês, como se ela fôsse tua própria inimiga, quando realmente ela te havia mostrado obediência correspondendo ao afecto do seu amante. (5) Feroz, pode também significar «doloroso»; porque essa morte foi dolorosa para os que viviam então, e é dolorosa ainda hoje para os que se lembram de tal atrocidade. (6) Alusão aos costumes dos antigos que imolavam animais nos altares dos deuses do paganismo.

120 Estavas, linda Inês, posta em sossêgo,
De teus annos colhendo doce fruito,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saùdosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuito,
Aos montes insinando e ás hervinhas
O nome que no peito escripto tinhas.

Estavas, linda Inês (1) *posta em sossêgo* (2) *naquele engano* (3) *da alma, ledo e cego, que a fortuna* (4) *não deixa durar muito* — *colhendo o doce fruto* (5) *dos teus anos nos saùdosos* (6) *campos do Mondego nunca enxuto* (7) por causa das lágrimas (8) *dos teus formosos olhos*, e *ensinando* (9), *aos montes e às ervinhas*, o *nome que, escrito, tinhas no peito* [= *coração*].

(1) Apóstrofe [para mover a compaixão, lembrando que Inês era a formosura e o amor personificados, e, contra o que deveria esperar-se, fôra vítima da má sorte]. (2) «Posta em sossêgo» = tranqùilamente na sua soledade. (3) Enlêvo de alegria — «cego» porque não vê nem prevê o que virá a suceder. (4) A sorte adversa, em geral, não permite que os mais intensos amores durem tanto quanto se espera, e êsses acabam às vezes em tragédia, como sucedeu a Inês. (5) Os frutos da idade, os encantos da mocidade, o amor do amante e o dos filhos. (6) Tam formosos são os campos do Mondego, que tem pena de lá não estar, tem desejo de os tornar a ver, tem dêles saùdade, quem lá tenha estado alguma vez; por extensão a palavra «saùdosos» tem aqui a significação de inspiradora de saùdade — a das horas ou dos momentos em que os dois amantes aí passavam juntos. (7) «Fruito, enxuito» [no texto], por «fruto», «enxuto»; licença poética [epêntese], ou pronúncia da época; é ainda hoje pronúncia popular na Beira Alta. (8) Hipérbole: as lágrimas de Inês foram tantas que encheram o Mondego, e que êste nunca chega a ficar enxuto como acontece a muitos rios que secam no verão (9) Quando estava só, Inês, repetia tanto o nome

gravado no pensamento e no coração, o nome do seu Pedro, e tantas vezes, que as maiores e as mínimas cousas [os montes e as ervinhas] sabiam de cor êsse nome [prosopopeia].

---

121 Do teu príncipe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam;
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus fermosos se apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam:
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memórias de alegria.

Ali, nesses saùdosos campos do Mondego, *respondiam-te* (1) [às tuas saùdades], *as lembranças do teu Príncipe* — as lembranças *que lhe moravam na alma*, e *que sempre te traziam ante* os *seus olhos*, *quando* estes *se apartavam dos teus formosos;* lembranças, que êle tinha da tua imagem, *de noite, em doces sonhos que mentiam*, e *de dia em pensamentos que voavam! E emfim tudo quanto* êle *cuidava* [*imaginava*] *e* tudo *quanto* êle *via*, todos os seus pensamentos em ti *eram memórias* [*recordações*] *de alegria* [*dos momentos passados no teu convívio*].

(1) Esta palavra poderá talvez ter o significado de «correspondiam», isto é: quando Inês trazia ocupado o pensamento no objecto do seu amor, nesse mesmo momento pensaria nela o seu querido Pedro; teriam ambos a sensação que actualmente se chama telepatia.

---

122 De outras bellas senhoras e princesas
Os desejados tálamos engeita;
Que tudo em fim, tu, puro amor, desprezas
Quando um gesto suave te sogeita.
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pai sesudo, que respeita
O murmurar do povo, e a fantasia
Do filho, que casar-se não queria,

Pedro, por causa do seu amor por ti, *enjeita* (1) *os tálamos* (2) *doutras belas senhoras e princesas* — tálamos *desejados* por *elas*; — *que* [= *porque*] *tu, ó puro Amor* (3), *desprezas tudo emfim, quando um gesto suave* (4) *te sujeita!* (5)

Vendo estas namoradas estranhezas (6), *o velho* e *sisudo* (7) *pai* —, *que respeita* (8) *o murmurar do povo*, — *e* vendo *a fantasia* (9) *do filho, que não queria casar-se* — *determina*.....

(1) Recusa, rejeita. (2) Fig., casamentos [literalmente, leitos conjugais]. (3) Apóstrofe dirigida ao «amor», personalizado aqui nas pessoas que amam com paixão, e que por ela se sacrificam, desprezando honras e riquezas. (4) A terna afeição, terno rosto, meigo. (5) Subjuga. (6) Excessos amorosos. (7) Prudente. (8) Considera; isto é, atende á importância dos murmúrios da côrte; reflecte nas consequências da fantasia do filho; o verbo não tem aqui a significação mais usual de «venerar ou ter respeito»; cfr. expressões usuais como: «sem respeitar o perigo», «sem respeitar as circunstâncias do tempo». (9) A vontade desarrazoada.

Note-se que «fantasia» não pode ser aqui o complemento do verbo «respeita» [verso 6], mas sim de «vendo» [verso 5].

---

123 Tirar Inês ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo aceso.
Que furor consentiu que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande pêso
Do furor mauro, fôsse alevantada
Contra ũa fraca dama delicada?

determina (1) *tirar Inês ao mundo* (2), *por* [= *para*] *lhe tirar* (3) *o filho* — o príncipe D. Pedro — *que* Inês *tem preso* (4) de amor, *crendo*, o rei, *matar* (5) [= *supondo que mataria*] *o aceso fogo do firme amor* do príncipe *só com o sangue da indigna* [= *cruel*] *morte* dela.

¿ *Que furor* (6) seria êsse, que *consentiu, que a fina* [*afiada*] *espada que pôde sustentar o grande pêso* (7) *do mauro furor* (8) *fôsse levantada contra uma fraca e delicada dama?!*

(1) Resolve [o sujeito dêste verbo vem na estância precedente — o pai de D. Pedro]. (2) Perífrase e eufemismo: «determina tirar...», em vez de «determina mandar matar». (3) Para livrar dela. (4) Rendido. (5) Paranomásia: repetição de palavras semelhantes com sentido diferente — «morte» no verso 3, com a significação literal; «matar» no verso 4, com a significação figurada de «extinguir», «apagar» [alegoria]: assim, se um incêndio se apaga com água, julgava o rei poder —, com o sangue de Inês e praticando o acto vil de a mandar matar —, apagar a paixão do príncipe. (6) Paranomásia: aqui, verso 5, furor, significa «loucura»; no verso 7, significa a «heroicidade» com que batalhavam os mouros. (7) As grandes fôrças militares [dos exércitos do imperador de Marrocos e do rei de Granada]; cfr. I, 15-5, «grosso pêso dos exércitos». (8) Nesta exclamação o Poeta invectiva Afonso IV, classificando de loucura a resolução do rei, que, sendo guerreiro nobre e valeroso e tendo combatido denodada e francamente com os mouros, desce à crueldade de mandar assassinar uma dama inocente.

124 Traziam-na os horríficos algozes
Ante o rei, já movido a piedade;
Mas o povo com falsas e ferozes
Razões á morte crua o persuade.
Ella com tristes e piadosas vozes,
Saídas só da mágoa e saùdade
Do seu príncipe, e filhos que deixava,
Que mais que a própria morte a magoava,

Os horríficos algozes (1) *traziam-na ante o rei já movido a piedade* (2); *mas o povo* (3), *com falsas e ferozes razões, persuade-o* (4) *à crua* [cruel] *morte.*

Ela, com tristes e piedosas (5) *vozes, saídas só da mágoa e da saùdade do seu Príncipe* (6) *e dos filhos que deixava — o que a magoava mais que a própria morte* — levantando os olhos..., *dizia*... [o verbo da oração é a última palavra da estância seguinte].

(1) Os horrendos verdugos [Pedro Coelho, Diogo Lopes e Álvaro Gonçalves]. (2) O rei, vendo na sua presença aquela formosura inocente, estava já abalado e compassivo, inclinado a revogar a sua resolução. (3) O «povo» [fig.], os bárbaros conselheiros inimigos de Inês; os verdugos ferozes, que falsamente invocavam o povo, como sendo êste que exigia a morte de Inês. (4) Incita-o a manter a ordem da cruel determinação. (5) Que excitavam a compaixão: note-se «piedade» no verso 2 e «piedosas» no verso 5 [repetição da palavra diferentemente flexionada]: a compaixão no rei, as palavras compassivas na bôca de Inês. (6) Palavras produzidas pela dor [mágoa] de não tornar a ver o seu Príncipe e os filhos, por se apartar dêles para sempre; «mágoa» e «saùdade», — quási sinonímia — para embelezar o pensamento e exprimir mais vivamente a grande intensidade da dor; por isso mesmo a repetição «mágoa» [verso 6], «magoava» [verso 8].

125 Pera o ceo cristalino alevantando
Com lágrimas os olhos piadosos,
(Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigurosos)
E despois, nos mininos atentando,
Que tam queridos tinha e tam mimosos,
Cuja orfandade como mãi temia,
Pera o avô cruel assi dizia:

Levantando os piedosos (1) *olhos, com lágrimas, para o cristalino céu;* levantando sómente *os olhos,* —*porque um dos duros e rigorosos ministros* (2) *lhe estava atando as mãos;*—*e atentando* (3) *depois nos meninos, que tam queridos e tam mimosos tinha* (4), e *cuja orfandade, como mãe temia; dizia assim, para o cruel avô* (5).

(1) Que inspiravam compaixão. (2) Cruéis e desumanos carrascos; cfr. expressões usuais como estas: «ministros da vingança», «ministros da morte» [porque a significação literal de «ministro» é a de servo que presta serviços a alguém]. (3) Olhando atentamente. (4) A quem tinha tam vivo afecto e a quem educava com tanto mimo. (5) O rei, o avô dos meninos, dos filhos do príncipe e de D. Inês.

Inês levanta primeiro os olhos para o céu, como para pedir a Deus que movesse o coração do rei; naturalmente levantaria as mãos, e na atitude em que os cristãos fazem preces, se não estivessem atadas pelos carrascos.

126 «Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aérias tem o intento,
Com pequenas crianças viu a gente
Terem tam piadoso sentimento,
Como co'a mãi de Nino já mostraram,
E cos irmãos que Roma edificaram;

Se, nas brutas feras, cuja mente (1) *a natureza faz cruel de nascimento, e* se, *nas agrestes* (2) *aves, que sómente tem o intento* (3) *nas rapinas* (4) *aéreas* (5), *a gente já viu* (6) terem [mostrarem] elas, *com crianças pequenas, sentimento tam piedoso* (7), *como já mostraram* as pombas *com a mãe de Nino* (8), *e* a lôba *com os irmãos* Rómulo e Remo (9) *que edificaram Roma*..., *tem tu respeito*... [*êste predicado, que é o da oração principal, está no verso 5 da estância imediata onde continua a fala de Inês até a estância 129*].

(1) Fig., instinto. (2) Bravias, não domésticas. (3) Intenção. (4) As cousas que roubam [nas árvores e nos campos]. (5) Criadas no ar, que estão ao ar livre [as aves não roubam o que está dentro das casas]. (6) Locução popular = nós já vimos. (7) Compassivo. (8) Rei [1900 A. C.] da Assíria [segundo filho de Semíramis] — a lendária e célebre fundadora dêsse reino, e que a fábula conta haver sido exposta em um deserto por sua mãe Derceto, deusa da mitologia assíria, sendo alimentada nesse deserto pelas pombas, e depois recolhida por pastores. É lenda semelhante á de Rómulo e outros fundadores fabulosos de antigas dinastias. (9) Personagens lendários, que, sendo meninos abandonados, uma lôba criou, e que depois fundaram Roma [753 A. C.].

127 «Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito,
(Se de humano é matar ũa donzella
Fraca e sem fôrça, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencê-la)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura d'ella:
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

Tu, ó rei!, *que tens o gesto e o peito* (1) *de* ente *humano*, — *se* é próprio *de* ente *humano matar uma donzela* (2), *fraca e sem fôrça* (3), e matá-la *só por* ela *ter sujeito* (4) *o coração a quem soube vencê-la* (5) — *tem respeito* (6) [= *atende tu*] *a estas criancinhas, pois o não tens à morte escura* (7) *dela! mova-te* (8) *a piedade sua e* a *minha* (9), *pois te não move a culpa que não tenho.*

(1) O rosto e o coração. (2) A significação usual era «mulher môça solteira que servia de aia ás senhoras nobres»; mas á mulher que fôra «donzela» dalguma senhora [como o fôra Inés de D. Constança, mulher do príncipe] continuavam a chamar-lhe donzela. (3) Frágil e sem defesa [fig.]. (4) Submetido, rendido. (5) Fig., inspirar-lhe paixão. (6) Modo imperativo exprimindo súplica. (7) Triste. (8) Modo subjuntivo exprimindo súplica: subentende-se «oxalá» que te comova. (9) Compaixão delas e de mim: note-se que as palavras do verso 6 indicam a resignação de Inés, desenganada já de que havia de morrer; dizendo, agora, que tenha compaixão dela, entende-se que não é por causa dela mas dos filhos, para que não fiquem na orfandade, e por isso, na estância seguinte, vem o pedido de que, em vez da morte, lhe aplique o rei o suplício do destêrro entre feras.

128 «E se, vencendo a maura resistência,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe também dar vida com clemência
A quem pera perdê-la não fez êrro;
Mas, se t'o assi merece esta inocência,
Põem-me em perpétuo e misero destêrro,
Na Scitia fria, ou lá na Líbya ardente,
Onde em lágrimas viva eternamente.

E, se tu, *vencendo a maura resistência* (**1**), *sabes dar a morte com ferro e fogo, sabe também, com clemência* (**2**) *dar* a *vida a quem, para perdê-la, não fez êrro. Mas, se esta inocência* (**3**) *assim to merece, põe-me em perpétuo e misero destêrro na Scitia* (**4**) *fria ou lá na Líbia* (**5**) *ardente onde, em lágrimas*, eu *viva eternamente.*

(**1**) Nos combates contra os mouros. (**2**) Não tem aqui a significação de «indulgência» para uma falta confessada, mas sim a da virtude oposta à tirania; forma submissa de pedir ao rei que não seja tirano. (**3**) Fig., estes inocentes, ela e os filhos. (**4**) Nome antigo das regiões polares do norte da Europa e da Ásia. (**5**) Nome antigo da África, em grande parte desconhecida então, e onde lá para o centro se supunha habitarem feras sómente, e morrerem os homens queimados pelo calor.

---

129 «Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre liões e tigres; e verei
Se nelles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achei;
Ali co amor intrínseco e vontade
Naquelle por quem mouro, criarei
Estas relíquias suas, que aqui viste,
Que refrigério sejam da mãi triste.»

Põe-me, tu, onde se use toda a feridade (1), *entre tigres e leões; e verei se posso, nêles, achar a piedade* (2) *que não achei entre peitos* (3) *humanos; ali — com o amor intrínseco* (4) *e* com a *vontade* (5) [= *bemquerença*] *naquele* (6) *por quem morro* (7) de amor — *criarei estas relíquias* (8) *suas, que aqui viste* (9), *e que*, espero, *sejam refrigério* (10) *da triste mãe*, que eu sou.

(1) Onde os costumes sejam de ferocidade, de braveza de feras. (2) Compaixão. (3) Corações. (4) Íntimo. (5) Boa vontade, benevolência. (6) O príncipe. (7) «Morro» no texto — o verbo antiquado «mourir»; cfr. II, 4. (8) Pequenas partes dum todo muito venerado; aqui, os filhos de Inês eram para ela como que pedaços do coração do seu Pedro. (9) O verbo no pretérito, dando a entender que os meninos no começo desta scena estavam presentes, e agora afastados já dali. (10) Consolação.

---

130 Queria perdoar-lhe o rei benino,
Movido das palavras que o magoam;
Mas o pertinaz povo, e seu destino
(Que d'esta sorte o quis) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito ali apregoam.
Contra ũa dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostrais, e cavaleiros?

O rei, movido (1) *das* [= *pelas*] *palavras* de Inês, *que o magoam, queria, benigno* (2), *perdoar-lhe; mas o pertinaz povo* (3) *e* o *seu destino* (4), *que desta sorte o quis, não lhe perdoam* (5) a morte.
Os verdugos, *que tal feito* (6) [*o assassínio*] *ali*

apregoam por bom, arrancam (7) *das espadas de fino aço...* [*interrompe-se a narrativa com a seguinte apóstrofe*].—*Ó carniceiros* (8) *peitos, mostrais-vos feros* (9) *contra uma dama, e* sois *cavaleiros?!* (10)

(1) Comovido. (2) Adjectivo tomado adverbialmente, com benignidade. (3) Fig., os algozes, que pretextavam falsamente as queixas do povo. (4) O destino dela. (5) Poupam. (6) Semelhante acção. (7) Aqui o verbo é intransitivo; o mesmo que: arrancam as espadas; tiram com violência as espadas das bainbas. (8) Epiteto dos animais que matam outros para lhe comerem as carnes ainda em sangue, os que se nutrem de carne crua [águias, milhafres, corvos]. (9) Ferozes. (10) Os fidalgos, que eram recebidos em alguma ordem militar, ou que, tendo praticado feitos bélicos, eram armados solenemente em «cavaleiros».

---

131 Qual contra a linda môça Policena,
Consolação extrema da mãi velha,
Porque a sombra de Achiles a condena,
Co ferro o duro Pirro se aparelha,
Mas ella os olhos, com que o ar serena
(Bem como paciente e mansa ovelha)
Na mísera mãi postos, que endoudece,
Ao duro sacrifício se offerece:

Qual (1) *o duro Pirro* (2) *se aparelha com o ferro* assassino *contra a linda môça Policena, a extrema consolação da* sua *velha mãe*, e vai matá-la *porque a sombra* [= *a alma*] *de Aquiles a condena...*—*mas ela*, a môça, *bem como* [= *à semelhança de*] *paciente e mansa ovelha*, tendo *os olhos, com que o ar serena* (3), *postos na mísera mãe que endoudece* (4), *oferece-se ao duro sacrifício*—*tais...*

(1) A primeira palavra da oração correlata a esta é a primeira da estância imediata: «do mesmo modo que Pirro... dêsse mesmo modo os brutos...». (2) Lenda mitológica: Pirro é o filho de Aquiles; êste é o herói grego imortalizado pela destruição de Tróia na *Iliada* de Homero e que foi morto por Páris com uma flecha que lhe disparou sôbre o calcanhar, único ponto vulnerável de herói; Páris é irmão de Policena, e estes dois são os filhos de Príamo, o último rei de Tróia, e de Hécuba; Aquiles era noivo de Policena; e, depois de morto, a sua alma apareceu a Pirro pedindo-lhe que lhe mandasse a noiva para o outro mundo a fazer-lhe companhia; e por isso Pirro a matou. (3) Hipérbole: o céu desanuvia-se com o olhar dela, como se tivesse luz própria de prodigiosa intensidade; a atmosfera serenaria com o seu olhar mavioso. (4) A mãe infeliz pela perda da filha enlouquece de dor.

---

132 Tais contra Inês os brutos matadores
No colo de alabastro, que sostinha
As obras com que Amor matou de amores
Aquelle que despois a fez rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, férvidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

Tais os brutos (1) *matadores* (2) *se encarniçavam* (3), *férvidos* (4) *e irosos* (5), *contra Inês, não cuidosos* (6) *no futuro castigo* (7), *banhando* (8) *as espadas no colo* (9) *de alabastro* (10), *que sustinha as obras* (11) *com que* o *Amor* (12) *matou* (13) *de amores aquele* príncipe, *que depois* dela ter morrido *a fez rainha,* e banhando em sangue *as brancas flores* (14) *que ela tinha regadas dos seus olhos.*

(1) Bestiais; repetição da idea expressa na palavra «carniceiro» no verso 7 da estância precedente. (2) Assassinos. (3) Cfr. nota 1. (4) Agitados pelo ardor da ira. (5) Irados, coléricos, por índole e carácter. (6) [Antiquado] cuidadosos; «não cuidadosos» = não prevendo, não se lembrando que um dia teriam o castigo. (7) Alusão a ter-se realizado êsse castigo, em parte, porque dois dos assassinos foram com efeito mortos no reinado de D. Pedro; cfr. 136, verso 4. (8) Enterrando as espadas, fazendo-as penetrar profundamente; note-se que o verbo aqui expresso tem êsse sentido; mas êsse mesmo verbo suprimido [por zeugma] antes de «flores» tem o sentido de «inundar, cobrir de sangue». (9) Pescoço. (10) Espécie de mármore extremamente branco. (11) O conjunto da formosura do semblante, as feições, a beleza dos olhos, da bôca; as belezas que fascinaram Pedro; o colo sustenta a cabeça, e nesta residem as feições, os lineamentos do rosto, os que mais cativam e inspiram amor. (12) Prosopopeia. (13) Mortificou [fig.]. (14) Estas flores parece que seriam as «rosas» das faces, [cfr. estância seguinte, verso 7, «sêcas do rosto as rosas»], porque as faces estavam banhadas em lágrimas, e ficariam depois banhadas com o sangue saído do colo da vítima quando ela caiu morta.

---

133 Bem poderas, ó sol, da vista d'estes,
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Tyestes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia!
Vós, ó côncavos valles, que podestes
A voz extrema ouvir da bôca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

[*Apóstrofe*].
Ó sol! bem puderas (1), em *aquele dia*, *apar-*

tar [= *afastar*], *da vista dêstes assassinos*... (2), *os teus raios*, como os desviaste *da seva mesa* (3) *de Tiestes quando* êste, *por mão de Atreu* (4), *comia os* próprios *filhos!*

[*Outra apóstrofe*].

Vós, ó côncavos vales — que pudestes ouvir a voz extrema da bôca fria de Inês moribunda — *por muito grande espaço* (5) *repetistes o nome que lhe ouvistes*, o nome *do seu Pedro*.

(1) Locução popular = «deverias». (2) Desviar, da tua vista, estas...; o Poeta já, aos assassinos, havia chamado ferozes, brutos, carniceiros; agora, expondo a consumação do crime, é tal a indignação, que não lhes dá nenhum outro epíteto, como se o não houvesse bastantemente expresssivo. (3) Atroz banquete. (4) Atreu é o fabuloso rei de Micenas [região da Grécia antiga]; célebre pela sua monstruosa vingança contra o irmão, Tiestes, que tivera amores com Erope, mulher dêle; a vingança consistira em matar Tântalo e Plisteno, filhos de Tieste. e dá-los a comer ao pai num banquete; nesse horrendo momento, escondeu-se o Sol, horrorizado; «até o Sol fugiu», expressão do Poeta latino [Ovídio]. (5) Entende-se grande espaço de tempo e de lugar; foi durante muito tempo e em grande extensão; não foram só os vales próximos, foram os distantes que repetiram o eco doloroso [prosopopeia].

---

134 Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, cândida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da minina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a côr murchada:
Tal está morta a pálida donzella,
Sêcas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva côr, co'a doce vida.

Assim como a bela e cândida bonina (1) *traz o cheiro perdido e a côr murchada* (2), — a bonina *que foi cortada antes do tempo* próprio, *sendo depois maltratada das* [= *pelas*] *lascivas* (3) *mãos da menina que a trouxe na capela* (4) —, *tal está* morta *a donzela* (5): *pálida*, com *as rosas do rosto, sêcas;* com *a côr*, que era *branca e viva, perdida;* *com a doce vida*, perdida.

(1) Nome genérico das florinhas do campo. (2) Esmorecida. (3) Travêssas, galhofeiras. (4) Grinalda, coroa de flores. (5) Môça, jovem [neste mesmo sentido figurado se encontra na estância 127].

---

135 As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E, por memória eterna, em fonte pura
As lágrimas choradas transformaram:
O nome lhe poseram, que inda dura,
«Dos amores de Inês», que ali passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lágrimas são a água, e o nome amores.

As filhas do Mondego (1) *memoraram* (2) *a escura* (3) *morte* de Inês, *chorando longo tempo; e, por memória eterna, transformaram em fonte pura as lágrimas choradas* (4); *e puseram-lhe o nome, que ainda dura, «dos Amores de Inês» que ali passaram* (5) [*ali haviam existido, entre Pedro e Inês, e ali haviam acabado*].

Vêde que fresca fonte rega as flores! vêde *que a água e o nome* da fonte *são lágrimas* e *amores.*

(1) As ninfas do Mondego, as divindades das suas águas [alegoria], para significar as damas de Coimbra, onde residia

então a côrte. (2) Lembraram-se da... (3) Triste, horrorosa. (4) Nesta metamorfose das lágrimas em fonte, a hipérbole alude ao pranto não só de Inês, mas também das damas de Coimbra. (5) Porque os dois amantes ali se falavam muitas vezes, na Quinta das Lágrimas, nome que ainda hoje conserva.

---

136 Não correu muito tempo, que a vingança
Não visse Pedro das mortais feridas;
Que, em tomando do reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas.
Do outro Pedro cruíssimo os alcança;
Que ambos, immigos das humanas vidas,
O concêrto fizeram, duro e injusto,
Que com Lépido e António fez Augusto.

Não correu muito tempo que Pedro não visse (1) *a vingança das mortais feridas* (2); *que* [= *pois*] *a tomou dos humildes fugidos, em tomando* [= *quando êle tomou*] *a governança do reino; alcançou-os* (3) *do outro Pedro*, o rei de Castela, que era *cruíssimo* (4); *que* [= *pois*] *ambos* os reis, *inimigos das vidas humanas* (5), *fizeram* entre si *o duro e injusto concêrto* [*convénio, contrato*] *que fez Augusto* César Octaviano *com* Marco *Lépido e* com Marco *António* (6).

(1) Visse [realizada]...; D. Pedro I começou a reinar em 1357, e a primeira cousa que fez foi vingar-se da morte de Inês tirando a vida a dois dos assassinos, porque um pôde escapar. (2) Fig., a morte produzida pelos golpes dos homicidas; ao mesmo tempo as feridas incuráveis do coração de Pedro por causa dessa morte. (3) Obteve-os; são-lhe entregues por D. Pedro de Castela com quem o rei português fizera ocultamente um pacto pelo qual o rei de Portugal se obrigava a mandar, presos para Castela, alguns fidalgos que

haviam fugido de Espanha, entregando o rei de Castela a D. Pedro I os assassinos de Inês. (4) Crudelíssimo; tem na história o epíteto de cruel. (5) Tinham o espírito de austera vingança; ambos mandaram executar grande número de mortes. (6) Os três, sendo cônsules romanos, fizeram um convénio, de cuja execução resultou entregarem uns aos outros os seus inimigos e governarem êles a república romana depois, em triumvirato [século I A. C.], repartindo o poder entre si, até que um dêles [Augusto, o sobrinho de Júlio César, general e ditador] assumiu o título de imperador, e inaugurou a era do império. Êsse convénio entre os triúmviros foi duro [cruel] e injusto; por várias razões e principalmente porque Marco António foi causador da morte do mais eloqüente orador romano, Marco Túlio Cicero; o convénio entre os dois reis fôra injusto e cruel porque os hespanhóis entregues a Castela não haviam cometido crimes.

---

137 Êste, castigador foi rigoroso
De latrocínios, mortes e adultérios:
Fazer nos maos cruezas, fero e iroso,
Eram os seus mais certos refrigérios.
As cidades guardando, justiçoso,
De todos os soberbos vitupérios,
Mais ladrões castigando á morte deu,
Que o vagabundo Alcides ou Theseu.

Êste rei português *foi rigoroso castigador de latrocínios* (1), *mortes e adultérios;* sendo *fero e iroso, os seus mais certos* (2) *refrigérios* (3) *eram fazer cruezas* (4) *nos maus.* Sendo *justiçoso* (5), *guardando* [*defendendo*], *de todos os soberbos vitupérios* (6), *as cidades* (7), e *castigando ladrões, deu à morte, mais* [*maior número dêles*] do *que* deu o *vagabundo Alcides* (8), *ou Teseu* (9).

(1) Roubos. (2) Costumados. (3) Passatempos. (4) Crueldades. (5) Justiceiro. (6) Insultos dos soberbos, isto é, dos

grandes e dos poderosos. (7) Fig., os povos. (8) Sobrenome do Hércules [mit. grega], por ser neto de Alceu; comparado Pedro com Hércules, por ter êste dado a morte a muitos viventes: o leão de Nemea, a hidra de Lerne, as serpentes de Juno, o rei Diomedes; o gigante Anteu, etc., etc.; percorreu vários países sem ter domicílio certo, por isso aqui tem o epíteto de «vagabundo». (9) O herói lendário [mitologia] rei de Atenas, que foi émulo de Hércules, e que, entre outras proezas, praticou a de matar o Minotauro.

---

138 Do justo e duro Pedro nasce o brando,
(Vêde da natureza o desconcêrto!)
Remisso e sem cuidado algum, Fernando,
Que todo o reino pôs em muito apêrto;
Que, vindo o Castelhano devastando
As terras sem defesa, esteve perto
De destruir-se o reino totalmente:
Que um fraco rei faz fraca a forte gente.

Do justo e duro (1) *Pedro — vêde o desconcêrto* (2) *da natureza! — nasce o brando* (3) *Fernando, remisso* (4) *e sem cuidado algum* (5) nos seus deveres *e que pôs todo o reino em muito apêrto* (6); *que* [= *pois*], *vindo* (7) *o rei castelhano devastando as terras* portuguesas, que estavam *sem defesa, esteve o reino perto de destruir-se* (8) *totalmente; que* [= *porque*] *um rei fraco faz fraca a* sua *forte gente* (9).

(1) Severo. (2) Desordem; o contrário da regra geral; produz admiração que sendo D. Pedro justiceiro, severo e enérgico, fôsse o filho brando e remisso. (3) Frouxo no cumprimento dos seus deveres de rei. (4) Desleixado. (5) Negligente: repetição da idea por diferentes palavras [sinonímia]. (6) Em grandes dificuldades, grandes perigos. (7)

«Vindo... devastando», andando a devastar, a assolar, a arruinar com a guerra. (8) Ser destruído. (9) O povo português, que era valoroso, com o mau exemplo da negligência do rei mal se defendia.

Alude-se ao cêrco de Lisboa pelo rei de Castela [1373], tendo ficado D. Fernando em Santarém em absoluta imobilidade.

---

139 Ou foi castigo claro do peccado
De tirar Lianor a seu marido,
E casar-se com ella, de enlevado
Num falso parecer mal entendido;
Ou foi que o coração sogeito e dado
Ao vício vil, de quem se viu rendido,
Molle se fez e fraco; e bem parece,
Que um baxo amor os fortes enfraquece.

A devastação do país, *ou foi claro* (1) *castigo de Fernando tirar Leonor a seu marido, e casar-se com ela — de enlevado* (2) [= *por se ter enlevado*] *num parecer* (3) *falso* (4) e *mal entendido* (5); — *ou* a causa *foi que* o seu *coração* (6) *dado ao vício vil* (7), — *e sujeito* [= *cativo*] de Leonor, *de quem se viu rendido* [= *vencido*] — *se fez mole* (8) *e fraco*.

E bem [= *realmente*] *parece, que um baixo* (9) *amor enfraquece os* homens *fortes* (10).

(1) Evidente. (2) Encantado. (3) Rosto. (4) Refalsado. (5) Compreendido. Leonor era formosa; os seus encantos representavam falso amor pelo rei, que não compreendeu como êles encobriam a ambição da amante; êste «falso e mal entendido parecer» pode ter outras interpretações: 1.ª, a «opinião» falsa e mal entendida [indevida] do rei, supondo êste que o amor de Leonor era igual à sua formosura; 2.ª, o

parecer [voto] falso e indevido dos letrados que o rei ouviu, e em que êles pretendiam demonstrar que D. Leonor estava ilegìtimamente casada com seu marido. (6) Sinédoque; a parte pelo todo: êle, o rei. (7) A concupiscência, e não o puro amor espiritual. (8) Efeminado. (9) Vil, por ser apenas amor sensual. (10) Alusão aos heróis que, rendidos por impuro amor, foram vítimas da sua fragilidade.

D. Fernando tinha prometido casar com uma filha do rei de Castela; mas, faltando à promessa, o povo de Lisboa, — indignado por saber que a tal casamento se opunha a amante de D. Fernando — [D. Leonor Teles, casada com João Lourenço da Cunha], — revoltou-se, para o compelir ao cumprimento da promessa, prevendo que os castelhanos não sofreriam o insulto. D. Fernando fugiu com a amante para Santarém, donde voltou com tropas para punir os revoltosos, mandando decapitar muitos dêles, e foi logo para o Pôrto, e aí casou com Leonor Teles, sendo o marido ainda vivo. O rei de Castela veio cercar Lisboa, mas levantou o cêrco e assinou um tratado de paz por instigação de um legado apostólico do Papa [1373].

Obtida anulação do primeiro casamento de Leonor Teles, foi sua filha Beatriz reconhecida como herdeira do trono de Portugal nas côrtes de Leiria [1376].

Em um tratado entre D. Fernando e o rei de Castela [1383] estipulou-se que Beatriz, que tinha então 11 anos, casaria com êste último, e que Leonor Teles seria regente de Portugal até a maioridade de Beatriz. A êsses esponsais não assistiu D. Fernando por estar doente, mas assistiram a rainha Leonor e o Conde de Ourém, seu amante, dando ambos grande escândalo. A rainha, ao mesmo tempo que escravizava D. Fernando, extorquindo-lhe o senhorio de muitas terras para si e seus irmãos, atraiçoava-o infamemente, mantendo ilícitos amores com João Fernandes Andeiro, castelhano, a quem por influência dela o rei enchera de honras e riquezas, e dera o título de Conde. Serve êste apontamento para avivar a memória de maneira que se facilite a interpretação das últimas estâncias do presente canto e as primeiras do imediato.

---

140 Do peccado tiveram sempre a pena
Muitos, que Deus o quis e permitiu:
Os que foram roubar a bella Helena,
E com Ápio também Tarquino o viu.
Pois por quem David sancto se condena?
Ou quem o tribo illustre destruíu
De Benjamim? Bem claro no'-lo insina
Por Sara Faraó, Sichém por Dina.

Muitos homens *tiveram a pena* [= *a punição*] *do pecado* (1), *que* [= *pois*] *Deus sempre o quis e permitiu* [que tivesse castigo tal pecado]; tiveram êsse castigo *os* troianos *que foram* à Grécia *roubar a bela Helena* (2); *e Tarquinio* (3) *também o viu* [*o castigo*], *com* [= *e também*] *Ápio* (4). *¿Pois por* causa de *quem se condenou* a si próprio *o santo David?* (5) *¿Ou* [= *e*] *quem* foi que *destruíu a ilustre tribo de Benjamim?* (6) *Faraó* (7) —, *por* amor de *Sara*, *e Siquêm* —, (8) *por* amor de *Dina*, — *bem claro* [= *bem claramente*] *nolo ensinam* [= *nos ensinam isso: o ter sempre castigo, tal pecado*].

(1) O pecado, que o rei Fernando cometia, o da concupiscência. (2) Helena, formosa princesa da Grécia, espôsa de Menelau, raptada por Páris, auxiliado por troianos; dêsse rapto resultou a expedição dos gregos contra Tróia, e a destruição desta cidade. (3) Sexto Tarquínio, filho do último rei de Roma [Tarquínio Soberbo] ofendeu o pudor de Lucrécia, virtuosa dama romana, que desesperada pelo ultrage se matou; foi tanta a indignação do povo, que daí resultou ser expulsa de Roma toda a família de Tarquínio e ser extinta a dignidade rial estabelecendo-se a república [509 A. C.]. (4) Ápio Cláudio, decémviro romano, pretendeu raptar Virgínia, filha dum centurião; daí resultou ser ela morta pelas próprias mãos do pai; e em conseqüência da hedionda tragédia foi extinta a instituição dos decêmviros [449 A. C.], sendo Ápio metido em cárcere, onde se suicidou. (5) David, o

rei de Israel, «a si próprio se condenou» por se haver enamorado de Betsabé, mulher casada, e ter mandado matar Urias, marido dela; indo o profeta Natan ter com David, contou-lhe que um pastor roubara a um vizinho a única ovelha que êste possuía; David, sem perceber a alusão, exclamou, com violenta cólera, que tal criminoso precisava de severo castigo. Então o profeta replicou: «pois foste tu o criminoso, e a ti próprio te condenaste»; e David recebeu o castigo do Céu, perdeu um filho que tivera de Betsabé, e passaram-se na sua casa acontecimentos abomináveis; seu filho Abraão revoltou-se contra êle, fazendo-lhe guerra para o destronar; e em desagravo do crime de David padeceu o povo de Israel um flagelo de que morreram 70:000 homens em três dias. (6) Benjamim, patriarca duma tribo de Israel, a qual foi destruída por outra [a de Levi] para desafronta do ultrage cometido por um indivíduo da primeira contra uma mulher casada. (7) Faraó, rei do Egipto, por ter ofendido o pudor de Sara, mulher de Abraão, patriarca dos hebreus, padeceu grandes perigos. (8) Siquém, chefe dos Cananeus — tribo semítica emigrada da Pérsia para a Síria, — raptou Dina, filha de Jacob, patriarca da Judea, e padeceu o castigo sendo morto pelos hebreus.

Note-se o género masculino e a grafia «tribo», segundo a escrita antiga.

---

141 E pois, se os peitos fortes enfraquece
Um inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Alcmena se parece,
Quando em Omfale andava transformado.
De Marco António a fama se escurece
Com ser tanto a Cleopatra affeiçoado:
Tu tambem, Peno próspero, o sentiste,
Despois que ũa môça vil na Apúlia viste.

E, pois (1), *se um inconcesso* (2) *amor, desatinado* (3), *enfraquece os peitos dos* homens *fortes* (4), êsse facto *bem se parece* (5) [= *bem se vê*] *no filho de Alcmena* (6), *quando andava transformado*

em Onfale (7); *a fama de Marco António* (8) *escurece-se com ser* (9) *tanto* [= *tam*] *afeiçoado a Cleopatra* (10); *tu* (11), Aníbal, *próspero peno* (12), *também o sentiste, depois que, na Apúlia* (13), *viste uma vil môça* e te deixaste seduzir pelos prazeres.

(1) Emprega-se aqui esta conjunção para indicar conclusão; equivale a «finalmente». (2) Não concedido, ilícito. (3) Insano, louco. (4) Na estância 139 são expostos os perigos por que Portugal passou por causa do procedimento efeminado do rei D. Fernando; na estância antecedente citam-se os castigos, que a história regista, sofridos por quem teve procedimento semelhante; nesta, alude-se a heróis, que chegaram a cometer baixezas por causa de amores ilícitos e desordenados. (5) Em outro lugar, é empregado êste verbo na forma reflexa com a significação de «demonstrar-se»; cfr. IX, 85. (6) A mãe de Hércules, mulher de Anfitrião; cfr. nota seguinte. (7) Rainha da Lídia; perdido de amores por ela, Hércules fazia-lhe todas as vontades, a ponto de vestir os fatos dela, e de pôr à cinta, no lugar em que estaria a espada, uma roca, e a fiar entre as damas da rainha; facto que se memora freqüentemente para indicar a influência que a mulher exerce no homem. (8) Era triúnviro romano [42 A. C.]; dera provas de valor vencendo Bruto e Cássio na batalha de Filipa; mas, cego de amores por Cleopatra, abandonou a glória, deixando de entrar na batalha de Leucate para seguir a amante, e assim perdeu esta e a honra. (9) Em conseqüência de ser. (10) Rainha do Egipto, muito formosa, mulher célebre na história por várias circunstâncias; suicidou-se, fazendo-se morder por uma víbora, depois da derrota de Marco António, na batalha naval contra Octávio no Átio. (11) Apóstrofe. (12) «Peno» = cartaginês, por antonomásia [cfr. 116-5]: é Aníbal cartaginês, que, depois de ter vencido os romanos, se entregou a uma vida desregrada principalmente com uma mulher de baixa condição, o que deu causa a ser imitado pelos seus soldados, e a perderem as tropas cartaginesas a disciplina e o seu antigo valor. (13) Nome duma região da antiga Itália [hoje «Puglia»].

142 Mas quem pode livrar-se por ventura
Dos laços que amor arma brandamente,
Entre as rosas e a neve humana pura,
O ouro e o labastro transparente?
Quem, de ũa peregrina fermosura,
De um vulto de Medusa própriamente,
Que o coração converte, que tem preso,
Em pedra não, mas em desejo aceso?

¿*Mas quem é, porventura*, que *pode livrar-se dos laços que o amor arma brandamente entre as rosas* dum rosto formoso, *e a pura neve* da figura *humana*, e *o ouro* duns cabelos louros, *e o transparente alabastro* dum colo de mulher? (1).

¿*Quem* pode livrar-se dos laços *duma peregrina* (2) *formosura?* ¿quem pode livrar-se *dum vulto* [= *rosto*], *própriamente* qual o *de Medusa* (3) e *que tem preso o coração, e o converte, não em pedra, mas em aceso* [*ardente*] *desejo?*

(1) O Poeta agora desculpa os erros do rei Fernando, a sua fragilidade, em presença da grande formosura de Leonor; sôbre «alabastro», cfr. III, 132. (2) Extraordinária, estranha acima da vulgar. (3) Cfr. 77, nota; assim como a cabeça de Medusa convertia em pedra as pessoas que a viam; assim o rosto de Leonor fascinava Fernando, e convertia-lhe o coração em ardentes desejos amorosos, que o obsecavam, e lhe tiravam a faculdade de reflectir.

143 Quem viu um olhar seguro, um gesto brando,
Ua suave e angélica excelência,
Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ella resistência? —
Desculpado por certo está Fernando,
Para quem tem de amor experiência:
Mas antes, tendo livre a fantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

¿Quem viu [= *¿quem haveria, vendo...*] *um olhar seguro* [= *firme*], *um gesto brando* [= *rosto meigo*], *uma suave e angélica excelência* [= *formosura*], *transformando sempre em si as almas* (1), quem haveria, depois de a ver, *que tivesse resistência* (2) *contra ela? Fernando está, por certo, desculpado* [*da sua fragilidade*] *para* [= *perante*] *quem tenha experiência do amor; mas antes* [= *ao contrário*], *tendo* [= *quem tivesse*] *a fantasia livre* [*liberta da influência do amor*], *o julgaria* [= *julgá-lo-ia*] *por* [= *como*] *muito mais culpado* [*do que o julgaria quem tivesse tido tal experiência*].

(1) «Transformando em si...», atraindo a si quem a veja. (2) «Que tivesse resistência», que pudesse resistir ao influxo dessa beleza.

CANTO IV

1 Despois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento;
Aparta o sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento:
Assi no reino forte aconteceu,
Despois que o rei Fernando falleceu.

Depois de procelosa (1) *tempestade, nocturna sombra* (2) *e sibilante* (3) *vento, a manhã traz serena claridade, e esperança de pôrto e salvamento* (4), e *o sol aparta* [= *afugenta*] *a negra escuridade* (5), *removendo* (6) *do pensamento o temor* (7): *assim aconteceu no forte reino* (8), *depois que faleceu o rei Fernando* (9).

(1) Tempestuosa; note-se a sinonímia no substantivo e adjectivo para dar maior impressão dos horrores da tormenta. (2) Escuridão. (3) Que assobia com agudo zunido. (4) Esperança [para o navegante] de chegar a pôrto em que o navio se salve do ameaçado naufrágio. (5) Termo poético = escuridão. (6) Fazendo desaparecer. (7) «Temor» do naufrágio; porque na escuridão da noite parece mais horrível a tempestade. (8) O reino dos fortes portugueses [alegoria.] (9) Faleceu em 1383, ficando o reino em complicada situação e o povo revolucionado, na perspectiva de perder a independência; por isso o Poeta compara o barco agitado pela tem-

pestade, ameaçado de afundar-se, com o país em convulsa revolução, sobrevindo porém a esperança de que o salve o Mestre de Avis, comparado aqui elípticamente com o Sol— segundo se vê na estância imediata em que desta se completa o sentido.

---

2 Porque, se muito os nossos desejaram
Quem os danos e offensas vá vingando
Naquelles que tam bêm se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando,
Despois de pouco tempo o alcançaram,
Joanne sempre illustre alevantando
Por rei, como de Pedro único herdeiro,
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

Porque os nossos (1)—*se muito desejaram quem* fôsse (2) *vingando os danos e ofensas* (3) *daqueles* (4) *que tam bem* (5) *se aproveitaram do remisso descuido de Fernando—em pouco tempo depois o alcançaram* (6), *levantando* [*aclamando*] *rei* (7) a *Joane* (8)—, *sempre ilustre*—, *como verdadeiro e único herdeiro* (9) *de Pedro, ainda que* filho *bastardo.*

(1) Os portugueses. (2) «Desejaram quem vá»—ou «desejavam quem fôsse»; segundo o rigor sintático. (3) Danos e prejuízos sofridos pela nação; as ofensas praticadas pelos validos da rainha D. Leonor contra ilustres portugueses. (4) Daqueles cortesãos. (5) «Tam bem» = em tam grande maneira, tam excessivamente. (6) «Alcançaram», conseguiram «isso que desejavam». (7) «Levantando por . . .» [linguagem obsoleta] aclamando. (8) Forma alatinada de «João». (9) O povo que aclamou D. João [«o Mestre de Avis»] entendeu que era êle o verdadeiro e único herdeiro do rei D. Pedro e apesar de ser dêle filho bastardo; porque os filhos que do

mesmo D. Pedro houvera D. Inês de Castro eram incestuosos — no dizer de João das Regras; e Beatriz não era filha de D. Fernando, mas sim filha adulterina do Conde Andeiro.

---

3 Ser isto ordenação dos ceos divina,
Por sinais muito claros se mostrou,
Quando em Évora a voz de ũa minina,
Ante tempo falando, o nomeou
E, como cousa em fim que o ceo destina,
No berço o corpo e a voz alevantou:
« Portugal! Portugal! (alçando a mão,
Disse) polo Rei novo, Dom João. »

Por muito claros sinais se mostrou ser isto divina ordenação dos Céus (1), *quando, em Évora, a voz duma menina, falando ante tempo* (2), *o nomeou* (3) [ao mestre de Avis], *e quando — como cousa que emfim o Céu destinava* — essa menina *levantou o corpo no berço*, levantou *a voz*, e *disse* (4), *alçando a mão: «Portugal, Portugal! pelo novo rei D. João.»*

(1) Que a eleição do mestre de Avis para rei de Portugal fôra determinada pela Providência. (2) «Ante tempo», antes do tempo em que as crianças costumam falar; a menina era tam nova que ainda dormia no berço. (3) «O nomeou» = «falou no nome dêle». (4) A tradição popular aceitava a narrativa dêsse caso fantástico: que fôra vista e ouvida como um oráculo, em Évora, uma menina, ainda no berço — na presença de pessoas que discutiam quem sucederia ao trono — levantar o corpo, estender a mão, soltar a voz e dizer súbitamente: «Portugal! Portugal! por Dom João» [palavras que se usavam em acto público, quando falecia um rei e era aclamado o sucessor; cfr. III, 46].

---

4 Alteradas então do reino as gentes
Co ódio que occupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas e evidentes
Faz do povo o furor, por onde vinha:
Matando vão amigos e parentes
Do adúltero conde e da rainha,
Com quem sua incontinência deshonesta
Mais (despois de viúva) manifesta.

Estando *então alteradas* [excitadas] *as gentes do reino com o ódio que* lhes *tinha ocupado os peitos* [= os ânimos], sucedeu que *o furor do povo, por onde vinha* [por onde passava] *fazia absolutas e evidentes cruezas* (1); essas gentes *vão* [*andaram*] *matando amigos e parentes do adúltero conde*, *com o qual a rainha, depois de viúva, manifestava mais* do que dantes *a sua desonesta incontinência* (2).

(1) Os habitantes de Lisboa tinham-se sublevado ao aparecerem nas ruas alguns fidalgos com o estandarte rial proclamando herdeira do trono português a D. Brites, mulher do rei de Castela; enfurecidos e excitados pelo ódio praticaram crueldades contra os validos e parentes do rei e do Conde de Ourém, amante da rainha. (2) Depois de viúva, D. Leonor, em vez de esconder os seus criminosos afectos, ostentava-os mais insolentemente.

---

5 Mas ele em fim, com causa deshonrado,
Diante d'ella a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado
Que tudo o fogo erguido queima e corre;
Quem, como Astyanax, precipitado
(Sem lhe valerem ordens) de alta tôrre;
E quem, ordens, nem aras, nem respeito;
Quem, nu por ruas, e em pedaços feito.

Mas, emfim, êle (1), *desonrado com causa* (2), *morre* (3) *diante dela* (4) *a ferro frio* (5), sendo, *na morte, acompanhado* (6) *doutros muitos* (7); *que* [= *pois*] *o fogo erguido* (8) *queima e corre* (9) *tudo*. Houve *quem* fôsse — *como* fôra, noutro tempo, *Astianax* (10) — *precipitado de alta tôrre, sem lhe valerem* as *ordens* sacras [Foi Dom Martim, bispo de Lisboa] (11); Houve alguêm, *a quem* (12) não valeram *ordens* [*religiosas*], *nem aras* (13), *nem* (14) *respeito* do lugar em que estava [a abadessa dum convento que foi assassinada ao pé do altar do Sacramento da Eucaristia]; houve *quem* fôsse arrastado, *nu*, *pelas ruas*, *e feito em pedaços* (15).

(1) O Conde de Ourém, cognominado Andeiro. (2) Afrontado com razão, isto é, por merecer a afronta. (3) «Morre» = é morto; cfr. «morrer na guerra». (4) Fôrça de expressão; o Conde é apunhalado pelo Mestre de Avis, não em presença da rainha mas numa sala contígua. (5) «A ferro frio» = a golpes de arma de ferro [espada, lança, punhal]. (6) Quer isto dizer: que por aquela ocasião se fizeram muitas mortes. (7) Pode subentender-se: «muitos partidários da rainha» ou «muitos indivíduos que nem culpa tinham». (8) Ateado. (9) Aqui o verbo é transitivo, e tem o sentido de «percorrer»; as labaredas do ódio da populaça espalhavam-se por toda a parte; queimavam o que se lhes deparava. (10) Nome dum valente chefe troiano [filho único de Heitor], a quem Ulisses precipitou do alto duma tôrre de Tróia, quando esta cidade foi tomada pelos gregos [reminiscências da *Eneida*, de Virgílio]. (11) O bispo, para fugir à ira popular, refugiara-se na tôrre da Sé; dizem que subira lá para mandar tocar os sinos a rebate, e produzir agitação que desviassse o povo do paço. (12) Parece que deve subentender-se aqui o verbo expresso na oração antecedente: «valer». (13) Altares [plural pelo singular]. (14) À freira, não lhe valeram [não lhe serviram de utilidade, não a protegeram] nem o ser professa em uma ordem monástica, nem o estar abraçada a um altar; e nem «isto lhe valeu» respeito [o verbo subentendido com outra flexão; — a circunstância de ser freira, e

*

a de estar no altar não lhe grangearam o respeito dos malvados]. (15) O povo, despindo algumas pessoas, arrastava-as, nuas, pela cidade, até serem feitas em pedaços.

---

6 Podem-se pôr em longo esquecimento
As cruezas mortais que Roma viu,
Feitas do feroz Mário e do cruento
Syla, quando o contrário lhe fugiu.
Por isso Lianor, que o sentimento
Do morto conde ao mundo descobriu,
Faz contra Lusitânia vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira d'ella.

Podem pôr-se em longo esquecimento (1) *as mortais cruezas* (2), *feitas do* (3) *feroz Mário* (4), e *que Roma viu;* podem pôr-se em longo esquecimento as cruezas *do cruento* (5) *Sila* (6), *quando o contrário* [= *o rival*] (7) *lhe fugiu. Por isso* (8) *Leonor — que descobriu ao mundo o sentimento do* [= *pelo*] *morto Conde* (9) — *fez* [= *induziu*] *Castela* (10) *vir contra* a *Lusitânia, dizendo que sua filha era herdeira dela* (11) [*herdeira da Lusitânia*].

(1) Subentende-se: «em vista das atrocidades referidas na estância precedente»; essas atrocidades deixavam a perder de vista as que haviam sido praticadas em Roma por Mário e Sila; estas foram menores [hipérbole] e por isso podiam cair no esquecimento. (2) Crueldades que produziram mortes. (3) «Feitas do...» = «feitas pelo...»; o uso clássico da preposição «de» precedendo o agente das orações regidas por verbo da voz passiva. (4) «Mário», célebre general e cônsul romano [156-86 A. C.] que fez crueldades, mandando matar nas ruas os partidários de Sila, dando os cadáveres em repasto às aves e aos cães. (5) Cruel, san-

guinolento. (6) «Sila», célebre ditador e cônsul [138-78 A. C.], rival de Mário, e que praticou iguais atrocidades. (7) Mário, fugindo de Sila, quando encontrou êste em fôrças superiores, foi morto no seu esconderijo; Sila depois disso é que se vingou atrozmente dos partidários do seu inimigo. (8) «Por isso» = em conseqüência das atrocidades do povo de Lisboa, referidas na estância precedente e para se vingar das afrontas recebidas. (9) Leonor deu claras demonstrações de pesar, quando viu morto o seu ministro e amante. (10) «Fez Castela» = «fez [conseguiu] que o rei de Castela» viesse contra Portugal. (11) Dizia Leonor que sua filha Beatriz [a espôsa do rei castelhano] era herdeira da Lusitânia, era herdeira da coroa de Portugal.

---

7 Beatriz era a filha, que casada
Co Castelhano está que o reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lh'o concede.
Com esta voz Castella alevantada,
Dizendo que esta filha ao pai succede,
Suas fôrças ajunta pera as guerras,
De várias regiões e várias terras.

Beatriz era a filha que estava (1) *casada com* o rei *castelhano* (2) *que pedia* [= *desejava possuir*] *o reino* de Portugal. Ela é *reputada filha de Fernando, se a corrompida fama lho concede* (3).

Castela, (4) — *levantada* (5) *com esta voz* (6) e *dizendo, que esta filha sucede ao pai* na coroa —, *juntou* (7), *para a guerra* (8), as *suas fôrças* (9) *de várias regiões e* de *várias terras* (10).

(1) Restabelece-se aqui o rigor da construção gramatical nas flexões dos verbos; a licença é tomada freqüentemente, perante a exigência da métrica, no emprêgo dos tempos

dos verbos de orações correlatas. (2) D. João I, de Castela. (3) «Corrompida fama» = má reputação, voz pública; «corrompida» = prevertida; as vozes da gente depravada [as «más línguas», como se diria em estilo popular] não concediam [= negavam], que Beatriz fôsse filha do rei [suspeitavam que o fôsse do amante de Leonor]. (4) Fig., «o rei de Castela». (5) Incitada. (6) «Voz» [o partido] de D. Leonor. (7) Reuniu. (8) Hostilidades [contra Portugal]. (9) Fôrças militares. (10) Nas estâncias seguintes se nomeiam as terras donde veio gente para formar o exército que havia de invadir Portugal.

---

8 Vem de toda a província, que de um Brigo,
(Se foi) já teve o nome dirivado:
Das terras que Fernando e que Rodrigo
Ganharam do tirano e mauro estado.
Não estimam das armas o perigo
Os que cortando vão co duro arado
Os campos lioneses, cuja gente
Cos Mouros foi nas armas excellente.

Vem gente de toda aquela *província* (1), *que já teve o nome derivado* [*se o foi*] *dum Brigo* (2); vem gente *das terras* (3) *que Fernando* (4) *e Rodrigo* (5) *ganharam ao tirano e mauro estado* (6). *Os* camponeses *que vão* [= *andam*], *com o duro arado, cortando* [= *lavrando*] *os campos leoneses* (7), *cuja gente foi excelente* (8) *nas armas contra os mouros, não estimam o perigo das armas* [= *não fazem caso dos perigos da guerra*]; vem essa gente, também, contra Portugal.

(1) A província de Burgos. (2) Alude-se à tradição de ter havido um rei chamado Brigo na antiga Ibéria; mas o

Poeta põe em dúvida, que o nome de «Burgos» seja derivado de «Brigo». Note-se que várias terras da península hispânica tinham o sufixo «-briga» [significaria lugar onde algum general desse batalha? cfr. Julióbriga, Augustóbriga, Flavióbriga]. (3) As terras a que se alude aqui seriam as de Castela; mas vejam-se as notas seguintes. (4) Fernando Magno, rei de Castela, Leão e Galiza [1030-1065]. (5) Rodrigo Dias de Bivar — cognominado o Cid — que se tornou célebre [1099] em batalhas contra os mouros, auxiliando Fernando Magno na conquista de terras que estavam sob o tirânico poder dos mouros. (6) Poder, domínio. (7) Os campos do reino de Leão [hoje província]. (8) De valor inexcedível.

---

9 Os Vândalos, na antiga valentia
Ainda confiados, se ajuntavam
Da cabeça de toda a Andaluzia,
Que do Guadalquibir as águas lavam.
A nobre ilha também se apercebia,
Que antigamente os Tírios habitavam,
Trazendo por insígnias verdadeiras
As hercúleas colunas nas bandeiras.

Juntavam-se (1), *confiados ainda na antiga valentia* (2), *os vândalos* (3) *da cabeça* (4) *de toda a Andaluzia* — cabeça *que as águas do Guadalquivir* (5) *lavam. Também se apercebia* (6) para a guerra, *a nobre ilha* (7), *que os Tírios* (8) *habitaram antigamente, trazendo* estes, *por verdadeiras insígnias, nas bandeiras, as colunas hercúleas* (9).

(1) Juntavam-se à gente de Castela que vinha invadir Portugal. (2) Confiados na valentia demonstrada pelo seus antepassados. (3) Antigos povos da Germânia [os vândalos]

que haviam invadido outrora a Andaluzia, província que por isso se chamara Vandália [cfr. III, 60]. (4) Cidade capital [Sevilha]. (5) Nome do rio que passa por Sevilha. (6) Preparava. (7) A ilha de Leão, na província de Cádiz, e na qual assenta a cidade dêste nome, ilha que está separada do continente por estreito canal que é atravessado por uma ponte; a perífrase significa «os habitantes da província de Cádiz». (8) Antigos fenícios da Ásia Menor, e que, segundo a tradição, fundaram Cádiz. (9) «Colunas de Hércules», chamavam os clássicos aos montes Calpe [Gibraltar] na Europa, e Abila [Ceuta] em África; porque, segundo a lenda mitológica, foi Hércules quem, com a sua prodigiosa fôrça, separou um do outro êsses dois montes, que eram antigamente um só, e que vieram a formar a porta de comunicação entre o Mediterrâneo e o Atlântico; os guerreiros tírios usavam nas suas armas, como emblema da sua verdadeira fôrça, as colunas de Hércules. Nas perífrases desta estância e da antecedente é posta em relêvo a intrepidez dos povos que vinham invadir Portugal; dêste modo se valoriza, por comparação, a valentia dos portugueses, que a tantos e tam intrépidos inimigos souberam resistir.

---

10 Também vem lá do reino de Toledo,
Cidade nobre e antiga, a quem cercando
O Tejo em tôrno vai suave e ledo,
Que das serras de Conca vem manando.
A vós outros também não tolhe o mêdo,
Ó sórdidos Galegos, duro bando,
Que, para resistirdes, vos armastes,
A aquelles cujos golpes já provastes.

Também vem gente, *lá do reino* (1) *de Toledo* (2), *cidade nobre e antiga, a quem o Tejo — que das serras de Conca* (3) *vem manando — vai cercando em tôrno, suave e ledo* (4). *A vós outros* (5), *ó sórdidos* (6) *galegos, ó duro* (7) *bando* (8), *tam-*

bêm não vos *tolhe o mêdo, que* [= *pois*] *vos armastes para resistir àqueles* (9) *cujos golpes já provastes!*

(1) Fig., província. (2) Tem este mesmo nome a província e a sua capital, que o foi do reino dos visigodos e depois do de Espanha; a cidade está na margem esquerda do Tejo, o qual descreve uma grande curva em tôrno dessa cidade. (3) «Cuenca» [escrevem os espanhóis] é o nome duma província de Espanha e da capital respectiva a 138 quilómetros de Madrid; na parte norte desta província montanhosa passa o Tejo. (4) Alegremente, aprazìvelmente, de modo que alegra quem o vê. (5) Apóstrofe. (6) Avarentos. (7) Forte, robusto. (8) Fig., povo. (9) Subentende-se «àqueles portugueses»; aludindo às lutas dos primeiros tempos da monarquia, e nas quais os galegos demonstraram ser valentes, apesar de terem sofrido reveses inflingidos pelos portugueses.

---

11 Também movem da guerra as negras fúrias
A gente bizcainha, que carece
De polidas razões, e que as injúrias
Muito mal dos estranhos compadece.
A terra de Guipúscua e das Astúrias,
Que com minas de ferro se ennobrece,
Armou d'elle os soberbos moradores,
Para ajudar na guerra a seus senhores.

As negras fúrias da guerra (1) *movem* (2) *também a gente biscainha* (3), *que carece de polidas razões* (4), *e que muito mal compadece* [= *mal sofre*] *as injúrias dos estranhos. A terra de Guipúscua* (5) *e das Astúrias* (6), *que se ennobrece com minas de ferro, armou dêle* [*armou de ferro*] *os soberbos moradores* (7) *para, na guerra, ajudarem aos seus senhores* (8).

(1) «As negras», etc., o negregado [horroroso] furor bélico. (2) Incitam. (3) Gente de Biscaia [província limitada

pelo gôlfo do mesmo nome — capital Bilbau]. (4) Os biscainhos são bruscos, não tem cortesia ou polidez quando argumentam, não é compreensível o seu dialecto. (5) Província de Espanha na vertente dos Pirinéus. (6) Província de Espanha [capital Oviedo]; era afamada esta província por suas importantes minas de ferro. (7) «A terra armou de ferro os moradores» [fig.], os moradores da terra armaram-se: «soberbos», orgulhosos. (8) Os proprietários, os senhores de terras.

---

12 Joanne, a quem do peito o esfôrço crece,
Como a Samsão Hebreo da guedelha,
Pôsto que tudo pouco lhe parece,
Cos poucos de seu reino se aparelha;
E, não porque conselho lhe falece,
Cos principaes senhores se aconselha,
Mas só por ver das gentes as sentenças,
Que sempre houve entre muitos differenças.

Joane (1) — *a quem o esfôrço* (2) *cresce do* (3) *peito* (4), *como* crescia *da guedelha* (5) *a Samsão* (6), *o Hebreu* — *aparelha-se* (7) *com os poucos* (8) *do seu reino, pôsto que tudo lhe pareça pouco* (9); *e aconselha-se com os principais senhores* (10), *não porque lhe falece o conselho* (11), *mas só para ver as sentenças* (12) *das gentes* (13); *que* [= *pois*] *entre muitos* homens (14), *sempre houve diferenças* (15).

(1) O príncipe D. João, grão-mestre da Ordem de Avis. (2) Intrepidez. (3) «Cresce do...» = provém do..., tem origem no... (4) Animo. (5) Cabelo comprido. (6) O juiz dos Hebreus, cuja fôrça física era enorme e residia nos cabelos; tam grande era, que êle, só êle, matou mil filisteus com a queixada dum jumento; perdeu essa fôrça quando

uma desregrada mulher, Dalila, aconselhada pelos inimigos de Israel, o adormeceu no colo e lhe cortou a guedelha. (7) Prepara-se [para a revolução que veio a derrubar D. Leonor da regência do reino]. (8) Subentende-se: homens de armas. (9) Apesar de ver que ainda era limitado o número dos seus partidários. (10) «Senhores» [de terras], fidalgos. (11) Não porque lhe faleça o conselho, a capacidade para resolver = não por precisar do conselho [de outrem]; êle bem sabia como proceder. (12) «Ver as sentenças», ver [quais seriam] as opiniões. (13) «Das gentes»; dos fidalgos reünidos para darem conselho. (14) «Entre muitos», quando muitos homens estão reünidos para darem parecer. (15) «Diferenças», diversidade [no modo de pensar].

Note-se a concisão e clareza com que o Poeta confronta a grandeza da fôrça moral do futuro rei, com a grandeza da fôrça física de Samsão.

---

13 Não falta com razões quem desconcerte
Da opinião de todos na vontade,
Em quem o esfôrço antigo se converte
Em desusada e má deslealdade;
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a própria e natural fidelidade,
Negam o rei e a pátria; e se convém,
Negarão (como Pedro) o Deus que tem.

Não falta, aí (1), *quem desconcerte* (2) — *na vontade* (3) — *da opinião de todos* os outros, e *em quem o antigo esfôrço* (4) *se converte em desusada* (5) *e má* (6) *deslialdade, podendo mais* (7) *o gelado* e *inerte temor* (8), do *que a própria e natural fidelidade* (9); homens, como êsses (10), *negam* (11) *o* seu *rei e a* sua *pátria, e — se lhes convêm — negarão* (11), *como Pedro* (12) negou (11), *o Deus que tem* [*o seu Deus*].

(1) Nessa reünião ou asssemblea de fidalgos. (2) Quem divirja, quem se afaste. (3) No «querer»; era gente con-

vencida da bondade duma idea, mas, que, por conveniência, queria que ela não se realizasse. (4) «Antigo esfôrço», a intrepidez manifestada em tempo anterior. (5) Extraordinária, nunca vista, demasiada. (6) Maligna, maliciosa, perversa. (7) «Podendo mais», tendo maior poder, exercendo maior influência [o mêdo]. (8) Fig., o terror, o mêdo que causa frio de gêlo, e que tira as fôrças deixando o medroso na inércia, sem movimento. (9) Homenagem, obediência que ao rei prestam os vassalos; na assemblea dos fidalgos; alguns havia cujo sentimento de fidelidade era suplantado pelo mêdo de se exporem aos perigos duma revolução. (10) Os medrosos [sujeito subentendido do verbo «negam]». (11) O verbo tem aqui a significação de «não querer reconhecer como certo o que realmente é verdadeiro». (12) S. Pedro, o Apóstolo, que «negou a Cristo», dizendo que o não conhecia.

---

14 Mas nunca foi que êste êrro se sentisse
No forte dom Nuno Álvarez: mas antes,
Pôsto que em seus irmãos tam claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes,
A aquellas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo:

Mas nunca foi [= *sucedeu*], *que êste êrro* [o mêdo] *se sentisse* (1) *no forte* (2) *D. Nuno Álvares; mas antes* (3), *pôsto que o* (4) *visse tam claro* (5) *em seus irmãos* Diogo e Pedro, D. Nuno — *reprovando, com palavras mais duras* (6) do *que elegantes, as inconstantes vontades* (7) dos seus companheiros, pondo *a mão na espada, ameaçando a terra, o mar e o mundo, — disse irado e não facundo* (8) *àquelas duvidosas* (9) *gentes:*

(1) «Se sentisse», fôsse sentido, conhecido. (2) Intrépido. (3) «Antes», pelo contrário. (4) O êrro, isto é, o mêdo.

(5) Evidente. (6) Severas. (7) A inconstância, a volubilidade, a versatilidade, a falta de firmeza de princípios. (8) Não eloqüente; repetição da idea «sem elegância de palavras, mas abruptamente e com severidade». (9) Aquela gente desconfiada, hesitante que o estava ouvindo.

Nuno Álvares pelejou depois contra os seus próprios irmãos. Cfr. IV, 32, 40.

---

15 «Como? da gente illustre portuguesa
Há de haver quem refuse o pátrio Marte?
Como? d'esta provincia, que princesa
Foi das gentes na guerra em toda a parte,
Ha de sair quem negue ter defesa?
Quem negue a fé, o amor, o esfôrço e a arte
De Português, e por nenhum respeito
O próprio reino queira ver sogeito?

— *«Como?! ¿Há-de haver, da ilustre gente portuguesa, quem* (1) *refuse* (2) *o pátrio* (3) *Marte?!* (4).

Como?! ¿Desta provincia (5) *que na guerra, em toda a parte, foi princesa* (6) *das gentes* (7), *há-de sair* [*há-de aparecer*] *quem negue ter ela defesa?* (8).

¿Haverá quem negue (9) *a fé, o amor* pátrio, *o esfôrço e a arte de português, e queira, por nenhum respeito* (10), *ver sujeito* (11) *o próprio Reino?*

(1) Haverá «da gente portuguesa», quem...? haverá quem, sendo português, reprove...; haverá alguém, entre gente portuguesa, que...? (2) Reprove [significação do verbo latino *refutare*]. (3) Da pátria. (4) A guerra [personificada no deus mitológico]; nesta hipótese, o sentido vem a ser: «haverá portugueses que reprovem a guerra para salvação da pátria»? (5) O reino [a parte pelo todo]. (6) Fig., a mais célebre, a mais notável. (7) Fig., nações. (8) Haverá

quem afirme não poder Portugal defender-se? (9) Renegue: mais adiante a significação [do verbo subentendido] é diversa: haverá quem negue [renegue, abandone] a fé [a religião cristã] e o amor pátrio; haverá quem negue [afirme não existir] em portugueses o esfôrço [a intrepidez] e a arte [o saber, a sciência militar]? (10) Por qualquer motivo, nenhum existindo. (11) Subjugado [sujeito à coroa de Castela, que ambicionava o govêrno de Portugal, pelo facto de estar a filha de D. Fernando e de D. Leonor casada com o rei Castelhano].

---

16 «Como? Não sois vós inda os descendentes
D'aquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henríquez, feros e valentes,
Vencestes esta gente tam guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Poseram em fugida, de maneira
Que sete illustres condes lhe trouxeram
Presos, afora a presa que tiveram?

Como?! ¿não sois vós ainda os descendentes daqueles feros e valentes cavaleiros *que, debaixo da bandeira do grande* Afonso *Henriques, venceram esta gente* castelhana *tam guerreira? ¿e quando* êsses cavaleiros *puseram em fugida tantas bandeiras* (1), *tantas gentes* (2), *de maneira que lhe* [*a Afonso Henriques*] *trouxeram presos sete condes* (3) *ilustres, afora a presa* (4) *que tiveram?*

(1) Hostes [fig.]. (2) Combatentes. (3) Comandantes de fôrças militares, os quais teriam o título de condes, que era dado, no regime feudal, a alguns senhores ou proprietários de terras. (4) Despojos da guerra tomados pelos vencedores.

---

17 «Com quem foram contino sopeados
Estes, de quem o estais agora vós,
Por Dinis e seu filho sublimados,
Se não cos vossos fortes pais e avós?
Pois, se com seus descuidos ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos pôs,
Torne-vos vossas fôrças o rei novo,
Se é certo que co rei se muda o povo.

— « *¿ Com quem?* (1) *senão com os vossos fortes* (2) *pais e avós, foram, por* el-rei D. *Dinis* (3) *e seu filho* [*sublimados* guerreiros] de *contínuo* (4) *sopeados* (5) *estes* castelhanos, *de quem* [*pelos quais*] *vós o estais agora?*

Pois, se o rei *Fernando* — *com os seus descuidos ou pecados* — *vos pôs assim em tal fraqueza, torne-vos* [= *restitua-vos*] (6) *o novo Rei* (7) as *vossas fôrças, se é certo, que com o rei se muda o povo* (8).

(1) «Com quem...», com auxílio de quem...? (2) Intrépidos. (3) Cfr. III, 96. (4) Continuamente, constantemente. (5) Trazidos em temor. (6) O imperativo exercendo função de futuro. (7) O novo rei [D. João I] dar-vos há nobre exemplo de fortaleza, incutindo-vos coragem. (8) Cfr. III, 138: «um fraco rei faz fraca a forte gente».

---

18 «Rei tendes tal que, se o valor tiverdes
Igual ao rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quiserdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes;
E se com isto em fim vos não moverdes
Do penetrante mêdo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

— « *Tendes, agora, Rei tal, que — se tiverdes o valor igual ao do Rei, que levantastes* (1), *desbaratareis* (2) *tudo o que quiserdes, quanto mais a quem já desbaratastes* (3): *e se, com isto* que vos digo, *vos não moverdes* (4) *do penetrante mêdo que tomastes, atai as mãos ao vosso vão receio* (5), *que* [= *pois*] *eu, só* (6), *resistirei ao jugo alheio.*

(1) Aclamastes. (2) Destruireis, derrotareis, em batalha. (3) Alusão a guerras anteriores em que haviam sido vencidos os castelhanos. (4) Se não perderdes êsse mêdo. (5) Fig., dominados pelo pânico, deixai-vos na inércia. (6) Desacompanhado, sem o vosso auxílio.

---

19 « Eu só com meus vassallos, e com esta,
(E dizendo isto, arranca meia espada)
Defenderei da fôrça dura e infesta
A terra nunca de outrem sojugada.
Em virtude do rei, da pátria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei não só estes adversários,
Mas quantos a meu rei forem contrários. »

« *Eu só, com* os *meus vassalos* (1) *e com esta — e dizendo isto arranca meia espada* (2) — *defenderei da infesta* (3) *e dura* (4) *fôrça* castelhana, *a terra* portuguesa *nunca subjugada de* [= *por*] *outrem. Em virtude* (5) *do Rei, da pátria mesta* (6), e *da lialdade já por vós negada* [= *renegada*], *vencerei não só estes adversários, mas* todos *quantos forem contrários ao meu rei.*

(1) D. Nuno Alvares Pereira herdara de seus antepassados [Pereiras] grandes propriedades agricolas e era senhor de

grande número de vassalos [o casamento ulterior dum filho de D. João I com a filha de D. Nuno aumentou os haveres da família, fundando-se a casa de Bragança]. (2) Contava-se que na igreja do Carmo, em Lisboa, destruída por um terramoto, existia a espada de Nuno Álvares. (3) Adversa. (4) Cruel. (5) Por amor do rei. (6) Triste.

---

20 Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canúsio, relíquias sós de Canas,
Já pera se entregar quási movidos
Á fortuna das fôrças africanas,
Cornélio môço os faz que, compelidos
Da sua espada jurem que, as romanas
Armas não deixarão, em quanto a vida
Os não deixar, ou nellas fôr perdida:

21 D'est'arte a gente força e esforça Nuno,
Que, com lhe ouvir as últimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações.
Nos animais cavalgam de Neptuno,
Brandindo e volteando arremessões;
Vão correndo e gritando a bôca aberta:
«Viva o famoso Rei, que nos liberta!»

Bem como [= *da maneira pela qual*] *o môço Cornélio* (1), *entre os mancebos* (2) romanos *recolhidos em Canúsio*, — que eram *relíquias sós* [= *restos únicos*] da batalha *de Canes*, e que *já* estavam *quási movidos* [*resolvidos*] *para* (3) *se entregarem à fortuna das fôrças africanas* (4), — *os faz jurar*, sendo *compelidos da* [= *pela*] (5) *sua espada, que não*

eixarão [*não abandonarão*] *as armas romanas, em uanto a vida os não deixar, ou* não *fôr perdida elas* (6); *desta arte* [= do mesmo modo] *Nuno* Álvares *força* [= *fortalece*] *e esforça* [= *incita*] *a ente* portuguesa, *que* [= *a qual*], *com lhe ouvir as ltimas razões, remove* [= *afasta*] *o frio e impor-uno temor que lhe tinha gelado os corações.* Os ortugueses *cavalgam nos animais de Neptuno* (7), *brandindo e volteando arremessões* (8), *vão cor-endo, e* vão *gritando*, com a *bôca aberta* (9): *«viva famoso rei, que nos liberta!»*

(1) «Cornélio» [Públio Cornélio Scipião] é o célebre ge-eral romano que venceu Aníbal [general também famoso, as cartaginês]. Cognominava-se «Africano», o primeiro, or ter alcançado grandes vitórias contra os cartagineses que eram africanos] nas chamadas «guerras púnicas». Aní-al tinha debelado o exército romano em Canas — cidade an-ga na Itália Meridional, província de Apúlia [Puglia]; e os estos [as «relíquias»] do exército derrotado, refugiados em anúsio — cidade próxima de Canas — estavam dispostos a apitular, quando Scipião — que a êsse tempo era môço, pois nha apenas 24 anos — arrancando a espada, os obrigou a vestir com o inimigo, ameaçando matar todos aqueles, que não seguissem, e não jurassem defender as armas roma-as, emquanto vida tivessem. Põe o Poeta em paralelo êste rrôjo de Scipião e o de Nuno Álvares, que, por influência as suas palavras, converteu os medrosos em gente intrépi-a. (2) «Môço entre os mancebos»: porque Scipião, o gene-l, era homem novo como os mais novos da sua gente. (3) Movidos para se entregarem» = dispostos a entregarem-se.) «Á fortuna das fôrças africanas» = ao exército cartagi-ês, que estava favorecido pela fortuna [porque tinha alcan-ado uma grande vitória.] (5) A preposição «de» indicando agente do verbo na voz passiva [*passim*]. (6) «Nelas» ubentende-se «armas»; deve entender-se «com elas na ão». Note-se a redundância expletiva: «os combatentes ão largariam das mãos as armas, emquanto tivessem vida, nquanto não caíssem mortos sôbre elas mesmas». (7) «Os nimais de Neptuno» = os cavalos; perífrase, de reminiscên-

cias mitológicas, e que reproduz a imagem de Neptuno batendo com o pé no chão donde brotou o cavalo; do mesmo modo as palavras de Nuno Álvares tiveram a magia de fazer despertar o ânimo, repentinamente, nos que estavam esmorecidos. (8) «Arremessões», armas de arremêsso [lanças, setas, etc.]. (9) Fig., em altos brados.

---

22 Das gentes populares, uns aprovam
A guerra com que a pátria se sostinha;
Uns as armas alimpam e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
Capacetes estofam, peitos provam,
Arma-se cada um como convinha;
Outros fazem vestidos de mil côres,
Com letras e tenções de seus amores.

Das gentes populares (1), *uns aprovam* (2) *a guerra, com que se sustinha a pátria* (3); *uns limpam e renovam* (4) *as armas que a ferrugem da paz* (5) *tinha gastado; estofam* (6) *capacetes, provam peitos* (7); *arma-se cada um como* lhe *convinha; outros fazem vestidos de mil côres* (8), *com letras e tenções dos seus amores* (9).

(1) «Gentes populares», o povo. (2) Lembra tácitamente o Poeta, que o povo queria a guerra; mas dos nobres nem todos, como se vê na estância precedente. (3) Que só por meio da guerra seria mantida a independência da pátria. (4) Alguns, brunem as armas, para estas tornarem a parecer novas. (5) Durante o reinado de D. Pedro houvera paz, estavam por isso as armas gastas de ferrugem. (6) Os capacetes eram estofados de algodão, para amortecer o choque das cutiladas. (7) Os peitos de ferro, as peças de armadura que defendiam o peito. (8) Variadas côres, como era uso nas fôrças militares. (9) «Tenções», figuras, divisas, em-

blemas [que se usavam nos escudos] com motos [letras, palavras] alusivos não só à empresa mas também à dama que o guerreiro tinha em amorosa lembrança.

---

28 Com toda esta lustrosa companhia
Joanne forte sae da fresca Abrantes,
Abrantes, que também da fonte fria
Do Tejo logra as águas abundantes.
Os primeiros armígeros regia
Quem pera reger era os mui possantes
Orientais exércitos sem conto,
Com que passava Xerxes o Helesponto:

Com toda esta lustrosa companhia (1), *o forte* (2) *Joane* (3) *sai da fresca Abrantes* — *que também logra* (4) *as abundantes águas da fria fonte* (5) *do Tejo. Regia* (6) *os primeiros* (7) *armígeros* (8) *quem* (9) *era* apto *para reger os* muitos — *sem conto* — e *possantes* (10) *exércitos orientais, com que Xerxes passara o Helesponto* (11).

(1) Com estas brilhantes fôrças militares [as que partiram na direcção de Aljubarrota, onde se deu a famosa batalha adiante descrita]. (2) Valoroso. (3) D. João I. (4) Goza. (5) Nascente; para lembrar que, na origem, as águas do Tejo são frias, pois quando êste rio passa junto da vila de Abrantes já tem percorrido muitas dezenas de quilómetros. (6) «Comandava» dir-se-ia hoje. (7) Os da frente, [os da vanguarda]. (8) Soldados [literalmente: os que levam armas]. (9) «Quem era» o comandante do primeiro corpo do exército [diz-se na estância imediata]: D. Nuno, capaz de comandar os exércitos de Xerxes. (10) Potentes, fortes, aguerridos. (11) Xerxes, rei da Pérsia [485-465 A. C.], pas-

sou o estreito dos Dardanelos [antigamente Helesponto] com um fortíssimo exército, quando foi invadir a Ática [hoje Grécia] e destruir Atenas.

---

24 Dom Nuno Alvarez digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o forte Huno o foi primeiro
Pera Franceses, pera Italianos.
Outro, também famoso cavalleiro,
Que a ala dereita tem dos Lusitanos,
Apto pera mandá-los e regê-los,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcelos.

Digo o nome de quem regia os primeiros armígeros: era *D. Nuno Álvares, verdadeiro açoute* (1) *de soberbos* (2) *castelhanos, como o fôra já primeiro* [= *noutro tempo*] *o forte Huno* (3), *para franceses e italianos. Outro cavaleiro, também famoso, que tinha* [= *comandava*] *a ala direita dos lusitanos,* e era *apto para mandá-los e regê-los, dizia-se* [= *chamava-se*] *Mem Rodrigues de Vasconcelos* (4).

(1) Fig., flagelo, punição. (2) Fortes. (3) Átila, rei dos Hunos [povos bárbaros do litoral do mar Cáspio], e que no ano 492 submeteu ao seu poderio os imperadores do Oriente e Ocidente; cfr. III, 100. (4) Ficou célebre o nome dêste fidalgo português, por ter sido o comandante da «ala dos namorados» [o flanco direito do exército], e ter-se distinguido na batalha de Aljubarrota em que, depois de ferido, continuou pelejando e deu grande concurso para a vitória.

---

25 E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vázquez de Almada é capitão,
Que despois foi de Abranches nobre conde;
Das gentes vai regendo a sestra mão.
Logo na retaguarda não se esconde
Das quinas e castellos o pendão,
Com Joanne, rei forte em toda a parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

E o capitão da outra ala (1) *que a esta* (2) *corresponde, é Antão Vasques de Almada, que depois foi nobre Conde de Abranches* (3), *e que vai regendo* (4) *a sestra* (5) *mão* (6) *das gentes* [*do exército*]. *Logo na retaguarda, não se esconde* [*ostenta-se*] *o pendão das quinas e castelos* (7), *com* [= *acompanhando*] *Joane* (8) — *rei forte* (9) *em toda a parte* (10), *e que vai escurecendo* (11) *o preço* (12) *de Marte.*

(1) Do outro flanco, isto é, do esquerdo. (2) A ala direita [citada na estância precedente]. (3) Diz António de Faria que êste Antão Vasques, afamado como comandante do flanco esquerdo da hoste, não foi nomeado Conde de Abranches, mas sim um sobrinho Álvaro Vaz de Almada. (4) Comandando. (5) Esquerda. (6) Fig., lado, flanco. (7) O estandarte rial. (8) D. João I [*passim*]. (9) Valoroso. (10) «Em toda a parte», fig., sempre. (11) Eclipsando, obscurecendo. (12) Fig., o valor militar do próprio deus da guerra [hipérbole].

26 Estavam pelos muros temerosas,
E de um alegre mêdo quási frias,
Rezando as mãis, irmãs, damas e espôsas,
Prometendo jejuns e romarias.
Já chegam as esquadras belicosas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandíssima os recebem;
E todas grande dúvida concebem.

As mães, as *irmãs*, as *damas* **(1)** *e* as *espôsas* **(2)** — *temerosas* **(3)**, *e quási frias dum alegre mêdo* **(4)** — *estavam pelos muros* **(5)**, *rezando, prometendo jejuns e romarias* **(6)**. *As belicosas* **(7)** *esquadras* **(8)** *chegam já defronte das companhias inimigas* **(9)**, *que as recebem com grandíssima grita* **(10)**, *e todas* **(11)** *concebem* **(12)** *grande dúvida.*

(1) As noivas. **(2)** Subentende-se: «dos filhos, dos irmãos, dos namorados e dos maridos que iam na hoste». **(3)** Receosas [do resultado da guerra]. **(4)** «Frias dum alegre mêdo»: o temor, a ânsia que as mulheres sentiam pelos perigos a que se iam expor os seus entes queridos: êsse mêdo causava calefrios e, ao mesmo tempo, alegria pela esperança de que êles voltassem aureolados pela vitória. **(5)** Pelas muralhas da fortaleza de Abrantes. **(6)** Fazendo votos ou promessas para que Deus propiciasse os guerreiros seus parentes. **(7)** Aguerridas. **(8)** Colunas de batalha da hoste portuguesa. **(9)** «Companhias inimigas», as hostes castelhanas; o Poeta descreve nos primeiros quatro versos a partida de Abrantes, e logo nos imediatos a chegada a Aljubarrota, ao campo de batalha. **(10)** «Grande alarido», aumentado com o som rijo de trombetas, era costume nas guerras de então, de arma branca. **(11)** Todas aquelas esquadras e companhias. **(12)** Meditam na incerteza do sucesso.

Talvez o Poeta escrevesse «álgido» em vez de «alegre», no verso 2; e «as» em lugar de «os», no verso 7, tendo havido erro tipográfico: é opinião dalguns comentadores.

---

27 Respondem as trombetas mensageiras,
Pífaros sibilantes, e atambores;
Alférezes volteam as bandeiras,
Que variadas são de muitas côres.
Era no sêco tempo, que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lavradores;
Entra em Astrea o sol, no mês de Agosto;
Baco das uvas tira o doce mosto.

Respondem (1), à grita dos castelhanos, *as trombetas mensageiras* (2), os *sibilantes* (3) *pífaros* (4), e os *tambores* do exército lusitano; os *alferes* (5) *volteiam* (6) *as bandeiras, que são de muitas côres variadas* (7). *Era no tempo sêco, que deixa, aos lavradores, o fruto* de *Ceres* (8) *nas eiras* (9); era *no mês de Agosto* (10), nesse mês em que *o sol entra em Astrea* (11) e em que *Baco tira das uvas o doce mosto* (12).

(1) «Respondem», subentende-se: da hoste portuguesa responde-se à grita da hoste castelhana; isto é: quando esta fez alarido, tocam as trombetas do exército português. (2) «Mensageira» é a cousa ou pessoa que leva ordem ou recado; por meio das trombetas se dão vozes ordenando os movimentos da tropa. (3) Que dão som agudo. (4) Também se diz «pífano»; instrumento semelhante à flauta, na forma, mas muito mais curto e estreito, de som agudo, e usado antigamente nos regimentos de tropa. (5) Eram êsses oficiais os porta-bandeiras. (6) Desferem ou desfraldam «as bandeiras» ao vento, levantando-as e agitando-as ou volteando-as airosamente. (7) De diversas côres, para distintivo dos corpos de exército a que pertenciam. (8) O fruto de Ceres [fig.], o trigo, a seara. [Ceres, a deusa da agricultura]. (9) Note-se o trocadilho: «o tempo «que deixa aos» lavradores o trigo nas eiras», isto é, o tempo «em que os lavradores deixam o trigo nas eiras» [para secar e debulhar]. (10) Foi em 14 de Agosto de 1385 a batalha de Aljubarrota. (11) «Astrea» [deusa da Justiça] nome da cons-

telação do zodíaco, vulgarmente chamada Virgem e na qual o Sol entra a 23 de Agosto. (12) Quer o Poeta dizer, não que se fazem as vindimas em Agosto, mas que é neste mês que as uvas já tem açúcar bastante para serem comestíveis e para se poderem reduzir a mosto [que é doce].

---

28 Deu sinal a trombeta castelhana,
Horrendo, fero, ingente e temeroso;
Ouviu-o o monte Artabro, e Guadiana
Atrás tornou as ondas de medroso;
Ouviu-o o Douro e a terra transtagana;
Correu ao mar o Tejo, duvidoso:
E as mãis, que o som terríbil escuitaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

A trombeta castelhana deu horrendo, fero (1), *ingente* (2) *e temeroso* (3) *sinal; ouviu-o* (4) *o monte Artabro* (5); *e o Guadiana* (6), *de medroso* (7), *tornou atrás as* suas *ondas; ouviu-o*, a êsse sinal, *o Douro* (8), *e a terra Transtagana* (9); *o Tejo correu duvidoso* (10) *ao mar*; *e as mães, que o som terrível escutaram, aos peitos, os filhinhos apertaram* (11).

(1) Feroz, trazendo à memória a ferocidade das guerras; a trombeta dava o sinal de atacar. (2) Muito extenso, prolongado, o som. (3) Que causava mêdo. (4) Prosopopeia: o monte personificado, com ouvidos; ouvia êsse sinal a gente que lá estivesse. (5) *Artabrum promontorium* era o nome que os romanos davam ao cabo Finisterra [no extremo sul da Galiza]; note-se a hipérbole, repetida em todas as seguintes locuções: o som da trombeta em Aljubarrota ouvindo-se a 300 quilómetros de distância. (6) O rio que separa o Algarve da Espanha. (7) Note-se a prosopopeia e a hipérbole. (8) O rio que desagua no mar junto à cidade do Pôrto. (9) As terras do Alentejo. (10) Tímido, o Tejo come-

çou a correr com timidez, devagar: note-se a prosopopeia. (11) Subentende-se: todas as mulheres que habitavam essa extensissima região, e que eram mães, todas se assustaram com o ruído da trombeta castelhana, supondo haver algum cataclismo; por isso carinhosa e ternamente conchegavam a si os filhinhos, julgando que êles iam morrer.

---

29 Quantos rostos ali se vem sem côr,
Que ao coração acode o sangue amigo!
Que nos perigos grandes o temor
É maior muitas vezes que o perigo;
E se o não é, parece-o; que o furor
De offender ou vencer o duro immigo,
Faz não sentir que é perda grande e rara,
Dos membros corporais, da vida cara.

Quantos rostos sem côr (1), *se vêem ali* (2), *que* [= *onde*] *o sangue corre ao amigo* (3) *coração! que* [= *pois*], *nos grandes perigos* (4), *é muitas vezes o temor maior* do *que o perigo: e, se o não é, parece-o; que* [= *mas*], *o furor* (5) *de ofender ou* de *vencer o duro* (6) *inimigo, faz não* (7) *sentir, que é grande e rara* (8) *a perda dos membros corporais* (9) e a *da cara vida!*

(1) Pálidos, enfiados de mêdo. (2) «Ali», isto é, no campo da batalha. (3) Fig., prosopopeia—o sangue aflui ao coração em maior quantidade do que a usual no momento do susto; e, porque sempre está correndo para o coração, por isso o Poeta lhe chama amigo. (4) «Nos grandes perigos...», fig., nas emprêsas, nos lances, nos casos em que há perigo, isto é, nas viagens, nas batalhas, etc., o perigo [o risco, a probabilidade ou possibilidade do dano] é menor ás vezes do que o susto: «perigos» em sentido figurado;

«perigo» no sentido literal. (5) «O furor» subentende-se «marcial», o heroismo, o entusiasmo na guerra. (6) Forte. (7) «Faz não...»=é causa de não... (8) Extraordinária, incomparável. (9) Porque naquelas guerras de arma branca se estava sujeito a perdê-los.

O «qué» do verso 5 tem fôrça adversativa da frase antecedente: há motivo para mêdo, «mas» o furor não deixa sentir mêdo. Cfr. v, 43.

---

30 Começa-se a travar a incerta guerra;
De ambas partes se move a primeira ala;
Uns, leva a defensão da própria terra,
Outros, a esperança de ganhá-la.
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala:
Derriba e encontra, e a terra em fim semea
Dos que a tanto desejam, sendo alhea.

Começa a travar-se a incerta guerra (1); *de ambas* as *partes se move a primeira ala; a defensão da terra própria* [*da pátria*] *leva* [= *incita*] *uns* (2); *a esperança de ganhá-la* (3) leva [*incita*] *outros* (4). *Logo se assinala primeiro* [*antes de todos*] *o grande Pereira* (5) *em quem se encerra todo o valor*, e que *encontra* [= *acomete*], *derriba*, *em fim semeia* (6) *a terra dos* inimigos *que tanto a desejam* (7), *sendo alheia* [*não sendo dêles*].

(1) Batalha. (2) Os portugueses. (3) Conquistá-la. (4) Os espanhóis. (5) Cfr. IV, 23 nota 10. (6) «Semeia a terra» [hipérbole]: os inimigos mortos, em tam grande número, que eram como o de sementes lançadas à terra pelo semeador. (7) O rei de Castela desejava o território português, supon-

do pertencer-lhe com o infundado motivo de ser marido da filha de D. Fernando, declarada herdeira do trono.

---

31 Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, setas e vários tiros voam;
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra, os vales soam;
Espedaçam-se as lanças, e as freqùentes
Quedas co'as duras armas tudo atroam.
Recrecem os immigos sôbre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

Voam já pelo espesso (1) *ar os estridentes* (2) *farpões* (3), *setas e vários tiros* (4): *a terra treme debaixo dos duros pés dos ardentes* (5) *cavalos, soam os vales; despedaçam-se as lanças; e as freqùentes quedas, com as duras armas, tudo atroam* (6); *recrescem* (7) *os inimigos sôbre a pouca gente do fero* (8) *Nuno, que os apouca* (9).

(1) Denso, condensado em conseqüência da poeira levantada com as correrias dos cavalos e dos peões. (2) Que produzem sons agudos e penetrantes. (3) Grandes dardos ou setas com ferro esfarpado, de ponta aguda e dentada. (4) Objectos arremessados. (5) Ardente ou fogoso se diz do cavalo, quando é impaciente, inquieto. (6) O ruído da queda dos cavaleiros vestidos de armaduras de ferro. (7) Vai crescendo o número de castelhanos que acometem as fôrças de D. Nuno. (8) Valoroso. (9) «Apouca-os»: a gente de Nuno Álvares reduz a poucos, a pequeno número, os inimigos, porque os vai derrubando e aniquilando.

---

32 Eis ali seus irmãos contra elle vão,
(Caso feo e cruel!) mas não se espanta;
Que menos é querer matar o irmão,
Quem contra o rei e a pátria se alevanta.
D'estes arrenegados muito são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes (caso estranho!)
Quaes nas guerras civis de Júlio e Magno.

Eis ali vão, contra êle, os seus irmãos (1); *feio e cruel caso! Mas não se espanta;* [*não é caso para motivar espanto*], *que* [= *pois*], o *querer* (2) *matar o irmão, é menos* feio do que é o *levantar-se contra o rei e* contra *a pátria; dêstes renegados, muitos são* [= *estão*], *no primeiro esquadrão* (3), *que se adiantam contra irmãos e parentes — caso estranho! — como* aconteceu *nas guerras civis de Júlio* César (4) *e* Pompeu *Magno* (5).

(1) Os irmãos de Nuno Álvares seguiam as partes de Castela; eram D. Diogo e D. Pedro; cfr. IV, 40; ambos estavam naquela batalha de Aljubarrota e nas hostes inimigas. (2) «Querer ... é menos ... quem ...», linguagem anacolútica e elíptica: querer matar o irmão é «acção» menos «feia do que a de» quem se levanta, etc. (3) No da vanguarda. (4) Júlio César [104-44 A. C.], o célebre general e imperador romano. (5) Cneio Pompeu, cognominado Magno, sustentou terrível luta com César de quem foi rival, pretendendo destroná-lo; alude o Poeta a essa guerra civil, em que havia irmãos e parentes nos dois partidos.

Note-se «Magno» [= grande], rimando com «estranho», porque antigamente se pronunciava «Manho».

33 Ó tu, Sertório, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos
Que contra vossas pátrias com profano
Coração vos fizestes inimigos,
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravíssimos castigos,
Dizei-lhe, que também dos Portugueses
Alguns tredores houve algũas vezes.

Ó tu, Sertório (1)! *ó nobre Coriolano* (2)! *ó Catilina* (3)! *ó vós outros, dos antigos* (4), *que — com profano coração* (5) — *vos fizestes inimigos contra as vossas pátrias! se, lá no escuro reino de Sumano* (6), *receberdes gravissimos castigos, dizei-lhe, que também, dos* (7) *portugueses, alguns traidores houve algumas vezes* (8).

(1) O general romano [73 A. C.] que residia em Évora [quando a Lusitânia estava dominada pelos romanos] e que sustentou viva guerra contra Roma; cfr. I, 26; III, 63. (2) General romano [488 A. C.] que ofendido no seu orgulho, por ter prestado grandes serviços à pátria, e ter sido exilado, se uniu aos inimigos de Roma, e esteve comandando um exército a ponto de aniquilar esta cidade. (3) Antigo patrício romano [109 A. C.], que conspirou contra o Senado e morreu combatendo os seus concidadãos. (4) «Dos antigos», de entre os homens notáveis da antiguidade: alusão tácita a varões que não foram exemplares em amor pátrio: talvez [segundo conjectura Faria e Sousa] a Vergílio [70-1 A. C.], o grande poeta latino; a Plutarco, o célebre historiador grego [50-120]; a Lucano [39-65], o poeta latino que conspirou contra Nero. (5) Irreverente ânimo. (6) Epíteto de Plutão, deus dos Manes e dos infernos. (7) «Dos» = entre os... (8) Nesta apóstrofe, rememora o Poeta quais os castigos a que se sujeitam os traidores à pátria, lembrando que os tem havido em outras eras e em outros países.

---

34 Rompem-se aqui dos nossos os primeiros;
Tantos dos inimigos a elles vão!
Está ali Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortíssimo lião,
Que cercado se vê dos cavalleiros
Que os campos vão correr de Tetuão;
Perseguem-no co'as lanças, e elle iroso,
Torvado um pouco está, mas não medroso;

Aqui, rompem-se (1), *os primeiros* (2) *dos nossos* (3); *tantos dos inimigos vão* (4) *a êles! Ali está D. Nuno, qual está pelos outeiros de Ceuta* (5) *o fortíssimo leão, que se vê cercado dos cavaleiros que vão correr o campo de Tetuão* (6); estes *perseguem-no com as lanças; e êle, iroso, está um pouco torvado* (7), *mas não medroso;*

(1) São rompidos, desunidos, são postos em confusão. (2) Os da vanguarda. (3) Tenha-se em lembrança que estas são as palavras postas na bôca de Vasco da Gama dirigindo-se ao rei de Melinde: «nossos», a nossa tropa: isto é, os portugueses. (4) «Vão a êles» = acometem-os. (5) Nome da cidade africana; o leão vivia nas montanhas próximas. (6) Nome dum pôrto de Marrocos. (7) Terrível, torvado não de mêdo mas de cólera, com aspecto terrível.

Na estância seguinte completa-se a comparação de D. Nuno com o leão africano.

35 Com tôrva vista os vê; mas a natura
Ferina e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê; mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem:
Tal está o cavalleiro, que a verdura
Tinge co sangue alheio; ali perecem
Alguns dos seus, que o ânimo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

O Leão *vê-os* [*aos caçadores*], *com vista tôrva* (1), *mas a ferina natura* (2), *e a ira não lhe compadecem* (3) *que dê as costas* (4); *mas, antes* (5), *arremessa-se na espessura das lanças* (6) *que recrescem* (7): *tal está o cavaleiro* D. Nuno, *que tinge a verdura* do campo *com o sangue alheio* (8): *ali* (9) *perecem alguns dos seus* companheiros; *que* [*pois*] *o ânimo valente perde a virtude contra tanta gente* [10].

(1) Terrível; o olhar que produz terror. (2) Natureza de fera. (3) Consentem. (4) Subentende-se — aos perseguidores. (5) Pelo contrário. (6) Avança para o lugar em que as lanças dos cavaleiros são mais numerosas. (7) Aproximam-se em maior número junto da fera. (8) O campo fica tinto de sangue, não o seu, o de D. Nuno, mas o alheio, o dos castelhanos. (9) Nessa ocasião. (10) «O ânimo», etc., a intrepidez torna-se ineficaz, sendo a luta de um contra muitos.

---

36 Sentiu Joanne a afronta que passava
Nuno; que, como sábio capitão
Tudo corria e via e a todos dava,
Com presença e palavras, coração —
Qual parida leoa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentiu que, em quanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massýlia lh'os furtara,

37 Corre raivosa e freme, e com bramidos
Os montes Sete-Irmãos atroa e abala:
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode à primeira ala:
«Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras, que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

Joane (1) *sentiu* (2) *a afronta* (3) *que Nuno* Álvares *passava* (4); *que* [= *pois*], *como sábio capitão* (5) *corria e via tudo, e a todos*, com a sua *presença e* com as suas *palavras, dava coração* (6). *Qual* (7) *fera e brava leoa parida*, — *que sentiu que os filhos, que estavam sós no ninho, emquanto* ela *lhes* fôra *buscar pasto, lhos furtara o pastor de Massíla* (8); — *corre raivosa, e freme* (9) *e atroa e abala os montes Sete-Irmãos* (10): *tal Joane, com outros* cavaleiros *escolhidos, dos seus, acode correndo à primeira ala* (11).

— *Ó fortes companheiros*, exclama o Rei, *ó subidos* (12) *cavaleiros, a quem nenhum se iguala* (13), *defendei vossas terras; que* [= *pois*] *a esperança da liberdade está na vossa lança* (14)!

(1) D. João I. (2) Viu. (3) O apêrto, o ataque. (4) Sofria. (5) Sabedor e prudente general, como se diria hoje. (6) «Dava coração», incutia coragem. (7) «Qual... tal», do mesmo modo que a lôba corre... assim o rei acode... (8) Massíli, nome que os latinos davam aos povos da Numídia e também da Mauritânia; fig., o pastor africano. (9) «Fremir» é fazer estrondo com uivos, como faz o animal raivoso [desconfiado, enfurecido quando lhe roubam os filhos]. (10) Estes montes denominavam-se «irmãos» por serem de altura igual; supõem-se nas imediações de Ceuta, e hoje «montes de Dahra»; lugar onde mais abundariam os leões:

hipérbole no abalo dêstes montes com os urros dos leões. (11) A ala da vanguarda, que era comandada por Nuno Álvares. (12) Experimentados. (13) Nenhum cavaleiro [subentende-se «doutro país» ou «doutra parcialidade»] se faz igual [em valor] a vós. (14) Singular pelo plural: espera o rei que as lanças dos seus cavaleiros destruam êsse inimigo, que pretende destruir a liberdade [a independência] de Portugal, sujeitando-o à coroa de Castela.

---

38 «Vêdes-me aqui, rei vosso e companheiro,
Que entre as lanças e setas e os arneses
Dos inimigos corro, e vou primeiro!
Pelejai, verdadeiros Portugueses!»
Isto disse o magnânimo guerreiro
E, sopesando a lança quatro vezes,
Com fôrça tira; e d'este único tiro
Muitos lançaram o último sospiro.

«— *Vêde-me aqui*, sou eu, *vosso Rei, e companheiro* (1), *que corro entre as lanças, e as setas e os arneses* (2) *dos inimigos, e vou primeiro* (3)! *pelejai, verdadeiros portugueses* (4)!

Isto disse o magnânimo (5) *guerreiro, e, sopesando* (6) *a lança quatro vezes, com fôrça a tira* (7); *e, dêste único tiro, muitos lançaram o último suspiro* (8).

(1) «Companheiro» [dos seus fidalgos e dos seus soldados], se denomina aqui D. João, dirigindo-lhes a palavra, lembrando-lhes que era também seu rei, se sujeitava com êles aos azares da guerra, por isso os exorta a pelejarem também com ardor. (2) Armaduras: isto é, chega a combater com o inimigo não só a distância mas até de corpo a corpo. (3) Na frente, na vanguarda. (4) «Pelejai...» subentende-se: «visto que sois» verdadeiros portugueses. (5) De elevado ânimo durante o perigo. (6) Tomando o pêso à lan-

ça, e dando-lhe balanço quatro vezes antes de arremassá-la, para medir bem a distância, e a fôrça do arremêsso e visar bem o alvo. (7) «Tirar», com a significação de «atirar [de tiro], arremessar». (8) Hipérbole: a lança atravessando e deixando mortos muitos inimigos.

---

39 Porque eis os seus, acesos novamente
D'ũa nobre vergonha e honroso fogo,
Sôbre qual mais com ânimo valente
Perigos vencerá do márcio jôgo,
Porfiam; tinge o ferro o sangue ardente;
Rompem malhas primeiro, e peitos logo:
Assi recebem junto e dão feridas,
Como a quem já não doe perder as vidas.

Porque [= *por isso*] (1) *eis os seus* (2) companheiros *novamente acesos* (3) *duma nobre vergonha* (4), *e* de *honroso fogo* (5) *porfiam* (6) *sôbre qual vencerá, com ânimo mais valente*, os *perigos do márcio jôgo* (7); — o sangue *ardente* (8) *tinge o ferro* (9) —; *primeiro rompem* as *malhas* (10), *logo* [= *em seguida*] rompem os *peitos* (11). *Assim* os soldados portugueses *recebem e dão feridas, junto* [= *juntamente, ao mesmo tempo*] *como* acontece *a quem já não dói* (12) o *perder as vidas*.

(1) Pela qual razão, isto é, em razão das palavras e do exemplo do rei. (2) Os companheiros de armas do rei. (3) «Acesos de», excitados por... (4) Pejo, de não imitarem o valor do rei. (5) Entusiasmo. (6) Disputam: todos os fidalgos portugueses querem ser os primeiros a afrontar os perigos. (7) O jôgo de Marte, a sorte da guerra. (8) Fig., rubro. (9) Fig., os portugueses tingem [de sangue] o ferro das armaduras dos que são feridos e as armas com que fe-

rem. (10) Despedaçam as cotas de malha que fazem parte das armaduras. (11) «Peito», nome da parte da armadura que defende o peito. (12) Já «não dói» perder, já não tem pena de perder.

---

40 A muitos mandam ver o estígio lago,
Em cujo corpo a morte e o ferro entrava:
O mestre morre ali de Sanctiago,
Que fortíssimamente pelejava;
Morre também, fazendo grande estrago,
Outro mestre cruel de Calatrava:
Os Pereiras também arrenegados
Morrem, arrenegando o ceo e os fados.

Os portugueses *mandam*, *a verem o lago Estígio* (1), *muitos* inimigos, *em cujo corpo entrava o ferro e* com êste *a morte* (2). *Ali morre o Mestre de Santiago* (3), *que pelejava fortissimamente; morre também, tendo feito grande estrago, outro Mestre,*— e êsse *cruel,*— o *de Calatrava* (4); *morrem também os renegados Pereiras* (5), *renegando* (6) *o Céu e os fados.*

(1) [Mitologia], rio dos infernos, célebre por vários motivos, um dos quais foi ter sido nele banhado Aquiles, que ficou por isso invulnerável, excepto no calcanhar, que ficava seguro na mão de Tétis. (2) Eram mortais as feridas que recebiam. (3) Mem Rodrigues de Vasconcelos [estância 24] supôs-se morto na batalha de Aljubarrota, por ter ficado gravemente ferido, mas veio a falecer depois em Valverde. (4) D. Pedro Álvares Pereira, irmão de D. Nuno, e a quem, por pelejar contra a pátria, se lhe dá aqui o epíteto de «cruel». (5) Os outros parentes de D. Nuno que estavam no exército

castelhano amaldiçoados pela pátria. (6) Amaldiçoando a Providência e o destino; blasfemavam. Cfr. IV, 32, notas 1 e 2.

---

41 Muitos também do vulgo vil sem nome
Vão, e também dos nobres, ao profundo,
Onde o trifauce cão perpétua fome
Tem das almas que passam d'êste mundo.
E porque mais aqui se amanse e dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira castelhana
Foi derribada aos pés da lusitana.

Muitos também, do vil vulgo (1) *sem nome, e também dos nobres, vão ao profundo* lugar, *onde o trifauce* (2) *cão tem perpétua fome* (3) *das almas que passam* [*saem*] *dêste mundo; e, — por que* [*para que*] *mais se amanse e dome* (4) *aqui a soberba do furibundo* (5) *inimigo — a sublime* (6) *bandeira castelhana foi derribada aos pés da lusitana.*

(1) «Vil vulgo», baixa plebe; os peões. (2) «Trifauce», de três goelas; o cão [Cérbero] de três cabeças [mitologia], porteiro do inferno. (3) Deseja devorar; [fig.], deseja que as almas não vão para o céu, mas sim para o inferno. (4) Seja amansada e domada. (5) Desesperado. (6) O rial estandarte de Castela foi abatido.

---

42 Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue e cutiladas;
A multidão da gente que perece,
Tem as flores da própria côr mudadas.
Já as costas dão e as vidas; já falece
O furor, e sobejam as lançadas;
Já de Castella o rei desbaratado
Se vê, e de seu propósito mudado.

Aqui (1) *a fera* (2) *batalha encruece-se* (3) *com gritos, cutiladas, sangue e mortes; a multidão da gente que perece* (4) é tanta, que o sangue derramado *fizera mudar as flores* do rosto *da sua própria côr;* os castelhanos *já dão as costas* (5) *e as vidas; já lhes falece o furor* (6) *e já sobejam as lançadas* (7); *o rei de Castela já se vê desbaratado, e mudado do seu propósito* (8).

(1) Em Aljubarrota. (2) Feroz, encarniçada. (3) Torna-se crua [cruel]. (4) Morre. (5) «Dão as costas», fogem. (6) «Já falece o furor», está já extinta, já falta, a coragem — dos inimigos. (7) «Sobejam as lançadas», há lanças de mais da parte dos portugueses, por terem fugido os inimigos; sobram lanças por não haver em quem empregá-las. (8) Abandonando a intenção de alcançar a coroa de Portugal.

A elipse do verso 4 [as flores «do rosto»] justifica-se com a «rosa das faces» [IX, 61], e as «rosas do rosto» [III, 134]; já assim ficaram interpretadas as «brancas flores» [III, 132]; os feridos, em consequência do sangue derramado, ficam pálidos.

43 O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida;
Seguem-no os que ficaram; e o temor
Lhe dá, não pés, mas asas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da mágoa, da deshonra e triste nojo
De ver outrem triumphar de seu despôjo.

O rei de Castela *vai deixando* (1) *o campo ao vencedor* (2), e *contente de* [= *em*] *lhe* (3) *não deixar a vida; seguem-no os que ficaram* (4); *e o temor dá-lhes, não pés, mas asas à fugida* (5). Os castelhanos fugitivos *encobrem, no profundo peito* (6), *a dor da morte* (7), *da fazenda despendida* (8), *da mágoa* (9) *da desonra* (10), *e o triste nojo* (11) *de verem outrem* (12) *triunfar do* (13) *seu despôjo* (14).

(1) Largando, abandonando, entregando. (2) D. João I. (3) Contente por não deixar a vida no campo da batalha. (4) Os soldados, as tropas que ainda «haviam ficado» no campo algum tempo depois da partida do rei de Castela; tenha-se em lembrança que a flexão «-am» do verbo, nos dois pretéritos, é idêntica. (5) Alegoria para acentuar o excesso do médo e a velocidade da fuga. (6) «No profundo peito», na parte mais íntima do coração. (7) A dor que lhes causava a perda dos companheiros mortos na batalha. (8) Os haveres, os dinheiros gastos na guerra. (9) «Dor da mágoa», expressão enfática. (10) A dor da desonra pela fuga a que o médo os compelia. (11) Pesar. (12) [Metonímia], os portugueses. (13) «Triunfar de» = triunfar com...; a dor de verem que os portugueses fariam troféus com as armas tomadas aos castelhanos. (14) Presa de guerra, armas e munições abandonadas no campo.

44 Alguns vão maldizendo e blasfemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a sêde dura vão culpando
Do peito cobiçoso e sitibundo,
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do profundo;
Deixando tantas mãis, tantas esposas
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

Alguns fugitivos *vão maldizendo e blasfemando do primeiro* homem (1) *que fez guerra no mundo; outros vão culpando* (2) *a dura sêde* (3) *do cobiçoso* (4) *e sitibundo* (5) *peito* (6), *que, — por* (7) *tomar* o que é *alheio — aventura* (8), *às penas do profundo* inferno, *o miserando povo, deixando, desditosas* (9), *tantas mães sem filhos, tantas espôsas sem maridos.*

(1) Os fugitivos vão praguejando, proferindo palavras de ultraje contra quem inventou a guerra. (2) Atribuindo as culpas. (3) Cruel ambição. (4) Ambicioso. (5) Sequioso; note-se «sêde e sitibundo»: sinonimia e prosopopeia. (6) Coração, ânimo, subentende-se «dos conquistadores». (7) No intuito de, com o fim de. (8) Arrisca, expõe ao perigo de... (9) «Deixando, desditosas»; deixando na desdita, no infortúnio.

---

45 O vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no campo, em grande glória;
Com offertas despois e romarias
As graças deu a quem lhe deu victória.
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memória,
Senão por armas sempre soberanas,
Pera as terras se passa transtaganas.

Joane (1), *o vencedor, esteve os costumados dias* (2) *no campo* da batalha *em grande glória* (3); *depois — com ofertas e romarias* (4) — *deu* as *graças* (5) *a Quem lhe deu a vitória. Mas Nuno* Álvares — *que não quer por outras vias deixar de si memória* (6) *entre as gentes* (7), *senão por armas* (8) *sempre soberanas* (9), — *passa-se* (10) *para as terras transtaganas* (11).

(1) D. João I. (2) Era costume ficar o vencedor três dias no campo, depois da vitória; cfr. III, 53; IV, 59. (3) Honra. (4) Romaria a Guimarães, onde fez o donativo, à igreja de Nossa Senhora, no valor do pêso em prata que tinha o rei vestido com a sua armadura de guerra. (5) Em acção de graças fundou a notável igreja da Batalha. (6) Lembrança. (7) «Entre as gentes», entre os humanos, na humanidade. (8) Fig., feitos de armas. (9) Gloriosas. (10) Encaminha-se. (11) Alentejanas; Nuno Álvares vai em perseguição dos restos do exército castelhano vencido em Aljubarrota.

D. João I, antes de entrar na batalha, tinha feito a promessa da romaria. Os últimos quatro versos, e a estância que se segue, referem-se ao acidentado combate em Valverde — terra de Castela, onde Nuno Álvares entrou atravessando o Alentejo.

---

46 Ajuda-o seu destino de maneira
Que fez igual o effeito ao pensamento;
Porque a terra dos Vândalos fronteira
Lhe concede o despôjo e o vencimento.
Já de Sevilha a bética bandeira,
E de vários senhores, num momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defesa,
Obrigados da fôrça portuguesa.

O *seu destino* (1) *ajuda-o de maneira, que faz o efeito igual ao pensamento* (2); *porque a fronteira*

(3) *terra dos Vândalos* (4) *concede-lhe o despôjo e o vencimento. A bandeira bética* (5), *de Sevilha, e* as bandeiras *de vários senhores* (6), *num momento, já* (7) *se lhe derribam* (8) *aos pés, sem terem defesa* (9); — sendo a isso *obrigados os castelhanos da* [= *pela*] *fôrça portuguesa* (10).

(1) A sorte, a fortuna de Nuno Álvares. (2) «Faz o efeito igual», o destino deu exactamente o resultado que Nuno desejava. (3) Fronteiriça, raiana. (4) «Terra dos Vândalos», Andaluzia, outrora por êles denominada Vandália; D. Nuno Álvares atravessa o Guadiana e assolou Valverde. (5) «Bética», adjectivo de Bétis, nome antigo de Sevilha [sinonímia e pleonasmo]. (6) Fidalgos. (7) Imediatamente. (8) «Se lhe derribam», são abatidas, aos pés de Nuno, as bandeiras. (9) Sem poderem defender-se. (10) «Obrigados da», obrigados pela tropa portuguesa.

Note-se o verbo «derriba» [verso 7] no singular, e o sujeito subentendido [«bandeiras»] no plural. Esta anomalia deixa de existir considerando entre parênteses as primeiras quatro palavras do verso 6.

---

47 D'estas e outras victórias longamente
Eram os Castelhanos opprimidos,
Quando a paz, desejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos,
Despois que quis o padre omnipotente
Dar os reis inimigos por maridos
Ás duas illustríssimas Inglesas,
Gentis, fermosas, ínclitas princesas.

Os castelhanos eram longamente [= *estavam constantemente*] *oprimidos destas* [= *por estas*] *e*

outras vitórias, quando os portugueses *vencedores deram aos vencidos a paz desejada já da* [= *pela*] *gente* [*por nós todos*]; sucedeu isto *depois que o Padre Omnipotente quis* (1) *dar os Reis inimigos, por maridos, às duas ilustríssimas inglesas* (2), *formosas, ínclitas* (3) *e gentis princesas.*

(1) O Omnipotente quis; reminiscência do rifão popular: — o casamento e a mortalha no Céu se talha. (2) D. João I, rei de Portugal, casou com D. Filipa de Lancaster [no Pôrto, em Fevereiro de 1387]; D. Enrique, herdeiro do trono de Castela [depois Enrique III], casou com D. Catarina de Lancaster. Eram duas irmãs, filhas de João de Gaunt, Duque de «Lancaster» [e netas do rei Eduardo de Inglaterra]: Filipa, era do primeiro casamento [com Branca de «Lancaster»]; Catarina, do segundo matrimónio [com D. Constança, filha do rei D. Pedro de Castela]. Na batalha de Aljubarrota [14 de Agosto de 1385], o exército português tinha recebido auxílio de 500 archeiros ingleses. No ano seguinte, assinava-se o tratado de Windsor, pelo qual se declaravam unidos os Reis de Portugal e de Inglaterra por laços de amizade e aliança. Nesse mesmo ano [1386], o Duque de «Lancaster» invadiu a Espanha, porque sua filha Catarina se julgava com direito de sucessão à coroa de Castela. A aliança luso-inglesa foi selada no Pôrto pelo casamento de D. João I com D. Filipa. A êsse casamento seguiu-se o de Catarina com Enrique. Príncipe das Astórias e herdeiro do trono de Castela. Estes casamentos firmaram a paz na península, porque o Duque de «Lancaster» desistiu das suas pretensões ao reino de Castela, exigindo [para a desistência, e por condição] tréguas entre os dois genros, as quais duraram até 1411, em que D. João I foi reconhecido finalmente como rei de Portugal, e se declarou solenemente a paz entre os dois reinos. «Lancaster» é cidade inglesa, capital do condado de «Lancashire»; a Casa de «Lancaster» procede de Eduardo III, rival da casa York na guerra das Duas Rosas, em que ficou vitoriosa, dando à Inglaterra os reis Enrique IV, Enrique V e Enrique XI. O apelido «Lancaster» em famílias portuguesas, e que em diversos documentos aparece aportuguesado por diferentes formas [Lencastre, Lancastre, Alemcastre e Alemcastro], teve origem nas casas do Conde de Vila Nova de Portimão e do Duque de Aveiro, formadas por

D. Jorge, filho legitimado de D. João II, e que deu aos filhos o apelido «Lencastre», para renovar o da rainha D. Filipa, sua quarta avó [a mulher de D. João I]. Cfr. vi, 46. (3) Nobres, distintas.

---

48 Não soffre o peito forte, usado á guerra,
Não ter imigo já a quem faça dano;
E assi não tendo a quem vencer na terra,
Vai cometer as ondas do oceano.
Êste é o primeiro que se desterra
Da pátria, por fazer que o Africano
Conheça polas armas quanto excede
A lei de Christo á lei de Mafamede.

O forte peito (1) português, *usado* (2) *à guerra, não sofre* (3) o *não ter já inimigo a quem faça dano; e assim, não tendo a quem vencer na terra, vai acometer as ondas do Oceano. Êste Rei é o primeiro que se desterra da Pátria, por* [= *para*] *fazer que* (4) o povo *africano conheça, pelas armas* (5), *quanto a lei* (6) *de Cristo excede* (7) *à de Mafamede* (8).

(1) Fig., o valoroso ânimo, querendo dizer «o valoroso rei português». (2) Acostumado. (3) Não se conforma, impacienta-se, não está satisfeito por não ter já inimigos com que pelejar, está cansado da inação da paz. (4) «Fazer que...», obrigar o povo africano a conhecer. (5) «Polas armas», pela fôrça das armas portuguesas. Desta expedição a Ceuta, e na qual foi o próprio rei, fala de novo o Poeta no canto viii, estâncias 36-38. (6) Religião. (7) É superior. (8) Mafoma, Maomete; cfr. i, 99, nota 2.

---

49 Eis mil nadantes aves polo argento
Da furiosa Thétis inquieta,
Abrindo as pandas asas vão ao vento,
Pera onde Alcides pôs a extrema meta.
O monte Abila, e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fora; e segura toda a Hespanha
Da juliana, má e desleal manha.

Eis mil nadantes aves (1), que *vão abrindo as pandas asas* (2) *ao vento, pelo argento* (3) *da inquieta e furiosa Tétis* (4), dirigindo-se *para onde Alcides* (5) *pôs a extrema meta* (6). O rei *toma o monte Ábila, e o nobre fundamento* [*fundação, cidade*] *de Ceuta, e deita fora* (7) *o torpe* (8) *Maomete* (9) *e segura* (10) *toda a Espanha da má* (11) *e deslial manha Juliana* (12).

(1) [Alegoria], naus, embarcações. (2) [Alegoria], as enfunadas velas dos navios. (3) Fig., mar; literalmente prata, isto é, a planície que parece prateada; cfr. I, 1, 18 e *passim*. (4) Deusa do mar; cfr. I. 16; inquieta e furiosa, os qualificativos do Oceano. (5) Hércules. (6) As balizas extremas que dividem o Atlântico do Mediterrâneo; as colunas de Hércules, os dois montes Calpe [antigo nome de Gibraltar] e Ábila [antigo nome de Ceuta]. (7) «Deita fora», expulsa; obriga os mouros a fugir de Ceuta. (8) Vil. (9) Fig., maometanos, muçulmanos — os mouros. (10) Põe em segurança, em guarda; livra. (11) Maléfica. (12) «Manha Juliana», habilidade do Conde Julião, governador da Andaluzia, o qual, impelido por um sentimento de vingança contra o visigodo rei Ruderico [Rodrigo], se serviu do auxílio dos mouros para invadir a Espanha [710].

No texto «Abíla» [acento na penúltima sílaba]; aqui, designa-se o monte nos arrabaldes de Ceuta.

«Alcides» é pronome de Hércules por ser neto de Alceu. Sôbre as colunas de Hércules: cfr. III, 18; VI, 1; IX, 31.

50 Não consentiu a morte tantos annos
Que de heroe tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do Ceo supremo quis que povoasse;
Mas para defensão dos Lusitanos
Deixou quem o levou, quem governasse
E aumentasse a terra mais que d'antes,
Ínclita geração, altos infantes.

A morte não consentiu que Portugal se lograsse (1) *tantos* (2) *anos de tam ditoso herói, mas quis que* êste *povoasse* (3) *os soberanos coros do supremo céu* (4). *Mas Quem o levou* para o Céu, *deixou*-lhe (5) *ínclita* (6) *geração, altos* (7) *infantes* (8); deixou-lhe, *para defensão* (9) *dos lusitanos, quem os governasse e aumentasse a terra* portuguesa, *e mais* (10) do *que* o fôra *dantes*.

(1) «Se lograsse», gozasse. (2) «Tantos», muito numerosos; D. João I reinou durante 48 anos e faleceu em 1433. (3) «Povoasse», [fig.], fôsse aumentar o número das almas que nas regiões etéreas adoram a Deus. (4) O mais alto céu — o dos Bemaventurados. Veja Advertência, p. 18. (5) Permitiu que ficasse existindo. (6) Afamada, notável. (7) Dignos. (8) D. Duarte, que sucedeu na coroa; D. Pedro, que foi regente; D. Enrique, a quem se devem as navegações; D. João, mestre de S. Tiago; e D. Fernando, que morreu cativo em Fez. (9) Defesa. (10) «Aumentasse mais» [o advérbio modificando o último verbo] pleonasmo, acentuando a expansão do domínio de Portugal em conseqüência das navegações e descobertas; o mesmo advérbio modificando tambêm o verbo governar, significa «melhor» [governou melhor, aumentou mais].

Note-se a alteração «tantos... tanto» [versos 1 e 2]; ambos os vocábulos podem ser tomados em sentido absoluto; mas podem tambêm considerar-se relativos, numa construção elíptica: D. João I não viveu tantos anos, quantos seriam para desejar que vivesse tam ditoso rei.

51 Não foi do rei Duarte tam ditoso
O tempo que ficou na summa alteza;
Que assi vai alternando o tempo iroso
O bem co mal, o gosto co'a tristeza.
Quem viu sempre um estado deleitoso?
Ou quem viu em fortuna haver firmeza?
Pois inda neste reino e neste rei
Não usou ella tanto d'esta lei?

Não foi tam ditoso (1) *o tempo do rei Duarte, que na suma alteza* (2) *ficou, que* [= *pois*] *o iroso* (3) *tempo* (4) *vai assim alternando o bem com o mal — o gôsto com a tristeza. ¿Quem viu um* (5) *estado* ser *sempre deleitoso* (6)*? ou ¿quem viu haver firmeza* (7) *em fortuna? Pois não usou ela tanto desta lei neste reino de* Portugal *e neste rei* Duarte (8).

(1) Não foi tam feliz como o de seu pai, o reinado de D. Duarte, pois só durou cinco anos, e nesse pouco tempo houve peste, e houve guerras com pouco êxito. (2) «Que na suma alteza ficou», [fig.], que ficou exercendo a mais alta magistratura. (3) Irado. (4) Fig., sorte, destino; todas as nações e todos os indivíduos tem anos de felicidade e de infortúnio. (5) Qualquer. (6) Feliz. (7) Constância. (8) A lei natural da fortuna, diz o Poeta nos versos 3-4, é não ser constante; em seguida faz preguntas, como quem sabe que a resposta não pode deixar de ser afirmativa, confirmando o que dissera. Na estância precedente alude-se aos casos felizes, o bom govêrno de D. Duarte e o aumento do território de Portugal: na estância que se segue a esta rememora-se o desastre de Tânger, e o cativeiro do infante D. Fernando.

52 Viu ser captivo o santo irmão Fernando,
Que a tam altas emprêsas aspirava,
Que por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno s'entregava.
Só por amor da pátria está passando
A vida, de senhora feita escrava,
Por não se dar por elle a forte Ceita:
Mais o púbrico bem que o seu respeita!

O Rei Dom Duarte *viu ser cativo* o seu *santo irmão Fenando* (1), *que aspirava a emprêsas* (2) *tam altas, que, por* [= *para*] *salvar o miserando povo* (3) português *cercado* em Tânger, *se entregou* como refém *ao sarraceno* (4), e que, *por amor da pátria, foi passando a vida feito escravo sendo senhor, só para não se dar* [= *não ser dada*] *por êle* [*em troca dêle*] *a forte Ceuta.* Fernando *respeitou mais o bem público* do *que o seu* próprio (5).

(1) Em 1437 estava uma expedição portuguesa em frente de Tânger, e foi cercada pelos mouros; estes, para levantarem o cêrco, puseram por condição que lhes seria restituida a fortaleza de Ceuta, ficando em poder dêles como refém o infante D. Fernando, que para tal se ofereceu. Ceuta não foi restituida, e os mouros ficaram tratando o principe como escravo, até que êle faleceu em Tânger no ano de 1443. (2) O principe esperava que os portugueses realizassem a façanha de conquistarem Tânger. (3) As tropas da expedição. (4) Aos sarracenos [mouros]; cfr. III, 23, 42, 58, 140 e *passim.* (5) Fernando, por amor da pátria, recusou-se a deixar o cativeiro em troca de Ceuta. Tam grande exemplo de abnegação, e outras muitas virtudes deram motivo a ser D. Fernando denominado «santo».

Note-se no texto o trocadilho; «vida escrava, vida senhora» = vida de escravo, vida de senhor.

53 Codro, porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida;
Régulo porque a pátria não perdesse,
Quis mais a liberdade ver perdida;
Êste, porque se Hespanha não temesse,
A captiveiro eterno se convida!
Codro, nem Cúrcio, ouvidos por espanto,
Nem os Décios leais fizeram tanto.

Codro (1) — *porque* [= *para que*] *o inimigo não vencesse* — *deixou vencer a* sua *vida* [*consentiu que a sua vida fôsse vencida*] *da* [*pela*] *morte; Régulo* (2) *porque* [= *para que*] *a pátria não perdesse* [= *não padecesse*], *quis mais* [= *antes quis*] *ver perdida a* sua própria *liberdade*. *Êste* [*o infante Fernando*], — *porque* [= *para que*] a *Espanha* (3) *não se temesse* (4) — *convida-se* [= *oferece-se*] *a eterno cativeiro*. *Nem Codro nem Cúrcio* (5) — *ouvidos por espanto* (6), — *nem os liais Décios* (7), *fizeram tanto* como Fernando.

(1) Nome do último rei de Atenas [1132 A. C.]; pelejando êle contra os Dóricos [tribos primitivas da Grécia], ouviu de um Oráculo que os inimigos venceriam se o não matassem; e preferindo morrer pela pátria a que esta perecesse, voluntáriamente se meteu no meio dêles, para com mais facilidade ser morto; e com efeito realizou-se a profecia; Atenas salvou-se. (2) Cônsul romano [267-256 A. C.]. Sendo prisioneiro dos cartagineses, foi por estes enviado a Roma sob palavra, para propor uma troca de prisioneiros, mas aí dissuadiu o Senado de aceitar tal proposta, e voluntáriamente para cumprir a sua palavra voltou para Cartago onde o supliciaram horrivelmente. (3) «Espanha», a Hispânia, a Península. (4) «Não se temesse», não tivesse de temer as invasões dos muçulmanos — pois, estando Ceuta em poder dos portugueses, não podiam fazer fàcilmente, como dantes, essas invasões pelo estreito de Gibraltar, embarcando em Ceuta. (5) Cúrcio foi o patrício romano que, de propósito,

se precipitou armado num abismo, que um tremor de terra abrira em Roma; e procedeu assim, por ter ouvido os agoureiros dizerem, que êsse abismo não se fecharia senão ficando lá o homem mais valoroso; e precipitou-se armado, para que as armas simbolizassem o valor dos romanos. (6) «Ouvido por espanto», isto é, de quem se falava com admiração; tornara-se um personagem lendário. (7) Nome de três romanos — pai, filho e neto [340-279 A. C]. — que se votaram aos deuses infernais, buscando a morte nas batalhas, para que os romanos vencessem, na guerra, os inimigos. Todos estes personagens são aqui citados como exemplos de dedicação à pátria — dedicação menor do que a do príncipe português.

---

54 Mas Affonso, do reino único herdeiro,
Nome em armas ditoso, em nossa Hespéria
Que a soberba do bárbaro fronteiro
Tornou em baxa e humíllima miséria,
Fôra por certo invicto cavalleiro,
Se não quisera ir ver a terra Ibéria.
Mas África dirá, ser impossíbil,
Poder ninguêm vencer o rei terríbil.

Mas Afonso (1), *nome ditoso em armas* (2) *em a nossa Hespéria* (3), *herdeiro único do trono*, e *que tornou* [= *converteu*] *a soberba* (4) *do bárbaro fronteiro* (5) *em baixa e humílima miséria* (6), *fôra, por certo, invicto* (7) *cavaleiro, se não quisera* (8) *ir ver a terra Ibéria* (9): *mas África* (10) *dirá ser impossível poder ninguêm* [= *quem quer que fôsse*] *vencer o terrível rei* (11).

(1) Afonso V [1438-1480]. (2) Nome glorioso na guerra, o de todos os Afonsos, tanto os reis de Portugal como os de Espanha. (3) Nome que os romanos davam à Ibéria, península hispânica. (4) Grandeza, poderio. (5) Fig., os mauri-

tanos, os mouros de Marrocos, fronteiros da península. (6) Alude-se à humilhação dos mouros que nos séculos anteriores haviam dominado na península. (7) «Fôra invicto...», cavaleiro que nunca teria sido vencido; cfr. est. 57. (8) Se não tivesse querido ir fazer guerra em Castela por que aí [em Toro] foi vencido. (9) Cfr. nota 3 desta estância. (10) Fig., os africanos. (11) Que os africanos, os mouros, julgavam invencível D. Afonso V, porque sempre haviam sido subjugados.

Note-se que o Poeta diz «nossa» para se entender que fala da nossa península, porque os romanos também chamavam «Hespéria» à Itália [cfr. VIII, 61 e 69] — e atribui-se a origem e denominação, em Hespéria, ao facto de estar situada no «ocidente» da Europa; em Itália, ao facto de estar ao «ocidente» da Grécia; devendo notar-se que, a Héspero, se dá o significado de ocidente, por ser o nome da estrêla que aparece de tarde no ocidente; advirta-se que teve também o nome de Héspero um rei da Mauritânia; e na mitologia era o nome do pai das Hespérides [cfr. estância seguinte], filho de Atlas e da Aurora.

No verso 1 «único herdeiro» deve entender-se: «o que foi único herdeiro», pois D. Duarte teve mais filhos, mas nenhum dêles ocupou o trono.

---

55 Este pôde colher as maçãs de ouro,
Que sómente o Tyrínthio colher pôde:
Do jugo que lhe pôs, o bravo Mouro
A cerviz inda agora não sacode.
Na fronte a palma leva, e o verde louro
Das victórias do bárbaro, que acode
A defender Alcácer, forte villa,
Tângere populoso, e a dura Arzilla.

Êste rei *pôde colher as maçãs de ouro* (1) *que sómente o Tiríntio* (2) *pôde colher; e o bravo mouro ainda agora [até agora] não sacudiu a cerviz do jugo que* êle *lhe pôs.* D. Afonso *levou na fronte* (3) *a*

palma e o verde louro das vitórias que alcançou *do* [= *sôbre o*] *bárbaro* (4), *que acudira a defender Alcácer* (5) *vila forte, e o populoso Tânger* (6), *e a dura Arzila* (7).

(1) As Hespérides [mitologia], três filhas de Atlas [ou Atlante] possuíam um jardim, cujas árvores produziam maçãs de ouro, e cuja entrada estava guardada por um dragão de cem cabeças; Hércules matou êsse dragão e apoderou-se dos pomos de ouro; alegoria para lembrar as importantes praças de guerra [Arzila e Tânger] conquistadas por Afonso V, cuja intrepidez é assemelhada à maravilhosa fôrça de Hércules. (2) Nome patronímico de Hércules, por ter nascido em Tiríntio, cidade da Argolida [parte da antiga Grécia.] (3) «Leva na fronte...», mereceu ter na fronte a coroa. (4) «Do bárbaro», [fig.] dos mouros. (5) Alcácer-Ceguer. (6) Pôrto de Marrocos no estreito de Gibraltar. (7) Praça forte que resistiu muito tempo; «dura», resistente.

---

56 Porém ellas em fim por fôrça entradas,
Os muros abaxaram de diamante
Ás portuguesas fôrças, costumadas
A derribarem quanto acham diante.
Maravilhas em armas estremadas,
E de escriptura dinas elegante,
Fizeram cavalleiros nesta emprêsa,
Mais afinando a fama portuguesa.

Elas, porêm, [essas fortalezas], *emfim entradas* (1) *por fôrça* (2), *abaixaram os muros de diamante às fôrças portuguesas* (3), *costumadas* (4) *a derribarem* tudo *quanto acham diante. Nesta emprêsa* (5), alguns *cavaleiros fizeram, em armas* (6), *mara-*

vilhas (7) *estremadas* (8) *e dignas de elegante escritura* (9), *afinando* (10) *mais a fama portuguesa.*

(1) Fig., conquistadas. (2) «Por fôrça», à fôrça. (3) «Abaixaram...», prosopopeia: ficção de que as fortalezas tem vida e por mótu-próprio deixam cair as muralhas; «de diamante», imagem [por ser o diamante a substância mais rija] do grande valor dos defensores dessas praças de guerra. (4) «Costumadas...»; assim lembra o Poeta que estas proezas eram constantes. (5) «Nesta emprêsa», nesta conquista, na conquista destas fortalezas. (6) Fig., combates. (7) Acções maravilhosas, admiráveis. (8) Distintas. (9) Escritas em eloqüente estilo. (10) «Afinando mais...», contando, relatando com mais perfeição, e exactidão, dando maior evidência à fama, à glória dos portugueses.

---

57 Porém despois, tocado de ambição
E glória de mandar, amara e bella,
Vai cometer Fernando de Aragão,
Sôbre o potente reino de Castella.
Ajunta-se a inimiga multidão
Das soberbas e várias gentes d'ella,
Desde Cáliz ao alto Perineo,
Que tudo ao rei Fernando obedeceu.

Depois, porêm, Afonso V — *tocado* (1) *da ambição e* da *amara* (2) *e bela glória de mandar — vai acometer* (3) *Fernando,* rei *de Aragão,* avançando *sôbre o potente reino de Castela. — Ajunta-se* — contra Afonso — *a inimiga multidão das soberbas* (4) *e várias gentes dela* (5), *desde Cádiz* (6) *ao alto Pirinéu* (7), *que* [= *pois*] *tudo* (8) *obedeceu ao rei Fernando.*

(1) Incitado, estimulado pela ambição de se sentar no trono de Castela. (2) Amarga — porque, realmente, quem

exerce mando padece muitas amarguras, causadas pela rebeldia ou maledicência dos que são mandados. (3) Cometer [no texto] é forma alatinada de acometer, agredir; nesta estância e nas seguintes se descrevem as lutas que deram em resultado serem os portugueses derrotados em Toro. (4) Excelentes. (5) De Castela; «várias», isto é, castelhanos, aragoneses, andaluzes, etc. (6) Pôrto de Andaluzia. (7) «Ao alto Pirinéu», [fig.] à grande altura dos Pirinéus [as montanhas que separam a Espanha da França]. (8) «Tudo», todos os espanhóis se uniram a favor do rei de Aragão.

---

58 Não quis ficar nos reinos ocioso
O mancebo Joanne; e logo ordena
De ir ajudar o pai ambicioso,
Que então lhe foi ajuda não pequena.
Saíu-se em fim do trance perigoso
Com fronte não torvada, mas serena,
Desbaratado o pai sanguinolento;
Mas ficou duvidoso o vencimento,

O mancebo Joane (1) *não quis ficar, nos reinos* (2), *ocioso*; *e ordenou* (3) *logo de ir ajudar o ambicioso* (4) *pai, que lhe* [= ao qual] o príncipe *foi* [= serviu] *de ajuda não pequena. É saíu-se* (5), *em fim, do perigoso transe* (6) *sanguinolento com fronte* (7) *não torvada* (8) *mas serena*, ficando *desbaratado o pai, mas o vencimento* [= o desbarato] *ficou duvidoso* (9), *porque*... [*na estância seguinte*].

(1) O jovem príncipe João, filho de D. Afonso V e herdeiro da coroa. (2) Os reinos de Portugal e Algarves. (3) «Ordenou de...», tomou a resolução de... (4) Cfr. estância precedente, nota 1. (5) Escapou, livrou-se. (6) Lance, conjuntura [difíceis, perigosos]. (7) Fig., rosto. (8) Ann-

veada, triste. (9) A vitória ficou duvidosa, porque o rei de Aragão também havia abandonado o campo de batalha.

«Vencimento» é palavra empregada no poema umas vezes com significação activa [vitória], outras vezes com significação passiva [desbarato]; aqui pode ter os dois sentidos.

«Sanguinolento» do verso 7 deve ligar-se a «transe» do verso 5; desta liberdade poética para tam violenta transposição há mais exemplos nos *Lusíadas*: cfr. III, 94 [terreno pequeno]; VII, 46 [cidade melhor]; etc.

Note-se: «que lhe» = «ao qual», pelo emprégo pleonástico do «que»: processo freqüentemente usado pelo Poeta; cfr. «que lhe» = «ao qual» [I, 95^{1}]; «que nela» = «na qual» [VII, 74^{7-8}]; «que por éle» = «pelo qual» [X, 77^{5-6}]; «que seu» = «cujo» [X, 39^{5-6}]; etc.

---

59 Porque o filho sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso cavalleiro,
Nos contrários fazendo imenso dano,
Todo um dia ficou no campo inteiro.
D'esta arte foi vencido Octaviano,
E António vencedor, seu companheiro,
Quando d'aquelles que Cesar mataram,
Nos philípicos campos se vingaram.

De que lado ficou a vitória, é duvidoso, *porque o sublime* (1) *e soberano* (2) *filho* de Afonso V — *cavaleiro gentil* (3), *forte* (4), *animoso* (5) — *ficou um dia todo inteiro no campo* da batalha, *fazendo imenso dano nos contrários* (6). *Desta arte* (7) *foi vencido Octaviano* (8) *e* ficou *vencedor o seu companheiro António* (9), *quando se vingaram daqueles que mataram César* (10) *nos campos Filípicos* (11).

(1) Perfeito, nobre. (2) Excelente. (3) Garboso, galhardo. (4) Valente. (5) Intrépido. (6) Inimigos — os castelha-

nos. (7) «Desta arte», por modo semelhante. (8) Octávio, nome pelo qual era conhecido Augusto antes de ser imperador [63 A. C. = 14] romano, como herdeiro de seu tio Júlio César. (9) Marco António, triúnviro romano, companheiro de Octávio no triunvirato, e na batalha aqui referida. (10) Júlio César, o imperador romano; cfr. nota 8. (11) Nos campos de Filipes [arredores da cidade da Macedónia] onde Octávio e Marco António deram batalha a Bruto [Marco Júnio] e Cássio, os dois conspiradores contra a vida de César por êles assassinado. Cfr. III, 136.

Note-se «Cesár» acentuado na última sílaba por liberdade poética [exigência da metrificação].

---

60 Porém, despois que a escura noite eterna
Affonso aposentou no ceo sereno,
O príncipe que o reino então governa,
Foi Joanne segundo, e rei trezeno.
Êste, por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar pode homem terreno,
Tentou, que foi buscar da roxa Aurora
Os términos que eu vou buscando agora.

Porêm, depois que a escura noite eterna (1) *aposentou* (2) *Afonso no sereno* (3) *céu, o Principe que então governou o reino, foi Joane* (4), *segundo* de nome *e rei trezeno* [*décimo terceiro*]. *Êste — por* [= *para*] *haver fama sempiterna* (5) — *tentou mais do que pode tentar o homem terreno* (6), *que* [*pois*] *foi buscar os términos* (7) *da roxa* (8) *Aurora, que eu* agora *vou* [*ando*] *buscando* (9).

(1) «Escura», etc., [fig.] a morte. (2) Agasalhou. (3) Tranqùilo: nas altas regiões do céu, em que não há ventos nem tempestades. (4) D. João II, *passim*. (5) Eterna. (6)

Terrestre [pleonasmo]. (7) Confins. (8) Vermelha. Fig., as terras do Oriente — que estão situadas nas regiões, donde aparentemente vem o sol, precedido da Aurora. (9) Tenha-se em lembrança, que toda esta narrativa está sendo feita por Vasco da Gama, aludindo às primeiras viagens empreendidas por D. João II para descobrir a Índia, e para o que mandara expedicionários por mar e por terra.

---

61 Manda seus mensageiros, que passaram
Hespanha, França, Itália celebrada;
E lá no ilustre pôrto se embarcaram,
Onde já foi Parténope enterrada,
Nápoles, onde os fados se mostraram,
Fazendo-a a várias gentes subjugada,
Pola illustrar no fim de tantos annos
Co senhorio de ínclitos Hispanos.

D. João II *mandou*, para êsse fim, os *seus mensageiros, que passaram Espanha, França, e a celebrada Itália, e lá se embarcaram no ilustre pôrto, onde já foi enterrada Parténope* (1), isto é, na cidade de *Nápoles, onde os fados se mostraram* (2), *fazendo-a subjugada a várias gentes, pola* [= *para a*] *ilustrarem, no fim de tantos anos, com o senhorio de ínclitos* (3) *Hispanos* (4).

(1) Nome duma sereia que, apaixonada por Ulisses e por êle desprezada, se precipitou no mar, indo o seu cadáver parar no litoral da Itália, onde os habitantes das vizinhanças a enterraram, e lhes erigiram um mausoléu, edificando aí uma cidade [com o nome de Parténope], que, tendo sido destruída, foi depois reedificada com o nome de Neápolis [significando «cidade nova»] e depois Nápoles. (2) «Onde os fados», etc., onde se patentearam as vicissitudes da sorte ou

destino, por ter essa cidade e região do mesmo nome
o ocupada por várias nacionalidades italianas e por es-
hóis. (3) Ilustres. (4) A sorte, para enobrecer Nápoles,
s que esta cidade fôsse dominada pelos nobres espanhóis
o domínio de Afonso V de Aragão [1435-1504].
Os mensageiros a que se alude no verso 1 foram Afonso
va e Pero da Covilhã — incumbidos por D. João II de irem
ndia e ao Egipto e de se avistarem com o rei da Abissínia
le se dizia haver população cristã. Subindo o rio Nilo
egaram ambos a Adem; separaram-se aí, dirigindo-se Pero
Covilhã para a Índia, e Afonso de Paiva para o Cairo,
de faleceu antes de chegar à Abissínia, e para onde vol-
a Pero da Covilhã depois de ter visitado terras da Índia.
r. 62 a 65.

---

62 Polo mar alto sículo navegam;
Vão-se ás praias de Rodes arenosas;
E d'ali ás ribeiras altas chegam,
Que co'a morte de Magno são famosas.
Vão a Mênfis, e ás terras que se regam
Das enchentes nilóticas undosas;
Sobem á Ethiópia, sôbre Egipto,
Que de Christo lá guarda o sancto rito.

Os mensageiros de D. João II *navegam pelo
alto* (1) *mar Sículo* (2), *vão* (3) *às arenosas praias de
Rodes* (4); *e dali chegam às altas* [= *grandes*] *ri-
beiras, que são famosas com a morte de Magno* (5).
Depois *vão a Mênfis* (6), *e às terras que se regam*
[*são regadas*] *das* [= *pelas*] *undosas enchentes niló-
ticas* (7); *sobem à Etiópia* (8), *sôbre o Egipto* (9),
que [= *o qual*] *lá guarda o santo rito de Cristo* (10).

(1) Profundo. (2) Adjectivo de Sicília, siciliano, que an-
tigamente se dizia sículo; sículos se chamaram os primeiros

habitantes da ilha da Sicília, que foram da Gália, levados ali por um chefe de nome Siculus; o mar da Sicília é o Mediterrâneo, que banha Nápoles e aquela ilha. (3) Dirigem-se. (4) Ilha da Turquia, no Mediterrâneo, próxima da Ásia, e notável na antiguidade por existir aí uma estátua colossal de bronze representando Apolo, a qual era considerada uma das sete maravilhas do mundo; notável também por haver sido a sede da ordem da Malta. (5) «Altas ribeiras», etc., perífrase para dizer que os mensageiros de D. João II foram a Alexandria, onde desaguam os profundos deltas [fig., altas ribeiras] do Nilo; «famosas», afamadas, porque em Alexandria foi assassinado Pompeu Magno, general e cônsul romano [106-48 A. C.], que, tornando-se rival de César e sendo vencido, se refugiou no Egipto, onde o rei Ptolomeu o matou aleivosamente para ser agradável a César. (6) Antiga e populosa capital do Egipto nas margens do Nilo. (7) «Undosas», que fazem ondas; as cheias do Nilo [nilóticas] são tam volumosas que se comparam a um mar com grandes ondas. (8) Região ao sul do Egipto banhada pelo Mar Vermelho e que compreende a Núbia e a Abissínia. (9) «Sôbre o Egipto», para lá do Egipto, relativamente a quem vai da Europa. (10) Alusão à crença de haver, por aquele tempo, cristãos na Abissínia.

---

63 Passam também as ondas eritreas
Que o povo de Israel sem nao passou;
Ficam-lhe atrás as serras nabateas,
Que o filho de Ismael co nome ornou.
As costas odoríferas sabeas,
Que a mãi do bello Adónis tanto honrou,
Cercam, com toda a Arábia descuberta
Feliz, deixando a Pétrea e a Deserta.

Os mensageiros *passam* (1) *também* sôbre *as ondas Eritreas* (2) *que o povo de Israel passou* (3) *sem naus*; *atrás, ficam-lhes as serras Nabateas* (4), *que o filho de Ismael* (5) *ornou com o* seu *nome*;

depois *cercam as odoríferas costas Sabeas* (6), *que a mãe do belo Adónis* (7) *tanto honrou*, cercam tambêm *toda a Arábia* descoberta [*Arábia Feliz*], *deixando* a Arábia *Petréa e a* Arábia *Deserta* (8).

(1) Atravessam. (2) As águas do Mar Vermelho; os Gregos chamavam a êsse mar «Eritreu», que quere dizer «vermelho». (3) «O povo de Israel...», alude-se á tradição Bíblica, de que o povo de Israel guiado por Moisés atravessou a pé enxuto o fundo [que secara] do Mar Vermelho. (4) «Atrás», etc.; os mensageiros deixavam atrás dêles as montanhas de Nabatea, região compreendida entre o Eufrates e o Mar Vermelho: a Arábia interior; «nabateus» se chamavam as antigas tribos árabes do deserto da Síria; cfr. I, 84. (5) O filho de Abraão e da escrava Agar; filho de Ismael é Nabaioth — que, deu o nome a essa região [ornou-a com o seu nome], por ter sido o primeiro habitador. (6) «Cercam... odoríferas», vão rodeando o litoral da Sabea [«costas Sabeas»], no Mar Vermelho. «Sabá» ou Sabea [hoje Iemen,] era o nome de cidade árabe, notável pela produção de resinas odoríferas, principalmente o incenso e a «mirra». (7) Adónis, príncipe notável pela sua beleza, filho de Cinira e de «Mirra» — esta convertida na planta de igual nome. (8) Arábia Petréa — do nome antigo da capital «Petra» — denomina-se hoje Hedjaz, no litoral do Mar Vermelho; Arábia Deserta é o planalto deserto no centro da península arábica; Arábia Feliz, se denominava o Iemen de hoje.

Abreviadamente refere o Poeta as regiões pelas quais foram passando, e que foram deixando atrás de si os mensageiros de D. João II, procurando ir á Índia por terra.

No verso 7 a preposição «com» equivale a conjunção, ligando «costas sabeas» e «Arábia», — complementos de «cercam»: os mensageiros cercam a Arábia que naquele tempo iam descobrindo pelo litoral — isto é a Arábia Feliz; e não passam pelo interior.

No texto «Pétrea», mas a pronúncia normal é «Petréa».

64 Entram no estreito pérsico, onde dura
Da confusa Babel inda a memória.
Ali co Tigre o Eufrates se mestura,
Que as fontes onde nascem tem por glória.
D'ali vão em demanda da água pura,
Que causa inda será de larga história,
Do Indo, pelas ondas do oceano,
Onde não se atreveu passar Trajano.

Entram no estreito Pérsico (1), *onde ainda dura a memória da confusa Babel* (2); *ali* [*no Pérsico*] *mistura-se* o *Tigre com o Eufrates, que tem por glória as fontes onde nascem* (3). *Dali vão*, pelas águas do Oceano, *em demanda da água pura do Indo* (4) — *que ainda será causa de larga história* (5) — vão *pelas ondas do Oceano, onde Trajano* (6) *se não atreveu* a *passar*.

(1) «Estreito» de Ormuz, pelo qual comunicam o gôlfo de Oman com o gôlfo Pérsico. (2) «Confusa Babel», confusão de Babel; a grande tôrre que, segundo a Bíblia, pretenderam edificar os filhos de Noé, para chegarem ao céu, — insensata tentativa invalidada pela confusão das línguas; os operários não se entendiam uns aos outros, e a obra parou; foi isso na antiga cidade de Babilónia, de que apenas há hoje vestígios; quando no gôlfo Pérsico esteve um dos mensageiros de D. João II; havia memória dessa tôrre no estreito de Ormuz. (3) «Tigre e Eufrates», ambos estes rios desaguam no gôlfo Pérsico, formando uma só corrente, pouco antes de nele entrarem; nascem ambos na Turquia; mas, segundo a lenda, as nascentes [as fontes] dêstes rios eram no Paraíso terrestre — do que os habitantes alardearam glória. (4) «Dali», etc.; do estreito de Ormuz, o mensageiro Pero da Covilhã foi á foz do rio Indo — cuja água era considerada pelos habitantes a mais pura; e dirigiu-se para Calecut. (5) «Que ainda será causa...»; Vasco da Gama diz estas palavras, em modo de profecia; vaticinando os feitos heróicos dos portugueses, que seriam objecto de extensa

história. (6) Imperador romano [98-117] que venceu os Partos [Pérsia]; disse o Poeta [I, 3] que havia de cantar acções de portugueses mais heróicas do que as de Ulisses, etc., e de Trajano; aqui mostra que Trajano chegou à Pérsia mas não se atreveu a ir mais adiante, não chegou ao Indo.

Note-se que no texto dá-se esta viagem pelos dois mensageiros de D. João II, mas à Índia foi sómente Pero Covilhã, tendo-se, em Adem, separado de Paiva, que foi morrer no Cairo.

No verso 4, o Poeta coloca o paraíso terreal na Arménia, onde nascem o Tigre e o Eufrates,—os quais, segundo a Bíblia, tem as suas nascentes [= fontes] no Eden; esta mesma opinião é seguida em III, 72; mas, em IV, 70 e 74, e em VII, 1, a existência do paraíso é colocada nos montes em que nascem o Indo e o Ganges.

---

65 Viram gentes incógnitas e estranhas
Da Índia, da Carmânia e Gedrosia,
Vendo vários costumes, várias manhas,
Que cada região produze e cria.
Mas de vias tam ásperas, tamanhas,
Tornar-se fácilmente não podia:
Lá morreram em fim e lá ficaram;
Que á desejada pátria não tornaram.

Os mensageiros de D. João II *viram* as *incógnitas* (1) *e estranhas* (2) *gentes da Índia, da Carmânia* (3) *e Gedrosia* (4), *vendo vários costumes, várias manhas* (5), *que cada região produz e cria. Mas não se podia* [= *não era possível*] *tornar* [= *regressar*] *fácilmente de vias tamanhas* (6), *tam ásperas* (7). *Emfim lá morreram e lá ficaram, que* [= *pois*] *não tornaram à desejada pátria.*

(1) Desconhecidas. (2) Que causavam admiração, estranheza, por serem de costumes não usados na Europa, nunca

visto nela. (3) Antiga província da Pérsia. (4) Província meridional da Ásia Menor. (5) Habilidades, artes, artefactos industriosos. (6) «Vias tamanhas», tam longos caminhos, de tanta distância. (7) Escabrosas, muito arriscadas, penosas de suportar — ora por mar, ora por terra; tendo de atravessar povos de línguas desconhecidas, de índoles diversas, etc.

Afonso de Paiva morreu no Cairo; Pero da Covilhã, depois de visitar Cananor, Calecut e Goa, voltou ao Mar Vermelho, esteve no Cairo, e foi morrer na Abissínia.

---

66 Parece que guardava o claro ceo
A Manoel e seus merecimentos
Esta emprêsa tam árdua, que o moveu
A subidos e illustres movimentos
(Manoel, que a Joanne soccedeu
No reino e nos altivos pensamentos):
Logo como tomou do reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

Parece que o claro Céu (1) *guardava* (2) *a Manuel* (3), *e* aos *seus merecimentos, esta tam árdua emprêsa* (4), *que o moveu* (5) *a subidos* (6) *e ilustres movimentos* (7): *Manuel — que sucedeu a João* II *no reino e nos altivos* (8) *pensamentos — logo como* [= *logo que*] *tomou cargo do reino, tomou mais* [= *também*] o cargo da *conquista do largo mar* (9).

(1) Fig., o omnisciente Deus. (2) Reservava. (3) D. Manuel I [1485-1521]. (4) A emprêsa da descoberta do caminho da Índia. (5) Incitou. (6) Sublimes. (7) Nobres acções. (8) Briosos. (9) Em 1496 subiu ao trono D. Manuel, e no ano seguinte foi a expedição de Vasco da Gama, que está navegando por mares desconhecidos de outrem, «conquistando

êsses mares»; o que pode significar: visando a conquista das terras banhadas pelo Oceano Índico.

---

67 O qual, como do nobre pensamento
D'aquella obrigação, que lhe ficara
De seus antepassados (cujo intento
Foi sempre acrescentar a terra cara),
Não deixasse de ser um só momento
Conquistado: no tempo, que a luz clara
Foge, e as estrêllas nítidas que saem,
A repouso convidam quando caem;

68 Estando já deitado no áureo leito,
Onde imaginações mais certas são,
Revolvendo, contino no conceito
De seu officio e sangue a obrigação,
Os olhos lhe occupou o somno aceito,
Sem lhe desoccupar o coração;
Porque, tanto que lasso se adormece,
Morfeo em várias formas lhe aparece.

Como (1) *o qual* (2) [*como êle, D. Manuel*] *não deixasse de ser*, nem *um só momento, conquistado* (3) *do nobre pensamento daquela obrigação que lhe ficara* (4) *dos seus antepassados, cujo intento fôra sempre acrescentar a cara terra* portuguesa (5); *estando* êle Manuel *já no áureo* (6) *leito no tempo* em *que a luz clara* do *dia* foge, *e* em que *as estrêlas, que saem* (7) *nítidas, convidam* o homem *ao repouso quando caem* (8); estando no leito — *onde são mais certas* as *imaginações* (9), — e *revolvendo*

de contínuo no conceito [= *espírito*] (10) *a obrigação do seu ofício* de rei, e a do seu *sangue* (11); *o sono*, por êle *aceito* (12), *ocupou-lhe os olhos, sem lhe desocupar o coração, porque, tanto que* (13) *lasso* (14), *se adormeceu* (15), *apareceu-lhe Morfeu* (16) *em varias formas.*

(1) As duas estâncias formam um só período gramatical; eis o resumo: — sendo êle [D. Manuel] assaltado a todo o momento pelo pensamento de aumentar o território português, e estando por isso acordado toda a noite a cogitar..., por fim, de madrugada, adormeceu e sonhou [o sonho vem contado na estância 69 e seguintes]. (2) «Como» = porque; «qual» = êle [Manuel, citado nos versos 2 e 5 da estância precedente]; note-se o hipérbato: no texto—«o qual, como»; —vê-se, nos versos seguintes, que o rei estivera toda a noite acordado, porque tivera sempre o pensamento ocupado nas suas obrigações de rei, imaginando como havia de engrandecer o país, até que, de madrugada adormeceu. (3) Dominado [do = pelo]. (4) Herdara. (5) A amada pátria. (6) Vasco da Gama, na sua narrativa, engrandece a riqueza de Portugal dizendo que é de ouro o leito do rei. (7) As estrêlas saem [= surgem] nítidas [= brilhantes, bem visíveis]. (8) As estrêlas no seu movimento aparente, quando chega a madrugada, caem no horizonte, como cai o sol no fim da tarde; ou desaparece a luz delas no firmamento, ofuscada pela claridade do dia; e a luz da madrugada convida, incita, ao repouso quem esteve toda a noite velando. (9) Cogitações: é certo que «quem tem cuidados não dorme». (10) De contínuo, constantemente. (11) Fig., família: o dever de diligenciar que se cumprisse a vontade dos reis seus parentes e antecessores. (12) O rei aceitava já o sono, queria cerrar os olhos, para descansar o espírito e adormecer, porque era já madrugada. (13) «Tanto que», apenas. (14) Fatigado. (15) «Adormece-se», dá a entender que o rei se adormentava, fazia já diligência por adormecer: — repetição da idea já expressa nas palavras «sono aceito». (16) O deus dos sonhos, filho da Noite e do Sono; começou D. Manuel a sonhar, e os sonhos vem contados nas estâncias seguintes até 74.

Nos versos 3-5 da estância 68, «revolvendo a obrigação», o verbo é empregado transitivamente, e com o signi-

ficado de «insistir» num pensamento, numa acção; assim em I, 76 [revolver o peito]; II, 43 [revolver as entranhas dos fados]; IX, 19 [revolver o mar]; etc.

---

69 Aqui se lhe apresenta, que subia
Tam alto que tocava á prima esphera,
D'onde diante vários mundos via
Nações de muita gente estranha e fera:
E lá bem junto d'onde nace o dia,
Despois que os olhos longos estendera,
Viu de antiguos, longínquos e altos montes,
Nacerem duas claras e altas fontes.

Aqui (1) *apresenta-se-lhe* (2) [= *afigura-se-lhe*], *que subia tam alto, que tocava a prima esfera* (3), *donde via, diante* de si, *vários mundos* (4), *nações de muita gente estranha* (5) *e fera* (6): *e lá bem junto donde nasce o dia* (7) — *depois que os longos olhos estendera* (8), — *viu duas claras e altas fontes* (9) *nascerem de antigos, longínquos e altos montes.*

(1) Nesta ocasião; quando começou o sonho de el-rei — sonho que vem a ser uma profecia dos casos afortunados que lhe sucederiam na Índia. (2) Representa-se-lhe, parece-lhe. (3) «Prima esfera», o orbe mais próximo da terra, o da lua. (4) Várias partes do mundo: Ásia, África e América. (5) Gente desconhecida. (6) Valente. (7) «Bem junto», etc., muito próximo das regiões em que nasce o sol; nas terras do Oriente. (8) «Longos olhos», [fig.], depois de lançar a vista ao longe, a grande distância. (9) Nascentes de rios; as do Ganges e do Indo. Estando na altura da lua, via de lá a Ásia.

---

70 Aves agrestes, feras e alimárias,
Pelo monte selvático habitavam:
Mil árvores silvestres e hervas várias
O passo e o trato ás gentes atalhavam.
Estas duras montanhas, adversárias
De mais conversação, por si mostravam
Que, desque Adão peccou aos nossos annos
Não as romperam nunca pés humanos.

Pelo selvático monte (1) *habitavam aves agrestes* (2), *feras e alimárias* (3); *mil árvores silvestres* (4) *e várias ervas atalhavam o passo e o trato* (5) *às gentes. Estas duras* (6) *montanhas, adversárias de mais conversação* (7), *mostravam, por si* [= *evidentemente*], *que, desde que Adão pecara até os nossos anos, não as haviam rompido, nunca,* os *pés humanos* (8).

(1) Cordilheira do Himalaia. (2) Bravias. (3) Nome genérico de toda a espécie de animais, brutos. (4) Próprias das selvas espessas, das florestas. (5) O comércio; a espessura das selvas impedindo a comunicação de uns povos com outros. (6) Fig., difíceis de subir, rochosas, alcantiladas, etc. (7) Prosopopeia: as montanhas tinham ouvido a conversação dos primeiros habitantes do Paraiso, onde segundo a lenda eram as nascentes do Indo; não queriam ouvir mais palavras humanas. (8) A incultura dessa região, do suposto antigo Paraiso, demonstrava, que, depois de lá ter estado Adão, nunca mais por lá passara ente humano.

71 Das águas se lhe antolha que saíam
Per' elle os largos passos inclinando,
Dous homens, que mui velhos pareciam,
De aspeito, inda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabellos lhe caíam
Gotas, que o corpo todo vão banhando;
A côr da pelle, baça e denegrida;
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

Antolha-se-lhe (1), ao rei, *que saíam das águas, inclinando* (2) *os largos passos* (3) *para êle, dois homens que pareciam muito velhos*, e *de aspecto venerando* (4), *ainda que agreste* (5): *das pontas dos cabelos caíam-lhes* (6) *gotas de água, que lhe vão* [= *estavam*] *banhando todo o corpo;* tinham *baça e denegrida a côr da pele* (7); *e a barba, hirsuta* (8), *intonsa* (9), *mas comprida.*

(1) Sonha o rei que daquelas fontes [est. 69] vê sair dois velhos, que representavam o rio Indo e o rio Ganges. (2) Dirigindo. (3) «Largos passos», dão a perceber que eram figuras gigantescas os dois velhos. (4) Respeitável, naturalmente pela antiguidade, pela origem, pela grandeza. (5) Rústico, qualidade dos homens que vivem nos campos, longe da civilização. (6) Escorriam; figura-se que na cabeça dos velhos são as nascentes dos rios, vindo a água do interior; saíam-lhes gotas de água. (7) Os rios figurados na forma humana, e na côr dos habitantes da Índia. (8) Erriçada. (9) Não tosquiada.

Talvez, no verso 8, o Poeta houvesse escrito «mui» em logar de «mas».

72 D'ambos de dous a fronte coroada
Ramos não conhecidos e hervas tinha;
Um d'elles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe ali caminha
E assi a água, com ímpeto alterada
Parecia que d'outra parte vinha:
Bem como Alfeo de Arcádia em Syracusa
Vai buscar os abraços de Aretusa.

A coroada fronte de ambos de dois (1) *tinha ervas e ramos não conhecidos* (2); *um dêles traz a presença* (3) *cansada, como quem caminha ali de mais longe* (4). *E assim a água, alterada com ímpeto, parecia que vinha doutra parte* (5), *bem como* [= *do mesmo modo que*] *Alfeu* quando *ia da Arcádia* (6) *buscar os abraços de Aretusa* (7), *em Siracusa* (8).

(1) Pleonasmo, popular ainda hoje. (2) Os dois velhos, simbolizando os grandes rios da Índia, apresentam-se, no sonho do rei, coroados de plantas singulares, que eram desconhecidas na Europa. (3) Fig., aspecto. (4) O rio Ganges tem maior percurso do que o Indo, «e supunha-se» vir de mais longe, por via subterrânea; por isso «cansado», a ficção dos atributos humanos nos rios personificados, o cansaço do caminho. (5) A água do Ganges, na nascente, irrompe com muita violência; da cabeça do velho, que o representava, saia a água em borbotões. (6) Nome duma região divinizada pelos poetas gregos. (7) Ninfa de Diana [mitologia] que, banhando-se nas águas de Alfeu, foi perseguida pelo divo dêste rio até a ilha Ortígia [hoje Sicília], onde implorando o socorro de Diana foi convertida em água nascente; os poetas antigos imaginavam que o rio Alfeu na Grécia, vindo por baixo do mar, ia á Sicília ter com Aretusa, sua amante; significa êste símile que o rio Ganges não nascia no lugar em que irrompia; vinha, por baixo do chão, de muito mais longe [do Paraíso terrestre]. Cfr. IV, 64, nota final. (8) Cidade da Sicília.

A locução «ambos de dois» era usada pelos antigos clássicos.

73 Êste, que era o mais grave na pessoa,
D'est'arte pera o rei de longe brada:
« Ó tu, a cujos reinos e coroa
Grande parte do mundo está guardada,
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisamos que é tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

Êste velho (1), *que era, na pessoa, o mais grave, brada de longe, desta arte* (2), *para o rei*:
— *Ó tu — a cujos reinos e coroa está guardada grande parte do mundo* (3) — *nós outros, cuja fama tanto voa* (4), e *cuja cerviz* (5) *nunca foi bem domada, avisamos-te* de *que é tempo que mandes já receber de nós tributos grandes.*

(1) O rio Ganges [como explicitamente se diz na estância que se segue]; o último de que se falou; êle o mais grave, o de maior grandeza, por isso o mais respeitável dos dois. (2) «Desta arte», por esta maneira, cfr. *passim*. (3) Profecia anunciando a grande extensão futura do domínio português. (4) Lembrando que a fama dos dois grandes rios da Índia chegara a toda a parte do mundo; vários reis tiveram desejo de possuir as terras que êles regam. (5) Pescoço; domado [obediente], se diz do animal que suporta o jugo na cerviz; a gente da Índia nunca fôra totalmente subjugada, apesar das diligências de Alexandre Magno [333-331 A. C.], de Semíramis [a lendária rainha da Assíria], e de Baco ou das fabulosas Amazonas.

74 «Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro:
Est'outro é o Indo rei, que nesta serra
Que vês, seu nacimento tem primeiro.
Custar-t'-hemos comtudo dura guerra;
Mas, insistindo tu, por derradeiro
Com não vistas victórias, sem receio,
A quantas gentes vês porás o freio.»

— «*Eu sou o ilustre Ganges, que tenho o verdadeiro berço* (1) *na terra celeste* (2); *êste outro* (3) *que* tu, ó *Rei, vês, é o Indo que tem* o *seu primeiro nascimento* (4) *nesta serra. Contudo* nós ambos *custar-te hemos dura guerra* (5); *mas, insistindo tu, porás — por derradeiro* [= *afinal*], *sem receio* e *com glórias não vistas — o freio* (6) *a quantas gentes vês* (7)».

(1) Fig., origem, nascimento. (2) O Paraíso. (3) O outro velho. (4) O Indo nascia ali mesmo, na Serra do Himalaia; em contraposição ao Ganges, cujo primeiro nascimento é no Paraíso [segundo as lendas indianas], vindo por baixo do chão, nascer ou aparecer segunda vez. (5) Vaticínio da guerra difícil que os portugueses teriam de sustentar antes de dominarem a Índia. (6) «Pôr o freio», [fig.], subjugar, dominar, como fica dominado o cavalo em se lhe pondo o freio. (7) Os povos da Índia, que D. Manuel em sonho estava a ver.

Sôbre o «Paraíso», cfr. IV, 64, última nota.

75 Não disse mais o rio illustre e sancto
Mas ambos desparecem num momento.
Acorda Emanoel c'um novo espanto,
E grande alteração de pensamento.
Estendeu nisto Febo o claro manto
Pelo escuro hemisphério somnolento:
Veio a manhã no ceo pintando as côres
De pudibunda rosa e roxas flores.

O *ilustre e santo* (1) *rio não disse mais* nada; *mas num momento desapareceram ambos.*

Manuel acorda, com um novo espanto (2), *e grande alteração* (3) *no pensamento.*

Nisto (4), *Febo* (5) *estendeu o claro manto pelo escuro hemisfério sonolento* (6); *veio a manhã pintando* (7), *no céu, as côres da pudibunda* (8) *rosa, e* das *roxas flores* (9).

(1) «Santo»; assim é aqui denominado o rio Ganges, por nascer no Paraíso, segundo a lenda; tem os índios a convicção de se purificarem e santificarem quando se lavam nas suas águas. (2) «Novo espanto», nova admiração. (3) Perturbação; com o espírito perturbado, parecendo ao rei que tal sonho poderia ser um vaticínio. (4) «Nisto»—na ocasião de acordar. (5) Apolo; a claridade do sol nascente espalhou-se sôbre o nosso hemisfério que estivera em trevas, quando toda a gente dormia. (6) Hemisfério tem aqui simultâneamente a significação literal—metade da terra, e a significação figurada—a gente que o habita. (7) A «manhã pintando as côres», [fig.], a claridade da manhã deixando ver as côres. (8) «Pudibunda», epíteto dado à rosa, lembrando a viva côr vermelha da donzela que tem excessivo pudor. (9) «Roxas flores», vermelhas flores; redundância para acentuar a vermelhidão do céu, quando nasce o sol.

76 Chama o Rei os senhores a conselho,
E propõem-lhe as figuras da visão;
As palavras lhe diz do sancto velho,
Que a todos foram grande admiração.
Determinam o náutico aparelho,
Pera que com sublime coração
Vá a gente que mandar cortando os mares,
A buscar novos climas, novos ares.

O rei chama os senhores (1) *a conselho e propõe-lhes* [= *expõe-lhes*] *as figuras da visão* [= *do sonho*] (2), *e diz-lhes* [= *repete-lhes*] *as palavras do santo velho* [*que representava o Ganges*], *que* [*as quais palavras*] *foram* [= *causaram*], *a todos, grande admiração.* Os conselheiros *determinam o aparelho náutico* [= *os preparativos duma expedição naval*], *para que a gente, que* o rei *mandar, vá cortando os mares com sublime coração* (3), *a buscar novos climas* e *novos ares* (4).

(1) Nobres. (2) O sonho é simples ficção poética; mas refere a história que D. Manuel, desejando prosseguir nas tentativas de D. João II para descobrir caminho para a Índia por mar, convocou vários conselhos a êsse fim. (3) Com ânimo corajoso. (4) Novas regiões, novos céus.

---

77 Eu, que bem mal cuidava que em effeito
Se posesse o que o peito me pedia,
Que sempre grandes cousas d'êste geito
Presago o coração me prometia,
Não sei por que razão, por que respeito,
Ou por que bom sinal que em mi se via,
Me põem o ínclito rei nas mãos a chave
D'êste cometimento grande e grave.

Eu (1) — *que bem mal cuidava, que se pusesse em efeito* [*se realizasse*] *o que o peito* (2) *me pedia, que* [= *pois*] *o presago* (3) *coração me prometia sempre grandes cousas dêste jeito* (4) — *não sei por que razão, por que respeito, ou por que bom sinal, que em mim se visse* (5), *me pôs o ínclito* (6) *rei nas mãos a chave* (7) *dêste grande e grave cometimento.*

(1) Note-se que é Vasco da Gama quem fala. (2) Coração. (3) Pressentido, que pressente, que adivinha; Vasco da Gama desejava entrar na arriscada emprêsa, porque tinha o pressentimento de que teria bom êxito, mas mal cuidava que fôsse escolhido para ela; nesse «mal cuidar» há a modéstia de quem supõe que lhe faltavam títulos para ser escolhido. (4) Cousas dêste jeito; isto é, desta maneira; casos semelhantes. (5) «Não sei», etc.; a confirmação da modéstia patenteada nas palavras antecedentes; o grande navegador não sabe o motivo da escolha, lembra-se que fôsse algum bom sinal de fisionomia — o seu rosto de marinheiro? (6) Ilustre. (7) Linguagem metafórica, muito usada: el-rei confiou a Vasco da Gama a direcção suprema da emprêsa, o comando da frota; deu-lhe a chave para abrir os cofres dos tesouros indianos.

78 E com rôgo e palavras amorosas,
Que é um mando nos reis, que a mais obriga,
Me disse: «As cousas árduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho e com fadiga:
Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde e que periga;
Que, quando ao mêdo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se estende.

E o rei *disse-me com rogos* (1) *e palavras amorosas, que nos reis são um mando, que a mais obriga* (2):

— «*As cousas árduas* (3) *e lustrosas* (4) *alcançam-se com trabalho e com fadiga. A vida, que se perde e que periga,* e que se arrisca, *faz altas* [*ilustres*] *e famosas as pessoas* (5); *que* [= *pois*] *quando a vida não se rende ao mêdo infame* (6), *então, se menos dura, mais se estende* (7).

(1) «Disse-me... com rôgo», disse-me, como quem pedia um favor; «rogar» é suplicar, pedir; «rôgo» é o acto de rogar. (2) «Um mando», etc., uma ordem que induz a obedecer com mais vontade, a dar mais do que se pede. (3) Difíceis. (4) Que dão lustre, que dão glória. (5) «A vida», etc.; quem arrisca a vida e quem a perde na prática de boas acções eleva-se no respeito humano, alcança fama. (6) Antes ser audacioso com imprudência do que ser cauteloso por mêdo; pois o mêdo infama, avilta e desonra o medroso. (7) «Se menos», etc.; isto é, quem vive muito, sem ter praticado acções valorosas, vive pouco tempo na memória dos homens; quem vive pouco, por ter exposto a vida em praticar um acto heróico, vive muito tempo nessa memória, em razão da fama que de si deixa.

79 «Eu vos tenho entre todos escolhido
Para ũa emprêsa, qual a vós se deve:
Trabalho illustre, duro e esclarescido;
O que eu sei, que por mi vos será leve.»
Não soffri mais, mas logo: «Ó rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
E tam pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tam pequena.

— «*Eu tenho-vos escolhido, entre todos, para uma emprêsa qual a vós se deve* confiar (1); é *trabalho duro* (2), mas *ilustre e esclarecido* (3); *o que* [= *o qual*], eu *sei, que por mim vos será leve* [fácil] (4)».

Não sofri mais; mas logo (5) respondi:

— «*Ó subido* (6) *Rei, aventurar-me* (7) *a ferro, a fogo, a neve, é tam pouco, por vós* (8), *que mais me pena* (9) *ser esta minha vida tam pequena* [*muito pequena*].

(1) «Eu tenho-vos escolhido» [diz o rei], entre todos os meus servidores; entende-se que Vasco da Gama é o mais digno, o mais merecedor de lhe ser confiado a emprêsa; o descobrimento do caminho da Índia não podia ser confiado a outrem. (2) Difícil, árduo, penoso. (3) «Ilustre e esclarecido», sinonímia, [fig.], trabalho, em que é necessária ilustração, sciência. (4) «Por mim», etc.; trabalho penoso, mas que, por amor de mim, em atenção a ser eu que vo-lo confia, vos não será pesado; trabalho que será executado de boa vontade. (5) «Não sofri», etc.; impaciente, não me pude conter ouvindo mais palavras semelhantes, interrompi o rei, dizendo-lhe... (6) Sublime. (7) Arriscar-me. (8) Por amor de vós sofrerei animosamente o ferro e o fogo de inimigos e os gelos dos mares antárticos. (9) «Mais me pena»; mais me penaliza; maior pesar, do que o causado por êsse trabalho, é o ser a minha vida tam insignificante cousa; o meu maior pesar será o não ter eu longa vida para vos servir.

Nos primeiros 4 versos, a continuação das palavras dirigidas por el-rei D. Manuel a Vasco da Gama; as primeiras palavras do verso 5 são ditas pelo navegador ao rei de Melinde; as restantes da presente estância e as da imediata são as que dirigira o mesmo navegador a D. Manuel.

---

80 «Imaginai tamanhas aventuras,
Quaes Euristeo a Alcides inventava;
O lião Cleoneo, Harpias duras,
O porco de Erimanto, a Hydra brava;
Decer em fim ás sombras vãs e escuras,
Onde os campos de Dite a Estige lava;
Porque a maior perigo, a mór affronta,
Por vós, ó rei, o sprito e carne é prompta.»

— «*Imaginai tamanhas aventuras* (1), *quais inventava Euristeu* (2) *a Alcides* (3), como foram: o matar *o leão Cleoneu* (4) e as *duras Harpias* (5), *e o porco de Erimanto* (6), e *a brava Hidra* (7); *o descer emfim às vãs e escuras sombras onde a* lagoa *Estige lava* [*inunda*] *os campos de Dite* (8); *porque — por vós, ó Rei —* o meu *espírito* e a minha *carne* (9) *estão prontos a* [= *para*] *maiores perigos, a* [= *para*] *maiores afrontas* (10)».

(1) Perigos. (2) Rei de Mecenas, que, a rôgo de Juno, e para aniquilar Hércules, ordenava a êste cousas perigosíssimas, como eram as que se referem nos versos seguintes. (3) Hércules. (4) «Leão Cleoneu», [fig.], os leões de Cleona, da Numea. (5) «Duras Harpias»; as cruéis Harpias [mitologia], aves monstruosas e destruidoras que tinham garras e bico de ferro. (6) «O porco de Erimanto», [fig.], os javalis das florestas de Erimanto. (7) A serpente de sete cabeças da lagoa de Lerna. (8) O descer aos infernos; «Estige»,

a fabulosa lagoa Estígia [do inferno]; «Dite», nome de Plutão, rei do inferno. (9) «Espirito e carne»; cfr. a expressão usual «corpo e alma». (10) Cometimentos.

---

81 Com mercês sumptuosas me agradece,
E com razões me louva esta vontade;
Que a virtude louvada vive e crece,
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se offerece,
Obrigado d'amor e d'amizade,
Não menos cobiçoso de honra e fama,
O caro meu irmão, Paulo da Gama.

El-rei *agradeceu-me com sumptuosas* (1) *mercês* (2) *e louvou-me com razões* (3) *esta* minha *vontade* (4); é bem certo *que a virtude*, sendo *louvada*, *vive e cresce* (5), *e o louvor persuade a altos casos* (6).
Cobiçoso — *não menos* do que eu — *de honra e fama, o meu caro irmão Paulo da Gama, obrigado de* [= *por*] *amor e amizade, ofereceu-se logo* para *acompanhar-me* (7).

(1) Fig., valiosas. (2) Dádivas. (3) Fig., palavras. (4) Resolução, a deliberação de obedecer dedicadamente. (5) Mantêm-se e aumenta. (6) O louvor dá incitamento para praticar nobres acções. (7) «Cobiçoso», etc.; deseja acompanhar-me nessa perigosa emprêsa, para ser respeitado e célebre, e também para provar a sua dedicação fraternal.
A frota de Vasco da Gama compunha-se: da nau S. Gabriel, a capitânea; da nau S. Rafael, sob o comando de Paulo da Gama; e da caravela Bérrio, comandada por Nicolau Coelho; além de um navio com mantimentos.

---

82 Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
De trabalhos mui grande soffredor;
Ambos são de valia e de conselho,
D'experiência em armas e furor.
Já de manceba gente me aparelho,
Em que crece o desejo do valor;
Todos de grande esfôrço; e assi parece
Quem a tamanhas cousas se offerece.

Mais (1) *se me ajuntou* (2) *Nicolau Coelho* (3), *mui grande sofredor de trabalhos* (4); *ambos são de valia e de conselho* (5), *e de experiência e furor* (6) *em armas* (7). Logo *me aparelhei* (8) *da manceba* (9) *gente, em que cresce* (10) *o desejo do valor; todos* são *de grande esfôrço* (11); *e parece* que *assim* é [*de grande esfôrço*] *quem a tamanhas cousas se oferece.*

(1) Também. (2) Vem comigo. (3) O capitão dum dos navios da frota. (4) «Sofredor de trabalhos»; tenaz na resistência aos perigos. (5) De bom conselho, prudentes e sabedores, bons para darem conselho. (6) Intrepidez. (7) Nas lutas da guerra. (8) Preparei-me logo [com gente]. (9) Juvenil; homens novos para as tripulações das naus. (10) Superabunda; na gente môça, abunda o desejo de ser valiosa, útil. (11) Intrepidez.

---

83 Foram de Emanoel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados
Pera quantos trabalhos soccedessem.
Assi foram os Mínyas ajuntados,
Pera que o veo dourado combatessem,
Na fatídica nao, que ousou primeira
Tentar o mar Euxínio, aventureira.

Foram todos os tripulantes *remunerados* (1) *de* [= *por*] *Emanuel, porque* [= *para que*] *se apercebessem* (2) *com mais amor* (3); *e* foram, *com altas palavras* (4), *animados para quantos* (5) *trabalhos sucedessem. Assim* (6) *foram juntados os Mínias* (7), *para que combatessem* [*conquistassem*] (8) *o véu* (9) *dourado* (10), *na fatídica* (11) *primeira nau* (12) *que ousou, aventureira* (13), *tentar* (14) *o mar Euxino* (15).

(1) «Foram remunerados»; entende-se que receberam mercês, donativos, de el-rei D. Manuel, todos os homens angariados para aquela expedição marítima, os que faziam parte da frota. «Emanuel» é forma alatinada de Manuel. Cfr. «Joane», *passim*. (2) Se preparassem. (3) Subentende-se amor pelo rei. (4) Palavras soberanas, riaes. (5) «Para quantos...»; para todos e quaisquer trabalhos previstos ou imprevistos. (6) De igual modo. (7) Os cavaleiros da Tessália, os argonautas que foram, por desejo do rei Pélias, levados por Jason na sua viagem a Cólquida, a fim de conquistarem o fabuloso velo ou velocino de ouro. (8) Fig., lutassem para obter. (9) Velo, velocino. (10) De ouro. (11) Designada pelas fadas, pelo destino, fabricada pelas fadas. (12) A nau Árgus. (13) Adjectivo com função de advérbio; aventureiramente, arriscadamente, por ser a primeira que tentava tal viagem. (14) Fazer a tentativa de navegar aquele mar. (15) O Mar Negro; cfr. I, 18 e IX, 64.

---

84 E já no pôrto da ínclita Ulissea,
C'um alvoroço nobre, e c'um desejo,
(Onde o licor mestura e branca area
Co salgado Neptuno o doce Tejo)
As naos prestes estão: e não refrea
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente marítima e a de Marte
Estão pera seguir-me a toda a parte.

E já as naus (1), *com um nobre alvorôço* (2) *e com um* nobre *desejo* (3), *estão prestes* (4) *no pôrto da ínclita* (5) *Ulissea* (6), o qual é situado *onde o doce* (7) *Tejo mistura o* seu *licor* (8) *e a sua branca areia com o salgado Neptuno* (9); *e não refreia nenhum temor o juvenil despejo* [= *arrôjo*] (10); *porque a gente marítima, e a de Marte* (11), *estão* prontas *para seguir-me* (12) *a toda a parte.*

(1) Fig., os tripulantes das naus [que eram a «S. Gabriel», de Vasco da Gama; a «S. Rafael», de Paulo da Gama; a «Bérrio», de Nicolau Coelho; e uma barcaça de mantimentos]. (2) Alegria. (3) O desejo de partirem, de começarem a viagem; «nobre», porque a alegria e o desejo eram causados pelo nobre sentimento de servirem o rei e a pátria. (4) Prontos. (5) Ilustre. (6) Lisboa, a que o Poeta nomeia pelo epíteto que traz à lembrança a tradição de ter esta cidade sido fundada por Ulisses. (7) Epíteto, que lembra a doçura das águas do Tejo, e a beleza das suas margens. (8) Líquido, água. (9) Fig., oceano. (10) O arrôjo dos homens novos não reprime mêdo ou receio algum dos perigos da viagem. (11) «A gente», etc.; os marinheiros e os soldados. (12) Tenha-se em lembrança que estas palavras são proferidas por Vasco da Gama.

---

85 Pelas praias vestidos os soldados
De várias côres vem e várias artes,
E não menos de esfôrço aparelhados
Pera buscar do mundo novas partes.
Nas fortes naos os ventos sossegados
Ondeam os aérios estandartes;
Ellas prometem, vendo os mares largos,
De ser no Olimpo estrêllas, como a de Argos.

Os soldados, vestidos de várias côres e várias artes (1), *vem* [= *andam*] *pelas praias; e não menos* (2)

aparelhados (3) *de esfôrço* (4) *para buscar* (5) *novas partes do mundo. Os ventos, sossegados, ondeiam* (6) *os aéreos estandartes* (7) *nas fortes* (8) *naus; elas prometem* (9), *vendo* [= *quando virem*] *os mares largos* (10), *de ser como a* nau *de Argos* (11), *estrêlas no Olimpo* (12).

(1) Maneiras; a diversidade dos uniformes, com que se distinguem os regimentos a que pertenciam os soldados, as suas graduações, etc. (2) «Não menos», tam bem vestidos como os marinheiros. (3) Preparados. (4) Coragem. (5) Ir em busca de..., ir à descoberta de... (6) Fazem ondular, mover os estandartes, como se movem as ondas. (7) As bandeiras que se movem com o vento. (8) Grandes, guarnecidas de fôrças. (9) Prosopopeia: «as naus prometem quando virem»; isto é, as naus inspiram esperança de, quando estiverem no oceano, serem estrêlas [prometem de ser = prometem ser]. (10) «Mar largo», o que fica longe da costa em sítio onde já se não vê terra. (11) Alusão à fábula de ser a nau Argus convertida na constelação dêste nome em memória da afamada viagem. (12) Céu; o aspecto das naus infunde a esperança de que hão-de ter celebridade.

Note-se, no verso 6, o verbo «ondear» empregado causativamente.

---

86 Despois de aparelhados d'esta sorte
De quanto tal viagem pede e manda,
Aparelhámos a alma pera a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
Pera o sumo poder, que a ethérea côrte
Sostenta só co'a vista veneranda,
Implorámos favor que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

Desta sorte, depois de aparelhados (1) *de tudo quanto pedia* [= *necessitava*] *e mandava* [= *exigia*]

tal viagem, aparelhámos (2) *a alma para a morte, que* [= *a qual*] *anda sempre diante dos olhos aos* [= *dos*] *nautas* (3). Levantando os olhos *para o sumo Poder, que só com a veneranda vista sustenta a etérea côrte* (4), *implorámos favor, que nos guiasse, e que aspirasse* (5) os *nossos começos* (6).

(1) Preparados, providos de. (2) Preparámos; alusão ao facto histórico de que a gente da tripulação mostrou os seus princípios religiosos, confessando-se e comungando antes de começarem a viagem. (3) Navegantes. (4) «Etérea côrte», a côrte celeste [os anjos]; que Deus sómente com a sua vista veneranda [respeitável] dá o sustento às almas que habitam o empíreo. (5) Literalmente, soprasse; [fig.], auxiliasse. (6) Fig., a nossa tentativa.

Na presente estância e na imediata alude-se às preces e cerimónias religiosas celebradas antes da viagem no templo, que era então apenas uma ermida [na praia do Restelo], chamada dos «Reis de Belém». No lugar dela foi erigido por el-rei D. Manuel o majestoso templo chamado dos Jerónimos, por estar junto ao edifício do mosteiro, também ao mesmo tempo construído para os frades Jerónimos.

---

87 Partimo'-nos assi do sancto templo
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, pera exemplo,
D'onde Deus foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó rei, que se contemplo
Como fui d'essas praias apartado,
Cheio dentro de dúvida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

Assim (1), *partimo-nos* (2) *do Santo templo* (3), *que está sentado nas praias do mar*, e *que, para*

*

exemplo (4), *tem o nome* (5) *da terra, onde Deus foi dado ao mundo em carne.*

Certifico-te (6), *ó Rei, que — se contemplo* [= *se penso*] *como fui apartado* (7) *destas praias, cheio de dúvida e de receio* (8), — *apenas* [= *dificilmente*] *ponho o freio nos meus olhos* (9)!

(1) Desta maneira, da maneira que fica dito. (2) Saímos; «partir-se» = partir. (3) A antiga ermida dos «Reis de Belém», na praia do Restelo, edificada pelo infante D. Henrique no lugar em que depois se levantou o sumptuoso mosteiro dos Jerónimos. (4) Memória [de acções exemplares]. (5) O nome de Belêm; a terra em que nasceu Jesus Cristo. (6) Apóstrofe com que Vasco da Gama interrompe a sua narrativa, dirigindo-se ao rei de Melinde. (7) «Fui apartado» = apartei-me, [fig.], a voz passiva pela activa; ou literalmente, «fui levado» [pelo navio]. (8) A dúvida do êxito, o receio de não tornar a ver a pátria, os parentes e os amigos. (9) «Apenas», etc.; [fig.], com dificuldade contenho as lágrimas; custa-me a reprimir [refrear] o pranto.

No verso 8 «que» está repetido pleonàsticamente, porque essa conjunção já estava longe, no verso 5.

---

88 A gente da cidade, aquelle dia,
(Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver sómente), concorria,
Saùdosos na vista e descontentes.
E nós co'a virtuosa companhia
De mil religiosos diligentes,
Em procissão solene a Deus orando,
Pera os batéis viemos caminhando.

Concorria (1) [*ali, a Belêm*], *naquele dia* (2), *a gente da cidade, — uns por* causa de *parentes, ou-*

tros por causa de *amigos*, *outros sómente por verem* [= *por curiosidade*], *saùdosos e descontentes* (3) *na vista: — e nós, — em procissão solene com a virtuosa companhia de mil religiosos* (4), *orando diligentes* (5) *a Deus — viemos caminhando para os batéis* (6).

(1) Corria de todas as partes da cidade; «concorrer», «concurso»; etc., dá idea da multidão que acorreu. (2) «Aquele dia», subentende-se «aquele dia memorável». (3) «Saùdosos e descontentes na vista», mostrando nos olhos, no semblante, a saùdade dos que partiam, e a tristeza causada pela saùdade. (4) «Mil religiosos», numerosos sacerdotes. (5) «Orando diligentes», rezando com devoção. (6) Os navegantes, saindo da ermida, foram caminhando até a praia em que embarcaram, para logo seguirem viagem.

No verso 5 «gente» com o valor de plural, por ser nome colectivo, está concordando com os adjectivos no plural no verso 4.

---

89 Era tam longo caminho e duvidoso,
Por perdidos as gentes nos julgavam;
As molheres c'um chôro piadoso,
Os homens com suspiros, que arrancavam:
Mãis, espôsas, irmãs (que o temeroso
Amor mais desconfia) acrecentavam
A desesperação e frio mêdo
De já nos não tornar a ver tam cedo.

As gentes (1) *julgavam-nos por perdidos*, *era tam longo e duvidoso* o *caminho* (2)! *As mulheres*, viam-se *com piedoso chôro* (3), *os homens com suspiros que arrancavam* do peito (4), as *mães, espôsas, irmãs, a quem o temeroso amor* (5) *desconfia mais* (6),

acrescentavam a desesperação (7), *e o frio mêdo* (8) *de já nos não tornarem a ver tam cedo.*

(1) Aquela gente que estava assistindo ao embarque dos navegantes. (2) «Julgavam-nos», etc.; julgavam que em tam longa e perigosa viagem nos perdêssemos. (3) Tantas lágrimas, que causava dó vê-las. (4) Suspiros arrancados violentamente. (5) «Amor temeroso», tanto é o amor das mães, etc., que lhes causam mêdo os perigos a que se expõem os filhos. (6) «Desconfia mais»; o amor torna-as mais desconfiadas do bom êxito das arriscadas emprêsas em que entram os parentes. (7) Falta de esperança. (8) O mêdo que causa frio.

No verso 6 o verbo «desconfia» é causativo; o amor..., acrescentando [engrandecendo, na imaginação] o perigo, era a causa da desesperação das mães, espôsas, etc.; «desconfiar» tem aqui o significado de causar a perda de confiança, a perda de esperança.

---

90 Qual vai dizendo: «Ó filho, a quem eu tinha
Só pera refrigério e doce emparo
D'esta cansada já velhice minha,
Que em chôro acabará penoso e amaro;
Porque me deixas, mísera e mezquinha?
Porque de mi te vais, ó filho caro,
A fazer o funéreo enterramento
Onde sejas de peixes mantimento?»

Qual vai dizendo (1): — « *Ó filho, a quem eu tinha para* [= *por*] *só* [= *único*] *refrigério* (2), *e doce* (3) *amparo desta minha velhice, já cansada, que acabará em penoso e amaro* (4) *chôro ¿porque* [= *para que*] *me deixas* a mim, *mísera e mesquinha* (5)? *¿O caro filho, porque* [= *para que*] *te vais* [= *te sepa-*

ras] *de mim, a fazer o* teu *funéreo* (6) *enterramento onde sejas mantimento de peixes?»*

(1) Uma delas ia dizendo; cfr. I, 92, «quem..., quem»; VI, 64, «qual..., qual» = «uns..., outros». (2) Consolação. (3) Suave, meigo. (4) Amargo. (5) Infeliz. (6) Fúnebre, triste.

---

91 Qual em cabello: «Ó doce e amado espôso,
Sem quem não quis amor que viver possa,
Porque is a aventurar ao mar iroso
Essa vida que é minha, e não é vossa?
Como por um caminho duvidoso
Vos esquece a affeição tam doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento
Quereis que com as velas leve o vento?»

Qual (1), *em cabelo* (2), ia dizendo:
— «*Ó doce e amado espôso* (3) — *sem quem* o *Amor não quis que* eu *possa viver* — *¿por que ides* (4) *aventurar* (5), *ao iroso* (6) *mar, essa vida que é minha e não é vossa?* (7) *¿Como* é que *vos esquece* [= *se vos torna esquecida*] *a nossa tam doce* (8) *afeição? ¿Quereis que o vento leve, com as velas* dessas *naus*, o *nosso amor*, o *nosso vão* (9) *contentamento?»*

(1) Uma outra. (2) «Em cabelo», é expressão usual ainda hoje para designar a pessoa que não tem a cabeça coberta; mas na rua, e numa procissão seria pouco natural essa falta de compostura, que se entende aqui originada pela dor da partida do ente querido; por isso levaria o cabelo sôlto, desordenado. (3) Êste tratamento de espôso significa ser esta fala proferida por noiva casada de pouco tempo. (4)

No texto «is», forma antiga. (5) Arriscar. (6) Fig., tempestuoso. (7) «Essa vida», etc.; a espôsa, no arrebatamento da paixão, depois de dizer que não pode continuar a viver estando ausente o marido, acrescenta, que a vida dêle é a sua. (8) Carinhosa, meiga. (9) «Vão contentamento», imaginária alegria, porque desaparecia com a separação [vão, vazio = imaginário].

---

92 Nestas e outras palavras que diziam
De amor e de piadosa humanidade,
Os velhos e os mininos os seguiam,
Em quem menos esfôrço põem a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quási movidos de alta piedade;
A branca area as lágrimas banhavam,
Que em multidão co ellas se igualavam.

Nestas [= *com estas*] *e outras palavras de amor e de piedosa humanidade* (1), *que* as mães e espôsas *diziam, seguiam-os* (2) *os velhos e os meninos, em quem* [= *nos quais*] *a idade põe menos esfôrço* (3). *Os montes de mais perto* (4) *respondiam, quási movidos de alta piedade; as lágrimas* (5) *banhavam a branca areia*—lágrimas *que, em multidão, se igualavam com elas* [*com as areias*] (6).

(1) «Palavras de piedosa humanidade», palavras de dó, caritativas, de quem sente grande dor. (2) «Seguiam-os»; iam atrás dêles—dos navegantes que iam embarcar. (3) Ânimo, coragem; os velhos e as crianças são mais débeis, tem menos fôrça para resistir à dor, não podem reprimir o pranto. (4) Os montes próximos [prosopopeia e hipérbole] repetem os gritos e lástimas dos que ficavam. (5) As lágri-

mas das mulheres, dos velhos e das crianças. (6) Hipérbole: as lágrimas eram tantas quantos os grãos de areia da praia.

---

93 Nós outros, sem a vista alevantarmos,
Nem a mãi, nem a espôsa, neste estado,
Por nos não magoarmos ou mudarmos
Do propósito firme começado,
Determinei de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado;
Que, pôsto que é de amor usança boa,
A quem se aparta ou fica, mais magoa.

Sem nós outros levantarmos a vista — *nem* para *a mãe nem* para *a espôsa* (1) *neste* doloroso *estado* (2), — *por* [= *para*] *não nos magoarmos ou* não *mudarmos do* nosso *firme propósito começado* (3), *determinei de* (4) *nos embarcarmos assim sem o costumado despedimento* (5); *que* [= *pois*] — *pôsto que seja boa usança de amor* — o despedimento *magoa mais a quem* (6) *se aparta ou* a quem *fica.*

(1) «Sem alevantarmos», etc.; sem nenhum de nós olhar para sua mãe, etc. (2) As estâncias precedentes descrevem os brados e as lágrimas dos que ficavam. (3) Os navegantes não levantavam os olhos para não verem as mães e as espôsas naquele estado, com receio de se enternecerem, e mudarem de tenção. (4) «Determinei de», resolvi, que embarcássemos. (5) Os abraços de despedida, como é costume. (6) «Magoa mais a quem...»; os abraços de despedida aumentam mais a mágoa, quer seja de quem parte quer seja de quem fica.

---

94 Mas um velho d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito:

Mas um velho de venerando aspecto (1), *que ficava nas praias entre a gente* (2) — tendo *os olhos postos em nós, meneando descontente* (3) *três vezes a cabeça* e *levantando um pouco a pesada voz* (4), *que nós no mar ouvimos claramente* — *tirou tais* [= *as seguintes*] *palavras do esperto peito* (5), *com um saber* (6) *feito só de experiências:*

(1) Forma moderna de «aspeito». (2) «Entre a gente», no meio do povo. (3) «Descontente» = descontentemente; o adjectivo com a função de advérbio; o velho moveu a cabeça como quem nega ou reprova, por maneira que indicava descontentamento, tristeza. (4) Voz morosa, como de quem está cansado. (5) Coração experiente; as palavras do velho eram veementes, pareciam saír-lhe do peito arquejante, procediam do coração, eram sinceras; e o coração era de homem experiente; nessas palavras encerra-se uma multidão de ideas. (6) Tino, juízo.

Nesta ficção, — em que a bordo dos navios se ouviam os discursos em terra —, percebe-se que o Poeta quis, pela bôca do velho, mostrar quais seriam as vozes do povo reprovando a viagem. Seguem-se as reflexões sôbre ela até o fim dêste canto.

95 «Ó glória de mandar! Ó vã cobiça
D'esta vaidade, a quem chamamos fama!
Ó fraudulento gôsto, que se atiça
C'ũa aura popular que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades nelles esprimentas!

— *« Ó! glória de mandar! Ó vã cobiça desta vaidade, a que chamamos fama! Ó fraudulento* (1) *gôsto que se atiça* (2) *com uma aura popular* (3), *que se chama honra! Que castigo tamanho, e que justiça fazes no peito vão que muito te ama! que mortes! que perigos! que tormentas! que crueldades neles experimentas!*

(1) Enganador. (2) «Se atiça», [fig.], é excitado, incitado. (3) «Aura», prestígio.

Nestas apóstrofes, a exclamação que o Poeta põe na bôca dum homem do povo lembra quanto padece quem aspira à glória do mando, e quem ambiciona ser glorificado com os aplausos das multidões; a amargura da saüdade condenando as aspirações da gente que partia para a Índia.

Continuam a exclamação e a apóstrofe nas estâncias que se seguem.

Note-se:

Nos versos 1, 2, 6, a aliteração: cobiça «vã» [banal]; «vaidade» [cousa vã, que não tem valor]; «peito vão» [coragem desnecessária];

No verso 2, «quem»: o pronome pessoal, referindo-se a cousa [cobiça];

Nos versos 5-6: «fazer castigo» = castigar; «fazer justiça» = punir [aplicar grande pena — o significado de antiga jurisprudência].

96 «Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de desemparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios!
Chamam-te illustre, chamam-te subida,
Sendo dina de infames vitupérios;
Chamam-te fama e glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana!

Chamam-te fama, e soberana glória — nomes com que [= *com os quais*] *se engana* (1) *o povo néscio* (2)! *Chamam-te ilustre, chamam-te subida* (3); *sendo* tu *digna de infames* (4) *vitupérios* (5), porque és *dura* (6) *inquietação da alma e da vida*, és *fonte* (7) *de desamparos e adultérios!* és *sagaz* (8) e *conhecida consumidora de fazendas* (9) *de reinos e de impérios!*

(1) Se ilude, ou é iludido. (2) Ignorante. (3) Sinonímia; ilustre. (4) «Infames», que infamam. (5) Castigos, censuras. (6) Cruel. (7) Origem, causa. (8) Perspicaz. (9) Bens, riquezas.

O velho do Restelo acusa os ambiciosos de fama e de glória, quando, para satisfazerem a sua ambição, desampararam as espôsas, e assim dão causa a adultério, ou promovem guerras que são origem de ruínas e desolação.

No verso 8 note-se «quem», o pronome pessoal referindo-se a «cousa» [nomes].

97 « A que novos desastres determinas
De levar estes reinos, e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo d'algum nome preminente?
Que promessas de reinos e de minas
D'ouro, que lhe farás tam fácilmente?
Que famas lhe prometerás? que histórias?
Que triumphos? que palmas? que victórias?

« ¿*A que novos desastres determinas* — tu ó ambição — *levar estes reinos e esta gente?* ¿*Que perigos e que mortes lhes destinas, debaixo dalgum nome proeminente* (1)? *Que promessas de reinos* (2) *e de minas de ouro, que tam fácilmente lhe farás!* ¿*Que famas lhes prometerás? que histórias? que triunfos? que palmas? que vitórias?*

(1) Pomposo. (2) « Que promessas... que » = quantas, que imenso número de promessas...

Encerra-se aqui o vaticínio das vitórias e triunfos alcançados pelos portugueses na Índia e nas viagens de descoberta na extensão de domínio, deixando por isso nome glorioso e perdurável na história, mas à custa de muitos perigos, naufrágios e mortes dos expedicionários e de necessidades do povo no reino.

No verso 6 o « que » é pleonástico; podia dispensar-se, mas dá mais fôrça à expressão.

98 «Mas ó tu, geração d'aquelle insano,
Cujo peccado e desobediência
Não sómente do reino soberano
Te pôs neste destêrro e triste ausência;
Mas inda d'outro estado mais que humano,
Da quieta e da simpres innocência,
Idade d'ouro, tanto te privou
Que na de ferro e d'armas te deitou:

Mas tu — ó geração daquele insano (1), *cujo pecado, e* cuja *desobediência não sómente te pôs neste destêrro* (2), *e* na *triste ausência do soberano reino, mas ainda te privou doutro estado mais que humano* (3) — *da quieta e simples inocência da idade de ouro* —, *e* te privou *tanto* dêle, *que te deitou* (4) *na* idade *de ferro e de armas* (5)... [continua a oração na estância imediata e só conclui na estância 100].

(1) Louco; refere-se a Adão, o primeiro ente humano que, segundo a Bíblia, habitou a terra; a apóstrofe é ostensivamente aqui dirigida à humanidade, a todos os descendentes de Adão, mas intencionalmente a el-rei D. Manuel, como se vê na est. 100. (2) O destêrro do soberano reino [do reino celestial], do Paraíso bíblico. (3) «Estado mais que humano» = estado quási divino, o da inocência. (4) Entregou, lançou. (5) Fig., guerra; «idade de ferro», por isso em contraposição à «idade de ouro», como se chamava a época da infância do mundo antes do pecado original.

Os poetas gregos e latinos chamavam «idade de ouro» ao reinado de Saturno, quando êste, destronado por seu filho Júpiter, se refugiou no Lácio, onde floresceu a paz e a abundância; seguia-se a «idade de prata», época em que os homens começaram a perder a inocência; depois vieram sucessivamente a «idade de bronze» e a «idade de ferro», em que os males da humanidade foram crescendo até o cúmulo de todos os excessos e de todos os crimes.

99 «Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve fantasia;
Já que á bruta crueza e feridade
Poseste nome esfôrço e valentia;
Já que prezas em tanta quantidade
O desprêzo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeu tanto perdê-la quem a dá;

Já que enlevas tanto a tua *leve* (1) *fantasia nesta gostosa vaidade* (2); *já que puseste* o *nome* de *esfôrço* (3) *e valentia à bruta* (4) *crueza* (5) *e à feridade* (6); *já que prezas, em tanta quantidade, o desprêzo* (7) *da vida, que devia ser sempre estimada, pois que Quem a dá, já temeu tanto perdê-la* (8); ... [conclui a oração na estância imediata].

(1) Leviana. (2) «Nesta gostosa vaidade», nessa fútil ambição de aumentar o poderio, as riquezas, etc. (3) Coragem, intrepidez. (4) Próprio dos brutos. (5) Crueldade. (6) Ferocidade. (7) «Prezas... o desprêzo...», elegante repetição intencional de sons: — visto que te merece elogios quem não tem amor pela vida... (8) Diz a Escritura sagrada, que o próprio Jesus Cristo, Autor da vida, temeu a morte; por isso nestas palavras se mostra escandalizado o velho, por se arriscar a vida sem necessidade, só por cobiça ou ambição de mandar.

100 «Não tens junto comtigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue elle do Arábio a lei maldita,
Se tu pola de Cristo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
Não é elle por armas esforçado,
Se queres por victórias ser louvado?

¿Não tens junto contigo (1) *o ismaelita* [*os mouros*], *com quem sempre terás sobejas* (2) *guerras? Se tu, só pela* lei *de Cristo, pelejas, não segue êle a lei* (3) *maldita do Arábio?* (4) *Se desejas mais terras e* mais *riqueza, não tem* êle *mil cidades,* e *infinita terra? Se queres ser louvado por vitórias, não é êle esforçado por armas* (5)?

(1) «Junto contigo», ao pé de ti, na tua vizinhança; aqui se vê dirigida a apóstrofe directamente para o rei; entende o velho do povo, que os portugueses, em vez de irem conquistar terras longínquas, deveriam ir conquistar as terras dos ismaelitas [dos mouros] de Marrocos; cfr. I, 8. (2) Numerosas. (3) Religião. (4) «Arábio», epíteto que dá o Poeta a Maomete, por ser nascido na Arábia. (5) «Esforçado por armas», intrépido na guerra.

O pensamento desta estância vem desenvolvido na imediata: — a censura pelo abandono das conquistas de África, para se conquistarem as terras do Oriente.

101 «Deixas criar ás portas o inimigo
Por ires buscar outro de tam longe,
Por quem se despovoe o reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe!
Buscas o incerto e incógnito perigo,
Porque a fama te exalte e te lisonge,
Chamando-te senhor, com larga cópia,
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Ethiópia!

¡Deixas criar o inimigo às tuas portas (1) *por* [= *para*] *ires buscar outro de tam longe*, e *por quem* [*por causa do qual*] *se despovoe, se enfraqueça, e se vá deitando a longe* (2) o teu *reino antigo! Buscas o incerto e incógnito* (3) *perigo, porque* [= *para que*] *a fama te exalte e te lisonjeie* (4), *chamando-te senhor, com larga cópia* (5), *da Índia, Pérsia, Arábia e Etiópia!*

(1) «Deixas criar», etc.; consentes que vá criando fôrças na tua vizinhança, etc. (2) «Deitar-se a longe», locução antiga que significava «deitar a perder». (3) Desconhecido. (4) No texto «lisonje», por liberdade poética e necessidade de rima. (5) «Com larga cópia», grande abundância [de palavras] no título de rei [Senhor da Etiópia, da Arábia, Pérsia e Índia].

---

102 «Ó maldito o primeiro, que no mundo
Nas ondas velas pôs em sêco lenho!
Dino da eterna pena do profundo,
Se é justa a justa lei que sigo e tenho.
Nunca juízo algum alto e profundo,
Nem cíthara sonora ou vivo engenho,
Te dê por isso fama, nem memória;
Mas comtigo se acabe o nome e a glória!

«*Oh! maldito* (1) seja *o primeiro* ente humano, *que, no mundo,* e *nas ondas* do mar *pôs velas em sêco lenho* (2)! Êsse ente — *se é justa a justa lei que sigo e tenho — é digno da eterna pena do profundo* inferno. *Por isso* [= *por êsse acto, essa invenção*] oxalá, que *nunca juízo algum alto e profundo* (3) — *nem citara* (4) alguma *sonora, ou* [= *nem*] *vivo engenho* (5) — *te dê fama nem memória; mas* oxalá que *se acabe contigo* [= *de ti*] *o nome e a glória!*

(1) Nesta imprecação, mostra-se irado o velho contra o inventor da navegação; as lendas apontam vários: Dunao no Egipto, Jason o argonauta, Neptuno, Semíramis, etc. (2) «Sêco lenho»: literalmente, madeiro sêco, [fig.], navio, feito de madeira sêca, e sêco [vedando bem a água]. (3) «Juízo alto e facundo», opinião de pessoas ilustradas e eloqüentes. (4) Literalmente, instrumento músico, [fig.], poema. (5) Talento.

Além de amaldiçoar o inventor da navegação, aquele homem do povo que está falando quere que não seja celebrado e afamado pela opinião de gente culta o nome dêsse inventor, nome do qual deseja que nem lembrança haja. Notem-se os verbos «dê» e «acabe»: as flexões do modo conjuntivo [3.ª pessoa] exprimindo «desejo», como nas frases de maldição ou de benção: «maldito [ou bemdito] seja êle»; por isso, para em primeira leitura haver maior clareza, supomos subentendida a locução «oxalá que».

---

103 «Trouxe o filho de Iápeto do ceo
O fogo que ajuntou ao peito humano;
Fogo que o mundo em armas accendeu,
Em mortes, em deshonras (grande engano!):
Quanto milhor nos fôra, Prometheo,
E quanto pera o mundo menos dano,
Que a tua estátua illustre não tivera
Fogo de altos desejos que a movera!

O filho de Jápeto (1) *trouxe do céu o fogo que juntou ao peito humano — fogo* (2) *que acendeu* (3) *o mundo em armas* (4), *em mortes, em desonras! Grande engano* (5), *Ó Prometeu! quanto melhor nos fôra* (6), *e quanto menos dano* fôra *para o mundo, que a tua ilustre estátua não tivera* (7) *o fogo de altos desejos que a movera* [*movesse*] (8)!

(1) O filho de Jápeto [mitologia] é Prometeu [verso 5] que, segundo a fábula, furtou raios ao Sol, para dar vida humana a uma estátua de barro que tinha feito; o fogo dêsses raios veio a ser fogo [incentivo] de altos, subidos desejos, desejos de subir a grande altura, em honras e riquezas, a ambição desordenada nos entes humanos [verso 8]. (2) Fig., ambição; cfr. nota precedente. (3) Fig., excitou, alborotou, etc. (4) Fig., guerras. (5) «Grande engano!...», quanto te enganaste, ó Prometeu. (6) Melhor seria para nós. (7) Não houvesse tido. (8) Quanto melhor seria para a humanidade, que não a movesse [incitasse] o fogo da ambição — entendendo-se por «estátua» [fig.] o «homem», [verso 7].

---

104 «Não cometera o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande architector co filho, dando
Um, nome ao mar, e o outro, fama ao rio!
Nenhum cometimento alto e nefando,
Por fogo, ferro, água, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração!
Mísera sorte! Estranha condição!»

Se não fôra êsse fogo roubado do céu (1), *o miserando môço não cometeria o alto carro do pai* (2); *nem o grande arquitecto* cometeria, *com o filho, o*

vazio ar (3) — *dando, um, nome ao mar, e o outro fama ao rio* (4). *A geração humana nenhum alto e nefando cometimento* (5) *deixa intentado* [= *intacto*] (6) *por* meio de *fogo, ferro, água, calma e frio! Mísera sorte! estranha condição* (7)!

(1) Subentendem-se estas palavras ou outras semelhantes, porque na presente estância prossegue o pensamento da precedente: se não fôsse a ambição, ... (2) «Miserando», etc.; o môço é o atrevido Faetonte, que pretendeu governar o carro do Sol, o carro de seu pai, Apolo; cfr. I, 46 e *passim*; «cometera», tentara, intentara; acometera, apoderara-se do..., lançara-se sôbre o carro do Sol, para o guiar. (3) «Arquitector», etc.; forma antiga de «arquitecto», no sentido de «engenhoso» — aplicado êste epíteto elipticamente ao Dédalo da fábula, que pretendeu com asas artificiais voar como as aves, lançando-se no ar [«vazio» por ser a atmosfera, na aparência, o vácuo] e lança-se no ar com seu filho Ícaro. (4) «Nome ao mar», etc.; segundo a fábula, caindo Ícaro no mar, êste ficou tendo o nome de Icário; e caindo Faetonte no rio Pado, ficou êste célebre por essa queda; cfr. I, 46. (5) «Cometimento», empreendimento — quer seja «alto» [subido, digno de louvor], quer seja «nefando» [torpe, de natureza tal que não se possa ou deva dêle falar]. (6) «Intentado» = não tentado = intacto; não há emprêsa que os homens não realizem — quando movidos pela ambição, umas vezes praticando acções nobres, outras vezes praticando actos nefandos — ainda que tenham de padecer fogo e ferro [a guerra], água [a inclemência dos mares], calma e frio [as vicissitudes dos climas que padeceram os navegantes na zona tórrida e no mar Antártico]. (7) «Mísera sorte», etc.; epifonema, lastimando intensamente a infelicidade de Portugal, que arriscava, sem correspondente proveito, tantas vidas na Índia; e admirando a estranha [extraordinária, admirável, por incoerente] condição humana; cfr. est. 95 e 97.

CANTO V

1 Estas sentenças tais o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As asas ao sereno e sossegado
Vento, e do pôrto amado nos partimos;
E, como é já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o ceo ferimos,
Dizendo: «Boa viagem!» Logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

Estava o honrado velho do Restelo (1) *vociferando* [*declamando*] *estas tais sentenças* (2) como acabo de repetir, *quando abrimos as asas* (3) *ao sereno e sossegado vento, e partimos* (4) *do amado pôrto* de Lisboa; *e, como é já costume usado no mar desfraldando* [= *quando se desfraldam*] *as velas* para começar a navegar, *ferimos* (5) *o céu* [*gritámos em altas vozes*], *dizendo: boa viagem!* — *e logo* em seguida *o vento fez nos troncos* [*nos mastros*] (6) *o usado* [*sabido*] *movimento*.

(1) Na presente e nas seguintes estâncias, continuando a conversar com o rei de Melinde, Vasco da Gama conta-lhe, como e quando saiu de Lisboa, as terras que foi avistando, etc.; referindo-se, no primeiro verso, ao velho que estava no Restelo, quando a armada levantou âncoras; IV, 94 e seguintes. (2) Exclamações sentenciosas. (3) «Abrimos as asas», [fig.], desferimos, soltámos as velas: a mesma idea, expres-

sa no verso 6 por outras palavras [desfraldando a vela]. (4) No texto «partir-se»,— hoje desusado. (5) «Ferir o céu com gritos»: II, 90; III, 113 e *passim*. (6) O impulso do vento sôbre as velas, e destas sôbre os mastros, transmite-se ao casco da embarcação, imprimindo-lhe movimento.

---

2 Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemeio truculento;
E o mundo, que com tempo se consume,
Na seista idade andava, enfêrmo e lento.
Nella vê, como tinha por costume,
Cursos do sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

Neste tempo [*neste dia da partida de Belêm*], *o eterno lume* [*o sol*] *entrava no truculento* (1) *animal Nemeu* (2) [*no signo de Lião*], *e o mundo,* — *que se consome com o tempo,* — *andava enfêrmo* (3) *e lento* [*vagaroso*], *como tinha por costume* (4), *na sexta idade* [*no sexto periodo da sua vida*] (5), *e via nela* [*nessa idade*] *catorze vezes cento* [*mil e quatrocentos*] *cursos do sol, com* [= *e*] *mais noventa e sete, em que corria* [*no qual curso de 1497 estava passando*], *quando a armada* portuguesa *se estendia* [*entrava*] *no mar* [*saindo a barra*].

(1) Possante. (2) Habitante de Nemea, região da Grécia, em que, segundo a fábula, Hércules matou um leão terrível, que deu o nome à constelação assim chamada, existente na região celeste e que é um dos signos do Zodíaco [x, 83] — constelação boreal na qual entra o sol no mês de Julho [no seu movimento aparente]. (3) Expressa a idea de que o

mundo envelhece, vem aqui a ficção de que a enfermidade do mundo é companheira da velhice. (4) A idade do mundo é vagarosa, dura séculos; não são vagarosos os movimentos; estes é que são sempre os «costumados». (5) «Sexta idade», a era Cristã; a Escritura considerava primeira idade do mundo [da terra] o tempo decorrido desde Adão até Noé; a segunda, até Abraão; a terceira, até David; a quarta, até a destruição de Babilónia; a quinta, até o nascimento de Jesus Cristo.

Nesta perífrase diz o Poeta que a expedição partiu do Restelo no dia 8 de Julho de 1497 — [1497 cursos do sol]; o dia indicado da entrada do sol no signo de Leão não confere com o actual, porque ao tempo do Poeta ainda se estava longe da reforma do Calendário pelo papa Gregório XIII [1580].

No verso 5 a locução «por costume» pode também entender-se da seguinte maneira: — segundo a maneira costumada de contar os anos, isto é, pela era de Cristo; costume estabelecido em Portugal desde 1422.

---

3 Já a vista pouco e pouco se desterra
D'aquelles pátrios montes que ficavam:
Ficava o caro Tejo e a fresca serra
De Sintra, e nella os olhos se alongavam.
Ficava-nos também na amada terra
O coração, que as mágoas lá deixavam.
E já despois que toda se escondeu,
Não vimos mais emfim que mar e ceo.

A nossa *vista já se desterrava* (1), *pouco e pouco, daqueles pátrios montes que ficavam* (2): *ficava o caro Tejo, e a fresca serra de Sintra* (3); *e nela se alongavam os* nossos *olhos* (4). *Na amada terra ficava-nos também o coração, que as mágoas lá deixavam* (5); *e já* [= *imediatamente*], *depois que* a terra *toda se escondeu, não vimos, emfim, mais* do *que mar e céu.*

(1) Apartava-se a vista dos montes; estes iam-se per-
ndo de vista. (2) Os navios afastavam-se, os montes fica-
n distantes. (3) Sintra: III, 56. (4) Os olhos dilatavam-
, diligenciando ver ainda a terra que ia desaparecendo.
Mortificados, os navegantes, haviam deixado o coração,
lma, junto dos entes queridos que ficavam em terra.
Na última frase do verso 4 «nela os olhos se alonga-
n», tenha-se em lembrança que «alongar» significa
fastar»; por isso, pode assim interpretar-se: os olhos
stavam-se de todos os lados para se fixarem sómente na
tra, que se ia sumindo.

---

4 Assi fomos abrindo aquelles mares
Que geração algũa não abriu,
As novas ilhas vendo, e os novos ares,
Que o generoso Henrique descobriu:
De Mauritânia os montes e lugares,
Terra que Anteo num tempo possuíu,
Deixando á mão esquerda; que á direita
Não ha certeza d'outra, mas sospeita.

Assim fomos abrindo (1) *aqueles mares, que ge-
ção alguma não abrira*, e *vendo as novas ilhas* e
novos ares (2), *que o generoso Henrique* (3) *des-
briu: deixando á mão esquerda os montes e luga-
da Mauritânia,* — *terra que Anteu, num tempo,
ssuíu* (4); — *que* [*pois*], *à* nossa mão *direita, não há
rteza doutra* terra, *mas há suspeita* de existir. (5)

(1) Sulcando, navegando. (2) Novos climas, [fig], novas
ras; alusão ás ilhas da Madeira, Pôrto Santo, Cabo Verde,
bo Bojador, etc., que adiante se nomeiam. (3) Ao infante
Henrique dá o Poeta o epiteto de «generoso», por ter com
seu estudo, inteligência e perseverança dado a Portugal
ensa fama e poderio por meio dos descobrimentos mariti-
s que promoveu. (4) Em antigo tempo, a Mauritânia ou
gitânia fôra governada por Anteu; I, 33; III, 77. (5) Está

falando Vasco da Gama, e em 1498; a êsse tempo havia Colombo descoberto as Antilhas [América Central]; mas, estando a armada na altura de Marrocos, e navegando para o sul, ficava-lhe, na mesma latitude, à direita, o continente da América do Norte, — continente, que ainda nessa época não estava descoberto, mas se suspeitava existir pelos indícios das primeiras viagens de Colombo.

A locução «num tempo» [verso 6] corresponde a «em tempo», isto é, em época remota, que não se pode precisar.

---

5 Passámos a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assi se chama,
Das que nós povoámos a primeira,
Mais célebre por nome, que por fama;
Mas nem por ser do mundo a derradeira
Se lhe aventajam quantas Vénus ama;
Antes, sendo esta sua, se esquecera
De Cypro, Gnido, Pafos e Cythera.

Passámos a grande ilha da Madeira — *que assim se chama* por causa do seu *muito arvoredo* (1) — *a primeira das que* nós *povoámos*, *e* que é *mais célebre por nome* do *que por fama* (2), *mas, nem por ser a derradeira* (3) *do mundo, se lhe avantajam quantas Vénus ama* (4); *antes, — sendo esta sua* (5), — *esquecera-se* [*esquecer-se-ia*] *de Cipro, Gnido, Pafos e Citera* (6).

(1) Chamada da Madeira por ser coberta de espesso arvoredo de grossos troncos. (2) A ilha era memorada pelo nome, que lembrava os antigos e opulentos bosques; não havia factos históricos lá passados de «fama e glória»; IV, 102. (3) Última; no fim do mundo antigamente conhecido. (4) As ilhas estimadas por Vénus, e nomeadas no último verso, não tinham beleza maior do que a ilha da Madeira. (5) «Sen-

do», etc.; se a ilha da Madeira fôsse de Vénus, a deusa dar-lhe-ia a preferência sôbre as outras. (6) «Chipre», ilha do Mediterrâneo; «Gnido», cidade de Cária; «Citera», do arquipélago das Cícladas; Pafos, cidade de Chipre; — ilhas e lugares em que houvera templos consagrados a Vénus.

---

6 Deixámos de Massýlia a estéril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastam;
Gente que as frescas águas nunca gosta,
Nem as hervas do campo bem lhe abastam:
A terra a nenhum fruto em fim desposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inópia,
Que aparta a Barbaria de Etiópia.

Deixámos a estéril (1) *costa de Massília* (2), *onde pastam* [= *apascentam*] *o seu gado os Azenegues* (3) — *gente, que nunca as frescas águas gosta* [= *saboreia*] (4), e à qual *nem as ervas do campo lhe abastam bem* (5): é *a terra a nenhum fruto disposta* (6), *padecendo de tudo extrema inópia*, e *onde as aves* (7) *gastam o ferro no ventre*; é a terra, *emfim, que aparta* (8) *a Barbaria da Etiópia* (9).

(1) Sáfara, improdutiva. (2) Nome antigo de terras ao sul da Mauritânia; IV, 36. (3) Antigos povos nómadas e pastores da África do Norte. (4) Havia ali tanta falta de água, que os pastores só tinham meio de matar a sêde bebendo o leite dos rebanhos. (5) «Lhe abastam bem», lhes eram bastantes; nem ao menos lá havia ervas silvestres, que chegassem para os pastores se alimentarem. (6) «A nenhum fruto disposta», incapaz de produzir quaisquer frutos. (7) Os avestruzes, que habitam África, e que, segundo a lenda, digerem ferro. (8) Separa. (9) «Berberia», região habitada

pelos «berberes», raça da África do Norte que compreende os Cabilas e diversas tribus de Marrocos.

Significa na presente estância, a perífrase, que a armada ia navegando ao longo da costa da África do Norte.

«Gostar» significando «provar»: III, 44 [«gostar o Termodonte»]; V, 88 [«gostar o loto»].

Os habitantes de Massília transferiam-se por vezes para as imediações do estreito de Gibraltar.

---

7 Pássamos o lemite aonde chega
O sol, que pera o norte os carros guia,
Onde jazem os povos, a quem nega
O filho de Climene a côr do dia:
Aqui gentes estranhas lava e rega
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o Cabo Arsinário o nome perde,
Chamando-se dos nossos Cabo Verde.

Passámos o limite aonde chega o sol, que [= *quando*] *os carros guia* dirigindo-se *para o Norte* (1) — limite *onde jazem* (2) *os povos, a quem* [= *aos quais*] *o filho de Climena nega a côr do dia* (3). *Aqui* (4), *a fria corrente do negro Sanagá* (5) *lava e rega estranhas gentes* [*terras*], *onde o cabo Arsinário* (6) *perde o nome* antigo, *chamando-se* [= *sendo chamado*] *dos* [= *pelos*] *nossos* navegantes, *Cabo Verde.*

(1) «O limite...»; a frota passou o trópico de Câncer, que é o limite a que chega o sol no hemisfério Norte; aqui o sol está personificado no Apolo da fábula, ao qual se atribuem carros e cavalos. (2) Demoram, habitam, vivem. (3) O filho de «Climena» é Faetonte, que ao cair ali com o carro de fogo de Apolo carbonizou aqueles povos, tirando-lhes a côr «clara» [do dia] e tornando-os pretos; cfr. I, 46, Faeton-

te. (4) Nesse limite, nesse sítio. (5) O rio Senegal, ch[...] do aqui «negro», [fig.], por serem pretos os habitant[...] suas margens [os jalofos, fulas, etc.]. (6) Promontório [...] a foz do rio Gâmbia e a do rio Senegal; antigamente ch[...] va-se Arsinário, e hoje Cabo Verde.

---

8 Passadas tendo já as Canárias ilhas,
Que tiveram por nome Fortunadas,
Entrámos navegando polas filhas
Do velho Hespério, Hespéridas chamada[...]
Terras por onde novas maravilhas
Andaram vendo já nossas armadas.
Ali tomámos pôrto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

Tendo nós *já passado* (1) *as ilhas Canárias* [...] antigamente *tiveram o nome* de *Fortunadas* (2 [...] *trámos, navegando* (3), *pelas filhas do velho Hes*[...] *rio* (4) — as ilhas *chamadas Hespéridas — terra*[...] *onde já as nossas armadas andaram* (5) *vendo n*[...] *maravilhas. Ali, com bom vento, tomámos pôrt*[...] *por* [= *para*] *tomarmos mantimento* (7) *da t*[...]

(1) No texto «passadas»; o adjectivo em vez do p[...] pio; II, 76; III, 84 e *passim*. (2) São sete ilhas, de di[...] tes nomes, Palma, Tenerife, etc.; uma só se chama «[...] ria», mas, ao conjunto, ao arquipélago, se dá o no[...] Canárias; julgava-se que estas ilhas eram as que Pto[...] chamava «Fortunadas»; João de Barros entendia que [...] as do arquipélago de Cabo Verde. (3) «Entrámos nav[...] do», começámos a navegar. (4) «As filhas», etc.; [[...] ilhas de Cabo Verde], chamadas antes Hespéridas —[...] das primeiras habitadoras, filhas de Héspero, que pos[...] jardim de pomos de ouro, guardado pelo dragão venci[...]

Hércules; II, 103; IV, 55 e *passim*. (5) «Andaram», etc.; tinham andado em anteriores viagens. (6) «Com bom vento», etc.; sendo favorável o vento, foram os navios fundear no pôrto; êste foi, na ilha de S. Tiago, o chamado hoje pôrto da Praia; cfr. estância seguinte. (7) Entende-se água, comestíveis, frutas e gado.

---

9 Áquella Ilha aportámos, que tomou
O nome do guerreiro Sanctiago;
Sancto, que os Hespanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago.
D'aqui, tanto que Bóreas nos ventou,
Tornámos a cortar o immenso lago
Do salgado oceano; e assi deixámos
A terra, onde o refrêsco doce achámos.

Aportámos (1) *àquela ilha, que tomou o nome do guerreiro Sant'Iago* (2) — *santo, que tanto ajudou os espanhóis* a *fazerem bravo estrago* (3) *nos mouros. Daqui, tanto que Bóreas nos ventou* (4), *tornámos a cortar o imenso lago* (5) *do salgado oceano; e assim deixámos a terra, onde doce refrêsco* (6) *achámos.*

(1) Tomámos pôrto em..., fomos ancorar em..., etc. (2) Nome do apóstolo, na língua espanhola; os cronistas referem a lenda do aparecimento do Santo aos castelhanos, animando-os nos combates contra os mouros. (3) Causarem mortíferas derrotas. (4) «Tanto que», etc.; logo que soprou o Bóreas [o vento Norte]; era o sôpro favorável ao prosseguimento da viagem. (5) «Lago», [fig.], o mar. (6) Bons mantimentos, frescos [novos, não salgados, como os que traziam os navios de vela]; note-se a contraposição — salgado oceano, doce refrêsco.

A ilha a que se refere a presente estância foi descober-

ta no dia 1.º de Maio, em que se festeja S. Tiago Menor. O Santo que os espanhóis invocavam na guerra, S. Tiago de Compostela, festeja-se em 25 de Julho; ambos foram contemporâneos de Cristo, mas de diferentes famílias.

---

10 Por aqui rodeando a larga parte
De África, que ficava ao Oriente,
A província Jalofo, que reparte
Por diversas nações a negra gente;
A mui grande Mandinga, por cuja arte
Logramos o metal rico e luzente,
Que do curvo Gâmbea as águas bebe,
As quaes o largo Atlântico recebe;

Por aqui (1) fomos (2) *rodeando* [*percorrendo*] *a larga parte de África, que* nos *ficava ao Oriente* (3), isto é, *a província* (4) *Jalofo que reparte a* sua *negra gente por diversas nações* (5), e *a mui grande Mandinga* (6), *por cuja arte logramos o rico e luzente metal que bebe as águas* [*que se encontra nas águas*] *do curvo Gâmbia* (7), *as quais o largo Atlântico recebe;*

(1) Neste imenso lago [estância precedente]. (2) O verbo da oração principal da presente estância está na imediata [«passámos»]; para facilitar a leitura, considera-se aqui suprido, como se fôsse elipse, o verbo «fomos», ficando assim completo o sentido. (3) Estando no mar, ficava a costa a leste dos navegantes. (4) Fig., região. (5) Os jalofos [«Ouolof ou Iolof]», habitantes da Senegâmbia francesa, estavam divididos em agrupamentos importantes, [fig., nações], regidos por diferentes régulos. (6) Povo industrioso, a leste e ao sul dos Jalofos. (7) Rio considerávelmente tortuoso, de cujas areias os indígenas extraem ouro com que fabricam vários artefactos.

---

11 As Dórcadas passámos, povoadas
Das irmãs, que outro tempo ali viviam,
Que de vista total sendo privadas,
Todas três d'um só ôlho se serviam.
Tu só, tu, cujas tranças encrespadas
Neptuno lá nas águas acendiam,
Tornada já de todas a mais fea,
De víboras encheste a ardente area.

Passámos as ilhas *Órcadas* (1), *povoadas* [*habitadas*] *das* [= *pelas*] três *irmãs* Gorgonas (2) — Medusa, Esteno e Euríale — *que* em *outro tempo ali viviam*, e *que*, *sendo totalmente privadas de vista, se serviam, todas três, de um ôlho só. Tu*, Medusa (3), *cujas tranças encrespadas acendiam* [*cativavam*] *Neptuno* (4) *lá nas águas, só tu*, mais ninguêm, *encheste de víboras a ardente areia* das regiões africanas (5).

(1) As ilhas Bijagós do gôlfo de Guiné [supõe-se]. (2) Três horrendos monstros da fábula, que tinham sido formosas mulheres. (3) Tinha o condão de petrificar a pessoa para quem olhava [III, 77]; os cabelos dela transformavam-se em víboras. (4) Medusa foi amante de Neptuno. (5) Ficção de que, havendo víboras nas areias de África, são produzidas pelos cabelos de Medusa — por castigo que Minerva lhe infligiu, ciosa dos amores com Neptuno; Perseu, para desfazer o encantamento de Medusa, cortou-lhe a cabeça, e os cabelos converteram-se em cobras.

As «Órcadas» [que escritor antigo também denominou «Dórcadas»] eram, na geografia antiga, ilhas fronteiras ao «Hespérion Ceras», ou «Aethiopum Hesperidum» — o «Cabo Verde» actual. Também tiveram a denominação de «Gorgonas» e «Gorgodas».

12 Sempre em fim para o Austro a aguda proa,
No grandíssimo gôlfão nos metemos,
Deixando a Serra aspérrima Lioa,
Co Cabo, a quem das Palmas nome demos:
O grande rio, onde batendo soa
O mar nas praias notas, que ali temos,
Ficou, co'a ilha illustre que tomou
O nome d'um que o lado a Deus tocou.

Emfim, dirigindo *sempre a aguda proa* das naus *para o Austro* [*sul*], *metemo-nos no grandíssimo gôlfão* de Guiné (1) *deixando* em grande distância *a aspérrima* [*alcantilada*] *serra Leoa* (2), *com o* [= *mais o*] *cabo, a quem* [*ao qual*] *démos o nome* de Cabo *das Palmas* (3): e, deixado a grande distância, *ficou o grande rio* Zaire (4), *onde* êste *soa* [*ruge*] *batendo o mar* [*quando* o mar *bate*] *nas praias notas* [*sabidas*] *que ali temos* (5), *com a* [*mais a*] *ilustre ilha* (6) *que tomou o nome dum* apóstolo *que tocou o lado a Deus.*

(1) Os navegantes passaram por êle muito longe da costa. (2) Lat. 8° N., Long. 13° O. (3) Lat. 4° N., Long. 8° O. (4) Congo; mais por êste nome é conhecido fora de Portugal; tem a sua foz em Lat. Sul 6° e Long. 12° Leste; o volume das águas dêste rio é tal que a sua corrente entra pelo mar, e do embate resulta haver grandes ondas roladas que fazem enorme ruído nas praias. (5) O Congo, que era todo português. (6) A ilha de S. Tomé, nome do Apóstolo que só acreditou na ressurreição de Jesus Cristo quando tocou a ferida aberta, que o Crucificado recebera no lado.

13 Ali o mui grande reino está de Congo,
Por nós já convertido á fé de Christo,
Por onde o Zaire passa claro e longo,
Rio pelos antigos nunca visto.
Por êste largo mar em fim me alongo
Do conhecido polo de Calisto,
Tendo o término ardente já passado,
Onde o meio do mundo é limitado.

Está ali o mui grande reino do Congo, por nós já convertido à fé de Cristo (1), e *por onde [pelo qual reino] passa* o *claro e longo Zaire — rio nunca visto pelos antigos* (2). *Por êste largo mar, emfim, me alongo* (3) *do conhecido polo de Calisto* (4), *tendo já passado o ardente término* (5) *onde é limitado o meio do mundo.*

(1) No tempo de D. João III, foi descoberto o Congo e ocupado pelos portugueses, que lá implantaram a religião de Cristo; hoje uma parte mínima nos pertence junto à foz do rio, pertencendo parte à França, e constituindo outra parte o imenso Estado Independente. (2) O Zaire foi desconhecido dos geógrafos dos tempos antigos; «longo», extenso; «claro», de límpida água... (3) Me vou afastando. (4) O polo Norte, onde se vê a estrêla denominada Calisto, que era filha lendária dum rei da Arcádia e que por Juno foi transformada em ursa; sendo morta esta por Artemisa, Júpiter pô-la no céu, e veio a ser a constelação da Ursa Maior. (5) «Ardente término», etc.; o equador, a zona tórrida, a linha em que a terra é dividida em dois hemisférios [Norte e Sul].

14 Já descuberto tínhamos diante
Lá no novo hemispério nova estrêlla,
Não vista de outra gente, que ignorante
Alguns tempos esteve incerta d'ella:
Vimos a parte menos rutilante
E por falta d'estrêllas menos bella
Do polo fixo, onde inda se não sabe
Que outra terra comece, ou mar acabe.

Tínhamos já descoberto, lá adiante de nós, *no novo hemisfério* (1), uma *nova estrêla* (2), *não vista doutra* antiga *gente* (3), *que, ignorante, esteve incerta dela* durante *algum tempo: vimos a parte menos rutilante* (4) — *e, por falta de estrêlas, menos bela* — *do polo fixo* (5), *onde se não sabe ainda que outra terra comece ou* que o *mar acabe* (6).

(1) Hemisfério sul. (2) A constelação chamada «cruzeiro do sul», e que é composta de quatro estrêlas em cruz; descobre-se ainda antes de se chegar ao equador, e no hemisfério sul serve de principal guia aos navegantes. (3) Só os portugueses, com Bartolomeu Dias, tinham visto essa estrêla; antes dêles nenhum navegante doutra nação chegara àquelas paragens. (4) Menos brilhante; a região celeste do sul é menos estrelada que a do norte. (5) Polo Antártico; o epíteto de «fixos» é dado aos polos, por ser neles quási imperceptível o movimento de rotação da terra, mas aqui a palavra «polo» tem a significação, [fig.], de hemisfério. (6) Não se sabia, se no polo Antártico havia um continente ou um mar.

Talvez a locução «alguns tempos» [verso 4] deva entender-se «longos tempos», ou «noutros tempos».

15 Assi passando aquellas regiões,
Por onde duas vezes passa Apolo,
Dous invernos fazendo, e dous verões,
Em quanto corre d'um ao outro polo:
Por calmas, por tormentas e opressões,
Que sempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Ursas, a pesar de Juno,
Banharem-se nas águas de Neptuno.

Passando nós, *assim, aquelas regiões, por onde Apolo* [*o sol*] *passa duas vezes*, — *fazendo dois invernos e dois verões emquanto* êle *corre de um a outro polo* (1), — e passando nós *por calmas, por tormentas e opressões* (2) — *que sempre* as *faz, no mar, o irado Éolo* (3), — *vimos as Ursas, apesar de Juno, banharem-se nas águas de Neptuno* (4).

(1) O sol, durante o ano, passa pelo equador duas vezes, quando vem para o norte e quando volta o sul; daí a duplicação de invernos e verões na zona tórrida; os navegantes tinham agora passado o equador. (2) Padecendo os calores, as tempestades e os incómodos da zona tórrida. (3) Rei dos ventos [na mitologia]; [aqui fig.], os ventos em geral — que, quando são violentos [irados], tornam o mar agitado. (4) Segundo a fábula, Júpiter teve amores com a moça Calisto, de quem houve um filho; Juno, a espôsa de Júpiter, para se vingar dela, converteu-a numa ursa; o filho desta, andando á caça, matou-a inadvertidamente, ignorando que matava a mãe. Júpiter, condoído, converteu ambos em estrêlas — as que os astrónomos chamam Ursas — no polo Norte. Juno, enraivecida por ver aqueles seus inimigos em situação brilhante, pediu a Vénus que não consentisse que êles se banhassem no mar como as outras estrêlas; diz Vasco da Gama, que viu as Ursas banharem-se no mar: pois caminhando os navegantes para o sul do equador, as constelações do norte iam-lhes desaparecendo no horizonte, dando-lhes a ilusão [como dá o Sol no seu ocaso] de que se escondiam, se banhavam no mar — contra vontade de Juno, segundo a fábula.

*

16 Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem,
Súbitas trovoadas temerosas,
Relâmpados, que o ar em fogo acendem,
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões que o mundo fendem,
Não menos é trabalho que grande êrro,
Ainda que tivesse a voz de ferro.

Contar-te longamente (1) *as perigosas cousas do mar, que os homens não entendem* (2) — isto é, as *súbitas* (3) e *temerosas* (4) *trovoadas*, e os *relâmpagos que acendem o ar em fogo* (5), e os *negros chuveiros*, e as *noites tenebrosas* (6), e os *bramidos* (7) *de trovões que fendem o mundo* (8) — *não seria menos trabalho*, do *que grande êrro, ainda que* eu *tivesse a voz de ferro* (9).

(1) Miúdamente. (2) «Cousas», etc.; casos que se observam no mar e que a maior parte dos homens não compreendem por parecerem maravilhosos. (3) Inesperadas. (4) Que causam médo. (5) Que dão o aspecto da atmosfera abrasada. (6) Em trevas, escuríssimas. (7) Estrondo. (8) Que parecem abalar a terra, fendê-la e parti-la. (9) O trabalho, de contar tais horrores, seria imenso; e seria um êrro [um engano, uma ilusão], maior do que êsse trabalho, o imaginar a possibilidade de os contar — ainda que o peito e os órgãos vocais do Capitão tivessem a rijeza do ferro.

17 Os casos vi, que os rudos marinheiros,
Que tem por mestra a longa experiência,
Contam por certos sempre e verdadeiros,
Julgando as cousas só pola aparência,
E que os que tem juízos mais inteiros,
Que só por puro engenho e por ciência
Vem do mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos, ou mal entendidos.

Vi os casos (1), *que os rudes* (2) *marinheiros,* — *que tem por mestra a longa experiência,* — *contam sempre por certos e verdadeiros, julgando as cousas só pela aparência* (3), *e que os* homens *que tem mais inteiros juízos* (4) e *que, só por puro engenho* (5) *e por sciência, vêem os escondidos segredos do mundo, julgam por falsos ou mal entendidos.*

(1) Os casos que viu o Capitão durante a viagem vem narrados nas estâncias seguintes [o fogo de Santelmo e a tromba marinha]. (2) «Rudos» [no texto] é forma antiquada. (3) Os marinheiros experimentados, mas sem estudos nos livros, sem ilustração, contam a verdade do que viram no mar; a gente que não embarcou, e que não estudou nos livros, ignorando muitos factos, que os marítimos contam, duvida da exactidão da narrativa. (4) «Mais inteiros juízos», melhor inteligência, maior discernimento. (5) Simples talento, sem estudo.

18 Vi, claramente visto, o lume vivo
Que a marítima gente tem por santo
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa certa de alto espanto,
Ver as nuvens do mar, com largo cano,
Sorver as altas águas do oceano.

Em tempo de tormenta, de *vento esquivo* (1), *de escura tempestade e* de *triste pranto* (2), *vi* — sendo por mim *claramente visto* (3) — *o vivo lume que a gente marítima tem por santo* (4). *Não menos excessivo milagre foi a todos* (5) — *e cousa certamente* (6) *de alto espanto* (7) — *o verem as nuvens do mar, com largo cano*, a *sorverem as altas* (8) *águas do Oceano.*

(1) «Vento esquivo», incerto [há temerosas trovoadas e alterosas ondas precedidas de calmaria]. (2) «Triste pranto», [fig.], grande aflição, quando o navio está em perigo. (3) «Vi ... visto», reduplicação enfática, para fazer crer na sinceridade da afirmativa. (4) «Vivo lume», o chamado popularmente «fogo de Santelmo»; fogo fátuo que aparece às vezes nas pontas dos mastros e das vêrgas dos navios, em ocasião de tempestade, — fenómeno que se atribui a descargas eléctricas parciais; a denominação de Santelmo atribui-se à crença de que Elmo ou Erasmo [santo], bispo italiano [século v], era invocado pelos marinheiros quando, aflitos, no mar se viam em perigo. (5) «A todos...», para todos; no conceito de todos, era extraordinário milagre; todos os marinheiros julgavam que fôsse grande milagre a tromba marinha, a grande nuvem sorvendo a água do mar. (6) No texto «certo», é o adjectivo com função de advérbio ou de locução adverbial = «de certo», «por certo». (7) Grande admiração. (8) «Alterosas águas», alterosas ondas.

19 Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar um vaporzinho e subtil fumo,
E, do vento trazido, rodear-se;
De aqui levado um cano ao polo sumo
Se via, tam delgado, que enxergar-se
Dos olhos fácilmente não podia:
Da matéria das nuvens parecia.

Eu vi-o, certamente (1) — *e não presumo, que a vista me enganasse;* vi *levantar-se no ar um vaporzinho, e* um *subtil fumo* (2), *e, trazido do vento* (3), *rodear-se* (4); *daqui* (5), *via-se — levado ao sumo polo* (6) — *um cano tam delgado, que não podia fácilmente enxergar-se* [*ser enxergado*] *dos olhos* (7); *parecia da matéria das nuvens* (8).

(1) «Vi-o», vi «isso» com certeza; [o pronome «o», referindo-se à oração precedente; as nuvens a sorverem a água; pode também ser artigo, que determine o verbo substantivado adiante: «vi o levantar-se» = «vi o levantamento»]. (2) Primeiramente é «vapor» que mal se divisa, depois «fumo», que é mais visível. (3) «Trazido do...», trazido, movido pelo... (4) «Rodear-se», andar à roda de si mesmo = redemoinhar. (5) Depois, em seguida. (6) Levantado em direcção perpendicular para o céu [para o zênite]; polo, [fig.], céu. (7) Ser divisado pelos... [forma passiva]. (8) Parecia fazer parte duma nuvem: continua a descrição da tromba marinha nas três estâncias seguintes.

20 Ia-se pouco e pouco acrecentando,
E mais que um largo masto se engrossava:
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de água em si chupava.
Estava-se co'as ondas ondeando;
Em cima d'elle ũa nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co cargo grande d'água em si tomada,

Ia-se acrescentando aquele cano, *a pouco e pouco, e engrossava-se mais* do *que um largo* (1) *mastro; aqui se estreitava, aqui se alargava, quando chupava em si os grandes golpes de água* (2); *estava-se ondeando com as ondas* (3); *em cima dêle espessava-se* (4) *uma nuvem, fazendo-se maior, mais carregada com o grande cargo* (5) *de água em si tomada.*

(1) Grosso; primeiro parecia um tubo, depois via-se a grossura dum mastro, do tronco duma árvore. (2) A tromba estreitando-se em um sítio, e engrossando em outro, emquanto sorve a água. (3) Balançando-se; fazendo curvas iguais às das ondas, seguindo-lhes os movimentos de ondulação. (4) Tornava-se mais espessa. (5) Pêso da água carregada..., «cargo», semelhança propositada de sons, para maior ênfase [onomatopeia—assim no verso 5 «ondas» e «ondeando»].

A tromba é uma grande massa de vapores espessos, animada muitas vezes de um movimento rapido de rotação e translação; durante algum tempo tem a forma cónica, com o vértice dirigido para a terra. Geralmente é acompanhada por impetuoso vento, que derruba tudo por onde passa. As trombas são freqüentes no mar e na região das calmas tropicais, com um movimento de rotação em ciclone, e que se complica às vezes com um movimento caracterizado de aspiração; quando se formam à superfície do mar, são perigosíssimas para os navios que encontram; pois, demais a mais, vem acompanhadas de fenómenos eléctricos, granizo, raios, etc.

21 Qual roxa sanguesuga se veria
Nos beiços da alimária, (que imprudente
Bebendo a recolheu na fonte fria)
Fartar co sangue alheio a sêde ardente;
Chupando mais e mais se engrossa e cria;
Ali se enche e se alarga grandemente:
Tal a grande coluna, enchendo, aumenta
A si e a nuvem negra que sustenta;

Qual (1) *se veria* uma *roxa* (2) *sanguessuga* segura *nos beiços da alimária* (3), *que imprudentemente* (4), *bebendo na fria fonte* (5), *a recolhesse* (6), ficando a bicha *a fartar a sêde ardente* (7) *com o alheio sangue; — chupando mais e mais,* a sanguessuga *engrossa e cria-se* [*alimenta-se*], *enche-se ali, e alarga-se grandemente*; — *tal* [*do mesmo modo*] *a grande coluna* (8), *enchendo-se, se aumentava a si* própria (9), *e* aumentava *a nuvem que sustentava* (10).

(1) Qual..., tal [no verso 7]: assim como..., da mesma maneira. (2) Vermelha, [fig.]; por sugar o vermelho sangue. (3) Nome aplicado genèricamente aos animais corpulentos, o cavalo, o boi, etc. (4) No texto o adjectivo com a função do advérbio: descuidadamente. (5) Fig.; na água corrente. (6) Literalmente, deu-lhe acolhimento; fig.. [catacrese], a alimária não pôde evitar que a bicha se lhe fixasse nos beiços. (7) O instinto voraz. (8) Manga, cano, tubo que parece coluna. (9) Tornava-se cada vez maior. (10) A coluna que «sustentava» a nuvem, suportava-lhe o pêso, que a alimentava ou nutria, e da água absorvida no mar.

22 Mas despois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,
E pelo ceo chovendo em fim voou,
Porque c'o a água a jacente água molhe.
Ás ondas torna as ondas que tomou;
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
Vejam agora os sábios na escriptura,
Que segredos são estes da natura.

Mas a nuvem, *depois que se fartou* (1) *de todo, recolheu a si o pé* (2) *que tinha no mar; e emfim voou pelo céu, chovendo* [*deitando chuva*], *porque* [*para que*] *molhe, com a* sua *água, a água jacente* (3); e *torna* [*restitui*], *às ondas* do mar, *as ondas* (4) *que* lhe *tomou; mas tira-lhe, tolhe-lhe* (5) *o sabor do sal. Vejam agora os sábios na escritura* (6), *que segredos são estes da natura* (7)!

(1) Depois de se encher, de maneira que não podia crescer mais. (2) Catacrese: a extremidade inferior da tromba. (3) «Jacente...»; a água que no mar ficou, e que não foi sorvida pela nuvem. (4) Fig., águas. (5) «Tolhe-lhe» = tira-lhe; sinonímia: a água que a nuvem chupou era salgada; mas a nuvem desfez-se em chuva, e esta não continha sal. (6) Os sábios que aprenderam nos livros, na escrita [em contraposição aos que tem saber adquirido sómente pela experiência]. (7) Natureza.

Note-se: a locução conjuncional «para que molhe» = «para molhar»; o verbo «tornar», empregado transitivamente.

23 Se os antigos philósophos, que andaram
Tantas terras por ver segredos d'ellas,
As maravilhas, que eu passei, passaram,
A tam diversos ventos dando as velas,
Que grandes escripturas que deixaram!
Que influïção de sinos e de estrêllas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo sem mentir, puras verdades.

Se os antigos filósofos que por *tantas terras andaram, por* [= *para*] *ver* os *segredos delas, passassem* (1) *as maravilhas que eu passei,* — *dando as velas a tam diversos ventos* (2), — *que grandes escrituras* (3) *que* êles *deixariam* (4)! *que influïção* (5) *de signos* (6) *e de estrêlas! que estranhezas* (7), *que grandes qualidades* (8)! *e tudo* isso, deixariam escrito, dizendo, *sem mentir, puras verdades* (9)!

(1) «Passaram», no texto [o pretérito mais que perfeito pelo condicional, *passim*]; o verbo, aqui, no sentido de «experimentar, presencear, ver», etc.: se os antigos filósofos vissem as cousas maravilhosas [as raridades de novos climas, gentes, costumes, plantas, etc.], que eu vi... (2) «Dando as velas ...», [fig.], navegando por tam diversas regiões; ora dando as velas dos navios ao vento norte, ora ao vento sul, ora a leste, etc. (3) Escritos, livros. (4) «Deixaram», cfr. nota 1 «passaram». (5) Influência. (6) Alude-se às constelações chamadas «signos do zodíaco», que segundo a astrologia se supunha terem influência na vida animal. (7) Raridades. (8) Quanto escreveriam os sábios sôbre as grandes qualidades de plantas, frutos, animais, etc., desconhecidos por êles. (9) A viagem de Vasco da Gama dava assunto para larga escrita, sem necessidade de fábulas e invenções, como as de antigos escritores.

24 Mas já a planeta, que no ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro
Mostrara, em quanto o mar cortava a armada;
Quando da etérea gávea um marinheiro,
Prompto co'a vista: «Terra! Terra!» brada.
Salta no bordo alvoroçada a gente
Cos olhos no horizonte do Oriente.

Mas a lua, — *a planeta que habita o primeiro céu* (1), — *apressada* (2), *mostrara já cinco vezes, agora meio rosto, agora* rosto *inteiro* (3), *emquanto a armada cortava o mar* (4), *quando um marinheiro, pronto com a vista* (5), *brada* lá *da etérea* (6) *gávea* (7): *«terra! terra!»*. *A gente* (8), *alvoroçada, salta no bordo* (9) *com os olhos* fitos *no horizonte do Oriente* (10).

(1) A primeira órbita celeste segundo o antigo sistema astronómico; «sete céus»; I, 24. ADVERTÊNCIA, p. 43. (2) Sem se deter na sua marcha. (3) Depois de partirem as naus de Lisboa, a lua cheia e o quarto crescente tinham aparecido no céu cinco vezes; isto é, tinham decorrido cinco meses lunares; era o dia 1 de Novembro. (4) Desde que os navegantes estavam em viagem. (5) «Pronto com a vista», etc.; o marinheiro com os olhos atentos no horizonte, apenas enxerga terra, brada logo... (6) Fig., alta. (7) Espécie de taboleiro sôbre as vêrgas, a certa altura do mastro onde estão subidas. (8) A tripulação [os marinheiros]. (9) «Salta no bordo», corre para a borda, para a amurada. (10) Para a banda de leste das naus [tinham avistado a ilha de Santa Helena].

Nas primeiras edições, «planeta» aparece no género masculino; explicava-se, por silepse, a falta de concordância com «apressada»; para alguns escritores antigos, era de género feminino.

25 Á maneira de nuvens se começam
A descubrir os montes que enxergamos;
As âncoras pesadas se adereçam,
As velas, já chegados, amainamos.
E para que mais certas se conheçam
As partes tam remotas onde estamos,
Pelo novo instrumento do Astrolábio,
Invenção de sutil juízo e sábio,

Á maneira de nuvens (1), *se começam a descobrir os montes que enxergamos* [*vemos ao longe pouco distintamente*]; *adereçam-se* (2) *as pesadas âncoras; chegados já* próximo de terra, *amainamos* (3) *as velas; e, para que, pelo novo instrumento do astrolábio* (4) — que é *invenção de subtil e sábio juizo — se conheçam* [= *sejam conhecidas*], em terra, *mais certas* [*com maior certeza*] *as remotas partes* (5) *em que estávamos, desembarcámos, ...* [*Completa-se o sentido na estância imediata*].

(1) «Á maneira de ...», parecendo nuvens; os navegantes tem essa ilusão; a terra que avistam no horizonte parece-lhes uma barra de nuvens. (2) Preparam-se, desamarrando-as para as lançar ao fundo, logo que cheguem os navios a bom sítio para aí ficarem. (3) Arriamos, colhemos [para, não lhes dando o vento, cessar o andamento das naus]. (4) Instrumento menos perfeito do que é hoje o sextante, empregado para medir a altura do sol e conhecer-se a latitude do lugar em que se está; era moderno então; fôra inventado por portugueses em tempo de D. João II. O astrolábio [instrumento matemático e astronómico] compunha-se de um círculo graduado e uma alidade de pínulas; assentava sôbre um tripé, no qual, por causa do balanço, eram as observações mais difíceis e menos seguras a bordo do que em terra. (5) Afastadas regiões, longínquas — longe de Portugal.

---

26 Desembarcámos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa
Da terra, que outro povo não pisou;
Porém eu cos pilotos, na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do sol a altura,
E compassar a universal pintura.

Desembarcámos logo na espaçosa parte (1), *por onde se espalhou a* minha *gente* (2), *desejosa de ver as cousas estranhas* (3) *da terra que outro povo* ainda *não pisara* (4). *Eu, porêm, com os pilotos, detenho-me, na arenosa praia, em tomar a altura do sol* (5), *e* em *compassar a universal pintura* (6), *por* [= *para*] *vermos em que parte* da Terra *estávamos.*

(1) No litoral da baía de Santa Helena. (2) Os tripulantes da lancha ou batel em que foram a terra o capitão e pilotos. (3) Extraordinárias, não conhecidas. (4) Nunca tinha ali desembarcado gente de qualquer outra nação. (5) Cfr. nota 4 da estância precedente. (6) Nas cartas de navegação estavam pintados os mares e as costas [por isso «pintura», e «universal» por ser a do mundo então conhecido]; nessas cartas, em conseqüência dos cálculos resultantes da observação do sol, marcavam os pilotos, com auxílio de compasso, o sítio em que se achavam.

27 Achámos ter de todo já passado
Do Semicapro peixe a grande meta,
Estando entre elle e o círculo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis de meus companheiros rodeado
Vejo um estranho vir de pelle preta,
Que tomaram por fôrça, em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

Achámos ter passado de todo (1) *a grande* [*notável*] *meta* [*baliza*] *do peixe Semicapro* (2), *estando* [*estávamos*] *entre êle e o gelado círculo* polar *Austral* (3), — que era a *parte do mundo mais secreta* (4) [*menos conhecida*]. E *eis* que *vejo vir* [*chegar*] *um estranho* [*desconhecido*], *de pele preta*, e *rodeado de* [*pelos*] *meus companheiros, que* o *tomaram* [*haviam tomado, agarrado*] *pela fôrça, emquanto apanhava* [*quando estava apanhando*] *na montanha os doces favos* de mel.

(1) Reconhecemos que tínhamos passado para lá da... (2) O círculo paralelo ao equador, chamado trópico de Capricórnio—nome da constelação que se pinta representando um animal com cabeça de cabra e cauda de peixe [«semi» = meio, «capro» = cabra]; a região celeste em que está essa constelação, é o limete [a meta] onde chega o sol no hemisfério do Sul. (3) Também chamado círculo polar Antártico—região de gelos eternos. (4) Estavam os navegantes, entre o trópico e o círculo polar, em região mal conhecida na época da viagem de Vasco da Gama.

28 Torvado vem na vista, como aquelle
Que não se vira nunca em tal estremo:
Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
Selvagem mais que o bruto Polifemo.
Começo-lhe a mostrar da rica pelle
De Colcos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria:
A nada d'isto o bruto se movia.

O preto *vem torvado* (1) *na vista como aquele que não se vira nunca em tal extremo* [*tal aflição*]; *mais selvagem* do *que o bruto Polifemo* (2), *nem êle* nos *entende a nós, nem nós* o entendemos *a êle*; *comecei a mostrar-lhe o gentil e supremo metal da* rica *pele de Colcos* (3), *a prata fina, a quente especiaria* [*a pimenta*]; *a nada disto o bruto se movia.*

(1) Perturbado; denotando, nos olhos, a surprêsa de ter sido agarrado, e estar entre gente como nunca vira. (2) Gigante cíclope da mitologia grega; vivia em uma caverna, na Sicília, em cujos prados pastoreava grandes rebanhos; enamorado de Galatea, e desprezado por ela que amava o pastor Acis, encontrou-os em colóquio amoroso, e para se vingar esmagou-os com um penedo. Quando uma tempestade fez naufragar Ulisses nas costas da Sicília, Polifemo encerrou-o na caverna com os tripulantes salvos do naufrágio, e na intenção de os devorar, mas Ulisses conseguiu embriagá-lo e arrancou-lhe o ôlho único [só um tinham os ciclopes] com um espeque, e fugiu da caverna. Polifemo serviu de assunto na Odissea, nos poemas de Teócrito, e narrativas de Ovídio. Os factos que ficam resumidos da vida dêsse gigante justificam o epíteto, que lhe dá o Poeta, por bôca de Vasco da Gama, de «selvagem e bruto». (3) «O gentil metal», perífrase: o ouro, o lindo metal, e o mais valioso — o da pele [do velocino] do cordeiro [que tinha lã de ouro], que havia em Colcos, e que os Argonautas foram conquistar; cfr. I, 18; IV, 33 e *passim*; não havia meio de se entenderem os navegantes com o selvagem, senão por sinais; mostravam-lhe o ouro, a prata, a pimenta, a ver se êle dava no-

tícia de haver naquela terra tais objectos [entre os quais a pimenta da Índia que vinha a Portugal, até então, pelo mar Vermelho e por intermédio de Veneza]; o preto, indiferente a tudo, era tam bruto que nem mesmo à vista do ouro mostrava curiosidade.

Note-se, no verso 3, a concorrência do dativo com o acusativo — o que era freqüente nos escritos antigos, principalmente com os pronomes e complementos directos, quando eram pronomes ou cousas personificadas; cfr. v, 32 [lhe = o] e *passim*.

---

29 Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
Contas de cristalino transparente,
Alguns soantes cascavéis pequenos,
Um barrete vermelho, côr contente.
Vi logo por sinais e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente;
Mando-o soltar com tudo; e assi caminha
Pera a povoação, que perto tinha.

Mandei mostrar-lhe peças mais somenos (1) — *contas de cristalino* (2) *transparente, alguns soantes* (3) *cascavéis* (4) *pequenos, um barrete*, e *vermelho* que é *côr contente* (5). — *Vi logo, por sinais e por acenos* (6), *que* o preto *com isto se alegrava grandemente. Mandei-o soltar* (7) *com tudo* [*levando tudo que lhe tinha mostrado*], *e* êle *caminhou assim* [*carregado*], *para a povoação que tinha perto* dali.

(1) Peças de menos valor do que o ouro. (2) O vocábulo é substantivo quando se emprega para designar o corpo transparente e lenticular na parte anterior do humor vítreo dos olhos; aqui, [fig.], significa as contas de vidro — objecto geralmente apreciado pelos pretos. (3) Sonantes, que dão

som quando agitados. (4) Guizos. (5) «Côr alegre», expressão usual com que se designam as côres vivas e claras, usadas nas festas; aquelas que muito agradam á vista, dando contentamento. (6) «Sinais e acenos»: os primeiros podem divisar-se apenas nas feições, no olhar, alegria, dor, cólera, etc.; os segundos são movimentos com a cabeça para afirmar, negar, etc.; ou com as mãos, indicando lugar, etc. (7) Solta-se o preto, para poder dar notícia á gente do povoado.

---

30 Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nus, e da côr da escura treva,
Decendo pelos ásperos outeiros,
As peças vem buscar que est'outro leva:
Domésticos já tanto, e companheiros
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernão Velloso a ir ver da terra o trato,
E partir-se com elles pelo mato.

Mas, logo ao outro dia (1), *os seus parceiros* (2), *todos nus e da escura côr da treva* (3), *descendo pelos ásperos* (4) *outeiros, vem buscar as peças que est'outro levara* (5): *e mostram-se-nos já tam domésticos* (6) *e companheiros* (7), *que fazem que Fernão Veloso se atreva* (8) *a ir ver o trato da terra* (9), *e partir* (10) *com êles pelo mato.*

(1) No dia imediato áquele em que o preto fôra agarrado. (2) Companheiros. (3) As trevas não tem côr, mas na sua escuridão tudo parece preto. (4) Alcantilados, abruptos. (5) Vem com a idea de receber objectos iguais áqueles que o outro preto levara na véspera. (6) Mansos. (7) Sociáveis. (8) Fernão Veloso é personagem histórico que ia nas naus e ao qual se refere João de Barros; êle pedira para ir a terra

ver o povoado; a mansidão mostrada pelos selvagens inspirou-lhe tanta confiança, que foi com êles para o interior. (9) A maneira de viver. (10) «Partir-se», antiquado.

---

31 É Velloso no braço confiado,
E de arrogante crê que vai seguro;
Mas, sendo um grande espaço já passado,
Em que algum bom sinal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Aparece; e segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fôra, vinha.

Veloso é confiado no seu *braço* (1), *e de arrogante* (2) *crê que vai seguro; mas, sendo já passado um grande espaço* de tempo, *em que* eu *procurava saber algum bom sinal* (3); *estando* [*quando eu estava*] *com a vista alçada* (4), — *com cuidado no aventureiro*, — *eis* que êste *aparece* descendo *pelo duro* (5) *monte*, *e*, *segundo caminha ao mar* (6), *vinha mais apressado do que fôra*.

(1) Tem confiança na sua fôrça e na sua coragem. (2) Por ser atrevido. (3) Não aparecendo Veloso, o capitão embarcara já nos botes, e, com cuidado nele, ia preguntando aos companheiros se viam sinais dêle. (4) De cabeça levantada, olhando atentamente para o monte. (5) Pedregoso, alcantilado. (6) Vista a maneira pela qual êle se dirigia para a praia, era certo que vinha correndo, como quem foge, e não como fôra na ida, em vagaroso andar de passeio.

O vocábulo «aventureiro» [verso 6] não tinha antigamente o sentido depreciativo, que se lhe dá hoje; com êle

*

se designava o cavaleiro que corria mundo para desfazer agravos e mostrar o seu esfôrço em todas as ocasiões que se lhes oferecessem: «cavaleiros andantes», «cavaleiros de fortuna»; também se empregava essa palavra tratando-se de actos de coragem. Cfr. v, 35, 83; vi, 51; etc.

A palavra «segundo» [verso 7] é empregada em escritura antiga geralmente, com a significação que lhe atribuímos na nota 6: «vê-se que...», «visto que», «pois que», etc. Cfr. i, 105; v, 67; etc.

---

32 O batel de Coelho foi de pressa
Po'-lo tomar; mas antes que chegasse,
Um Etíope ousado se arremessa
A elle, porque não se lhe escapasse;
Outro e outro lhe saem; vê-se em pressa
Velloso, sem que alguém lhe ali ajudasse;
Acudo eu logo, e em quanto o remo aperto,
Se mostra um bando negro descuberto.

O batel de Coelho foi depressa para o tomar (1), *mas antes que* o batel *chegasse, arremessou-se a êle* [*a Veloso*], *um ousado etíope* [*um atrevido preto*] (2) *por que* [= *para que*] *lhe não escapasse; saíram-lhe outro e outro* preto, ao encontro; *Veloso vê-se em pressa* (3), *sem que alguém ali lhe ajudasse* (4); *acudo eu logo, e, emquanto aperto o remo* (5), *mostra-se, descoberto, um bando negro* (6).

(1) O barco em que tinha vindo a terra Nicolau Coelho, comandante duma das naus [cfr. iv, 82]; dirigia-se apressadamente à praia para receber Fernão Veloso. (2) Natural da Etiópia — nome que vagamente se dava em antigos tempos a toda a região que se estendia ao sul do Egipto [i, 42]; aqui

o vocábulo «etiope» significa [fig.] negro, e seria da raça hotentote. (3) Em dificuldades. (4) «Lhe ajudasse» [antiquado] = o ajudasse. (5) «Aperto o remo», [fig.], mando remar com mais fôrça, para chegar mais depressa [para isso é necessário apertar o remo nas mãos]. (6) Aparece, descobrindo-se [da emboscada], um bando de negros.

---

33 Da espessa nuvem setas e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida;
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu d'ali ferida;
Mas nós, como pessoas magoadas,
A reposta lhe demos tam crecida,
Que em mais que nos barretes se sospeita
Que a côr vermelha levam d'esta feita.

Da espessa nuvem (1) de negros *chovem, sôbre nós outros, setas e pedradas sem medida* (2); *e não foram em vão deitadas ao vento* (3), *que* [= *pois*] *dali trouxe eu ferida esta perna: mas nós, como pessoas magoadas, demos-lhe a resposta,* e *tam crescida* (4), *que se suspeitou que, desta feita* (5) os pretos *levaram* em si *a côr mais vermelha* do *que nos barretes* (6).

(1) «Nuvem», [fig.], multidão. (2) Sem conta, cai sôbre nós — como chuva — grande quantidade de pedras e setas. (3) As setas não eram disparadas para o ar, — inútilmente para os agressores —, mas com boa pontaria, acertavam em nós. (4) «Resposta crescida», respondemos com tiros das nossas armas, por forma a causar-lhes maior dano do que o sofrido por nós. (5) «Desta feita» = desta vez, nesta ocasião. (6) Vasco da Gama tinha dado barretes vermelhos aos

pretos [est. 29]; agora estes tinham a côr mais vermelha, a das feridas recebidas dos portugueses.

Note-se, no verso 2, o verbo «chover» empregado transitivamente.

---

34 E sendo já Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malícia fea e rudo intento
Da gente bestial, bruta e malvada,
De quem nenhum milhor conhecimento
Podemos ter da Índia desejada,
Que estarmos inda muito longe d'ella:
E assi tornei a dar ao vento a vela.

E, sendo [*estando*] *já Veloso em salvamento, recolhemo-nos logo para a armada, vendo* [*por vermos*] *a feia malícia e o rude intento da bestial, bruta e malvada gente, de quem* [*da qual*] *nenhum melhor conhecimento pudemos ter* acêrca *da desejada Índia* (1), senão *que estávamos ainda muito longe dela; e assi* [*em vista disso*] *tornei a dar as velas ao vento* (2).

(1) «Sendo já», etc.; depois de salvo Fernão Veloso, voltaram os batéis para as naus, e foram os navegantes reflectindo na maldade daquela gente e na falta de notícias a respeito do caminho da Índia, que procuravam. (2) «Largámos o pano»; «fizemo-nos de vela», segundo a linguagem náutica, isto é, continuámos a navegar.

---

35 Disse então a Velloso um companheiro,
(Começando-se todos a sorrir):
«Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
É milhor de decer, que de subir?»
— «Si, é, responde o ousado aventureiro;
Mas quando eu pera cá vi tantos vir
D'aquelles cães, de pressa um pouco vim,
Por me lembrar que estáveis cá sem mim.» —

Disse então (1), *a Veloso, um companheiro — começando todos a sorrir-se: — Olá! Veloso amigo, aquele outeiro é melhor de descer que de subir* (2)! *— É, sim! — respondeu o ousado aventureiro — mas, quando eu vi para cá virem tantos daqueles cães* (3), *vim um pouco depressa* (4), *por me lembrar que estáveis cá sem mim.*

(1) Depois de estarem a bordo das naus, entraram os soldados a conversar sôbre o perigo em que estivera Fernão Veloso, começando um dêles com os seus ditos a provocar o riso dos outros. (2) «Melhor de descer...»; não contendo novidade êsse dito, havia nele engraçada ironia: Veloso subira o monte devagar, confiado em si; descera depressa, porque vinha fugindo. (3) Epíteto para deprimir aquela «bruta gente». (4) «Vim depressa...», resposta de ironia também engraçada: o aventureiro vinha a correr para acudir aos seus companheiros, não era para fugir dos pretos.
Sôbre o epíteto «aventureiro», cfr. v, 31 nota.

36 Contou então, que tanto que passaram
Aquelle monte, os negros de quem fallo,
Avante mais passar o não deixaram,
Querendo, se não torna, ali matá-lo;
E tornando-se, logo se emboscaram,
Porque, saindo nós pera tomá-lo,
Nos podessem mandar ao reino escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

Contou então Veloso, *que os negros de quem falo* (1), — *tanto que* [= *apenas*] *passaram aquele monte* —, *não o deixaram passar mais avante* (2), *querendo matá-lo ali, se* êle *não tornasse* [*voltasse*] para trás. *E tornando* êle [*e como êle voltasse para trás*], os pretos *emboscaram-se logo, por que* [*para que*], *saindo nós* [*quando fôssemos buscá-lo*] *para tomá-lo, nos pudessem mandar ao escuro reino* (3), *por* [= *para*], *mais a seu seguro, nos roubarem.*

(1) Vasco da Gama, falando com o rei de Melinde, refere-se aos pretos que tinham ido à praia, e que Veloso acompanhara [est. 30] para ver o «trato da terra», quais eram os costumes daquela gente, como vivia ela, as suas culturas, as suas habitações, etc. (2) «Não o deixaram»: [histórico], os pretos logo que passaram um outeiro que os encobria dos navegantes que estavam na praia, não querendo que Veloso lhes visse a povoação, ameaçaram matá-lo se êle não voltasse para trás; voltando êle, foram por outro lado pôr-se de embuscada, para apreenderem e roubarem a gente dos barcos quando esta fôsse buscar Veloso. (3) O reino da morte; II, 112; III, 117 e *passim*; para com mais certeza nos matar.

No verso 5, note-se o verbo «tornar» empregado sob forma pronominal [uso clássico, antiquado].

37 Porém já cinco soes eram passados
Que d'ali nos partíramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prósperamente os ventos assoprando
Quando ũa noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Ua nuvem, que os ares escurece,
Sôbre nossas cabeças aparece.

Porêm, eram já passados cinco sóis (1) desde *que partíramos dali, cortando* (2) *os mares nunca de outrem* (3) *navegados, e sopravam os ventos* (4) *prósperamente* (5), *quando, uma noite, estando* nós *descuidados, vigiando* (6) *na cortadora* (7) *proa, aparece sôbre* as *nossas cabeças uma nuvem que escurece os ares* (8).

(1) [Fig.]. Cinco dias depois [de largarem a baía de Santa Helena] tinham visto o percurso do sol durante cinco dias. (2) Sulcando, percorrendo, etc. (3) Mares que nunca haviam sido navegados senão por gente portuguesa; I, 1, 27; V, 41 e *passim*; «outrem» = outra gente. (4) «Assoprando», no texto, desusado hoje na linguagem literária, mas conservado na linguagem popular. (5) Com felicidade; isto é, sendo muito favorável, o vento norte [os navios iam para sul]. (6) «Descuidados, vigiando»: os marinheiros vigiavam na proa, mas sem que lhes aparecesse na frente nuvem, sombra de recife ou cousa que lhes inspirasse cuidados, ou receios de qualquer perigo. (7) A parte dianteira do navio, a proa do navio comparada com um instrumento cortante. (8) Prelúdio da tempestade, que se descreve nas estâncias seguintes, ao passarem o Cabo da Boa Esperança; advirta-se, que Vasco da Gama o passou com mar sereno, mas o Poeta padeceu aí grande tormenta, e, por licença poética, finge que foi Vasco da Gama quem o presenciou, fantasiando a grande prosopopeia do gigante Adamastor, e que só acaba na est. 60.

No verso 2, note-se o verbo «partir» sob forma pronominal [desusado].

No verso 4 [«os ventos assoprando»] está empregado o participio imperfeito — como usavam os antigos clássicos — em vez de modo finito, como é prática actual.

---

38 Tam temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande mêdo;
Bramindo o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo.
«Oh potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou que segrêdo
¿Êste clima e êste mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?»

Essa nuvem *vinha tam temerosa* (1) *e carregada* (2), *que pôs um grande mêdo nos* nossos *corações; o negro* (3) *mar bradava de longe* [*a grande distância*] *bramindo* (4), *como se desse em vão* (5) *nalgum rochedo.* — *Ó sublimada Potestade* (6), — *disse* eu — *¿que ameaço* (7) *divino ou que segrêdo nos apresenta êste clima* (8) *e êste mar, que parece mor* (9) *cousa do que tormenta?!*

(1) Pavorosa, causando mêdo. (2) De côr escura. (3) O mar reflecte a côr de escuras nuvens. (4) «Bradava bramindo» [cfr. II, 100, «brados»; I, 35, 88; II, 40, «bramar»]; o mar rugia com o estrondoso som das ondas nas penedias. (5) «Em vão», etc.; nas cavernas dos rochedos; o estrondo do mar é imenso quando entra pelas cavernas [o vazio, o vão das grandes rochas]. (6) «Sublimada Potestade», excelso poder de Deus. (7) Forma antiga de «ameaça». (8) [Fig.], céu, abóbada celeste... (9) «Mor» = «maior»; o espectáculo do céu e do mar fazia recear maior perigo do que as maiores tempestades conhecidas.

Era a sombra do promontório Tormentoso em que o Poeta finge estar transformado Adamastor, um dos gigantes da fábula que pelejaram contra Júpiter.

---

39 Não acabava, quando ũa figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De-disforme e grandíssima estatura,
O rosto carregado, a barba esquálida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a cõr terrena e pálida,
Cheos de terra e crespos os cabellos,
A bôca negra, os dentes amarellos.

Não acabava eu de dizer estas palavras, *quando no ar se nos mostra uma figura, robusta e válida* (1), *de disforme e grandíssima estatura;* tinha *o rosto carregado* (2), *a barba esquálida* (3), *os olhos encovados, a postura medonha e má* (4), *a côr terrena* (5) *e pálida, os cabelos cheios de terra e crespos, a bôca negra e os dentes amarelos* (6).

(1) Começa aqui a descrição do horrendo monstro, e de menor para maior; primeiramente o corpo inteiro do gigante [a figura robusta e forte]; logo em seguida «disforme»; isto é, de formas descomunais e de enormíssima corpulência: 70 metros de altura como o colosso de Rodes, cfr. est. 40. (2) Semblante de quem está irado. (3) Comprida, hirta e suja ao mesmo tempo. (4) Gestos ameaçadores causando mêdo. (5) Côr da terra, côr escura, indefinida, etc.; êste epíteto e os seguintes pintam as horripilantes formas do gigante. (6) Conclui-se a descrição física do gigante na estância imediata, e seguem-se depois as profecias dêle que, na est. 50, começa dizendo quem é.

---

40 Tam grande era de membros que bem posso
Certificar-te que êste era o segundo
De Rodes estranhíssimo colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo.
C'um tom de voz nos falla horrendo e grosso,
Que pareceu sair do mar profundo:
Arrepiam-se as carnes e o cabello
A mi e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo.

Era tam grande de membros o gigante, *que bem posso certificar-te, que êste era o segundo estranhíssimo* (1) *colosso de Rodes* (2), *que foi um dos sete milagres do mundo. Falou-nos com um tom de voz horrendo e grosso, que parecia sair do profundo mar. Arripiavam-se-me* (3) *as carnes e o cabelo — a mim e a todos — só de vê-lo e ouvi-lo.*

(1) Muito extraordinário, admirabilíssimo. (2) O colosso que pelos antigos era considerado uma das sete maravilhas do mundo; uma estátua de bronze, de 70 metros de altura, representando o Sol. [As outras seis eram: o Templo de Diana, em Efeso; o túmulo de Mausoléu, em Halicarnaso; a estátua de Júpiter, no Olimpo; os jardins suspensos de Babilónia, o farol de Alexandria; e as pirâmides do Egipto]; nesta descrição note-se a onomatopeia nas rimas e principalmente nos versos 5 e 6. (3) É natural arripiarem-se ou erriçarem-se os cabelos quando há o mêdo que produz calefrios; e a carne [a pele] também, com o arrefecimento, porque o sangue, com o susto, aflui súbitamente ao coração.

41 E disse: «Oh gente ousada mais que quantas
No mundo cometeram grandes cousas;
Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas,
Pois os vedados términos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,
Nunca arados d'estranho ou próprio lenho:

E o gigante *disse:* — « *Ó gente* portuguesa, *mais ousada* do *que* todas *quantas cometeram no mundo grandes cousas* [*praticaram célebres acções*] (1)! *tu que nunca repousas por* [= *de*] (2) *tantas e tam cruas guerras e por* [= *de*] *vãos* (3) *trabalhos,* — *pois* [= *visto que*] *os vedados términos* do mundo *quebrantas* [= *transpões*], *e ousas navegar* nos *meus longos* [*extensos*] *mares, que eu tenho e guardo há já tanto tempo,* sem *nunca* serem *arados* (4) [*sulcados*] *de* [= *por*] *lenho* [*navio*] meu *próprio, ou de estranhos,* — ouve! . . . [*O verbo vem na estância seguinte*].

(1) As palavras iradas do gigante contra os portugueses, por irem devassar aquele mar do cabo das tormentas, contêm o elogio da intrepidez lusitana superior á de todos os povos. (2) A preposição «por», indicando continuidade de tempo «guerras sucessivas, constantes» (3) De vanglória, trabalhos empreendidos por vaidade; cfr. IV, 94, 95, [vão contentamento, vã cubiça]. (4) «Arar» = lavrar, cortar o chão com o arado, comparado êste com o navio cortando o mar; V, 37 e *passim*.

42 «Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do húmido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento,
Ouve os danos de mi, que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento
Por todo o largo mar e pola terra
Que inda hás de sojugar com dura guerra.

« — *Pois* [*visto que*] *vens ver os escondidos segredos da natureza e do húmido elemento* (1), segredos não *concedidos a nenhum grande homem* (2) *de nobre ou de imortal merecimento*, — *ouve de mim os danos* (3) *que, ao* [*para o*] *teu sobejo* (4) *atrevimento, estão apercebidos* [= *preparados*] *por todo o largo mar, e pela terra* [*pelas nações*], *que ainda hás-de subjugar com dura guerra* (5).

(1) Vens devassar, descobrir, os segredos do mar. (2) No verso 3 «humano», — o adjectivo substantivado; grande homem, varão ilustre, célebre; aqueles mares eram desconhecidos dos homens notáveis da antiguidade. (3) «Ouve de mim»; depois de mostrar a sua indignação, o gigante vinga-se da audácia dos portugueses, profetisando-lhes os danos que êles hão-de padecer por causa da sua ousadia. (4) Excessivo. (5) Referência aos naufrágios que haviam de realizar-se na imensidade daqueles mares, e às perdas de vidas dos portugueses; estes afinal conquistariam um império na Ásia, mas à custa de muito do seu sangue. [Continua a profecia na estância seguinte].

43 Sabe que quantas naos esta viagem
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem
Com ventos e tormentas desmedidas.
E na primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insuffridas,
Eu farei d'improviso tal castigo,
Que seja mor o dano, que o perigo.

«*Sabe* tu (1), *que* todas *quantas naus, de atrevidas* (2), *fizerem esta viagem que tu fazes, terão esta paragem* por *inimiga com ventos e desmedidas tormentas; e na primeira armada* (3) *que fizer passagem por estas insofridas ondas* (5), *farei eu, de improviso* (4), *castigo tal, que seja maior o dano do que o perigo* (6).

(1) Fica tu sabendo. (2) «De atrevidas», por serem ousados os capitães dessas naus. (3) A profecia alude à primeira viagem que havia de ser feita depois da de Vasco da Gama — a de Pedro Álvares Cabral depois da descoberta do Brasil em 1500 e que era composta de treze navios, dos quais naufragaram quatro ou seis. (4) «Insofridas ondas», mares que não consentem de boa vontade que antem navios sôbre êles, e por isso os destroem. (5) Inesperadamente. (6) «Maior o dano que o perigo»; na viagem de Cabral, o perigo seria igual àquele a que estava exposto o Gama; porém Cabral padeceria maior dano do que Vasco da Gama, porque teria a perda de seis naus: cfr. IV, 29, «o temor maior que o perigo». Com efeito, houve um tufão por tal forma violento e repentino que, num momento, sossobraram as naus e pereceram os tripulantes, sem chegarem a ter a consciência do perigo.

44 «Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu suma vingança;
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas naos vereis cada anno
(Se é verdade o que meu juízo alcança)
Naufrágios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

«*Aqui* (1), *espero — se não me engano — tomar suma vingança de quem me descobriu* (2); *e não se acabará só nisto o dano de vossa pertinaz* (3) *confiança* [*ousadia*]. *Antes* [= *ao contrário*], *se é verdade o que o meu juízo* (4) *alcança, vereis em vossas naus*, em *cada ano, naufrágios, perdições de toda a sorte*, de modo *que o menor mal de todos seja a morte* (5).

(1) Neste promontório. (2) O gigante em que está personificado o promontório promete vingar-se de Bartolomeu Dias, o descobridor dêle, e que, na armada de Álvares Cabral, pereceu, sendo capitão duma das naus que se perderam. (3) No texto «pertinace», forma alatinada; dêste modo se aumentou uma sílaba ao número métrico [paragoge]. (4) Entendimento; aqui entende-se o «meu dom profético», a minha faculdade de adivinhar. (5) «O menor mal de todos», etc.; alusão ás crueldades que sofreriam muitos portugueses, escapando dos naufrágios, mas padecendo martírios prolongados, antes de serem mortos.

45 «E do primeiro illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os ceos,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juizos incógnitos de Deus:
Aqui porá da turca armada dura
Os soberbos e prósperos tropheos;
Comigo de seus danos o ameaça
A destruída Quíloa com Mombaça.

E, por incógnitos juizos (1) *de Deus, serei a eterna e nova* (2) *sepultura do primeiro* varão *ilustre* português (3), *que* [= *a quem*] *a ventura fizer tocar os céus* (4): *aqui* [*neste promontório*] êsse varão *porá* [*deporá*] *os soberbos e prósperos troféus* [*despojos de guerra*] *da armada turca* (5); *comigo* [*além de mim, não sou só eu*] *ameaça-o* a cidade de *Quíloa* por êle *destruída, com* [*e também*] *Mombaça,* por causa *dos seus danos* (6).

(1) Desconhecidos desígnios. (2) Estranha, que ninguém teve; sepultado depois de despido pelos negros. (3) O primeiro vice-rei da Índia, D. Francisco de Almeida, que foi morto pelos indígenas ao Norte do Cabo da Boa Esperança, quando regressava para Portugal. (4) Que a fama dos feitos dêsse varão subiria às nuvens; III, 58. (5) A vitória alcançada em 1509 contra os turcos na batalha naval de Dio. (6) Os habitantes de Quíloa, por causa dos castigos e danos que sofreram de D. Francisco de Almeida, desejariam a morte dêle; cfr. I, 14; X, 26 e seguintes.

---

46 «Outro também virá de honrada fama,
Liberal, cavaleiro, enamorado,
E consigo trará a fermosa dama,
Que Amor por gram mercê lhe terá dado:
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado
Os deixará d'um cru naufrágio vivos,
Pera verem trabalhos excessivos.

«*Virá* aqui *também outro* português ilustre, *de honrada fama liberal, cavaleiro e namorado, e que trará consigo a formosa dama que o amor, por grande mercê, lhe terá dado* (1): *triste ventura* (2) *e negro* (3) *fado* (4) *os chama neste meu terreno* (5), *que, duro* (6) *e irado, os deixará vivos* — depois *de um cru naufrágio* — *para verem* em si *excessivos trabalhos* (7).

(1) Alude o vaticínio a Manuel de Sousa de Sepúlveda e D. Leonor de Sá, filha de Garcia de Sá, governador da Índia, os quais, tendo casado por amor [por mercê do amor] na Índia, e regressando ao reino, naufragaram na terra de Natal em 1552, escapando do naufrágio, mas padecendo em terra cruéis tormentos, morrendo afinal de fome e sêde, em completa nudez, na areia da praia. (2) Acaso, sorte. (3) Triste. (4) Destino. (5) A terra de África, (6) Severo. (7) Tribulações, martírio, etc.

A estes infelizes alude ainda o vaticínio nas duas imediatas estâncias.

47 «Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e nacidos;
Verão os Cafres ásperos e avaros
Tirar à linda dama seus vestidos:
Os cristalinos membros e preclaros
Á calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Depois de ter pisada longamente
Cos delicados pés a areа ardente.

Êsses dois entes *verão morrer com fome os caros filhos, em tanto amor gerados e nascidos! verão os ásperos* (1) *e avaros cafres* (2) *tirar à linda dama* os *seus vestidos; verão os cristalinos e preclaros* (3) *membros* dela, *despidos, ao ar, à calma, ao frio* (4) — *depois de ter pisado longamente* (5) *com os delicados pés a areia ardente.*

(1) Rudes, selvagens. (2) Habitantes negros, da Cafraria. (3) Alvíssimos, lindos: epítetos para engrandecer a formosura e delicadeza de D. Leonor. (4) Na África do Sul há por vezes, de noite, frio intenso, depois de um dia de imensa calma. (5) Por muito tempo.

Sôbre estes sucessos escreveu Jerónimo de Côrte Rial um poema em 17 cantos, intitulado *Naufrágio de Sepúlveda.*

Note-se nos versos 7-8 «ter pisada a areia»: o particípio perfeito do tempo composto concordando com o complemento directo [construção hoje sómente usada quando o particípio é empregado como adjectivo].

48 «E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes míseros ficarem
Na férvida e implacábil espessura:
Ali, despois que as pedras abrandarem
Com lágrimas de dor, de mágoa pura,
Abraçados, as almas soltarão
Da fermosa e misérrima prisão.»

E os olhos das pessoas *que escaparem* (1) *de tantos males* e *de tanta desventura verão mais* [*hão-de ver também*] *os dois míseros amantes* [esposos] *ficarem* mortos *na férvida e implacável* (2) *espessura* dos matos. *Ali, depois que as pedras abrandarem* [*se tornarem brandas*] *com lágrimas de dor* e *de pura mágoa* (3), os dois esposos, *abraçados* (4), *soltarão as almas da* sua *formosa e misérrima prisão* (5).

(1) Os náufragos foram cêrca de quatrocentos; apenas chegaram com vida a Inhambane oito portugueses e quinze escravos. (2) Ardente chão, e inclemente [prosopopeia]. (3) Prosopopeia: as pedras a chorar. (4) Nesta ficção do Poeta — o vaticínio do gigante — não há rigor histórico: D. Leonor, vendo-se despida pelos indígenas, mandou abrir uma cova na areia, e aí se meteu até os peitos, falecendo logo; e o marido, enlouquecendo, embrenhou-se no mato e desapareceu. (5) As almas soltar-se-iam dos corpos misérrimos, dignos de compaixão pelos martírios que padeceram.

49 Mais ia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: «Quem és tu? que êsse estupendo
Corpo, certo, me tem maravilhado.»
A bôca e os olhos negros retorcendo,
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu, com voz pesada e amara,
Como quem da pregunta lhe pesara:

O horrendo monstro (1) *ia mais por diante dizendo* [*ia continuar a falar*] *dos nossos fados* (2), *quando eu, alçado* (3), *lhe disse:*

— *Quem és tu? certo é que êsse* teu *estupendo corpo me tem maravilhado* (4)!

Retorcendo a bôca e os olhos negros, e dando um espantoso e grande brado, respondeu-me com pesada (5) *e amara* (6) *voz, como quem lhe pesasse da pregunta* (7):

(1) Monstro é o ente que no seu género tem formas desproporcionadas, irregulares, desmedidas, feias, repelentes, como o Poeta descreveu o gigante. (2) Ia continuando a vaticinar o futuro da nação portuguesa. (3) Levantado; aprumado; arremetendo como quem fala sem médo, mas com intrepidez. (4) «Quem és tu?»: nestas palavras de Vasco da Gama, interrompendo o monstro, note-se a arrogância, como de quem se dirige de igual para igual; está admirado daquela maravilhosa corpulência, mas quere saber com quem está falando. (5) Severa. (6) «Amarga»; voz de quem rememora amarguras. (7) Como quem sentisse pesar, dor, pelas recordações que lhe despertasse a pregunta; v, 56, «nojo».

50 «Eu sou aquele occulto e grande Cabo,
A quem chamais vós outros Tormentório,
Que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo,
Plínio, e quantos passaram, fui notório.
Aqui toda a africana costa acabo
Neste meu nunca visto promontório,
Que para o pólo antártico se estende,
A quem vossa ousadia tanto offende.

— *Eu sou aquele oculto e grande Cabo* (1), *a quem vós outros chamais Tormentório* (2), e *que nunca fui notório a* (3) *Ptolomeu* (4), nem a *Pompónio* (5), nem a *Estrabo* (6) nem a *Plínio* (7), nem a *quantos passaram* (8). *Aqui — neste meu promontório nunca visto* (9), e *que se estende para o Polo Antárctico* (10), e *a quem* a *vossa ousadia tanto ofende — acabo* eu *toda a costa africana* (11).

(1) «Oculto», etc.; fôra desconhecido no mundo antes dos portugueses lá irem; «grande», na altura, na extensão; aparcelado mais do que nenhum outro do mundo, etc. (2) Quando Bartolomeu Dias descobriu êste promontório, deram-lhe os portugueses o nome de «Tormentoso», em lembrança das grandes tormentas ali havidas; mas D. João II quis que se chamasse «Cabo da Boa Esperança», esperando que por aquele mar se descobriria o caminho para a Índia. (3) «Notório a...», conhecido por. (4) Célebre astrónomo egípcio [século II]. (5) Pompónio Mela, geógrafo latino do século I. (6) Estrabão, notável geógrafo da Grécia antiga. (7) Célebre naturalista romano do século I. (8) «Nem a quantos», etc.; «quantos» = todos os que; «passaram» = viveram em tempos passados; aquela região não fôra conhecida por nenhum daqueles sábios, escritores e geógrafos, nem por homens quaisquer da antiguidade. (9) Cfr. nota 1, «oculto». (10) O Cabo jaz em 33° de lat. sul. (11) É a última terra africana no hemisfério Sul.

No verso 8, «quem» refere-se a «promontório» e não a

«polo»; os antigos não se preocupavam com a colocação do pronome relativo, quando o contexto não deixava lugar a equívoco.

---

51 Fui dos filhos aspérrimos da Terra,
Qual Encelado, Egeo e o Centimano;
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano.
Não que posesse serra sôbre serra;
Mas conquistando as ondas do oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno que eu buscava.

«*Fui* um *dos aspérrimos filhos da Terra, qual* foi *Encélado, Egeu, e o Centímano: chamei-me Adamastor* (1), *e fui* [= *estive*] *na guerra contra* Júpiter — *o* deus *que vibra os raios de Vulcano. Não que* eu *pusesse serra sôbre serra* (2), *mas* andei *conquistando as ondas do oceano, fui capitão do mar por onde andava a armada de Neptuno, que eu buscava* [*procurava*].

(1) A «Terra» e «Celo», na mitologia grega, eram os mais antigos deuses, tendo ela dado à luz muitos gigantes [Titães] aspérrimos [muito selvagens], que se revoltaram contra «Celo»; tais foram entre outros: Encélado [fulminado e convertido no monte Etna, da Sicília]; Egeu ou Egéon [também chamado Briareu, e ao qual se dava o epíteto de «Centímano» por ter cem braços]; Camões criou a ficção dêste outro gigante, o «Adamastor», inventando êste nome, sugerido [supõe-se] pela leitura da *Ilíada*, onde há o nome «Damastor» [guerreiro troiano], ou pela leitura da *Eneida*, em que há o nome «Adamastus». Na mitologia romana, a «Celo» e «Terra» correspondiam Júpiter e Juno; cfr. ADVERTÊNCIA, p. 10. (2) Os titães revoltados, para subirem ao céu,

puseram montes sôbre montes; Adamastor não foi dêsses, revoltou-se no mar contra Neptuno e «conquistou as ondas», subjugando as antigas divindades marítimas que eram favoráveis aos navegantes portugueses.

No verso 3, «fui na guerra»: o verbo «ser» concorre nos *Lusíadas* com o verbo «estar».

No verso 7, «capitão do mar» era denominação de cargo oficial em tempos antigos.

---

52 Amores da alta espôsa de Peleo
Me fizeram tomar tamanha emprêsa;
Todas as deusas desprezei do ceo
Só por amar das águas a princesa:
Um dia a vi, co'as filhas de Nereo,
Sair nua na praia, e logo presa
A vontade senti de tal maneira,
Que inda não sinto cousa que mais queira.

Amores da alta [*excelsa*] *espôsa de Peleu* (1) *me fizeram tomar tamanha emprêsa; desprezei todas as deusas do céu, só por amor à princesa das águas; um dia vi-a — com as filhas de Nereu* (2) — *sair, nua, da praia* (3); *e logo senti presa a vontade* (4), *de maneira tal, que ainda não sinto cousa que mais queira* (5).

(1) A espôsa de Peleu é Tétis; cfr. ADVERTÊNCIA, p. 10 — excelsa pela sua formosura; a paixão que, por ela, se apoderou do gigante — e que nasceu nele, quando a viu nua, saindo das águas — foi a causa de querer conquistar o poder de Júpiter, para, dêsse modo, ser obedecido por Tétis. (2) As Nereidas. (3) Sair do mar para a praia. (4) O gigante sentiu-se enleado [preso], cativado, fascinado. (5) «De ma-

neira...», etc.; como quem dissesse: apesar de ter sido desprezado, apesar de reduzido a esta penedia, não há ainda outra formosura a quem eu mais queira, senão á de Tétis; note-se a propositada repetição de sons: «senti», «sinto».

---

53 Como fôsse impossíbil alcançá-la
Pola grandeza fea de meu gesto,
Determinei por armas de tomá-la,
E a Dóris êste caso manifesto.
De mêdo a deusa então por mi lhe falla;
Mas ella, c'um fermoso riso honesto,
Respondeu: — «Qual será o amor bastante
De nimpha, que sustente o d'um gigante?

«*Como fôsse impossível*, para mim, o *alcançá-la* (1) *pela* [= *por causa da*] *feia grandeza do meu gesto* (2), *determinei de tomá-la por* [*por meio de*] *armas* (3), *e manifestei êste caso a Dóris* (4); *a deusa* [*Dóris*], *de mêdo* [*com mêdo das minhas ameaças*] *falou-lhe então por mim, mas ela* [*Tétis*], *com um riso formoso* e *honesto* (5), *respondeu:*

— «*Qual será bastante o amor de Ninfa, que sustente* [*sacie*] o amor *dum gigante* (6)? [*Dóris continua a falar na estância seguinte*].

(1) Conquistá-la, obter o amor dela. (2) «Grandeza feia» = grande fealdade, do meu rosto; note-se a troca do substantivo pelo adjectivo. (3) Resolvi conquistá-la em guerra marítima. (4) A mãe de Tétis. (5) Tétis respondeu com honestidade, rindo-se ao mesmo tempo da pretensão desassisada do gigante. (6) «Qual será...»; maliciosa resposta que, por outras palavras, equivaleria a preguntar [por exemplo]: «como poderá haver igualdade entre os delicados sentimentos duma formosa ninfa e os grosseiros instintos dum monstro?»

---

54 «Com tudo, por livrarmos o oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira
Com que com minha honra escuse o dano.»
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu, que cair não pude neste engano,
(Que é grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abondanças
O peito de desejos e esperanças.

— *Contudo*, disse-me Tétis, *por* [= *para*] *livrarmos o oceano de tanta guerra, eu buscarei*, alguma *maneira com que, com honra minha* (1), *se escuse* [*evite*] *o dano* [*guerra*] (2).

« *Tal* foi [*foi esta*] a *resposta que me tornou* [*me trouxe*] *a mensageira* [*Dóris*]».

«*Eu, que pude cair neste engano* (3) [*que não pude perceber este ardil*], *que* [*porque*] *a cegueira dos amantes é grande*, fui néscio; *encheram-me* (4) *o peito* [*o coração*] *de desejos e esperanças com grandes abundanças* [*em grande abundância*] (5).

(1) A ninfa prometera, como se vê na estância seguinte, uma entrevista nocturna, mas procuraria maneira de que não perigassem os seus créditos de honesta; iria escondidamente. (2) Cfr. v, 53: o gigante tinha resolvido conquistar a ninfa «por armas». (3) Em escritos antigos encontra-se a expressão «cair em ...», para significar «entender», «perceber»; cfr. I, 96. (4) O sujeito dêste verbo é «Tétis e Dóris». (5) Vocábulo popular em aldeias do norte de Portugal.

Note-se o anacoluto no último periodo: «Eu ..., encheram-me». Cfr. III, 26 [«êste ... deu-lhe Deus»]; VIII, 58 [«o rei ..., êste temor lhe esfria o peito»]; etc.

55 «Já néscio, já da guerra desistindo,
Ũa noite, de Dóris promettida,
Me aparece de longe o gesto lindo
Da Branca Thétis, única, despida.
Como doudo corri, de longe abrindo
Os braços pera aquella que era vida
D'êste corpo, e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces e os cabellos.

Já néscio (1), *já desistindo da guerra* (2), em *uma noite prometida de* [= *por*] *Dóris* (3), *apareceu-me de longe o lindo gesto* [= *rosto*] *da branca Tétis, única* (4), *despida: como doido, e* ainda *de longe, corri abrindo os braços para aquela* ninfa *que era* a *vida dêste* meu *corpo. e comecei a beijar-lhe os belos olhos, as faces e os cabelos.*

(1) Tendo eu já ensandecido, estando cada vez mais louco de amor. (2) Cfr. est. 53: «o monstro resolveu conquistá-la por armas». (3) «A mensageira» [a medianeira dêstes amores]. (4) Sem que fôsse acompanhada; «única» poderá também, aqui, significar «sem igual» na beleza.

---

56 «Oh que não sei de nojo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'um duro monte
De áspero mato e de espessura brava.
Estando c'um penedo fronte a fronte,
Qu'eu polo rosto angélico apertava,
Não fiquei homem, não, mas mudo e quedo,
E junto d'um penedo outro penedo.

«*Oh! que não sei de nojo* (1) *como o conte! que* [= *pois*], *crendo ter nos braços quem* eu *amava, achei-me abraçado com um duro monte de áspero mato* (2) *e de brava espessura* (3). *Estando* eu *com um penedo* (4) *fronte a fronte* (5) — penedo *que eu apertava pelo* [*por julgar ser o*] *angélico* (6) *rosto* de Tétis, — *não fiquei homem* (7), *não; mas* um penedo *mudo e quedo, e junto de um penedo* ficou *outro penedo*.

(1) Amargura, dor: aqui se explica a «voz amara» com que falou o monstro [v, 49]; pesava-lhe renovar a sua dor contando quem era, recordando a amargura das suas ilusões. (2) Espinhosas plantas do mato. (3) Florestas espessas de árvores frondosas. (4) Penhasco, pedra escalvada, em que se transformara o corpo de Tétis. (5) «Fronte a fronte», um penedo chegado a outro. (6) «Pelo angélico», etc. — a preposição «por» designando uma cousa substituindo a outra; supondo eu ser o angélico e lindo rosto... (7) «Não fiquei...», etc.; o gigante perdeu a consciência e os atributos de homem; petrificado com o contacto do penedo que abraçava, ficou horrendo; v, 49.

---

57 «Oh nimpha, a mais fermosa do oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fôsse monte, nuvem, sonho ou nada? —
D'aqui me parto irado e quási insano
Da mágoa e da deshonra ali passada,
A buscar outro mundo onde não visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

«*Ó ninfa* (1), *a mais formosa do oceano, já que a minha presença te não agradava, que te custava*

ter-me [*conservar-me*] *neste engano?! ou* êste *fôsse monte, nuvem, sonho ou nada!»*

Daqui (2) *irado, e quási insano* [*louco*] por causa *da mágoa e da desonra ali passada, parti a buscar outro mundo, onde não visse quem se risse do meu pranto e do meu mal* (3).

(1) O gigante interrompe a narrativa, que estava fazendo a Vasco da Gama, para dirigir à Tétis, ausente, a apóstrofe contida nos quatro primeiros versos, lastimando-se de que a ninfa o transformasse daquele modo; êle queria continuar a viver enganado de promessas, embora fingidas, assim viveria bem; mesmo abraçado a um monte, a uma nuvem, ou a cousa alguma, em sonho com a ninfa. (2) «Daqui», depois disto [da sua transformação]. (3) Infortúnio.

---

58 «Eram já neste tempo meus irmãos
Vencidos, e em miséria estrema postos;
E, por mais segurar-se os deuses vãos,
Alguns a vários montes sottoppostos:
E como contra o ceo não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo
Por meus atrevimentos o castigo.

«*Neste tempo* (1), *eram* [*estavam*] *meus irmãos* (2) *já vencidos, e postos em extrema miséria, e alguns* dêles — *por* [= *para*] *os deus vãos* (3) *se segurarem* (4) *mais* — estavam *sotopostos* (5) *a vários montes; e, como contra o céu* (6) *não valem* humanas *mãos, eu, que andava chorando os meus des-*

gostos, comecei a sentir, por causa dos *meus atrevimentos* (7), *o castigo do* meu *inimigo fado* (8).

(1) No tempo dos amores do gigante. (2) Os gigantes Briareu, Egeu; v, 51. (3) Ufanos, soberbos: epíteto que Adamastor despeitado aplica aos deuses que o aniquilaram. (4) Para ficarem mais seguros, Júpiter e os mais deuses puseram os outros gigantes debaixo de vários montes, como foi aquele que ficou esmagado pelo Etna. (5) «Sotopostos a . . .», postos debaixo de . . . (6) «Contra o céu . . .», contra o Deus poderoso é inútil a resistência. (7) «Atrevimento», a ousadia de se rebelar contra Júpiter. (8) «O castigo . . .», a punição que me infligiu o destino que se tornou inimigo meu.

---

59 «Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros que vês e esta figura
Por estas longas águas se estenderam:
Em fim, minha grandíssima estatura
Neste remoto cabo converteram
Os deuses; e por mais dobradas mágoas,
Me anda Thétis cercando d'estas águas.»

«*Converteu-se-me a carne em terra dura, fizeram-se-me os ossos em penedos* (1); *estes membros que vês, e esta figura, estenderam-se por estas longas águas* [*prolongaram-se por êste longínquo mar*]; *emfim os deuses converteram* a *minha grandíssima estatura neste remoto* (2) *cabo, e, por* [*para*] serem *mais dobradas* as minhas *mágoas, anda-me Tétis cercando destas* [= *com estas*] *águas* (3).

(1) Acaba na presente estância a prosopopeia, em que o Poeta dá fala ao Promontório, representado pelo gigante e,

contando êste, afinal, como se realizara a sua transformação. (2) Longínquo, situado longe de terras habitadas. (3) «Por mais dobradas»; lembram estas palavras outro suplício fabuloso—o de Tântalo, que estando a morrer de sêde, e tendo água ao pé de si, não a podia beber; a dor do gigante por não ter possuído a amada Tétis, e por estar convertido no cume daquele promontório, era duplicada, por isso dobrado o castigo, tendo agora Tétis sempre junto dêle, nas águas a que não podia chegar.

---

60 Assi contava, e c'um medonho chôro
Súbito d'ante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e c'um sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao sancto côro
Dos anjos, que tam longe nos guiou,
A Deus pedi que removesse os duros
Casos que Adamastor contou futuros.

—*Assim contou* o gigante, *e, súbito* (1), *com um medonho chôro, se apartou de ante os* meus (2) *olhos; a nuvem negra desfez-se, e o mar soou* (3) *muito longe* (4) *com um sonoro bramido. Eu—levantando as mãos ao Santo côro dos Anjos* (5), *que tam longe nos guiou,—pedi a Deus que removesse* (6) *os duros casos futuros que Adamastor contara.*

(1) Sùbitamente; acabando de dizer o que nas estâncias precedentes foi contado, de repente desapareceu. (2) Nas estâncias precedentes, Vasco da Gama estava repetindo as palavras de Adamastor; agora [continuando a dirigir-se ao rei de Melinde] fala em seu próprio nome. (3) Resoou. (4) «Muito longe», até grande distância. (5) Levantando o coração e o pensamento às regiões em que moram os anjos.

(6) Afastasse da realidade: o capitão pedia a Deus que não permitisse a realização dos cruéis vaticínios do gigante.

---

61 Já Phlégon e Pyróis vinham tirando
Cos outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando,
Em que foi convertido o gram gigante.
Ao longo d'esta costa começando
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo um pouco navegámos,
Onde segunda vez terra tomámos.

Flégon e Piróis (1), *com os outros dois* cavalos, *vinham já tirando* (2) *o radiante* (3) *carro* de Apolo, *quando se nos foi mostrando a alta terra* (4) *em que fôra convertido o grande gigante. Começando já* [= *logo*] *a cortar as ondas do Levante* (5) *ao longo desta costa, navegámos um pouco por ela abaixo* (6), até *onde tomámos terra segunda vez* (7).

(1) «Flégon e Piróis», nomes mitológicos de dois dos cavalos do carro de Apolo; os outros dois eram Eóo e Éton [do sol]. (2) Puxando. (3) Brilhantíssimo: nos dois primeiros versos, perífrase: era já sol nado» (4) A alta montanha, o promontório. (5) Oriente; o navegador dobrou o cabo e está já na costa oriental de África; «levante», porque da parte do Oriente se levanta o sol. (6) Com a proa dirigida para o norte: «abaixo» = ao longo, em sentido longitudinal, porque, no rigor da linguagem geográfica, os navios subiam do polo sul para o equador. (7) «Segunda vez», cfr. V, 8, 26; os navegantes haviam tomado mantimentos nas Canárias, não desembarcando aí, mas sim na baía de Santa Helena, a primeira vez. Esta segunda vez foi na baía então chamada de S. Brás [*Mossel Bay* nas cartas inglesas] e em 25 de Novembro de 1497.

---

62 A gente que esta terra possuía,
Pôsto que todos Etiopes eram,
Mais humana no trato parecia
Que os outros, que tam mal nos receberam.
Com bailos e com festas de alegria
Pela praia arenosa a nós vieram,
As molheres consigo, e o manso gado
Que apacentavam, gordo e bem criado.

A gente que possuía [*habitava*] *esta terra*, — *pôsto que todos* os habitantes *eram etíopes* (1) — *parecia mais humana* (2) *no trato* (3), do *que os outros* etíopes *que tam mal nos receberam* na baía de Santa Helena (4). Os homens *vieram a nós pela arenosa praia, com bailes* [*danças*] *e festas de alegria, trazendo consigo as mulheres e o manso, gordo e bem criado gado que apascentavam.*

(1) Pronuncie-se, no verso, «etiópes»; eram cafres; supunha-se naquela época que a Etiópia continuava nas regiões da África do Sul. (2) Benigna. (3) Convivência. (4) Cfr. v, 32, 33.

---

63 As molheres queimadas vem encima
Dos vagarosos bois, ali sentadas;
Animais, que elles tem em mais estima
Que todo o outro gado das manadas.
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
Na sua língua cantam, concertadas
Co doce som das rústicas avenas,
Imitando de Títiro as Camenas.

As queimadas mulheres (1) *vinham sentadas ali em cima dos vagarosos bois — animais que êles* [os etíopes] *tem em mais estima* do *que todo o outro gado das manadas*, — e *cantavam, na sua lingua, cantigas pastoris* em *prosa ou* em *rima* (2), e *concertadas* (3) [*harmonizadas*] *com o doce* (4) *som das rústicas avenas* (5), *imitando as Camenas* (6) *de Títiro.*

(1) As pretas; cfr. I, 49. (2) Não sendo percebida a linguagem dos indígenas, não poderiam saber, os navegantes, se a letra da cantoria era em prosa ou em verso. (3) As vozes das mulheres formavam harmonia com os instrumentos. (4) Agradável. (5) Flautas pastoris; I, 5. (6) Musas campestres celebradas nas *Éclogas*, de Vergílio [poeta latino], e com a significação figurada de «cânticos pastoris», entoadas pelo pastor Títiro [nome inventado pelo mesmo poeta].

---

64 Estes, como na vista prazenteiros
Fôssem, humanamente nos trataram,
Trazendo-nos galinhas e carneiros,
A trôco d'outras peças que levaram;
Mas como nunca em fim meus companheiros
Palavra sua algũa lhe alcançaram,
Que desse algum sinal do que buscámos,
As velas dando, as âncoras levámos.

Estes pretos, *como fôssem na* nossa *vista prazenteiros* (1), *trataram-nos humanamente* (2), *trazendo-nos galinhas e carneiros, a trôco doutras peças* (3) *que levaram; mas, emfim — como nunca* os *meus companheiros lhes alcançassem palavra al-*

guma sua que desse sinal algum do que buscávamos (4) — *e levámos* (5) *as âncoras, dando as velas* ao vento (6).

(1) Contentes; parece que se alegraram de nos ver. (2) Com benignidade. (3) Objectos. (4) «Nunca lhes alcançassem...», etc., nunca pudemos obter, daquela gente, notícia do caminho, que procurávamos, para a Índia. (5) «Levar a âncora», [termo antigo náutico], levantar ferro, suspender as âncoras. (6) Desfraldando as velas, continuando a navegar.

---

65 Já aqui tínhamos dado um gram rodeio
Á costa negra de África, e tornava
A proa a demandar o ardente meio
Do ceo, e o polo antártico ficava.
Aquelle ilheo deixámos, onde veio
Outra armada primeira, que buscava
O Tormentório Cabo, e descuberto,
Naquelle ilheo fez seu limite certo.

Aqui, já tínhamos dado um grande rodeio à negra costa (1) *de África, e a proa* de cada uma das nossas naus *tornava a demandar o ardente meio do céu* (2), *e ficava* para trás de nós *o polo Antártico; deixámos aquele ilhéu, aonde veio* a *outra primeira armada* portuguesa *que buscava o cabo Tormentório, e* que, *descoberto* êle, *fez seu limite certo* (3) *naquele ilhéu.*

(1) «Negra costa» [cfr. v, 7], «negro rio»; com a mesma linguagem figurada se diz hoje «o continente negro». (2) Tornámos a dirigir-nos para o equador; na costa ocidental de África [no Atlântico] haviam andado de norte e sul para

lá chegar; agora no Oceano Índico, de sul para norte, ficando na pôpa o polo sul [Antártico]. (3) Bartolomeu Dias passara por uma ilhota, que chamou de Santa Cruz, deixando aí um padrão; não continuou; foi por isso aí o limite da viagem de ida; na volta, é que descobriu o cabo, depois chamado da Boa Esperança.

---

66 D'aqui fomos cortando muitos dias,
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de árduas esperanças.
Co mar um tempo andámos em porfias,
Que, como tudo nelle são mudanças,
Corrente nelle achámos tam possante,
Que passar não deixava por diante.

Daqui (1), — por *muitos dias, entre tristes tormentas e bonanças* (2) — , *fomos cortando* as ondas *no largo mar,* e *fazendo novas vias, conduzidos só de* [= *por*] *árduas esperanças* (3): *um tempo* [*durante algum tempo*] *andámos em porfias com o mar* (4), *que* [= *pois*], — *como tudo, nele, são mudanças* — , *achámos nele tam possante* (5) *corrente, que* esta *não deixava passar* as naus *por* [= *para*] *diante.*

(1) Depois disso, depois de ter passado a armada na altura daquela ilha de Santa Cruz, fizeram os navegantes viagem nova; porque eram êles os primeiros; Bartolomeu Dias não passara dali. (2) Ora tempestades, ora calmaria, como é próprio do Mar Índico. (3) Esperanças acompanhadas de contratempos e de trabalhos. (4) Os navios, com vento favorável e com todas as velas, nem por isso avançavam, paravam quando a fôrça da corrente [em sentido contrário ao vento]

era maior; alude-se aqui à passagem do Cabo das Correntes, onde se repete freqùentemente êsse fenómeno; os navegantes porfiavam em andar para diante, a corrente não lho permitia. (5) Forte, impetuosa.

---

67 Era maior a fôrça em demasia,
Segundo pera trás nos obrigava,
Do mar, que contra nós ali corria,
Que por nós a do vento que assoprava.
Injuriado Noto da porfia
Em que co mar (parece) tanto estava,
Os assopros esforça iradamente,
Com que nos fez vencer a gram corrente.

A fôrça, em demasia, do mar, que ali corria contra nós — segundo [visto que] para trás nos obrigava — era maior (1), do *que a* fôrça *do vento que assoprava por nós* (2). *O* vento *Noto* (3), — *parece* que *injuriado da* [= *pela*] *porfia* (4) *em que tanto estava com o mar —, esforçava iradamente* (5) *os assopros, com que nos fez vencer a grande corrente.*

(1) Desenvolvimento de idea expressa na estância antecedente: ali, a fôrça da corrente não deixava avançar as naus; aqui, essa fôrça ainda é maior, obriga-as a recuar; «fôrça em demasia maior», fôrça imensamente maior. (2) «Por nós», a nosso favor; vento pela pôpa. (3) Nome latino do vento sul. (4) «Injuriado», etc., [prosopopeia], o vento indignado com a resistência [a porfia, a teima] da corrente marítima. (5) «Exforçava», etc.; continuação da prosopopeia; o vento, irritado, sopra com violência em sentido contrário ao da corrente.

No verso 2, «segundo»: cfr. v, 31[7] e *passim*.

68 Trazia o sol o dia celebrado,
Em que três reis das partes do Oriente
Foram buscar um rei, de pouco nado,
No qual rei outros três há juntamente:
Neste dia outro pôrto foi tomado
Por nós, da mesma já contada gente,
Num largo rio, ao qual o nome démos
Do dia em que por elle nos metemos.

O sol trazia o celebrado dia em que três Reis das partes do Oriente (1) *foram buscar um Rei* (2) *de pouco* tempo *nado* (3), *no qual Rei há, juntamente, outros três* (4); *neste dia* de Reis, *foi por nós tomado outro pôrto, da* [*povoado pela*] *mesma gente já* por mim *contado* [*povoado de pretos*] e — *num largo rio* (5) *ao qual démos o nome do dia em que por êle nos metemos.*

(1) «O sol trazia...», o sol abrilhantava o dia em que se rememora a festividade católica dos Santos Reis [II, 68; V, 14] — a Epifania [manifestação de Jesus Cristo aos reis Magos]; era o dia 6 de Janeiro de 1498. (2) «Reis» [fig.], Jesus. (3) Nascido. (4) Perífrase: a Santíssima Trindade. (5) Os navegantes deram a êste pôrto o nome de «Aguada da Boa Paz», e ao rio o nome de «Rio dos Reis»; supõe-se que êste se deve identificar com o rio Save, entre Lourenço Marques e Inhambane.

69 D'esta gente refresco algum tomámos,
E do rio fresca água; mas com tudo
Nenhum sinal aqui da Índia achámos
No pôvo, como nós outros quási mudo.
Ora vê, Rei, camanha terra andámos,
Sem sair nunca d'êste povo rudo,
Sem vermos nunca nova nem sinal
Da desejada parte oriental.

Tomámos, desta gente, algum refresco (1), *e* tomámos, *do rio, fresca água; mas, contudo* (2), *nenhum sinal da Índia aqui achámos no povo*, que foi, *com* [= *para*] *nós outros, quási mudo. Ora vê, ó Rei, quamanha terra* [*que imensa extensão da terra*] *andámos, sem nunca sairmos dêste povo rude* (3), e *sem nunca vermos nova nem sinal da desejada parte oriental* do globo terrestre.

(1) Os navegantes receberam da terra alguns mantimentos; cfr. I, 55 e *passim*. (2) Conjunção pleonástica. (3) Vasco da Gama queixa-se, ao rei Melindano, de haver percorrido tam extensa costa sem encontrar senão povos selvagens; gente que não falava com os navegantes, porque estes não a entendiam.

O pronome «algum», no primeiro verso, não tem aqui o sentido negativo que se lhe dá na escrita moderna quando proposto ao nome.

70 Ora imagina agora, quam coitados
Andaríamos todos, quam perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas e por mares não sabidos,
E do esperar comprido tam cansados,
Quantos a desesperar já compellidos,
Por ceos não naturais, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade:

Ora imagina agora, quam coitados [*quanto dignos de dó*] *andaríamos todos, quam* [*quanto*] *perdidos de fomes*, e *quebrantados de tormentas, por climas* [*regiões*] *e por mares não sabidos* [*não conhecidos*]: *e, já tam cansados do esperar comprido*, imagina *quanto estaríamos já compelidos a desesperar*, andando *por céus* [*atmosferas*], *não naturais* (1), e *de qualidade inimiga da nossa humanidade* (2).

(1) De natureza imprópria para a vida de europeus. (2) Clima inimigo da saúde dos portugueses; referência às enfermidades e privações de que se faz menção em outros lugares.

«Quebrantados de tormentas» [verso 3]; exaustos de fôrças, em conseqüência dos trabalhos da navegação durante constantes tempestades.

Em «esperar comprido» [verso 5], o adjectivo equivale a uma locução adverbial: esperar por tempo indefinido, esperar em vão.

71 Corrupto já e danado o mantimento,
Danoso e mao ao fraco corpo humano,
E além disso nenhum contentamento,
Que sequer da esperança fôsse engano!
Crês tu, que se êste nosso ajuntamento
De soldados não fôra lusitano,
Que durara elle tanto obediente
Por ventura a seu rei e a seu regente?

¿Estando *já corrupto e danado* (1) *o mantimento* (2), e portanto *danoso* (3) *e mau ao* [*para o*] *fraco corpo humano, e, além disso*, estando nós *sem nenhum contentamento, que, sequer* [= *ao menos*] *fôsse engano da esperança; crês tu que êste nosso ajuntamento* [*esta nossa tripulação*], *se não fôsse lusitano, durasse porventura tanto* tempo e *obediente ao seu rei e ao seu regente* [capitão] (4)?!

(1) Danificado, estragado. (2) Provisões do navio para alimento da tripulação. (3) Prejudicial. (4) Afirma o capitão, ao rei de Melinde, que outros quaisquer marinheiros, que não fôssem portugueses, por índole obedientes ao seu rei e à disciplina, teriam sido levados pelo desespêro, suportando semelhantes trabalhos, a revoltar-se, para não continuarem a viagem [idea mais desenvovida na estância seguinte].

---

72 Crês tu, que já não foram levantados
Contra seu capitão, se os resistira,
Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente por certo estão provados,
Pois que nenhum trabalho grande os tira
D'aquella portuguesa alta excellência
De lealdade firme e obediência.

¿ *Crês tu, que* outros marinheiros, não sendo portugueses, *obrigados* [*compelidos*] (1) *pela desesperação, pela fome e pela ira não se teriam levantado contra o seu capitão, — se* êste *lhes resistisse* (2) —, *fazendo-se piratas?* Estes nossos *estão por certo grandemente provados* [*experimentados*] (3), *pois que* [*visto que*] *nenhum grande trabalho* [*sacrifício*] *os tira daquela alta excelência* (4) *portuguesa*, que é *de lialdade e firme obediência*.

(1) «Obrigados de . . .» = obrigados por. (2) «Se os resistira», se o capitão lhes opusesse resistência física ou moral; aqui o verbo é transitivo, e assim era usado pelos clássicos. (3) Esta viagem, de tantos contratempos e aflições, deixara provadas as excelentes qualidades do marinheiro português. (4) Virtude.

---

73 Deixando o pôrto em fim do doce rio,
E tornando a cortar a água salgada.
Fizemos d'esta costa algum desvio,
Deitando pera o pego toda armada;
Porque, ventando Noto manso e frio,
Não nos apanhasse a água da enseada,
Que a costa faz ali d'aquella banda,
D'onde a rica Sofala o ouro manda.

Deixando, emfim, o pôrto do doce rio (1), *e tornando a cortar* (2) *a água salgada, fizemos algum desvio* (3) *desta costa, deitando toda a armada para o pêgo* (4), *porque* [*para que*], *ventando* (5) o *manso e frio Noto* (6), *não nos apanhasse a água da en-*

seada (7), *que ali faz a costa daquela banda* (8) *donde a rica Sofala manda o ouro.*

(1) «Rio dos Reis»; [nas cartas de hoje, o Save?]; rio de água doce [não salgada] onde não chegavam as marés. (2) Sulcar a... navegar na... (3) Desviaram-se um pouco da costa. (4) «Deitando», etc.; dirigindo os navios para o mar largo; pégo, literalmente, é o lugar mais fundo, dum rio ou lago. (5) «Ventando», se ventasse, se soprasse com fôrça. (6) Sul; naquele hemisfério, o vento sul é geralmente plácido e frio. (7) «Para que não nos apanhasse...», etc.; queriam os navegantes evitar que o vento os impelisse para dentro do pequeno pôrto de Sofala, onde correriam perigo de encalharem as naus. (8) «Daquela banda»; daquele lado, daquela parte; naquela altitude a costa africana faz uma curva reintrante [enseada], sítio, no qual embarcava o ouro que a gente de Sofala extraía das suas terras, e mandava para o oriente.

Note-se que Vasco da Gama não havia tocado em Sofala; mas tendo estado já em Moçambique, e outras terras de África Oriental, aí lhe dariam notícia dessa região; e estando a falar com o rei de Melinde, devia êste já conhecê-la.

---

74 Esta passada, logo o leve leme
Encomendado ao sacro Nicolao,
Pera onde o mar na costa brada e geme,
A proa inclina d'ũa e d'outra nao:
Quando, indo o coração que espera e teme,
E que tanto fiou d'um fraco pao,
Do que esperava já desesperado,
Foi d'ũa novidade alvoroçado.

Passada esta costa [*de Sofala*] (1), *o leve leme* (2), — *encomendado* (3) *ao Sacro Nicolau* —, *inclinou* (4) *logo a proa duma e outra nau para onde*

o mar bradava e gemia na costa (5), *quando* [*e nesse momento*] *o* nosso *coração, que esperava e temia* (6), *e que tanto fiava de um fraco pau* (7), — *indo já desesperado do que esperava,* — *foi alvoroçado por uma novidade* (8).

(1) «Passada», etc.; depois de terem passado para vante do pôrto de Sofala. (2) «Leve leme»; «leve», [fig.], ligeiro, ágil [porque se move com facilidade sôbre os gonzos que o levam seguro à pôpa do navio]. (3) Recomendado à protecção de ...; é tradição que, vendo-se perdidos no mar, uns navegantes invocaram o auxílio de S. Nicolau, oferecendo-lhe o leme da embarcação se chegassem a pôrto de salvamento; por isso ficou tido o Santo por advogado da gente do mar; entendendo-se, aqui, terem os navegantes invocado também essa protecção. (4) «Inclinou...»; o movimento do leme fez inclinar a proa duma das naus [e sucessivamente o fizeram os lemes dos outros navios] para a banda de terra. (5) «Onde o mar», etc.; as ondas quando rebentam sôbre o areal ou sôbre os cachopos fazem grande estrondo [fig., brado], depois, alongando-se, e desfazendo-se em espuma, produzem um som fraco, semelhante a chôro ou gemido; os navegantes, ouvindo tais sons, calcularam estar muito próximos de terra, em risco portanto de naufragarem por não conhecerem aquelas paragens; viam-se perdidos. (6) «Esperava e temia ...»; o coração dos navegantes alimentava esperanças de chegarem à Índia; por outro lado viam os temíveis perigos a que estavam continuadamente expostos. (7) «Tanto fiava», o coração confiava demasiadamente na segurança dos navios; «fraco pau», — a cana do leme. (8) Na estância seguinte se vê qual foi a novidade, o inesperado caso que produziu alvorôço [sobressalto de espírito] nos navegantes.

Note-se que o «leme», nas antigas embarcações, era fácil de mover, «leve» estando o mar tranqùilo; mas não assim com mar tempestuoso; cfr. VI, 73.

75 E foi que, estando já da costa perto,
Onde as praias e valles bem se viam,
Num rio, que ali sae ao mar aberto,
Batéis á vela entravam e saíam.
Alegria mui grande foi por certo
Acharmos já pessoas que sabiam,
Navegar; porque entr'ellas esperámos
De achar novas algũas, como achámos.

E a novidade *foi*, *que* — *estando* nós *já perto da costa, onde se viam bem as praias e os vales* — *entravam e saíam batéis à vela* (1) *num rio* (2) *que ali sai, aberto ao mar. Foi por certo mui grande alegria acharmos já pessoas que sabiam navegar; porque entre elas esperámos achar algumas novas* [*notícias*] da Índia, *como* efectivamente *achámos*.

(1) Cfr. I, 45 e 46; viram embarcações de vela como as que haviam encontrado em Moçambique; viam que já estavam próximos de gente com alguma civilização. (2) «Num rio...»; a foz via-se do mar largo, era o rio dos Bons Sinais [Quelimane, braço do Zambeze].

---

76 Ethiopes são todos, mas parece
Que com gente melhor comunicavam:
Palavra algũa arábia se conhece
Entre a linguagem sua que fallavam;
E com pano delgado, que se tece
De algodão, as cabeças apertavam;
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada um as vergonhosas partes cinge.

Eram todos etiopes (1) os tripulantes dêsses batéis, *mas parece que* êles *comunicavam* [*tratavam*] *com gente melhor* (2); *entre a sua linguagem que falavam, conhecia-se* de vez em quando *alguma palavra arábica* (3); *apertavam as cabeças com um delgado pano que se tecia* [*era tecido*] *de algodão*, e *cada um* dêsses pretos *cingia as partes vergonhosas com outro* pano *que se tingia* [*era tinto*] *de tinta azul.*

(1) No texto «etiopes» [cfr. v, 62], pretos. (2) Mais civilizada. (3) Na lingua que falavam ouvia-se uma ou outra palavra árabe; algumas palavras em suaíle, espécie de língua franca que se fala ainda hoje desde Suez até Quelimane. Cfr. estância seguinte.

---

77 Pela arábica lingua, que mal falam,
E que Fernão Martinz mui bem entende,
Dizem, que por naos, que em grandeza igualam
As nossas, o seu mar se corta e fende:
Mas que lá d'onde sae o sol, se abalam
Pera onde a costa ao sul se alarga e estende,
E do sul pera o sol; terra onde havia
Gente assi como nós da côr do dia.

Dizem os tripulantes dos batéis — *pela língua arábica que falam mal, e que Fernão Martins* (1) *entende muito bem, — que o seu mar* [*o mar, ali*] *é cortado e fendido* [*navegado*] *por naus que igualam as nossas em grandeza; mas que* essas naus *abalam, lá donde sai o sol* (2), *para onde a costa* africana *se alarga e se estende ao sul*, e voltavam *do sul*

para o sol — para *terras onde havia gente, assim como nós, da côr do dia* (3).

(1) Era um português dêste nome, que ia a bordo servindo de intérprete da língua árabe; Damião de Góis disse que êsse intérprete se chamava Martim Afonso. (2) «Se abalavam...», etc.; os navios de que falavam aqueles pretos vinham de portos do Oriente, iam à África mais ao Sul e voltavam aos mesmes portos para o Oriente; eram pangaios [embarcações] da Índia ou da Arábia, que iriam provávelmente a Sofala; «grandes» na linguagem exagerada dos pretos, ou na linguagem hiperbólica do Poeta, porque realmente o não eram tanto como os navios portugueses. (3) «Da côr do dia...», gente branca, árabes provávelmente.

---

78 Mui grandemente aqui nos alegrámos
Co'a gente, e com as novas muito mais:
Pelos sinais, que neste rio achámos
O nome lhe ficou dos Bons-Sinais.
Um padrão nesta terra alevantámos;
Que para assinalar lugares tais
Trazia alguns; o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabello.

Aqui nos alegrámos mui grandemente com a gente (1), e *muito mais* nos alegrámos *com as novas* (2); *pelos sinais que achámos neste rio, lhe ficou o nome dos «Bons Sinais». Levantámos, nesta terra, um padrão* (3) — *que* eu *trazia* com mais *alguns, para assinalar tais lugares* — padrão *que tem o nome do belo guiador de Tobias a Gabelo* (4).

(1) A gente da terra, e a dos batéis. (2) As notícias, que os navegantes tinham ouvido, eram bom sinal de estarmos

em caminho conhecido para a Índia. (3) Pedra com inscrição, comemorativa da descoberta; puseram a êsse padrão o nome do Anjo S. Rafael. (4) No século VIII A. C., no reino de Israel, vivia Tobias, varão célebre pelas suas virtudes; estando êste já cego, mandou seu filho [do mesmo nome] que fôsse a Ragas [na Média, Ásia] cobrar uma soma devida por Gabelo; o caminho era longo, cheio de perigos e desconhecido pelo jovem Tobias, mas a êste apareceu o Anjo S. Rafael, que não só lhe serviu de guia, mas até lhe deu um remédio, com o qual curou a cegueira do pai [Bíblia].

---

79 Aqui de limos, cascas, e d'ostrinhos,
Nojosa criação das águas fundas,
Alimpámos as naos, que dos caminhos
Longos do mar vem sórdidas e immundas.
Dos hóspedes, que tínhamos vezinhos,
Com mostras aprazíveis e jocundas,
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

Aqui (1), *as naus limpámos* (2) *de limos, de cascas* (3), *e de ostrinhas — nojosa* (4) *criação das fundas águas — que* [= *pois*] as naus vinham *sórdidas* (5) *e imundas* por causa *dos longos caminhos do mar. Dos hóspedes, que tinhamos vizinhos, houvemos sempre* o usado mantimento *com aprazíveis e jocundas mostras* (6) — sendo êles *limpos de todo o falso pensamento* (7).

(1) Neste rio dos Bons Sinais. (2) «Alimpar»; cfr. I, 3, 26, 37 e *passim*. (3) Conchas. (4) Aborrecida pelos navegantes, porque os limos e as ostras vão aderindo ao casco do navio, que está muito tempo sem ser limpo, e dificultam

o seu andamento. (5) Sujos. (6) «Aprazíveis...», etc.; com agradáveis e alegres demonstrações, receberam os navegantes os frutos da terra. (7) «Limpos...»; sem pensamento refalsado, com sinceridade.

No verso 7, «usado mantimento»: os frutos e objectos, que as naus costumavam receber, nos lugares em que aportavam, para mantimento dos tripulantes.

---

80 Mas não foi da esperança grande e immensa
Que nesta terra houvemos, limpa e pura
A alegria; mas logo a recompensa
A Ramnúsia com nova desventura.
Assi no céo sereno se dispensa:
Com esta condição pesada e dura
Nacemos: o pesar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

Mas não foi limpa e pura a alegria da grande e imensa esperança que nesta terra houvemos; mas [= *pois*] *logo a Ramnúsia* (1) *a recompensou* [*compensou essa alegria*] *com desventura nova. Assim no sereno céu* (2) *se dispensa* o bem e o mal; *nascemos com esta pesada e dura condição* (3)! *O pesar terá firmeza* [*duração*], *mas a natureza logo mudará o bem* em mal (4)!

(1) Epíteto de Nemésis, deusa da vingança e da inveja — denominada «Ramnúsia», por ter culto em Ramnone, povoação da Ática [Grécia]; após a alegria, que lhes deu a esperança de estarem no bom caminho, veio a nova desgraça, que na estância seguinte se relata; o mal a compensar o bem. (2) «Sereno céu», benigna Providência; há nestas pa-

lavras o sentimento da dolorosa resignação. (3) Triste e cruel destino. (4) O bem dura pouco, o mal é constante.

---

81 E foi, que de doença crua e feia,
A mais que eu nunca vi, desempararam
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos pera sempre sepultaram.
Quem haverá que sem o ver o creia?
Que tam disformemente ali lhe incharam
As gingivas na bôca, que crecia
A carne, e juntamente apodrecia:

E a nova desventura *foi, que muitos* dos nossos companheiros *desampararam a vida* (1), *e sepultaram os ossos, para sempre, em terra estranha e alheia*, e *de doença, a mais crua* (2) *e feia que eu nunca vi. ¿Quem haverá que, sem o ver, o creia? que* [= *pois*] *ali lhes incharam as gengivas na bôca tam disformemente, que a carne crescia e juntamente* [*ao mesmo tempo*] *apodrecia* [*gangrenava*] (3).

(1) «Desampararam...» ou foram desamparados pela vida; faleceram. (2) Cruel. (3) A doença era o escorbuto e febre maligna, de que muito padeciam as tripulações dos navios de vela nas longas viagens, em que faltava boa água e os alimentos estavam corruptos.

---

82 Apodrecia c'um fétido e o bruto
Cheiro, que o ar vizinho inficionava:
Não tínhamos ali médico astuto,
Sururgião sutil menos se achava;
Mas qualquer neste officio pouco instructo
Pela carne já podre assi cortava,
Como se fôra morta; e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.

A carne *apodrecia com um fétido e bruto* (1) *cheiro, que inficionava o ar vizinho* (2); *não tínhamos ali médico astuto* (3), *menos* [= *também não*] *se achava* ali *cirurgião subtil* (4); *mas qualquer* de nós, *pouco instructo* (5) *neste oficio, cortava já pela carne podre, assim como se fôra* carne *morta*; *e bem convinha* que fôsse cortada, *pois que ficava morto quem a tinha.*

(1) Repelente. (2) O mau cheiro corrompia o ar no sítio em que estavam os enfermos. (3) Perspicaz. (4) Hábil. (5) Instruido, perito.

---

83 Em fim que nesta incógnita espessura
Deixámos pera sempre os companheiros,
Que em tal caminho e em tanta desventura,
Foram sempre com nosco aventureiros.
Quam fácil é ao corpo a sepultura!
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
Receberão de todo o illustre os ossos.

Emfim, foi *nesta incógnita* (1) *espessura* (2), *que deixámos para sempre os companheiros que em tal*

caminho foram sempre aventureiros connosco (3) *em tanta desventura! quam fácil é ao corpo a sepultura* (4)! *quaisquer ondas do mar, quaisquer outeiros estranhos* (5) receberão *os ossos de todo o* homem *ilustre assim mesmo como* receberão *os* (6) *nossos!*

(1) Desconhecida [pelos portugueses]. (2) Nas florestas desta região ignorada. (3) «Foram aventureiros connosco», andaram connosco expostos a éstes perigos, com tanta desventura, com tanta infelicidade. (4) «Quam fácil . . .», alegoria subentendida: vivos, não cabemos onde estamos, parece-nos pouco tudo quanto possuímos, temos dificuldade em viver; mortos, fàcilmente cabemos em qualquer lugar. (5) «Outeiros estranhos», montes, [fig.], chão de terra alheia [que não é da nossa pátria] (6) «Receberão aos . . .» [no texto] = receberão os . . . [a preposição «a» como complemento de verbos transitivos é ainda hoje de uso, mas muito restrito — cfr. «servir a Deus» «amar a seus filhos», etc.]; nos últimos três versos lembra Vasco da Gama que muitos varões ilustres ficaram sem digna sepultura, do mesmo modo que ésses companheiros sepultados em Quelimane.

---

84 Assi que d'êste pôrto nos partimos
Com maior esperança e mór tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum sinal de mais firmeza.
Na dura Moçambique em fim surgimos,
De cuja falsidade e má vileza
Já serás sabedor, e dos enganos
Dos povos de Mombaça pouco humanos.

Foi *assim* [*desta maneira*] *que partimos* (1) *dêste pôrto — com maior esperança e maior tristeza* (2) —

e abrimos o mar pela costa abaixo, buscando algum sinal de mais firmeza (3); *emfim surgimos* (4) *na dura* (5) *Moçambique, de cuja falsidade e má vileza já serás sabedor* (6), — *e* também serás sabedor *dos enganos* (7) *dos povos pouco humanos* (8) *de Mombaça* (9).

(1) «Partir-se de...» = partir de; *passim*. (2) «Esperança...»: os bons sinais de estarmos no caminho da Índia; tristeza: pela morte dos companheiros. (3) «Mais firmeza», maior segurança, maior certeza [do caminho para a Índia]. (4) Termo náutico, cfr. I, 102: fundeámos, largámos as âncoras no pôrto. (5) Cruel. (6) O rei de Melinde podia ter conhecimento dêsses casos, recebendo notícias por terra. (7) Ciladas, traições. (8) Benignos. (9) Cfr. I, 54, 101, 103; II 56, 69; V, 45.

---

85 Até que aqui, no teu seguro pôrto,
Cuja brandura e doce tratamento
Dará saúde a um vivo, e vida a um morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento.
Aqui repouso, aqui doce confôrto,
Nova quietação do pensamento
Nos deste: e vês aqui, se atento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.

Assim temos navegado, *até que* afinal *a piedade do alto assento* (1) *nos trouxe aqui, ao* (2) *teu seguro* (3) *pôrto* (4), *cuja brandura e doce tratamento* (5) *dará saúde a vivos e vida a mortos* (6). *Aqui nos deste repouso, aqui* nos deste *doce confôrto* (7) *e nova quietação do pensamento* (8): *e aqui vês*, — *se atento* me *ouviste*, — que *te contei tudo quanto me pediste*.

(1) Morada celeste, [fig.]. Deus, que está nessa morada; a piedade da Providência divina. (2) «Nó» = ao. (3) Livre de perigo. (4) Aqui tomada esta palavra [ao mesmo tempo] no sentido literal [o ancoradouro] e no sentido figurado [os habitantes]. (5) Benevolência e carinho. (6) «Vida a um morto»; hipérbole para exaltar a bondade do rei de Melinde. (7) Carinhoso auxílio. (8) Sossêgo de espírito.

---

86 Julgas agora, rei, se houve no mundo
Gentes que tais caminhos cometessem?
Crês tu que tanto Eneas e o facundo
Ulisses pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que d'elle se escrevessem,
Do que eu vi, a poder d'esfôrço e de arte,
E do que inda hei de ver, a oitava parte?

¿ Julgas agora, ó rei, que no mundo tenha havido gentes que tais caminhos [*viagens*] *cometessem* [*intentassem*]*? ¿ Crês tu, que Eneas* (1) *e o facundo* (2) *Ulisses* (3) *se estenderam* (4) *tanto* como nós *pelo mundo? ¿ Ousou algum* navegante, — *por mais versos que dêle se escrevessem* (5) —, *ver, do mar profundo* (6), *a oitava parte do que eu vi, e do que ainda hei-de ver* (7) *a poder de esfôrço e arte* (8)?

(1) O principe troiano; I, 3; III, 7. (2) Talentoso. (3) O herói grego que deu assunto à *Odisseia;* I, 3; II, 45; III, 18, 57; IV, 84; etc. (4) Espalharam. (5) Os poemas de Homero e Vergílio. (6) Que é extenso e profundo. (7) «Do que ainda...», etc.; espécie de vaticínio, revelando a confiança que tinha Vasco da Gama na sua coragem. (8) Intrepidez e sciência da navegação.

Eneas fôra de Tróia a Constantinopla e dali a Cartago; Ulisses navegara nos mares de Itália e viera a Lisboa. A

ficção poética deu grande vulto às viagens do «sábio grego», proclamando que êle, quando terminara o cêrco de Tróia, quis voltar para Itaca, sua pátria, a encontrar-se com Penélope, sua espôsa, e andou errante sôbre as ondas durante dez anos, tendo diante dos olhos, por uma espécie de miragem, a sua ilha — isto em resultado de castigo inflingido por Neptuno. Vasco da Gama diz ao rei de Melinde que as suas viagens foram maiores do que as viagens até então célebres.

---

87 Êsse que bebeu tanto da água aónia,
Sôbre quem tem contenda peregrina
Entre si Rodes, Smirna e Colofónia,
Atenas, Chios, Argo, e Salamina;
Êss'outro que esclarece toda Ausónia,
A cuja voz altísona e divina,
Ouvindo, o pátrio Míncio se adormece,
Mas o Tibre co som se ensobervece;

Êsse poeta [*Homero*], *que tanto bebeu da água Aónia* (1), e, *sôbre quem tiveram peregrina contenda entre si* sete cidades — *Rodes, Smirna, Colofónia, Atenas, Quio, Argo e Salamina* (2); *êsse outro* poeta, *que esclarece* (3) *toda a Ausónia* (4), e, *a cuja altísona e divina voz* (5), *adormece o pátrio Míncio* (6) *mas com* cujo *som se ensoberbece* (7) *o Tibre* (8); [os verbos correspondentes aos sujeitos da oração iniciada na presente estância — «cantem», «louvem», etc., — são as primeiras palavras da estância seguinte; e, estando no modo conjuntivo, podem exprimir-se, em linguagem corrente, pelo pretérito do indicativo].

(1) «A fonte de Hipocrene», [fig.]: Aónia era a parte da Beócia onde residiam Apolo e as Musas; o poeta referido

nesta perífrase, [cfr. I, 12], por beber muita água dessa fonte, tinha grande inspiração. (2) Tiveram extraordinária contenda entre si estas cidades gregas, disputando o nascimento de Homero. (3) Ilumina, dá fulgor, ilustra, honra [referência a Vergílio]. (4) «Ausónia» [aqui a parte pelo todo] era uma região célebre da Itália, e assim chamada por ter aí nascido Ausónio, filho de Ulisses e de Calipso. (5) «Altisona...», etc., [fig.], eloqüentes e divinos versos. (6) Nome do rio que atravessa Mântua, cidade da Itália, em que nascera Vergílio. (7) Honra-se, orgulha-se. (8) Nome do rio de Itália que passa em Roma; o poeta referido na perífrase dos últimos quatro versos, Vergílio, inspirou-se nas margens do Míncio, para escrever os suaves cantos campesinos das Éclogas e Geórgicas, e nas margens do Tibre para descrever, na *Eneida*, os heróis romanos; dêste modo, os habitantes do Míncio «adormecem» [deleitam-se]; os das margens do Tibre, os cidadãos de Roma, orgulham-se com êsses cantos. Diz Vasco da Gama, na presente estância e nas duas seguintes: que Homero fôra tam grande poeta, que ilustrou a Grécia; e que Vergílio, outro poeta que tanto ilustrou a Itália [a antiga nação romana], engrandeceu os feitos de Ulisses e Eneas, atribuindo-lhes trabalhos que não padeceram, perigos que se imaginaram, e viagens a terras longínquas, lutando com ventos e mares tempestuosos, feras medonhas, e horrores infernais; mas o que Vasco da Gama tem contado é a pura verdade, e os trabalhos e perigos que realmente padeceram os portugueses, e a extensão das suas viagens, tudo isso excede as façanhas e proezas imaginárias dos heróis gregos e romanos.

---

88 Cantem, louvem e escrevam sempre estremos
D'êsses seus semideuses, e encareçam
Fingindo, Magas, Circes, Polifemos,
Sirenas que co canto os adormeçam;
Dem-lhe mais navegar á vela e remos,
Os Cicones e a terra onde se esqueçam
Os companheiros, em gostando o loto;
Dem-lhe perder nas águas o pilôto.

Homero e Vergílio *cantaram, louvaram e escreveram sempre extremos* [*emprêsas extraordinárias*] *dêsses seus semideuses* [*Ulisses e Eneas*], *e encareceram-nos* [*exageraram*], *fingindo Magas* (1), *Circes* (2), *Polifemos* (3) *e Sirenas* (4), *que com o canto os adormeciam;* davam-lhes [*atribuiam*] *mais* o *navegarem, à vela e a remos nos* mares *Cicones* (5), e o irem *a terras, onde, — em gostando* [*provando*] *o loto* (6) — , *os companheiros se esqueciam* [*perdiam a memória*]; davam-lhes [*atribuiam-lhes*] *o perderem o pilôto* (7) *nas águas* do mar.

(1) Feiticeiras. (2) Nome duma fada [na *Odisseia*] que, para ter Ulisses junto de si, deu a beber aos companheiros dêle uma bebida que os embruteceu. (3) O gigante que ficou encarcerado no monte Etna; v, 28. (4) Sereias, monstros fabulosos [rosto e metade do corpo, mulher; cauda, de peixe] os quais, no litoral da Itália, atraiam, com os seus cantares, os navios que passavam e que iam naufragar nas penedias. (5) Povos de Trácia [hoje Bulgária e Rumélia], com os quais brigavam os companheiros de Ulisses, retirando-se do litoral à vela e a remos. (6) A terra dos Lotófagos, da fábula, que se sustentavam de fruto do loto — fruto tam delicioso, que os estrangeiros, comendo-o, esqueciam-se da sua pátria. (7) Alusão a ter Eneas perdido o pilôto no promontório de Lucânia [Itália antiga], e para lembrar que os portugueses fizeram a viagem de circunnavegação por mares desconhecidos, sem levarem pilôto ou prático dêsses mares.

---

89 Ventos soltos lhe finjam e imaginem
Dos odres, e Calipsos namoradas,
Harpias que o manjar lhe contaminem,
Decer ás sombras nuas já passadas:
Que por muito e por muito que se afinem
Nesta fábulas vãs, tam bem sonhadas,
A verdade, que eu conto nua e pura,
Vence toda grandiosa escriptura.»

Homero e Vergílio *fingiam-lhes* [*a Ulisses e a Eneas*], — *e imaginavam* [*inventavam*] —, *ventos soltos dos odres* (1), *Calipsos* (2) *namorados, e Harpias* (3) *que lhes contaminavam o manjar* [*lhes envenenavam os alimentos*]; êsses poetas inventaram o *descerem* tais heróis ao lugar em que estão *as nuas sombras* (4) *já passadas* [*que já não vivem*]: *que* [= *pois*] *por muito que* os mesmos poetas *se afinassem* [*se apurassem*] *nestas fábulas vãs* [*fingidas*] *tam bem sonhadas* [*imaginadas*] (5), *a verdade nua e pura que eu conto, vence* [*está acima de*] *toda a grandiosa escritura* [*sublime escrita*] dos poetas antigos.

(1) Reminiscência do trecho da *Odisseia*, onde Homero finge que Éolo tinha dado a Ulisses odres cheios de vento, para soltar aqueles que lhe fôssem favoráveis para navegar; Ulisses adormeceu, e os tripulantes, julgando que nos odres fôssem objectos preciosos, abriram-nos, e os ventos saindo dos odres levantaram enorme tempestade. (2) A rainha da ilha Ogígia [II, 45] que, enamorada de Ulisses, lá o conservou cativo durante sete anos. (3) Vorazes monstros alados, com rosto de mulher, corpo de abutre e aguçadas garras que envenenaram os alimentos de Eneas; alude-se, aqui, também à feiticeira Circe [V, 88], que deu venenosa bebida aos companheiros de Ulisses para os embrutecer. (4) «Nuas sombras», almas despidas do involucro corpóreo; alusão ás ficções de Homero e Vergílio, que se imagina que descem ao

inferno: Eneas, para falar ao pai Anquises; e Ulisses, para consultar as almas a respeito de cousas futuras. (5) «Por muito...», por mais que os grandes poetas se tenham apurado na perfeição e encanto dos seus versos e das suas ficções; é certo, que os factos verdadeiros contados por Vasco da Gama excedem, em valor, as proezas imaginárias atribuídas a Ulisses, a Eneas e aos seus companheiros.

---

90 Da bôca do facundo capitão
Pendendo estavam todos embebidos,
Quando deu fim á longa narração
Dos altos feitos, grandes e subidos.
Louva o rei o sublime coração
Dos reis em tantas guerras conhecidos:
Da gente louva a antiga fortaleza,
A lealdade d'ânimo e nobreza.

Estavam todos os ouvintes *embebidos* (1), *pendendo da bôca* (2) *do facundo* (3) *Capitão, quando* êste *deu fim à longa narração dos altos, grandes e subidos* (4) *feitos* dos portugueses. *O rei* de Melinde *louva o sublime coração dos reis em tantas guerras conhecidos; e louva a antiga fortaleza, a lialdade de ânimo e a nobreza da gente* lusitana.

(1) Atentos, enlevados, extasiados, absortos. (2) «Pendendo da bôca», [fig.], com os olhos fitos nos lábios de Vasco da Gama, para não perderem uma só das suas palavras. (3) Eloqùente. (4) Nobres, elevados.

---

91 Vai recontando o povo, que se admira,
O caso cada qual que mais notou:
Nenhum d'elles da gente os olhos tira,
Que tam longos caminhos rodeou.
Mas já o mancebo Délio as rédeas vira,
Que o irmão de Lampécia mal guiou,
Por vir a descansar nos thétios braços;
E el rei se vai do mar aos nobres paços.

O povo melindano, *que se admira* [= *que está admirado*] *vai recontando* [*cada qual reconta*] o *caso que mais notou; nenhum dêles* [*dos melindanos*] *tira os olhos da gente que tam longos caminhos rodeara* (1).

Mas o mancebo Délio (2) *virava já as rédeas* do carro, *que o irmão de Lampécia* (3) *mal guiara, por* [*para*] *vir a descansar nos braços Tétios* (4), *e el-rei* de Melinde *vai-se do mar aos* seus *nobres paços*.

(1) Tam longa viagem fizera em roda de África. (2) Epíteto de Apolo, por ter nascido em Delos [ilha do mar Egeu], antigo nome do mar do Arquipélago. (3) O irmão de Lampécia [Lampetusa] é Faetonte, filho de Apolo [I, 46], que imprudentemente, guiando o sol o [carro de Apolo], queimou parte da Terra. (4) Nos braços de Tétis; ao fim do dia o Sol, chegando ao horizonte marítimo, parece que vai esconder-se no mar; daí a fábula: que Apolo vai descansar nos braços da deusa; a perífrase contida nos versos 5, 6 e 7 significa ser sol pôsto quando Vasco da Gama acabou de falar, voltando para terra o rei de Melinde.

---

92 Quam doce é o louvor, e a justa glória
Dos próprios feitos, quando são soados!
Qualquer nobre trabalha que em memória
Vença ou iguale os grandes já passados.
As invejas da illustre e alhea história
Fazem mil vezes feitos sublimados:
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheo muito o esperta e incita.

Quam doce (1) *é o louvor, e* quanto *é* doce *a justa glória dos próprios feitos* (2), *quando são soados* (3)! *qualquer nobre* varão [*todo o nobre varão*] *trabalha,* para *que vença ou iguale, em memória, os grandes* varões *já passados* (4). *As invejas* (5) *da ilustre história alheia fazem, mil vezes, sublimados feitos* (6); a *quem exercita obras valorosas, esperta-o muito, e incita-o, o louvor alheio* (7).

(1) Agradável, aprazivel. (2) Proezas. (3) Cantados, celebrados. (4) «Trabalha que vença...», etc.; trabalha por vencer [exceder] ou igualar, em fama [memória], os grandes homens já passados [falecidos]. (5) «Invejas», aqui em boa parte; a emulação, o desejo nobre de ser afamado como os varões de quem fala a história doutros paises. (6) «Fazem...», a emulação concorre muitas vezes para se praticarem sublimes acções. (7) «Quem exercita...», etc.; o louvor de actos alheios desperta e incita a inclinação para a prática de actos semelhantes.

Resumo da presente estância: o louvor e a justa glória de actos tornados célebres pela pena dos grandes escritores são agradáveis ao próprio que os praticou, e a quem possui noticia dêles; quem é dotado de nobres sentimentos, trata de exceder ou pelo menos imitar os grandes homens da antiguidade; a notícia de grandes feitos espalhada pela escrita dos poetas, dá incitamento á prática doutros feitos sublimes. Na seguinte estância vem exemplos históricos para confirmar êste asserto.

93 Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achiles Alexandro na peleja,
Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos: isso só louva, isso deseja.
Os tropheos de Melciades famosos
Temíscocles despertam só de enveja;
E diz, que nada tanto o deleitava
Como a voz que seus feitos celebrava.

Alexandre Magno (1) *não tinha em tanto* [não apreciava tanto] *os feitos gloriosos de Aquiles* (2) *na peleja, quanto* apreciava *os numerosos* (3) *versos de quem* (4) *os cantara* (5); *só isso louvava e desejava* (6). *Os famosos troféus* (7) *de Melcíades* (8), *só de inveja despertavam Temístocles* (9); *e dizia* êste, *que nada tanto o deleitava como* era *a voz que celebrava os seus feitos*.

(1) O célebre rei da Macedónia [356-323 A. C.]; I, 3, 55, 75; III, 96; V, 85 e *passim*. (2) Herói grego imortalizado por Homero na *Ilíada*, a personificação de coragem e intrepidez. (3) Harmoniosos. (4) Homero. (5) Celebrava, em verso. (6) É tradição que Alexandre, estando junto do sepulcro de Aquiles, se comovera; e que, preguntando-lhe alguém o motivo, dissera que não invejava tanto as façanhas de Aquiles, como o escritor delas; o que êle mais desejava era que houvesse outro Homero para o tornar célebre a êle Alexandre. (7) As bandeiras, armas [I, 25], etc., conquistadas em batalhas, [fig.], as afamadas vitórias. (8) General ateniense, vencedor dos Persas na batalha de Maratona [490 A. C.]. (9) General ateniense [514 A. C.]; estando êle triste depois da batalha de Maratona, e preguntando-lhe um amigo qual o motivo da sua melancolia, respondeu: «é que os louros de Melciades tiram-me o sono»; estas palavras ficaram memoráveis como divisa de nobre emulação e também de inveja.

94 Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas navegações que o mundo canta,
Não merecem tamanha glória e fama
Como a sua, que o ceo e a terra espanta.
Si! mas aquelle heroe que estima e ama
Com dões, mercês, favores e honra tanta
A lira mantuana, faz que soe
Eneas, e a romana glória voe.

Vasco da Gama trabalha por mostrar (1) *que essas navegações, que o mundo canta* (2), *não merecem tamanha glória e fama como a sua, que espanta o céu e a terra. Sim: mas aquele herói* (3), *que estimou e amou — com dons, mercês, favores, e* com *tanta honra* (4) — *a lira mantuana fez que soasse* o nome de *Eneas, e que voasse a glória romana* (5).

(1) Vasco da Gama, nas palavras que disse ao rei de Melinde, tratou de demonstrar que a sua viagem é mais digna de fama do que as de Ulisses e Eneas. (2) Celebra; a humanidade, encantada com os versos em que foram celebrados os dois heróis, conserva-os em memória. (3) Augusto, o imperador romano, conhecido pelo nome de Octávio Augusto [II, 53; III, 136; V, 85], que protegeu as letras dando honras e remuneração aos escritores de talento do seu tempo [Horácio, Vergílio, Tito Lívio, Salústio, etc.]. (4) Tantas honras [singular pelo plural]. Augusto concorreu para que a «lira mantuana» [os versos de Vergílio, poeta nascido em Mântua] «soe» [celebrasse] o nome de Eneas, e concorreu para que a glória dos romanos «voe» [fôsse conhecida rápidamente por todo o mundo]. (5) Na presente estância lastima-se implícitamente o Poeta de não ter havido em Portugal um rei, como foi em Roma o imperador Augusto, que favorecesse as letras, fazendo mercés para incitar os nossos escritores a celebrarem os feitos dos navegadores portugueses.

95 Dá a terra lusitana Scipiões,
Césares, Alexandros, e dá Augustos;
Mas não lhe dá com tudo aquelles dões,
Cuja falta os faz duros e robustos.
Octávio, entre as maiores opressões,
Compunha versos doutos e venustos.
Não dirá Fúlvia, certo, que é mentira,
Quando a deixava António por Glafira.

A terra lusitana dá (1) *Scipiões* (2), *Césares* (3), *Alexandres* (4), *e dá Augustos* (5); *mas não lhes dá contudo aqueles dons* [*dotes*] (6), *cuja falta os faz duros* (7) *e robustos; Octávio* (8), *entre as maiores opressões* [*no meio dos mais sérios cuidados*] *compunha versos doutos* [*eruditos*] *e venustos* [*engraçados*]; *Fúlvia* (9) *não diria, certamente, que* isso *era mentira* (10), *quando* seu marido, *Marco António* (11), *a deixava por Glafira* (12).

(1) «A terra...». Em Portugal nascem ilustres varões, iguais a Scipião, César, Alexandre e Augusto. (2) Scipião [v, 86, 95; VII, 32], o vencedor de Anibal. (3) Júlio César [VI, 13; IV, 32], o conquistador das Gálias. (4) Alexandre Magno [v, 85, 86, 93; etc.], o rei de Macedónia que subjugou a Grécia e conquistou o Egipto. (5) Octávio Augusto [v, 85, 94, etc.], o primeiro dêstes nomes, quando triúmviro; o segundo, quando assumiu todos os poderes, como imperador romano. (6) Fig., sciência, estudo das letras. (7) Resistentes [por não terem a vida sedentária dos estudiosos]. (8) O mesmo Augusto do verso 2 [nota 5]. (9) A primeira mulher de Marco António [II, 53; III, 136, 144; IV, 59; VI, 2], que foi triúmviro com Octávio. (10) Fúlvia não diria que era mentira o serem feitos lindos versos por Augusto, porque os teria lido, e a leitura lhe inspiraria o desejo de conquistar o amor do poeta imperial, para se vingar do marido, que não fazia caso dela, por amor de Glafira. (11) Cfr. notas precedentes. (12) Nome de uma hetaira de Arquelau, com a qual

teve amores Marco António, e tantos que êste quando foi triúmviro, fez que se desse a um filho dessa mulher, também chamado Arquelau, o govêrno, como reino, da província da Capadócia. Alguns Camonistas tem manifestado a opinião de que o nome de Glafira poderia ser aqui um pseudónimo, ou um epíteto de Cleopatra, visto o notório e excessivo amor desta rainha do Egipto pelo triúmviro. Com efeito o Poeta alude a êles freqüentemente [II, 53; III, 141; VI, 2], mas a maior intensidade foi já depois de casado Marco António com Octávia, irmã de Augusto, tendo enviuvado de Fúlvia.

Resume-se a presente estância na afirmativa de que os generais romanos mais célebres não eram sómente insignes nas armas, eram também letrados; os generais portugueses tinham grande valor militar, faltando-lhes todavia cultura literária.

---

96 Vai César sojugando toda França,
E as armas não lhe impedem a sciência;
Mas n'ũa mão a pena e noutra a lança
Igualava de Cícero a eloqüência.
O que de Scipião se sabe e alcança,
E nas comédias grande experiência;
Lia Alexandre a Homero, de maneira
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

César (1) *foi subjugando toda a França* (2); *e as armas* (3) *não lhe impediram a sciência* (4); *mas,* com a *pena numa mão e a lança na outra, igualou a eloqüência de Cícero* (5); *o que se sabe e alcança de Scipião* (6) *é* ter êle *grande experiência nas comédias; Alexandre* Magno *lia Homero* (7) *de maneira, que se lhe sabe* [= *se sabe dêle*] *tê-lo à cabeceira.*

(1) Augusto César, general romano [cônsul e ditador], o conquistador da Gália [I, 13; IV, 59; V, 95; VIII, 12]. (2)

Nome moderno da Gália. (3) Fig., a sciência e a prática da guerra. (4) Não obstaram a que o conquistador cultivasse também as letras, escrevendo os muito afamados *Comentários*, — memórias históricas, e narrativas interessantes. (5) Cícero [Marco Túlio], célebre homem político, orador eloqüente e notável e escritor latino [103-43 A. C.]; os *Comentários* escritos por Júlio César igualam, em pureza de linguagem e elevação de estilo, a eloqüência daquele grande escritor latino. (6) Cognominado o Africano [v, 86, 95; VII, 32], vencedor de Aníbal e de Cartago [202 A. C.]; sabe-se que era ilustrado, muito amigo de Terêncio [célebre poeta cómico latino, 194-158 A. C.] e grande apreciador das suas comédias. (7) Fig., as obras de Homero; I, 12; V, 86, 87; etc.; Alexandre lia-as todas as noites; I, 3, 55, 75; V, 93.

---

97 Em fim, não houve forte capitão,
Que não fôsse também douto e sciente,
Da lácia, grega, ou bárbara nação,
Senão da portuguesa tam sómente.
Sem vergonha o não digo, que a razão
D'algum não ser por versos excelente,
É não se ver prezado o verso e rima:
Porque quem não sabe arte não-na estima.

Emfim não houve, senão tam sómente na nação *portuguesa, capitão forte* (1), *que não fôsse também douto e sciente* [*instruído*], como foram os capitães fortes *da nação Lácia* (2), da nação *grega ou de nação bárbara* [*estrangeira*]. *Não o digo sem vergonha* [*envergonho-me de o dizer*], *que* [*pois*] *a razão dalgum* dos nossos patrícios *não ser excelente por versos, é não se ver* [*ver-se que não é*] *prezado*

o verso e nem a *rima, porque quem não sabe a arte* poética *não na estima* (3).

(1) General valoroso. (2) Latina, romana. (3) «Quem não sabe...», a falta de apréço pelas letras provém da ignorância dos homens poderosos do nosso país.

---

98 Por isso, e não por falta de natura,
Não há também Virgílios nem Homeros;
Nem haverá, se êste costume dura,
Pios Eneas, nem Achiles feros.
Mas o pior de tudo é que a ventura
Tam ásperos os faz e tam austeros,
Tam rudos e de ingenho tam remisso,
Que a muitos lhe dá pouco ou nada d'isso.

Por isso (1) — *e não por falta de natura* (2) — *não há* em Portugal *também Vergílios nem Homeros* (3); *nem haverá, pios* (4) *Eneas* (5) *nem feros* (6) *Aquiles* (7), *se dura êste costume* (8). *Mas o pior de tudo é, que a ventura* (9) *tam ásperos* (10) *os fez,* aos capitães portugueses, *tam austeros, tam rudes* (11) *e de tam remisso engenho* (12), *que, a muitos, pouco lhes dá, ou nada* (13) *disso.*

(1) Pelo facto de não serem animados e favorecidos os homens de talento. (2) Natureza; [fig.], talento, dotes naturais. (3) «Vergílios...», poetas notáveis como Vergílio e Homero. (4) Virtuosos, de admirável afeição filial. (5) O herói da *Eneida.* (6) Guerreiros valorosos. (7) O herói da *Ilíada*; III, 13; V, 93; X, 12. (8) Se continua o costume de

não serem estimados os homens de letras. (9) Felicidade [na guerra]. (10) Severos. (11) Incultos. (12) Frouxa sagacidade. (13) Na sua rudeza pouco lhes importa, ou nada, o deixarem de ser celebrados pelos poetas.

---

99 Ás Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da pátria, que as obriga
A dar aos seus na lira nome e fama
De toda a illustre e béllica fadiga:
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Calíope não tem por tam amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas d'ouro fino, e que o cantassem;

Agradeça o nosso Gama, às Musas (1), *o muito amor da pátria, que as obriga a dar, na lira* (2), *aos seus* parentes [*do Gama*], *nome* [*renome*] *e fama de toda a ilustre e bélica fadiga* (3): *que* [*pois*] *êle, e quem na estirpe se chama seu, não tem, por tam amiga*, a musa *Calíope* (4), *nem as filhas do Tejo* [*as Tágides*] (5), *que* elas *deixassem* de bordar as *telas de fino ouro* (6), *e que o cantassem* [*para se entreterem a cantá-lo*].

(1) Literalmente: as divindades protectoras da poesia; mas, figuradamente, «os meus versos» [os de Camões]. (2) Literalmente, o instrumento que simboliza a «poesia lírica»; [fig.], a poesia que se recitava ao som da lira, hinos, odes, canções. (3) Os trabalhos e perigos da viagem, a intrepidez, etc. (4) Musa da poesia épica, heróica. (5) Musas do Tejo [I, 4]. (6) Ficção de que as Musas, quando não estão a cantar, se entretêm a bordar telas, servindo-se de fio de ouro; mas punham de banda êste entretenimento quando, inspiradas, se ocupavam em cantar [fazer versos].

Alegoria contida na presente estância: Camões, escrevendo os *Lusíadas*, celebra Vasco da Gama, movido sómente por amor pátrio, porque nem o grande navegador nem os seus parentes foram amantes ou protectores das letras; as Musas [significando metafóricamente o Poeta] não lhes seriam também por isso muito dedicadas; não largariam os seus bordados para se ocuparem de poesia em benefício do renome e fama do navegador. Pela palavra «estirpe» [verso 5], que significa «família dum mesmo tronco», deve entender-se: não só os parentes de Vasco da Gama que viveram no tempo dêle, mas também os descendentes vivos do tempo do Poeta.

Note-se a colocação das negativas «não» e «ninguém» nos versos 6 e 7 [antigamente clássica, mas que é hoje diversa em linguagem corrente].

---

100 Porque o amor fraterno e puro gôsto
De dar a todo o lusitano feito
Seu louvor, é sómente o presuposto
Das Tágides gentis, e seu respeito.
Porém não deixe em fim de ter desposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito;
Que por esta, ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço e sua valia!

Porque o amor fraterno (1), *e o puro* [*simples*] *gôsto* [*prazer*] *de dar, a todos os feitos lusitanos, o seu* devido *louvor, e o seu* devido *respeito, é sómente o presuposto* [*propósito, intenção*] *das Tágides* (2) *gentis; porêm, emfim, não deixe ninguêm de ter o peito sempre disposto a grandes obras, que* [*pois*], *por esta ou por outra qualquer via* [*maneira*], *ninguêm perderá* o seu *preço* (3) *e a sua valia.*

(1) Na precedente estância, expõe o Poeta uma das razões que o induziram a celebrar Vasco da Gama: o amor

pátrio: agora dá outra razão: o amor fraternal; o amor pelos seus compatrícios. (2) Musas do Tejo [I, 4; V, 99]. (3) Recompensa: aconselha o Poeta, que ninguém deixe de realizar o pensamento, a intenção de praticar nobres acções, supondo que não são apreciadas; execute-as, que, sempre, tarde ou cedo terá recompensa na sua consciência, e haverá quem lhes reconheça o valor.

Note-se a negativa «não» do verso 8, substituindo o pronome «ninguém» que é rigorosamente o sujeito do verbo «perderá»; doutro modo há um anacoluto elíptico, e neste caso o sujeito subentendido seria: «quem assim proceder» não perderá, etc.; isto é, «quem» se dispuser a nobres acções sem a mira nos louvores populares ou na fama.

Aditamento e correcções

A — Aditamento

Estavam já impressas mais de trezentas páginas dêste livro, quando tive notícia dos notabilíssimos artigos publicados no *Instituto de Coimbra* pelo Sr. Dr. José Maria Rodrigues, sob o título de *Fontes dos Lusíadas*, e nos quais o abalisado professor comenta a grandiosa epopeia sob o ponto de vista histórico, geográfico e filológico, confrontando-a com os poemas clássicos latinos e italianos, com as obras dos escritores portugueses dos séculos XIV e XV. [André de Resende, Duarte Galvão, Castanheda, João de Barros, Rui de Pina, Fernão Lopes, Francisco de Morais, etc.], e com as *Enneades*, de Marcantónio Sabélico [1436], uma espécie de *História geral e geografia*, escrita em latim e trasladada para português por D. Leonor de Noronha, filha do Marquês de Vila Real [1550].

Á extrema benevolência do sábio autor dêsses artigos devo a posse duma separata do *Instituto*

contendo 632 páginas, que já constituem um grande monumento literário, pois aí também se coligem as variadas opiniões dos mais ilustrados comentadores-camonistas, nacionais e estrangeiros, sôbre passos em que tem surgido dúvidas ou divergências na interpretação do poema.

A par da sua transcendência erudita, contêm as *Fontes dos Lusíadas* numerosas observações de suma valia para indoutos, indicando as particularidades estilísticas de Camões e dos clássicos do seu tempo, hoje desusadas na escrita moderna, ou permitidas únicamente por liberdade poética, por se afastarem das regras actuais de construção gramatical; por ìsso aqui deixo transcritas [1] ou extractadas, e com a devida vénia, algumas dessas observações para servirem de aditamento aos apontamentos sôbre estilo de p. 40 a 49 dêste volume.

I

Repetição de palavras na mesma estância e por vezes no mesmo verso:

«¿Estas repetições não deverão explicar-se pela «mesma causa, que deu origem ao paralelismo [2], à

---

[1] Por brevidade as referências às *Fontes dos Lusiadas* são aqui indicadas simplesmente com a letra F, referindo-se os algarismos às páginas da «Separata do *Instituto*».

[2] «O paralelismo a que se faz aqui referência é a repetição do mesmo conceito [ou de conceitos opostos] em frases consecutivas. É a característica da poesia dalgumas línguas semíticas, especialmente da hebraica. É exemplo típico o salmo *Miserere*. No *De rerum natura*, de Lucrécio, há também muitos exemplos de paralelismo».

[Nota do Sr. Dr. J. M. Rodrigues].

«aliteração [1], à rima e a tantos artifícios empre-
«gados pelos poetas através dos tempos? A di-
«ferença estaria em que uns dêstes artifícios pre-
«valeceram, outros foram postos de parte, por me-
«nos adequados ou por outro motivo». F. 51, 230.

«Alguns exemplos de repetição da mesma pa-
«lavra ou de palavras da mesma raiz, na mesma
«oração ou em orações próximas na mesma ou em
«diversas acepções: *dá... dá* [I, 61]; *fazendo... feitos* [II, 50]; *fugiu... fugir... foge* [III, 82]; *privados... privado* [III, 91]; *moveu... movimento* [IV, 66]; *tomamos... tomarmos* [V, 8]; *faltam... falta* [VI, 55]; *creias... creio* [VI, 89]; *entrando... entra* [VII, 23]; *coroam... coroa* [VIII, 24]; *espantar... espantasse* [VIII, 58]; *manda... mande* [VIII, 78]; *esperas... espere* [IX, 81]; *feito... feito* [VIII, 21]; *mostras... mostram*, etc. [I, 69]. F. 51, 230, 520.

«Como é fácil de ver, as frases caracteriza-
«das pela repetição da mesma raiz, emquanto tem
«a sua origem apenas na inércia mental, na po-
«breza do vocabulário, embora conseguissem ser
«moda durante certo tempo e ter entrada por êste
«facto em obras dos melhores escritores, estavam
«por sua natureza condenadas a ser postas de parte
«perante os progressos da arte de escrever, e foi
«o que aconteceu.» F. 523.

Outros exemplos de aliteração: *fia... infiel* [II, 62]; *a efeito... fim... fadado* [IX, 5]; *fogo, ferro, ferve* [X, 29]; *fumo, ferro, flama* [X, 36]. F. 573.

---

[1] Repetição voluntária ou involuntária das mesmas letras ou das mesmas sílabas.

«Considera-se também uma espécie de parale-
«lismo, muito freqùente nos *Lusiadas*, a constru-
«ção do tipo *cuida e nota* [I, 57]; e assim *enoja e*
«*ofende* [VII, 72]; *pode e val* [VIII, 94]; *julgue e*
«*sente* [IX, 68]; *pesa e agrava* [X, 18]; *troque e*
«*venda* [VIII, 77]; etc.» F. 580.

II

Vocábulos antiquados:

«Nos *Lusiadas* encontram-se palavras e grafias comuns nos cronistas dos séculos XV e XVI; alguns exemplos de vocábulos: *aquistar, guisa, ledo, detença, a meúde, estâmago, giolho, saluços, mortindade, apousentar, si, assi,* etc.» F. 434.

III

Transposições:

«São freqùentes no poema, e algumas, por ve-
«zes, violentas; exemplo:

em III, 132, — *flores*, complemento de *sostinha* e não de *banhando*». F. 183, 196, etc.

IV

Cacofonias:

«Algumas que se encontram nos *Lusiadas* não
«se devem estranhar, porque certas ligações de
«vocábulos, hoje tidas por viciosas e arrevesadas,
«não o eram há três séculos». F. 229, 230.

V

Pronomes:

a) *Lhe:* é empregada esta forma tanto para o singular como para o plural.

b) *Outro:* é empregado por vezes indeterminadamente [= o outro]: I, 38; V, 65; etc.

c) *Quem:* referido a uma cousa ou a cousas: II, 37; III, 77; IV, 95; V, 12; VI, 94; etc. F. 602.

d) *Se:* «o pronome reflexo, muito antes da nova «função, que no português assumiu a partir «do século XVI, começou a ser empregado «na forma de acusativo como partícula apas«sivativa, quer o agente ficasse indetermi«nado, quer fôsse expresso. E não é de es«tranhar que isto acontecesse, pois a acção «directa reflexa, expressa pelo pronome *se*, «participa da acção passiva. Tanto numa «como noutra, há, com efeito, agente e pa«ciente, embora na reflexa as duas entida«des estejam reùnidas no mesmo indivíduo».

«Por outros termos: em *Pedro foi ferido* «*pelos inimigos*, *Pedro feriu-se a si próprio*, «e *Pedro feriu-se numa pedra*, há um ele«mento comum — a acção sofrida —, o que «explica como, nas línguas românicas, a for«ma reflexa pode ser empregada como pas«siva. E desta equiparação resultou que, «por bastante tempo, foram clássicas em «português as construções do tipo *Pedro fe*«*riu-se* [isto é, foi ferido] *pelos inimigos*. «Delas usa Camões em muitos passos dos «*Lusíadas*.» F. 587, 588.

«Camões serve-se com freqüência do pro-

«nome *se*, não só para dar aos verbos tran-
«sitivos a forma passiva *impessoal*, mas tam-
«bêm para lhes juntar, depois de apassivados
«por êste modo, o complemento da causa
«eficiente próprio da passiva *pessoal*.
«Um exemplo da primeira espécie, em II,
«52: *vereis Calecut desbaratar-se* [ser des-
«baratado, não se dizendo por quem, for-
«ma *impessoal*, usada ainda hoje]; exemplo
«da segunda espécie, hoje fora de uso, em
«VII, 55: «aqui se escreverão novas histó-
«rias *por* gentes estrangeiras [forma *pessoal*,
«já em desuso, podendo só dizer-se «serão
«escritas por...»]. F. 394.

e) Omissão freqùente do pronome *o*, *a* [e tambêm do artigo], tanto nos *Lusíadas* como nos escritores que precederam Camões. F. 487, 578.

f) *Que*: «modernamente costuma aproximar-se,
«tanto quanto possível, do relativo a pala-
«vra ou frase que a êste serve de antece-
«dente, mas tanto Camões como Francisco
«de Morais [1], e ainda outros clássicos, não
«se prendiam com isso, logo que o contexto
«não deixava lugar a equívoco; por exem-
«plo, em III, 27 [*que* do verso 4 referido a
«*Jordão* e não a *areia*]; do mesmo modo
«em: III, 68; V, 50; VIII, 97; etc.». F. 515.

«Encontra-se tambêm freqùentemente nos *Lu-*
«*síadas* o *que* pleonástico [quer como pro-
«nome, quer como conjunção], podendo dis-
«pensar-se para o sentido, mas dando mais

---

[1] Contemporâneo de Camões e autor do *Palmeirim de Inglaterra*, célebre romance de cavalaria.

«fôrça à expressão: cfr. I, 55; V, 97; V,
«23; VI, 64; VII, 79; IX, 83; etc.». F. 485, 539.

g) *Algum* aparece posposto a substantivo, mas com significação afirmativa: V, 69; etc.

VI

Adjectivos:

a) No plural concordando com substantivos colectivos no singular.

b) Empregados como advérbios.

VII

Verbos:

a) De movimento, são empregados nos *Lusiadas* sob forma pronominal: *partir-se, subir-se*; etc.

b) No plural com o sujeito colectivo no singular: I, 38, nota 3 e *passim*.

c) No singular com o sujeito no plural: I, 5[7] [*se espalhe e se cante os feitos*]; II, 103[1-2] [*se soa os grandes feitos*]; III, 61[7-8] [*águas lava*]; IV, 46[5-7] [*bandeiras se lhe derriba*]; I, 27 [*atreve a par de inclinam*]; III, 38[3-4] [*descalços, move a piedade*]; IX, 89[1-3] [*as ninfas ... não é outra cousa*]; etc. F. 348, 480.

d) Participios imperfeitos empregados como verbos:

Nas orações de infinito impessoal é também freqüente nos *Lusiadas* estar o verbo no singular e o sujeito no plural: *andar-lhe os*

cães [I, 87]; *passar-se as Musas* [III, 97]; *para ser damas* [VI, 44]; etc. F. 486.

Citando, a par dêstes exemplos dos *Lusíadas*, passos equivalentes do *Palmeirim de Inglaterra*, diz o Sr. Dr. J. M. Rodrigues:

« A meu ver, a maior parte destas particularida-
« des gramaticais explicam-se pela eufonia,
« pela tendência, que pena foi não preva-
« lecesse, a evitar ou pelo menos tornar fa-
« cultativa a nasal não acentuada por que
« termina a 3.ª pessoa do plural de quási
« todos os tempos dos nossos verbos ».
F. 481.

« Em vários lugares dos *Lusíadas* a oração de
« particípio imperfeito tem, contra o uso mo-
« derno, o sujeito antes do verbo: III, 40$^{7-8}$
« [*o rei vendo*, em vez de *vendo o rei*]; ou-
« tros exemplos em: V, 37^{4}; VII, 55^{1}; IX, 9^{5};
« etc. Empregava-se também o particípio
« imperfeito em vez do modo finito: *levando*,
« *cometendo* = levavam, cometiam [IX, 16$^{5-7}$];
« etc. ». F. 495, 614.

e) « Particípios perfeitos, na voz activa dos tem-
« pos compostos, concordando com o com-
« plemento directo, quer este preceda, quer
« siga o particípio, muito freqüente, tanto
« no *Palmeirim*, como nos *Lusíadas*. Cfr. I,
« 29^{3}, 40^{2}; II, 76^{4}; III, 27^{3}; V, 47$^{7-8}$; VI,
« 82$^{1-2}$; VIII, 1^{6}; etc. ».

« Como se sabe, hoje só se usa esta concor-
« dância quando o particípio é empregado
« como adjectivo, e quando, portanto, deixa
« de haver um tempo composto. Às vezes
« pode duvidar-se de qual das duas cons-
« truções se trata. Cfr. I, 29^{7}; etc. ». F. 495.

f) *Verbos intransitivos empregados causativamente:* Vários exemplos: *desconfiar*, IV, 89; *ondear*, VI, 85; *descansar*, VIII, 44; *escapar*, IX, 78; etc. F. 601.

g) O emprêgo do infinito pessoal precedido de *a* ou *de* em II, 9 [*se guardaram de lhe mostrarem*], IV, 5 [*costumadas a derribarem*], etc., evita-se hoje, salvo havendo algumas palavras intercaladas entre os dois verbos. F. 497.

h) Emprêgo de *a* protético, nos *Lusíadas*, é freqùente; *atentar*, *aqueixar-se*, *alimpar*, *arrerecear*, etc.: I, 34; II, 38, 42, 45; etc. F. 499.

VIII

Partícula negativa:

«Encontra-se no poema ora expressa ora omi-«tida antes do verbo: IX, 49, 56; etc.; e por ve-«zes empregada pleonàsticamente: II, 19, 31; «etc.». F. 409.

IX

Preposição «*de*»**:**

«Aparece freqùentemente nos *Lusíadas* prece-«dendo adjectivo ou particípio perfeito para ex-«primir causa ou modo. Cfr. I, 46, 62, 91; II, 21, «23, 41, 112; etc.». F. 480, 592.

X

Passagem de uma oração subordinada para oração principal:

Citando a estância 95 do canto I [*o capitão ... recebendo o piloto ... foi dêle alegremente agasalhado*], diz o Sr. Dr. J. M. Rodrigues:

«É uma construção que a nossa moderna esti-
«lística rejeita, mas que o Poeta e os livros por-
«tugueses por que lia usavam com mais ou menos
«freqüência. É um caso de mudança *de sujeito*, de
«que não faltam exemplos em Fernão Lopes. A
«construção regular seria, como é óbvio: *o capi-*
«*tão, recebendo o pilôto, agasalhou-o*, etc. Como
«porêm êste verbo se acha na voz passiva, o su-
«jeito subentendido é o pronome *êste*, referindo-se
«a *pilôto*». F. 393.

XI

Advérbios sob a forma de adjectivos:

Aparecem freqüentemente sob uma forma invariável [singular masculino]: *súbito*, I, 31; III, 67; VIII, 60; *claro*, I, 34; *certo*, II, 15; V, 49 *contino*, III, 8; IV, 68; VIII, 3; [= súbitamente, claramente, certamente, continuamente].

«Por vezes aparecem os advérbios sob a for-
«ma de adjectivos a concordar com substantivos.
«Assim: em IV, 69[6], *os longos olhos estendera*; e
«em V, 26[5-6], *para que mais certas se conheçam as*
«*partes em que estamos*. No primeiro caso, *longos*
«por *ao longe*; no segundo, *certos* por *certamen-*
«*te*». F. 533.

B — Correcções

As que se seguem referem-se à parte já impressa dêste volume, quando ainda não me fôra dado ler as *Fontes dos Lusíadas*:

a) I, 18: *emquanto êste tempo passa lento.*
Aceitamos a seguinte interpretação (F. 546):
«Mas em 18^{1} é *êste tempo* [o tempo em que «o Poeta escreve] que *passa lento;* e quem «*tarda a chegar* é o tempo em que D. Sebas«tião havia de reger o povo português. O «primeiro é presente e o segundo futuro. «Só a fusão dum com outro na mente do «Poeta é que explica a maneira de dizer de «que êste usa. É um caso de contamina«ção entre o presente e o futuro».

b) I, 33. Vénus sustentava o seu parecer a favor da gente lusitana pelas [por causa das] qualidades *que via nela; via essas qualidades* nos fortes corações, na grande estrêla, etc.; *nos fortes corações* do verso 5 e *na língua* do verso 7 são complemento de *quanto via,* que se tira do verso 3.

c) I, 95. *O capitão que já lhe convinha:* = O capitão, ao qual convinha; é o emprêgo pleonástico do acusativo [construção antiquada]. F. 572-573.

d) II, 32: *pôrto seguro de verdade* = pôrto realmente seguro; a locução «de verdade» modifica o adjectivo *seguro* e não o substantivo *pôrto.*

e) II, 40: *que mal lhe quero* = a quem quero mal = irónicamente; querendo dizer: a quem o meu amor é funesto.

f) II, 43: *que quem no afaga o chôro lhe acrescenta* [que... lhe = ao qual] = ao qual, quem o afaga, lhe acrescenta o chôro [cfr. Obs. c].

g) III, 22: *por decreto do céu ligeiro e leve;* os epítetos «ligeiro» e «leve» referem-se à palavra *velho* do verso 5; devendo portanto, em prosa, dizer-se: «o velho ligeiro e leve [o tempo], que os próprios filhos consome, veio, por decreto do céu, a fazer *que* esta [Lusitânia] fôsse tanta [imensa] parte do mundo», etc. As palavras «decreto do céu» constituem uma intercalação de que há mais exemplos nos *Lusiadas.* A palavra *tanta* é aqui empregada em sentido absoluto.

g) II, 68: ...*dois navios brandamente com os ventos navegando, que respiram;* o sujeito de «respiram» é «ventos» e não navios; *brandamente* deve ligar-se a *respiram;* cfr. I, 19: «Os ventos brandamente respiravam». F. 150.

i) III, 48: *tocam a arma;* o sujeito de *tocam* é *tubas,* que se tira do verso 7; as tubas [trombetas] soam [tocam] o sinal de *às armas;* dá-se neste caso uma transposição muito forçada de que há no poema varios exemplos [cfr. nota *b, d,* etc.]; em algumas edições lia-se *à arma;* em escrita portuguesa antiga lia-se *tocar al arma* [como em castelhano]; os italianos diziam *toccare all'arme.*

j) III, 51: *alta serra:* significa alta montanha; os combates eram tam violentos que podiam abalar montes [hipérbole].

Doutras correcções carece êste volume, mas serão mencionadas no volume que vae imprimir-se.

Lisboa, Outubro de 1914.

S. L.